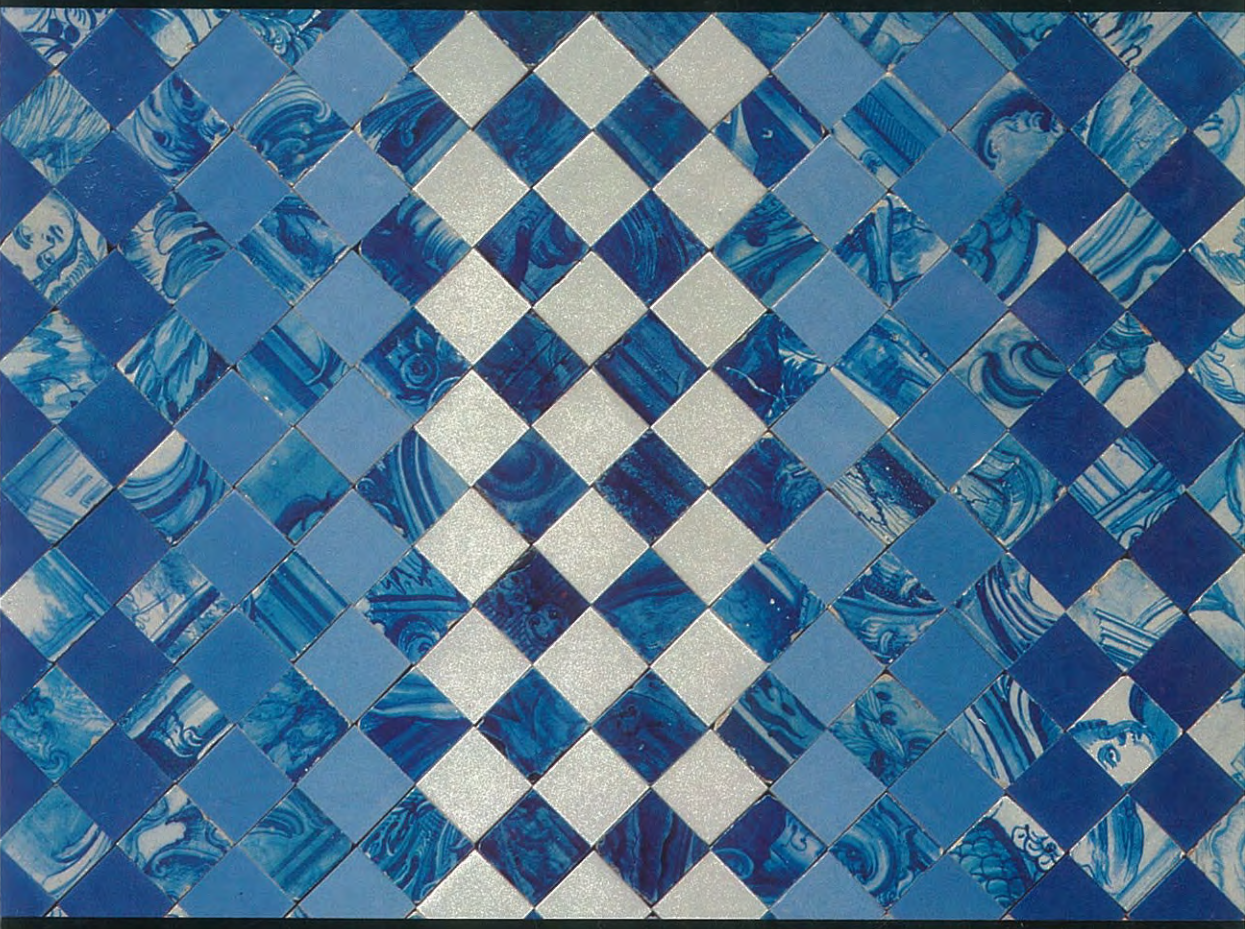
EDIÇÃO CRÍTICA DAS OBRAS DE EÇA DE QUEIRÓS



A CAPITAL!

(começos duma carreira)

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós

Coordenador: Carlos Reis
Apoio: Secretaria de Estado da Cultura

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós

Plano de edição

FICÇÃO

Não-póstumos

O Mistério da Estrada de Sintra
O Crime do Padre Amaro (1.ª versão)
O Crime do Padre Amaro (2.ª versão)
O Primo Bazilio
O Crime do Padre Amaro (3.ª versão)
O Mandarim
A Relíquia
Os Maias
Contos I

Semi-póstumos e Póstumos

A Correspondência de Fradique Mendes
A Ilustre Casa de Ramires
A Cidade e as Serras
Contos II
Lendas de Santos
* A Capital!
O Conde de Abranhos
Alves & C.ª
A Tragédia da Rua das Flores

TEXTOS DE IMPRENSA

Uma Campanha Alegre. De «As Farpas»
Textos de Imprensa I
Textos de Imprensa II
Textos de Imprensa III
Textos de Imprensa IV
Textos de Imprensa V
Textos de Imprensa VI

EPISTOLOGRAFIA

Cartas Públicas
Cartas Privadas

NARRATIVAS DE VIAGENS

O Egipto e outros relatos

VÁRIA

Almanaques e outros dispersos

TRADUÇÕES

Philidor
As Minas de Salomão

* Volumes publicados

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

A CAPITAL!
(começos duma carreira)

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Frontispício do impresso D com emendas autógrafas.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Eça de Queiroz

SCENAS PORTUGUEZAS

I

A CAPITAL!

(Começos d'uma carreira)

POR

EÇA DE QUEIROZ

Livraria Internacional
DE
ERNESTO CHARDRON, EDITOR
Porto e Braga
—
1878

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

EDIÇÃO CRÍTICA DAS OBRAS DE EÇA DE QUEIRÓS
Ficção, Semi-póstumos e Póstumos

A CAPITAL!
(começos duma carreira)

Edição de
Luiz Fagundes Duarte

Imprensa Nacional-Casa da Moeda
1992

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Nota prefacial

No plano geral que rege a publicação da Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós, o romance *A Capital!* integra-se no conjunto dos Semi-póstumos e Póstumos. Trata-se, como é sabido, de obras que, por circunstâncias várias, Eça de Queirós não levou àquele depurado estádio de acabamento artístico que lhe era ditado pelo seu agudo sentido de exigência estética; encontramos, pois, entre essas obras, situações e problemas muito diversos, no que à fixação do texto queirosiano diz respeito.

O romance que agora se publica (e que, não por acaso, inicia a série de volumes desta Edição Crítica) constitui decerto o caso mais complexo — mas também, por isso mesmo, um dos mais fascinantes — dos que a escrita queirosiana nos deixou. Por isso mesmo, Luiz Fagundes Duarte consagrou-lhe demorada, minuciosa e competente atenção, projectada na edição que agora se apresenta e, já antes dela, na dissertação de doutoramento que em 1989 apresentou à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa: *A génese de um romance. Incursão na escrita queirosiana.*

Resultado dessa longa atenção votada às questões suscitadas pelos materiais d'*A Capital!* (que serão ainda objecto de uma edição diplomática) é o texto agora apresentado, texto substancialmente diferente do que até agora circulava. O que assim fica manifesto, sem margem para dúvidas, é a legitimidade e a premência cultural de que se reveste a Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós, tarefa decerto árdua e demorada, mas absolutamente necessária para se restituir à fidelidade possível a produção de um grande escritor da nossa Cultura.

O trabalho de equipa que a Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós tem exigido não seria possível sem apoios relevantes que, como coordenador, devo agora mencionar e agradecer: o da Secretaria de Estado da Cultura, designadamente através do Instituto Português do Livro e da Leitura, e o da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, que corajosamente assumiu a responsabilidade desta publicação.

CARLOS REIS

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Sumário

Prefácio p. 15

INTRODUÇÃO 19

1. O AUTÓGRAFO D'*A CAPITAL!* 20

1.1. *Os testemunhos* 20

1.1.1. O manuscrito 0 24
1.1.2. O manuscrito A 25
1.1.3. O manuscrito B 26
1.1.4. O impresso C 27
1.1.5. O impresso D 28
1.1.6. O impresso E 28

1.2. *Um novo inventário* 32

1.3. *Alinhamento dos elementos do autógrafo* 35

2. A TRADIÇÃO IMPRESSA D'*A CAPITAL!* 37

2.1. *O impresso C de 1878* 38

2.2. *O fragmento de imprensa de 1881* 40

2.3. *Os fragmentos de imprensa de 1883 e 1900* 41

2.4. *A edição vulgata de 1925* 42

2.5. *A edição de 1970* 58

3. UMA EDIÇÃO CRÍTICA 62

3.1. *Considerações gerais* 62

3.2. *Critérios desta edição* 68

Apêndice 75

IMPRENSA NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Sumário

TEXTO CRÍTICO p. 85

I PARTE 87

[Frontispício] 89

II PARTE 91

Capítulo I 93
Capítulo II 144

III PARTE 181

Capítulo [III] 183
Capítulo IV 219
Capítulo V 244
Capítulo VI 271
Capítulo VII 301
Capítulo VIII 328
Capítulo IX 356
Capítulo X 391

Notas biobibliográficas 407

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Prefácio

O romance *A Capital!*, de Eça de Queirós, foi composto provavelmente entre os anos de 1877 e 1884, e editado postumamente, em 1925, com o título reduzido a *A Capital* e com critérios muito discutíveis[1].

O autógrafo deste romance tem características muito especiais: é constituído por vários testemunhos (manuscritos e impressos autografados), alguns deles divididos em fragmentos encadeados pelo autor, atestanto o conjunto diversos momentos de escrita e diversas campanhas de profunda e abundante correcção (cerca de dez mil lugares); tendo Eça de Queirós utilizado vários tipos de papel (desde papel de marca J. Whatman até papel bastante vulgar) e de instrumentos de escrita (caneta e lápis), e dado que o autógrafo teve uma existência atribulada entre a morte do autor (1900) e a transferência para a Área de Espólios da Biblioteca Nacional (1980), onde também não tem sido conservado nas melhores condições, existem passagens de texto já praticamente ilegíveis por degradação dos suportes, e apenas reconstituíveis com base na edição de 1925, quando ela as transcreve; existem ainda lugares de leitura problemática devido à caligrafia apressada do autor, sobretudo nos testemunhos com escrita de primeiro jacto; como corolário desta situação, temos uma tradição impressa, originada na edição de 1925 (que até este momento constitui a *vulgata* da obra), com um *corpus* de variação não autógrafa da ordem dos quinze mil lugares.

Desde há muito tempo que, sabendo-se que o editor de 1925 manipulara o texto original com critérios correctores e não assinalados, se fala da necessidade de uma edição crítica do romance; porém, só depois de os direitos sobre a obra queirosiana terem caído em domínio público (1980), e de este autógrafo ter dado entrada na Biblioteca Nacional, tornando-se deste modo acessível aos estudiosos, se tomou consciência das graves alterações feitas pelo primeiro editor, pelo que a necessidade de uma edição crítica passou a ser uma obrigação.

[1] Cfr. Eça de Queirós, *A Capital*, Porto : Livraria Chardron, de Lello & Irmão, Lda., 1925. Texto fixado pelo filho do escritor, José Maria d'Eça de Queirós.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Tendo em conta que, por ocasião da igualmente problemática edição, como romance autónomo, do texto de Eça de Queirós abandonado numa fase genética ainda muito primitiva e conhecido por *A Tragédia da Rua das Flores* (1980), eu havia estudado, numa perspectiva de crítica textual, alguns aspectos do respectivo manuscrito e do seu processo editorial[2], o Dr. António Braz de Oliveira, responsável pela área de Espólios da Biblioteca Nacional, lançou-me o desafio de proceder à edição crítica d'*A Capital!*. Aceitei, e comecei a trabalhar.

À medida que ia entrando em contacto com o autógrafo, e valendo-me da minha formação em crítica textual tradicional e da minha relativa experiência com manuscritos de Eça de Queirós, fui dando conta da dimensão e da dificuldade dos problemas com que tinha de me haver, e percebi que não faria sentido uma edição crítica do romance sem que, antes, procedesse a um estudo genético do autógrafo em todas as suas dimensões: os suportes, as versões representadas em cada testemunho e a sua ordenação, e as variantes de autor quer dentro do mesmo testemunho quer entre testemunhos.

Entretanto, o Prof. Carlos Reis avançara com o projecto de edição da obra queirosiana, e convidou-me para nele participar – convite que aceitei e que com este volume começa a ter resultados práticos; tratando-se de uma edição crítica, destinada a repor a autenticidade em obras geralmente editadas com poucos escrúpulos, as minhas preocupações com a dimensão genética deste romance aumentaram: com efeito, o processo genético d'*A Capital!* é extremamente rico, em certa medida pode mesmo ser adoptado como paradigma do processo de construção estilística e narrativa do seu autor, e tendo em conta que eu há já algum tempo vinha reflectindo sobre o assunto, achei que o produto último do meu trabalho – a edição crítica d'*A Capital!* –, tendo oportunidade de vir a integrar o projecto do Prof. Carlos Reis, merecia mais do que nunca uma aparelhagem teórica e operatória de índole geneticista. Comecei então a elaborar o método de transcrição e de tratamento de variantes genéticas, cujo resultado apresento em duas outras obras: *A Fábrica dos Textos* (Parte II) e *Eça de Queirós. « A Capital! ». Edição diplomática* (que, a seu tempo, aparecerá como apêndice da que agora se apresenta)[3].

[2] «A Génese do Texto Queirosiano : uma vista de olhos sobre a correcção estilística de Autor em *A Tragédia da Rua das Flores*». *Boletim de Filologia*, Tomo XXX, Lisboa : Centro de Linguística da Universidade de Lisboa / Instituto Nacional de Investigação Científica, 1985 [1988], pp. 133-65.

[3] O conjunto destas obras, *A Fábrica dos Textos* (Parte II), *Eça de Queirós, «A Capital!», Edição diplomática* e *Eça de Queirós, « A Capital ! », Edição crítica*, constitui, com algumas modificações estruturais, a minha dissertação de doutoramento intitulada *A génese de um romance. Incursão na escrita queirosiana*, Tomo I, *Estudo genético de A Capital!* [XXXV + 252 pp.] e Tomo II, *Edição diplomática e crítica de A Capital!* [899 pp.], Lisboa : Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1989.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

No entanto, ainda me subsistiam algumas dúvidas: seria *A Capital!* editável, de facto? Que tentativas para a editar criticamente haviam já sido feitas ou estariam em curso? Eu sabia que uma investigadora francesa, Mme Dominique Sire, havia manuseado o autógrafo (algumas das numerações não autógrafas existentes nos manuscritos são da sua mão), em colaboração com a Senhora Dona Maria da Graça de Castro, filha de Eça de Queirós, com vista à inventariação e classificação dos testemunhos e fragmentos, tendo ainda como projecto a realização da edição (para uma dissertação académica, sob a orientação do Prof. Raymond Cantel, a apresentar na Sorbonne[4]) ; que seria feito do seu trabalho? Consultei então o Prof. Ernesto Guerra da Cal, sem dúvida a maior autoridade no que diz respeito à biobibliografia queirosiana, e a Senhora Dona Maria da Graça Salema de Castro, actual proprietária da Quinta de Tormes e Presidente da Fundação Eça de Queirós, que não só me sossegaram — Mme Dominique Sire, embora tendo-se tornado incontactável, não constava que tivesse levado o seu projecto em frente —, como me apoiaram inequivocamente.

Entreguei-me então à realização da minha tarefa, para o que contei com o apoio dos Professores Ivo Castro, Guerra da Cal e Carlos Reis, que se foram interessando pelo projecto, dando-me alguns conselhos e informações de grande valia — e aos quais quero deixar bem claro aqui todo o meu reconhecimento —, tendo esta conjugação de esforços sido fundamental para que levasse a tarefa a bom termo, corporizado primeiro na minha tese de doutoramento (1989), onde provei que o autógrafo de *A Capital!* é editável depois de tomadas algumas precauções, e agora nesta edição.

Por razões conjunturais, calha ser esta a obra inaugural da edição crítica da obra de Eça de Queirós; mas o facto de o ser é extremamente oportuno: sem qualquer dúvida, e em termos de crítica textual, *A Capital!* representa o caso mais complicado no conjunto das obras queirosianas, pelo que praticamente todos os problemas postos pela edição de cada uma das obras estão de algum modo representados neste autógrafo e na tradição impressa a que deu origem. Mas também é verdade que, sendo este o título inaugural da colecção, nele se encontrarão soluções que não serão, porventura, as melhores, mas que poderão ser corrigidas tendo em conta o posterior desenvolvimento do projecto e as achegas da crítica especializada que, estamos certos, não deixarão de se fazer sentir. De resto, é convicção de todos os críticos textuais que aceitaram realizar o projecto, e minha muito particular-

[4] Cfr. Ernesto Guerra da Cal, *Lengua y Estilo de Eça de Queirós. Apéndice. Bibliografía Queirosiana sistemática y anotada e Inconografía artística del Hombre y la Obra.* Tomo I, *Bibliografía Activa*, Coimbra : Acta Universitatis Conimbrigensis, 1975. Verbete 1301.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

mente, que uma edição crítica nunca é um trabalho definitivo: há comportamentos do autor que nem sempre são claros (mas que poderão vir a ser clarificados), há acidentes físicos que perturbam ou dificultam a leitura dos manuscritos (e que a utilização de novas técnicas poderá ultrapassar), há mesmo interferências de enquadramentos teóricos que, num dado momento, aconselham soluções que em outros momentos, e com outros enquadramentos teóricos, provam não serem as mais adequadas.

Mas isso são contingências deste tipo de trabalho. O que para já temos como certo é que a tradição editorial de *A Capital!* de Eça de Queirós sofrerá uma substancial modificação com a publicação desta edição crítica: primeiro, porque restitui um texto que fora divulgado de uma forma bastante afastada da autêntica; segundo, porque o texto que apresenta, e que é o autêntico, não é um texto acabado, Eça de Queirós tencionaria regressar a ele para lhe dar a forma definitiva, coisa que não aconteceu, e por isso não tem a perfeição dos textos queirosianos publicados sob as suas vistas nem, tão-pouco, aquela a que a tradição nos habituou mas que resultou de um trabalho de remontagem e de polimento dos materiais autógrafos, feito pelo filho do escritor para a edição de 1925.

Assim, o que aqui se apresenta é um *romance virtual* – ou seja, um romance inacabado que tinha todas as condições para vir a ser um romance pleno, mas que nunca chegou a sê-lo –, que em circunstâncias normais nunca deveria ter sido publicado como um título integrante do cânone queirosiano; a sua publicação, agora, em edição crítica, deve-se exclusivamente à necessidade de se repor uma ordem perturbada pelo aparecimento de uma edição tecnicamente falsificada (a de 1925 e, posteriormente, a de 1970), que deu origem a uma importante tradição impressa que não advertia os leitores acerca das suas irregularidades. Por outras palavras, não tivesse José Maria d'Eça de Queirós insistido em publicar *A Capital*, e nas condições em que o fez, nunca se teria posto a necessidade de se fazer esta edição crítica, e o complexo autógrafo que lhe serve de base nunca deveria conhecer outra edição que não apenas uma edição diplomática que o apresentasse ao público especializado como um, e tão-só, excelente documento de trabalho, atestador do processo de produção do autor.

Os resultados deste trabalho e a justificação dos critérios que o regeram aqui ficam, para juízo tanto da crítica especializada como do leitor queirosiano em geral.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

INTRODUÇÃO

«Eu trabalho nas *Cenas Portuguesas,* mas sob a influência do desalento».

Eça de Queirós, 8 Abril 1878

Pode-se dizer que *A Capital!* de Eça de Queirós é um texto que nunca o chegou a ser — e que, como tal, nunca deveria ter sido publicado: com efeito, e utilizando as palavras do próprio autor em carta a Cristóvão Aires datada de 7 de Julho de 1884, os materiais autógrafos — manuscritos e impressos autografados — que dele existem na Área de Espólios da Biblioteca Nacional constituem uma verdadeira manta de retalhos, «uma massa informe de prosa, um grosso bloco de greda, de onde levaria muito tempo a extrair uma obra viva».

É certo que a bibliografia activa queirosiana inclui um romance intitulado *A Capital* — sem *!* —, engendrado a partir destes materiais e comummente aceite como uma obra equiparável a qualquer das outras publicadas em vida do autor e sob as vistas dele; porém, a sua história editorial — que pode ser emblematizada pela amputação visível no confronto entre os títulos *A Capital!* (autógrafo) e *A Capital* (editado) — revela características de tal modo problemáticas, que é necessário voltar à estaca zero e rever criticamente todo o processo que medeou entre o estado de manuscrito autógrafo e o estado editorial actual.

A primeira edição deste romance foi publicada em 1925, postumamente, por iniciativa e sob a responsabilidade do filho do escritor, José Maria d'Eça de Queirós [1] — mas esse não é um romance queirosiano: trata-se, antes, de um simulacro de romance, de uma obra-prima de simulação, feita em estado de quase mimetismo da parte do filho para com o pai: para fazê-la, José Maria d'Eça de Queirós teve que reunir os vários fragmentos, manuscritos e impressos com correcções, deixados pelo pai em diferentes fases de

[1] Cfr. *A Capital.* Texto fixado por José Maria d'Eça de Queirós (filho), Porto : Livraria Chardron, de Lello & Irmão, Lda., 1925.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

aperfeiçoamento, e, imitando de uma maneira notável o estilo do pai, tirou coisas aqui, acrescentou outras acolá, modificou muito por todo o lado, apresentando depois o resultado ao público como se de um texto queirosiano, acabado e homogéneo, se tratasse.

Esta edição é ainda hoje considerada como a edição vulgata da obra, tendo originado uma numerosa tradição impressa que se continua, apesar de ter sido modificada e enriquecida com uma nova edição, organizada por Helena Cidade Moura e publicada em 1970, no Brasil, a qual corrige alguns erros da edição vulgata – repondo, por exemplo, materiais por esta recusados. Mas, no fundo, é uma versão híbrida entre uma nova leitura de parte dos autógrafos e a edição vulgata de 1925. Embora esta nova versão tenha também constituído uma tradição própria, o facto é que comunga, na sua maior parte, da versão vulgata e dos seus erros, pelo que, quando daqui por diante se falar em «tradição», deverá entender-se a tradição originada na edição de 1925. Destas duas edições me ocuparei mais adiante.

Assim, encontram-se no mercado duas versões não autorais de um romance «acabado» de Eça de Queirós – *A Capital.* Porém, existe no espólio do escritor uma versão completa (mas posteriormente amputada), e outras quatro parciais, todas autógrafas, de um romance por acabar – *A Capital!.* O conjunto destes materiais revela-se muito interessante para estudos de carácter filológico e editorial.

1. O AUTÓGRAFO D'*A CAPITAL!*

1.1. *Os testemunhos.*

Os manuscritos autógrafos e os impressos autografados d'*A Capital!*, existentes na Biblioteca Nacional, não constituem a totalidade dos manuscritos e impressos produzidos e manuseados por Eça de Queirós ao longo do processo genético deste romance. Com efeito, faltam no espólio queirosiano alguns fragmentos manuscritos d'*A Capital!*, e pelo menos um jogo de provas de granel da parte inicial, cuja existência é possível postular com base nos materiais disponíveis e em outras informações fornecidas pelo autor: ou porque Eça para eles remete em notas indicadoras de alinhamento de alguns dos diversos fragmentos conservados, à margem dos próprios manuscritos; ou porque se verificam descontinuidades e lacunas textuais coincidentes com limites dos suportes, o que leva a concluir terem-se perdido algumas folhas, nomeadamente algumas das que foram apensas pelo

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

autor a páginas impressas; ou ainda porque o autor, em outros locais, como, por exemplo, em peças de correspondência privada, a eles se refere — caso das provas de granel ou das primeiras provas.

No entanto, a impossibilidade de se extrair do complexo autógrafo d'*A Capital!* uma obra acabada, quer em termos estilísticos quer em termos de sequência narrativa, não se deve apenas ao facto de faltarem fragmentos — cujas dimensões só será possível reconstituir, como de resto já foi feito na edição de 1970, mas com todas as reservas, com base na edição de 1925 (e, a dar-se crédito a esta edição, tratar-se-ia de fragmentos de pequena e média dimensão). Ela deve-se, sobretudo, a uma solução de continuidade entre um fragmento de 80 páginas impressas, datado de 1878, que contém a parte inicial do romance, com os grandes incisos e substituições parcelares que o autor nele introduziu em momentos posteriores, e a sequência narrativa que contém a continuação da história, um manuscrito de 266 folhas de que não existem, nem nunca terão existido em tempo do autor, correspondentes impressos (estes materiais são descritos mais adiante). Esta solução de continuidade foi devidamente apercebida pelo editor de 1925 (que eliminou, abusivamente, no primeiro caso, os elementos que não tinham continuidade no segundo), na medida em que considera o autógrafo como tendo duas partes, embora o não assinale nos lugares respectivos: uma primeira, que inclui o texto que apresenta as derradeiras fases de transformação autógrafa; e uma segunda, que inclui o texto que não atingiu o mesmo nível de transformação, e que portanto não dá sequência a elementos narrativos introduzidos a níveis mais elevados no fragmento anterior.

O inventário actual do complexo autógrafo d'*A Capital!*, disponível, considera 6 testemunhos de dimensões e tipos muito variados, cujas relações e orientações podem ser observadas no estema da figura 1; este estema considera ainda os testemunhos que existiram seguramente mas que tenho por desaparecidos, que marco com ( ), e também os que estão disponíveis mas não são autógrafos nem constam do espólio, que marco com [ ].

Considerando que estes testemunhos, entendidos um a um, e com excepção de Ms0 e MsB, não são unitários mas sim compósitos de vários fragmentos, e alguns deles divididos em partes, impôs-se-me a necessidade operatória de atribuir etiquetas com duas ou três posições a cada um deles e a cada um dos respectivos fragmentos e partes, a fim de facilitar posteriores tratamentos no âmbito deste trabalho. Estas etiquetas são globalmente constituídas por letras maiúsculas e por algarismos; nos casos em que um fragmento é subdividido em duas ou mais partes por incisão de outros, ou por ser demasiado longo (caso do fragmento B, em que cada capítulo

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

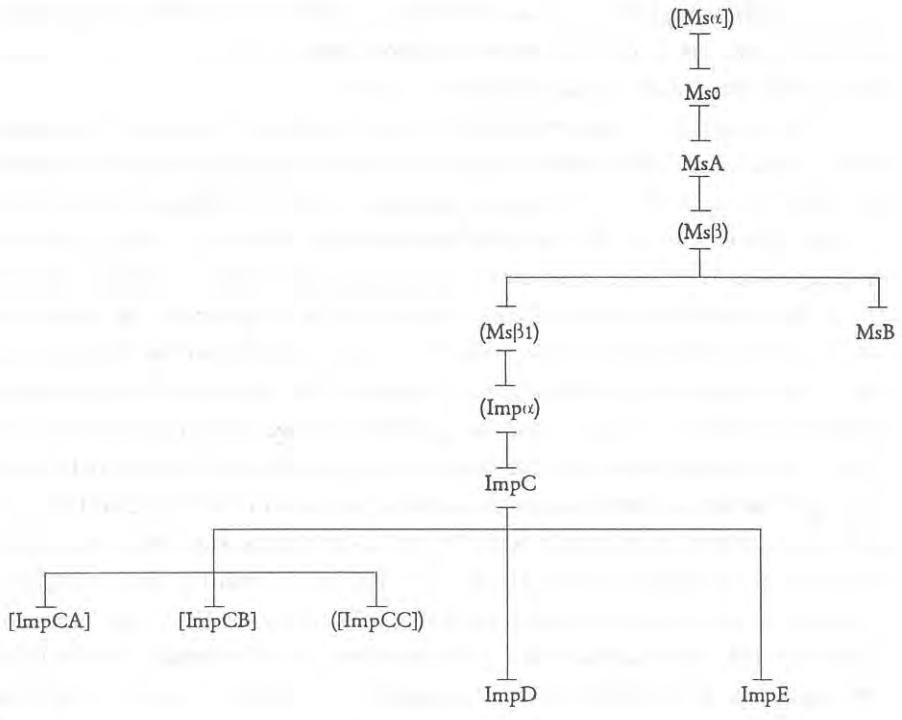


Figura 1.
Estema dos testemunhos d'*A Capital!* anteriores à edição de 1925.

constitui, aqui, uma parte), a cada uma das partes é atribuído um número de ordem, que ocupa a terceira posição na etiqueta.

Por exemplo, o ImpE é constituído por 8 fragmentos; para etiquetar cada um deles, utilizei a letra E na primeira posição, que refere o testemunho no seu conjunto, seguida das letras A, B, D e E. Um destes fragmentos, EA, foi subdividido pelo autor em 4 partes através da incisão de outros fragmentos: (E5) (não existente no espólio) que determina as partes EA1 e EA2, EB que determina as partes EA2 e EA3, ED que determina as partes EA3 e EA4, e EE que contém a sequência da parte EA4 (o algarismo 5 e as letras B, D e E foram atribuídos pelo autor; a letra A é da minha responsabilidade, e atribuí-a por razões de ordenação alfabética; a não existência da letra C explica-se pelo facto de haver uma sequência lógica narrativa EB – EA3 – ED, o que me leva a supor a existência, em certo momento, de um fragmento (EC), que o autor terá, posteriormente, retirado, e de que não existem vestígios). De acordo com esta decisão taxonómica, alinhei geneticamente, e designei, da maneira como se pode ver na tabela 1, os testemunhos e respectivos fragmentos disponíveis do romance.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Testemunho	*Fragmento*	*Parte*	*Etiqueta*
Ms0	—	—	0
MsA	—	—	A
┼	A	1	AA1
┼	B	—	AB
┴	A	2	AA2
MsB	—	—	B
┼	B	0	(BB0)
┼	┼	1	BB1
┼	┼	2	BB2
┼	┼	3	BB3
┼	┼	4	BB4
┼	┼	5	BB5
┼	┼	6	BB6
┼	┼	7	BB7
┴	┴	8	BB8
ImpC	—	—	C
┼	A	1	[CA1]
┼	┴	2	[CA2]
┴	B	—	[CB]
ImpD	—	—	D
┼	A	—	DA
┴	┴	1	DA1
ImpE	—	—	E
┼	A	1	EA1
┼	5	—	(E5)
┼	A	2	A2
┼	B	—	EB
┼	A	3	EA3
┼	D	—	ED
┼	A	4	EA4
┴	E	—	EE

Tabela 1.
Alinhamento e etiquetagem dos testemunhos genéticos e respectivos fragmentos disponíveis d'*A Capital!*.

Para melhor compreensão deste alinhamento, considerei também os fragmentos desaparecidos, que provocaram lacunas no texto, e ainda aqueles que, sendo conhecidos, não são autógrafos nem integram o espólio (marquei as respectivas etiquetas de acordo com o critério adoptado na figura 1).

Vejamos agora quais são os materiais que os constituem, as suas delimitações, e as características dos respectivos suportes.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

1.1.1. O manuscrito 0.

É o testemunho Ms0 (a que na Biblioteca Nacional, BN, foi atribuída a cota E1/231), que consiste num autógrafo de 6 folhas de papel vulgar com as dimensões de $\pm 23 \times 18$ cm, escritas a lápis em ambas as páginas, numeradas no rosto por outra mão, encontrando-se a primeira folha em mau estado de conservação. Contém uma narrativa muito primária de uma cena doméstica por ocasião do baptizado de Artur Corvelo (sem correspondente nas versões posteriores do romance; mão alheia deu a este texto o título de «O Baptizado de Artur», em folha anexa ao manuscrito), bem como uma descrição sumária dos antecedentes familiares desta personagem. As características da escrita (caligrafia apressada, muitas emendas e hesitações em curso de redacção, existência de incongruências gramaticais, etc.) e da narração (quase reduzida a uma mera enunciação tópica), apontam para o facto de se tratar de uma narrativa de primeiro jacto, que o autor tencionaria aperfeiçoar em campanhas posteriores. Nesta curta narrativa aparecem algumas das personagens mais tarde utilizadas ou referidas em *A Capital!*, quer já com o nome definitivo, quer ainda com outros; interrompida abruptamente no momento em que é feita a descrição dos antecedentes familiares da personagem principal, sou levado a crer que constituiria a parte inicial, gorada, de uma primeira redacção do romance; Guerra da Cal, Carlos Reis e Maria do Rosário Milheiro[2] classificam, correctamente, este manuscrito como «subsidiário» d'*A Capital!*, que como tal foi publicado em versão diplomática por Carlos Reis e Maria do Rosário Milheiro[3].

Guerra da Cal[4] considera ainda um outro manuscrito — não autógrafo, que seria uma cópia póstuma de um autógrafo feita pelo filho do escritor, Alberto d'Eça de Queirós —, intitulado «O Conspirador Mateus», composto por 8 folhas escritas a tinta em ambas as páginas e numeradas a romano, o qual constituiria um plano d'*A Capital!*. Porém, quer por não ser autógrafo, quer sobretudo por estar desaparecido, não é possível considerá-lo aqui; mas, uma vez que existiu, passa a ter a designação de (Msα).

[2] Cfr. Ernesto Guerra da Cal, *Lengua y Estilo de Eça de Queirós, Apéndice. Bibliografia Queirociana sistemática y anotada e Iconografia artística del Hombre y la Obra.* Tomo I. *Bibliografia Activa.* Coimbra: Acta universitatis Conimbrigensis, 1975, pp. 428-29, e Carlos Reis e Maria do Rosário Milheiro, *A Construção da Narrativa Queirosiana. O Espólio de Eça de Queirós.* Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, col. Biblioteca de Autores Portugueses, p. 84.

[3] Cfr. Carlos Reis e Maria do Rosário Milheiro, *op. cit.*, pp. 203-6.

[4] Cfr. Guerra da Cal, *op. cit.*, pp. 429-30.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRÁTUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

1.1.2. O manuscrito A.

O testemunho MsA (com a cota BN, E1/287-A) contém uma primeira versão, completa, do romance, a qual deveria corresponder ao texto a que Eça se refere em carta a Ernesto Chardron, datada de 13 de Junho de 1878, como quase pronto para tipografia [5], passa a ser designado por manuscrito A, e é constituído por 207 folhas de ± 28 × 21,5 cm, de papel de marca J. Whatman com as datas 1876 e 1877, escritas a tinta em ambas as páginas, com margem vincada de ± 6 cm do lado esquerdo, e numeradas a lápis no rosto por outra mão; esta numeração tem a particularidade de seguir uma ordem sequencial de 1 a 78 (fragmento AA1) e de 79 a 191 (fragmento AA2), tendo sido substituída por alfabetação (de *a* a *p*) em 16 folhas intercaladas (fragmento AB) entre as folhas 78 e 79, não havendo continuidade entre as folhas 78v e *a* (lacuna por desaparecimento de algumas folhas); esta característica leva a concluir-se que se terão extraviado as 16 folhas que constituem AB, mais aquelas que fariam a ligação entre 78v e *a*, antes de ser feita a foliação, e que, uma vez recuperadas as primeiras, foi adoptada a decisão de as alfabetar (pelo que o fragmento AB não é um inciso, e, em rigor, não deveria ser tão-pouco considerado como um «fragmento»; porém, dado que existe a lacuna referida, e a oscilação numeração/alfabetação, torna-se prático considerá-lo como tal, o que também, e dada esta explicação, não induz em erro). No canto superior direito do rosto da folha 1 existe a indicação «191 folhas» escrita por mão alheia e com a mesma tinta azul que deixou um borrão sobre as palavras «a espaços» (linha 15). Na margem esquerda da folha 78*d*, na direcção das linhas 25-30, o autor escreveu, com a mesma tinta e instrumento do texto, a lista dos objectos, e respectivos preços em libras, comprados pela personagem Artur Corvelo após a sua chegada a Lisboa: «chapeo — 1 / Boquilha — 1 / Botas — 1 / [Fato] < casaca > — 6 / Sobrecasaca — 6 / Tabaco — 4 / Robe — 4». Trata-se de informações para adequação factual da narrativa, sem interesse discursivo.

Esta narrativa é desprovida de divisão expressa em capítulos; porém, após um cotejo com as versões do manuscrito B e do impresso E, verifica-se que o autor abriu espaços separadores em lugares correspondentes àqueles em que, nestas últimas versões, abriu (ou fechou) capítulos; tais espaços aparecem nas folhas 25v (fim do capítulo I), 44 (II), 78v (III), *p* (IV), 97v (V), 127 (VI), 139v (VII), 160v (VIII), 187v (IX) e 191v (X); o capítulo IV não está completo, dada a lacuna existente entre as folhas 78v e *a*. Escrita numa letra

[5] Cfr. Guerra da Cal, *ibid.*, p. 370.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

por vezes apressada e de difícil leitura, com frequentes incongruências linguísticas e narrativas, algumas delas decorrentes da não adaptação do texto primitivo a alterações posteriormente introduzidas (mas ainda no momento de escrita), com alguma oscilação nos nomes das personagens — esta versão não foi globalmente revista pelo autor, que terá optado por uma reescrita completa do texto, com características amplificadoras, o que de facto viria a acontecer, ainda que seguindo de perto o mesmo plano.

1.1.3. O manuscrito B.

Desta nova versão do romance — Msß — só existe uma parte no Espólio (catalogada, tal como os testemunhos seguintes, sob a cota BN, E1/287), referida no estema pela sigla MsB, correspondente *grosso modo* às páginas 169-573 da edição de 1925 (parte do cap. III e caps. IV-X), a qual é constituída por 266 folhas de ± 27 × 21,5 cm de papel de marca J. Whatman de 1877, escritas a tinta em ambas as páginas, com margem vincada de ± 6 cm do lado esquerdo, e numeradas no rosto por outra mão; porém, no canto superior direito do rosto da primeira folha existe o número «60», que me parece autógrafo: se se trata de foliação, não tem continuidade nas folhas subsequentes, e as folhas antecedentes conteriam o texto correspondente ao que na edição de 1925 é transcrito entre as pp. 152, l. 22, e 169, l. 27, e que aqui designo por BB0 — o que faz com que ele não estabeleça ligação directa com o fragmento ImpE, ao qual se sucede no alinhamento da obra; obviamente, trata-se de uma amputação não autógrafa, e a numeração das folhas — de 1 a 266v — foi feita posteriormente a tal amputação. Com uma escrita relativamente clara, pouco emendada (excepto nas folhas 1-15, bastante corrigidas, o que leva a supor que o autor iniciara um novo trabalho de revisão nas folhas antecedentes, e que neste local foi interrompido), e seguindo de perto o texto do MsA, é provável que se trate de uma reescrita directa deste último.

A parte que falta no espólio (Msß1),e que corresponde aos capítulos I-II terá seguido para tipografia e dado origem ao impresso ImpC (com passagem por Impα); de resto, as edições de 1925 e de 1970 não dão solução de continuidade entre ImpE e MsB, considerando-as assim como naturalmente encadeadas.

No seu conjunto, temos um único fragmento que, pelas suas grandes dimensões, subdividi em oito partes, correspondendo cada uma delas a um

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

capítulo (na edição diplomática, porém, considero B como um único fragmento, que é o que de facto é):

BB1 ff. 1-28v, parte do cap. III (iniciado, de acordo com a capitulação da edição de 1925, na fl. 19 do fragmento EE)
BB2 ff. 29-56v, cap. IV
BB3 ff. 57-90v, cap. V
BB4 ff. 91-128v, cap. VI
BB5 ff.129-162v, cap. VII
BB6 ff. 163-201, cap. VIII
BB7 ff. 202-247v, cap. IX
BB8 ff. 248-266v, cap. X.

1.1.4. O impresso C.

Por sua vez, ImpC é um testemunho reconstituído a partir de dois exemplares das folhas impressas de 1878, um deles com algumas correcções (ImpD) e outro profundamente corrigido e aumentado (ImpE); trata-se de um conjunto de 80 páginas impressas e paginadas, com as dimensões de 17 × 10,3 cm e com 32 linhas de texto por página, cujo conteúdo é possível reconstituir da forma exposta na figura 2, tendo em conta as folhas

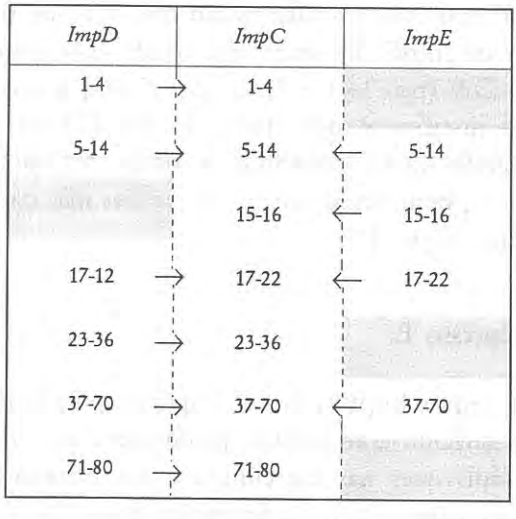


Figura 2.
Reconstituição de ImpC a partir de ImpD e de ImpE. As páginas que faltam são indicadas a sombreado.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

existentes e as folhas faltosas em ImpD e ImpE, tal como vai indicado, adiante, nos §§ 1.1.5 e 1.1.6.

Não estão disponíveis, mas naturalmente existiram, as provas de granel anteriores a esta impressão (Impα), o mesmo acontecendo com o respectivo manuscrito (Msβ1), pelo que, se excluirmos a primeira versão constante de MsA, e que foi recusada pelo autor a favor da nova versão, encontramos em ImpC a fase mais primitiva disponível do texto que teria continuação em MsB. Deste impresso foram publicados quatro fragmentos em jornais: CA1 e CA2, no «Diario da Manhã» de 11 de Outubro de 1883 (no seu conjunto, estes dois fragmentos constituem o testemunho ImpCA); CB (ImpCB), na revista «Brasil-Portugal» de 1 de Setembro de 1900; e CC (ImpCC), no jornal «A Folha Nova», de 28 de Março a 2 de Junho de 1881. Estes fragmentos são descritos e comentados mais adiante.

1.1.5. O impresso D.

O testemunho ImpD é, como já se viu, ImpC com falta das pp. 15-16, e com algumas emendas autógrafas nas pp. 1 e 5-14. Neste testemunho interessa apenas a parte que tem emendas autógrafas — ou seja, até à p. 14 —, contendo as restantes páginas (sem qualquer emenda) a lição do impresso C — pp. 17-80. As folhas constituem 5 cadernos de 16 páginas cada, excepto o primeiro que tem apenas 14, devido à falta das páginas 15-16. Algumas das emendas passaram para ImpE, pelo que é de supor tratar-se de uma primeira fase da profunda transformação que o autor introduziu no segundo exemplar de ImpC, de onde saiu ImpE. Este impresso é dividido nos fragmentos DA (pp. 1-4) e DA1 (pp. 5-14); a consideração destes dois fragmentos justifica-se pelo facto de em DA se ter verificado o acrescento autógrafo de um subtítulo ao título *A Capital!* — «(começos d'uma carreira)» —, bem como outras correcções não constantes de ImpE por nele faltarem as pp. 1-4.

1.1.6. O impresso E.

Finalmente, temos ImpE, ou seja, ImpC amputado das pp. 1-4, 23-36 e 71-80, mas enriquecido com muitas, profundas e por vezes extensas alterações, feitas a lápis quer nas entrelinhas e nas margens, quer em folhas colaterais de papel vulgar, com as dimensões de ± 18 × 11,5 cm, coladas às margens e, em certos casos, coladas em cadeia umas às outras (de um modo que vai exemplificado, mas não esgotado, na figura 3), estando algu-

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

mas delas bastante deterioradas pelo manuseamento, o que dificulta muito a leitura, quer ainda em conjuntos de folhas intercaladas e com numeração autógrafa, constituindo por vezes incisos de grandes dimensões.

É este o testemunho que se reveste de maior complexidade em termos de estudo genético do romance, na medida em que atesta as tentativas mais profundas de transformação do texto e da narrativa. Se compararmos este autógrafo com os restantes, que o antecedem cronologicamente, verificamos que é nele que está documentado o verdadeiro trabalho de aperfeiçoamento estilístico do texto: com efeito, enquanto em MsA já encontramos praticamente definida a trama romanesca, bem como as situações e acontecimentos fulcrais na economia da história narrada, e em MsB a maior parte dela, embora já numa fase mais evoluída mas ainda sem grandes preocupações estilísticas, é em ImpE que deparamos com aquela que poderia ser a forma final da parte do romance nele contida, sobretudo nos fragmentos impressos EA1, EA2, EA3 e EA4.

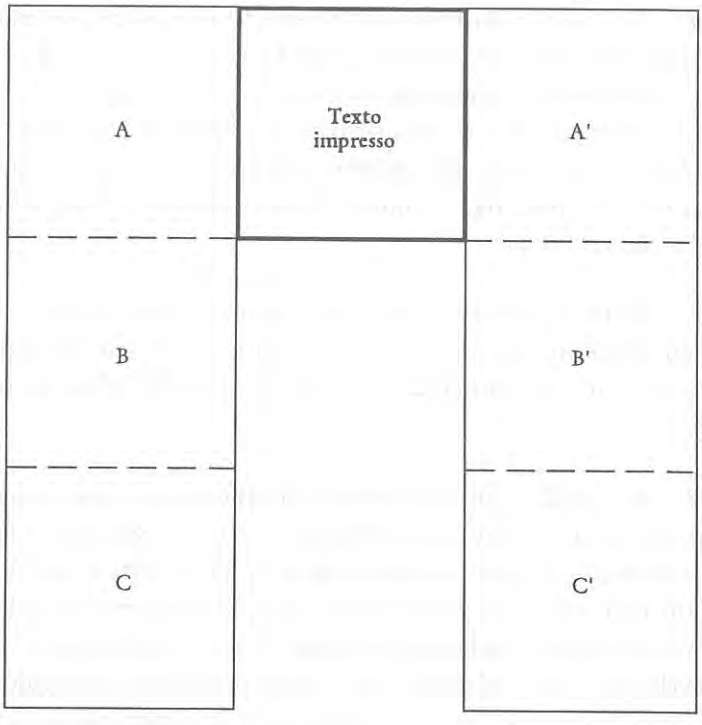


Figura 3.

Esquema de página de texto impresso com incisos autógrafos em seis folhas colaterais coladas (A-A' = colaterais de primeira ordem, B-B' = colaterais de segunda ordem, C-C' = colaterais de terceira ordem), constituindo o conjunto um exemplo de situações encontráveis em ImpE. Cfr. foto 1.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Mas ImpE não pode constituir ainda, de facto, a forma final da parte do romance correspondente, porque os fragmentos (E5), EB, ED e EE, e também algumas emendas de grande dimensão, em virtude de conterem texto redigido de primeiro jacto, não estão naturalmente ao mesmo nível de aperfeiçoamento estilístico que é atestado nos fragmentos impressos emendados pontualmente (EA1-4), pelo que é de admitir a hipótese de o autor a eles pretender voltar, uma vez integrados numa nova impressão, para lhes dispensar os cuidados com que já havia contemplado os primeiros.

De qualquer maneira, estas alterações são de tal envergadura, que ampliam as 80 páginas impressas para mais do dobro, e no seu conjunto encerram aquela que foi a última fase de transformação autógrafa, mas parcelar, do romance, correspondente aos capítulos I-II.

Tal como já disse, este testemunho é constituído pelos fragmentos EA1, (E5), EA2, EB, EA3, ED, EA4 e EE; tal organização tem a seguinte justificação:

EA1. Pp. 5-15, com todas as transformações nelas ocorrentes. Na margem inferior da p. 15, e com remissão para um lugar determinado do texto, encontra-se a indicação autógrafa: «(aqui entra n.º 5)»; falta uma folha colateral, de segunda ordem, do lado direito da p. 15, com parte de texto inciso que, no entanto, é transcrito na p. 21, linhas 5-8, da edição de 1925 (cfr. fig. 5, onde é representado a sombreado e designado pelo algarismo 1).

(E5). Seria o fragmento «n.º 5» do autor; como já disse, este fragmento não existe no Espólio, pelo que a única versão disponível do seu conteúdo é a que foi fornecida pelo editor de 1925 entre as pp. 21, l. 18, e 22, l. 17.

EA2. Pp. 16-22, com todas as suas transformações. Na margem inferior da p. 21, o autor escreveu a indicação: «Aqui, passa para o fragmento B.», e eliminou por riscado cruzado toda a p. 22. A falta da folha colateral referida em *EA1,* cujo verso corresponde à p. 16, introduz duas lacunas de texto neste fragmento (indicadas na figura 5 pelos algarismos 2 e 3), mas inexplicavelmente uma delas (2), a que corresponde texto iniciado na folha colateral A e continuado na folha colateral B, que falta no autógrafo, não é transcrita na edição de 1925, enquanto a outra (3), que se percebe, através de indicação dada na linha 17 de EA2, ter ocupado a parte inferior da folha colateral B, o é (na p. 24, ls. 1-9); tendo-se em vista que o inciso correspondente a 2 ocupou seguramente a parte superior da folha colateral B, e

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

3 a parte inferior da mesma, e que não é muito aceitável que se tivesse extraviado a parte superior da folha e conservado a inferior, é de considerar a hipótese que no momento em que o editor de 1925 trabalhou com o autógrafo tais faltas não existiam, e que o facto de não ter transcrito o texto de «2» se deve ou a dificuldades de leitura — ou a qualquer outra decisão do tipo da que o levou, por exemplo, a retirar a personagem Cristininha ou a transformar profundamente passagens do texto; a não ser, e aqui se põe outra hipótese, que a lacuna 2, que é de pequena dimensão e corresponde ao topo da folha colateral de 2.ª ordem, se deva à deterioração do suporte junto da zona de colagem (o que de resto acontece em outros lugares). Em qualquer dos casos, é de concluir que o autógrafo estaria completo em 1925.

EB. É o «fragmento B.» do autor, e consta de 15 folhas de papel com ± 23 × 18 cm, escritas a lápis em ambas as páginas, com numeração autógrafa no rosto (e por outra mão no verso), destinadas a substituírem as pp. 23-36 retiradas em ImpE. Este fragmento começa com a letra B no centro da margem superior do rosto da folha 1, e termina com a indicação autógrafa: «(aqui passa para pagina 37)».

EA3. Pp. 37-59, com todas as correcções, cortes e incisos, alguns deles de grandes dimensões, e com folhas colaterais com as dimensões de ± 18 × 11,5 cm. Na margem direita da p. 59, escrita na vertical em sentido ascendente, e com remissão para um lugar determinado do texto, existe a indicação autógrafa: «Aqui entra fragmento D».

ED. É o «fragmento D» do autor, um manuscrito de 7 folhas de papel com as dimensões de ± 18 × 11,5 cm, escritas a lápis apenas no rosto, sem margens, e com numeração autógrafa; no topo da fl. 1 existe a letra «D», também autógrafa; no canto inferior direito da folha 7 existe a numeração «(60)», feita a tinta azul por outra mão: o número não tem nada a ver com o que aparece no rosto da primeira folha de BB1, e parece antes remeter para a p. 60 do impresso, mas erroneamente, porquanto o inciso foi expressamente feito na p. 59.

EA4. Pp. 59-70, com todas as transformações nelas executadas e com folhas colaterais (a do lado direito da p. 63 prolonga-se na vertical por outras três — B′ e C′ — coladas umas às outras). Na margem direita da p. 69, e transbordando para a folha colateral a ela colada, encontra-se a indicação: «aqui entra fragmento E»; o texto da p. 70 foi totalmente recusado por

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

riscados cruzados, feitos em dois momentos diferentes, notando-se nas folhas colaterais marcas de rasura de acrescentos posteriormente eliminados.

EE. É o «fragmento E» do autógrafo, um conjunto de 22 folhas de papel com ± 23,5 × 18 cm, escritas a lápis em ambas as páginas, excepto a última, sem margens, e com numeração autógrafa no rosto (não autógrafa no verso); a primeira folha é encimada pela letra «E».

1.2. *Um novo inventário.*

O inventário dos vários testemunhos e fragmentos, que aqui deixo, não corresponde aos que já existem e são conhecidos, e que se baseiam uns nos outros, a saber: 1) o que foi feito pelos filhos de Eça de Queirós, e que transitou, juntamente com o espólio, do Arquivo da Quinta de Tormes para a Biblioteca Nacional [6]; 2) o de Guerra da Cal [7]; 3) o da Biblioteca Nacional [8]; e 4) o de Carlos Reis e Maria do Rosário Milheiro [9]. Existe ainda um outro, feito por Helena Cidade Moura, e do qual me ocupo mais adiante.

A meu ver, nenhum deles está totalmente correcto, porque em nenhum deles estão distinguidas, de um modo claro, as relações horizontais e verticais existentes entre os vários testemunhos e fragmentos que constituem o autógrafo.

Assim, de Tormes veio-nos: uma «*A Capital* — Ms., 1.ª Parte — 1-77» que, de acordo com a interpretação de Guerra da Cal, corresponderia aos impressos que eu classifico como D e E; porém, a indicação 1-77 parece referir-se ao manuscrito A (recorde-se que a foliação não autógrafa deste manuscrito segue de 1 a 78 e de 79 a 191, com intercalação das folhas *a-p* entre as folhas 78 e 79, o que poderá indicar pelo menos a intenção de dividir o manuscrito em duas partes; porém, não existe, nem na folha 77, nem na passagem da folha 77v para a folha 78, qualquer indicação do autor nesse sentido); uma «*A Capital.* Ms. 2.ª Parte, págs. 78-191», que corresponde claramente ao manuscrito A, folhas 78-191 (embora tendo-se em conta que a numeração não autógrafa das folhas considera, como já referi, a incisão de

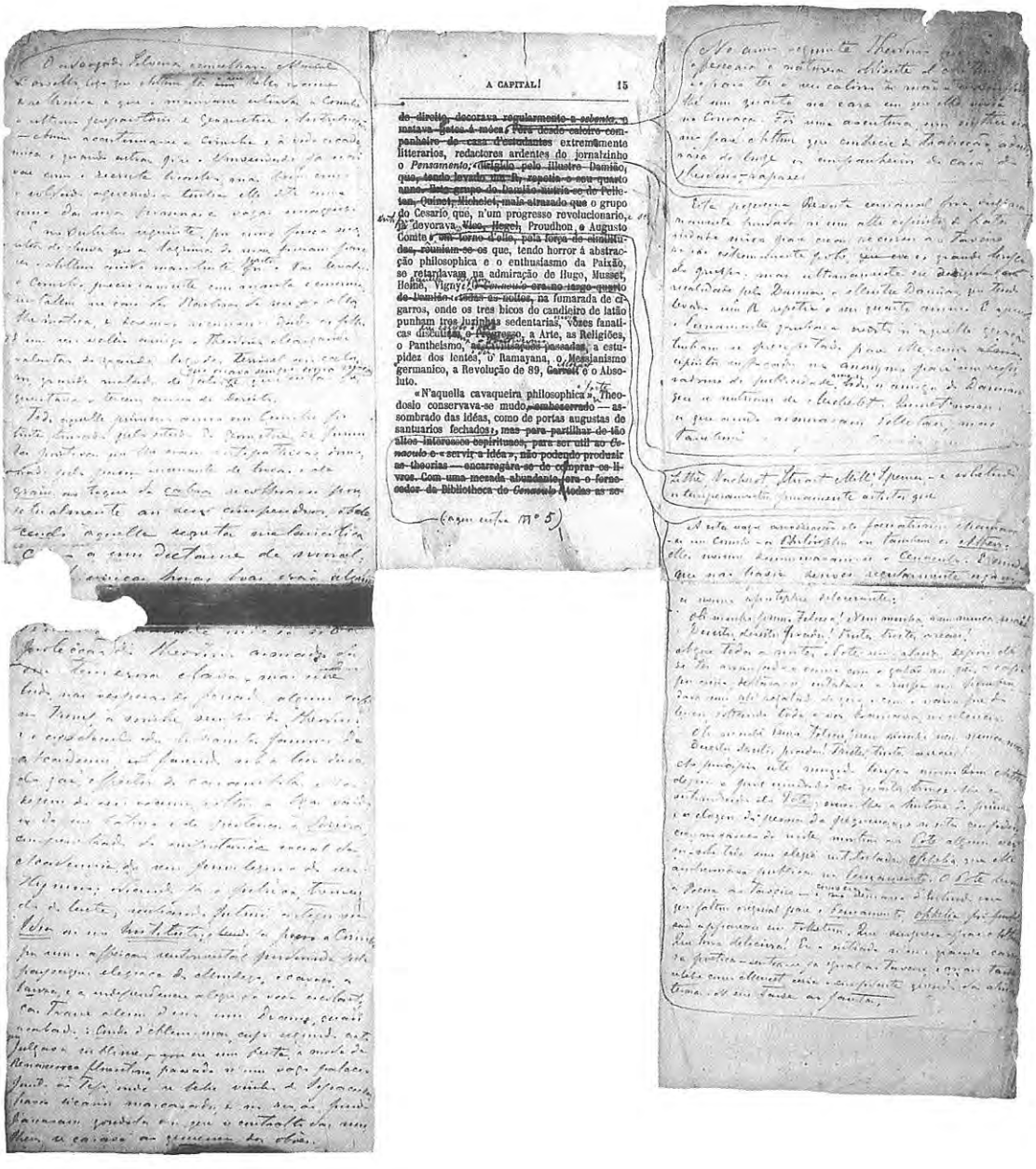
[6] O inventário vindo de Tormes não existe enquanto documento autónomo, mas é reconstituível a partir das informações dadas por José Maria d'Eça de Queirós (filho) in «Os ultimos ineditos d'Eça de Queirós», Introdução a *A Capital*, Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão, Lda., 1925, pp. V-XLI, e das indicações que acompanham o autógrafo.

[7] Cfr. Guerra da Cal, *op. cit.*, verbetes 1301 e 1420.

[8] Cfr. Biblioteca Nacional, *Catálogo de Espólios*, E1/231, E1/287 e E1/287-A.

[9] Cfr. Carlos Reis e Maria do Rosário Milheiro, *op. cit.*, pp. 55-56, 84.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

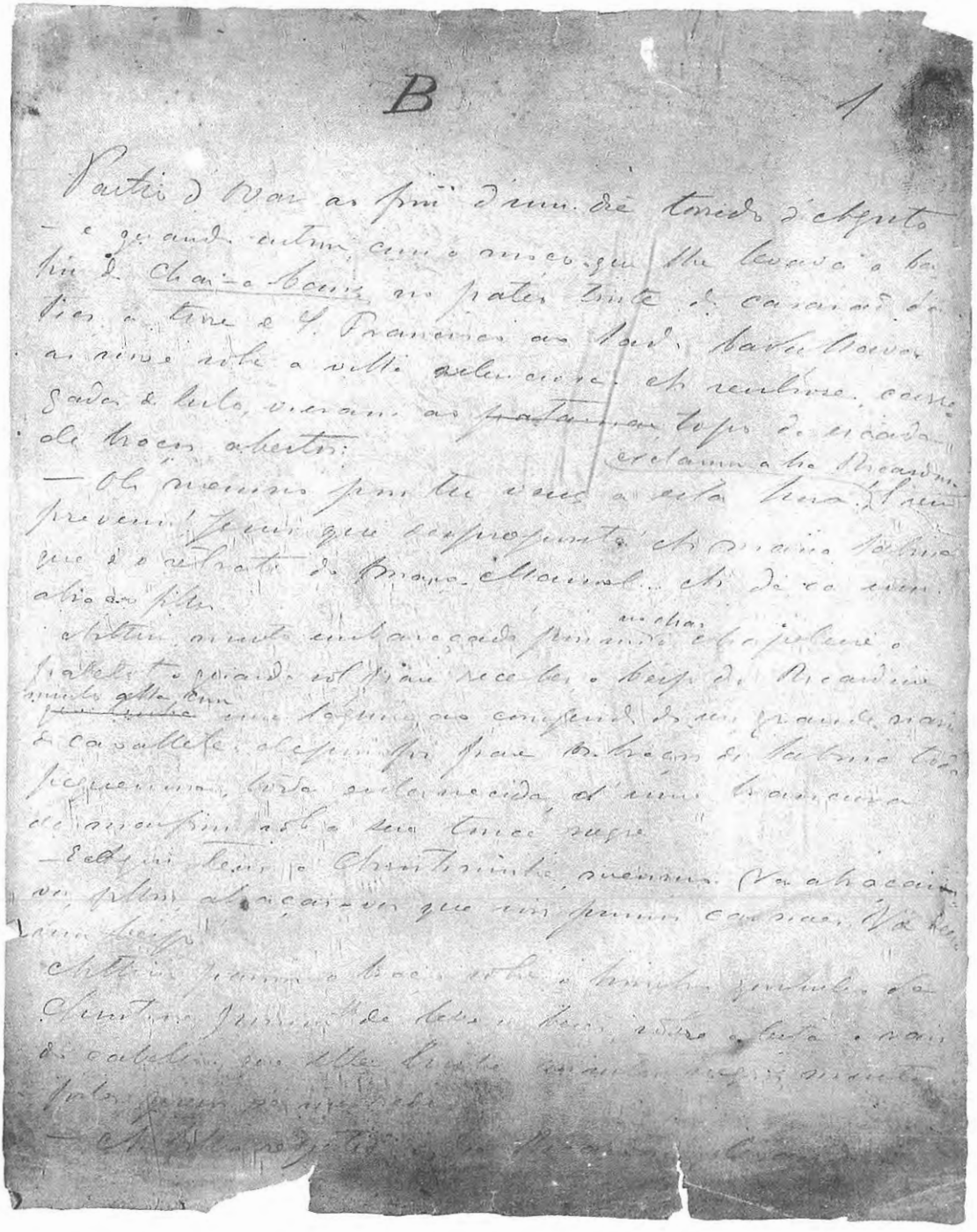


1. Página 15 do impresso E (impresso EA1), com emendas e acrescentos a lápis na entrelinha e em folhas colaterais de primeira e segunda ordem (cfr. figura 3, Cap. I, linhas 338-403).

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL

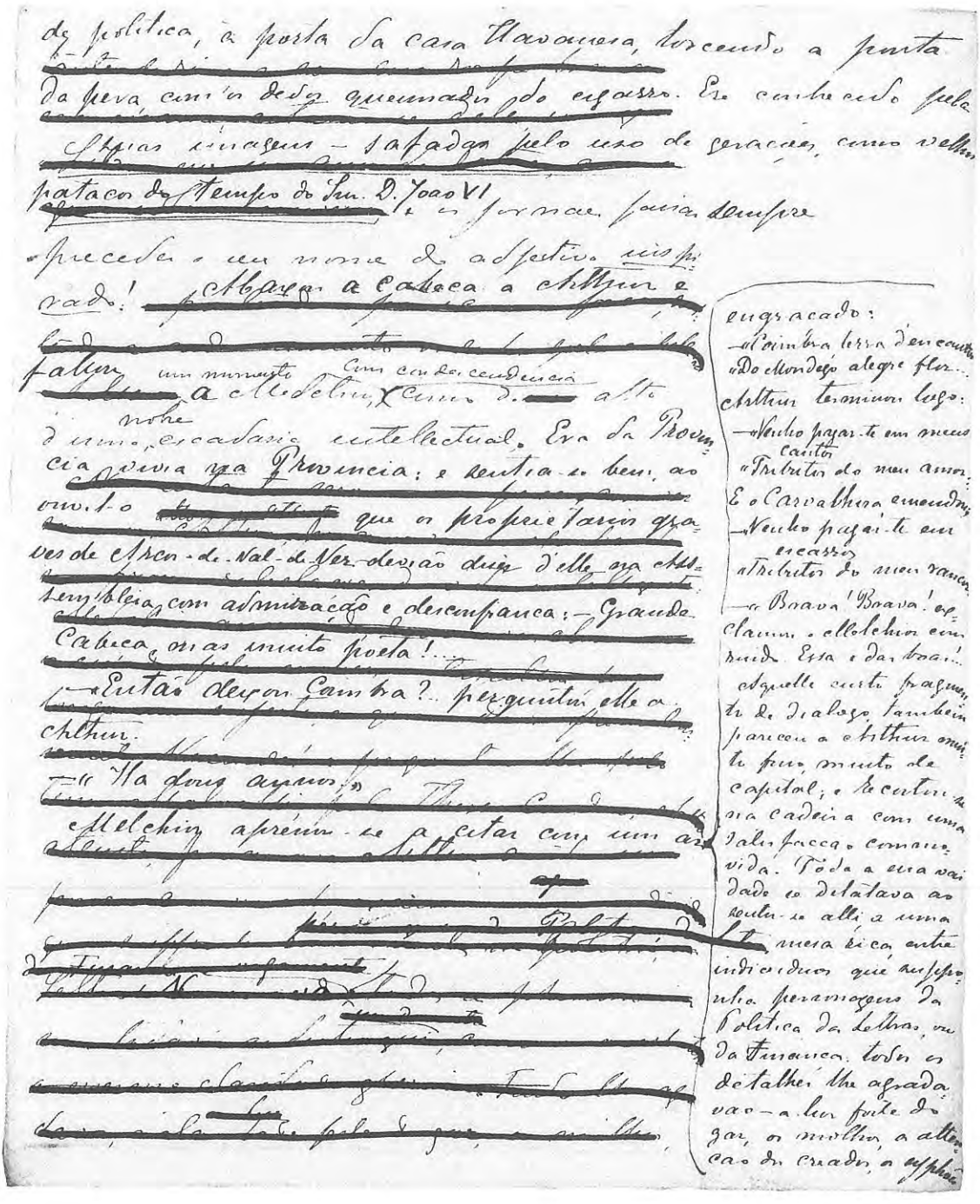
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



2. Rosto da folha 1 do inciso manuscrito a lápis aqui designado por impresso EB, por substituir as pp. 23-36 do impresso E (cfr. Cap. I, linhas 787-804).

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

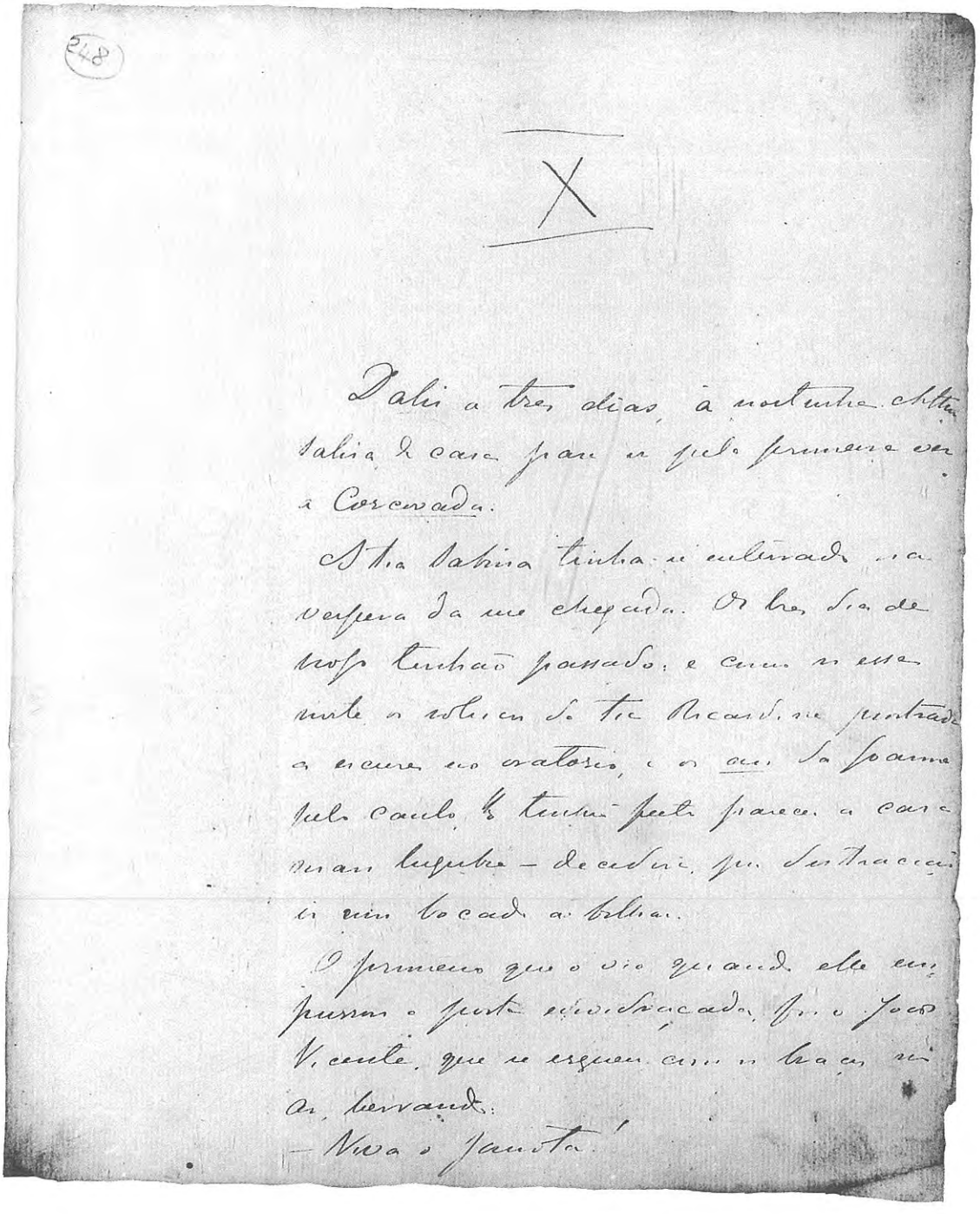
IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



3. Verso da folha 13 do manuscrito B, escrito a tinta (cfr. Cap. III, linhas 728-754).

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



248

X

Dahi a tres dias, à noitinha Altina
saliu de casa para ir pela primeira vez
à Corcovada.

A tia Sabina tinha-se enterrado na
vespera da sua chegada. Os tres dias de
nojo tinhão passado; e como n'esse
norte os solucos da tia Ricardina prostrada
a escurer no oratorio, e os ais da Joanna
pelo canto, tinhão feito parecer a casa
mais lugubre — decidiu, por distracção
ir um bocado a bilhar.

O primeiro que o vio quando elle em-
purrou a porta envidraçada, foi o João
Vicente, que se ergueu com os braços no
ar, berrando:

— Viva o Janota!

4. Rosto da folha 248 do manuscrito B, escrito a tinta (cfr. Cap. x, linhas 1-10).

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

16 outras entre as folhas 78 e 79); e uma «*A Capital* – Ms. 2.ª Forma», que é o manuscrito B, subentendendo-se que os impressos D e E terão sido vistos como integrantes da «2.ª Forma».

Guerra da Cal limita-se a veicular esta classificação, mas diz que a «2.ª Parte, págs. 78-191» se compõe de 207 folhas, o que não está de acordo com a indicação «78-191» herdada de Tormes (na verdade, as 207 folhas são o conjunto: 1-78 (= 78) + *a-p* (= 16) + 79-191 (= 113) = 207, ou seja, o manuscrito «A» na sua totalidade).

No inventário da Biblioteca Nacional, estes testemunhos e fragmentos são entendidos da seguinte maneira: os impressos D e E constituem uma «1.ª Parte», em oposição a uma «2.ª Parte» (que é o manuscrito B); fala-se ainda numa «1.ª Forma» (o manuscrito A) e numa «2.ª Forma» (o manuscrito B), não se especificando se os impressos D e E pertencem a esta «2.ª Forma» ou se, no espírito dos inventariadores, representariam uma «3.ª Forma».

Por sua vez, Carlos Reis e Maria do Rosário Milheiro consideram como «1.ª Parte» os impressos D e E, com as respectivas correcções e incisos manuscritos, como «2.ª Parte» o manuscrito A (imprecisão recolhida em Guerra da Cal, que, como já disse, se inspirou na classificação vinda de Tormes), e como «3.ª Parte» o manuscrito B; ora, como a divisão em «partes» pressupõe um encadeamento horizontal, temos que Guerra da Cal, Carlos Reis e Maria do Rosário Milheiro intercalam, entre as duas «partes» reconhecidas pelos inventariadores da Biblioteca Nacional, uma «parte» intermédia que mais não é do que uma versão anterior às outras duas, e que foi por elas globalmente coberta em momentos diferentes do processo genético do romance.

Posto isto, é necessário pôr uma certa ordem na classificação dos materiais (ou melhor, repor a ordem que me parece ser facilmente entendível a partir da observação desses materiais), e distinguir-se os conceitos de «forma» e de «parte» a ela aplicados: «forma» entra no âmbito genético, e deve querer dizer o mesmo que «versão» (que eu prefiro), isto é, cada uma das redacções do romance, completas ou não, que veio substituir uma anterior e que foi, posteriormente, substituída por outra (processo de *sobreposição*); «parte» é de âmbito narrativo, e deve designar um testemunho, ou fragmento de testemunho, que se encadeia com outros de modo a, no seu conjunto, constituírem uma narrativa que representa um encadeamento lógico de ideias e de acções, que seria, *grosso modo,* aquele que o autor delineou no seu discurso interior (processo de *alinhamento*).

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Novo Inventário	*Arquivo de Tormes*	*Guerra da Cal*	*Biblioteca Nacional*	*Carlos Reis Maria Rosário Milheiro*
Ms0			(E1/231)	
1.ª Versão (início)	O Batizado de Artur	O Batizado de Artur	O Baptizado de Artur	O Baptizado de Artur
MsA			(E1/287)	
2.ª Versão	1.ª Forma	1.ª Forma	1.ª Forma	
	ff. 1–77 1.ª Parte			
		2.ª Parte		2.ª Parte
	ff. 78–191 2.ª Parte			
MsB			(E1/287)	
3.ª Versão	2.ª Forma	2.ª Forma	2.ª Forma	
3.ª Parte			2.ª Parte	3.ª Parte
		2.ª Parte		
ImpDA			(E1/287)	
4.ª Versão	(2.ª Forma)	(2.ª Forma)		
1.ª Parte				
	1.ª Parte	1.ª Parte	1.ª Parte	1.ª Parte
ImpE				
5.ª Versão				
2.ª Parte				

Tabela 2.

Novo inventário dos materiais do autógrafo d'*A Capital!*, cotejado com os inventários anteriores, cuja correcção se propõe.

Foi nesse sentido que avancei já com um novo inventário [10] dos materiais do autógrafo — que mais atrás descrevi e justifiquei, e que apresento na tabela 2, respeitando a ordem genética, cotejado com os anteriores.

Da tabela 2 ressaltam ainda as três ordens genéticas de testemunhos, separadas por linha branca: uma primeira ordem, constituída pelo manuscrito 0, que é o indício de uma primeira versão apenas iniciada; uma segunda ordem, representada pelo manuscrito A, que é a primeira versão, completa, do romance, mas preterida em favor de uma versão posterior; e uma terceira ordem, em que reúno os testemunhos que contêm os níveis terminais das partes que, uma vez encadeadas, constituem a narrativa (manuscrito B, que é o que resta de uma terceira versão; impresso DA, nível terminal do respectivo texto, resultante de uma quarta versão, anterior à quinta e última versão consubstanciada no nível terminal do impresso E).

[10] Cfr. Luiz Fagundes Duarte, «Um Novo Inventário dos Autógrafos d'*A Capital!* de Eça de Queirós». *Nós, Revista Internacional Galaicoportuguesa de Cultura*, n.os 13-18, Janeiro-Dezembro 1989, Braga-Pontevedra: Irmandades da Fala da Galiza e Portugal, pp. 133-37 (volume de homenagem a Ernesto Guerra da Cal).

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Por outro lado, a tabela 2 considera apenas os testemunhos, não indo assim à inventariação dos fragmentos que constituem cada testemunho; mas, aqui também, não existe acordo entre os vários inventariadores. Tal desacordo, no entanto, deve-se apenas a diferenças de critérios na designação dos fragmentos: por exemplo, àquilo a que eu chamo «folhas colaterais» no impresso E (cfr. fig. 3), e que, em virtude de estarem coladas às folhas impressas, considero como meros incisos (e não como fragmentos autónomos, de resto de acordo com o que fazem os inventariadores da Biblioteca Nacional, e também Guerra da Cal), Carlos Reis e Maria do Rosário Milheiro reconhecem autonomia (assim: «3 f. a lápis coladas às provas tipográficas»).

De qualquer modo, o inventário que aqui deixo é exaustivo face ao estado actual do autógrafo existente na Biblioteca Nacional.

1.3. *Alinhamento dos elementos do autógrafo.*

Uma vez respeitadas as indicações do autor e consideradas todas as características destes fragmentos, obtemos os alinhamentos esquematizados na figura 4. Porém, no estado actual do autógrafo — e que, ressalvados os casos dos materiais desaparecidos, é aquele em que o autor o abandonou —,

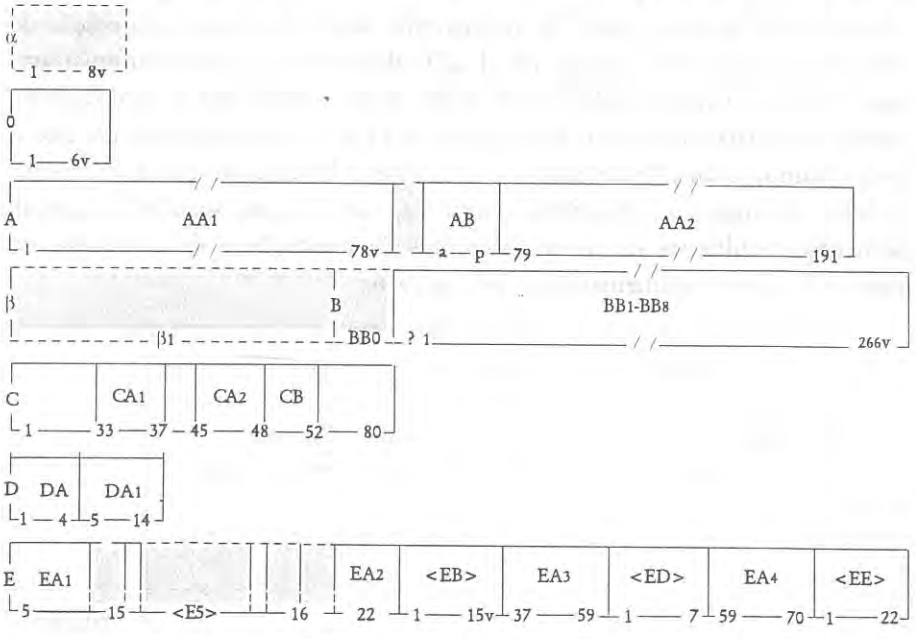


Figura 4.

Alinhamento dos fragmentos de cada testemunho (os fragmentos marcados a sombreado e por tracejado não estão disponíveis; as etiquetas dos fragmentos incisos são marcadas pelo sinal < >; os números indicam a foliação ou paginação).

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

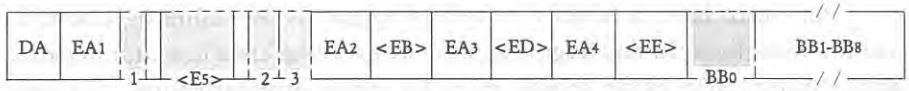


Figura 5.
Alinhamento dos elementos do autógrafo que contêm a última vontade expressa do autor.

só seria possível obter-se um texto com alguma sequência, e que ao mesmo tempo respeitasse a última vontade expressa do autor, através do alinhamento representado na figura 5. Com efeito, é em DA que se encontra o único testemunho autógrafo do título A *Capital!*, bem como a introdução do subtítulo «começos d'uma carreira» e, ainda, a confirmação deste romance como o volume de abertura da série «Scenas Portuguezas».

A DA deve seguir-se o impresso E, porque contém a parte inicial da história e substitui, inequivocamente, o impresso DA1, sendo o alinhamento dos fragmentos que o constituem, pelo menos aqueles que conhecemos, indicado com clareza pelo autor. Findo o impresso E, a situação complica-se: se, por um lado, o manuscrito B, que seguramente não seguiu para tipografia, é a versão mais recente da continuação da história iniciada no impresso E, por outro lado não dá continuidade imediata a este último (razão por que decidi postular a existência de um fragmento perdido BB0, reconstituível apenas a partir do testemunho único fornecido pela edição de 1925 entre as pp. 152, l. 22, e 169, l. 27); além disso, e como demonstrarei mais adiante, o nível estilístico do texto deste manuscrito é consideravelmente mais baixo do que o dos impressos D e E — e sobretudo do que o deste último, muito trabalhado —, pelo que a linearidade do alinhamento indicado na figura 5 é falaciosa: considera, como se em sequência natural, elementos resultantes de níveis diferentes de produção e de correcção do texto, tal como é esquematizado na figura 6.

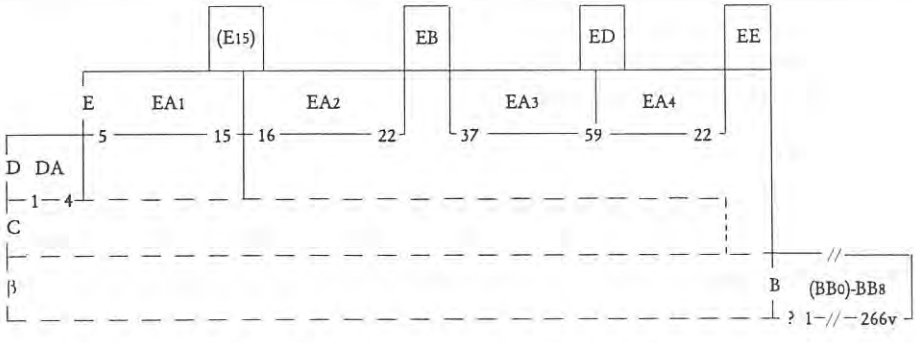


Figura 6.
Alinhamento dos elementos do autógrafo que encerram a última vontade expressa do autor, mas modificado por consideração dos níveis diferentes.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Enquanto DA se situa ao nível da primeira fase de transformação do impresso C, EA1, EA2, EA3 e EA4 ao nível da segunda, e (E5), EB, ED e EE (enquanto manuscritos pós-impresso mas também pré-impresso, na medida em que viriam a integrar um novo impresso, como já disse) ao nível da terceira, B ((BB0)-BB1-BB8) está ainda totalmente a nível de pré-impresso, o que quer dizer que existe um desnivelamento de cinco posições entre B e E (e, se considerássemos a existência de um impresso anterior a C, tal desnivelamento aumentaria em uma posição; mas atenhamo-nos aos materiais disponíveis). Se atendermos a tais diferenças, obteremos o mesmo alinhamento quanto ao relacionamento sintagmático dos elementos entre si, mas modificado em termos do nível a que pertencem.

O alinhamento dos fragmentos (E5), EB, ED e EE no nível mais elevado levanta, para já, alguns problemas: tratando-se de incisos de grande ou média dimensão, apresentam, por um lado, características de escrita que os colocariam a níveis de aperfeiçoamento mais baixo (correcções de primeiro jacto de escrita, incongruências linguísticas, oscilações e hesitações de vária ordem); mas, por outro lado, são incisos produzidos num momento pós-impresso, que, ou aduzem novos elementos ao impresso, ou modificam elementos que deste constavam, ou respondem a modificações entretanto neste introduzidas. Daí que, no que diz respeito a estes fragmentos, tenhamos uma situação ambígua: em termos de escrita, são elementos de baixo nível de aperfeiçoamento; mas, em termos narrativos, só poderiam aparecer ao nível mais elevado.

2. A TRADIÇÃO IMPRESSA D'*A CAPITAL!*

Tal como já disse, a tradição impressa d'*A Capital!* é constituída por sete testemunhos fundamentais: um impresso parcial (80 pp.), não publicado, datado de 1878; quatro pequenos fragmentos publicados na imprensa, um em 1881, dois em 1883, e um em 1900; uma edição completa, póstuma e muito adulterada, considerada como a edição vulgata do romance, publicada em 1925 sob a responsabilidade do filho do escritor, José Maria d'Eça de Queirós; e, finalmente, uma edição híbrida, parcialmente baseada no autógrafo e na edição vulgata, feita por Helena Cidade Moura e publicada em 1970, no Brasil.

Guerra da Cal [11] recenseia vinte reedições da versão de 1925, oito traduções do romance completo (quatro em espanhol, duas em alemão, e duas em italiano) e uma de um dos fragmentos de imprensa, em húngaro, e ainda uma adaptação teatral.

[11] Cfr. Guerra da Cal, *op. cit.*, pp. 379-383; *ibid.*, Tomo IV. «Addenda et corrigenda», pp. 66-67.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

2.1. *O impresso C de 1878.*

A tradição impressa d'*A Capital!* iniciou-se com o testemunho C que, como já foi dito, data de 1878. Trata-se de um conjunto de páginas impressas e paginadas, que o autor inutilizou ao introduzir-lhes alterações manuscritas com vista a uma reimpressão; três fragmentos deste testemunho, seguramente, e um outro, hipoteticamente, serviram de modelo a outras tantas pré-publicações fragmentárias do romance, datando de 1881 uma que não foi possível encontrar, duas de 1883, e uma de 1900; tais pré-publicações foram feitas em jornais e, ao que se crê, pelo menos no que respeita às de 1883, por iniciativa do editor que assim, e segundo alvitra Guerra da Cal [12], procuraria pressionar o autor a terminar o romance anunciado já em 1877 e sucessivamente adiado.

Com efeito, em carta datada de 5 de Outubro de 1877, Eça oferecera ao editor Mathieu Lugan o projecto de uma

> colecção de pequenos romances, não excedendo de 180 a 200 páginas, que fosse a pintura da vida contemporânea em Portugal: Lisboa, Porto, províncias, políticos, negociantes, fidalgos, jogadores, advogados, médicos, todas as classes, todos os costumes, entrariam nesta galeria.
>
> A coisa poderia chamar-se *Cenas da Vida Real*, ou qualquer outro título genérico mais pitoresco. Cada novela teria depois o seu título próprio [13].

O projecto parecia ter bases sólidas, porquanto em 13 de Junho do ano seguinte Eça informou o editor de que esperava enviar-lhe dentro de poucos dias o original da obra, mostrando-se preocupado com o crescimento do texto: das duzentas páginas planeadas (e que *grosso modo* corresponderiam ao testemunho A), parecia-lhe que viria a ter o dobro [14] — sendo possível que se estivesse a referir já à versão constante do testemunho β, (β1) + B.

Sabemos que a 23 do mesmo mês já fora feita uma primeira impressão do texto, mas Eça mostrou-se interessado em que o editor utilizasse um papel melhor, condição para lhe remeter «as folhas que aqui tenho, emendados alguns erros que se introduziram na primeira impressão» [15] — e aqui deparamos com uma cronologia intrigante: sendo relativamente difícil (ainda que possível) que em cerca de dez dias o autor terminasse o original,

12 Cfr. Guerra da Cal, *op. cit.*, p. 378.

13 Cfr. José Maria d' Eça de Queirós (filho), *op. cit.*, p. XI.

14 Cfr. Guerra da Cal, *op. cit.*, p. 370.

15 Cfr. Guilherme de Castilho, *Correspondência* de Eça de Queirós. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Biblioteca de Autores Portugueses, vol. 1, p. 157. Nota-se que tais «erros» poderiam ser acidentes gráficos impostos pelos hábitos do tipógrafo ou pelas normas da casa editora.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Data		*Fase genética*	
1877	5 de Outubro	Projecto da série	
		0	(Msα)-Ms0
		A	MsA
			(Msβ-Msβ1)
1878	23 de Junho		(Impα)
		C	ImpC
	4 de Agosto		(Msβ)-MsB
	12 de Outubro	B	MsB

Tabela 3.

Cronologia da génese do autógrafo até ficar completa (mas ainda não revista) a segunda versão (B).

o enviasse para a tipografia, e corrigisse as primeiras provas, sou levado a crer que o original referido a 13 não corresponderia às folhas impressas faladas a 23; assim, será de aventar a hipótese, se bem que com muitas ressalvas, de aquele original ser o manuscrito que constitui o testemunho B, que daria sequência ao testemunho impresso C, e concluir que *A Capital!* foi escrita e reescrita no espaço de um ano, dedicando-se o autor, depois disso, apenas à sua revisão — o que de resto foi confirmado pelo próprio, que disse a 28 do mesmo mês (na carta em que apresentou ao editor a lista dos títulos que comporiam a série)[16], que *A Capital!* «está arranjada», confirmando depois, a 4 de Agosto seguinte: «já escrevi "A Capital", cuja cópia vai muito adiantada e que lhe remeterei em breve, se Deus quiser»[17], e a 12 de Outubro: «tenho o manuscrito pronto até à última linha, mas preciso revê-lo com minuciosidade»[17]. Mas o facto é que a 7 de Fevereiro de 1880 a cópia ainda não estava pronta,[19] e um ano depois (20 de Fevereiro de 1881), Eça declarou: «interrompi a "Capital", estragando-a para sempre, creio eu, porque vejo agora que não poderei recuperar o fio de veia e de sentimento em que ela ia tratada»[20] — e pelos vistos era uma interrupção definitiva, claramente marcada na clivagem existente entre o impresso E e o manuscrito B.

Se eu tiver interpretado correctamente estas informações, teremos o cronograma referente à génese do texto entre as fases 0 e B, constante da tabela 3.

16 Cfr. José Maria d'Eça de Queirós (filho), *op. cit.*, p. XVII.
17 *Ibid.*, p. XIX.
18 *Ibid.*
19 *Ibid.*, p. XXXI.
20 Cfr. Guilherme de Castilho, *op. cit.*, 1, p. 186.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Foi por esta altura que Eça de Queirós começou a duvidar do romance: na mesma carta de 12 de Outubro, disse que as «folhas d'*A Capital* impressas, podem ficar por algum tempo armazenadas, esperando» [21], enquanto se dedicava à revisão d'*O Crime do Padre Amaro* (2.ª edição); a 10 de Novembro [22], hesitava entre decidir se queria ou não segundas provas — o que é significativo em Eça, se atendermos a que era seu hábito realizar o verdadeiro trabalho estilístico (e não só, como se vê em E, onde introduziu grandes e importantes elementos narrativos) a partir das provas; e a 28 de Novembro, em carta a Ramalho Ortigão, perguntava:

> Você leu o primeiro capítulo da "Capital"? Que lhe parece? A mim pareceu-me mau; e o resto do livro, Você verá, pior; é frio, é triste, é artificial; é um mosaico laborioso; [...] Sou uma besta: sinto o que devo fazer, mas não o sei fazer [23].

Entretanto, porém, o editor ia-se impacientando, e nos princípios de 1880 anunciava o próximo aparecimento do romance [24]; por seu lado, Eça ia-lhe dando esperanças, mas nunca lhe entregou B nem, pelos vistos, lhe devolveu, corrigidas, as segundas provas (D e E) — o que viria a provocar um desaguisado entre ambos.

2.2. *O fragmento de imprensa de 1881.*

Guerra da Cal [25], citando Castelo Branco Chaves, refere a existência de um fragmento do romance, publicado (como folhetim?) sob o título de «A Herança», no jornal «A Folha Nova» de 28 de Março, 30-31 de Maio, e 2 de Junho, de 1881 [26].

Segundo as indicações dadas por Castelo Branco Chaves e citadas por Guerra da Cal quanto ao conteúdo deste fragmento, deduzo que se ele fosse uma cópia do impresso de 1878, deveria corresponder aproximadamente às pp. 79-80 deste; porém, dado que o fragmento foi publicado em quatro números do jornal, deveria ser de dimensões muito maiores. Como o impresso de 1878 termina precisamente no momento seguinte àquele em que Artur Corvelo é informado acerca da herança que o padrinho lhe deixara, e como na lição do fragmento EE a exaltação vivida por Artur na sequência

[21] Cfr. José Maria d'Eça de Queirós (filho), *op. cit.*, p. XX.

[22] *Ibid.*, pp. XX-XXI.

[23] Cfr. Guilherme de Castilho, *op. cit.*, 1, pp. 174-75. Por aqui se justifica o facto de o fragmento E ter sido encontrado no espólio de Ramalho Ortigão, como informa José Maria d'Eça de Queirós (filho), *op. cit.*, p. VIII.

[24] Cfr. *Bibliografia Portuguesa e Estrangeira.* Porto: 2.º ano, n.º 1, p. 41. Referido por Guerra da Cal, *op. cit.*, p. 371.

[25] Cfr. Guerra da Cal, *op. cit.*, tomo IV. « Addenda et Corrigenda », pp. 67.

[26] Cfr. « A Folha Nova », Porto: n.º 5, 28 de Março; n.º 6, 30 de Maio; n.º 7, 31 de Maio; e n.º 9, 2 de Junho de 1881.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

de tal informação ocupa as folhas 12v-19 — logo, ultrapassando largamente as duas páginas referidas do impresso de 1878 —, sou levado a supor o seguinte: ou *a*) o fragmento de 1881 é uma cópia parcial do fragmento manuscrito EE, ou *b*) é-o da parte desaparecida, (β), do manuscrito B, que foi para a tipografia e serviu de modelo ao impresso de 1878, ou então *c*) o impresso de 1878 ia além das 80 páginas conhecidas.

Porém, como não foi possível, nem a Guerra da Cal nem a mim próprio, encontrar qualquer exemplar deste periódico, ficam apenas aqui esta referência e estas suposições, aguardando-se a eventualidade do achamento dos exemplares de «A Folha Nova» que contêm este misterioso fragmento d'*A Capital!*; entretanto, atribuo-lhe a etiqueta «[(ImpCC)]».

2.3. *Os fragmentos de imprensa de 1883 e 1900.*

O editor terá enviado para a imprensa dois extractos do impresso C — CA1 e CA2 —, correspondentes, respectivamente, às pp. 33 (l. 6) - 37 (l. 15), e pp. 45 (l. 5) - 48 (l. 28), que foram publicados no «Diario da Manhã» de 11 de Outubro de 1883 [27]; segundo nota de introdução a estes excertos, tratava-se de reprodução de matéria publicada na «Folha da Tarde», do Porto, que no entanto não me foi possível encontrar (este fragmento, modelo de CA1 e CA2, tem aqui a designação de [ImpCA]).

Um outro excerto — CB —, correspondente às pp. 48 (l. 3) - 52 (l. 9) de C, apareceu num número da revista «Brasil-Portugal», datado de 1 de Setembro de 1900 [28], que contém uma homenagem ao autor por ocasião da sua morte. Guerra da Cal admite a hipótese de este fragmento ter sido enviado pelo próprio autor [29], uma vez que este prometera, em carta ao director da revista, datada de Janeiro de 1900, enviar colaboração, «algum leve artigo de fantasia ou de crítica» [30]; porém, não é de crer que assim fosse: tanto CA1 e CA2, como CB, são reproduções quase exactas de C (as variantes recenseáveis resumem-se praticamente a pequenas divergências de ordem gráfica, facilmente imputáveis ao tipógrafo); logo, como explicar *a*), que Eça enviasse para publicação, em 1900, um extracto de um romance virtual que abandonara há nove anos, e *b*) que, mesmo que o tivesse feito, enviasse um fragmento inalterado do impresso de 1878, sem lhe ter introduzido a grande quantidade de correcções e acrescentos que entretanto havia produzido? A hipótese mais provável é que Eça não tenha sido visto

[27] Cfr. «Diario da Manhã», 11 de Outubro de 1883, Lisboa: 9.º ano, n.º 3148, pp. 1-2.
[28] Cfr. «Brasil-Portugal», revista quinzenal ilustrada, 1 de Setembro de 1900, Lisboa: ano II, n.º 39, p. 227.
[29] Cfr. Guerra da Cal, *ibid.*, p. 378.
[30] Cfr. Guilherme de Castilho, *op. cit.*, 2, p. 524.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

nem achado em tal iniciativa, que terá pertencido, como as outras, ao editor: o director de «Brasil-Portugal» ter-se-á limitado a incluir, aproveitando o rescaldo da morte do escritor, um fragmento d'*A Capital!* — um romance tão esperado e sempre adiado, e por isso de grande interesse jornalístico — que teria em arquivo, e que o editor oportunamente lhe teria enviado.

Uma vez registados e descritos, estes testemunhos deixam de ser considerados aqui, uma vez que não têm interesse nem para o estudo genético da obra (pelo que fica dito, não é de crer que as pequenas variantes que apresentam relativamente a ImpC tenham sido da responsabilidade do autor), nem para efeitos de edição crítica (mesmo que tais variantes fossem significativas e avalizadas pelo autor, o testemunho que lhes serviu de base foi, posteriormente, alterado e substituído por ele).

2.4. *A edição vulgata de 1925.*

Quando a viúva de Eça de Queirós regressou a Portugal com os filhos, trouxe também o baú metálico em que se guardava o espólio do escritor. Mercê de várias circunstâncias, este baú permaneceu fechado cerca de 24 anos, até que foi anunciado com sensacionalismo, na imprensa portuguesa, o achamento de «um caixote esquecido» com manuscritos inéditos do escritor [31].

E assim se iniciou o calvário das obras póstumas: o filho mais velho do escritor, José Maria, chamou a si, e em colaboração com seu irmão Alberto, a «tarefa monumental de ordenar, coordenar, numerar, ler — poderia dizer decifrar — as duas mil e tantas páginas manuscritas da obra póstuma que agora damos a público», a que se vieram juntar, entre outros materiais, «uma segunda forma da *Capital*, com cerca de cem páginas impressas, corrigidas, refundidas, aumentadas, com longas tiras coladas às páginas, cobertas de emendas e acrescentos a lápis» [32], enviadas do Brasil pelo filho de Ramalho Ortigão que as encontrara entre o espólio do pai; tratava-se do impresso E, não com 100 mas com 80 páginas impressas — a não ser que se tratasse realmente de 100 páginas, e que as que faltam (pp. 81-100) no espólio tenham sido enviadas para publicação, dando assim origem ao fragmento de imprensa de 1881, publicado na inencontrável «Folha Nova»; mas existem pelo menos três objecções a tal hipótese: *prima*, como explicar que tais folhas faltem nos dois exemplares do impresso (D e E), para mais

31 Cfr. A. Campos Matos (org. e coord.), *Dicionário de Eça de Queirós*, Lisboa: Editorial Caminho, 1988, p. 535.
32 Cfr. José Maria d'Eça de Queirós (filho), *op. cit.*, pp. VII-VIII.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

acontecendo que eles não são concordes no que respeita às restantes folhas faltosas em cada um deles?; *secunda*, se tais folhas tivessem existido e desaparecido até 1881, como teria José Maria d'Eça de Queirós tido conhecimento delas em 1924?; *tertia*, o texto que o filho do escritor transcreve na sequência do do impresso, é o do fragmento manuscrito EE (com as alterações típicas do seu trabalho editorial), não sendo provável que ele adoptasse um texto manuscrito contra um impresso — *a não ser que este tivesse sido substituído por aquele*, pelo que teríamos uma situação idêntica à do fragmento de imprensa de 1900. Porém, uma coisa é certa: essas hipotéticas folhas não estão disponíveis nem como tais, nem em eventuais reproduções de imprensa, pelo que não vale a pena pensar mais nelas.

Considerando como incontestável que tais materiais — sobretudo os d'*A Capital!*, d'*A Tragédia da Rua das Flores* e d'*O Conde d'Abranhos* — «eram destinados á publicidade» [33], José Maria d'Eça de Queirós avançou com a respectiva edição, sendo responsável pela publicação de *A Capital* (sem *!*), *O Conde d'Abranhos* (...), *Alves & C.ª* (todos de 1925), *O Egipto, Notas de Viagem* (1926) e *Cartas Inéditas de Fradique Mendes e mais Páginas Esquecidas* (1929, este duplamente póstumo, já que José Maria morreu em 1928).

No que diz respeito a *A Capital*, trata-se de um autêntico desastre ecdótico: sendo um romance virtual, constituído por materiais de níveis de perfeiçoamento estilístico e narrativo muito diferentes (como já foi apontado), o editor sobre eles exerceu um trabalho de predação para construir uma obra «acabada», ou seja, uma *outra* obra, que seria perfeitamente aceitável se tivesse vindo a lume como fruto de co-autoria «Eça de Queirós, Pai e Filho» e não, como veio, enquanto obra queirosiana de pleno direito: com efeito, a edição de 1925 partiu dos autógrafos deixados pelo escritor, mas transformou-os de tal maneira que quase os tornou irreconhecíveis. Tão grande é o número de variantes introduzidas pelo editor (cerca de quinze mil), que recenseá-las em aparato a uma edição crítica é praticamente inadequado, porquanto são raras as frases em que não haja diferenças entre o que está no autógrafo e o que se pode ler na edição.

Vejamos um pouco como as coisas se passaram.

Com o fito exclusivo de arrancar uma «obra acabada» da amálgama de fragmentos desnivelados por mim já apresentada, o editor optou pelo *nivelamento*, ou seja, «aperfeiçoou» a escrita dos fragmentos deixados pelo autor a um nível bastante primário de tratamento estilístico (elevando-lhes o nível) e, ao mesmo tempo, retirou deles tudo aquilo que tinham de novo

[33] *Ibid.*, p. x.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

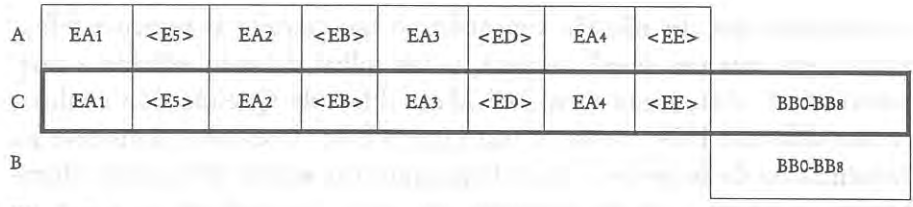


Figura 7.
Comportamento nivelador do editor de 1925, com vista a obter um texto consequente.

e que não tinha continuidade nos fragmentos seguintes (baixando-lhes o nível); é o que se pode ver na figura 7, em que o alinhamento C, marcado por traço negro, representa o que foi adoptado pelo editor, e que resultou de uma justaposição dos materiais alinhados em A (ImpE) aos dos alinhados em B (MsB), sem solução de continuidade nem qualquer tipo de indicação de que se trata de materiais de níveis bastante diferentes.

Porém, as transformações introduzidas no texto por José Maria d'Eça de Queirós tocam muito fundo: a sua política editorial não se limitou a nivelar a narrativa em termos de adequação da história entre as duas grandes partes que constituem a versão mais recente do autógrafo (E e B), mas investiu consideravelmente na área estilística e ideológica, ora «corrigindo» passagens que entendeu serem imperfeitas, ora amenizando referências do autor que poderiam, eventualmente, «incomodar o leitor».

Vejamos alguns exemplos de situações deste tipo (as duas versões devem ser lidas em paralelo; para comodidade de leitura, é modernizada a ortografia, mas não a pontuação, do texto dos dois testemunhos, comportamento que é adoptado nos exemplos subsequentes):

1) EA1, pp. 11-12

Artur deu ainda um olhar aos *rails* que iam assim, continuamente, paralelos e luzidios, até Lisboa – e ia atravessar para o outro lado da estação onde o esperava o *char-à-bancs* de Oliveira de Azeméis, quando viu, um sobrescrito caído na plataforma, no lugar sobre que ela se debruçara. Apanhou-o vivamente, leu:

Exm.ª Snr.ª Baronesa de Pedralva
Hotel Francfort
Porto

1925, p. 11

Artur deu ainda um olhar aos *rails* que iam assim, continuamente, paralelos e luzidios, até Lisboa e atravessou para o outro lado da estação onde o esperava o *char-à-bancs* de Oliveira de Azeméis.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Então imaginou logo que ela o deixara cair, para lhe dar com o seu nome a certeza da sua simpatia: e entreviu, num relance uma correspondência romanesca trocada entre eles, mais tarde um encontro em Lisboa, ou em Sintra, e um grande amor à Rafael, todo cheio de glórias e martírios... — E estava tão perturbado que o Manuel cocheiro teve de lhe perguntar duas vezes «se o padrinhinho não aparecera».

— Não veio. Vamos lá, vamos lá!...

Atirou-se para um canto do *char-à-bancs*. Sentia bem uma carta dentro do sobrescrito mas queria lê-la, só no seu quarto em Oliveira onde o mesmo ar estava repassado de sonhos e desejos de amor. E enquanto o carro rolava surdamente na estrada já escura, Artur, olhando pela vidraça aberta, uma claridade terna de luar que aparecia por cima da linha negra dos pinheiros, recitava versos de Hugo, afogado numa melancolia deliciosa

Estava tão pensativo, que o Manuel cocheiro teve de lhe perguntar duas vezes «se o padrinhozinho não apparecera».

— Não veio. Vamos lá, vamos lá!

Atirou-se para um canto do *char-à-bancs*, e enquanto o carro rolava surdamente na estrada já escura, Artur, fitando pela vidraça aberta uma claridade terna de luar que aparecia por cima da linha negra dos pinheirais, recitava versos de Hugo, sufocado duma melancolia deliciosa

Nesta passagem, a intervenção do editor verificou-se tanto ao nível narrativo como ao nível estilístico: ao primeiro nível, eliminou o episódio do encontro da carta, que Artur atribuiu a um gesto voluntário e de finalidade fática da parte da senhora que vira à janela do comboio; como seria através desta carta que Artur viria a atribuir o nome de «Clara» à dita senhora, o editor apagou a partir daqui todas as citações daquele nome, facto que o obrigou a substituí-lo por perífrases do tipo «senhora de vestido de xadrez» (de resto, expressão também utilizada pelo autor para a referir). A eliminação deste episódio teve, naturalmente, implicações semânticas e estilísticas imediatas, como é o caso da substituição da forma verbal «perturbado» por

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

«pensativo», que resulta da mudança da focalização, por parte do narrador, do estado de espírito de Artur, na sequência do encontro da carta que o fazia antever um romance com a senhora do comboio (e por isso ficara «perturbado»), para o estado de espírito dele ao pensar como os carris da linha férrea seguiam, sem interrupção, até Lisboa (o que o tornara, na versão de 1925, «pensativo»).

Ao segundo nível, temos intervenções não só no âmbito da modalidade *verbal* (por exemplo, «ia atravessar» é substituído por «atravessou»), como também no que diz respeito a elementos que designam quer o modo *como a personagem reagia aos estímulos exteriores* (Artur deixou de «olhar» o luar para passar a «fitá-lo», do mesmo modo que a melancolia com que recitava os versos de Victor Hugo deixou de o «afogar» para o «sufocar»), quer a *objectividade dos objectos circundantes* («pinheiros» substituídos por «pinheirais»), quer ainda os *traços afectivos da linguagem espontânea* (como se pode ver na alteração do diminutivo «padrinhinho» [padrinho + inho], lição do manuscrito, com elisão da vogal final do primeiro formante, para «padrinhozinho», em que os dois formantes continuam identificáveis).

Neste exemplo, temos aquilo a que se poderia chamar um «abaixamento de nível» de A para C (cfr. fig. 7), sobretudo no que respeita à eliminação, no nível A, de um elemento narrativo inexistente no nível B: o episódio da carta foi introduzido no impresso EA1, que, como já demonstrei, é posterior ao manuscrito «B»; ao pretender utilizar este como continuação daquele, o editor preferiu eliminar, onde as havia, referências a acções não continuadas, em vez de as acrescentar onde elas faltavam, para assegurar uma continuação; este comportamento, se considerarmos a estratégia que o determinou (ou seja, tornar «legível» um texto que dificilmente o seria tal como o autor o deixou, postas de parte quaisquer intenções de edição crítica do tipo da que agora apresento), é correcto: o editor eliminou incongruências mas não preencheu lacunas.

2) BB7, ff. 234v-35

Então sentiu o desejo de se entristecer também, de se misturar ao arrependimento da cidade, de receber de perto as emanações expiatórias dos andores, e das tochas. Enfiou um paletot à pressa, calçou os botins — e quase correndo, foi postar-se à esquina, penetran-

1925, pp. 527-28

Então sentiu o desejo de se entristecer também, de se misturar ao arrependimento da cidade, de receber de perto as emanações expiatórias dos andores e das tochas. Enfiou à pressa um paletot, calçou os botins, e quase correndo, foi postar-se à esquina, penetran-

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

do, nas massas, de gente.
O pálio roxo passava, entre lâmpadas erguidas altas; debaixo um grupo, onde reluziam oiros de capas, e branquejavam sobrepelizes, adiantava-se, com pompa, entre um fumo leve de incensos. E os compassos da marcha, espalhavam, na tarde triste, sobre as cabeças nuas curvadas, da populaça ajoelhada. Artur, dobrado, penetrado dum vago terror, sentindo passar alguma cousa de Deus, pediu na sua alma, seguindo com os olhos o Cristo crucificado — que a tia Sabina não morresse. E então, a figura dum irmão, que marchava, dum modo austero e solene, ao pé do pálio com a sua tocha erguida, atraiu-o, instintivamente: e como o irmão voltou a face, para a gente ajoelhada Artur boquiaberto reconheceu o Videirinha!

do na massa de gente. O pálio roxo passava entre lâmpadas erguidas alto; debaixo, um grupo, onde reluziam ouros de capas e branquejavam sobrepelizes, adiantava-se com pompa entre um fumo leve de incenso; os compassos funerários da marcha espalhavam-se na tarde triste, sobre as cabeças curvadas da população ajoelhada.

E Artur, dobrado, penerado dum vago terror, sentintindo passar alguma cousa de Deus, pediu do fundo da sua alma, seguindo com os olhos o Cristo crucificado, que a tia Sabina não morresse!

Neste trecho, integrante do episódio da procissão de Quarta-Feira-de-Cinzas (a que Artur assistia depois de uma noite de orgia canalha, tocado de remorsos por não ter partido para ver a tia Sabina, que morria em Oliveira de Azeméis), as variantes são quase todas de foro estilístico, abrangendo desde a pontuação, como é característico, até à utilização do adjectivo (classe morfológica de grande peso na estilística queirosiana, saliente-se): vemos, por exemplo, o adjectivo de «erguidas altas» transformado em advérbio na variante não autógrafa «erguidas alto», enquanto «cabeças nuas, curvadas» foi reduzido para «cabeças curvadas» (fenómenos de desadjectivação), e, em sentido contrário (adjectivação), foi introduzido o adjectivo «funerários» em «os compassos da marcha»; a intervenção do editor passou ainda por inversões gratuitas a nível sintáctico («Enfiou um paletot à pressa» transformou-se em «Enfiou à pressa um paletot»), e por reforços da acção que, naturalmente, têm também implicações sintácticas: «pediu na sua alma» foi transcrito por «pediu do fundo da sua alma». Outro tipo de intervenção consis-

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

tiu em corrigir falhas evidentes do manuscrito, como é o caso da restituição do pronome «se» de objecto directo na forma «espalhavam», indispensável para a gramaticalidade da frase em que ocorre: «os compassos funerários da marcha espalhavam<-se> na tarde triste.»

Porém, o editor foi ainda mais longe: eliminou um elemento narrativo de grande importância, ou seja, a referência a Videirinha – que mantinha uma espanhola, com quem gastava o dinheiro que faltava à mulher e filhos, facto que motivou, no romance, um episódio de grande força em termos de crítica de costumes (a mulher que mendiga ao marido, que é católico fervoroso e sustenta uma meretriz, dinheiro para alimentar os filhos), passado precisamente na manhã do mesmo dia – enquanto «irmão» integrado na procissão de penitência, gesto que só poderá ser explicado por imposições de ordem social estranhas ao universo do texto.

Outros exemplos:

3)	EB, fl. 2 Sabina apressou-se para a cozinha; a Cristinina muito animada, levou a chapeleira, o *paletot*; e o Albuquerquezinho, ia baralhando, sossegadamente, as suas cartas.	1925, p. 43 Sabina apressou-se a ir para a cozinha enquanto o Albuquerquezinho, muito sério, ia baralhando sossegadamente as suas cartas.
4)	EA4, p. 69 Junte a isto (para Portugal) as influências hereditárias duma sífilis genérica, e explica muita cousa do país.	1925, p. 113 Junte a isso (para Portugal) as influências hereditárias duma avaria genérica, e explica muita cousa do país.
5)	BB4, fl. 102 — Mas quem é a Concha? Melchior, encolheu os ombros, com impaciência, como se Artur lhe tivesse perguntado quem era Jesus Cristo.	1925, p. 335 — Mas quem é a Concha? Melchior encolheu os ombros com impaciência, como se Artur lhe tivesse perguntado quem era Pio IX.
6)	BB8, fls. 260-260v o torrão negro acumulava-se a um lado; e a enxada cortava mão-cheias de erva, que ficavam caídas, com os raminhos misturados ao torrão, caídos, mortos também.	1925, p. 565 a terra negra acumulava-se a um lado e a enxada arrancava mãos-cheias de ervas, que ali ficavam, com as raízes ainda presas ao torrão, caídas, mortas também.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Era, naturalmente (passe a ironia), a variantes deste tipo que o editor se referia quando escreveu:

> Todos estes manuscritos me passaram pela mão: decifrei-os, li-os, copiei-os, apresento-os hoje ao público, textualmente, com pouco mais do que uma leve revisão de pontos e vírgulas, alguma repetição eliminada, um ou outro corte, aqui e além [34],

para depois acrescentar, à laia de justificação do facto de ter eliminado uma personagem – a Cristininha –, em nome da necessidade de «conservar à obra o seu todo harmónico» (e com efeito, esta personagem é posterior ao impresso, aparecendo no fragmento EB e desaparecendo no fim de EE, não se continuando em B por ser este fragmento, como já vimos, anterior ao impresso), ter-se decidido «não sem melancolia, a eliminar a figura encantadora e incompleta do novo personagem»[35] – só que eliminar esta personagem (facto confessado) mas pôr-lhe as falas na boca da velha Sabina (facto escamoteado) é mais do que «um ou outro corte» e muito mais do que «uma leve revisão de pontos e vírgulas»:

7)

EB, fl. 3v	1925, p. 46
E Ricardina, abaixando a voz: – Vai Cristininha, vai- -lhe mostrar o quarto tu que tens pernas... – Por aqui, primo Artur. – E com um riso muito cantado e simpático: – Que tonteria, ia para a cozinha! Olha a tolice.	E Ricardina baixando a voz: – Vá, mana Sabina, vá-lhe mostrar o quarto, já que tem pernas. – Por aqui, menino, por aqui – disse logo Sabina, levantando-se.
Artur, atarantado, seguiu-a pela escada íngreme. Ela subia devagar, apanhando um pouco ao lado o vestido de barege negro: as suas mãos pareciam grossas e ásperas a Artur que, ansiava as mãozinhas pálidas, moldadas só para acariciar: toda ela era pequenina e gorda; tinha pelos ombros uma manta de lã negra; o seu andar pesado que pisava fortemente os soalhos	Artur, atarantado, seguiu- -a pela escada íngreme, mas

[34] *Ibid.*, p. XXI.
[35] *Ibid.*, pp. XXVIII-XXIX.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

era para ele como a evidência desagradável da sua natureza prosaica e material: só lhe admira os cabelos, duros, rebeldes, enchendo a larga rede duma rica massa lustrosa. Tinham chegado ao corredor, e Artur parou espantado, vendo à porta, postado, de arma ao ombro, um soldado de papel, em tamanho natural, colado a uma tábua que fora recortada pelo contorno da figura.

– Que é isto?

— É o quarto do Albuquerquezinho, é a sentinela, disse ela, com um sorriso onde brilhava o esmalte dos dentes bonitos.

quando chegou ao corredor, parou espantado, vendo a uma porta, postado, de arma ao ombro, um soldado de papel em tamanho natural, colado a uma tábua que fora recortada pelos contornos da figura.

— Que é isto?

— É o quarto do Albuquerquezinho, é a sentinela — disse Sabininha com um sorriso enternecido.

A partir destes exemplos, pode avaliar-se o tipo de intervenção que o editor se permitiu sobre o texto do autor: se, por um lado, eliminou passagens, teve o cuidado de adaptar o texto de modo a que as eliminações não fossem apercebidas (exemplos 3 e 7); por outro lado, quando procedeu a substituições, preocupou-se em moldar, sempre que possível, o substituto ao substituído (a «Cristininha» é substituída, no último diálogo de 7, por «Sabininha», conservação do diminutivo familiar, e «sífilis genérica» por «avaria genérica», conservação do género, exemplo 4), embora por vezes, e por razões estilísticas que parecem gratuitas (na realidade, repita-se, se nos abstivermos do que entendemos dever ser o comportamento do editor face ao texto que edita, a eliminação de «Cristininha» é justificável uma vez que não tem continuidade num texto que se pretende apresentar como unitário), tal preocupação seja levada longe de mais — que é o caso da substituição de «raminhos» por «raízes», que acarretou profundas alterações semânticas, no exemplo 6).

A arquitectura da edição de 1925 é, porém, correcta, pelo menos tanto quanto pode ser a arquitectura de uma edição niveladora e unitária de uma obra desnivelada e fragmentária, para mais feita sem outro critério que não seja o da «correcção»: com efeito, ao manusear o autógrafo, o editor apercebeu-se de dois aspectos fundamentais: *a*), globalmente, existe um encadeamento narrativo entre todos os fragmentos que acusam a última vontade expressa pelo autor (em ImpE); mas, *b*) existe uma clivagem acentuada no nível de aperfeiçoamento estilístico e narrativo entre o fragmento impresso

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

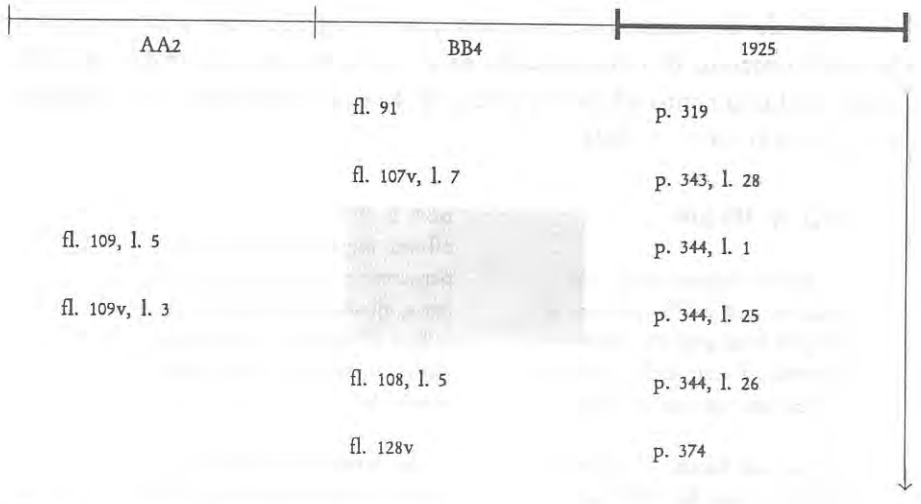


Figura 8.
Exemplo de contaminação entre os testemunhos AA2 e BB4 na edição de 1925.

e suas correcções, E, e o fragmento manuscrito que o continua, B, pelo que dividiu a sua edição em duas partes:

> a primeira é formada daquelas 80 páginas impressas, elevadas pelas emendas a cerca de 200. A segunda parte é de novo a forma primitiva, mas recopiada [36];

porém, nada na sua edição nos diz onde acaba uma e começa a outra, nem muito menos é dada qualquer informação acerca dos vários fragmentos utilizados e das respectivas relações.

Além disso, o editor procedeu a uma hibridação, pontual mas efectiva, entre o testemunho B e o testemunho A, seleccionando deste passagens que, inexplicadamente, substituiu a passagens daquele: é o que se pode verificar, sem que se trate de exemplo único (os restantes são pequenas passagens, como frases ou nomes próprios), no capítulo VI, onde seguiu mais ou menos fielmente o texto de BB4 até à folha 107v, linha 7, substituiu em seguida o texto de BB4 até à linha 4 da folha 108 pelo texto de AA2 entre a linha 5 da folha 109 e a linha 3 da folha 109v, retomando finalmente o texto de BB4 na linha 5 da folha 108, seguindo o encadeamento esquematizado na figura 8.

[36] *Ibid.*, pp. XXVIII-XXIX.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

A título de curiosidade, vejamos qual o conteúdo dos textos envolvidos neste processo de contaminação entre testemunhos diferentes; na transcrição, o alinhamento adoptado pelo editor segue o percurso |1-...-2| (BB4), |2-...-3| (AA2), |3-...-4| (BB4):

AA2, ff. 109-109v

Ficou entusiasmado: respondeu, que estaria pronto. E foi pôr uma gravata, mais elegante, desceu meio à pressa a comprar um par de luvas,

|2-|

entrava no Hotel, — quando o guarda-portão lhe disse mostrando um rapaz, de chapéu baixo, um buço, que esperava encostado à ombreira:

— Um recado para V. Ex.ª

O rapaz aproximou-se, e com uma voz cautelosa:

— V. Ex.ª é que é o Snr. Artur Corvelo.

— Sou.

O rapaz hesitou.

— Não há engano.

— Não, homem, não.

— Tem a bondade de me dar uma palavra: — Levou-o para a rua, quase até defronte do Carmo, e tirando do bolso um bilhete:

— Vem lá dos amigos.

Artur leu, ao candeeiro do gás:

« — Camarada. Hoje é a instalação do Club na casa nova. Matias preside. Venha encontrar-me matematicamente às 9 menos um quarto, à esquina do teatro de D. Maria, do lado ocidental. Não lhe digo que seja exacto — porque seria ofender os seus sentimentos de patriota. Queime este bilhete ».

BB4, p. 344

olhava vagamente as vitrines pensando no presente que lhe daria, quando ela, desinteressada e amorosa, — recusasse dinheiro, só lhe pedisse fidelidade. |-1|

Ia dobrar a esquina da rua do Carmo, quando deu de face, com o Nazareno: teve uma contrariedade vaga, apertou-lhe molemente a mão.

— Estimo encontrá-lo, disse o outro.

E acrescentou, que estivera fora uns dias — voltara, na véspera à noite: tinha falado ao Matias — e estava decidido, que o amigo Corvelo seria recebido no Club: as obras da sala estavam acabadas, tinha-se posto nessa manhã o estrado para a presidência, e à noite, era a primeira reunião.

Artur, não se atreveu a dizer, « que estava comprometido »; balbuciou, desolado:

— Ah, bem, bem!...

— O amigo vai-me encontrar, ao Martinho às oito e meia. Não lhe recomendo que seja exacto — porque seria ofendê-lo. O Matias está com vontade de o conhecer. Às oito e meia. Vai tudo.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Faz favor de dar recibo, disse o rapaz.

Artur deu-lhe o seu cartão de visita.

O rapazola, levou a mão ao coco, e disse dum modo, grave, que impressionou Artur:

— Saúde e fraternidade.

Artur entrou no Hotel |-2| Artur subiu o Chiado, |3-| desolado: que havia de fazer? E no quarto, com os braços cruzados hesitava entre as solicitações da orgia, — e o apelo da Democracia. profundamente contrariado. Era tarde para avisar o Melchior... E todavia não era possível faltar ao Nazareno, ao Matias. |-4|

Ao proceder a esta contaminação entre testemunhos diferentes, o editor teve que fazer algumas adaptações textuais, dando-nos a seguinte versão (1925):

olhava vagamente as *vitrines,* pensando no presente que lhe daria, quando ela, desinteressada e amorosa, recusasse dinheiro e só lhe pedisse fidelidade.

À tarde, quando voltou ao Hotel, o guarda-portão mostrou-lhe um rapaz de buço, com um chapéu de côco, que o esperava encostado à ombreira:

— Um recado para V. Ex.ª

O rapaz aproximou-se e com voz cautelosa:

— V. Ex.ª é que é o snr. Artur Corvelo?

— Sou.

— Não há engano?

— Não, homem, não!

— Tem a bondade de me dar uma palavra. — Levou-o para a rua, quase até defronte do Casino e tirando do bolso um bilhete: — Vem lá dos amigos...

Artur leu à luz dum candeeiro de gás:

« Camarada. Hoje é a instalação do Club na casa nova. Matias preside. Venha-se encontrar matematicamente às 8 horas menos um quarto, à esquina do teatro D. Maria, do lado ocidental. Não lhe digo que seja exacto, pois que seria ofender os seus sentimentos de patriota. *Queime este bilhete.* »

— Faz favor de dar recibo — disse o rapaz.

Artur deu-lhe o seu cartão de visita e o rapaz, levando a mão ao côco, disse com um voz surda, grave, que impressionou Artur:

— Saúde e fraternidade!

Artur entrou no Hotel profundamente contrariado. Era tarde para avisar o Melchior, e todavia não podia faltar ao Nazareno, ao Matias.

Exceptuando-se os casos de contaminação deste tipo, em que o editor procurou adoptar, em cada lugar, a lição que lhe pareceu a melhor, é relativamente fácil reconstituir a arquitectura desta edição, tal como se pode ver na tabela 4, que completa a figura 7.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Resumindo. Globalmente entendida, a edição de 1925 deve ser considerada como uma contrafacção, na medida em que veicula como se fossem autógrafas lições que o não são. Porém, e como já foi referido, o autógrafo da Biblioteca Nacional não está completo, por entretanto se terem perdido fragmentos — como acontece com a parte inicial dos fragmentos AB, B (ou seja, BB0), com parte dos incisos feitos nas folhas colaterais da p. 15, lado direito, do fragmento EA1 (uma lacuna), e da p. 16, lado esquerdo, do fragmento EA2 (duas lacunas), e com o fragmento (E5).

As lacunas de AB e de EA1, e uma de EA2, são posteriores à edição de 1925, porquanto nela encontramos os respectivos textos: o texto lacunar de BB0 vem transcrito entre as pp. 152, l. 22, e 169, l. 27, o de EA1 encontra-se na p. 21, ls. 5-8, o do fragmento (E5) entre as pp. 21, l. 18, e 22, l. 17, e a segunda lacuna de EA2 (cfr. fig. 5, 3) na p. 24, ls. 1-9; por seu lado, a primeira lacuna de EA2 (cfr. fig. 5, 2) não consta aqui (entraria entre as ls. 22 e 23 da p. 23), embora se possa admitir a hipótese de o respectivo texto ainda existir no autógrafo aquando da feitura da edição vulgata (veja-se o que a este respeito já disse, mais atrás).

Autógrafo		*Edição 1925*	
(Fragmentos)			Capítulo
EA1	pp. 5-15	pp. 1-21	I
<(5)>	ff. ?-?	pp. 21-22	
EA2	pp. 16-22	pp. 22-41	
<EB>	ff. 1-15v	pp. 41-65	
EA3	pp. 37-52	pp. 66-88	
	pp. 53-59	pp. 89-95	II
<ED>	ff. 1-7	pp. 95-100	
EA4	pp. 59-70	pp. 100-14	
<EE>	ff. 1-19	pp. 114-46	
	ff. 19-22	pp. 147-52	
(BB0)	ff. ?-?	pp. 152-69	<III>
BB1	ff. 1-28	pp. 169-219	
BB2	ff. 29-56v	pp. 220-67	IV
BB3	ff. 57-90v	pp. 268-318	V
BB4	ff. 91-107v	pp. 319-43	VI
AA2	ff. 109-109v	p. 344	
BB4	ff. 108-128v	pp. 344-74	
BB5	ff. 129-162v	pp. 375-424	VII
BB6	ff. 163-201	pp. 425-78	VIII
BB7	ff. 202-247v	pp. 479-546	IX
BB8	ff. 248-266v	pp. 547-73	X

Tabela 4.

Arquitectura da edição de 1925.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

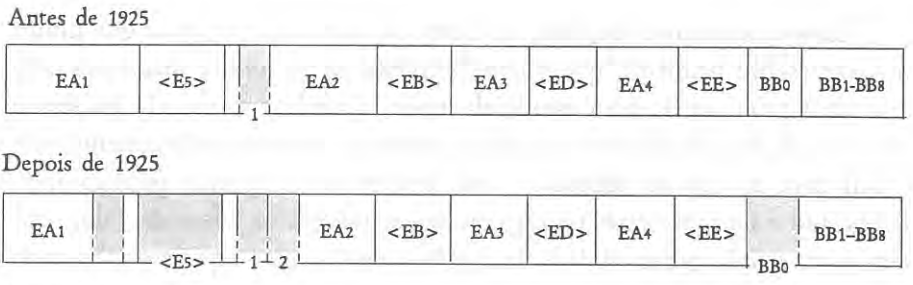


Figura 9.
Estado das lacunas textuais antes e depois da edição de 1925.

Assim, e apesar de todos os seus defeitos e irregularidades, a edição de 1925 constitui, ironicamente, uma peça indispensável para a fixação do texto do romance, na medida em que é o único testemunho que veicula partes de texto perdido, pelo que será possível estabelecermos na figura 9 a cronologia das lacunas tendo como referência a edição de 1925.

Ou seja, mesmo considerando-se *A Capital!* como um romance virtual, se como tal o quisermos editar seremos forçados a colmatar os lugares em que o autógrafo está lacunado recorrendo à edição de 1925 – como de resto o fez a editora de 1970 – enquanto sede das únicas lições de tais lugares actualmente disponíveis; a fazê-lo, no entanto, terá que se indicar os limites de tais lições, já que é natural, a avaliar-se pelo que conhecemos do comportamento habitual do seu editor, que também aqui ele tenha manipulado indevidamente o texto.

A atitude condenatória perante esta edição não é de agora: já quando se anunciou (1924) e se iniciou a publicação dos póstumos de Eça de Queirós (1925), várias vozes se levantaram contra tal iniciativa, sendo de salientar a de Eugénio de Castro que, ao comentar as hesitações e por fim a decisão de José Maria d'Eça de Queirós, alvitrou que ela teria por justificação possível o facto de que «a crítica, para determinar exacta e cabalmente o valor duma obra de arte, precisa de saber onde, quando e como essa obra foi feita», rebatendo em seguida tal justificação afirmando que «as obras de arte não são feitas para dar que fazer aos críticos, mas, sim, para edificação e deleite de almas delicadas», e que «devemos lembrar-nos de que uma bela página em verso ou prosa vale pelo que é e não pelo trabalho que custou a escrever, sendo por isso indiferente ao leitor que ela tenha sido escrita em dez minutos ou em dez semanas»[37].

[37] Cfr. Eugénio de Castro, «Os livros póstumos de Eça de Queirós», in *Cartas de Torna-viagem*, vol. 1, Lisboa - Porto - Coimbra - Rio de Janeiro: Lumen, Empresa Internacional Editora, 1926, pp. 282-83.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Inadvertidamente, Eugénio de Castro toca em dois aspectos que muito me interessam: primeiro, que o conhecimento de uma obra inacabada pelo seu autor pode servir para estudo do onde, quando e como ela foi sendo feita, isto é, do seu processo genético; segundo, que tal conhecimento não é útil para as «almas delicadas», que poderá ser o grande público indiferenciado e sem interesses filológicos. Se excluirmos os juízos de valor, que têm a ver com a personalidade de Eugénio de Castro — que era sobretudo um criador —, e com a época em que viveu, teremos que aceitar as posições que ele defende.

No entanto, o interesse pelo processo genético das obras literárias não é de agora. Na verdade, Edgar Allan Poe, poeta que Eça de Queirós muito admirava[38], desejou, um dia, um texto que fosse escrito por «um autor que quisesse, melhor dizendo pudesse, contar passo a passo o caminho que trilhou até alcançar o seu objectivo», possibilitando assim ao público

> dar uma espreitadela aos seus bastidores, a contemplar de perto os laboriosos e indecisos embriões do seu pensamento, a decisão tomada no último instante [...] —, numa palavra, as engrenagens e as cadeias, as habilidades para fazer mudanças de cenário, as escadas e os alçapões — os enfeites, o vermelho, as garatujas e todo o disfarce que em noventa e nove por cento dos casos constituem apanágio e o mais característico da *história literária*[39].

Tal texto e, no caso específico d'*A Capital!*, tais autógrafos, poderiam incomodar as «almas delicadas», amarfanhar «a vaidade dos autores»[40], e avariar na obra «o seu todo harmónico»[41], pelo que José Maria d'Eça de Queirós — que, se leu Poe, não terá concordado com ele —, em vez de escancarar ao público os desarrumados bastidores paternos, deu-lhes uma limpeza, arrumou-os, e depois organizou uma espécie de visita guiada (a sua edição e a introdução que lhe fez), do tipo daquelas em que o guia, pressuroso («muito admirador do seu director-geral»[42]), manda os visitantes olharem para um lado — «apresento-os hoje ao público, textualmente, com pouco mais do que uma leve revisão de pontos e vírgulas», diz ele[43] — quando no outro existe um monte de «lixo» — «decidi-me, não sem melancolia, a eli-

38 Cfr. João Gaspar Simões, *Vida e Obra de Eça de Queirós*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1980 (3.ª edição), pp. 63, 65, 99, 103, 113, 117, 124, 161 e 162.

39 Cfr. Edgar Allan Poe, «Filosofia da Composição», in *Três Poemas e uma Génese*, traduções de Fernando Pessoa (poemas) e Aníbal Fernandes (prosa). Lisboa: & etc, série K, 1985, pp. 36-37.

40 Cfr. *Ibid.*, p. 36.

41 Cfr. José Maria d'Eça de Queirós (filho), *op. cit.*, p. XXIX.

42 Cfr. Eça de Queirós, *A Capital* (ed. 1925, *op. cit.*), p. 165 ; presente edição, cap. [III], ls. 221-22.

43 Cfr. José Maria d' Eça de Queirós (filho), *op. cit.*, p. XXI.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

minar a figura encantadora e incompleta do novo personagem», diz ainda ele[44] — ali deixado por descuido.

E a sua posição é incómoda: se, por um lado, ficou com a fama (injusta) de realizar o postulado por Poe, por outro satisfez os desejos de Eugénio de Castro (sem que este viesse a saber que, afinal, aquilo que ia ler nada tinha a ver com o «onde, quando e como» do processo genético d'*A Capital!*), chegando-se à conclusão de que toda a gente ficou a perder: as «almas delicadas» ficaram sossegadas — mas inocentemente enganadas; José Agostinho, que criticou asperamente a publicação dos póstumos, foi uma delas, e escreveu que *A Capital*, «como todas as obras de Eça, foi escrita, a princípio, com dureza e crueza, e depois suavizada, mas que, pelo desaparecimento duma provincianazinha terna e ingénua — verdadeiro milagre de sentimento na galeria de Eça — teve de ser publicado na sua primeira forma»[45]. Os críticos foram espoliados dos seus materiais de estudo. E o autor, que acabou por «ver» publicado um romance que recusara por, segundo Vieira de Campos (numa recensão crítica à edição de 1925), ser «o fundo mesmo do livro que deixara de agradar a Eça de Queirós»[46].

Apesar de tudo o que aqui fica dito, o comportamento do editor José Maria d'Eça de Queirós não deixa de ser compreensível e, se atendermos às características da edição e à mentalidade da época, não é totalmente incorrecto; com efeito, Eugénio de Castro, na obra acima citada, diz que este editor «contraria, de maneira formal, a vontade expressa do romancista, restaurando na sua forma primitiva uma construção reprovada e depois inteiramente modificada pelo próprio arquitecto»[47].

De acordo com este crítico, era tida como reprovável, à época, a publicação, depois da morte do autor, de obras formalmente imperfeitas, e que, por essa mesma razão, haviam sido, em vida, abandonadas por ele; ora, se Eugénio de Castro tivesse tido acesso ao autógrafo, teria podido verificar que o editor d'*A Capital!* não só não restaurara a forma primitiva do texto, como a procurara, até, melhorar. Posto isto, pode-se imaginar qual não teria sido a reacção da opinião pública, e muito especialmente da crítica, se José Maria d'Eça de Queirós tivesse, de facto, ousado publicar o romance com a forma que este tem no autógrafo, e que na edição que agora apresento se pode verificar...

[44] Cfr. *ibid*, p. XXIX.

[45] Cfr. José Agostinho, *As Ultimas Obras Posthumas de Eça de Queirós e a critica*, Porto : Casa Editora de A. Figueirinhas, 1926, pp. 157-58.

[46] Cfr. Vieira de Campos, recensão crítica a *A Capital*, in « Lusitania. Revista de Estudos Portugueses », vol. III, fasc. VIII, Dezembro de 1925, Lisboa, p. 278.

[47] Cfr. Eugénio de Castro, *op. cit.*, p. 281.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

À luz destas considerações, as correcções e toda a série de transformações de vária ordem, que o editor de 1925 introduziu n'*A Capital!* — níveis A e B (reporto-me novamente à figura 7) —, até a transformar n'*A Capital* — nível C (idem) —, por muito graves que sejam aos olhos da moderna crítica textual, e absolutamente expurgáveis, como espúrias, da tradição do romance, deverão ser vistas com uma certa indulgência e compreensão.

Ao crítico textual moderno, professando uma ideologia diferente e dispondo de outras ferramentas de trabalho, compete agora corrigir uma tradição defeituosa — que em 1970 conheceu um novo episódio, ainda que nem por isso mais escorreito do que tudo o que o antecedeu.

2.5. *A edição de 1970.*

Integrada na sua colecção «Eça de Queirós. Obra Completa», a editora Companhia José Aguilar, do Rio de Janeiro, publicou em 1970 uma nova edição d'*A Capital* — ainda sem *!* —, da responsabilidade de Helena Cidade Moura[48], que ocupa as pp. 843-1092 do volume I. De acordo com o pretendido com esta colecção, tratar-se-ia de edições «concordadas com os originais manuscritos do autor e com as edições fidedignas»[49] — mas, pelo menos no que respeita a *A Capital!*, tal concordância não é absoluta, e de edições fidedignas nem podemos falar.

Aqui, pretende-se apresentar o romance «fixado pelas provas tipográficas da impressão de 1878, respeitadas todas as emendas feitas por Eça de Queirós e incorporados no texto os trechos manuscritos que ele acrescentou e de que tivemos conhecimento», tal como declara a editora na sua «Anotação Liminar»[50], onde faz ainda uma sucinta descrição da história editorial e dos autógrafos do romance, cometendo no entanto algumas imprecisões:

1) Fala em «80 páginas impressas com algumas emendas até à página 16, em letra demasiado cuidada para se saber se será de Eça de Queirós. No rosto desta coleção de provas lê-se: Eça de Queirós — Cenas da Vida Portuguesa — I A CAPITAL! (Começo duma carreira)», o que merece algumas correcções: trata-se do impresso D, e apenas

48 Cfr. *A Capital*, in *Eça de Queirós. Obra Completa*. Organização geral, introdução, explicações marginais e apêndices de João Gaspar Simões. Fixação do texto de Helena Cidade Moura. Fixação ortográfica de Joaquim C. Marques. Volume I, Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar, 1970, pp. 843-1092. Edição consultada: Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 1986.

49 Cfr. «Nota Editorial», *ibid.*, p. 12.

50 Cfr. Helena Cidade Moura, «Anotação Liminar», *ibid.*, pp. 841-42.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

tem emendas até à p. 14, por faltarem as pp. 15-16 (a não ser que estas páginas tenham desaparecido após Helena Cidade Moura ter trabalhado com o autógrafo); as emendas são claramente autógrafas; não se trata de «provas» mas de folhas com impressão definitiva, a que Eça se refere em 15 de Novembro de 1879 como «de impressão inutilizada»[51]; e o subtítulo acrescentado em DA1 é «(começos d'uma carreira)», plural.

2) Referindo-se ao fragmento que aqui se designa por E, diz que faltam «as páginas de 23 a 37 e as páginas 51, 63 e 64. Há ainda mais doze folhas manuscritas com texto a ser intercalado, consequente ainda da revisão de provas». Contraponha-se: na realidade, e pelo menos actualmente, faltam apenas as pp. 23 a 36; as 12 folhas a intercalar serão as 15 que constituem EB, e são esquecidas, ou talvez não fossem do conhecimento da editora, as 7 de ED e as 22 de EE.
3) Considera o manuscrito aqui designado por A como base do impresso, observando que «de tal forma este se afasta da versão corrente», que achou «preferível fixar a segunda parte pela primeira edição, de 1925, até porque não excluímos a hipótese de vir a aparecer um outro manuscrito que justifique as variantes encontradas». Por aqui se vê que Helena Cidade Moura também não conhecia o manuscrito B (mas isso não justifica que se recuse um testemunho só por ele se afastar muito da versão corrente, mesmo numa edição que se não apresenta como crítica); no entanto, e como até ao fragmento E, inclusive, que a editora conhecia, existem indicações autógrafas acerca de onde meter quais fragmentos, nem mesmo essas indicações são referidas.

Tal como anuncia, a editora socorre-se da lição da edição de 1925 para suprir as lacunas do autógrafo: nos casos das lacunas de EA1, (E5) e EA2 (segunda), marca os respectivos textos com o sinal [ ] (nas pp. 852, ls. 5-8 e 16-35, e 853, ls. 20-26), e assinala o facto em nota de rodapé, mas na primeira lacuna de EA2 procede como o editor de 1925: nem transcreve, nem diz que há lacuna; o mesmo acontece no que diz respeito ao texto de EB, transcrito entre as pp. 861, l. 6, e 872, l. 6 — e o comportamento da editora é, aqui, ainda mais anómalo, porquanto parece ter tido conhecimento deste fragmento (se é o que identifica como tendo «doze folhas manuscritas»), mas limita-se a transcrever a lição de 1925 mesmo sabendo que ela

51 Cfr. José Maria d'Eça de Queirós (filho), *op. cit.*, p. XXVII.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

não seria fiel ao autógrafo; o mesmo se deverá dizer quanto ao facto de ter continuado a transcrever o título do romance sem *!* — e acentue-se que este sinal de pontuação é de extrema importância porque tem implicações semânticas —, e de ter reduzido ao singular o plural do subtítulo, em ambos os casos conhecendo a vontade expressa do autor. Finalmente, indica, na p. 893, o fim do fragmento E (em EA4) e o início da transcrição do texto da edição de 1925 correspondente ao fragmento B.

Em termos de leitura, existem algumas variantes (incluindo outras lacunas já dadas em 1925), devidas ou às características do manuscrito (a lápis), em partes muito difíceis (ou mesmo impossíveis) de ler, ou a uma preocupação de corrigir lições que foram entendidas como distracções do autor — isto para além da «correcção» da pontuação (característica de todas as edições de Helena Cidade Moura) e da «modernização» da ortografia (a mesma coisa, mas nesta edição a cargo do brasileiro Joaquim C. Marques). Como exemplo do primeiro caso, temos:

4)	EA1, pp. 11-12	1970, p. 847
	Atirou-se para um canto do char-à-bancs. Sentia bem uma carta dentro do sobrescrito mas queria lê-la, só no seu quarto em Oliveira onde o mesmo ar estava repassado de sonhos e desejos de amor. E enquanto o carro rolava surdamente na estrada já escura, Artur, olhando pela vidraça aberta, uma claridade terna de luar que aparecia por cima da linha negra dos pinheiros,	Atirou-se para um canto do charabã e enquanto o carro rolava surdamente na estrada já escura, Artur, fitando pela vidraça aberta uma claridade terna de luar que aparecia por cima da linha negra dos pinheirais

A lacuna assinalada deve-se em parte ao mau estado do suporte, que no entanto ainda pude ler quase vinte anos depois, mas também à necessidade sentida pelo editor de 1925, e aceite por Helena Cidade Moura, de eliminar a carta encontrada por Artur e a partir da qual ele atribui o nome de «Clara» à «senhora vestida de xadrez»; de qualquer modo, já o editor de 1925 não lera esta passagem. Além disso, encontramos aqui leituras erradas já veiculadas pela edição vulgata («fitando» por «olhando»).

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

O segundo caso (aqui, tentativa de correcção sintáctica) é exemplificado por:

5)	EA1, p. 7	1970, p. 844
	a quem chamavam em Coimbra o *Chouriço*, e incapaz de compreender um livro, ou mesmo um dito!...	a quem chamavam em Coimbra o *Chouriço* e era incapaz de compreender um livro ou mesmo um dito!

Temos assim uma edição que hesita entre *a*) um comportamento crítico, nas partes em que recupera, ou tenta recuperar, as lições autógrafas eliminadas ou censuradas pela tradição, *b*) uma colagem à edição de 1925 nas partes em que não dispõe de manuscrito, ou então encontra dificuldades na sua leitura, e *c*) uma prática de «correcção» nem sempre justificável e nunca assinalada.

Em suma, temos uma situação idêntica à que é esquematizada na figura 7, só que sem chegar ao ponto de nivelar textualmente os fragmentos pertencentes a níveis diferentes — mas caindo, inexplicavelmente, e tal como já acontecera com o editor de 1925, na cilada de apresentar em sequência, como se não tivessem solução de continuidade, fragmentos que a têm, e profunda.

De resto, a já referida colagem desta edição à de 1925 é bastante imbrincada. A tabela 5 diz-nos como ela se processa, atendo-nos apenas aos casos expressamente indicados pela editora.

Autógrafo			*Ed. 1925*	*Ed. 1970*
(fragmentos)				
EA1	p. 15 B'	(lacuna)	p. 21	p. 852
(E5)		(lacuna)	pp. 21-22	p. 852
EA2	p. 16 B	(lacuna)	(lacuna)	(lacuna)
	p. 16 B/C?	(lacuna)	p. 24	p. 853
EB	ff. 1-15v		pp. 41-65	pp. 861-872
EA3	p. 41 A'		(lacuna)	p. 876
EA4	pp. 63-64		pp. 104-8	pp. 889-891
EE (BBO) B		(lacuna)	pp.114--573	pp. 893--1092

Tabela 5.

Relação expressa entre as edições de 1970 e 1925.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Estão indicados todos os casos expressos de fixação do texto de 1970 a partir do de 1925: nos casos lacunares de EA1, (E5) e EA2 (segunda lacuna), posteriores à edição de 1925, Helena Cidade Moura utilizou, correctamente, a lição desta edição (que, então como agora, constitui testemunho único), e anotou o facto; porém, no que respeita à primeira lacuna de EA2, cujo texto não se encontra em 1925, não deu qualquer indicação (seguindo o comportamento do seu antecessor). Relativamente aos casos de EB e EA4, adopta as lições de 1925, porque, segundo declara, os respectivos textos não se encontravam, então, no espólio (actualmente, encontram-se). Situação bizarra é a de EA3: em 1925 há lacuna (é uma passagem em que figura a personagem Cristininha), Helena Cidade Moura diz que o texto respectivo também não se encontra no espólio, mas transcreve-o correctamente; a explicação não colhe, pelo que deve tratar-se de engano na anotação. Finalmente, transcreve o texto correspondente aos fragmentos EE e B (incluindo BB0) a partir de 1925, e também o anota.

Daqui se conclui que, no momento em que trabalhou nesta edição, Helena Cidade Moura não teve acesso, para além dos fragmentos hoje desaparecidos, aos fragmentos EB, EE e B, e ainda às pp. 63 e 64, com as respectivas folhas colaterais, do fragmento EA4 (esta última situação concorda com o que é dito na «Anotação Liminar»). Porém, a editora declara faltar também a p. 51 (o que é estranho, porque a faltar esta faltaria igualmente o respectivo verso, ou seja, a p. 52), mas transcreve o texto correspondente nas pp. 881-82.

Apesar de todas as suas qualidades, nomeadamente o ter cortado parcialmente com a tradição, repondo a personagem Cristininha e, em boa parte, despojando o texto das modificações estilísticas introduzidas pelo editor de 1925, esta edição só veio complicar a já de si muito complicada situação editorial d'*A Capital!*. De resto, a editora tem consciência das limitações do seu trabalho, confessando que «só uma edição crítica daria uma aproximação da verdade»; e acrescenta: «Essa edição não será possível para o grande público». Por mim, acho que o é, tomadas evidentemente todas as precauções necessárias.

3. UMA EDIÇÃO CRÍTICA.

3.1. *Considerações gerais.*

Pelo que ficou dito relativamente às características deste autógrafo, é quase um contra-senso fazer uma edição crítica d'*A Capital!*, sobretudo se tivermos em conta o conceito tradicional de «edição crítica»: tentativa de

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

fornecer ao leitor a forma pura, ou o mais pura possível, do texto que se edita, limpando-o de todas as intervenções alheias feitas ao longo da sua tradição, sejam elas involuntárias (erros de leitura e de composição tipográfica), ou propositadas (tentativas de «correcção»; contaminação entre testemunhos diferentes, nos casos em que existem mais do que um, com vista a veicular a lição considerada «melhor»; censura ideológica, etc.), e apresentando-o com a forma *acabada* que é aquela que o autor lhe deu e que não questionou posteriormente, que se saiba.

Ora, no caso d'*A Capital!*, não temos uma forma acabada. Nem sequer temos uma versão completa. Temos, antes, um conjunto de fragmentos que é possível alinhar criticamente, aceitando uns e recusando outros, e, deles, obter uma história relativamente coesa; porém, este conjunto não nos dá uma história completa, pelas razões que já apontei mas que convém recordar: por um lado, o desnivelamento existente entre o impresso E e o manuscrito B, que o continua, implica a existência de elementos narrativos no primeiro que não se continuam no segundo, mas que era intenção do autor continuar; por outro lado, faltam no autógrafo, actualmente, alguns fragmentos.

Esta situação, só por si, bastaria para que se considerasse como inadequada qualquer tentativa de edição crítica do autógrafo, e como aconselhável apenas uma edição diplomática, destinada a estudiosos e não ao grande público, como de resto é recomendado pela doutrina da crítica textual para casos semelhantes. Porém, no caso vertente, tal doutrina tem de ser ultrapassada: foi gerada uma tradição impressa contra a vontade do autor, a qual tem como vulgata a edição de 1925, que escamoteou as características do autógrafo, e o transformou de modo a torná-lo «editável» e, pior, «legível» pelo grande público; ora, como tal tradição está errada de princípio (facto que foi agravado com a irrupção, no seio dela, da edição de 1970), torna-se necessário repor a ordem, e inflectir a tradição no sentido de, uma vez que não é possível apagá-la, a adequar às lições autênticas deixadas pelo autor. E só se pode repor a ordem na tradição impressa d'*A Capital!* através de uma edição crítica, que, considerando o que já disse, deixa de ser um contra-senso para passar a fazer sentido, e a justificar-se como uma imposição de ordem ética.

Uma edição deste tipo deveria acolher a última versão que o autor deu ao texto (as versões anteriores, genéticas, são por mim dadas na edição diplomática do autógrafo[52]) e remeter para aparato crítico as variantes da tra-

52 Cfr. *Eça de Queirós, A Capital!*. Edição diplomática de Luiz Fagundes Duarte (1989). Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós (no prelo).

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

dição. Porém, estas variantes são de tal maneira numerosas e profundas, que, a serem utilizados os dispositivos convencionais em edições críticas, os custos da sua utilização (tempo de realização, quantidade de papel, complexidade de composição tipográfica, apresentação na página, dificuldade de leitura, etc.) não seriam, nem de longe, compensados pelos benefícios respectivos; ou seja, haveria uma desproporção entre o esforço dispendido e o rendimento obtido. Mas, para o comprovar, darei em anexo a esta introdução, e antes do texto crítico, um exemplo de como uma edição crítica d'*A Capital!* feita em moldes tradicionais (isto é, anotando lugar a lugar, em aparato, todas as variantes da tradição) seria desmesurada: se, para *cinco páginas* de texto autógrafo, obtive *cento e uma notas* de variantes, quantas obteria para as setecentas e cinquenta e nove páginas a que monta o romance na sua fase terminal? (Eu adianto uma estimativa simples: seriam necessárias mais de *quinze mil* notas de variantes!)

Trata-se, na verdade, de um caso absolutamente invulgar. Mais de quinze mil variantes entre o original e o texto divulgado, de um único romance, introduzidas apenas por dois editores (e note-se que nos seis testemunhos genéticos d'*A Capital!*, com um total de mil cento e noventa e seis páginas escritas ao longo de cerca de sete anos, recenseei *apenas* cerca de dez mil variantes de autor, entre riscados, acrescentos e substituições), não podem ser vistas uma a uma, tanto mais que o alcance da variação vai muito para além da substância de cada uma: se a má colocação de uma vírgula (que dá direito a uma nota) pode alterar todo o sentido de uma frase, o que não fará a substituição de uma palavra, a eliminação ou acrescento de outras (sejam elas substantivas ou adjectivas), a reescrita de um parágrafo, ou a eliminação de uma personagem?

Um tão grande número de variantes só pode resultar de uma *estratégia* global por parte dos editores; e é essa estratégia que deve ser encarada como variante, uma espécie de *macro-variante* que transforma *um texto* num *outro texto*, havendo entre eles apenas *algum material em comum*. Vejamos um pequeno exemplo:

EE, f. 13v		1925, p. 137 ; 1970, p. 903
Almoça primeiro, menino ! disse Ricardina.	1	— Almoça primeiro, menino — disse Ricardina.
Mas ele, sem a escutar, abalara. Ela então pôs os óculos, leu baixo a carta, impres-	5	Mas ele, sem a escutar, abalara. Ricardina, então, pôs os óculos, releu a carta, bai-
pressionando-se com a « casa na		xo, impressionada com aquelas

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Aguardente», o «depósito no Banco», tomada, inesperadamente, de um respeito pelo menino; Cristininha, essa, ficara imóvel à beira da cadeira, muito branca, ainda de chapéu, com o guarda solinho, o livro de missa no regaço.

— O primo agora há-de querer voltar para Coimbra, disse ela a Sabina, que, sentada defronte, com o seu mantelete de seda bordado a vidrilhos, ainda limpava uma outra lágrima.

palavras, «ordem à vista», «depósito no Banco», tomada inesperadamente de um novo respeito pelo menino.

— O Artur agora há-de querer voltar para Coimbra — disse por fim a Sabininha, que sentada à beira da cadeira, com o seu mantelete de seda bordado a vidrilhos e o livro de missa no regaço, ainda limpava uma ou outra lágrima.

Existem, entre o texto do autógrafo e o da tradição, dois tipos de variantes: variantes *adjectivas* e variantes *substantivas*. As primeiras têm a ver com aspectos epidérmicos como a pontuação (elas existem também a nível da ortografia, mas não são aqui evidenciadas em virtude de se ter feito a respectiva modernização em ambos os casos):

(«menino!» → «menino —»,
«então pôs» → «então, pôs»),

as segundas têm implicações estilísticas e narrativas:

(«Ela então» → «Ricardina, então»,
«leu baixo a carta» → «releu a carta, baixo»,
«casa na Aguardente» → «ordem à vista»,
«disse ela a Sabina» → «disse por fim a Sabininha», etc.).

Englobando estas variantes, existe uma macro-variante que interfere com a estrutura do texto; se o dividirmos em pequenas unidades narrativas, temos 4: unidade A, linhas 1-9; unidade B, linhas 10-14; unidade C, linhas 15-17; unidade D, linhas 17-20 (isto no texto do autógrafo). Porém, se olharmos para o texto da tradição, as diferenças ultrapassam as variantes pontuais, e deparamos com uma reestruturação do texto: a sequência do original, «A–B–C–D», passa para «A–C–B–D» na tradição, e deve-se, fundamentalmente, à necessidade sentida pelo editor de 1925 de conservar a fala da personagem Cristininha depois de a ter eliminado; assim, uma vez desaparecido o sujeito enunciador do discurso directo «— O primo agora há-

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

-de querer voltar para Coimbra», mas querendo conservar esse mesmo discurso, restavam ao editor duas saídas para obter um texto verosímil: deictizando-o («O primo [= o meu primo; ou: o primo de mim, Cristininha, que estou a falar]» passa para «O Artur», porque não seria verosímil, em termos de linguagem coloquial, para Sabina, a nova detentora do processo de enunciação, dizer «O sobrinho»), por um lado, e *adaptando o cenário físico* em que o discurso fora pronunciado, que além disso deixou de ser pré-discurso directo para passar a ser pós-discurso directo, por outro. Se a primeira saída provocou variantes pontuais, a segunda tinha que provocar variantes estruturais, uma vez que o cenário «ficara imóvel à beira da cadeira, ... o livro de missa no regaço», que caracterizava Cristininha enquanto locutora, teve que ser deslocado para enquadrar a personagem que passou a deter o discurso, cujo cenário, enquanto ouvinte, era inicialmente pós-discurso directo, e que depois desta operação passou a reunir em si os dois cenários. Esta alteração é estrutural a nível narrativo e a nível da construção da personagem: primeiro, porque desloca materiais; segundo, porque desmonta uma personagem, eliminando-lhe as características específicas dela (Cristininha tinha a pele muito branca, e quando ia à rua usava chapéu e guarda-sol, enquanto a tia Sabina, sabemos nós, tinha a pele engelhada e usava touca), e aproveitando aquelas que eram verosímeis numa senhora de idade (o livro de missa no regaço) ou em qualquer pessoa que acabe de ouvir uma notícia inesperada (ficar imóvel à beira da cadeira).

Assim, para fazer a simbiose de uma «Cristininha locutora» e de uma «Sabina ouvinte», numa «Sabina locutora», o editor teve que pegar nas oito características com que o autor pintara o cenário das duas personagens, e delas recusar três, aproveitando cinco, como se pode ver na figura 10.

Vistas as coisas nestes termos, variantes como «sentada à beira da cadeira» face à lição do original «sentada defronte», não se reduzem à simples substituição de «à beira da cadeira» por «defronte», como acontece com «Ela» que é substituído por «Ricardina» (linha 4): em casos como este último, uma simples nota é suficiente para indicar o conteúdo da alteração; porém, no último caso, indicar a mudança, naquele lugar, com uma simples nota, sendo tecnicamente correcto, falseia o texto, na medida em que o sintagma «à beira da cadeira» é lição do original, só que em outro lugar e referido a outra personagem. Ora, só muito dificilmente um simples aparato de variantes daria cabalmente conta desta realidade, e o crítico ver-se-ia, constantemente, na contingência de ter que rever o seu trabalho, e de mudar a sua atitude todas as vezes que para ele olhasse: como num suplício de Sísifo, sempre que ele, penosamente, chegasse ao aparato com uma variante às

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

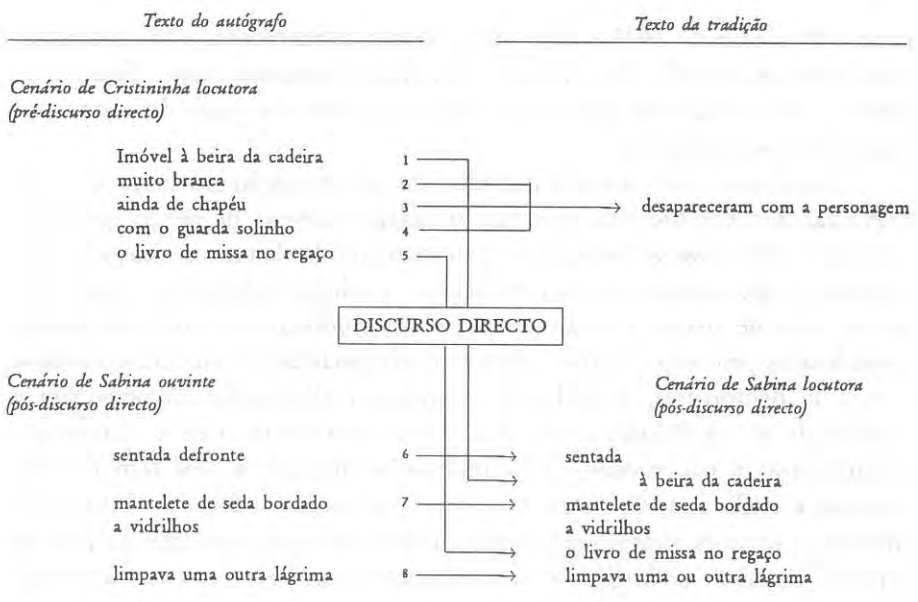


Figura 10.

Processo de simbiose das personagens Cristininha e Sabina na edição de 1925.

costas (alteração da lição de um lugar textual), logo se aperceberia de que teria de voltar atrás para a retransportar de novo, com novo peso (resultante das implicações da variante no contexto), num eterno ir e vir de cargas inúteis. Assim, deveremos:

1) Considerar as mais de quinze mil variantes da tradição d'*A Capital!* face ao respectivo original não como outras tantas variantes simples e autónomas, mas como um conjunto — uma macro-variante — que diverge de um outro conjunto,
2) Perder a ilusão de fazer qualquer aparato crítico exaustivo de variantes não autorais, e
3) Dizer claramente aquilo que se passa ao leitor.

Posto perante esta situação, o leitor torna-se parte activa no processo crítico: partindo da lição fornecida pela edição crítica, coteja-a com as lições da tradição, e considera como *variante*, e, logo, como *lição não-autêntica*, tudo aquilo que na tradição não coincidir com o texto crítico.

O mérito desta estratégia (que poderá parecer pouco canónica) reside fundamentalmente na sua economia, porque não dispende esforços com uma tradição que só minimamente (no caso das lacunas do autógrafo verificadas

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

depois da edição de 1925 e cujo texto apenas conhecemos, e mesmo assim com reservas, através desta edição) tem algum interesse para a fixação do texto — na medida em que mais de 95 por cento do texto do autor está disponível no autógrafo.

Concluindo: as variantes introduzidas pela tradição no texto d'*A Capital!* não são conjunturais, mas sim solidárias entre si, de modo que qualquer uma delas deve ser entendida como decorrendo de uma estratégia muito própria, e não como um caso particular; a edição vulgata foi conscientemente feita de maneira a ultrapassar, «corrigindo-as», as lições autógrafas consideradas pelo editor como «erradas», «imperfeitas» e «inconsequentes». Como já demonstrei, a título de exemplo, a eliminação da personagem Cristininha e a atribuição de algumas das suas falas à tia Sabina, trouxe por arrastamento a necessidade, com implicações narrativas mas também linguísticas e estilísticas, de alterar passagens do discurso adequadas à primeira mas não à segunda destas personagens; outro exemplo, que cabe na área da censura moral e ideológica, mas igualmente com repercussões narrativas, linguísticas e estilísticas, é o de eliminar, ou de algum modo neutralizar, referências que podiam de algum modo incomodar o leitor-tipo: é o caso de substituir « sífilis» por «avaria» para caracterizar a «doença» do Portugal de então, ou então «Jesus Cristo» por «Pio IX» para dar um termo de comparação para o grau de reconhecimento, pelo público, da personagem Concha, meretriz espanhola e futura amante de Artur Corvelo (não saber quem era Concha era o mesmo que não saber quem era Jesus Cristo; para evitar um escândalo e uma eventual acusação de heresia, o editor substituiu Jesus Cristo por Pio IX, o papa da época, mantendo-se, embora, no mesmo paradigma, o religioso); trata-se, em ambos os casos, de um processo eufemístico.

Ora, anotar uma a uma tais variantes, faria com que se lhes tirasse o peso da *interfuncionalidade*; daí que a solução que me parece mais correcta seja dizer ao leitor: «tem aqui o texto autêntico d'*A Capital!* de Eça de Queirós; o texto que encontra na tradição já existente deve ser globalmente substituído por este, e entendido como uma, e uma só, variante, ou seja, uma macro-variante».

Passemos agora aos critérios por que me regi ao fazer esta edição.

3.2. *Critérios desta edição.*

3.2.1. A ortografia.

O projecto de edição crítica da obra de Eça de Queirós, coordenado por Carlos Reis, e no qual esta obra se integra, considera uns critérios de edição aplicáveis globalmente, excepto nos casos particulares em que será

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

necessário considerar-se soluções específicas. No caso concreto de *A Capital!*, tais critérios divergem um pouco dos que defini e utilizei na minha tese de doutoramento[53], mas, por necessidade de integração desta obra no conjunto a que passa a pertencer, adoptei os critérios gerais com algumas especificações.

Uma vez que as características ortográficas do autógrafo já foram, tanto quanto possível, acauteladas na edição diplomática, e considerando que existe a necessidade de substituir, junto do grande público, a edição vulgata d'*A Capital!*, decidi modernizar e regularizar, de acordo com a norma actual, a ortografia dos originais, não só nos casos em que não há implicações de ordem fonética (como por exemplo em «*ph*arma*c*ia», que transcrevo aqui como «*farmá*cia»), mas também quando se trata de palavras que sofreram evolução fonética recente e em que esse facto já foi registado pelo sistema ortográfico (como aconteceu com «idéa», que na sequência da anulação do hiato [e + a] pela introdução da semivogal [j], passou a grafar-se como «ide*i*a», que é a forma actual, e ainda com «do*u*s», que passou a escrever-se «do*i*s»).

Relativamente às palavras estrangeiras, incluindo aquelas que foram posteriormente adaptadas à fonética e à ortografia portuguesas, e por razões estilísticas e documentais (na medida em que ora funcionavam como «tiques» sociais do autor e das personagens, ora referiam objectos e significados que, à data, ainda não tinham um significante adequado ao sistema linguístico do português), decidi conservar a grafia estrangeira utilizada pelo autor: assim, temos *shake-hands, cognac, chic, char-à-bancs, anisette, can-can, adresse, kepi, pince-nez, cache-nez,* etc. (que, ou desapareceram juntamente com os referentes respectivos, casos de *char-à-bancs* ou de *pince-nez,* ou foram aportuguesadas, como *cognac* 'conhaque', ou *cache-nez* 'cachiné'), ao lado de formas que, como «soirée», se mantêm actualmente com a grafia estrangeira; nos casos em que o autor utiliza grafias semi-estrangeiras (como em *walsa, bonet e frak*), ou restituo a forma correcta (*bonnet, frac*), ou completo o aportuguesamento (*walsa* → *valsa*); de acordo com o comportamento normal do autor, as palavras com forma estrangeira são transcritas em itálico.

São estes os critérios gerais. Há, no entanto, alguns casos particulares que convém especificar:

Oscilação entre os ditongos sincréticos <oi> e <ou>. Nas palavras em que ainda hoje existe oscilação, tanto gráfica como fonética, entre os diton-

[53] Cfr. Luiz Fagundes Duarte, *A génese de um romance. Incursão na escrita queirosiana.* Tomo I, *Estudo genético de A Capital!* [xxxv + 252 pp.]. Tomo II, *Edição diplomática e crítica de A Capital!* [899 pp.]. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 1989.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

gos <oi> e <ou>, como acontece com «oiro»/«ouro», «toiro»/«touro», «loiro»/«louro», etc., decidi conservar a oscilação patente no autógrafo.

<-e> nas formas verbais da segunda pessoa do singular do imperativo e da terceira pessoa do singular do presente do indicativo. O autor só utiliza o <-e> nestas formas em certas situações de discurso directo, pelo que decidi conservá-lo, enquanto processo estilístico de caracterização da personagem. Ex.: «Dize lá, tu estás a fumar?» (pergunta da tia Ricardina).

Vogais átonas interconsonânticas <i> e <e>. Por influência da oralidade, é frequente a primeira destas vogais ser representada por <e> (resultante de um processo de abrandamento), e a segunda elidida, em ambos os casos violando as normas ortográficas, tanto as da época do autor como as actuais. Por isso, decidi restituir as grafias correctas em tais casos. Exs.: «esterelidade» → «esterilidade», «obdiente» → «obediente».

Encontros vocálicos intravocabulares. Eram geralmente marcados pela introdução de um <h> anti-hiático, que retirei em conformidade com a norma actual. Ex.: «d'ahi» → «daí», «comprehender» → «compreender».

Encontros vocálicos intervocabulares. De acordo com as normas vigentes na época do autor, as vogais átonas em posição final de palavra eram sempre elididas quando a palavra seguinte começava por vogal (encontro vocálico intervocabular), sendo a elisão marcada por apóstrofo. Eliminei o apóstrofo, e conservei ou anulei a elisão, de acordo com a norma actual. Ex.: «d'um» → «dum», «d'onde» → «donde», «n'este» → «neste», «-lh'o» → «-lho», «d'Arthur» → «de Artur», «d'hontem» → «de ontem», «Oliveira d'Azemeis» → «Oliveira de Azeméis».

Grafia dos pronomes átonos de objecto directo «[l]o», «[l]os», «[l]a» e «[l]as», em posição enclítica e mesoclítica ao verbo, nas formas do infinitivo, do futuro do presente e do futuro do perfeito. No autógrafo, e de acordo com a norma da época, o <l> eufónico aparece colado à vogal temática e em substituição do sufixo <-r> do infinitivo. Modernizei, deslocando o <l> para junto do pronome. Exs.: «fazel-o» → «fazê-lo», «amal-a-hia» → «amá-la-ia».

Acentuação. Adoptei, como critério geral, o que disse para a ortografia em geral: modernização e regularização, mesmo em situações como as da terceira pessoa do plural do presente do indicativo do verbo TER, em que

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

a acentuação moderna («têm») esconde uma situação de crase já realidade na época do autor mas então ainda sem representação na ortografia, a qual mandava escrever «teem», como «leem» (hoje «lêem») que, no entanto, e tal como actualmente, era dissílabo.

Pontuação. O critério de base é o da conservação da pontuação original que em Eça de Queirós é bastante específica e, por vezes, muito pouco ortodoxa. No entanto, tal nem sempre é possível, ora porque se percebe nitidamente que há esquecimentos ou incongruências por parte do autor (sobretudo nos testemunhos de escrita mais rápida), ora porque o estado do autógrafo não permite, em certos lugares, perceber se há ou não há sinais de pontuação, e quais. Assim, conservo *relativamente* a pontuação do autógrafo; mas, nos casos duvidosos, ou que possam prejudicar a compreensão do texto por um leitor moderno, regularizo-a de acordo com o comportamento mais frequente do autor.

Erros. Os «erros» não previstos nos números anteriores, sejam eles ortográficos, taquigráficos, disgráficos, ditográficos, ou ainda de atribuição de nome e de actuação às personagens, são sistematicamente corrigidos e anotados.

Os «erros» de concordância morfológica, resultantes de transformações feitas pelo autor a nível de signos léxicos mas não alargadas aos signos morfológicos com eles relacionados, são corrigidos sem qualquer anotação, dado que a intenção do autor era, claramente, corrigi-los. Ex.: «[a]<uma das> janella»[54] (EB, fl. 2v) é transcrito por «uma das janelas».

Uso de aspas e de itálicos. Nos manuscritos, e especialmente no testemunho B, encontramos com alguma frequência as falas das personagens marcadas por aspas e introduzidas por travessão. Porém, no fragmento EA1, o autor recusa por riscado grande parte destas aspas, mantendo apenas o travessão; considerando que a correcção ao impresso (EA1) é posterior ao manuscrito (B), parece clara a intenção de Eça de Queirós de eliminar as aspas em tais situações, intenção que resolvi respeitar globalmente na edição crítica. Nas restantes situações – por exemplo, reprodução de características do linguajar das personagens, transcrição de textos (como cartas de personagens), ou marcação de fragmentos de discurso directo em passagens de dis-

[54] De acordo com a bateria de símbolos diacríticos utilizados na Edição Diplomática, o sinal [ ] marca um riscado, o sinal < > marca um acrescento, e, combinados em [ ]< >, marcam uma substituição por riscado e acrescento.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

curso indirecto livre –, conservo as lições autógrafas, limitando as minhas intervenções a fechar aspas que o autor abriu e se esqueceu de fechar, ou a abrir aspas que ele fechou sem que antes as tivesse aberto.

Quanto ao uso dos itálicos, o autor é bastante sistemático: utiliza-os em títulos de livros, de poemas e de publicações periódicas, em palavras estrangeiras, em nomes próprios de animais, em palavras ou expressões enfáticas, em formas de gíria ou calão, etc.

Perante estes casos, e para respeitar os hábitos actuais, adoptei dois tipos de solução regularizadora: títulos de poemas, de jornais, de revistas e de canções, transcrições de textos, e frases ou expressões de discurso directo de personagens, integrados no discurso do narrador, são transcritos entre aspas; em itálico, vêm os títulos de livros, de óperas e de pinturas, as palavras estrangeiras, os nomes próprios de animais, e as palavras ou expressões que o autor considera explicitamente erradas, de gíria ou demasiado coloquiais, ou a que de algum modo pretende dar ênfase (esta última situação sem prejuízo dos casos em que a ênfase é dada pelo autor através do uso de versaletes, às vezes também usados para os títulos de obras ou de publicações, o que mantenho).

Abreviaturas. Conservei apenas as abreviaturas usadas em formas de tratamento, limitando-me a representá-las de acordo com os hábitos actuais: «V. Ex.ª», «V. S.ª» (em todas as situações), «Dr.», mas «Snr» → «senhor» ou «senhora» (excepto quando a forma de feminino é seguida de «D.», ficando assim «Sr.ª D.»; a distinção Sr./Sr.ª é feita com base no contexto, uma vez que o autor utiliza a mesma forma para os dois géneros). As restantes abreviaturas, que são poucas, são desenvolvidas e anotadas.

Transcrição de textos de outros autores. Nestas situações, respeitei as lições dadas por Eça de Queirós, entendendo que as eventuais variantes por ele introduzidas podem ou ser propositadas, ou resultar do modo como ele transcreveu (de memória, a partir de cópias manuscritas, etc.), ou dever-se às edições por ele consultadas (e que poderiam, eventualmente, conter variantes de tradição); em qualquer dos casos, passam a integrar o texto queirosiano, razão por que as mantenho tais e quais.

Numerais. Os numerais cardinais, geralmente em algarismos no manuscrito, são dados por extenso, sem qualquer anotação, excepto em casos como «um volume de 250 páginas», que mantenho. Os numerais ordinais são transcritos de acordo com o comportamento actual (geralmente idêntico

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

ao do tempo do autor, pelo que sempre que há alguma divergência a indico em nota). Ex.: «Século 19» → «Século XIX».

Sinais topográficos. Todos os sinais que, na edição diplomática, indicam características dos suportes e da distribuição dos materiais textuais — como sejam os sinais de eliminação, acrescento, substituição, paginação, foliação, limites de testemunho, etc. — são retirados na edição crítica. O mesmo acontece com a passagem de um fragmento para outro, indicada pelo autor (como é o caso dos oito fragmentos do testemunho E); a passagem de um testemunho para outro (isto é, de DA para E e de E para B), uma vez que não é expressamente autorizada pelo autor, é marcada pela definição de «partes» (I Parte = DA, II Parte = E, III Parte = B), separadas por folhas de cortina.

Reconstituição de passagens lacunares. Nos lugares em que o autógrafo, no seu estado actual, é lacunar, adopto a lição da edição vulgata, quando ela os transcreve. Porém, considerando o elevado grau de infidelidade daquela edição ao autógrafo, facto que não terá deixado de se manifestar igualmente nos lugares que hoje são lacunares mas que o não eram em 1925, e ainda a necessidade de dar continuidade à narrativa, transcrevo as respectivas lições em tipo condensado, indicando em nota o início e o fim da lacuna do manuscrito e da lição do texto não autógrafo. Um exemplo:

683 de dor. Na mesma página do *Pensamento* em que a celebrara, insultou-a agora,

Neste caso, o texto destacado é transcrito da edição de 1925 e supre uma lacuna existente no autógrafo por deficiência do suporte; no aparato, a nota correspondente, e que é referida pelo número da linha em que se verifica a ocorrência, tem a apresentação e o conteúdo seguintes:

683: [*Lacuna no manuscrito por deficiência do suporte. Adopto a lição de 1925*].

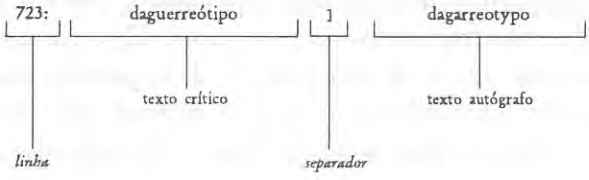
Deste modo, fica bem claro ao leitor que se trata de transcrição de um testemunho não autógrafo mas que, infelizmente, é o único actualmente disponível.

Nos casos em que a edição vulgata é igualmente lacunar, assinalo o lugar com [0]. Quando se trata de silêncios do autor (por exemplo, ao esquecer-se de escrever uma palavra), o elemento em falta é conjecturado e dado em tipo negro, e remetido para o aparato, onde dou a lição incompleta do autógrafo.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

3.2.2. Aparato crítico.

No aparato crítico (referido ao número da linha em que ocorre o facto a assinalar), dou conta das leituras duvidosas, das lições conjecturadas, das passagens lacunares, e das restantes intervenções a que procedi criticamente. A fisiologia das notas é a seguinte:



ou seja, número da linha, seguido da lição adoptada no texto crítico, que por sua vez é separada da lição autógrafa (substituída ou questionada), pelo sinal «]» (separador, que marca a delimitação do lugar em causa). Eventuais referências ou explicações da responsabilidade do editor são dadas em itálico entre parêntesis rectos.

3.2.3. Encadeamento dos testemunhos.

Decidi dividir esta edição crítica em três partes, em cada uma delas reunindo, de acordo com as indicações fornecidas pelo autor, os fragmentos que atingiram o mesmo nível terminal. A separação por partes não é expressamente sancionada pelo autor: com efeito, ele nada diz acerca da ligação de DA a E, ou de E a B; no entanto, dado que cada um destes testemunhos representa o nível terminal do texto correspondente, e é possível encontrar, com as limitações já referidas, um encadeamento narrativo entre eles, julgo não atraiçoar o autor nem induzir em erro o leitor ao apresentar o texto com esta sequência, uma vez que fica bem claro que existem soluções de continuidade entre DA e E, e, muito especialmente, entre E e B. Assim, temos:

I Parte Impresso DA (folha de rosto).

II Parte Impresso E (ou seja, os fragmentos EA1, (E5), EA2, EB, EA3, ED, EA4 e EE, apresentados sem solução de continuidade, segundo as indicações do autor; capítulos I-II).

III Parte Manuscrito B (capítulos III-X).

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

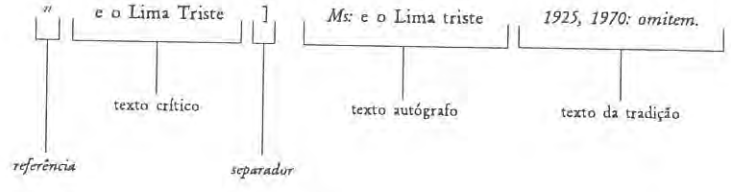
APÊNDICE

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Exemplificação de edição e aparato críticos, convencionais, aplicados a *A Capital!*, considerando o autógrafo e as edições de 1925 e de 1970: o texto-base é o do fragmento EA2, pp. 20, 20A, 20B, 20A' e 20B'; o texto correspondente, na edição de 1925, ocupa as pp. 35 (l. 28) - 40 (l. 2), e, na edição de 1970, as pp. 858 (l. 23) - 860 (l. 16).

O processo de referência entre o texto e o aparato é o tradicional (diferente, portanto, do que descrevi mais atrás, nos critérios desta edição: aqui, a nota é referida pelo respectivo número de ordem, em expoente, intercalado no texto—nos casos de lacunas colmatadas por texto da edição de 1925, há uma nota de início e outra de fim de lacuna—, e as informações da responsabilidade do editor são dadas em itálico). Para além das intervenções do editor sobre o texto do manuscrito (*Ms*), registam-se ainda as variantes ocorrentes nos testemunhos da tradição (edições de 1925 e de 1970):



As indicações descritivas, da minha responsabilidade enquanto editor, são dadas em itálico.

Como já foi dito, e tal como por este exemplo se pode comprovar, não seria rentável um aparato considerando as variantes da tradição impressa do texto: um aparato com cerca de quinze mil variantes não autógrafas de um texto com autógrafo disponível seria tão volumoso quanto inútil. Assim, e para além do que fica demonstrado neste apêndice, o aparato da edição considera apenas as características do autógrafo e as intervenções que nele achei necessário fazer.

Mas vejamos como seria a edição crítica d'*A Capital!*, feita em termos convencionais.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Texto crítico

(Cfr. capítulo I, linhas 669–749)

Por este tempo, o Teodósio levou-o uma noite[1] a casa da Aninhas Serrana, que era então[2] a meretriz mais cara de Coimbra, o sonho ardente de toda a[3] academia pobre, e a quem,[4] o Taveira, numa poesia delirante[5] chamara «estrofe de Carne e Vénus Cristã».[6] A Aninhas tinha cortinas de *reps* amarelo nas janelas[7], usava um *robe-de-chambre*[8] cor de fogo, e lia a *Dama das Camélias;* contava-se como uma legenda singular que tomava banhos[9], e era certo que o Salgado se tinha envenenado por ela: tanto romantismo[10] fascinou Artur; fez-lhe[11] tercetos no «Pensamento»,[12] e a Aninhas[13] concebeu por ele um capricho, *grátis.* Na madrugada,[14] em que ele saiu do seu leito, extenuado de amor, sentiu que toda a melancolia daqueles meses passados se lhe dissipara como uma névoa[15]: a sua vida tinha agora um centro [16] e uma significação : queria ser o Armand Duval daquele anjo, regenerá-lo,[17] e imortalizá-lo num poema[18] como o *Intermezzo.*

Duas semanas depois[19] a Aninhas abandonou-o por um caixeiro da Sofia. Chorou[20] de dor. Na mesma página do «Pensamento» em que a celebrara,

[1] Por este tempo, o Teodósio levou-o uma noite] *1925:* Foi por este tempo que Theodosio o levou, uma noite, *1970:* Foi por este tempo que Teodósio o levou uma noite.
[2] que era então] *1925:* ao tempo
[3] a] a a
[4] pobre, e a quem,] *1925:* pobre, a quem *1970:* pobre a quem
[5] delirante] *1925:* delirante,
[6] estrofe de Carne e Vénus Cristã] *1925:* estrophe de carne e Venus Christã *1970:* estrofe de carne e Vênus cristã
[7] tinha cortinas de *reps* amarelo nas janelas] *1925:* tinha na janela cortinas de reps amarello *1970:* tinha cortinas de repes amarelo na janela
[8] *robe-de-chambre*] *1925:* roupão
[9] banhos] *1925, 1970:* banho
[10] por ela: tanto romantismo] *1925:* por ella. Tanto romantismo
[11] fez-lhe] *1925:* dedicou-lhe
[12] «Pensamento»,] *1925: Pensamento 1970 Pensamento:*
[13] Aninhas] *1925:* Anninhas, conquistada,
[14] madrugada,] *1925, 1970:* madrugada
[15] como uma névoa] *1925:* como um névoa ao sol quente de Maio
[16] centro] *1925:* centro,
[17] regenerá-lo] *1925:* regeneral-o pelo amor
[18] poema] *1925, 1970:* poema,
[19] depois] *1925:* depois,
[20] [*Início de lacuna no manuscrito por deficiência do suporte. Adopto a lição de* 1925 *a partir deste lugar*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

insultou-a agora,[21] com estrofes[22] à «Mulher de Mármore»; e no baile de terça-feira de Entrudo, no teatro de D. Luiz[23], exaltado de genebra, vendo-a pular vestida de odalisca, numa *polka*[24] frenética, exclamou com escândalo[25]:

— Folga,[26] vil Messalina... És podridão, e em podridão te tornarás! Perneia, prostituta. Oh Serrana, ó magana[27], restitui-me o par de peúgas[28] que te deixei no prostíbulo...

O par de Aninhas, um quartanista grande ginasta[29], esbofeteou-o imediatamente.[30]

Foi um episódio temeroso. Artur queria esperá-lo fora[31] para o apunhalar. Enfrascou-se de *cognac*[32] até se tornar feroz.[33] E os companheiros tiveram de o arrastar para casa, idiota de álcool, abraçando-se a todos os candeeiros,[34] regando-os de lágrimas, gemendo:

— Mulher, teu nome é vileza!

Ao outro dia[35] quis mandar à Aninhas uma placa de cinco tostões — escrevendo-lhe como outrora Armando: *aí vai o preço do teu amor e do meu insulto*[36]. Mas receou os músculos formidáveis do ginasta e furioso[37] descreu das mulheres.

— Só a Arte não trai, Artur,[38] disse-lhe Taveira[39].

Lançou-se então[40] desesperadamente na Arte; considerou-se cínico à Musset e à Byron; quis[41] como eles[42] dar à sua vida um delírio romântico;[43] recomeçou a embebedar-se. — E uma manhã[44] que recolhia ainda estre-

[21] [*Fim da lacuna e da lição de* 1925].
[22] estrofes] *1925:* estrophes amargas
[23] teatro de D. Luiz] *1925:* teatro D. Luiz *1970:* teatro D. Luís
[24] *polka*] *1970:* polca
[25] com escândalo] *1925:* com tremendo escandalo
[26] Folga,] *1925:* Folga
[27] Oh Serrana, ó magana] *1925:* Oh, Serrana, oh, magana *1970:* Oh, serrana, oh, magana
[28] o par de peúgas] *1925:* as piugas
[29] um quartanista grande ginasta] *1925:* um quartanista desempenado, grande gymnasta *1970:* um quartanista, grande ginasta
[30] [*1925, 1970: não abrem parágrafo*].
[31] fora] *1925:* á sahida *1970:* lá fora
[32] *cognac*] *1970:* conhaque
[33] feroz.] *1925:* feroz...
[34] candeeiros,] *1970:* candeeiros
[35] dia] *1925:* dia,
[36] [*1970: não faz itálico*].
[37] e furioso] *1925:* e, furioso,
[38] Artur,] *1925:* Arthur — *1970:* Artur —
[39] disse-lhe Taveira] *1925:* disse-lhe um dia Taveira
[40] Lançou-se então] *1925:* E Arthur lançou-se
[41] Byron; quis] *1925:* Byron e quiz *1970:* Byron; e quis
[42] eles] *1925:* elles,
[43] romântico;] *1925:* romantico:
[44] — E uma manhã] *1925, 1970:* E uma manhã

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

munhado dum lupanar (como convinha a um irmão de Rolla),[45] encontrou em casa uma carta do Silveira: na véspera, enquanto ele no Garrano com o Taveira[46] brindava à Morte e à Orgia, seu pai[47] de repente, ao entrar na Assembleia, tinha caído morto para o lado, murmurando apenas —[48] *Oh meu filho!*

O pobre moço,[49] que amava seu pai[50], desmaiou:[51] e depois das primeiras lágrimas[52] ficou aterrado: ali estava[53] só na vida, sem recursos para continuar a formatura, tendo de deixar Coimbra, o *Cenáculo*, a vida poética.

Por conselho do Silveira[54] foi a Ovar,[55] vender em leilão a mobília, algumas pratas da casa; passou[56] ali uma semana amarga[57] na hospedaria, coberto de luto, com os olhos vermelhos como carvões, fumando cigarros, fazendo e desmanchando planos, ou[58] com o nariz contra a vidraça, vendo cair a chuva miudinha de Março. Uma noite enfim[59] o delegado Pimenta[60] que muito solicitamente dirigira o leilão, veio trazer-lhe quarenta e cinco libras em oiro[61]. Então, àquela riqueza[62], rebrilhando sobre o pano verde da mesa, uma esperança desordenada, levantou-lhe a alma. Teve a certeza que, com uma economia sagaz[63], poderia viver dois anos em Coimbra: durante esse tempo, leccionando, fundando uma revista, criaria recursos regulares...— E apesar[64] de chorar ainda,[65] ao olhar para o daguerreótipo[66] do pai, gozava[67] instintivamente uma ideia de liberdade,[68]—sem família para lhe traçar[69] autoritariamente um destino,[70] e com dois fortes cartuchos de dinheiro na maleta.

[45] lupanar (como convinha a um irmão de Rolla),] *1925:* lupanar, — (como convinha a um irmão de Rolla —
[46] ele no Garrano com o Taveira] *1925:* elle, no Garrano, com Taveira *1970:* ele, no Garrano com Taveira
[47] pai] *1925:* pae,
[48] apenas —] *1925:* apenas:
[49] moço,] *1925:* moço
[50] seu pai] *1925:* o pae
[51] desmaiou:] *1925:* desmaiou,
[52] lágrimas] *1925:* lagrimas,
[53] aterrado: ali estava] *1925:* aterrado. Alli estava,
[54] Silveira] *1925, 1970:* Silveira,
[55] Ovar,] *1925:* Ovar
[56] casa; passou] *1925:* casa. Passou
[57] amarga] *1925:* amarga,
[58] ou] *1925:* ou,
[59] noite, enfim,] *1925:* noite, emfim
[60] Pimenta] *1925:* Pimenta,
[61] oiro] *1925, 1970:* ouro
[62] Então, àquela riqueza] *1925:* Ao vêr aquella riqueza *1970:* Então, aquela riqueza
[63] Teve a certeza que, com uma economia sagaz] *1925:* Com uma economia sagaz
[64] —E apesar] *1970:* E apesar
[65] ainda,] *1970:* ainda
[66] daguerreótipo] *Ms:* dagarreotypo
[67] gozava] *1925:* começou a gozar
[68] liberdade,] *1925, 1970:* liberdade
[69] para lhe traçar] *1925:* que lhe traçasse
[70] destino,] *1925:* destino

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Voltou para Coimbra – e daí a duas semanas pagava aos líricos do *Cenáculo* uma Orgia[71] na tia Pôncia: depois[72] comprou todas as obras de Victor Hugo e um revólver; fez fato[73], guitarreou, jogou à batota[74], alugou caleches para ir a Condeixa jantar no Castela[75] com o Taveira e o Lima[76] Triste[77]. No acto final[78] levou outro R. E pelas férias,[79] quando Coimbra começava a ficar deserta, achou-se[80] com oito mil réis, e uma sífilis[81].

Foi então que se lembrou das tias, que nunca vira e que viviam[82] em Oliveira de Azeméis. Eram duas, Ricardina e Sabina; a mais velha, a tia Loló, morrera tísica um ano depois do marido[83], e deixara uma filha, a priminha Cristina; vivia[84], em Oliveira[85], com as duas senhoras, e às vezes recebiam-se em Ovar notícias das suas[86] doenças, feridas nas pernas, humores nos ouvidos, uma degeneração de raça escrofulosa.[87]

Escreveu-lhes uma carta patética, com frases à Musset, pedindo às duas velhas que «o ajudassem nesta grande batalha da vida[88] em que ele se sentia fraquejar, porque era desta geração[89] nervosa e pálida, que necessita o amparo duma ternura de anjo...»

Como a resposta tardava[90] – partiu desesperado para Ovar, para a mesma hospedaria, como se esperasse ver outra vez cintilar,[91] sobre o pano da mesa, o ouro doutro[92] punhado de libras.[93] Aí[94] o seu velho amigo, o advogado Silveira, que rompera com o «Campeão»,[95] e ia casar com uma viúva rica que fascinara em Espinho, irritou-o com conselhos práticos, muito bur-

[71] Orgia] *1925, 1970:* orgia
[72] Pôncia: depois] *1925:* Poncia; depois,
[73] fez fato] *1925:* fez um fato
[74] jogou à batota] *1970:* jogou a batota
[75] Castela] *1925:* Castello *1970:* Castelo
[76] o Taveira e o Lima] *1925, 1970:* o Taveira.
[77] e o Lima Triste] *Ms:* e o Lima triste *1925, 1970: omitem.*
[78] final] *1925:* seguinte
[79] [*Início de lacuna no manuscrito por deficiência do suporte. Adopto a lição de 1925 a partir deste lugar*].
[80] [*Fim da lacuna e da lição de 1925*].
[81] oito mil réis, e uma sífilis] *1925:* oito mil réis no bolso
[82] viviam] [*Lacuna no manuscrito; aceito a lição conjecturada na edição de 1925*].
[83] [*O texto aqui iniciado e que termina em* escrofulosa *foi omitido em 1925*].
[84] Cristina; vivia] *1970:* Cristina que vivia
[85] Oliveira] *1970:* Ovar
[86] das suas] *1970:* de suas
[87] escrofulosa] *1970:* estrofilosa
[88] vida] *1925, 1970:* vida,
[89] geração] *1970:* geração,
[90] tardava] *1925, 1970:* tardasse
[91] cintilar,] *1925:* scintillar
[92] doutro] *1970:* de outro
[93] [*1925, 1970: abrem parágrafo*].
[94] Aí] *1925:* Alli, *1970:* Ali
[95] «Campeão»,] *1925: Campeão*

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

gueses: «a vida não era poesia![96] era necessário tratar do pão!» — Mas onde? como?[97] Ir rabiscar papel selado[98] para casa dum tabelião? Ir vender bareges[99] a um balcão do Porto?

— Era imbecilizar[100] para sempre as minhas[101] faculdades, Silveira!

[96] poesia!] *1925, 1970:* poesia,
[97] como?] *1925, 1970:* Como?
[98] papel selado] *1925, 1970:* papel
[99] bareges] *1925, 1970:* cheviotes
[100] imbecilizar] *Ms:* incebilizar *1925:* imbecilizar-me
[101] para sempre as minhas] *1925:* para sempre, annullar as minhas

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

TEXTO CRÍTICO

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

I PARTE

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Eça de Queirós

CENAS PORTUGUESAS

I

A CAPITAL!

(começos duma carreira)

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

II PARTE

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

I

A estação de Ovar, no caminho de ferro do Norte, estava muito silenciosa pelas seis horas, antes da chegada do comboio do Porto.

A uma extremidade da plataforma, um rapaz magro, de olhos grandes e melancólicos, a face toda branca da frialdade fina de Outubro, com uma das mãos metida no bolso dum velho *paletot* cor de pinhão, a outra vergando contra o chão uma bengalinha envernizada, examinava o céu de manhã chovera; mas a tarde ia caindo clara, e pura; nas alturas laivos rosados estendiam-se como pinceladas de carmim muito diluído em água e, longe, sobre o mar, para além duma linha escura de pinheirais, por trás de grossas nuvens tocadas ao centro de tons de sanguínea e orladas de ouro vivo, subiam quatro fortes raios de sol, divergentes e decorativos — que o rapaz magro, comparava às flechas ricamente dispostas dum troféu luminoso.

Na estação havia apenas um passageiro, esperando o comboio: era um mocetão do campo, que não se movia, encostado à parede, com as mãos nos bolsos, os olhos inchados de ter chorado duramente cravados no chão e ao lado sentadas sobre uma arca de pinho nova, estavam duas mulheres, uma velha, e uma rapariga grossa e sardenta, ambas muito desconsoladas, tendo aos pés entre si, um saco de chita e um pequeno farnel de onde saía o gargalo negro duma garrafa.

O chefe da estação, um gordo com os queixos amarrados num lenço de seda preta, *o bonnet* de galão sujo muito posto ao lado, apareceu então, à porta da sala das bagagens, de charuto nos dentes. O rapaz magro dirigiu-se timidamente para ele, disse:

— Creio que o comboio vem atrasado...

O chefe afirmou silenciosamente com a cabeça; e depois duma fumaça:

— Vem sempre atrasado aos sábados... É a demora em Espinho.

O rapaz magro esteve um momento raspando o chão com a bengalinha — e foi andando devagar ao comprido da plataforma. Reparara agora

21: o *bonnet*] o *bonet*

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

no rapaz do campo, que supunha ia a Lisboa embarcar para o Brasil: e, sensibilizado pela face tão desolada da velha, ia pensando que o *Emigrante* seria um motivo tocante de poesia social: daria quadros de cor rica — os vastos azuis do mar contemplados duma amurada de paquete, as noites saudosas longe, numa fazenda do Brasil, quando a lua é muito clara e os engenhos estão calados; e aqui no casebre da aldeia, os pais chorando à lareira e esperando os correios... Entrevia mesmo os primeiros versos:

Ei-lo que deixa o lar, a mãe chorosa,
Os verdes campos, o casal risonho...

Procurava a rima já interessado, quando um sujeito baixote e bochechudo, de bonezinho escocês, apareceu à grade da estação, com uma chapeleira de papelão azul, a galhofar com duas raparigas que o seguiam, oferecendo-lhe ovos moles ou mexilhões, para ele levar para Lisboa.

— A ti é que eu te levava, Mariquinhas, queres tu vir?

— É já, senhor Joãozinho... Vou buscar o senhor Padre Mendes, que nos casa aqui mesmo...

Mas o sujeito bochechudo avistou o rapaz magro de *paletot* cor de pinhão, e exclamou:

— Olá, sô Artur! Então também se vai para Lisboa?

O senhor Artur sorriu.

— Quem dera! Não, vim apenas esperar meu padrinho que vai de passagem para lá.

O outro puxou as calças para a cinta, e disse rindo:

— Homem essa! E vem o amigo de Oliveira de Azeméis aqui para ver passar seu padrinho no comboio?...

— Então? Para lhe apertar a mão, desejar-lhe boa viagem.

— Diabo! disse o outro. Já é ser-se bom afilhado!... Eu não o fazia nem por meu pai. Pousou a chapeleira, petiscou lume, e tirando uma fumaça do cigarro, continuou, com satisfação: — Pois eu vou-me até à capital!... Desenferrujar!... Se quiser alguma coisa...

— Que se divirta!

— Fica por minha conta! Há-de se encher este ventrezinho! E então que vamos ter um rico Inverno em Lisboa! Sassi em S. Carlos, cancanistas francesas no Casino... Naturalmente fornada nova de espanholas... Não lhe digo mais nada.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Deu outro puxão às calças, e foi colocar, com prudência, a chapeleira de papelão ao lado dum saco de tapete. Artur olhava-lhe o dorso crasso, curvado sobre a bagagem, as nádegas de obeso sobre que estalava uma calça cor de avelã; e pensava, com desconsolação, que era aquela criatura que tinha dinheiro, que ia para Lisboa, — o Joãozinho Mendes, de Ovar, a quem chamavam em Coimbra o *Chouriço,* e incapaz de compreender um livro, ou mesmo um dito!...

E lembrava a noite em que o Taveira, no Carneiro, muito bêbado, improvisava injúrias ao Joãozinho:

Lá na eterna Salgadeira
Ensacando duma vez
Dentro da tripa da Asneira
Um naco gordo e roliço
Dos lombos da Estupidez
Fez-nos Deus este *chouriço!*

O Taveira, com todo o seu génio, era um advogado pobre no fundo de Trás-os-Montes, e o *Chouriço,* proprietário, ia em primeira classe ouvir Meyerbeer... Aquele bochechudo em Lisboa parecia-lhe semelhante a um lagarto de couve pousado sobre o mel dum cálice de madressilva, e esta comparação subtil, que o *Chouriço* nunca poderia ter inventado, consolou-o um momento das diversidades amargas da fortuna...

Mas um silvo penetrante de locomotiva cortou o ar calado; imediatamente, o comboio apareceu, deslizando sobre os *rails,* dardejando ao alto jactos direitos de fumo branco.

— Pois eu, disse o *Chouriço,* aproximando-se com júbilo, enquanto o comboio parava, estendo-me agora ao comprido, e levo a noite duma soneca até Lisboa. Sei-a toda, hein? E amanhã a esta hora, na pândega! Vem pouca gente... Caramba, bonita pequena!

Era uma senhora, com um vestido de praia, de flanela azul, que se debruçara à portinhola dum *wagon* de primeira classe; tinha um livro fechado na mão; e o seu chapéu pequenino, todo de penas, parecia o peito roliço duma ave negra.

Artur foi ao comprido do comboio, procurando o padrinho não o encontrou; quis interrogar o condutor que, ao fundo, verificava uma descarga de caixões. Mas o homem não o atendeu, atarantado, de *bonnet* prà nuca, e olhos esgazeados; e em volta dele, um guarda, o chefe da estação,

98: de *bonnet*] de *bonet*

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

com as mãos atulhadas de papéis, o cocheiro do *char-à-bancs* da vila, vociferavam e bracejavam, tão aturdidos em torno dos quatro caixotes, como se os surpreendesse a acumulação inesperada de todas as mercadorias do Universo. Por trás da grade fechada da estação, as raparigas vozeavam também, oferecendo para o comboio mexilhões e ovos moles. Artur, desconsolado, voltou ainda a olhar pelas portinholas, até à terceira classe onde soldados que conduziam um desertor beberricavam duma garrafa.

Aí o rapaz do campo acomodava devagar, debaixo do assento, o seu saco de chita e o farnel, passou depois o lenço pela testa como para limpar o suor, e pálido, com os beiços a tremer:

— Adeus, mãe! disse.

A velha abraçou-se-lhe desesperadamente ao pescoço.

— Meu filho! meu rico filho, que não te torno a ver! Oh! meu filho, oh! Senhor! que não o torno a ver!

— Adeus, mãe! Adeus, Joaquina! Tem de ser, tem de ser!

Beijou a velha violentamente na face, apertou nos braços a rapariga, saltou para o *wagon*, e ficou com a cabeça enterrada nos punhos, aos soluços.

Artur comoveu-se. Pensou ainda na tristeza dos que emigram, nos pobres, nas existências trabalhosas em que o pão é um cuidado amargo. Quando viria à terra uma revolução de paz e de justiça, dar a cada um um campo próprio a lavrar, uma lareira farta na velhice?

Veio andando devagar junto ao comboio. O *Chouriço* já se instalara numa primeira classe, de gabão pelos ombros, charuto nos dentes:

— E então o padrinho? perguntou galhofando.

— Não veio.

O *Chouriço* esfregou as mãos, divertido.

— É boa! É muito boa! E vir o amigo expressamente de Oliveira de Azeméis! — E depois dum momento: — A propósito, diga-me uma coisa, como vai o Teodósio?

— Não o tenho visto. Está pra a quinta.

— E o que faz o amigo por Oliveira?

— Pra lá estou...

— Ainda se faz seu versinho, hein?

Artur sorriu ambiguamente. O *Chouriço* tirava o relógio impaciente.

O guarda fechara as portinholas. As raparigas, com os tabuleiros à cabeça, recolhiam à cidade; o *char-à-bancs* partira; havia agora um silêncio na plataforma donde desaparecera o chefe e o condutor: naquela estação

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

adormecida o comboio parecia ter adormecido também, sob a tarde serena: só uma rapariguita ia dizendo a espaços com um tom plangente e fanhoso: «água! água!» E sem descontinuar adiante a máquina ressonava baixo.

— Então nós ficamos aqui toda a vida? exclamou uma voz irritada.

Era um sujeito gordo, que vinha com a senhora de vestido de flanela. Artur então reparou nela; e pareceu-lhe tão linda, que ficou com os olhos pasmados, num enleio que o invadia, sentindo bater forte o coração: nunca vira aquela delicadeza fina da sua pele pálida, nem uma doçura tão tenra da linha oval; os seus olhos negros, de grandes pestanas, um pouco tristes, enterneciam; estava ainda debruçada à portinhola com o livro amarelo na mão; era pequenina e delicada, e o corpete justo do vestido desenhava um seiozinho, que devia caber no covo da mão.

Ela pareceu notar, também, aquele rapaz tão admirado; retirou-se devagar para dentro da carruagem; tornou a debruçar-se à portinhola compondo ligeiramente o laço fofo da gravata de renda — e os olhos de ambos encontraram-se.

— Boa pequena, hein, disse o *Chouriço*. Eu estive para me meter na mesma carruagem, e tinha divertimento para toda a noite... Mas embirrei com a cara do marido...

Artur achou-o também odioso — com as suas bochechas balofas e brancas, o chapelinho de casimira sobre o cabelo, encarapinhado, o beiço sensual de comilão, e um enorme *pince-nez* com a fita passada por trás da orelha.

— Eu parece-me que o conheço de Lisboa, creio até que é deputado, disse o *Chouriço*.

Mas o chefe da estação viera badalar a campainha — e o comboio começou a rolar devagar, com estalidos secos dos freios retesados.

— Adeus, amigo, saúde!, exclamou o *Chouriço*.

— Até à vista!

A senhora de vestido de flanela, olhou ainda Artur. Outras faces passaram diante dele apoiadas aos vidros; os soldados e o desertor galhofavam de garrafa à boca; e o rapaz do campo, com os olhos vermelhos como carvões, dizia adeus, agitando um grande lenço; a velha ia seguindo o *wagon*, a gemer, estendendo-lhe ainda desesperadamente as mãos — que cinquenta anos de trabalho tinham feito duras e negras. Por fim o trem, com um silvo penetrante, desapareceu na curva entre os pinheirais, já escurecidos.

Artur sentiu-se triste. Estes horizontes, o que eles devoram! Toda a noite, assim, aquele comboio rolaria, passando as estações alumiadas, as aldeolas adormecidas, levando o *Chouriço* feliz e estirado no seu gabão, o

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

pobre emigrante banhado em lágrimas, o desertor para a enxovia, aquela linda mulher para o seu palacete — e de madrugada chegaria a Lisboa. A Lisboa que lhe parecia mais desejável, pensando que era só lá que uma civilização superior produzia aquelas delicadas belezas de perfil patrício, como certas flores preciosas só nascem em terrenos muito preparados. Quem seria *ela*? O gordo, de *pince-nez*, era decerto seu marido: e sentia ali uma existência discordante, ele pesado e material, ela duma sentimentalidade subtil... Desejaria saber o seu nome e o seu passado, os seus gostos, o tom da sua voz, e que poeta preferia. Feliz o que escrevera aquele volume, que ia lendo e que a fazia cismar; devia ser talvez um romance de Daudet ou de Sandeau, uma obra delicada e nobre. Em que pensaria ela toda essa noite, com a cabecinha pálida apoiada ao encosto do *wagon* — enquanto defronte, decerto, o gordo, muito prosaico, ressonaria? Lembrar-se-ia da estação de Ovar?...

Artur deu ainda um olhar aos *rails* que iam assim, continuamente, paralelos e luzidios, até Lisboa — e ia atravessar para o outro lado da estação onde o esperava o *char-à-bancs* de Oliveira de Azeméis, quando viu um sobrescrito caído na plataforma, no lugar sobre que ela se debruçara. Apanhou-o vivamente, leu:

Ex.ma Sr.ª Baronesa de Pedralva
Hotel Francfort
Porto.

Então imaginou logo que ela o deixara cair, para lhe dar com o seu nome a certeza da sua simpatia; e entreviu, num relance, uma correspondência romanesca trocada entre eles, mais tarde um encontro em Lisboa, ou em Sintra, e um grande amor à Rafael, todo cheio de glórias e martírios... — E estava tão perturbado, que o Manuel cocheiro teve de lhe perguntar duas vezes «se o padrinhinho não aparecera».

— Não veio. Vamos lá, vamos lá!...

Atirou-se para um canto do *char-à-bancs*. Sentia bem uma carta dentro do sobrescrito mas queria lê-la só no seu quarto em Oliveira, onde o mesmo ar estava repassado dos sonhos e desejos de amor. E enquanto o carro rolava surdamente na estrada já escura, Artur, olhando pela vidraça aberta, uma claridade terna de luar que aparecia por cima da linha negra dos pinheiros, recitava versos de Hugo, afogado numa melancolia deliciosa:

Et j'étais devant toi plein de joie et de flamme
Car tu me regardais avec toute ton âme...

182: era decerto] era de de certo
207: queria lê-la] [*Lição conjecturada por deficiência do suporte*].
213: avec toute] avec toute toute

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Artur tinha então vinte e três anos. Pertencia a uma família da burguesia, originária de Lisboa, mas dispersada na província, desde a guerra civil; seu bisavô paterno, que se conservara na tradição dos filhos como uma glória doméstica, mas de vida desordenada, pertencera em Lisboa ao grupo de poetas parasitas, que se entusiasmavam platonicamente nos botequins por Mirabeau e Robespierre, faziam sonetos aos fidalgos em dias de anos, e desejando morrer pela liberdade, espancavam a ronda ao sair dos saraus onde eram admitidos para recitar elegias às Malvinas. Já velho, começara ainda a traduzir em verso as *Ruínas* de Volney, e os seus manuscritos inéditos eram propriedade duma das netas, que casara em Oliveira de Azeméis e levara para a sua companhia as duas irmãs mais novas, Ricardina e Sabina. Seu avô, esse, fora no Porto, tabelião correcto e obscuro. Seu pai, depois de ter na sua primeira mocidade publicado duas «Meditações» funerárias num semanário do Porto, — casara com a Sr.ª D. Maria das Neves Alpedrim, uma senhora pálida e magra, que tocava harpa, comparada num folhetim do tempo a uma *Virgem* de Ossian, e fora estabelecer-se seriamente, com ele, em Ovar, onde tinha obtido o lugar de escrivão de Direito.

Foi lá que Artur nasceu, anos depois — e a mãe, encantada, deu-lhe este nome em memória dos seus tempos de harpa e dos cavaleiros de xácara, cujos amores e proezas na Terra Santa tanto a tinham comovido.

O pai, esse, homem excelente e terno que até aí se desolara com a esterilidade do casamento, adorou também a criança: e com o seu respeito supersticioso pela magistratura, ainda Artur não fora baptizado já o bom Manuel Corvelo, decidira economizar com método, para mais tarde o levar a Coimbra e fazê-lo bacharel. Quando traçava [0] o futuro de Artur não o desejava [0] seco e estreito, abismado, mas **escrevendo** na «Reforma Judiciária»; lembrando-se [0] **das** duas «Meditações» no semanário «A Lira» [0] **esperava que** ele cultivasse as Belas-Letras, e a sua esperança era que o Arturzinho, um dia, reunisse em si as qualidades dos dois homens que ele admirava mais em Ovar — o delegado Pimenta, de argumentação tão capciosa, nutrido de legislação, um Pegas, destinado a uma desembargadoria; e o advogado Silveira, de imagens floridas, célebre na comarca pelos seus folhetins poéticos no «Campeão de Aveiro»!

Quando Artur às vezes rabujava muito — o pobre pai, alta noite, de chinelas e *paletot*, embalava-o ele mesmo nos braços pelo quarto, cantarolando-lhe, numa voz roufenha, o «Gentil Pajem d'El-Rei», até o adormentar e ficava então enlevado a olhar aquele rostinho amarelo de lombrigas, ainda

216: paterno, que] paterno, que que
239: mas **escrevendo**] [*Lição conjecturada por deficiência do suporte*].
240: **das** duas] [*Idem*].
241: **esperava que**] [*Idem*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

com uma lagrimazita nas pestanas, imaginando-o já na sua beca de desembargador, célebre como Lobão e autor dum livro querido como o *Amor e Melancolia!* Ele por esse tempo coitado estaria velho, não poderia trabalhar mas aquele serzinho que agora sonhando lhe mamava o dedo, seria então um filho ilustre e bom, que pela posição na magistratura lhe faria a velhice farta, e pela glória nas Letras lhe tornaria o nome clássico!

A sua primeira alegria foi quando se notou na família que nada calmava as raras perrices do Arturzinho, como deixarem-no folhear algum venerável *in-folio* de antiga legislação, e sobretudo, mais tarde, quando viu que o divertimento querido do pequeno não era rufar tambores ou cavalgar as vassouras, mas, aninhado nas saias da mãe, coser caderninhos de papel, que cobria de capas cor de rosa e de que acumulava colecções com a devoção dum velho bibliófilo.

— Sinais de inteligência, dizia muito sério o bom homem.

Por isso, bem cedo Artur começou a trabalhar o seu Tito Lívio e o *Telémaco.* Mas então a mãe, que depois do parto ficara sempre adoentada, afligia-se muito do tamanho das lições; e se o rapaz, com sono não fazia o tema, mandava ao outro dia secretamente um arrátel de chá ou de açúcar para acalmar a severidade do mestre João Grainha; de Verão e de Inverno, cobria-o de flanelas, e se o ouvia espirrar fazia-o beber ao jantar água quente, nunca o deixava adormecer sem verificar se ele tinha aos pés a botija quente, à cabeceira Nossa Senhora, e ao lado a campainha, a lamparina, a chazada, o açucareiro, e um ladrilho de marmelada: e o próprio pai o ia buscar à escola para impedir que os outros pequenos o fizessem correr ou lhe dissessem chufas.

O rapaz, sob este regímen, não se desenvolveu, tinha a palidez, a graça nervosa duma menina. Uma porta que de repente batia fazia-o despedir um grito. A sua sensibilidade era como a corda muito afinada duma rabeca; uma história triste, um *não* de recusa, punham-lhe logo nas pálpebras duas grossas lágrimas. A sua memória, que retinha longas poesias, espantava sempre os amigos da casa; e já quando ainda ele tinha oito anos, era para o pai todo um orgulho ouvi-lo, nas noites de partida, entre o semicírculo enternecido dos vizinhos, começar numa melopeia:

É noite, o astro saudoso
Rompe a custo um plúmbeo véu...

— **Deve ir** longe, dizia num tom profundo o escrivão Corvelo **acariciando** compenetradamente os três pêlos da calva. Agora era todo um espectáculo ouvi-lo recitar ternamente a fábula dos «Dois Pombos»:

Deux pigeons s'aimaient d'amour tendre...

287: — **Deve ir** longe] [*Lição conjecturada por deficiência do suporte*].
287-88: **acariciando** compenetradamente] [*Idem*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Já então os seus fins de tarde depois da aula eram passados encostado à janela do quintal, lendo algum volume da pequena livraria do papá, um tomo de Filinto Elísio, os *Mártires* de Chateaubriand, sobretudo as novelas da BIBLIOTECA DAS DAMAS.

Era de resto, como dizia o advogado Silveira, « uma gentilíssima criança » : tinha naturalmente as maneiras dum cavalheirozinho ; e a mãe babava-se quando o via na sala precipitar-se a recolher das mãos duma senhora a chávena vazia, ou quando ele dava um *shake-hands* ao senhor Delegado Pimenta, com os pés muito juntos, curvado, como na Corte.

Enfim, um dia, o pai comovido surpreendeu os seus primeiros versos, copiados a limpo com uma boa letra cursiva :

Junto a um ribeirinho serpeante
Eu, terno amante...

Foi ao outro dia no tribunal, com os olhos húmidos, mostrá-los ao advogado Silveira, a maior autoridade literária de Ovar. E o Silveira elogiou-os — sobretudo o final, duma cadência lírica tão rica que o surpreendeu :

E eu celebrarei na minha frauta amena
Teus olhos, ó morena...

Os versos estão todos certos, disse o Silveira, e há duas imagens opulentas. Gentilíssimo rapaz ! E tomou mesmo tanta afeição a Artur, que o presenteou com um *Eurico,* e propôs ao pai que nos dias feriados o deixasse ir para o seu escritório, onde lhe franquearia a sua livraria, um « verdadeiro banquete da inteligência ». E assim aos domingos, enquanto o Silveira à banca, de charuto nos dentes, ia entulhando de imagens floridas o seu folhetim semanal, o Artur ao canto devorava novelas e versos, Delille, Garrett, Soulié, Volney e Lamartine... Voltava sempre pra casa exaltado ; fechava-se no quarto, a trabalhar no seu poema, de que já tinha quinze oitavas, e que se passava todo num jardim entre ele, anjos e cavaleiros. E andava perdidamente namorado pela Joaninha das *Viagens na Minha Terra,* mas dum amor complexo que a abrangia a ela, a casinha branca, o rouxinol, e todo o Vale de Santarém.

Era então um rapaz quieto e triste, de olhos bonitos e cabelo corredio. O crepúsculo, os sinos da Ave-Maria, o fado à guitarra, tornavam-no todo melancólico. Pensava muito no amor, às vezes na morte. Tinha gostos delicados, um pudor ingénuo. A cozinheira, uma forte mocetona de Estarreja, de olhos de azeviche, roçava-se muito por ele, tentada com aquela pele tenra

298: um *shake-hands*] um *shake-hand*
320: que a] que a a

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

de pajem; e uma noite, que os pais tinham ido para a *soirée* dos Cunhas — e Artur constipado, ficara só em casa, na cama — a Luiza entrou no quarto, chamou-lhe a brincar «seu filhinho» e de repente, toda abrasada, colou-lhe os beiços ao pescoço. O rapaz recuou, escarlate como uma Ofélia insultada, e fechando os punhos de cólera:

— Se tornas a ter desses atrevimentos, digo ao papá, que te corre pela porta fora!

Era de temperamento linfático e calmo — e por esse tempo, tendo já esquecido Joaninha, amava idealmente a mais velha das sete irmãs Teles, uma senhora alta e vaporosa, sempre coberta de [0] tules esvoaçantes, que ele celebrava [0] sob o nome de Laura de Castela.

O advogado Silveira aconselhara Manuel Corvelo, logo que Artur fez o seu belo exame de Retórica, a que o mandasse estudar a Coimbra o último preparatório de Geometria e Introdução.

— Assim acostuma-se a Coimbra e à vida académica, e quando entrar pra a Universidade já não vai como o recruta bisonho, mas bem como o soldado aguerrido — tinha ele dito com uma das suas formosas e vagas imagens.

E no Outubro seguinte, por uma fusca manhã de chuva que as lágrimas da mãe fizeram parecer a Artur ainda mais triste, partiu o pai levá-lo a Coimbra, preciosamente, com muita economia; instalou-o na casa das Barbosas da rua da Matemática, e deixou-o recomendado ao filho dum seu velho amigo, o Teodósio Margarido, valentão de grandes bigodes, terrível aos caloiros, grande matador de gatos, que usava sempre uma moca, e que então frequentava o terceiro ano de Direito.

Todo aquele primeiro ano em Coimbra foi triste, tomado pelo estudo da Geometria, de fórmulas positivas que lhe eram antipáticas, dominado pelo pavor incessante de troças e de *graus* ao toque da *cabra*, recolhia-se pontualmente aos seus compêndios, obedecendo àquela sineta melancólica como a um ditame de moral; as únicas horas boas eram algumas [0] no Penedo da Saudade, onde ia sob a protecção do Teodósio armado da sua temerosa clava — mas sobretudo, nas vésperas de feriado, algum café no Trony, à sombra sempre do Teodósio, e o espectáculo dos bilharistas famosos da Academia, fazendo sob a luz dura do gás, efeitos de carambola. Mas depois do seu exame, voltou a Ovar, vaidoso da sua batina e de pertencer à *Briosa*, compenetrado da importância social da Academia, dos seus privilégios e do seu Hino; odiando já o futrica, tremendo do lente; sonhando futuros artigos na IDEIA ou no INSTITUTO; e já preso a Coimbra por uma afeição sentimental produzida pela paisagem elegíaca do Mondego, o cavaco, a banza, e a independência alegre da vida escolástica. Trazia além

347: instalou-o] instalou
356: as únicas] [*Lição conjecturada por deficiência do suporte*]

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

disso um drama, quase acabado, o *Conde d'Além-Mar*, cujo segundo acto, que julgava sublime, — era uma festa, à moda da Renascença florentina, passada num vago palácio junto ao Tejo, onde se bebia vinho de Siracusa, havia sicários mascarados, e no rio, ao fundo, passavam gôndolas em que o contralto das mulheres se casava ao gemecer dos oboés.

No ano seguinte, Teodósio, que se afeiçoara à natureza obediente de Artur, e « para ter o seu caloiro à mão » arranjou-lhe um quarto na casa em que ele vivia, na Couraça. Foi uma aventura, um entusiasmo para Artur, que conhecia de tradição, admirava de longe os companheiros de casa do Teodósio, — rapazes extremamente literários, redactores ardentes do jornalzinho « O Pensamento ». Esta pequena revista semanal fora originariamente fundada, num alto espírito de fraternidade moça, para criar recursos ao Taveira, rapaz extremamente pobre, e o grande lírico do grupo; mas ultimamente era dirigida na realidade pelo Damião, o ilustre Damião, que tendo levado um R repetia o seu quarto ano. E apenas o « Pensamento » ganhara crédito naquela geração, tinham-se precipitado para ele, como espíritos sufocados no anónimo para um respiradouro de publicidade, não só todos os amigos do Damião que se nutriam de Michelet, Quinet, mesmo os que ainda admiravam Pelletan, mas também o grupo do Cesário que, num progresso revolucionário e científico, já devorava Proudhon, Augusto Comte, Littré, Vacherot, Stuart Mill e Spencer, — e sobretudo os temperamentos puramente artistas que, tendo horror à abstracção filosófica e o entusiasmo da Paixão, se retardavam na admiração de Hugo, Musset, Heine, Gautier, Vigny e Byron.

A esta vaga associação de fanatismos chamava-se em Coimbra — os *Filósofos* ou também os *Ateus*: eles mesmos denominavam-se o *Cenáculo*. E ainda que não havia sessões regularmente organizadas, quase todas as noites se juntavam no largo quarto do Damião, na Couraça. E Artur sentiu os olhos humedecerem-se-lhe de entusiasmo quando pela primeira vez, na fumarada de cigarros, onde os três bicos do candeeiro de latão punham três luzinhas sedentárias, ouviu vozes fanáticas discutirem em estilo de ode, a Arte, as Religiões, o Panteísmo, o Positivismo, a estupidez dos lentes, o Ser, o Ramayana, o Messianismo germânico, a Revolução de 89, Mozart e o Absoluto.

371: ao gemecer] ao gemesser [*Leitura provável, mas conjecturada por deficiência do suporte*].
388: artistas que,] artistas que que
394: [*Início de lacuna no manuscrito por deficiência do suporte. Adopto a lição de 1925 a partir deste lugar*].
395: [*Fim da lacuna e da lição de 1925*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

«Naquela cavaqueira filosófica», o forte Teodósio conservava-se mudo — assombrado das ideias, como de portas augustas de santuários fechados.

Mas a sua presença atlética era querida de todo o *Cenáculo* além de excelente rapaz, sempre com dez tostões no bolso para partilhar com um condiscípulo pobre, ele tinha uma admiração servil por todos aqueles «génios». Ao lado de tais espíritos, exclusivamente ocupados da Ideia, ele punha a protecção formidável dos seus músculos e da sua moca. Uma noite que o *Cenáculo* discutia furiosamente Lutero e a Reforma, sentiram-se ao fundo da escada os gritos do filho da servente, espancado por futricas. Todos se ergueram para acudir. Então Teodósio trovejou, alçando a mão:

— Ninguém se mexa! Continue-se a bela discussão! Aqui na casa, para a bordoada, só eu!

Desceu com a imensa moca e daí a pouco, na rua, era uma debandada aflita de futricas desbaratados.

Desde então, tacitamente, entre os membros do *Cenáculo,* que se consideravam uma aristocracia da Inteligência, semideuses muito acima da obscura humanidade académica, no cimo dum Olimpo — Teodósio, com os seus bigodes, os seus punhos que erguiam arrobas, e sobretudo a sua tremenda maça, foi o Hércules, o Alcides pagão, o subjugador dos rebeldes — e, ao lado dos Sacerdotes da Ideia, a personificação da Força.

Mas isto não bastava ao Teodósio; e na sua dedicação pelos génios com que vivia, para partilhar mais directamente dos seus interesses espirituais, servir utilmente o *Cenáculo,* colaborar no culto da Ideia, não podendo dar teorias e frases — encarregara-se pouco a pouco de comprar os livros. Filho de proprietários ricos, com uma mesada abundante, era ele que fornecia a Biblioteca do *Cenáculo* e todas as semanas, segundo as instruções do Damião, ou do Cesário, aparecia trazendo em triunfo um volume de Michelet, de Renan, de Taine, ou um Heine, a que cortava as folhas venerandamente, dizendo com ar finório:

— Ora vamos a ver o que diz cá o *patrão*!

E depois de ter um momento esgaseado os olhos para o livro, dizia gravemente:

— Já vejo que é obra curiosa e para leitura demorada. Hei-de saboreá-lo na cama.

404: [*Início de lacuna no manuscrito por deficiência do suporte. Adopto a lição de 1925 a partir deste lugar*].
420: [*Fim da lacuna e da lição de 1925*].
421: [*Início do fragmento EA2*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Abandonava o volume a algum do *Cenáculo* — e subia ao quarto a estudar a sua lição de viola francesa.

Mas tinha assim o direito de ser um dos *Filósofos*. Contribuía também largamente para as despesas do « Pensamento » — o que o habilitava, se alguém lhe era antipático, a formular paralelamente duas ameaças medonhas —« o peso da sua moca, e uma desanda no jornal ». Mas o que o satisfazia mais era poder pronunciar frases notáveis que recolhia no *Cenáculo* assim, quando ia com outros matar gatos à moca, nunca deixava de dizer, mostrando o céu estrelado :

— Isto, rapazes, não é lá qualquer coisa. *É a lepra luminosa da face de Deus !*

Bela frase — que aprendera do Taveira [0] . Foi deste modo que Artur se achou, por acaso, no meio que devia desenvolver as tendências do seu temperamento. Ao princípio, naturalmente admirou sobretudo os indivíduos, as personalidades, a fraseologia nova, as estranhas excentricidades tremeu de entusiasmo vendo uma noite de trovoada, na Feira, o próprio Damião tirar o relógio do bolso, um cebolão de prata, e numa atitude de Satan rebelde, dar cinco minutos a Deus para que o fulminasse, e, passados os cinco minutos num grande silêncio do céu, atirar desdenhosamente o cebolão para a algibeira, dizendo com tédio « está superabundantemente provado que não há nada lá no céu », e acrescentar, olhando para as estrelas: « a não ser algum pó luminoso de Deuses mortos ! » Extasiou-se diante do ilustre Fonseca, que, no seu horror pelas expressões vulgares, pedia um bife no Carneiro, exclamando: « Traga-me uma lasca do velho Ápis, preparada segundo as fórmulas do progresso ! ». Palpitou de simpatia com o humanitário Vilhena, ouvindo-o responder a quem lhe estranhara a tristeza : « Como querem vocês que o homem sorria, quando a Polónia sofre ? ».

Mas nenhum o impressionou como o grande Marçal, com a sua bela face clássica, a cabeleira, a impassibilidade marmórea dum Deus da Ática. Teve a glória de o acompanhar uma noite que o Marçal ia ver a sua amante, esposa dum professor do Liceu. E na rua estreita, ao chegar debaixo da janela onde se debruçava um vulto claro, o Marçal, soberbamente sereno, erguendo o rico metal da sua voz, perguntou para cima :

— O veado já saiu ?

Do vulto alvo veio como um sopro subtil :

— Foi agora mesmo para o *club*.

442: desenvolver as] desenvolver as suas [*A correcção justifica-se pela ocorrência, a seguir, de* seu].
446: [*Início de lacuna no manuscrito por deficiência do suporte. Adopto a lição de 1925 a partir deste lugar*].
450: [*Fim da lacuna e da lição de 1925*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

E então o Marçal, desdenhoso da presença de Artur, duma família que passava, no mesmo tom sonoro e cheio:

> Deita-me então a escada de Romeu
> Que eu subo a ir beijar-te os peitos brancos.

Estas audácias, estas frases, pareciam a Artur prodigiosas, duma raça de homens superiores aos mortais, e ansiava pelas imitar. O que o exaltava, porém, acima de tudo, era o cavaco — aquele faiscante cavaco do *Cenáculo* em que todas as noites se formavam, fumando cigarros, novas concepções do Universo, em quatro palavras se decidia duma nova Ordem para a Humanidade, uma pilhéria aniquilava a glória dum herói, argumentações temerárias iam abalar no fundo [O] os interesses humanos, falavam das mulheres com o esplendor do *Cântico dos Cânticos,* todo o sonho era bem vindo — e a mesma realidade do mundo tangível parecia esvaecer-se quando o Taveira, arrastando pelo quarto a sua capa esfarrapada, exclamava, com um gesto que o remontava ao céu:

> A galope, a galope, oh Fantasia
> Plantemos uma tenda em cada estrela.

Então para igualar estes génios, poder ter uma frase nestas discussões, começou a devorar todos os livros do Teodósio, com uma sofreguidão confusa, indo de Petrarca à *História da Revolução Francesa,* de St.º Agostinho a Balzac, começando mesmo Hegel e precipitando-se logo para as *Orientais,* e para a legião dos Românticos. E então, pouco a pouco perdendo o culto exclusivo pelas personalidades do *Cenáculo,* elevou-se à admiração mais vaga de personagens da Arte ou da História, de épocas da Humanidade, de Civilizações, e de ideias: entusiasmou-se pela Meia-Idade, as suas catedrais e os seus mosteiros, e o Reno gótico com os seus castelos de Burgraves heróicos sobre os píncaros das rochas; depois foi pelo Oriente, as suas cidades erriçadas de minaretes, onde pousam as cegonhas, as caravanas no Deserto, os jardins dos serralhos onde suspira, no guzla, ao murmúrio das águas, a paixão muçulmana; depois, pela Renascença italiana, e os seus *deccamerons* galantes, as galas dos Papas; um livro de Arsène Houssaye deu-lhe algum tempo a admiração

471: o que o exaltava,] o que exaltava [*Lição conjecturada por lapso do autor*].
487-88: então, pouco a pouco] então pouco
491: as suas catedrais] [*Lição conjecturada por deficiência do suporte*].
492: sobre os píncaros] [*Lição conjecturada por lapso do autor*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

exclusiva do Século XVIII; depois adorou a Boémia de Murger e de Gérard de Nerval, e tinha outros entusiasmos vagos por paisagens, heroísmos, teorias, e atitudes — os rios sagrados da Índia, os corsários patriotas do arquipélago grego, a regeneração das prostitutas, S. Bernardo em Claraval e Danton na Convenção. Torturava-o então o desejo permanente de reproduzir as imagens, de que estes entusiasmos e as suas leituras lhe enchiam vagamente o cérebro: mas não sabia ainda que Arte empregaria. Às vezes os seus ideais eram tão indefinidos, que lhe parecia que só árias e melodias os poderiam exprimir; imaginava então estudar música; nenhum génio humano lhe parecia superar a Mozart ou a Beethoven, que nunca ouvira ambicionava compor sinfonias sobre assuntos que amava e para que a poesia lhe parecia insuficiente, como a «Morte do Calvário», ou o cavaleiro Sir Galaat procurando pela terra e pelos mares, o vaso do Santo Graal. Outra vez era a cor, a beleza das linhas que o interessava; quereria então ser pintor, lançar na tela o rico esplendor dos estofos, as decorações da luz dum céu de Oriente, cenas de Shakespeare, ou episódios grandiosos da História e nenhum destino humano, então, lhe parecia igual ao dum Miguel compondo um *Julgamento Final*, vivendo de pão e de água, e nos intervalos de repouso, escrevendo um soneto imortal!

Já os seus compêndios de Direito Natural e Romano lhe pareciam odiosos; e todas as noites escrevia versos que apenas ousava mostrar a um companheiro que vivia no quarto vizinho, e que não pertencia ao *Cenáculo*. Este moço, que era ainda parente de Taveira, e como ele de Bragança, extremamente gordo, e falando com frequência do *Pote das Almas*, que fora a maior impressão que trouxera de Lisboa, era conhecido no *Cenáculo* pelo nome de *Pote-sem-alma*. Amara loucamente uma prima que o abandonara por um morgado dos arredores de Bragança; e desde então, a ocupação do *Pote-sem-alma* era decorar pontualmente a sua *sebenta* e chorar aquele amor perdido. Era porém sempre no calor da cama que aquela saudade o pungia; e todas as noites regularmente, a voz de *basso* do *Pote* atroava a casa, bradando de entre os lençóis:

— Ai que rico bocado de pequena, ai quem ma dera aqui!

Este berro lúbrico escandalizava o gosto delicado dos artistas do *Cenáculo*. E um dia ao jantar, Damião disse muito severo ao *Pote-sem-alma*:

— *Pote*, você todas as noites lamenta a perda da sua prima Felícia dum modo que nos é insuportável. Você como homem e como *pote* é livre, e não podemos proibir-lhe o queixume. Mas temos direito ao menos a que dê

498: Século XVIII] Século 18
510: do Santo Graal] do S. Gral

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

à sua saudade uma expressão literária e nobre. E já que Deus, para usar este termo obsoleto e convencional, lhe deu em gordura o que lhe recusou em ideia, aqui o amigo Taveira encarrega-se de lhe formular em duas ou três estrofes, um grito de desespero decente. E o *Pote* há-de ter a bondade de usar, de ora em diante, esta fórmula, sempre que o dilacere a dor dessa paixão infeliz.

A «fórmula» composta por Taveira era uma imitação dalgumas estrofes de «Locksley Hall», a patética elegia de Tennyson, em que o poeta, revisitando os prados e os areais onde outrora, com sua prima Amy, dera os passeios sentimentais do amor harmónico, solta o grito, tão célebre na tradição romântica:

> Oh my cousin shallow hearted! Oh my Amy, mine no more,
> Oh the dreary, dreary moorland! Oh the barren, barren shore!

E a composição de Taveira, depois de falar com amargura dos prados e areais de Bragança, onde Felícia e o *Pote* se tinham amado, na humidade das relvas, junto à espuma do mar, terminava com a mesma apóstrofe dilacerante:

> Oh minha prima Felícia! Nem minha, nem nunca mais!
> Desertos, desertos prados! Tristes, tristes areais!

Agora todas as noites o *Pote-sem-alma*, depois de ter arranjado a cama com o gabão aos pés, a capa por cima, deitava-se, entalava a roupa nos ombros, dava um *ah!* regalado de gozo, e com o nariz fora dos lençóis, soltando toda a voz, bramava, no silêncio:

> Oh minha prima Felícia! Nem minha nem nunca mais
> Desertos, desertos prados! Tristes, tristes areais!

Ao princípio este mugido lírico assombrou Artur, depois a proximidade de quartos trouxe-lhe a intimidade do *Pote*; ouviu-lhe a história da prima e os elogios da «perna da pequena» e nestas confidências, no cavaco da noite, mostrou ao *Pote* alguns versos — sobretudo uma elegia intitulada OFÉLIA, que ele ambicionava publicar no «Pensamento». O *Pote* levou a poesia ao Taveira — e como era a semana de Entrudo, em que faltou original para o «Pensamento», OFÉLIA apareceu em folhetim. Que surpresa para Artur. Que hora deliciosa! Era a entrada numa grande carreira poéti-

538: grito de] grito de de
543: prima Amy] prima Emy
554: depois de] depois de de

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

ca — sentia-se já igual ao Taveira, e mais tarde célebre como Musset, seria o confidente querido das almas ternas. Nessa tarde ao jantar, o Damião disse-lhe protectoramente:

— Você tem a fibra e a forma, caloiro. Trabalhe, trabalhe! É necessário ter a ideia. Procure a ideia!

Remeteu logo para Ovar exemplares do «Pensamento». Não duvidou do seu génio, e começou a procurar a *Ideia.*

Entusiasmou-se então pelo Panteísmo. Decidiu ser o grande poeta panteísta de Portugal, sonhou uma alma nas coisas, e parcelas de divindade nas folhas dos salgueirais. E esboçou imediatamente o plano dum poema dramático, que seria a explicação do Universo, em que estrelas, montes, rochas e árvores eram personagens e tinham as paixões, os caprichos, as tristezas duma humanidade inerte e muda.

Esta ideia, porém, era muito vasta para a sua debilidade de anémico: e apenas produziu as primeiras estrofes, o «Coro dos Montes», monologando no silêncio dum céu de Verão, com lua:

> Nós somos os montes. E a fronte de neve
> Coroamos à noite de estrelas brilhantes.
> Nós somos os montes, gigantes severos
> Cismando ao ruído das águas cantantes...

Por esse tempo namorou-se duma senhora casada da Calçada, cujos olhos árabes, e graças de palmeira nova, já tinham sido cantados pelos líricos da outra geração académica: passou então as enternecidas noites, rolando pensamentos à Romeu, contemplando a janela do quarto onde ela, de camisola de flanela e os pés sobre a botija, ressonava ao pé do marido; não ambicionava mais que pousar-lhe um beijo de leve sobre a testa por um céu de luar; só no seu quarto, apertava convulsivamente as mãos contra o peito, murmurando num delírio vago: «oh! adoro-te». Esqueceu o seu poema filosófico, caiu no Lirismo, prodigalizado em quadras, em que ela era Julieta, a bela Andaluza, a Esposa dos *Cantares.* Julgou que na vida nada valia senão a paixão; compreendeu, admirou René, Werther, Rolla, Manfredo, Lara, outros piores. E como a felicidade desejada, o beijo ao luar, não chegavam, — para seguir a tradição romântica dos desesperados, começou a embebedar-se. Eram então, com o Taveira, noitadas de exaltação platónica, regada com meios-quartilhos na Tia Pôncia e no Arsénio. Vinha depois aos bordos, para o quarto do *Pote* declamar os seus desesperos. E o *Pote,* numa

598: Werther] Wherter

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

saudade que se lhe comunicava, mas obedecendo ao *Cenáculo,* mugia logo, de entre os lençóis:

> Oh minha prima Felícia! Nem minha nem nunca mais
> Desertos, desertos prados! Tristes, tristes areais!

E mais baixo, torcendo-se e roncando de concupiscência:

— Oh menino, que se a pilhasse aqui!

Enfim veio o acto — e Artur levou um R. Uma tão grande injustiça deu-lhe o ódio de toda a autoridade; odiou os tiranos desde Jeová até aos lentes, desde o Czar até ao Bedel da faculdade; ambicionou uma República governada por poetas e por génios. Pensou mesmo em abandonar uma Universidade, um país que desconhecia assim os seus talentos, partir, e ir combater pela Polónia; e ser-lhe-ia grato morrer numa batalha da liberdade, entre cantos patrióticos, pensando nela.

Seu pai teve um grande desgosto com o R. Artur porém numa carta poética provou-lhe que fora a inveja suscitada por um génio nascente e mandava-lhe uma lista de todos os grandes homens que tinham sido mal apreciados pela Universidade e que mais tarde, ministros, poetas, sábios, glórias nacionais, conservavam no seu passado camadas de RR injustos!

Foi nessas férias que sua mãe, doente desde o Inverno, morreu duma tísica de garganta. O pai, extremamente afectado, teve os primeiros sintomas duma doença do coração.

Teve um Verão desgraçado, naquela casa triste, em que lhe parecia sempre ouvir as marteladas sobre o caixão da mãe, e sentir ainda o cheiro das tochas de cera, e os suspiros cerimoniosos de pêsames. As últimas semanas, sobretudo, foram as mais tristes, diante daquele pai carregado de luto, com os olhos inflamados das lágrimas, e que agora, tomado também do pressentimento da morte, lhe falava constantemente do futuro, da necessidade de trabalhar, da dor de o deixar sem recursos. Nem ao menos tinha o seu velho amigo Silveira, para desabafar: contara deslumbrá-lo com as histórias do *Cenáculo* e os entusiasmos lá adquiridos, mas o Silveira estava a banhos em Espinho, onde fazia palpitar o coração das senhoras com o seu bigode fatal, as suas imagens, o seu cão da Terra-Nova, e a sua capa à espanhola. A volta para Coimbra foi para Artur um alívio.

Tinha esquecido inteiramente a senhora da Calçada.

Vinha então com ideias mais definidas de carreira, e resoluções de estudar a publicação do *D. Jaime* dera-lhe a ambição de compor durante a forma-

627: de pêsames] de pesamos

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

tura um poema histórico; iria depois estabelecer-se em Lisboa, advogar, e lançar a sua epopeia. Andava procurando um assunto — quando a leitura da *Vida de Jesus* de Renan o entusiasmou pela Judeia e pela legenda Messiânica. Veio-lhe a ideia, que julgou grandiosa, de refazer o Evangelho, pintar num poema social um Jesus pálido e louro, errando pelos vales nazarenos e junto dos lagos sírios, amado das mulheres e das crianças, ensinando a Democracia às almas ternas. Mas o Damião, consultado, escarneceu a ideia: no progresso da sua evolução intelectual lançara-se, com o grupo do Cesário, no culto exclusivo de Proudhon, Stuart Mill e Augusto Comte; e não sabia realmente o que vinha fazer Jesus, Madalena e os sicômoros de Betânia, em pleno século XIX, à hora do Positivismo e do Socialismo? Que o caro Artur cantasse a Revolução, o povo e o seu antigo opróbrio! Que fosse Virgílio fazendo a epopeia sintética dum novo mundo, ou Juvenal lançando a sátira dum mundo decrépito! E que deixasse os lirismos evangélicos às duquesas cloróticas do *Faubourg St. Germain.*

Não foi Virgílio, nem Juvenal; mas desistiu do poema sobre Cristo, como abandonara o poema histórico sobre D. Sebastião. Caiu então de repente, sem motivo, numa desconsolação vaga da vida, tomado do tédio de todas as realidades, a alma cheia da ambição enevoada de felicidades indefinidas. Começou a odiar outra vez os compêndios: sentia-se vazio de imagens e de rimas, uma quadra custava-lhe os esforços dolorosos duma epopeia. De tarde, lá ia pela Sofia, murcho, encolhido dentro da capa, com o gorro enterrado até ao cachaço, arrastando-se para o Salgueiral a saturar-se de melancolia de noite, lá ia para o Penedo da Saudade olhar a lua no vale; ou ficava no quarto do Damião, no fogo das conversas do *Cenáculo*, sem achar uma frase triste da sua esterilidade.

— Este Artur é prodigioso, dizia o Cesário; está aos dezenove anos como Byron aos trinta. Com esta precocidade de sentimento, há-de vir a ser um grande idiota.

Por este tempo, o Teodósio levou-o uma noite a casa da Aninhas Serrana, que era então a meretriz mais cara de Coimbra, o sonho ardente de toda a academia pobre, e a quem, o Taveira, numa poesia delirante chamara «estrofe de Carne e Vénus Cristã». A Aninhas tinha cortinas de *reps* amarelo nas janelas, usava um *robe-de-chambre* cor de fogo, e lia a *Dama das Camélias*; contava-se como uma legenda singular que tomava banhos, e era certo que o Salgado se tinha envenenado por ela: tanto romantismo

666: aos dezenove] os desenove
671: toda a] toda a a

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

fascinou Artur; fez-lhe tercetos no «Pensamento», e a Aninhas concebeu por ele um capricho, *grátis*. Na madrugada, em que ele saiu do seu leito, extenuado de amor, sentiu que toda a melancolia daqueles meses passados se lhe dissipara como uma névoa: a sua vida tinha agora um centro e uma significação: queria ser o Armand Duval daquele anjo, regenerá-lo, e imortalizá-lo num poema como o *Intermezzo*.

Duas semanas depois a Aninhas abandonou-o por um caixeiro da Sofia. Chorou de dor. Na mesma página do «Pensamento» em que a celebrara, insultou-a agora, com estrofes à «Mulher de Mármore»; e no baile de terça-feira de Entrudo, no teatro de D. Luiz, exaltado de genebra, vendo-a pular vestida de odalisca, numa *polka* frenética, exclamou com escândalo:

— Folga, vil Messalina... És podridão, e em podridão te tornarás! Perneia, prostituta. Oh Serrana, ó magana, restitui-me o par de peúgas que te deixei no prostíbulo...

O par de Aninhas, um quartanista grande ginasta, esbofeteou-o imediatamente.

Foi um episódio temeroso. Artur queria esperá-lo fora para o apunhalar. Enfrascou-se de *cognac* até se tornar feroz. E os companheiros tiveram de o arrastar para casa, idiota de álcool, abraçando-se a todos os candeeiros, regando-os de lágrimas, gemendo:

— Mulher, teu nome é vileza!

Ao outro dia quis mandar à Aninhas uma placa de cinco tostões — escrevendo-lhe como outrora Armando: *aí vai o preço do teu amor e do meu insulto*. Mas receou os músculos formidáveis do ginasta; e furioso descreu das mulheres.

— Só a Arte não trai, Artur, disse-lhe Taveira.

Lançou-se então desesperadamente na Arte; considerou-se cínico à Musset e à Byron; quis como eles dar à sua vida um delírio romântico; recomeçou a embebedar-se. — E uma manhã que recolhia ainda estremunhado dum lupanar (como convinha a um irmão de Rolla), encontrou em casa uma carta do Silveira: na véspera, enquanto ele no Garrano com o Taveira brindava à Morte e à Orgia, seu pai de repente, ao entrar na Assembleia, tinha caído morto para o lado, murmurando apenas — *Oh meu filho!*

O pobre moço, que amava seu pai, desmaiou: e depois das primeiras lágrimas ficou aterrado: ali estava só na vida, sem recursos para continuar a formatura, tendo de deixar Coimbra, o *Cenáculo*, a vida poética.

683: [*Lacuna no manuscrito por deficiência do suporte. Adopto a lição de 1925*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Por conselho do Silveira foi a Ovar, vender em leilão a mobília, algumas pratas da casa; passou ali uma semana amarga na hospedaria, coberto de luto, com os olhos vermelhos como carvões, fumando cigarros, fazendo e desmanchando planos, ou com o nariz contra a vidraça, vendo cair a chuva miudinha de Março. Uma noite enfim o delegado Pimenta que muito solicitamente dirigira o leilão, veio trazer-lhe quarenta e cinco libras em oiro. Então, àquela riqueza, rebrilhando sobre o pano verde da mesa, uma esperança desordenada levantou-lhe a alma. Teve a certeza que, com uma economia sagaz, poderia viver dois anos em Coimbra: durante esse tempo, leccionando, fundando uma revista, criaria recursos regulares... — E apesar de chorar ainda, ao olhar para o daguerreótipo do pai, gozava instintivamente uma ideia de liberdade, — sem família para lhe traçar autoritariamente um destino, e com dois fortes cartuchos de dinheiro na maleta.

Voltou para Coimbra — e daí a duas semanas pagava aos líricos do *Cenáculo* uma Orgia na Tia Pôncia: depois comprou todas as obras de Victor Hugo e um revólver; fez fato, guitarreou, jogou à batota, alugou caleches para ir a Condeixa jantar no Castela com o Taveira e o Lima Triste. No acto final levou outro R. E pelas férias, quando Coimbra começava a ficar deserta, achou-se com oito mil réis, e uma sífilis.

Foi então que se lembrou das tias, que nunca vira e que viviam em Oliveira de Azeméis. Eram duas, Ricardina e Sabina; a mais velha, a tia Loló, morrera tísica um ano depois do marido, e deixara uma filha, a priminha Cristina; vivia, em Oliveira, com as duas senhoras, e às vezes recebiam-se em Ovar notícias das suas doenças, feridas nas pernas, humores nos ouvidos, uma degeneração de raça escrofulosa.

Escreveu-lhes uma carta patética, com frases à Musset, pedindo às duas velhas que «o ajudassem nesta grande batalha da vida em que ele se sentia fraquejar, porque era desta geração nervosa e pálida, que necessita o amparo duma ternura de anjo...».

Como a resposta tardava — partiu desesperado para Ovar, para a mesma hospedaria, como se esperasse ver outra vez cintilar, sobre o pano da mesa, o ouro doutro punhado de libras. Aí o seu velho amigo, o advogado Silveira,

723: o daguerreótipo] o dagarreotypo

725: fortes cartuchos] fortes cartuxos

729: com o Taveira e o Lima Triste] com o Taveira e o Lima triste [*Tanto poderá ser referido a Artur (que estaria triste por causa da morte do pai), como ao Lima (e nesse caso, ser uma espécie de epíteto). O facto de no manuscrito a palavra* triste *vir com letra minúscula apontaria para a primeira hipótese. O contexto, porém, não parece sugerir um estado de tristeza para Artur; além disso, é frequente encontrar-se em manuscritos de Eça de Queirós nomes próprios grafados com letra minúscula; por estas razões, decidi optar aqui pela segunda hipótese, se bem que com reserva*].

730: quando] [*Início de lacuna no manuscrito por deficiência do suporte. Adopto a lição de 1925 a partir deste lugar*].

731: achou] [*Fim da lacuna e da lição de 1925*].

732: e que viviam em] [*Lição conjecturada por deficiência do suporte*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

que rompera com o « Campeão », e ia casar com uma viúva rica que fascinara em Espinho, irritou-o com conselhos práticos, muito burgueses: « a vida não era poesia! era necessário tratar do pão! » — Mas onde? como? Ir rabiscar papel selado para casa dum tabelião? Ir vender bareges a um balcão do Porto?

— Era imbecilizar para sempre as minhas faculdades, Silveira!

Enfim, uma manhã chegou a carta das tias! Era breve, numa letra bonita de mulher:

« Meu querido sobrinho

Cá recebemos a tua carta que mostra que tens muito talento e nos fez chorar a todos, que até o Albuquerquezinho, pareceu muito afectado. E eu não teria felicidade maior que poder ajudar-te para a tua formatura, pois se vê que tens vocação para doutor e havias de fazer boa figura. Mas infelizmente, como tu não ignoras, pois o mano Manuel estava bem ao facto de tudo, nós nada temos, e tanto a casa em que vivemos, como tudo o mais pertence a Cristininha e isso bem pouco é: é apenas o bastante para alguma decência. Tu, porém és do nosso sangue, e por isso, e com consentimento de Cristininha, te posso dizer que nesta casa hás-de encontrar bom agasalho, pois que até o quarto ao pé do do Albuquerquezinho tem alguma mobília e podia servir para ti, e mesmo a mana Sabina já lá anda a escarolá-lo, pois esperamos que aceites este oferecimento, que é feito do coração, quanto mais que o senhor Vasco diz que agora são férias em Coimbra. E a Cristininha está morta por te conhecer, bem como todos, e escreve avisando do dia em que vens, e recebe um apertado abraço

da tua tia muito amiga do Coração

Ricardina. »

O advogado Silveira, a quem ele correra a mostrar a carta, disse-lhe logo, traçando a perna, com uma das suas imagens floridas:

— Aí tens tu! Eras a barca batida da tempestade, abre-se-te o porto hospitaleiro!

Artur, passeando cabisbaixo pelo escritório, imaginava, por aquele estilo da carta da tia Ricardina, a existência em Oliveira de Azeméis entre as duas senhoras cheirando a rapé, fazendo à noite uma meia sonolenta, depois do terço rezado com a criada diante da cómoda armada em oratório.

— Quem será este Albuquerquezinho?

— Algum velho amigo da família... Jogador de gamão, naturalmente, disse o eloquente Silveira. Além disso tens a prima...

Artur encolheu os ombros.

749: — Era imbecilizar] — Era incebilizar [*Reservo a possibilidade, ainda que remota, de poder tratar-se de uma tentativa de Eça escrever* insensibilizar].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

— Uma criatura que está sempre doente com furúnculos nas pernas, feridas na cabeça.

— Às vezes, nessas crianças doentes há uma alma profundamente terna. E a alma é tudo! — observou o Silveira, cofiando o seu bigode romântico.

— Enfim, disse Artur, vamos lá pra Oliveira de Azeméis! *Alea jacta est!*

Partiu de Ovar ao fim dum dia tórrido de Agosto — e quando entrou, com o moço que lhe levava o baú do *char-à-bancs*, no pátio triste do casarão das tias, a torre de S. Francisco ao lado badalava as nove sobre a vila silenciosa. As senhoras, carregadas de luto, vieram ao topo da escada, de braços abertos:

— Oh menino, pois tu vens a esta hora! exclamou a tia Ricardina. E sem prevenir! Jesus que despropósito! Ai mana Sabina que é o retrato do mano Manuel... Ai dá cá um abraço, filho.

Artur, muito embaraçado, pousou no chão a chapeleira, o *paletot*, o guarda-sol, para receber o beijo de Ricardina, muito alta, com uma lágrima ao comprido do seu grande nariz de cavalete: depois foi para os braços de Sabina, toda pequenina, toda enternecida, duma brancura de marfim sob a sua touca negra.

— E aqui tens a Cristininha, menino. Vá, abraçai-vos, filhos, abraçai-vos que sois primos carnais. Vá, dêem um beijo.

Artur pousou o braço sobre o ombro gorducho da Cristina, pousou de leve os beiços sobre a testa, à raiz dos cabelos que ela tinha muito negros, muito fortes, presos numa rede.

— Ai filho, repetia a tia Ricardina levando-o para a sala, és o retrato do teu pai! Olha, íamos agora mesmo tomar chá.

Sobre a mesa, estava o tabuleiro com as chávenas — e ao lado, à luz dum candeeiro de *abat-jour* verde, um sujeito nutrido e calvo fazia uma *paciência*, muito tranquilamente.

— Albuquerquezinho, aqui está o Arturzinho. É o retrato do mano Manuel...

O homem pousou devagar o baralho, voltou-se na cadeira, e com as pernas muito abertas, as mãos sobre os joelhos, examinou longamente Artur, que torcia o buço, todo acanhado.

787: Partiu de Ovar] *[Início do fragmento EB]*.
795: embaraçado, pousou] embaraçado, pousando

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

— Ora viva o meu amigo! exclamou subitamente, erguendo-se e arrebatando-lhe a mão, que conservou, muito tempo, sacudindo-lha compassadamente. Ora viva o meu amigo! Ora viva o meu amigo!

Sentou-se, e depois de ter acamado com método dum a outro lado da calva os três pêlos grisalhos, retomou gravemente o seu baralho.

Mas o moço esperava à porta, e Artur, remexendo no bolso, estendeu-lhe dois tostões.

— Credo, exclamou Ricardina. Tu estás doido, menino. Olha o despropósito. Vai muito bem com quatro vinténs. Vá, Joana, ajude-lhe a levar o baú pra cima. Espere, que eu lá vou. Sempre é melhor que eu lá vá. E tu deves vir a cair de fraqueza, filho. Veja se se lhe arranja alguma coisa, mana Sabina. Vá, não fique aí pasmada!

Sabina apressou-se para a cozinha; a Cristina, muito animada, levou a chapeleira, o *paletot*; e o Albuquerquezinho ia baralhando, sossegadamente, as suas cartas.

— Boa viagem? perguntou ele, fixando Artur.

— Muito agradecido a V. Ex.ª, fiz muito boa jornada.

— O mar, picado?

— O mar! murmurou Artur assombrado. Eu venho de Ovar...

— Hum! rosnou o Albuquerquezinho com desprezo. Na diligência! Nelson, o grande Nelson, não andava em diligências...

— Nelson era um almirante, e...

— Chut! fez imperiosamente o Albuquerque que, tendo disposto um quadrilátero de cartas, ia agora voltando uma a uma as que restavam no baralho. Ás!, terno!, duque!, valete!...

Artur, olhava-o muito espantado. Tinha uma cabeça grave de tabelião de comédia: a calva polida e lustrosa como uma madrepérola, com quatro pêlos grisalhos sobre cada orelha, a face rubra e bem nutrida, o beicinho luzidio, suíças pequenas quase brancas, e um majestoso colete branco onde serpenteava um grilhão. Mas o que maravilhava a Artur eram três galões de ouro de general, que ele tinha cosidos grosseiramente ao canhão da manga.

— V. Ex.ª é amador de paciências? disse.

Outro *chut!* despedido com cólera emudeceu-o. Então, ergueu-se, ofendido: uma das janelas estava **aberta** à noite cálida de Agosto; defronte, vermelhavam dois bocais escarlates, na vidraça da botica; e em redor, sob o céu negro, toda a praça, as casas, pareciam adormecidas no ar pesado, com uma ou outra janela também aberta, mortiçamente alumiada: e devia ser

844: o que maravilhava] o que maravilha
848: estava **aberta** à] estava à [*Lição conjecturada por lapso do autor*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

aquele o fim da vila, porque ouvia, naquele silêncio, a distância, para além da massa escura da capela, rãs coaxarem.

Acendeu um cigarro, e ali ficou pensando nas noites de Verão em Coimbra, os luares sobre o Mondego elegíaco, e ele na ponte com os olhos postos na lua redonda e branca, que àquela hora contemplavam também o pastor na sua montanha deitado sobre uma pedra, o marinheiro nos mares calmos sobre o seu tombadilho – e ao lado, a voz extática do Taveira murmurando «Lua, hóstia do Infinito!» A sala dentro, parecia continuar a melancolia da praça e da vila, com o seu alto armário de pau-preto, a mesinha de pés torneados coberta duma colcha de cetim sustentando preciosamente um vaso com flores de cera, e um recanto de alcova, com um velho *divan* cavado do uso onde, decerto, de dia, as senhoras caturravam fazendo as suas meias. E a voz grossa do Albuquerquezinho, uma voz de major enrouquecida na manobra, continuava:

– Quadra! Dama! Ás! Terno!...

Mas Ricardina apareceu, enfim, azafamada:

– Desculpa, que se te andou a arranjar o quarto. Vires, sem prevenir, que despropósito!...

Calou-se, cheirando em redor:

– Oh menino, pois tu fumas! Ai que peste, ai que peste!

Agarrou um guardanapo, batendo o ar violentamente

– Ai, deves perder o hábito, que o Vasco diz, arrasa a saúde e dá más ideias... Pus-te o baú ao pé da cama. Olha aí vem a Cristininha. Vai com ela que te vai mostrar o quarto. Que eu vou-me aqui repimpar e estar um bocado caladinha.

Mas não se calou, contando logo os seus achaques, o mal que a seca estava fazendo às terras, os bonitos passeios para o lado do Côvo, a maravilha da fábrica de vidros...

– Fez a paciência, Albuquerquezinho?

– Duas, menina, disse o Albuquerquezinho, que baralhava as cartas. Duas *imperiais*.

– Eu logo marcarei. Que a Sabininha está na cozinha... Ai que balbúrdia, credo! Pois olhe, até estou com dores de cabeça... É do fumo do tabaco. E também de sair dos meus hábitos...

– Chut!, bradou o Albuquerquezinho, que recomeçara o quadrilátero.

864: E a voz] E voz
875: que te vai] que te vai te

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

E Ricardina, abaixando a voz:

— Vai, Cristininha, vai-lhe mostrar o quarto — tu que tens pernas...

— Por aqui, primo Artur. — E com um riso muito cantado e simpático: — Que tonteria, ia para a cozinha! Olha a tolice.

Artur, atarantado, seguiu-a pela escada íngreme. Ela subia devagar, apanhando um pouco ao lado o vestido de barege negro: as suas mãos pareciam grossas e ásperas a Artur, que ansiava as mãozinhas pálidas, moldadas só para acariciar toda: ela era pequenina e gorda; tinha pelos ombros uma manta de lã negra; o seu andar pesado, que pisava fortemente os soalhos, era para ele como a evidência desagradável da sua natureza prosaica e material: só lhe admirava os cabelos, duros, rebeldes, enchendo a larga rede duma **muito** rica massa lustrosa. Tinham chegado ao corredor, e Artur parou espantado, vendo à porta, postado, de arma ao ombro, um soldado de papel, em tamanho natural, colado a uma tábua que fora recortada pelo contorno da figura.

— Que é isto?

— É o quarto do Albuquerquezinho, é a sentinela, disse ela, com um sorriso onde brilhava o esmalte de dentes bonitos.

— Quem é aquele sujeito? perguntou Artur.

— Ai, é um santo. Não deves fazer caso, primo, tem a cabecinha desarranjada. Não pensa senão em navios!, e em coisas do mar!...

— Foi oficial da marinha?

Oh não! O Albuquerquezinho era um amigo do papá. Depois de viúvo, começara a tresloucar. E como não tinha parentes, e não estava doido declarado para ir para Rilhafoles, as tias tinham-no recolhido por compaixão... Que o Albuquerquezinho era rico. Tinha uma fazenda, muito boa, ao pé de St.ª Eufrásia.

Falava, enternecida, com o seu castiçal na mão, ao lado da enorme sentinela de *kepi* e farda azul, e bigodes napoleónicos. Fora ela que pusera ao Albuquerquezinho, na manga, os galões de almirante. Era ela que cosia as velas dos seus navios.

— Ai coitadinho, é um santo! É só aquela mania com as embarcações. Que em tudo mais tem juízo...

Mostrou-lhe então o quarto, ao pé do Albuquerquezinho. Sobre a cómoda tinham posto um grande ramo de rosas. Os lençóis da cama eram bordados.

897: a evidência] a edidencia
898: lhe admirava] lhe admira
899: duma **muito** rica] [*Leitura conjecturada*].
905: onde brilhava] onde brilhate

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

— Tens aqui água quente... E a vista da janela é linda.

Artur só via uma negrura, onde formas de árvores, outra torre a distância, punham sombras mais densas: e vinha de longe, como da praça, o mesmo coaxar triste de rãs.

Mas Cristininha, ao retirar-se hesitou um momento, e, quase com uma suplicação:

— Não te rias, mas queria-te pedir uma coisa. Quando falares ao Albuquerquezinho chama-lhe «senhor Almirante».

Quando Artur desceu, o chá estava na mesa, e Sabina, muito comovida, arranjava, sobre o guardanapo, a ceia do menino. Teve então de contar dos seus estudos em Coimbra, como recebera a notícia da morte, o que tinha rendido o leilão... Mas de repente, o Albuquerquezinho arremessou a torrada que tomara do prato, e empertigado na cadeira, fazendo estalar os nós dos dedos, olhou sucessivamente as duas velhas com rancor. Exigia as torradas quentes e louras, a escorrer de manteiga encontrara uma seca, e rosnava, com azedume:

— Se sabem que me faz mal! Se sabem que me faz tão mal. E não é uma, são todas secas. Já é desleixo.

Foi um desgosto para as senhoras. Tinha sido a atrapalhação. Fora com a chegada do menino! O Albuquerquezinho havia de perdoar!...

— É por culpa minha, disse Sabina. Que as deixei fazer à Joana.

— Está claro, exclamou Ricardina indignada. É culpa sua! Eu bem lhe tinha dito que deixasse os ovos à Joana, e fizesse a menina as torradas... Mas não, quer-se sempre regular pela sua cabeça! Veja onde a levou a sua cabeça... — E aflautando a voz, muito tesa — Olhe o desgosto que sofreu!

A Sabininha, encolhida, sorvia a sua pitada. E Albuquerque, voltando-se para Artur, com a testa franzida:

— É que o amigo, que vem da Universidade compreende... Ou são torradas, ou é pão seco.

O bom Artur, respondeu, muito sério:

— Tem V. Ex.ª muita razão, senhor Almirante...

Subitamente, o velho calmou-se, passando com satisfação as mãos espalmadas sobre os quatro pêlos da calva. E as faces das senhoras alumiaram-se num reconhecimento comovido. Sabina, sem se conter, passou os dedos magros pela face de Artur, disse enternecida:

— Ai não podes negar que és filho do mano Manuel. É o mesmo coração de anjo.

927: de rãs] de rans
932: e Sabina] e Sabinha

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

E até Cristina, pareceu a Artur mais bonita, com uma corzinha que lhe subia ao rosto, e o riso todo feliz que lhe punha duas covinhas na face rechonchuda. E durante um momento Artur sentiu-se bem entre aqueles corações antiquados, tão fáceis de alegrar, naquela casa adormecida a um canto de vila triste, onde errava, entre os móveis a que o longo uso dera quase uma expressão humana, o cheiro pacato de alfazema. E o mesmo Albuquerquezinho lhe pareceu tocante — quando, estendendo sobre a mesa o seu braço agaloado de ouro, lhe disse com amizade:

— Hei-de levá-lo amanhã a bordo.

— É uma grande honra...

Mas tinham dado as dez e meia, e as senhoras iam com as duas criadas ao oratório rezar o seu terço. A Cristininha ficava a fazer companhia ao menino — e corada, tomada agora dum acanhamento, permanecia calada, com o seu gato muito gordo no colo, fazendo girar o *abat-jour* transparente que representava cenas de neve, numa paisagem da Noruega. Artur, torcia o buço. E o Albuquerquezinho, com as mãos cruzadas sobre o ventre, caíra numa sonolência, que lhe vinha sempre depois do chá.

— É o gato da casa, hein, disse Artur.

— É, respondeu a prima, baixo, para não perturbar o velho. Gostas de animais?

— Gostava de ter um cão da Terra Nova, ou de S. Bernardo. Mas no que tinha gosto, era ter um leão domesticado.

Ela riu, muito divertida, àquela ideia, de passear as ruas da vila com uma fera dos desertos... Que horror! E se o mordesse? E o despesão para sustentar um bicho assim...

— Na Índia, disse Artur, que é o país mais poético do mundo, os antigos reis, eram sempre seguidos por leões familiares.

— Ah, fez ela.

E aquele *ah!* tão seco, mostrando-a alheia, toda indiferente à Índia, e aos seus tiranos legendários, às pompas bárbaras dos cultos védicos, regelou subitamente aquela breve simpatia, que há pouco lhe dera o enternecimento dos seus olhinhos alegres. Quem se interessaria em Oliveira de Azeméis pela Índia e pelo Ramayana? E a certeza duma existência material e mesquinha, naquela terra de três ruas onde as pessoas passam, pesou-lhe na alma dolorosamente.

— Em que te entreténs tu aqui, perguntou com melancolia. Tu tocas piano?

977: numa sonolência] numa solommencia
985: para sustentar] para sustentar para sustentar

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

— Não. Comecei a aprender, mas parece que não tinha jeito. Na sala há um piano. Mas ninguém vai à sala. Faz frio, lá... E há anos que o não abro!...

— Não gostas de música?

Ela encolheu os ombros.

— Gosto, mas... Parece-me estúpido estar ali a martelar valsas... Para-tá, tá-tá ...

— Mas uma ária de Mozart, uma sinfonia de Beethoven...

Ela não respondeu, numa ignorância, que pareceu odiosa a Artur, daqueles nomes divinos.

— Ai, disse por fim, a filha do Carneiro, é que toca uma coisa bonita... E a D. Galateia, a do Vasco ali defronte, da botica, também agora a toca: *São os Sinos da Aldeia*.

Foi então Artur que encolheu os ombros, com desprezo:

— Uma sensaboria! Música de colégio. Havias de ouvir Meyerbeer, Weber, Bach... — disse, citando os nomes de músicos que lera nos livros do Teodósio, e admirava de tradição, como almas transcendentes.

Então houve um silêncio, e na sala tudo pareceu adormecer também como o Albuquerque, e o gato branco: até o candeeiro que esmorecia, e as janelinhas transparentes cor de fogo nas cabanas nevadas do *abat-jour*: pela porta, vinha do corredor escurecido uma ciciação dormente de rezas ao lado.

— E que lês tu? Gostas de ler?

Cristina pareceu despertar, e procurou um momento, mentalmente, a certeza daquele gosto.

— Não me entretém muito... A D. Galateia às vezes trazia-me aí romances que lhe vinham do Porto. Mas enfastiei-me... É uma trapalhada, e depois são tudo mentiras...

Artur não respondeu, enojado. Achava-a estúpida, e feia, — com as suas grossas mãos acariciando ternamente o gato gordo, os ombros roliços de plebeia forte, e até o cabelo lhe parecia agora duma dureza rústica. Pensou noutras mulheres, de fina superioridade intelectual, a amante do Marçal que nas cartas lhe citava Lamartine, sobretudo a senhora de olhos árabes da Calçada, cujo oval pálido era como a mesma expressão duma alma romântica. E amou-a naquele momento, tomado duma ternura pela sua cinta fina de palmeira nova, e a sua testa dum marfim puro, — que ele esquecera tão completamente — que agora, no contraste com a prima grossa e vermelha,

1003: martelar valsas] martelar walsas
1003-04: Para-tá, tá-tá ...] Para tá, tá tá ...
1029-30: da Calçada] da Caçada

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

lhe fazia sussurrar pela alma as ternuras adormecidas... E com melancolia, pensou nos homens a quem fora dado amar George Sand.

— Mas de versos, ao menos, gostas? — perguntou-lhe ainda.

Aquela interrogação — parecia fatigá-la: mas riu com bondade, disse:

— Para que fazes tu tantas perguntas?... Olha quem gosta de versos é a tia Sabina. Fala-lhe a ela em versos que se morre por eles... A mim parecem-me sempre a mesma choradeira... São pieguices...

Artur, escarlate, odiou-a. Ergueu-se, foi ainda à janela olhar o largo agora escuro: mas para além, numa claridade muito ténue, que recortava uma redondura de árvores juntas, a lua aparecia, como um lustre curvo de prata. Então, sentiu um isolamento de alma, como se toda a humanidade tivesse perecido. E de pé diante da prima, bocejou, espreguiçando-se longamente de fadiga e de tédio.

— Estás cansado, menino? exclamou ela.

Sacudiu logo o gato, ergueu-se também e então foram perguntas, num grande interesse: queria lamparina? Gostava de leite quente pela manhã?... Se se achasse fatigado, podia almoçar na cama...

Artur, importunado com aqueles cuidados que lhe revelavam um espírito abismado nos interesses mesquinhos de conforto caseiro, disse:

— Não, obrigado. A que horas se levantam por cá?

— Às sete... Mas eu levanto-me logo de madrugada.

— Pra quê?

Ela riu:

— Pra quê? É que tenho muito que fazer... Olha logo a primeira coisa é dar de comer à criação.

— Tens galinhas?

— Tenho galinhas, coelhos, patos, bacorinhos, uma cabra! — Tenho tudo, disse com um entusiasmo que alumiava a face. E depois tenho de ir dar a sopa aos filhos da Micaela.

— Quem é a Micaela?, perguntou ele, bocejando.

— É uma vizinha. A pobre mulher tem dois pequerruchitos, e vai, secou-lhe o leite... E são tão pobres... Tenho de lhe levar as sopas de leite às criancinhas... E cedo, pobres anjinhos, estão à espera delas toda a noite, e abrem cada boquinha... — E ficou a olhar para Artur, movendo os beiços, com olhos em que parecia subir, a névoa duma lágrima.

Mas as tias entravam, sonolentas daquele longo terço no oratório. O Albuquerquezinho despertou, acamou com furor as suas repas, e erguendo-se, disse em redor com satisfação:

— Pois senhoras, passou-se o bocadito da noite.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Deram então um castiçal a Artur, com recomendações infinitas: que «apagasse a luz antes de adormecer, que não deixasse os fósforos espalhados por causa dos ratos»...

— Eu lá estou ao pé, eu lá estou ao pé, disse o Albuquerque. Eu lá vigiarei... E se o amigo quiser alguma coisa é bater na parede!... Vá, boas noites.

E o almirante e Artur subiram para o corredor: Albuquerquezinho, devagar, bocejando, puxando-se pelo corrimão:

— Pois amigo, disse, não há nada melhor que uma sonecazinha, depois da torrada. Que elas hoje estavam más. Mas enfim, foi dia de hóspede... Que o amigo deve vir cansado... Três horas de diligência... Ouça lá, as conveniências são ao fundo do corredor.

E Artur pasmava de o ver agora tão sensato, quando o Albuquerquezinho, parando à porta do seu quarto, e fazendo a continência ao soldado, deu este *santo e senha*, para entrar a bordo:

— Nelson e Sabininha.

Só no seu quarto, Artur, sentado aos pés da cama, começava a fumar o seu cigarro, — quando de fora a voz de Ricardina, falou pela fechadura:

— Pois tu ainda estás a pé, menino? Ai apaga a luz, apaga a luz... Dize lá, tu estás a fumar?

— Não, tia Ricardina.

— Ai filho! pelas chagas de Cristo, tem cuidado com o fogo.

Deitou-se desesperado, pensando no que faria, para fugir bem depressa daquela casa embrutecedora, onde nem poderia ler de noite, na cama, ou trabalhar, — sem que uma das velhas viesse na sua ronda, fazer-lhe soprar a luz, e as imaginações.

Ao outro dia, ao erguer-se abriu a janela. Era uma manhã resplandecente. Em baixo, era toda uma verdura de pomares e hortas, com tanques aqui, além, onde se espelhava a água, brancura de roupa a secar, casas caiadas faiscando ao sol; o quintal das tias, era cercado de muro baixo erriçado de fundos de garrafa, com três degraus de pedra, que subiam do pátio da criação: estava plantado de couves, saladas, feijões: pés de roseira e dálias faziam um jardinete ao canto, e no fundo, sob árvores, era o poço: e sobre um pedestal, uma estatueta de gesso da Fortuna, com o pé no ar, a cornucópia alta, branquejava na luz forte.

E Artur, debruçado fumava, — quando da janela ao lado saiu o braço agaloado de ouro: e imediatamente uma voz formidável retumbou:

1097: velhas viesse [...]-lhe] velhas lhe viesse [...]-lhe

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

— Orça a barlavento! Senhor segundo-tenente, feche as escotilhas da proa! — E uma trombeta soou: — Traiará —...

E então, dum porta-voz que apareceu fora da janela, saiu um vozeirão: — Serre os traquetes da gávea. Fogo! Boum! boum!... Traiará...

Era Albuquerquezinho, de chapéu armado, a comandar do peitoril da janela, que era o seu bordo, a sua fragata de guerra!

Começou então para Artur uma vida desgraçada — em que os dias se seguiam como as páginas brancas dum livro, que se vai tristemente folheando. Toda a manhã as duas senhoras faziam a sua meia, na sala, com as janelas cerradas, o soalho regado, num silêncio em que errava a sussurração das moscas. Cristina, que era «a governanta», com o seu molho de chaves à cinta, estava para a cozinha, ou com a costureira que vinha trabalhar aos dias, ou no pátio com a criação. Às vezes para o distrair, ela levava-o a ver «a sua família»: os coelhos pulavam sobre as camadas de couves meladas mal a viam, de nariz franzido e orelhões direitos, fitando os olhinhos vermelhos como rubis ou negros como vidrilhos nas côdeas que ela trazia: e era em torno dela um correr de pintainhos redondos como bolas de penugem, um *koé-koé* de patos, um despedir de bufos dos dois perus entufados. Mas o cheiro da capoeira, da coelheira, o bafo morno e acre dos pêlos e das penas, enjoava Artur: detestava os bacorinhos com a pele cor-de-rosa a suar de gordura, fossando até aos olhos, grunhindo de gozo na lavagem das gamelas. Só não desgostava do velho galo, o *Pimpão,* de cauda flamante e passadas pomposas: muito atrevido, o *Pimpão* plantava-se curiosamente diante dele, erguendo a crista sanguinolenta, fitando-o de lado com o seu olho rutilante: e de repente batendo as asas, estendendo o pescoço onde corriam esmaltes vermelhos e azuis, lançava o seu toque de clarim; galos noutros quintais respondiam; e as galinhas iam dando em redor, no mato estradado, picadelas subtis e vorazes.

Artur declarava que não lhe agradavam senão pombas e pavões; e subia, bocejando, enquanto Cristina desconsolada daquela indiferença, ficava a olhar tristemente «a sua família».

Depois de jantar, dadas as graças, era a sesta: tudo parecia adormecer numa lassidão, até os móveis e as moscas; e Artur estirado também sobre a cama, olhava as tábuas do tecto, ruminando pensamentos saudosos de amor,

1126: dela um] dela um um
1132: plantava-se curiosamente diante] [*Leitura conjecturada por deficiência do suporte*].
1142: sobre a] sobre a a

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

de celebridade, ouvindo fora, na sua gaiola de vime, arrulharem as rolas. Ao fim da tarde as senhoras iam tomar o fresco para o fundo do quintal, ao pé da estatueta da Fortuna; o Albuquerquezinho fazia navegar, no tanque do poço, o seu bote cheio de soldados de chumbo: e naquele repouso das folhagens, cansadas da ardência do dia, a água da rega murmurava ao lado no pomar dos Freitas: e ali ficavam, até tarde, até que alguma estrelinha tremeluzia, e os morcegos voavam em torno da Fortuna. A essa hora Artur entrava, do seu passeio triste pela estrada de Ovar e do Côvo: e o serão começava, com as janelas abertas à escuridão tépida do largo, por onde entravam borboletinhas brancas.

Era aquela a pior hora: as *meias* das tias, as paciências de Albuquerquezinho, os quartos que caíam plangentemente da torre de S. Francisco, davam-lhe um tédio taciturno. As senhoras imaginavam que eram saudades do papá.

— Não maluques nisso, quem lá está, lá está.

E Artur detestava-as, por não compreenderem a elevação espiritual da sua melancolia. E torcia sombriamente o buço, importunado ainda, com os olhinhos da prima sempre postos nele com uma inquietação de cão fiel: todo o cuidado dela era que o primo estivesse confortável: se ele chegava a cadeira para a mesa — era alguma corrente de ar que lhe vinha da janela? Se ele encostava a testa à mão — doía-lhe a cabeça?

— Não, obrigado, estou bem... Deixa-me cá comigo.

Ela recolhia-se silenciosamente à sua costura: e uma sombra triste parecia descer dos seus cabelos à sua face rechonchuda.

Depois era o Albuquerquezinho, que tomara afeição a Artur, e que lhe queria mostrar as esquadras: eram dois grossos cadernos de papel cosido, em que ele colara em filas os navios, paquetes recortados nos anúncios dos jornais, com os nomes escritos a tinta vermelha, «a Valorosa», «o Relâmpago», «a Fragata Sabina», «o Nelson»... Havia as esquadras de todos os países de Europa, e como não cessava de recortar navios, tinha ainda a esquadra de terras exóticas, a frota da Lapónia, a frota da Cafraria, a frota da Arábia...

— Hein, meu amigo? Que esquadras... E tudo às minhas ordens, disse mostrando os galões da manga. Dá-me muito que fazer.

— Decerto, senhor Almirante, decerto!

Quando enfim, ao fim do serão subia para o seu quarto, erguia os braços para o céu, numa acusação muda. Quando acabaria aquela vida?

1145: para o] para o o
1154-55: de Albuquerquezinho] de Artur

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Quando voltariam noites como as do *Cenáculo*? Pela janela aberta, entrava a paz escura da vila adormecida: olhava então os telhados, as casas apagadas fazendo sombras mais densas: àquela hora, toda uma burguesia dormia roncando de barriga ao ar: nenhum daqueles seres lera Alfredo de Musset ou compreenderia os sonhos que lhe revoavam, gemiam, na alma como bandos de aves cativas; a obtusidade daquele montão de lojistas e de proprietários, sem ideal e sem emoção, ignorando os poetas, ocupados do preço da carne e do adubo das terras, exasperava-o, — levando-o a desejos vagos duma revolução em que o poder, o dinheiro, pertencessem aos génios e às almas delicadas.

Ocupara-se então, para não perder a comunicação intelectual com o *Cenáculo*, em compor para o «Pensamento» uma longa elegia intitulada A MORTE, dedicada à memória de seu pai. Mas o Damião, que passava o Verão em Coimbra, devolveu-lhe o manuscrito, com uma carta dizendo que o *Cenáculo* decidira não publicar o «Pensamento» durante as férias «e mesmo talvez no ano seguinte», agora que o Taveira estava formado talvez o «Pensamento» se tornasse uma revista «puramente filosófica e científica, donde os poetas líricos, como na *República* de Platão, seriam excluídos, a não ser que, deixando a preocupação estreita da dor individual, se lançassem na simpatia mais larga da humanidade martirizada...». Censurou-lhe a poesia «cheia de lamentações católicas e lamartinianas»: aconselhava-lhe um livro forte e democrático: «a morte, dizia, é uma transformação banal da Substância, e não compreendo produzir adjectivos tão espantados, verbos tão plangentes, e essas fileiras de interjeições que parecem renques de ciprestes. Só a vida é interessante, porque o fenómeno único. Escreva páginas vivas!»

Aquele fim do «Pensamento», cortando a sua única comunicação com a vida intelectual, desolou-o. Assim se completava o isolamento da sua alma. De resto, sentia-se então, vazio de ideias, de imagens, de rimas. Atribuía-o àquele meio dormente, à falta de conversas, de excitação inspiradora. A falta de livros amargurava-o: os que tivera, vendera-os em Coimbra, no fim das libras do leilão: e não podia obter outros, porque os mesmos cigarros, que fumava no quintal, longe da tia Ricardina tão reveza ao tabaco, era com alguma placa que lhe dava a boa Sabininha.

O seu tédio era tão grande — que se pusera a desejar, como um acontecimento, a aparição, aos serões, do Vasco e da D. Galateia que então convalescia do seu último parto. Cristina considerava D. Galateia como uma «beleza». E por aquele nome literário, pelo que sabia do seu amor de

1185: gemiam, na] gemiam, na na

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

romances, do seu talento no piano, viera a conceber uma mulher de olhos tristes e alma impressionável, sofrendo da existência mesquinha da aldeia, e desejando um amor. Mas foi uma desilusão, quando eles vieram, um domingo. D. Galateia era quase uma quarentona, grossa e branca, de buço forte, com uns seios, uma anca, que sob o vestido leve de cassa clara, lhe davam a aparência flácida dum odre mal cheio: atravessara o largo em chinelos com fitas verdes no cabelo, um cartucho de rebuçados na mão — e a sua conversa sobre o leite da ama, e os cuidados em que estava com o sarampo do Pedrinho, e a canastra de marmelos que comprara nessa tarde, revoltou Artur, que a considerou *uma vaca*. O Vasco, esse, pareceu-lhe odioso. Pouca gente lhe tinha visto o rosto todo: com a testa e os olhos sempre cobertos pela pala enorme do *bonnet* de pano, os queixos e a boca constantemente abafados num *cache-nez* roxo, mostrava apenas a Oliveira de Azeméis um nariz bicudo e lustroso. Vivia numa irritação permanente. E todo dia, era pela botica um passeio furioso, fungando, fazendo estalar violentamente os nós dos dedos, com sacudidelas desesperadas de cabeça como para fugir ao ferrão dum moscardo invisível, mastigando em seco dentro do *cache-nez*, como se a vida lhe soubesse mal. Ninguém explicava na vila este azedume hipocondríaco.

Os serões das Corvelos, porém, pareciam calmá-lo; mostrava então as repas grisalhas que lhe cobriam o crânio estreito, e o *cache-nez* alargado descobria um queixo mole que lhe fugia para as cordoveias do pescoço: e quando a sua cabeça emergia assim dos agasalhos, com aquela longa saliência do nariz agudo, parecia um pássaro pelado.

Artur compreendeu imediatamente que o Vasco era um ciumento; via-o mudo, de queixo rilhado, com os seus olhinhos de clorótica amarelada cravados ansiosamente, ora nele, ora na grossa Galateia: e quando D. Galateia, requebrando-se, o interrogava sobre os seus passeios aos arredores, a sua visita à fábrica de vidros do Côvo, Artur avistou o Vasco, retido a distância pela tagarelice de Ricardina, sondar, de olho faiscante, a escuridão debaixo da mesa, num terror de que já houvesse um terno roçar de joelho: enfim, ao chá, veio bruscamente plantar-se entre ambos, como um áspero muro erriçado de pregos. Então Artur indignou-se. Ser suspeitado, ele, com a delicadeza fina dos seus gostos idealistas, de desejar aquela matrona, de carnes moles! E para evidenciar bem o seu desdém pela Galateia, pelas palestras caturras, por toda a vila — subiu para o quarto, foi estirar-se na cama, ge-

1229: do *bonnet*] do bonet
1233: como para fugir] como fugir [*Lição conjecturada por lapso do autor*].
1245: sobre os] sobre aos
1248: terno roçar] terno de roçar

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

mendo interiormente das solidões do seu coração. Daí a pouco a voz de Cristininha dizia, de fora:

— Tu estás incomodado? Vai-se fazer um quino.

Ele veio abrir:

— Não. Não estou para aturar os Vascos. Dize que estou a escrever pra Coimbra. Não jogo o quino.

Em baixo, o nariz de Ricardina, a esta explicação, alongou-se:

— Podia escolher outra hora para escrever!

— Rapazes! disse o Vasco, satisfeito. Deixou o coração em Coimbra.

E o loto continuou em torno da mesa, enquanto diante do álbum aberto das esquadras universais, Albuquerquezinho fazia a soneca.

Já o Vasco, para sair, recolhera a face de ave triste ao *bonnet* — e ao *cache-nez* — quando Artur desceu. O farmacêutico tomou-lhe a mão com afecto:

— Estimei conhecê-lo... Aquela casa está às ordens. Eu tinha lido a carta que escreveu às titis. É de muito talento... Eu admiro o talento.

Pobre Vasco! D. Galateia, ainda depois de dez anos de casado, lhe dava ardores imoderados, e zelos pungentes: outrora interceptara um bilhete do seu praticante, em que o moço a tratava de *tu*, e falava de *celestes gozos da outra noite*: depois surpreendera-a positivamente nos joelhos do sobrinho do Carneiro, um imberbe que estudava Geometria... Perdoara: mas desde então a desconfiança, a paixão tenaz, juntas à hipocondria duma doença de fígado, dera-lhe aquele azedume taciturno. A virtude de Artur, que experimentou noutros serões, tornou-lho querido. Depois, tendo conversado com ele sobre assuntos por que tomava interesse, como a Electricidade, o Magnetismo animal, deslumbrado por algumas recordações dos compêndios de Introdução que Artur bordava de frases do *Cenáculo*, concebeu uma consideração ilimitada pelos talentos, pela ciência do « Corvelo, sobrinho ». Mas não se abandonou imprudentemente a esta simpatia: quis sondar-lhe os princípios e o carácter; e um dia que Artur entrara na botica a buscar o xarope de Sabininha, o Vasco fechou a porta para fazer uma solidão, e cruzando formidavelmente os braços atirou-lhe esta interrogação:

— Quais são as suas ideias a respeito da família?

Artur, interdito, balbuciou:

— Eu parece-me que é uma instituição respeitável...

1255: de Cristininha] de Cristinina
1265: ao *bonnet*] ao bonet
1276: de fígado] de fidago

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

— De modo que um peralvilho que atenta contra a paz do lar é um canalha?

— Parece-me que é um canalha.

— Muito bem. E se o senhor Corvelo fosse legislador que penalidade lhe infringiria?

Artur passou os dedos pela testa, confuso, procurando penalidades:

— Eu parece-me que o castigo actual do Código é suficiente... Três ou quatro anos de cadeia...

— Muitíssimo bem, exclamou o Vasco apertando-lhe a mão. Estimo que não se afaste desses princípios respeitáveis.

E num reconhecimento às Corvelos por possuírem um sobrinho de tanta virtude doméstica, pesou uma quarta de rebuçados, encartuchou-a, exclamou:

— Pra as senhoras suas tias. Da minha parte. Compreendo o gosto que fazem em V. S.ª.

O Vasco, desgostoso com todos os praticantes moços que tivera, que invariavelmente tramavam contra a sua honra, obrigado ultimamente a despedir o hábil Alfredo por ser «atiradiço», concebera um plano — que daí a dias, foi, muito gravemente comunicar às Corvelos. Era tomar Artur como seu praticante. Oh, ele sabia que um moço de tais talentos, com dois anos de Coimbra, merecia uma posição mais alta, na Sociedade... Mas enfim o senhor Artur estava ali, na vila, inactivo, comendo o pão das titis... O seu desejo de o possuir era tão forte, que lhe oferecia sete mil e quinhentos por mês... De resto, a farmácia era uma ciência... Ele estava velho, minado do fígado, ávido de repouso, e se o senhor Artur revelasse talentos verdadeiramente farmacêuticos, poderia mais tarde passar-lhe a botica, a melhor em todo o distrito. De mais, não seria difícil em alguns meses, com os estudos que ele tinha, iniciá-lo na «manipulação dos elementos químicos, que é de tanta responsabilidade, minhas boas senhoras...».

Foi uma alegria violenta para as tias. Ainda o Vasco ia no pátio, já elas estavam batendo à porta do quarto de Artur, que se aferrolhara por dentro na composição ardente de quadras entusiastas:

Eu quero uma existência fulgurante
Mover-me livre sob o livre céu
Quero a glória épica de Dante
E os amores sublimes de Romeu!...

1302: — Pra as] — P'ras as
1310: Artur estava] Artur está

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Ficou petrificado quando Ricardina, enternecida, lhe anunciou a proposta do Vasco, daquele santo! Praticante de farmácia! Parecia parvo, de pena na mão e cabelo esguedelhado, rolando assim dos céus poéticos, até os almofarizes da botica.

— É uma ocupação pra ti, disse Ricardina. Tens ao menos para o teu fumo, e para as tuas extravagâncias... Que nós mesada não te podemos dar. E quando se te acabar o luto, nem tens para mandar fazer um casaco. E são sete mil e quinhentos.

Não podia recusar-se a trabalhar, e balbuciou lugubremente que « sim ».

Mas a desconsolação que lhe murchara a face magra, comoveu a tia Sabina:

— É pra teu bem, murmurou ela. Que se fôssemos ricas... Mas enfim, se te custa muito.

— Que há-de custar? Que há-de custar? exclamou Ricardina. Aí vem a mana com as suas coisas! Olhe o despropósito. Se a deixassem regular pela sua cabeça não iam nesta casa senão desgraças. Veja onde a levou a sua cabeça... Veja o desgosto que sofreu! Vai muito bem, é uma fortuna para ele...

— Sim, tia Ricardina, obrigado. Até estimo.

Quando elas saíram, despedaçou os versos. E até ao jantar, movendo-se pelo quarto, num desespero, esteve pensando em fugir de Oliveira de Azeméis. Tinha a certeza que o seu génio, na frequentação do Vasco, entre os unguentos e os bocais, pereceria como um lírio numa caverna. Porque não iria para Paris, ser um operário, amar uma Mimi republicana do *Faubourg St. Antoine*, e conspirar contra o Império? Lembrou-se de ir para Lisboa, fazer-se escudeiro numa casa fidalga, onde a sua figura, as suas réplicas profundas, lhe dariam bem depressa o amor da senhora condessa, ou mulher de banqueiro...

Mas tinha as desesperações superficiais — e daí a dias, com o casaco de laboratório que pertencera ao hábil Alfredo, preparava resignadamente, sob o olho paternal do Vasco, a sua primeira garrafada de mistura salina.

Consolava-se então achando na sua sorte similitudes com biografias ilustres: pensava em Michelet impressor, Proudhon conduzindo pelo Ródano carregações de madeira: lembrava-se da frase do Damião: « o homem moderno deve trabalhar com as suas mãos, e filosofar com o seu cérebro. » Depois, eram sete mil e quinhentos por mês...

De resto, o trabalho era breve: o principal negócio do Vasco consistia numas *pastilhas peitorais* que inventara e de que fornecia, ao largo, todo o distrito: à noite, dispensava Artur: a essa hora, D. Galateia descia à botica, e o Vasco, apesar da sua confiança na virtude heróica de Artur, não queria,

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

por sistema, depois do lusco-fusco, «corações de vinte anos na botica». Temia sobretudo a noite, como mais propícia às fraquezas ternas, e à passagem de bilhetinhos sub-reptícios destruidores da sua honra.

Depois veio-lhe outra felicidade. Uma manhã, que estava só na botica, a porta abriu-se como arrombada, e apareceu o colosso do Teodósio. Viera à vila de passagem, — e vinha buscar *pastilhas* do Vasco para uma «pequena que se lhe encatarroara»: fez estalar os ossos do *caloiro* com um abraço. Chalaceou sobre a botica, convidou-o a ir à quinta, e ouvindo-o queixar-se do aborrecimento da vila, da falta de livros, exclamou divertido:

— Ah *caloiro*, é isso que te falta! Caramba, está a calhar! Eu trouxe dois caixotes atulhados de livraria, mas lá na quinta, não me servem de nada... Se queres mando-te para cá um caixote. Ou ambos! Tem cuidado com as encardenações, que lá nisso faço gosto.

— Dás-me a vida, Teodósio!

— Pois valeu, *caloiro*.

A chegada dos dois caixotes, uma tarde, foi um alvoroço na casa. Artur precipitara-se em cabelo da farmácia. E Ricardina, que subira ao quarto, a ver-lhos destapar, aterrou-se diante daqueles muitos volumes amarelos, em que decerto se deviam tramar coisas contra a Religião...

— Tu vais tresler, menino... Olha não te faça mal!

— Para que servem tantos livros?, perguntou Cristina, que compreendia ainda a posse dum livro, o livro que se relê, que se tem à cabeceira da cama, — mas tantos, com tantos nomes...

— Nem todo o mundo se pode divertir com galinhas! — disse Artur excitado.

Ela calou-se para o não descontentar, mas pareciam-lhe bem mais interessantes os seus pintainhos abrindo o biquinho ao grão — que todos aqueles versos, queixando-se e gemendo.

Depois do chá, aferrolhou-se no quarto, atirou-se ao seu tesouro, mais sofregamente que se tivesse achado no quintal uma panela de dinheiro. Eram romances, poemas, críticas, dramas, viagens, filosofias: mas só os poetas o atraíam, e ia através dos volumes espalhados na cama, lendo uma página ou uma estrofe, passando a outro, ávido de versos sonoros, de diálogos, de adjectivos ricos; e cada livro lhe renovava uma exaltação especial do tempo

1370-71: abraço. Chalaceou] abraço. Calaceou
1376: as encardenações] [*Lição do ms., que conservo por poder ser caracterizadora do falar da personagem*].
1379: A chegada] [*Início do fragmento EA3*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

de Coimbra, acordando-lhe na alma antigos entusiasmos do *Cenáculo*; com Victor Hugo, sentiu-se outra vez panteísta, confundiu-se na alma universal do Ser, declamou:

Arbres, rochers, roseaux, tout vit! Tout est plein d'âmes!

Todo o platonismo dos meses em que amara lhe voltou com languidezas elegíacas que lhe passavam na alma, relendo, em Lamartine:

Un soir, t'en souviens tu, nous voguions en silence!

E os *Iambos* de Barbier fizeram-lhe bater o coração de novo, com as aspirações duma democracia lírica:

La liberté n'est pas une comtesse
Du noble Faubourg St. Germain
Que le son d'un fusil fait tomber en faiblesse
Qui met du rouge et du carmin.
C'est une forte fille, aux puissantes mamelles
Aux mains rouges et teintes de sang!

Toda a noite leu, sentado aos pés da cama, respirando, a largas golfadas, com a delícia de quem sai dum cárcere, a atmosfera que o envolvia, feita das emanações de Ideal e exaladas daqueles volumes românticos. E era entre as paredes do quarto, como uma região luminosa acima da terra, onde não havia tias nem farmácias, em que o sopro das paixões grandiosas se casava à música dos ritmos novos, e em que ele se movia arrebatadamente por entre as criações da Arte: ali palpitavam no éter as asas de Eloá, a um canto de taverna romântica vibrava o riso lúgubre de Rolla, além a cotovia cantava no jardim dos Capuletos, não havia carruagem que não levasse uma pálida Dama das Camélias, todos os animais eram poéticos como a cabrinha de Esmeralda, e nos cemitérios Hamlet meditava fazendo rolar sobre um chão trágico a caveira de Yorick.

Quando a vela de sebo se derreteu no castiçal de latão, ficou desesperado: queria prolongar aquela noitada romântica; e então desceu abaixo, esguedelhado, acendendo fósforos. No seu quarto, sob a protecção da sentinela, o Albuquerquezinho ressonava, no corredor os olhos do Maltez fixaram-no fosforescentes e aterrados. Não encontrou candeeiro, nem vela;

1405: os *Iambos*] [*Por os* Iambes. *Conservo a lição do ms., de acordo com os critérios adoptados para as transcrições de textos de outros autores*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

foi ao oratório, arrebatou a lamparina, deixando os santos nas trevas; e todo o resto da noite aquele pavio devoto, habituado a erguer a adoração da sua luzinha para o ventrezinho do menino Jesus, ou para o burel de Santo António, alumiou as páginas cheias dos gritos da Paixão, e das rebeliões da Dúvida. Adormeceu quando a madrugada aparecia nas frinchas da janela: e sonhava que ia remando num barco, com o Taveira, por um rio de legenda, seguindo o corpo de Ofélia que a corrente levava, — quando acordou a um ruído no quarto, e viu, estremunhado, a tia Ricardina que abrira a janela, e apertava as mãos na cabeça, atónita, diante da lamparina seca.

— Tu queres-me matar com desgostos, menino! gritou enfim, sufocada. Pois tu tiraste a luz do oratório?

Artur explicou que fora uma dor de barriga.

— Se ele se achou doentinho... murmurou a tia Sabina, que entrara atrás, assustada.

— Não há doenças! Que chamasse! É um desacato! É um desgosto que me há-de lebar à cova. É a primeira vez há quarenta anos. Como pode ninguém esperar ajuda de Deus, se até se lhe tira o bocadinho da luz? Não me venha com as suas, mana Sabina! A sua cabeça bem a conheço. Olhe o que ela lhe custou. Veja o desgosto que sofreu!

E saiu, aos ais, pelo corredor.

Cercado de livros de versos, julgou ter-lhe voltado, de novo, a «veia», sobretudo talvez porque a celebridade, os prestígios poéticos que eles tinham dado aos seus autores, lhe excitavam a ambição. E decidiu então reunir, pacientemente, um volume de poesias a que daria o título cintilante de — *Esmaltes e Jóias*! E antes mesmo de o compor já o coração lhe batia à ideia de ver «o seu livro» na vidraça dos livreiros com uma capa cor-de-rosa; decidira juntar o seu retrato, numa atitude de cabeça contemplativa; decerto uma mulher inteligente o amaria pela nobre melancolia que os seus olhos revelavam, e a sua vida seria uma continuação de beijos arrebatados e de rimas sonoras. Mas os meses passavam, naquela vida duma regularidade triste de pêndulo, entre a casa e a farmácia — e o grosso livro encadernado, onde devia copiar os *Esmaltes e Jóias,* estava ainda quase todo branco. Tinha os três poemas que o «Pensamento» acolhera, «Ofélia», «A Ti», que era a Aninhas Serrana amanda, «A Mulher de Mármore», que era a Aninhas Serrana odiada. Em obediência ao Damião, produzira uma «Ode à Liberdade»... Oliveira de Azeméis fornecera-lhe «A Lua», «Delírios», e «Pôr-do-Sol». Mas, depois destes esforços, a corrente de imaginação onde flutuavam

1445: lebar] [*Lição do ms., que conservo como eventual reprodução das características dialectais da personagem*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

fragmentos de sonetos, pedaços de imagens, fora-se pouco a pouco imobilizando como um regato que gela. Às vezes julgava que era o assunto, a matéria poética, que lhe faltava: ia então rebuscá-la, pelos livros amados; e quando, depois duma leitura das ORIENTAIS, imaginava que o Oriente e o seu pitoresco lhe inspirariam estrofes ricas, ou, depois duma página de Vigny, lhe vinha um entusiasmo de cantar o amor dos anjos — era a expressão, o verbo, que lhe fugiam. Acusava então, desesperado, a monotonia da vila [O] triste [O] burguês que o esterilizavam. Ah, se estivesse em Coimbra, em Lisboa sobretudo — lá, entre os jornalistas, a ópera, os poetas, o seu cérebro, que era agora como uma pedra que apesar de muito batida guarda obstinadamente a sua faísca, flamejaria então numa inspiração contínua!...

Mas não desistia, sustentado por uma ambição histérica de ver o seu nome nos folhetins, ser olhado pelas senhoras sensíveis — e as tias não compreendiam o que ele fazia passeando até altas horas pelo quarto, consumindo regularmente uma vela de cebo, enquanto o Albuquerquezinho, que era doido, esse, no quarto ao lado, ressonava sensatamente. Foi a tia Sabina que descobriu, que o menino fazia versos! Perguntou-lhe em segredo se era para alguma senhora de Coimbra, quem era?...

— Não é pra nenhuma senhora, tia Sabina. São versos! É pra um livro...

Ela não acreditou; ameaçou-o com o dedo, meigamente:

— Ah, menino! menino!... É da tua idade, filho, é da tua idade!

Ricardina, essa, desaprovara com espalhafato «o despautério do menino». E era para isso, para fazer versos, que arrasava a sua saúde, deitando-se de madrugada e trazendo aquela cara escaveirada. Vissem onde os versos tinham levado o avô Teotónio! E era um talentão, esse, íntimo de fidalgos, conhecido na Corte!... Pois lá morrera, numa enxerga de hospedaria, com uma camisa na mala e um montão de papelada!... E no seu horror à Poesia, que ela considerava a origem fatal da fome e do vício, pediu ao Vasco que trouxesse o menino a ideias mais sérias, mais práticas, de carreira e de futuro: e o farmacêutico fê-lo em palavras muito graves, muito meditadas: se o senhor Corvelo gostava de empregar os seus vagares, como era justo na sua idade, porque não unia o útil ao agradável, e porque não estudava a bela Física, a bela Química, que lhe seriam de tanto auxílio no seu futuro farmacêutico? E acrescentou com bondade:

— Eu não digo, quando se tem já uma posição na sociedade, e alguns vinténs de lado, que não seja bonito poder produzir um bom acróstico, ou,

1470: quando, depois] quando, depois depois

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

sem malícia, um engraçado epigrama... Mas fazer da poesia a principal ocupação, não! Desculpe-me o senhor Corvelo, essa é uma grande imprudência, e há-de concorrer para o desviar dos seus deveres...

Artur empalidecia de raiva. Mas foi sobretudo Cristina que o indignou, dizendo-lhe que em lugar de perder o tempo com pieguices, devia entreter-se indo à fazenda olhar pelas terras, tirar as contas aos caseiros. As tias queixavam-se que ele não tomava interesse nenhum pela quinta. Ele no fim era o único homem da casa. O Albuquerquezinho, esse, estava a bordo da sua fragata. E no fim, não era preferível a todos os versos do mundo ir ver os pomares, as casas, os celeiros, a criação, as colheitas?

— Eu não tenho nada com isso, exclamou Artur bruscamente. Eu não sou proprietário! A fazenda é tua. Nunca me há-de pertencer... Cebo para a terra.

Ela calou-se, com os beiços trémulos duma pergunta que lhe ia fugir, e retomou silenciosamente a sua costura com um suspiro — que Artur não ouviu, tendo-lhe voltado as costas furioso.

Só na tia Sabina achou simpatia; essa, desde a descoberta do caderno dos *Esmaltes e Jóias,* pareceu estimá-lo mais, como se a habilidade poética fosse uma evidência da ternura da alma. Um dia mesmo, que ele lhe entrara no quarto, quando ela estava arranjando o seu gavetão, a doce velha tirou de entre um livro de orações um papel amarelado de dobras gastas, e com mistério, pediu-lhe que o lesse — mas baixinho. Eram versos, versos à tia Sabina, versos datados do Porto, de 1841!

Eis chegado o momento de partir,
Dor e luto se apossam do meu ser;
Longe de ti, ó anjo feiticeiro,
A vida é treva, não poderei viver!

E havia doze quadras mais, trabalhadas ao gosto do tempo, misturando fanatismos de amor a palpites de morte, as melancolias do Outono às tristezas da separação...

Artur disse, sorrindo, numa complacência de mestre amável:

— São bonitos, tia Sabina, estão bem feitos...

A velha dobrou silenciosamente o papel.

— E eram verdade, nesse tempo, filho, murmurou por fim. Quando a gente é nova!

Artur teve vontade de abraçar a tia Sabina! O seu acanhamento reteve-o. Mas estimou-a mais desde então; quase desejava às vezes contar-lhe as

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

suas melancolias, as suas ambições; mas via-a depois à noite, cabeceando de sono sobre a mesa, ou na sombra do oratório, enfiando Salve-Rainhas... Pobre velha, não, não o compreenderia.

Porque ansiava então, incessantemente, por alguém com quem desabafar! Quereria ler os seus versos, e aquecer-se a uma admiração amiga, falar dos seus poetas queridos, de entusiasmos, de aspirações revolucionárias. Mas a casa das tias só vinham os Vascos: a botica era apenas frequentada por um velho, o Sequeira, caturra e obsoleto, e por um proprietário, o Abreu, que todas as noites, apoiado ao castão da bengala, murmurava sombriamente as mesmas palavras: «Então que há de política? As coisas vão mal... as coisas vão mal...» Na vila havia dois moços bacharéis, mas não os conhecia: eram da Assembleia, das famosas *soirées* dos Guedes que todos os sábados faziam brilhar na praça escura as três sacadas nobres: muitas vezes passando por lá, considerava com azedume como poderia ali cativar as senhoras, recitando, tendo ditos poéticos. Mas excluía-o de lá a obscuridade das tias, e a sua posição subalterna na farmácia: consolava-se, pensando que seria aquele um mundo burguês, ocupado da intriga da vila, indiferente à arte, incapaz de sentir em concordância com ele. Mais valia a sua solidão de alma incompreendida.

Mas nas noites em que se sentia «sem veia», em que odiava os livros como se a sua esterilidade lhe tornasse antipática a abundância dos eloquentes — aquele isolamento amargurava-o, como um desterro numa rocha deserta. A nostalgia de Coimbra, das cavaqueiras poéticas, do *Cenáculo*, que lhe parecia então sublime, voltava mais pungente: e ávido de poetas, e de filósofos, — tinha de se vir sentar, entre o sonolento movimento das agulhas das meias das tias, e o Albuquerquezinho, compenetrado, elaborando as paciências ou revistando as esquadras. Se ao menos tivesse uma irmã inteligente, poética! E fazia-o suspirar, cerrar os olhos, a ideia duma mulher de alma romântica que o amasse, recebesse, reconhecida, a revelação das suas sensibilidades, e para o acalmar lhe tocasse ao piano árias de Mozart, melodias de Weber! E detestava então a prima Cristina, por ela não ser a natureza poética, que os seus gostos reclamavam. Perdoar-lhe-ia a cinta grossa, as mãos escarlates, inchadas de frieiras no Inverno — se ela tivesse a alma de Elvira, de Graziela, ou de Lélia. Mas quê, uma criada, ocupada dos poleiros das galinhas, das medas de milho e com um amor aldeão à terra, vendo só nos campos a utilidade [0] — nunca a poesia e a égloga!

1572: gostos reclamavam] gostos reglamavam

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Foi esta necessidade de convivência literária que o levou, decerto, a ligar-se com um sujeito da vila, apesar de haver entre ambos um contraste radical, de temperamentos, gostos e compreensão da vida. Chamavam-lhe em Oliveira de Azeméis o Rabecaz. Era um homenzarrão, de carão audaz e vermelho, fortes bigodes de mosqueteiro, muito teso no seu casaco de alamares debruado de *astrakan*: e com o seu chapéu ao lado, a ponta do lenço muito de fora, grande bengalão de cana da Índia, parecera a Artur, quando o via pela praça revirando às criadas que iam à fonte um olho avermelhado da genebra, um destes mestres de armas, capitães a meio soldo, azedados e rostães, dos romances de Eugénio Sue... Era empregado da Administração: e ninguém sabia como se achava ali, há dez anos, — porque era de Lisboa, amaldiçoava Oliveira de Azeméis, mal podia redigir um ofício, e trovejava livremente contra os governos. Era um bilharista famoso na vila, e grande homem do botequim da Corcovada. E das quatro da tarde até à meia-noite, estava lá estabelecido, carambolando, atirando para as fauces com *chic* copinhos de genebra, falando com autoridade de política e de mulheres. Foi ali que se encontraram uma noite que o bilhar estava deserto, e que Artur, ao passar, se refugiara duma pancada de chuva, que fazia ribeiros nas ruas. O Rabecaz, que batia melancolicamente carambolas solitárias, propôs a Artur uma partida às vinte e cinco...

— Que V. S.ª, como frequentou Coimbra, deve ser da confraria do taco.

— Jogo mal.

Mas aceitou, com uma curiosidade daquela figura que tinha em Oliveira um relevo pitoresco. E carambolando conversaram. O Rabecaz imediatamente injuriou o Governo — e a simpatia nasceu de se reconhecerem ambos republicanos. No entanto divergiam: Artur queria os Estados Unidos da Europa governados pelos grandes génios; Victor Hugo devia presidir a França, Castelar a Espanha; não haveria exércitos, e os povos federados sentar-se-iam, fraternalmente, em banquetes simbólicos, cantando a Marselhesa. Rabecaz exigia um Robespierre, um Cromwell para guilhotinar os fidalgos, confiscar os capitalistas, e escavacar os padres.

— Nem barões nem sotainas — berrou brandindo o taco.

— Pelo que vejo, disse Artur, V. S.ª é da escola de Proudhon.

— Eu não sou da escola de ninguém, meu caro senhor. Eu sou uma fera! Quando penso no estado a que chegou este país, sou uma fera!

Trovejou então contra o clero — mas não concordaram também sobre questões religiosas: Artur entendia que se devia adorar nos campos, diante do céu, templo eterno; e admirava Jesus, filósofo e democrata! Mas

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Rabecaz não admitia Jesus, — «porque, uma de duas, meu caro senhor, ou era um Deus e então tinha o poder de se não deixar matar, ou não era um Deus e então não podia ter ressuscitado; porque deixar-se matar, para ter o prazer de se fazer ressuscitar, parecia-lhe uma trica política, imprópria dum ente divino!»

E pousando o taco, convidou Artur a cear. A Corcovada tinha ao fundo, para o interior, entre a cozinha e a estrebaria, um cubículo com uma mesa de pinho e mochos de palhinha. Numa parede, pendia o retrato de Pio IX de mão erguida em bênção; de fronte, em litografia colorida, uma odalisca seminua enfiava pérolas. Ouviam-se ao lado rabujar os netos da Corcovada, estalar na lareira a lenha verde, ou as mulas dos almocreves puxar a argola da manjedoura, bater o chão lajeado.

O Rabecaz encomendou à Mariquitas, sobrinha da Corcovada, «a bela fritada de ovos e chouriço, e dois meios litros reais».

E indicando, com um piscar de olho, a rapariga sardenta e roliça:

— Boa perna!

Escarrou grosso, e instalando-se à mesa, quis saber a opinião de Artur «sobre o gado».

— Que gado?

— O gado, o femeaço...

A expressão brutal escandalizou as delicadezas de Artur; e desprezou inteiramente Rabecaz quando o ouviu declarar, com olho lúbrico, que o que apreciava no gado eram «as boas carnes».

— O amigo nunca esteve em Lisboa?

— Não, disse Artur.

O Rabecaz deu uma palmada na coxa:

— Então, meu caro senhor, não sabe o que é o gado! Não faz ideia do que é um pé catita!

Então não sabia o que era a pândega!

Falou imediatamente de si: tinha vivido em Lisboa, ele, e com cavalos, com cadeira em S. Carlos, com carruagem! No tempo em que a *Madama* Ortza era uma beleza, e o Marrare era um céu! Que batidas para a Porta de Algés, que orgias com a Contadini!

— Comi tudo, mas regalei-me! disse, dando um puxão aos bigodes. Fora um príncipe!

1628: da manjedoura] da manjadoura

1645: Então não sabia] [*No imp. esta frase é antecedida por* O Rabecaz deu uma punhada na mesa. *Embora o autor não tenha riscado esta última, parece que era sua intenção substituí-la por* O Rabecaz deu uma palmada na coxa, *acrescentada numa folha colateral (44A) e reproduzida mais acima*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Artur considerava-o, agora, com interesse, como uma ruína romanesca. O senhor Rabecaz, então, devia conhecer bem Lisboa...

— Lisboa?...

Bebeu um trago «real», e passando pelos beiços as costas da mão cabeluda:

— Meu caro senhor, conheço Lisboa desde o mais alto — e o seu gesto no ar parecia designar docéis de tronos, — até ao mais baixo! ao mais baixo! — E agitava a mão sob a mesa como revolvendo lamas.

Rabecaz adquiriu logo para Artur uma autoridade imprevista — tendo, assim, uma experiência tão complexa da grande cidade, das suas glórias, dos seus mistérios. Naturalmente, tinha frequentado com escritores, com artistas...

— Grande rapaziada! exclamou Rabecaz. Conheço-os a todos, de *tu*! Belos pândegos!

Citou nomes. O José Estêvão! O Garrett! A Sociedade do Delírio! Uma troça real!

Mas voltou, com fogo, às mulheres:

— Não há como Lisboa para se apanhar do bom, do alto! Tudo sedas e veludos! — E repoltreava-se, retorcendo as guias, significando que se rolara no leito de condessas. E as espanholas, ó amigo. Hein? E as espanholas?

O olho chamejava-lhe. Para ele não havia como uma rica andaluza, cheia de *salero* e de *chic*, de cinta de anel, pezinho catita... Oh menino!

Deu um puxão às calças, bufou de concupiscência.

— Agora aqui é chupar no dedo! disse sombriamente. — Que choldra de vida! Até um homem aqui ganha mofo...

— A mim paralisam-se-me as faculdades...

— E eu estou a perder a tacada.

Estes gostos baixos, as elocuções incultas do Rabecaz, revelavam a Artur — um brutal, que o dinheiro, a petulância, tinham misturado casualmente às existências desornadas de almas ardentes. E, preocupado só do mundo da Arte e da Literatura, interrogou-o ainda sobre os teatros, as dançarinas. Devia ser uma vida deliciosa nos bastidores, as ceias com os jornalistas...

— Um delírio, meu caro senhor! De tremer! De vir tudo abaixo!

Artur entrevia orgias sonoras, o estalar impulsivo do *champagne*, *can-cans* em que cabelos soltos perfumam o ar cálido.

— E vive a gente aqui! suspirou.

— Na estrumeira! ecoou Rabecaz.

E, azedando-se à ideia de felicidades inacessíveis, uniam-se numa simpatia.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

A Artur o que lhe valia eram os livros! Recolhia-se cedo para casa, tomava o seu Victor Hugo...

Rabecaz arregalou os olhos.

— Victor Hugo! rosnou com uma voz cava, um mundo!

Aquela admiração, precisada numa palavra profunda, entusiasmou Artur. E com a pupila acesa, os cotovelos na mesa:

— Pois não é verdade? As *Contemplações*! *Os Miseráveis*! E Lamartine?

O Rabecaz alargou os braços, como para designar um ser de proporções mais que humanas, e soltou:

— Lamartine? Um mundo!

— O tipo de *Elvira*, hein? E o tipo divino de *Graziela*? Mas Alfred de Musset? Oh, Alfredo de Musset!...

O Rabecaz reflectiu, com um vinco na testa:

— Desse não estou ao facto... Mas Guizót!... Um mundo! De tremer tudo!... Mais dois quartilhos, bela Maria.

Eram onze horas quando saíram da Corcovada. Ao passar diante da igreja de S. José, o Rabecaz, excitado, insultou os padres.

— Pra que serve isto, este covil? E brandia o bengalão para a fachada da igreja, negra e muda.

— Deviam ser convertidas em escolas, disse Artur.

O Rabecaz, indiferente à instrução, encolheu os ombros:

— Devia ser tudo arrasado!

Depois, a casa do Carneiro, o rico lojista de panos, coberta de azulejos, com as suas três varandas de sacada, exasperou-o.

— Grandíssimo burro! Se nós lhe apanhássemos o dinheiro, hein? Era logo comboio pra Lisboa, e bater pra o Dafundo, com um par de pequenas...

Enterrou as mãos nos bolsos, e tornou-se sombrio.

A chuva cessara; um vento frio ia rolando espessuras de nuvens: espaços azuis estrelavam-se.

— Pois tivemos uma bela cavaqueira, disse o Rabecaz, quando Artur parou à porta. Eu gosto de conversa com quem me entenda... E cá o amigo é dos meus! É aparecer pela Corcovada. Não se passa mal...

E avistando um gato, atirou-lhe uma bengalada. Aquela brutalidade escandalizou Artur; deitou-se, pensando que o Rabecaz era um grosseiro, sem educação literária, duma lubricidade de bode.

Mas vivera em Lisboa, bebera o *champagne* das orgias literárias, era sobretudo republicano — e daí a dias, Artur voltou à Corcovada, pela con-

1705: Guizót] [*Por* Guizot. *Conservo o acento, como provável caracterizador da pronúncia da personagem*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

sideração que devia pagar a ceia ao Rabecaz, realmente para lhe mostrar a sua « Ode à Liberdade ».

O Rabecaz entusiasmou-se sobretudo quando Artur, afogueado, soltou este fim da sua estrofe amada:

Luze o novo arrebol!
Em vez do templo o livro! Em vez da estola a pena!
Ao perfume do incenso, prefiro o da vérmina
Prefiro à hóstia, o sol!

Rabecaz atirou uma punhada à mesa, bradou:

— Caramba! Isso é de artista! Você o que deve é ir para Lisboa, que em Lisboa desanca-os a todos!

Artur não o duvidava, — e essa palavra cimentou a intimidade entre ambos. Aquele aplauso tornou-se-lhe então necessário. Rabecaz era o *seu público*; julgava-o inteligente, de gosto muito culto, desde que ele admirava os seus versos; leu-lhe sucessivamente todas as poesias dos *Esmaltes e Jóias*; para o lisonjear nas suas antipatias clericais (espírito efeminado, adulava já, servilmente, os instintos do *seu público*) compôs uma sátira contra os padres, a quem chamava *negros serventes dum estéril dogma*. O seu cérebro pareceu degelar ao sopro quente daquela admiração grosseira: fez sonetos: e o que escrevia agora era sob a preocupação « do que diria o Rabecaz »! E todavia o Rabecaz tinha sempre a mesma fórmula crítica: escutava com os braços cruzados, nobilitando a sua atitude na presença das rimas; se a poesia era lírica e amorosa, tinha um riso mudo que lhe enchia a face de rugas, lhe mostrava a dentuça negra, e arrastando a voz, com deleite:

— Está catita!

Se era « uma peça filosófica », arregalava o olho, o nariz alongava-se-lhe, erriçava-se-lhe o bigode, e rosnava cavamente:

— Está d'arromba!

E terminava por exclamar, com uma palmada no joelho:

— Caramba, Artur, você deve ir pra Lisboa! Você vai a ministro!

Artur suspirava!

A certeza que o Rabecaz lhe deu de celebridade em Lisboa, ele que a conhecia tão completamente, inflamara-lhe o desejo de habitar lá, ser uma das suas personalidades essenciais. Lisboa era agora a sua necessidade, o seu ideal, a sua mania: pensava que lá, na Capital, as suas faculdades se desenvolveriam prodigiosamente como certas plantas raras que necessitam um

1755: o bigode] o bigogode

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

terreno rico; encontraria decerto lá as glórias do coração em amores aristocráticos; e discutido em folhetins, recitado em teatros, muito alto na hierarquia das letras, poderia talvez achar uma fortuna nos cofres dos editores!

Tudo o que o cercava e o retinha, a casa e a farmácia, lhe parecia então mais odioso: tudo na vila lhe dava a sensação da obscuridade que o abafava — as ruas que se afiguravam estreitas, como as ideias, as fachadas que eram inexpressivas como os rostos: quase detestava aqueles que nunca leriam os seus versos, sobretudo aqueles que decerto os desprezariam — o fiel de feitos que ao meio-dia passava na praça com o seu saco de lustrina cheio de autos, e o Carneiro que de *robe-de-chambre*, a face próspera e farta, fumava o seu charuto à varanda!

E trabalhava num ardor contínuo, forçando a imaginação difícil, ávido da terminação dos *Esmaltes e Jóias*, como se ele fosse o fim de todas as suas desesperanças. As tias, o Vasco, achavam-lhe uma «cara de desenterrado»: e as pessoas que moravam à praça, olhavam quase com compaixão aquele moço triste, que passava de manhã e à tarde, de olhos baixos, cabelo muito comprido, encolhido no seu *paletot* cor de pinhão.

Andava, num desabafo, compondo uma «Epístola» em quadras, dedicada ao poeta que disse

Eu nunca vi Lisboa, e tenho pena...

Artur, sem o conhecer, tratando-o de *tu* numa familiaridade do Parnasso, comungava na mesma ambição. E pelas manhãs em que não havia trabalho na farmácia, era pelo seu quarto um passear desordenado, declamando:

Também eu nunca vi Lisboa, amigo,
Profunda Babilónia junto ao mar!
Oh que me fosse dado ir lá contigo
Unidos ambos para cantar e amar!

E ao lado, do peitoril da janela, estendendo o seu braço agaloado, o Albuquerquezinho, berrava, num acesso:

— Orça a barlavento! Ferre os traquetes da gávea! Fogo!

Um sopro de loucura parecia correr, naquele andar da casa, — enquanto em baixo na sala as tias faziam a sua meia, o gato branco dormia à réstia pálida do sol de Novembro, e no pátio Cristina, erguendo a cada momento os olhos para a janela do primo, visitava a criação, seguida do *koé-koé* dos seus patos.

1792: estendendo] estendendendo

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Foi por esse tempo que Artur recebeu do Porto, do seu padrinho, o rico Guedes Craveiro, uma carta estranha em que lamentava, ainda depois dos dois anos, « a morte fatal do meu nunca de mais chorado amigo Manuel Corvelo», falava misteriosamente « dum desgosto cruel com que a Providência o visitara o mês passado » e prodigalizava frases devotas, pedindo a Artur as suas orações. E no *post scriptum*, dizia que passaria em Ovar, no sábado, em viagem para Lisboa — e seria uma alegria para o seu coração poder apertar nos braços, conhecer seu estremecido afilhado!

Foi um espanto para Artur. Nunca vira o padrinho Guedes. Lembrava-se que na casa em Ovar, lhe chamavam um *carola*: depois, numa das férias, seu pai, voltando do Porto, falara dos escândalos que dava nesse momento o Guedes... Era uma história triste: o pobre *Carola*, com uma destas paixões brutais que fazem irrupção por vezes numa existência devota, apaixonara-se furiosamente por uma Lola, comparsa de zarzuela do Baquet: e teria decerto casado com ela; mas Gadrucina tinha já um marido, um bandido, que se instalara na quinta do Guedes, bebia-lhe o vinho, vestia-lhe a roupa branca, e arrancava-lhe dinheiro com ameaças de suicídio.

Desde então, não soubera mais do padrinho, o *Carola*, o amante de Lola. O que era esta ternura inesperada, esse « desgosto », tantas declamações lúgubres?...

Ricardina decidiu logo que o menino devia ir à estação de Ovar, no *char-à-bancs*. Cristina lembrou que o Arturzinho lhe levasse um frango frio « para o homenzinho cear na jornada ».

— O *homenzinho*, filha? exclamou Ricardina. O *homenzinho*? Boa! É um dos cavalheiros mais ricos do Porto! Tem trem, tem tudo!...

E o Rabecaz, informado, disse com autoridade:

— Deve ir a Ovar. E fazer-lhe tagatés. Se o homem tem pequena espanhola, é sujeito de gosto, é cá dos nossos. Ouça, e se a pequena vai com ele, não se me faça acanhado. É grande cortesia o dizer-lhe: *Salero! Viva la gracia!* Eu conheço as espanholas, gostam disso.

1803: Manuel Corvelo] Manuel Craveiro [*O autor confunde o nome das personagens* Guedes Craveiro e Manuel Corvelo].

1814: Gadrucina] [*Leitura duvidosa. O nome da personagem era este, ou algo parecido, ocorrendo aqui pela primeira vez; depois, o autor acrescentou* Lola *na entrelinha, no lugar onde aparece no texto crítico, mais atrás (e que é confirmado mais adiante). Podendo ser este último o «nome de guerra» da personagem, e o hipotético* Gadrucina *o seu nome próprio, decidi conservar os dois, nos lugares respectivos*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

II

Quando o *char-à-bancs* parou à porta de casa, de volta da estação, Ricardina, toda curiosa, estava no alto da escada.

— Então?

Não, o padrinho não viera. — Foi um assombro para as senhoras. Tinha ele procurado bem no comboio?

— Fui ver até à terceira classe. Nem sinais!

— Viu no porão? perguntou o Albuquerquezinho, interessado.

— Vi no porão, senhor Almirante; ninguém!

— Jesus! disse Sabina, coitadinho, sucedeu-lhe alguma?

— Ai não me parece bem! Não me parece bem, exclamou Ricardina. Depois de ter prevenido, de obrigar à jornada, e à despesa... É um despropósito!...

— Serviu-me de passeio, disse Artur, acendendo o seu castiçal. E a noite está linda...

Galgou os degraus, na impaciência de ler a carta que a sua mão, no bolso, não deixara de apertar, de acariciar, como se o papel conservasse ainda o calor dos dedos *dela*.

Mas foi, primeiro, ao espelho, olhar-se, como para se certificar que o seu rosto pálido e fino merecia aquela ternura curiosa duma mulher, duma baronesa, vivendo em Lisboa, no mimo das elegâncias. Nunca vira numa mulher um encanto tão cativante. Adorava sobretudo o seu corpo pequenino, de Venusinha de jaspe: cabia toda num abraço, podia-a trazer ao colo: todos os seus movimentos tinham uma harmonia e um ritmo: havia no seu seio uma graça virginal com uma provocação sábia, sagrada e *coquette*. Mas eram os seus olhos negros que o perturbavam: queria-los beijar cerrados, muito tempo, sentindo entre os lábios as pestanas arqueadas e fortes...

6: ver até] ver até até

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Abriu enfim a carta, que tinha no alto um monograma sob uma coroa, leu:

«Minha querida Clara»

Clara! Que lindo nome!

«Só quatro linhas, que estou com pressa, porque vamos jantar a casa da mamã. Recebi o caixote, e vinha tudo em ordem. O João achou as morcelas deliciosas, muito melhores que as que tem o *Coco*. Por aqui nada de novo. Vai haver um baile pelos anos da Lulu, e eu vou mandar fazer umas alterações no meu vestido azul que ainda pode aguentar mais esta campanha. Vi ontem o Pedro, que fingiu que me não viu. As saudades não o têm emagrecido. Diz que o depenaram em Cascais. O João queria acrescentar duas linhas a agradecer o caixote, mas está-se a vestir. Os pequenos bem. Adeus

tua irmã do C.

Eugénia.»

Ficou um momento com a carta na mão, triste, sentindo na *mamã*, no *baile da Lulu*, no *Pedro*, um mundo que a isolava, a separava dele. Certo, porém, da sua simpatia revelada pelos seus olhares, quase declarada naquele sobrescrito arremessado – foi à Corcovada, interrogar o Rabecaz, que devia decerto conhecer de nome a senhora Baronesa de Pedralva.

Mas quando o viu de cachimbo na boca, taco ao ombro, veio-lhe um pudor de pronunciar o nome *dela*, ali naquele cheiro fétido de petróleo, sob o hálito de genebra do Rabecaz.

– Então viu-os? Que tal é a pequena? exclamou o outro, brandindo o giz.

– Não vi, não vieram, disse Artur.

Voltou para casa, fechou-se no quarto, e escreveu ao Damião, que então vivia em Lisboa, uma carta em que depois de falar, num lirismo amplo, da «tenebrosa solidão da sua alma» e «das suas aspirações incessantes para um ideal melhor», lhe pedia que averiguasse quem era a senhora Baronesa de Pedralva, onde vivia, quais as suas relações, os seus hábitos, – «enfim, faça-me sobre ela um estudo à Balzac».

E nos dias seguintes, esperou a resposta pensando nela. Era um estado muito novo para ele, muito doce.

Sob a influência permanente da excitação poética, o seu coração fora até aí como um altar vazio em que tudo está preparado para a adoração, tocheiros, incensos, flores – e só se espera uma santa. Ela viera enfim, bonita, bem vestida, e Baronesa. E todas as suas ternuras, os seus desejos, as ambições que até ali erravam no vago, como aves inquietas e sem ninho,

64: até ali erravam] até erravam [*Lição conjecturada por lapso do autor*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

acharam um centro, ordenaram-se, pondo perpetuamente em torno daquela imagem a sussurração dum culto.

Idealizava-a, como se cobre um ídolo de camadas de ouro, tornando-a cada dia mais digna da sua poesia, extraindo das menores coisas certezas da sua perfeição: o seu chapelinho de penas, provava a fina originalidade do seu gosto; o livro que ela lia, Lamartine ou Musset, confirmava a sua inteligência; a prontidão em se interessar por ele, era como a garantia da sua constituição amorosa e das impaciências da sua alma ardente.

Mas era ainda apenas um sentimento poético; e, como uma água isolada e sem origens, que é absorvida ou se evapora, aquele grande amor tendia por vezes a sumir-se; retinha-o, então, ansiosamente – para manter na sua vida mesquinha um interesse ideal, gozar as melancolias felizes daquela ocupação, para possuir, também, uma Beatriz; fazia-lhe, com facilidade, versos; tinha longos diálogos imaginados com ela, uma perpétua convivência com a sua imagem invocada: – e, com efeito, não tardou (como se vem a adorar um Deus que se inventa!) a ter por aquela senhora, entrevista num comboio da tarde, um sentimento real formado de vaidade, de desejo, da esperança de a encontrar em Lisboa, e das suas necessidades de ternura.

Um soneto que produziu então, trabalhado à maneira de João de Deus, com toques de idealismo camoniano, e que era a melhor obra da sua curta carreira poética, dava a explicação da sua alma:

A vida, em que os meus anos se passavam,
Era como um terreno abandonado
Que nunca produziu, nem foi arado,
E que as águas do céu nunca molhavam.

Ali jamais abelhas sussurravam
Nem de ave se escutou meigo trinado...
Um ermo escuro sob um céu nublado
Onde só duros cardos negrejavam.

Mas tu vieste! Assim por trás dos montes
Se ergue o divino sol no fresco ar...
E eu senti logo – oh claros horizontes! –

Tudo em minha alma reflorir, brotar,
Aves cantarem, murmurarem fontes,
Cearas de desejos ondular!

Enfim, veio a resposta do Damião.

« Caro Artur – A não ser que a biografia da sua Baronesa se encontre na *Enciclopédia do Século XIX* do bom P. Larousse, eu não estou habilitado a dar-lhe essas informações à Sainte-Beuve, que a sua pobre alma reclama. Acho curioso que num

70: ela lia,] ella, [*Lição conjecturada por lapso do autor*].
102: *Século XIX*] *Século IX*

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

assunto tão mundano, que é quase oficial, se dirija a mim: se a pessoa pertence às *classes dirigintes* e é bisneta dum dos brutos que tinham outrora o nome de cavaleiros – porque não escreve directamente ao Monarca? E se é simplesmente uma *madalena*, ou, como diziam nossos honrados avós do terceiro estado, uma *barregã* (porque tudo é possível, no mundo faceto das baronesas constitucionais), dirija-se a qualquer das repartições públicas – onde obterá informação abundante e pitoresca. Eu, caro poeta, vivo muito longe da sociedade estabelecida; habito estes quintos andares das cidades modernas, que são para a Democracia o que foram as catacumbas para o Cristianismo...

Tomei devida nota dos seus desesperos românticos. Acho-os patuscos – ainda que inteiramente adequados à tradição lamartiniana. Console-se fazendo um volumezinho de versos (já que as circunvoluções do seu cérebro o levam fatalmente ao verso) – não sobre as estrelas e os lírios (deve deixar essas parcelas da Substância aos astrónomos e aos jardineiros), mas sobre o Homem, que é a verdadeira matéria poética moderna. E sobretudo venha para cá. A capital é, no fim de tudo, o único ponto vivo desta fétida lesma morta que se espapa à beira do velho Atlântico, sob o nome desacreditado de Portugal. Venha para cá – e terá uma *chance* para encontrar, amar, cantar a sua baronesa, já que um resto do velho espírito teológico quer que todo o Tasso tenha a sua Leonor, e todo o Dante a sua Beatriz: sem que isto seja fazer-lhe a injúria de o comparar ao Tasso, esse pobre rimador em oitavas dos decretos do Concílio de Trento; nem ao Dante, esse sorumbático panfletário gibelino. Se vir o Alcides, que tem na terra o nome jocoso de Teodósio, advirta-lhe com severidade que me levou entre os livros dele o meu *Darwin*, ORIGEM DAS ESPÉCIES. Repugna-me saber o grande naturalista entre os bárbaros – servindo talvez de peanha sobre uma cómoda de cerejeira ao busto de Rodrigo da Fonseca Magalhães ou outro qualquer dos idiotas clássicos do constitucionalismo. *Vale*, como diria esse odioso burguês Cícero,

Damião».

Esta carta caiu na sua exaltação como álcool numa fogueira! Todo o seu antigo desejo de Lisboa flamejou. Viu-se num relance lá, no quinto andar do Damião, «essa catacumba moderna», palpitando todo nos interesses da Arte e da Democracia, compondo em silêncio um poema, e saindo, alta noite, para encontrar Clara num *boudoir* de rendas e sedas!

E foi então, durante semanas, um suspirar quase histérico por Lisboa – agora duplamente para ele maravilhosa, um paraíso de inteligência, e um paraíso de paixão: um anelo permanente que o tomava, sob as formas mais pueris, a ponto de olhar com saudade as nuvens que o vento ia levando para o sul, para os lados de Lisboa, e de invejar o recoveiro, que todos os quinze dias vinha receber ordens à farmácia, e partia, choutando na sua égua, a tomar a Ovar o comboio. Às vezes sentia-se ridículo, ria: mas o seu desejo não tardava a pungi-lo de novo, com uma persistência mórbida.

105: *classes dirigintes* [*Lição impressa, em itálico, não alterada pelo autor, pelo que seria intencional*].
137: E foi então,] [*Início do fragmento ED*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Lisboa! — Concebia a vida que a enchia, violenta e grandiosa, como o mundo da *Comédia Humana* de Balzac: era de resto pelos romances franceses que reconstruía a Sociedade de Lisboa; e não tinha uma ideia menos desproporcionada da sua edificação — imaginando-a de ruas enormes, sonora de trens, e flamejante de gás, assentando a sua pompa movimentada sobre a larga baía azul, onde esquadras manobram e salvam as torres de outros séculos! Mas era a existência nocturna de Lisboa, que o fascinava: imaginava sentir nos cafés, entre os ouros dos espelhos, balançar-se a sussurração das conversas literárias; ver à porta dos teatros apinhar-se uma multidão sôfrega de arte; e nas praças em redor, todas alumiadas, grupos discutirem — com subtileza, a estética dos poetas, a política dos oradores. Depois parecia-lhe avistar as janelas embaciadas dos restaurantes, onde artistas e cortesãs celebram orgias poéticas como galas. E mais longe os balcões dos salões aristocráticos, donde sai uma claridade discreta tamisada pela seda das bambinelas; aí imaginava a vida dum mundo superior, em que as faces são pálidas da emoção contínua dos sentimentos romanescos; aí diplomatas cujos sorrisos têm a frieza da razão de Estado, trocam ditos à Talleyrand; aí, sentadas em móveis de veludo e cetim, ideais figuras de beleza patrícia, respiram ramos de violeta com olhares onde brilha, sob um fluido, o ardor dos adultérios; e aí vivia Clara... E em redor, no mistério da vasta cidade, imaginava a existência das personalidades atormentadas, de romance ou de teatro — os Rastignacs pungidos de ambição, os Vautrins fazendo tenebrosamente a caça aos milhões, os Camors cépticos, os Giboyers sublimes, e os visionários que num quinto andar planeiam a destruição das sociedades. Mas nesta fantasmagoria, entusiasmava-o sobretudo, o mundo dos jornalistas: era um ruído incessante de máquinas de imprensa; salas resplandecentes de redacções; penas que correm sobre o papel derrubando ministérios e edificando glórias; e ditos dos folhetinistas que têm a profundidade duma filosofia na precisão dum aforismo!... — E via-se lá, revendo provas, lendo o seu nome em cada jornal, fazendo civilização!

Às vezes, oprimido destas imaginações, ia ao acaso de noite pela vila; e aquelas ruas apagadas, onde só se sentia algum chorar triste de criança nas casas térreas, ou um som retardado de tamancos, mandava-lhe vivamente o pensamento — para Lisboa, onde àquela hora, os estribos dos trens se desdobrariam no peristilo resplandecente dos teatros, e nas salas as rebecas dariam as primeiras arcadas... E via-se então lá, numa *soirée*, já ilustre: falava baixo, num vão de *boudoir* acetinado, a Clara, que sorria, fanatizada com a doçura

158: donde sai] donde sa

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

dos seus conceitos; pediam-lhe depois para recitar; ele erguia-se devagar, pensativo; em redor murmurava-se «é o Corvelo, é um Génio!» E, levado na ilusão, declamava, alto, na rua:

Enquanto dormes no *divan* de seda
Olho-te o mimo desse lindo rosto...
Assim as aves dormem na alameda
Dormem as águas ao luar de Agosto...

A sua voz fazia estacar, sobressaltado, algum burguês que vinha da Assembleia, embrulhado no seu chale-manta. E Artur recolhia então, triste e fatigado como depois dum excesso, desejando entrar poeticamente num convento, ou viver em Lisboa com um emprego dum conto de réis...

Encontrava em casa o dormente serão em torno da mesa.

— Donde vens, menino, vens da cavaqueira do Vasco?

— Não! exclamava ele, irritado de que lhe suspeitassem um interesse nas palestras da botica.

Toda a face de Ricardina, então, com o seu longo nariz sobre a mesa, se cobria de severidade carrancuda: sabia que o menino frequentava a Corcovada: e a convivência do Rabecaz, o bilhar, o tabaco, pareciam-lhe hábitos funestos que lhe trariam a ruína da saúde, a desconsideração da vila.

— Nem sei que gosto se possa ter em semelhantes noitadas — rosnava.

— Chut! Chut! exclamava o Albuquerquezinho, todo aceso com a sua *paciência*.

Então, em torno da mesa, fazia-se uma mudez amiga.

— Cá está! exclamava ele, em triunfo. É a *Imperial*. Marque lá, Cristininha.

Cristina tomava o caderno das paciências felizes, fazia um traço a lápis.

— Quantas imperiais este mês, menina?

— Quatorze, Albuquerquezinho.

— Bom mês!

Ela folheava o caderno, muito interessada.

— O mês passado foi melhor. Vinte e quatro...

— Pois sim, acudia Sabina, mas faltam nove dias para acabar o mês... Não contas isso, filha!

— Chut! fazia o almirante, que recomeçara a dispor o seu quadrilátero de cartas.

Artur, muito infeliz, subia para o quarto, e ali ficava desesperando-se contra aquela existência, lançando a sua alma para Lisboa, para Clara, — até que sentia no corredor a voz de comando do Albuquerquezinho, lançar, ao entrar para bordo, o *santo e senha* à sentinela.

209: — Quatorze] [*Conservo a forma do ms, por poder representar as características da fala da personagem*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Enfim uma noite, foi à Corcovada declarar ao Rabecaz, que estava decidido a partir para Lisboa. Iria em terceira classe, e o Damião, de certo, lá, arranjá-lo-ia na redacção dum jornal, ou no serviço dum editor... Em último caso, com a sua prática agora, podia colocar-se numa farmácia...

— Despautério! exclamou, com ímpeto, o Rabecaz.

Se ele queria ir pra Lisboa era pra gozar, não é verdade? Portanto era necessário ter cheta. Pra ir viver num quinto andar, jantar por quatro vinténs na taverna do *Fumaça*, ou ir para outra botica, — então — mais valia ficar em Oliveira, com a vaca e cozido das senhoras suas tias e a amizade do Vasco... Em Lisboa era necessário estar sempre a levar a mão ao bolso...

— Por exemplo, o amigo está num café com a rapaziada: arrancha-se a uma troça ao Dafundo com boas pequenas... É preciso fazer saltar, pelo menos, seus três ou quatro mil réis pra tipóia, pinguinha de *colares*... etc.

— Mas não é isso, disse Artur impaciente. Eu não vou para o deboche! É para estudar, é para trabalhar.

O Rabecaz cruzou formidavelmente os braços, berrou do alto da sua experiência:

— Trabalhar! Mas em que quer o senhor trabalhar? Nas redacções está tudo atulhado. A maior parte escreve de graça... Fazer vintém, pela versalhada, isso até faz rir os mortos! E o amigo não sabe fazer mais nada. Eu conheço Lisboa, homem... Se você fizesse dramas...

— Com um drama, hein?...

— Isso sim. Isso é melhor que ser director-geral!

Explicou-lhe o sistema dos *direitos de autor*. Ele fazia uma peça ou uma mágica catita, em cinco actos: em dia de enchente, com o tanto por cento, eram cinco ou seis libras, na algibeirinha.

— E depois, menino, estando-se de dentro com as actrizes, com as pequenas dos coros, apanha-se do bom, e *grátis*...

— Não me tinha lembrado, murmurou Artur muito impressionado.

— Pois pense nisso, disse o Rabecaz muito sério. É de chupeta!

Foi como a aparição duma luz salvadora! Um drama, o teatro! Atraía-o por todos os seus resultados: era a glória directa, mais palpavelmente gozada, recebida na face, em palmas e *bouquets*: era a celebridade rápida, penetrando todas as classes, ou letradas ou apenas impressionáveis: era o dinheiro cobrado todas as manhãs, na caixa, de contado!... E *Clara* viria ver o *seu* drama, ele diria *tu*, como um camarada, às actrizes... O Rabecaz tinha razão, devia escrever pra o teatro!...

226: Se ele queria] [*Início do fragmento EA4*].
238: o senhor] o Snr.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Veio para casa, todo no delírio desta esperança. Mas que escreveria? Uma comédia à Sardou, um drama à Hugo? Pensou toda uma semana, sem achar: entrevia títulos, lances, decorações; ouvia bem as rebecas gemerem nos finais dos actos; via-se, curvado, agradecendo... Sentia as palmas – mas não tinha a ideia!

O seu temperamento atraía-o para o drama histórico em verso, ornado de arquitecturas curiosas e de chapéus de plumas. Mas que facto, que paixão dramatizaria? Sabia tão pouco a história de Portugal! Empreendera outrora lê-la, mas desde as primeiras páginas, o estudo das raças iberas, godas, visigodas, galo-romanas, lusitanas, todo aquele mundo bárbaro e defunto, sem episódios e sem personalidades, enfastiava-o prodigiosamente; desistiu; e todo o passado da sua pátria era para ele como uma vasta treva, onde destacava, aqui e além, num débil relevo gasto do tempo – Egas Moniz e a sua corda ao pescoço; Inês de Castro, morta num trono; um facto vago que era a Revolução de 1640; outro libertino que era o processo de D. Afonso VI; D. João V e o seu serralho freirático de Celas; o Marquês de Pombal e o terramoto... Mas nenhum destes factos, destes personagens, mal entrevistos, continha para ele a ideia dum drama!

Decidiu-se pelo moderno. E tendo facilmente achado um título – *Amores de Poeta* – deduziu dele uma acção.

O poeta Álvaro (que era ele mesmo, Artur) pobre e sublime, fanatizava e possuía a linda, a doce duquesa de S. Romualdo (que era a senhora Baronesa de Pedralva). O duque, um caçador obtuso e brutal com avós até aos visigodos (a que o valente Teodósio servira de modelo) insultava o poeta, arremessando-lhe a luva branca num sarau de máscaras; batiam-se de madrugada num cemitério, depois dum monólogo em que, à maneira de Hamlet, Álvaro, tomando crânios na mão, meditava na Morte; ferido, ia morrer no regaço da duquesa, que corria, vestida de branco, dentre os ciprestes: o drama passava-se ora num castelo junto a Sintra, ora num vago palácio nas proximidades da rua do Ouro! Em torno da acção moviam-se numerosos personagens subalternos, uns fidalgos vis e embrutecidos, outros plebeus invariavelmente nobres e eloquentes: todo o drama era assim um desabafo amoroso, e uma propaganda revolucionária: ele sentia-o; e parecia-lhe hábil e profundo, pôr na obra, todos os lirismos da sua paixão por Clara, e lançar ao povo, ao mesmo tempo, os *avantes* duma Marselhesa. Ela choraria, compreenderia quanto um ardente peito democrático ama melhor que um ressequido coração de barão. E por outro lado, o grande Damião aprovaria

274: o terramoto] o terremoto

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

o drama. E serviria o seu amor, serviria a República. E, entusiasmado pela sua ideia, começou ardentemente a trabalhar. Foi um período muito exaltado, decerto o mais feliz da sua vida: compunha o papel de Álvaro de tudo o que sentia em si de mais sentimental quando pensava em Clara, e de mais revoltado quando pisava linhaça no almofariz da farmácia: deu à duquesa todas as graças e todas as dedicações, encheu-a de reminiscências de Julieta, de Carlota, de Lélia, da Dama das Camélias: acumulou no duque os prosaísmos, as materialidades que o indignavam nos burgueses de Oliveira: um dos seus fidalgos era o Vasco, para quem a poesia consistia na habilidade de fazer acrósticos; e pulava pelo quarto, esfregando as mãos radioso, quando achava réplicas eloquentes para alguns dos seus plebeus. Não duvidava então que o seu drama faria um *escândalo social*! Relia-se, extasiado; e ia olhar-se ao espelho, como admirando na expressão das suas feições o esplendor das suas faculdades!

Isolou-se. Não apareceu muito tempo na Corcovada — onde as tacadas, o cheiro do petróleo, as pilhérias libertinas do Rabecaz, lhe pareciam odiosos, depois da frequentação ideal com os seus personagens, e da pompa dos seus diálogos. Da farmácia corria para casa, sentindo-se prodigiosamente feliz, apenas penetrava naquela atmosfera especial do quarto, onde lhe parecia errar, como um éter, todo o ideal que se exalava das folhas do seu manuscrito.

As tias queixavam-se agora do menino, que passava todas as suas horas aferrolhado, em cima:

— E eu que pensava que nos havia de servir de companhia!, dizia Ricardina, com azedume. É como se não houvesse um homem em casa!

Mandava às vezes Cristina acima, escutar ao corredor, «se sentia o menino». Ela voltava desconsolada, dizendo que andava aos pulos pelo quarto, falando só.

— É como o Padre Manuel Fernandes, quando andava a decorar o sermão. Que despropósito! Que despropósito!...

E muito chocada, ia picando vivamente, com um carão sombrio, as longas agulhas da meia. Parecia-lhes, a todos, que o menino não tinha «amizade à família»; sentiam por instinto que ele procurava, nos livros e nos papéis — distracções melhores que as daqueles serões pacatos: e isto aumentava a antiga desconsolação de o verem tão indiferente aos interesses da casa, da fazenda.

— É como um estranho, é como ter um hóspede, dizia Ricardina.

Ele descia sempre tarde para o almoço, tendo velado a noite, sobre o manuscrito: era Cristininha que o servia, muito cuidando, observando com inquietação se as torradas vinham bem quentes, ou se o chá não estava fraco...

327: — distracções] — as distracções

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

— Ai, estás hoje amarelo como um desenterrado... Isso até te faz mal... Pois não era melhor passares as tuas noites a dormir muito regaladamente...

— Era melhor, era. Mas então? São gostos, dizia ele rindo.

Falava-lhe agora com uma paciência compadecida — como ao Albuquerquezinho.

Ela perguntara-lhe um dia, toda interessada:

— Mas dize, que andas tu a fazer? Que andas tu a escrever? Para que é tanta papelada?

— Coisas, disse ele... Antes que eu te dissesse não compreendias...

Considerava-a «estúpida e material». E a explicação do seu trabalho passaria sobre aquele espírito, como um perfume sobre uma pedra.

Ela compreendia este desdém intelectual, e sofria: sentia, por instinto, que para o interessar devia ser pálida, delgada, e enternecer-se com o luar: mas debalde se apertava, era sempre «gordalhufa» como dizia o Albuquerquezinho; e a Lua só lhe representava a influência regularizadora da humidade ou das secas; então, para compensar estas inferioridades, eram desvelos ansiosos — tratando da sua roupa branca como uma devota dos paramentos da capela; passando manhãs na cozinha, a fazer «os petiscos» de que ele gostava...

Era um culto: e Artur não o sentia, muito alto no azul, como um Deus distraído.

— Moço concentradíssimo, dizia o Vasco, aos domingos, quando o via abalar depois de engolir a torrada. Na farmácia não dá palavra... Mas faz o seu trabalho com inteligência... Que eu não o perco d'olho.

— Macambúzio, macambúzio, dizia Ricardina, indignada.

Sabina, essa, achava-o apenas «triste».

— Porquê, porquê? Não lhe falta nada, dizia Ricardina. Pois não é verdade, D. Galateia? É um mono. Ao jantar não se lhe ouve um som! Depois do chá é *boas noites*, e lá abala para o buraco...

— Ai eu não gosto de gente assim, dizia D. Galateia, com tédio.

— Mas moço de bem, moço de bons costumes, resumia o Vasco.

Enfim, um dia, Artur terminou a cópia do seu quinto acto — e foi um momento delicioso aquele em que escreveu, todo comovido, na primeira página branca:

AMORES DE POETA

Drama em 5 actos

por

Artur Corvelo

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Ali estava, acabado! Mas então, nos dias seguintes, tomou-o uma lassidão triste, como a saudade dum mundo superior perdido, de gloriosas intimidades para sempre cortadas. No seu amor por Clara, sentia agora uma diminuição, como se durante o trabalho, ela se tivesse pouco a pouco esvaído da sua alma, naqueles longos fluxos de Lirismo. A Lisboa real já o não fascinava tanto, era como uma visão que empalidecia – desde que pintara uma Lisboa dramática, com cores tão intensas. Relia a todo o momento o manuscrito – mas as cenas melhores, agora, pareciam-lhe frias e como [O] fogueira extinta. E foi sem fé, que escreveu ao Damião contando-lhe o enredo, pedindo-lhe, como um serviço a ele e à «Ideia democrática», que lhe alcançasse a representação dos *Amores de Poeta*, em D. Maria ou no Ginásio. E só para ele fazer ideia da forma e do estilo, remetia-lhe cópia da grande cena, entre Álvaro e a duquesa, num parque, em Sintra.

Semanas passaram, a resposta do Damião não veio. Enfastiava-o então ter ali o manuscrito sobre a mesa, sem tirar dele um proveito directo em aplausos ou parabéns – e, uma noite, não se conteve, correu com o drama debaixo do *paletot*, à Corcovada, a procurar o Rabecaz.

Instalaram-se no cubículo, com a garrafa de genebra.

Às primeiras cenas, amorosas como um dueto, o Rabecaz, oscilando a cabeça, de olho cerrado, murmurou apenas:

– Está catita, está catita...

Mas o insulto no sarau de máscaras, a apóstrofe do duque: «*Quem ousa erguer os olhos sequer para a duquesa de S. Romualdo, pode encomendar a mortalha!*», o duelo no cemitério, as declamações da agonia levantaram o Rabecaz; atirou um murro à mesa:

– Com mil diabos! isso é a coisa de mais efeito que tem aparecido em Lisboa! Vem a casa abaixo. Irra, que está d'arromba! É arranjar empresário! Parabéns, seu diabo! Você tem o diabo no corpo!

Aprovou, com furor, que Artur tivesse escrito a Damião.

– Que isso mal se souber em Lisboa, todos os empresários é mais a mim, mais a mim! Está d'arromba! Irra!

Artur, comovido, pagou a ceia.

O Rabecaz fez planos tremendos, apenas o amigo Artur recebesse a primeira cheta, mandava-lhe um vale pelo correio, e ele ia a Lisboa! E ainda tinha amigos em Lisboa, ele, e haviam de lhe oferecer uma coroa! Irra! Que havia de aquele Mata vir abaixo, com uma ceia formidável! *Champagne* e pequenas! Irra! – Entrou em casa numa excitação; agora, todo aquecido por aquela admiração do Rabecaz, o seu drama aparecia-lhe com um esplendor imprevisto, e não duvidava do «sucesso». Não duvidava do «sucesso».

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Pediria dinheiro adiantado ao empresário, e iria ele dirigir os ensaios!... Àquela ideia o coração batia-lhe, no delírio duma esperança. Via-se entrando no palco, vestido de preto, muito olhado pelas actrizes; decerto alguma se namoraria dele; seria um parêntesis carnal no seu grande amor à Petrarca... Até que uma noite, diante duma multidão imobilizada no santo respeito da Arte, às últimas arcadas da orquestra, erguer-se-ia devagar o pano: Clara lá estava num camarote, com diamantes no colo: e choraria, a doce criatura choraria, vendo o poeta morrer! — Mas não, tontinha, eu aqui estou, vivo, amante, cativo! E toda esta glória é como um tapete que te estendo para pousares em cima os pezinhos subtis e breves que te hão-de levar aos *rendez-vous* do divino pecado! E na plateia, num estridor de ovação sob o brilho do gás, a cidade aclama-o! Lenços de rendas pelos camarotes, enxugam rostos mimosos!... Onde se encontraria depois, com Clara? Num recanto contemplativo, na frescura das ramagens molhadas, onde os *frous-frous* das asas se misturam ao gotejar das nascentes... E toda a sua vida lhe aparecia assim com doçuras de éclogas, com luzimentos de triunfo: os *Esmaltes e Jóias*, publicados, tornar-se-iam as estrofes amadas das almas ternas: a sua *Ode à Liberdade* faria empalidecer os conservadores e preocuparia o governo: poderia talvez chegar a uma alta situação no Estado: viveria glorioso, discutido nos jornais, num primeiro andar de hotel, com um *robe-de-chambre* de veludo, tendo aos pés um cão de S. Bernardo: e aquilo balançava-se longe, num lugar que devia ser Lisboa, numa cintilação de apoteose!

Abafava, abriu a janela. Uma esplêndida noite de Julho enchia o espaço, estrelas sem fim rebrilhavam: como sempre os quintais, as hortas dormiam — mas Artur não os achou lúgubres; daquela natureza estendida em baixo parecia sair a respiração dum ser consciente adormecido; um cheiro morno subia das telhas escaldadas e das folhagens muito saturadas de sol; no bafo espesso, cheio da ardência do dia tórrido, a evaporação dos tanques fazia passar hálitos frescos; pelo pomar ao lado, a água da rega murmurava na sombra, docemente; e errava um aroma de clematites e de flores dos feijoais.

— Que bela noite! disse alto.

Ergueu os olhos, esquecido dos seus desejos, enlevado para aquele céu rico de Verão: era como uma forte poeirada de luz, suspensa e imóvel, muito alta no espaço, com grãos grossos que faiscavam numa pulsação febril, outros fixos num brilho de serenidade eterna. Desejou saber o nome de certas estrelas: desejou habitá-las: e ia seguindo comovido a Via Láctea, a sua névoa luminosa com tons de prata antiga, feitos de átomos de sóis. Então, diante daquelas profundidades, enterneceu-se religiosamente: sentiu-se muito puro, muito elevado: necessidades de fé e de sacrifício passaram-

447: sua névoa] sua nevo

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

-lhe na alma: pensou em Deus, num amor santo e imortal, em livros vagos que escreveria consolando os infelizes, derramando paz... Foi a hora mais nobre da sua vida.

Com que palpitação abriu, daí a dias, enfim, a resposta do Damião! Eram duas laudas da sua letra torcida, que tinha similitudes com o seu estilo; dizia-lhe que, pela descrição da peça — «Álvaro, lírico de profissão, vadio e cheio de chamas ilegítimas», lhe parecia inteiramente digno da polícia correcional; a duquesa, *idem*; e todo o drama uma sucursal do Limoeiro. Enquanto «à intenção democrática da obra» dizia-lhe «que essa democracia lírica, exalada em suspiros, com melancolias humanitárias, — era odiosa. E não era uma ideia: era uma sensibilidade. Se ele um dia tivesse uma ditadura à Robespierre, esse democrata, não o guilhotinaria, para não desonrar o cutelo de aço que cortou a cabeça a Danton — derreá-lo-ia à paulada».

«Pelo que respeita a empresários (acrescentava) dizem que os há, mas parece que vivem em castelos inacessíveis donde fazem fogo, e com razão, sobre os poetas românticos. Se o amigo tivesse uma opereta ou uma farsa em *calembourgs*, não seria difícil encontrar um teatro benigno: mas para fazer representar um drama romântico é necessário ser ministro ou conselheiro de Estado».

Acumulava outras pilhérias, e ajuntava:

«O Artur tem talento e vai por um caminho florido — mas errado. Seja um homem, que diabo! Atire para os estrumes de Oliveira esse romantismo-fêmea, mórbido e estéril. Faça uma obra moderna — e leia Proudhon. Não lhe escrevo mais, porque o meu vizinho brasileiro começou agora, como todas as noites, a harpejar na guitarra o Hino da Carta; a execução, na bandurra, deste trecho vil — corta-me pela raiz a crítica e a prosa».

E dizia ainda num *P.S.*:

«Devolvo a *cena* que me mandou para eu apreciar o estilo do drama: francamente, parece-me escrito como um libreto de ópera: há períodos que precisam urgentemente acompanhamento de flautim. Essas florescências de linguagem (que Shakespeare elevou ao sublime, que eram nele a exuberância de um génio bárbaro desprezando as regras, e que são historicamente explicáveis noutros poetas mais calmos e mais conscientes da Renascença) são hoje de um mau gosto deplorável e de um ridículo desopilante. Eu sei, sim, que é nesse estilo que escrevem os génios que gingam pelo Chiado... Mas, os génios do Chiado têm por missão histórica e social fazer rir — rir dum riso consolador e sereno: são a nossa melhor pilhéria, sobretudo quando são tristes, e constituem a única alegria, que um Destino inimigo nos mede escassamente, gota a gota: sem eles, Portugal seria o legendário Solar do Tédio. Amigo! Álvaros, poetas líricos, duquesas sentimentais, cemitérios, interjeições, suspiros ao luar — tudo isso é doentio. Cure-se. A Península Ibérica parece que herdou uma nevrose — que em Espanha se tornou em génio raiado de loucura, e em Portugal degenerou em imbecilidade misturada de velhacaria. Junte a isto (para

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Portugal) as influências hereditárias duma sífilis genérica, e explica muita coisa do país. – Perdoe as observações *retrò* sobre a sua literatura; elas têm o doloroso e o salutar da cirurgia. Sabe o que lhe aconselho que faça ao seu drama? – Como tratamento interno, xarope de Gibert; como tratamento externo, cautério de nitrato de prata. Amigo inalterável, *malgré tout*,

Damião».

– Pedante! rugiu Artur, amarrotando a carta, com desesperação. – E agora? Não conhecia ninguém mais em Lisboa, e sentia-se como um homem no fundo duma cova, que olha para os altos a pique onde se respira e se vive, sem ver uma corda, uma escada, um braço que se lhe estenda compassivamente! Não o magoavam as ironias de Damião. *Era a inveja!* Um pouco também, o desprezo filosófico que ele sempre tivera, o pedante, pela poesia e pelo estilo! Era um teórico, enterrado em sistemas abstractos, sem compreender a paixão!... O que o enfurecia era que o Damião, um camarada do *Cenáculo*, um democrata, que sabia que aquele drama era para ele o amor, o pão, a carreira, em lugar de se precipitar por Lisboa, impelindo influências amigas, a abrir-lhe a porta dum teatro, – se não movera da sua «catacumba», escrevendo com egoísmo, – *Empresários, dizem que os há...*

Descreu da amizade, do *Cenáculo*, da Democracia. Nessa noite, na Corcovada, com o Rabecaz, foi excessivo, declamou contra os ricos, o Governo, os poetas publicados, e como todo o plebeu obscuro e literário, tornou a monarquia, a sociedade oficial, culpada da sua obscuridade, da sua literatura inédita, desejou uma Revolução sanguinária... Mas a Democracia, tal como a concebia o Damião, tão secamente positiva, ocupada do Direito, ignorando o sentimento, hostil aos poetas – parecia-lhe odiosa.

– Não há nada, exclamou, muito desgraçado. Todo o esforço é inútil, neste desgraçado país!

O Rabecaz, oscilou a cabeça, com os braços soturnamente cruzados: o Governo Civil do Porto, por esses dias recusara-lhe uma gratificação; e o Rabecaz atravessava também, um período especial de rancor à sociedade.

– Uma choldra, rosnou, uma choldra!

Artur deu um repelão ao copo de genebra. Ali estava por falta de dinheiro, de amizades sociais, encarcerado no anónimo: e as coisas fortes sobre que desejaria apoiar-se na vida, e donde quereria tirar a sua própria força, tornavam-se-lhe agora inacessíveis.

– Dá-me vontade de queimar tudo o que tenho escrito!...

492: observações *retrò*] [*Por* observações retro. *Trata-se de forma impressa e não corrigida pelo autor; mantenho-a por se tratar, eventualmente, de uma representação fonética intencional*].

509: Descreu da amizade] [*Início do fragmento EE*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

O Rabecaz estendeu com autoridade a sua mão cabeluda.

– Escute! disse.

E arrancando, uma a uma, as palavras do peito azedado:

– Escute!... Isto é uma choldra!... Mas eu ainda tenho amigos em Lisboa!... Apesar de ter deixado Lisboa há doze anos... caramba, ainda se lá sabe quem eu sou!... Eu vou escrever ao Melchior! O Melchior da «Opinião»! O Melchior é catita!...

Artur, pálido, pendia-lhe dos lábios espessos donde lhe parecia ver correr um mel consolador.

– O Melchior, hein?

– O Melchior! É gajo! O Melchior arranja um teatro!

– Oh Rabecaz, você salva-me!

O Rabecaz atirou dum golpe, para as fauces, o cálice de genebra, deu um ronco, e disse com segurança:

– Ainda se tem influência na rapaziada!... Ainda se é gajo!

E ali mesmo colaboraram, ao Melchior da «Opinião», em que aos lirismos ditados por Artur, se misturava, como bicho entre flores, o calão do Rabecaz: um fim de período dizia «é este pois o esplêndido drama duma alma de poeta, em que fervem as aspirações sociais mais nobres deste século de democracia...». E o Rabecaz seguia «... E agora não se me faça você gajo, e bata essa baixa para arranjar um teatrote, que leve a coisa e largue a cheta!».

Artur então sentiu a esperança voltar, mais viva. Releu os *Amores de Poeta*, e com o seu antigo respeito pelo Damião, apesar de o odiar agora, esbateu o que havia no papel de Álvaro de excessivamente lírico: introduziu duas cenas de comédia para quebrar a uniformidade lúgubre: e recomeçou os seus sonhos – mas as semanas passavam e não veio resposta do Melchior da «Opinião».

– É que escreve noutro jornal, disse o Rabecaz, não lhe chegou a carta à mão. O Melchior é catita...

Escreveu então a um sobrinho, o senhor Vasques empregado no Ministério do Reino, pedindo-lhe informações sobre o Melchior Couceiro «que eu preciso cá para umas coisas teatrais»: e dizia-lhe ainda que averiguasse se em «D. Maria poderiam levar uma bela peça chamada *Amores dum Poeta*, obra rica por que eu me responsabilizo...».

542: Melchior da] [Melchior da da [*Ditografia por mudança de página*].

557: senhor Vasques] [*No manuscrito A é* Gonçalo Vasques *e depois* Venâncio Pimentel*; no manuscrito B é* Venâncio Guedes].

558: Melchior Couceiro] [*No manuscrito A é* Melchior Carneiro*; no manuscrito B é* Melchior Azevedo *e* Melchior Cordeiro].

560: *Amores dum Poeta*] [*Lição do manuscrito (por* Amores de Poeta*), que conservo na medida em que integra o discurso de Rabecaz, bastante característico*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Daí a dias, na Corcovada, o Rabecaz, furioso, mostrou-lhe a resposta do sobrinho, escrita em papel oficial. « Não sei onde mora esse Melchior », dizia o senhor Vasques, « ignoro quem seja, e não frequento literatos. Enquanto a teatro e empresários, as minhas ocupações não me permitem que malbarate o tempo nessas pesquisas... ».

— Que malcriado! rugiu o Rabecaz. Um traste a quem eu empreguei! Fui eu que o empreguei, aquela besta! É onde se encontram as piores víboras, é no nosso próprio sangue!...

— É a minha sorte, disse sombriamente Artur.

Atirou os manuscritos com rancor para o fundo do baú — e recaiu numa vida inerte. Agora que da Literatura não podia tirar a Celebridade, ou uma posição em Lisboa, abandonara os livros. Pouco a pouco o seu espírito, como uma água isolada e presa numa baixa, ia-se enlodando, morrendo, perdeu a transparência viva que reflectia os azuis e as nuvens: na farmácia, com uma lassidão quase satisfeita, lia o *Almanaque de Lembranças*; alguma mulher então entrava, estendia a receita, e sentava-se esperando; ou um labrego de voz entaramelada vinha pedir um unguento para uma ferida; Artur erguia-se, aviava-os melancolicamente; e todos se voltavam numa pasmaceira triste, quando a um trote cansado, com os tirantes lassos, passava na rua o *char-à-bancs*.

Todas as noites regularmente, marchava para a Corcovada. Lá, começava a encontrar consolações. Sob a direcção do Rabecaz ia-se tornando um dos bons tacos da vila, e já os frequentadores pelos bancos, em redor do bilhar, fumando e cuspilhando para o chão, lhe admiravam as carambolas. Até aí, vendo-o modesto, julgavam-o nulo; mas quando ele, aquecido por aquela simpatia ambiente, começou a parolar, torcendo o buço, diante do seu cálice de genebra, foi escutado com admiração, e considerado « rapaz de talento ».

— É propendote, disse o Vilela, que sendo o correspondente da vila para a « Verdade », jornal do Porto, era uma autoridade na Corcovada.

Artur, pouco a pouco, habituou-se às fisionomias que agora achava menos alvares, e às conversas que já lhe não pareciam caturras: ria, mesmo, com as graçolas muito aplaudidas do João Valente; ligou-se com Vilela. E tornou-se uma personalidade eminente do botequim — quando veio a guerra franco-prussiana, e se proclamou a República; um sopro heróico revolvera subitamente o seu romantismo adormecido — e queria ir bater-se pela Fran-

564: senhor Vasques] [*Ver o que foi dito acima acerca desta personagem*].
581: o *char-à-bancs*] o *Char-à-Banc*

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

ça como voluntário de Garibaldi: lia, de pé, as proclamações de Victor Hugo: achava sublime que diante da força desproporcionada da invasão, Gambetta, com os seus exércitos, com toda a França vencida, se refugiasse para morrer, no antigo campo entrincheirado das Gálias...

— Grande talento, grande talento, rosnava-se em redor, com vozes sensibilizadas.

Mas o violento Vilela, muito alemão por patriotismo, berrava:

— É bem feito! Abaixo a França! É para lhes ensinar a pregarem-nos outra como a do *Charles et Georges*...

Artur, exaltado, falava do Messianismo de França, dos Direitos do Homem, dos *boulevards*, de Victor Hugo; injuriava os alemães, os bárbaros...

— Mas são muito profundos, são muito profundos, gritava o Vilela, batendo o pé.

— Qual profundos, a França é que é catita! rugiu o Rabecaz. Que para um bocado de *can-can* não há como a bela francesa!

Então riam; cada um remexia o seu café, ou dava um sorvo à genebra; e Artur, passando a mão pelos cabelos, declarava que dentro em dois anos toda a Europa seria republicana. Tornava-se excessivo, — e mesmo quando veio a Comuna, impressionado pelo lado dramático da insurreição — disse-se Internacionalista, falou em Proudhon, exaltou o operário. Uma noite, acompanhado pelo Rabecaz, que achava a Comuna « d'arromba », entoou a *Marselhesa*; o Vilela pateou, fez alarido; a grossa Corcovada, que gostava da animação dos fregueses, correu da cozinha, cercada dos pequenos, escancarando a boca numa satisfação hílare: e na rua, onde chovia forte, pessoas agachadas sob os guarda-chuvas, paravam a olhar pela porta envidraçada.

— Bela orgia! disse o Rabecaz ao sair com Artur. Bela orgia.

O Vasco soube-o — aconselhou Artur com bondade: não lhe censurava as distracções: podia ir ao botequim tomar o seu café, jogar a sua partida de bilhar: mas pôr-se com descantes, e troças, e falar em República, e Internacionais!... Devia evitá-lo — por si, para não perder o bom nome na vila, em respeito às senhoras suas tias, e enfim por ele Vasco, e pelos créditos da farmácia...

Artur considerou a sua liberdade de pensamento indignamente violada por esta exigência do patrão, e então, com ódio à obtusidade conservadora

608: dos *boulevards*] dos *boulevardes*
623: agachadas sob] agachadas sobe

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

do Vasco, em que ele personificava toda uma sociedade, as suas opiniões foram um momento sanguinárias: desejou a Comuna em Oliveira de Azeméis: e as senhoras, em casa, ao vê-lo açucarar melancolicamente o seu chá, mal imaginavam que, sob aquela testa pálida apoiada à mão, rolavam ideias de incêndios vingadores, e de exterminações de classes. Mas estas imaginações ferozes bem depressa se dissiparam. Por esse tempo o Vilela, por complicações de demandas e penhoras, tinha-se achado, imprevistamente, possuidor dum prelo: e viera-lhe logo a ideia de fundar um jornal em Oliveira. Falou a Artur, que flamejou logo, num entusiasmo desordenado. Viu-se imediatamente da banca da redacção, dominando Oliveira, sendo uma força no distrito, lido na Assembleia, em Lisboa. Achou um título – a «Nova Era»: e então foi durante semanas, entre eles, um conferenciar delicioso, sobre o formato, o papel, a casa da redacção, a política e a literatura do jornal: Artur queria publicar os *Esmaltes e Jóias* em folhetins, e defender os princípios da Revolução Francesa: Vilela queria deitar abaixo o administrador do Concelho. Foi Artur que redigiu o prospecto: falava da Humanidade, de Victor Hugo, da Justiça, e de Mozart: o Rabecaz declarou-o «d'arromba». E Artur pensava já em se despedir da farmácia, e passar o seu dia na redacção – onde ele queria pôr cortinas de *reps* vermelho, e um sofá.

Mas os prospectos recolheram poucas assinaturas: dos dois jornais que houvera em Oliveira, um chamara-se o «Oliveirense», outro o «Eco de Oliveira», e aquele título de «Nova Era», que era considerado «filosófico», representando interesses humanitários estranhos à localidade, não atraiu a adesão da vila. De resto a autoridade, assustada, conspirava activamente contra a criação da «Era»: dizia-se que o senhor Administrador fora de loja em loja, pedindo que se não animasse «uma oposição facciosa que queria lançar cizânia na vila». A Assembleia, hostil ao botequim da Corcovada, recambiou o prospecto. O João Valente, que prometera generosamente duzentos mil réis para as despesas iniciais – exigiu depois fiadores, e uma letra do Vilela a três meses. O Vilela, ofendido, injuriou-o na Corcovada. Romperam: – e a «Era» morreu, como um galho húmido de sarmento que depois de fumegar um minuto se extingue, sem acender a pilha de lenha sobreposta.

Foi um desgosto para Artur. Mas ficara muito impressionado por esta ideia de influência local: Lisboa parecia-lhe agora inacessível; o seu grande amor por Clara, que o atraía para lá, sumira-se insensivelmente como água que a areia absorve: sem protecção naquele recanto de província, nunca lá

637: sob aquela] sob aquela aquela
638: Mas estas] Mas estas estas

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

poderia fazer representar os *Amores de Poeta*: a sua carreira estava limitada ali à vila e à farmácia... — Pois bem! porque não aplicar o seu talento, as suas maneiras, a fazer a conquista de Oliveira de Azeméis? Os seus dois anos de Coimbra, o nome respeitado das tias, habilitá-lo-iam a conhecer o Carneiro, os Guedes, poderia ir-lhes às *soirées*: lá, estava certo de fazer uma sensação pela sua conversa, os seus versos recitados ao piano: daria a ideia duma «representação de curiosos», poderia propor os *Amores de Poeta*... Talvez fosse o meio de fazer um casamento rico?

Começou logo a ir à missa das dez, de chapéu novo, luvas pretas: colocava-se junto ao altar-mor, muito grave, mostrando «devoção»; ao fim da missa, cumprimentava respeitosamente os cavalheiros ao lado, o bacharel Pimenta, o administrador. Evitou passear com o Rabecaz. Mas, segundo o Vilela, que o admirava e que era o confidente destas ambições, para se «furar em Oliveira» era indispensável pertencer-se à Assembleia: e ele mesmo se encarregou de sondar o Carneiro, nesse ano presidente da Direcção.

Às primeiras palavras, porém, o Carneiro recuou, esgazeou os olhos, exclamou:

— O quê? Ora essa! Se deixamos entrar o ajudante de farmácia, temos cá amanhã o marcador de bilhar...

— Escute, homem! É o sobrinho das manas Corvelos. São pessoas respeitáveis...

— Parente pobre. Têm-no em casa por esmola. Nada de maltas, nada de maltas.

Sócios ricaços, como o Castro, o Boavida, informados da pretensão de Artur, tinham mesmo rosnado:

— Ora o garoto!

Um repelão tão injustificável enfureceu Artur: e na vibração do desespero, rimou um soneto terrível contra a Assembleia e o Carneiro, de quem exclamava:

> Ei-lo repoltreado na janela
> Remexendo os cordões do *ró-de-chambre*
> Tendo na pança a forma da panela
> No nariz o vermelho do fiambre !...

675: daria a ideia] daria ideia [*Lição conjecturada por lapso do autor*].

700: *ró-de-chambre*] [*Por* robe-de-chambre, *forma que conservo por poder, provavelmente, representar a pronúncia da personagem visada*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

E no último terceto, declarava que só quisera ir da farmácia à Assembleia,

Munido do meu pó insecticida
Para matar, no nojo da minha alma
Os percevejos – Castro e Boavida!

O soneto foi furiosamente aplaudido, à noite, na Corcovada. E na manhã seguinte apareceu, afixado em pasquim, em letras colossais, à porta da Assembleia, e à esquina da casa do Carneiro. Que celeuma! Sócios da Assembleia, aterrados como num perigo público, cercaram o administrador, reclamando que se pusesse «a gente de bem ao abrigo da canalha»! S. S.ª torcendo a pêra, afectado, rosnou palavras graves sobre «providências... medidas enérgicas...». Na praça havia grupos: dizia-se que era o Artur das Corvelos: e tendo-se visto, ao anoitecer, o Carneiro entrar impetuosamente na farmácia, gente correu a espreitar por entre os bocais escarlates, na certeza «que ia haver bordoada».

Mas Artur, a essa hora, triunfava na Corcovada. Foi na manhã seguinte que encontrou no balcão uma carta sobrescritada para ele, pela letra do Vasco – que, ao canto, parecia abismado no «Comércio do Porto». A carta dizia:

«Senhor Artur!

O digno proprietário e lojista de panos, o Ilm.º Sr. Carneiro, veio a este estabelecimento queixar-se dum malévolo e ofensivo soneto que o senhor, sem respeito pela farmácia que goza de antigos créditos, arrojou às faces do digno senhor Carneiro, e outros membros respeitáveis da Sociedade Oliveirense. E não contente com isto, senhor, gaba-se, no aludido soneto, de usar dos produtos deste respeitável estabelecimento para fins repreensíveis e criminosos. Ora pois!, espero que tal facto se não repita para honra desta casa. Que é em consideração aos seus estudos, e comportamento virtuoso até hoje, bem como às suas respeitáveis tias, a quem não desejo dar golpe, que consinto por esta vez, em cerrar olhos ao monstruoso delito. Mas aqui o aviso solenemente, que qualquer outra peça lírica espalhada em desabono do nobre proprietário Carneiro, ou outro cavalheiro oliveirense, me obriga a tomar a severa medida de livrar esta honrada farmácia dum inimigo do sossego público. Que a minha vontade seja respeitada, é o que exige

O chefe do estabelecimento,
o farmacêutico de 1.ª classe,

Vasco da Conceição Pedroso»

Artur, pálido, adiantou-se para ele com a carta aberta – mas Vasco ergueu-se impetuosamente, e numa voz sibilante, agitando os braços:

– O que está escrito, está escrito! O que escrevi, escrevi!

741: – O que está] O que está está

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Tanta imbecilidade indignou Artur.

— Então quero as minhas contas!...

— Que contas, senhor? Que contas? Contas me deve o senhor a mim, que lhe dei uma libra adiantada do mês, e estamos a 7! O senhor foi uma víbora que eu aqueci no meu seio... Um homem a quem eu queria como filho... Longe da minha vista, ingrato! Longe desta botica de bem, serpente!

Artur abalou furioso — para casa. Todo pálido, contou dum fôlego a «cena com o Vasco». As tias ficaram aterradas. Julgavam-se desacreditadas em Oliveira. Ricardina já imaginava que, por vingança, o Carneiro na Assembleia lhe aumentasse as décimas!

— Ai que desgraça! ai que desgraça! exclamava pela sala, com as mãos na cabeça.

Então, vendo-as chorar tão aflitas, o Albuquerquezinho, que desde a véspera estava agitado, começou a balançar-se sobre as pernas, de punho fechado, o olho vago, murmurando:

— Olá! Olá!

E de repente, despediu pelo corredor, galgou os degraus gritando:

— Ferre os traquetes da gávea! Abordagem! Abordagem! Fogo! Poum! Traiará! Hei-de vingá-las! Orça a barlavento!

Artur aturdido saiu, e topou na escada com Vasco, que galgava os degraus, resfolgando furiosamente. Ali vinha dar às senhoras uma explicação de cavalheiro! Leu-lhes o soneto. Citou-lhes as palavras comovidas do Carneiro, «tenho cinquenta e cinco anos honrados, e é a primeira vez que sou insultado publicamente!». Declarou Artur um perverso.

— E quando eu na minha bondade, ia perdoar, ia esquecer, rompe contra mim como uma fera.

Ricardina soluçava.

— Quer-me matar com desgostos! Quer-me matar de vergonha! Pois que se vá, que se vá, que nos deixe no nosso sossego!...

Cristina, então, muito branca, muito trémula, rompeu a chorar...

— Oh tia! Oh tia!

— Não foi de mim, minha senhora, dizia o Vasco comovido, não foi de mim que veio o golpe... Foi dele, foi do ingrato... Mas agora é *per omnia secula seculorum*... Que eu também tenho o meu brio! Sou Vasco da Conceição Pedroso!... — olhou-as uma a uma, e repetiu com majestade: — E também tenho meu brio.

E saiu, digno.

774-75: *per omnia secula seculorum*] [*Conservo a grafia aportuguesada por fazer parte da fala da personagem*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

O jantar foi lúgubre. Até ao cozido, Ricardina não tirou de cima do prato o seu carão repreensivo; Sabina, muito pálida na sua touca negra, parecia mais pequenina, encolhida na cadeira, limpando a furto os olhos vermelhos. Cristina, com uma lágrima nas pálpebras, olhava tristemente ora o primo, ora a tia. E o Albuquerquezinho, esse, sossegado agora, de guardanapo ao pescoço, devorava: de vez em quando pousava o talher, piscava o olho a Artur:

— Boa batalha! Meti-lhe dois balázios no costado... Um pirata... Mau pirata!

Mas Cristina tinha recusado o arroz. E Ricardina, muito seca:

— Ai tu não comes menina? Não vale a pena ninguém afligir-se por quem o não merece...

Artur, furioso, deu um repelão ao prato, foi fechar-se no quarto. Mas nós de dedos bateram à porta, timidamente. Era Sabininha: vinha fazer-lhe companhia, vinha consolá-lo. A tia Ricardina tinha aquele génio, mas passava-lhe. Era tudo pena de lhe ver perder o emprego... Que elas não eram ricas! Mal sabia ele o que lhes custava a viver! Estavam a sopas de Cristininha... Ai, devia ir pedir desculpa ao Vasco!...

— Antes estoirar!... Antes morrer de fome... — Rebuscou furiosamente na algibeira, mostrou à tia um cobre...

— Olhe, é tudo o que tenho neste mundo! Sete vinténs. Não me importa! Estou farto de sofrer! Acabou-se...

— Jesus, menino, o orgulho perde os homens.

Mas que queria ele agora fazer?

— Eu verei, tia Sabina, eu verei — disse ele, passeando pelo quarto, mordendo o beiço, com duas grossas lágrimas nas pálpebras.

Tinha desejos de se fazer soldado, de trabalhar de enxada. E à noite, foi à Corcovada, desabafar com o Rabecaz.

Mas o Rabecaz, a quem o administrador essa manhã censurara severamente as suas relações com o poeta, afectou um interesse absorvente pela partida que jogava com o marcador, fez-lhe apenas com dois dedos um aceno seco: o João Valente abismou a face entre as mãos, com o nariz sobre o « Comércio do Porto »: pelas mesas estavam outros frequentadores, e Artur, sentiu logo, nas *boas noites*, muito secas, nas faces reservadas, uma hostilidade ambiente. E o Vilela, enfim, disse-lhe:

— Homem, isto é o diabo... A coisa fez barulho de mais! Sempre foi insultar as pessoas principais da vila. Você compreende... Numa terra pe-

799: é tudo o que] é que tudo o que

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

quena... Todos temos as nossas relações, as nossas dependências... Veja você, lá perdeu o arranjo na botica... Que tolice!... Deve ver se se fica de bem com todo o mundo. É necessário, neste mundo, um bocado de sevandijismo.

E enterrando as mãos nos bolsos foi examinar, de pernas abertas, o jogo do Rabecaz.

Artur empalideceu. O botequim renegava-o! Saiu atirando com a porta — e andou pelas ruas furioso até tarde, planeando coisas vagas que faria para mostrar o seu génio, vingar-se, humilhar Oliveira. — E entrou no quarto pensando no suicídio.

A porta então rangeu devagarinho. Era a tia Sabina de saiote pelo ombro, que vinha trazer-lhe um pires de marmelada e pão, porque o vira comer tão pouco ao jantar.

Aquela bondade comoveu-o, começou a chorar irreprimivelmente. A velha apertou-o nos braços, beijou-lhe os cabelos, calada. E tirando duma algibeira um embrulho de papel, com placas de cinco tostões:

— É pra as tuas despesas, meu filho, agora que não tens outra coisa. São as minhas economias e as da Cristininha... São três mil e quinhentos... Era para te comprar pano para camisas, para ti era...

Ao outro dia Artur, para não ver o carão indignado da tia Ricardina, desceu tarde para o almoço; Cristina, ainda pálida, esperava-o costurando, à janela. Ele estendeu-lhe a mão:

— Obrigado Cristina... A tia Sabina lá me disse ontem à noite... És uma boa rapariga, Cristina.

Ela baixou a cabeça, com duas lágrimas pela face. Ele então bateu-lhe de leve no ombro, rindo:

— Tolice. Porque choras? Não é desgraça nenhuma. Olha a desgraça perder um emprego de sete mil réis. E que emprego, pisar linhaça, e fazer misturas salinas... Deixa estar, eu me arranjarei...

Sentou-se, e açucarou o seu chá.

— Estou com ideia de ir para o Porto!

Ela voltou-se, com as mãos caídas no regaço, num assombro:

— Pra o Porto?

— Pois então? Que faço eu aqui? Vou escrever ao padrinho... Há-de me arranjar por lá um nicho... Escrevente de cartório, caixeiro, qualquer

824: no suicídio.] no suicida.
828: a chorar irreprimivelmente] a chorar irrepremivelmente
845: para o Porto!] para o Porto?

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

coisa... A tolice foi não ter ido há mais tempo... Escusava de aturar as trombas da tia Ricardina... Dás-me daí o jornal, fazes favor?

Ela enrolou devagar a sua costura, muito branca, mordendo o beiço, ergueu-se, deu-lhe o «Primeiro de Janeiro» que o Vasco mandava todas as manhãs, viu ainda se o bule tinha bastante água, e saiu fechando a porta devagarinho.

A tia Ricardina saía da cozinha.

— O primo quer ir para o Porto, tia!, exclamou ela, levando as mãos à cabeça.

— Pois que vá, que vá para onde não faça perca.

— Oh meu Deus! Meu Deus! — foi murmurando Cristina, aos soluços pelo corredor.

Daí a duas semanas, um domingo, Artur, voltando cedo do Correio, entrou na Corcovada. Escrevera ao padrinho uma carta suplicadora e desolada; a resposta tardava: e agora quase todas as manhãs, depois do velho carteiro passar na praça, coxeando, ele punha o chapéu e lá marchava, perguntar ao Gomes do Correio «se por acaso não haveria engano, não teria vindo uma carta que ele esperava...»

— Não lha levaram a casa, não? exclamava o Gomes, puxando os óculos para a testa. Então...

O botequim àquela hora estava deserto: uma faixa do sol tépido de Novembro atravessava a saleta, fazendo parecer mais triste o soalho enegrecido, o papel de ramagens azuis riscado do fósforo, a cortina de paninho vermelho da porta envidraçada da cozinha: dentro, um dos pequenos rabujava: e o mestre da filarmónica, que morava por cima, ensaiava-se no clarinete. Artur esteve um momento fazendo no bilhar carambolas melancólicas, depois olhou defronte o João Barbeiro, que à porta, sob a bacia lustrosa de latão, esperava os fregueses com os pentes espetados na grenha, e veio enfim sentar-se diante do JORNAL DO COMÉRCIO com a cabeça entre os punhos. Uma local atraiu-o logo vivamente: era a longa descrição duma *soirée* em casa da senhora Baronesa de Pedralva. Devorou-a. Falava-se «da esplêndida decoração da sala de baile; da *toilette* da senhora Baronesa, de seda azul clara, com preciosas rendas e um admirável colar de safiras; às

870: uma faixa] uma facha
871: atravessava] atravessa
879: local atraiu-o] local atraiho

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

duas horas tinha-se aberto um delicioso *buffet*; o amável secretário da Embaixada de Espanha dirigira o *cotillon*, com o seu costumado *entrain*; e depois era um desfilar de convidados, condes, *dons*, deputados, conselheiros, diplomatas, e o poeta aplaudido dos *Idílios e Sátiras...*».

Uma tristeza invadiu-o. E relia a local, demorando-se em certas frases, vendo através delas, a uma luz vaga que vinha parte da cintilação dos lustres, parte do raio pálido de sol que atravessava o botequim — a sala com dourados, nudezes de colos, os peitilhos das camisas lustrosos sobre as casacas negras, e os dois olhos tristes, que se tinham fixado nele na estação de Ovar, brilhando mais alegres aqui, além. Então, subitamente o antigo amor foi reaparecendo, enternecendo todo o seu ser: era como numa noite escura um erguer de lua grave e triste.

E ali ficou, muito tempo, com os cotovelos sobre a mesa suja pensando nela: mas não distinguia já bem as suas feições, elas pareciam perder-se, dissipar-se no luxo que a cercava, na música da *soirée*, nas luzes, e em tudo o que ele desejava, as ruas de Lisboa, as plateias dos teatros, as redacções dos jornais: isso mesmo se perdia em longes muito vagos, e fugia, a uma distância que lhe era inacessível, rolando com o seu rumor de trens ricos, de óperas, de beijos adúlteros e de poemas aplaudidos... Suspirava, então, muito triste — e viu defronte, pela porta aberta do João Barbeiro, um freguês que esperava de perna esticada, toalha ao pescoço, e os queixos brancos de sabão.

Saiu, foi andando para casa. E ia pensando no poeta dos *Idílios e Sátiras*: os seus versos apareciam bem banais — como a sua fisionomia que ele conhecia do retrato, o cabelo apartado ao meio, grande *pince-nez* sobre um nariz grosso. E estava na *soirée* de Clara, apertava a mão a embaixadores, os jornais festejavam o seu dia de anos! — E com algumas poesias medíocres impusera-se à Sociedade!...

E isto aparecia-lhe como o resultado de enredos subtis, de influências femininas — porque a Sociedade, que só conhecia dos romances, aparecia-lhe como o mundo de Balzac, governada pelos caprichos da Beleza, pelo génio dos Intrigantes: acreditava na influência que pode ter numa existência o aperto de mão dum duque, e, como no caso de Vautrin, a protecção secreta dum forçado. A Fortuna era a presa dos fortes — e então, naquela hora das resoluções grandiosas que atravessa todas as almas débeis, decidiu violen-

886: *Idílios e Sátiras*] [*No manuscrito A é* Idílios e Paisagens *e* Idílios e Devaneios; *no manuscrito B é* Idílios e Devaneios].
905–06: Idílios e Sátiras] [*Idem*].
913: Balzac, governada] [*Lacuna no ms.: aceito a lição conjecturada na edição de 1925*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

tamente ser ele também um forte, sacudir aquelas sentimentalidades estéreis em que se gastava, demolir os obstáculos com o ímpeto dum Alcides, apossar-se, à força de Celebridade, dum lugar na civilização, dum sofá no *boudoir* de Clara. Até aí, o seu desejo carpira – agora, ia lutar... E trilhava a rua, levado destes impulsos, a grandes passadas, como se se fosse apoderar do Mundo. O *char-à-bancs*, que batia a meio galope para a estação de Ovar, obrigou-o a refugiar-se num portal: teve um momento a tentação de se atirar para dentro, ir tomar o comboio para Lisboa, começar a batalha – mas tinha na algibeira três tostões! A esta picada mesquinha da realidade, aquela amplificação da vontade – engelhou-se subitamente como um balão furado.

Quando entrou em casa, a Joana correu da cozinha dizer-lhe que o senhor Coutinho, o tabelião, tinha vindo para lhe falar, e depois mandara uma carta pelo criado... Estava em cima da mesa.

Artur, surpreendido, correu à sala, abriu vivamente a carta:

« Ilm.º Sr.

O meu colega correspondente do Porto, o senhor Fernandes Gouveia, da Rua do Loureiro, encarrega-me da dolorosa missão de lhe participar que seu honrado padrinho faleceu no dia 25 do corrente, pelas cinco horas da manhã — e ao mesmo tempo da grata incumbência de lhe anunciar, que por codicilo ao seu testamento de 18 de Abril do corrente ano, lhe lega ...

Oh, Santo Deus!

... lhe lega, para completar a sua educação como melhor entender, a quantia de seis contos de réis ... »

Tremia todo. Gritou à porta:

– Joana! Joana!

A velha correu, assustada.

– O padrinho deixou-me um dinheirão! Seis contos!!

– Oh meu menino, oh meu menino. Ai, e as senhoras que estão na missa! Vou-as chamar... Vou a correr...

Mas elas nesse momento entravam. Ricardina, no pátio, ralhava com o moço da quinta.

Artur precipitou-se, ao alto da escada, de braço ao ar.

– Tia Sabina! Tia Sabina, o padrinho deixou-me um dinheirão! Seis contos.

918: aquelas sentimentalidades] aquellas sentimentilades
924: a tentação] [*Lacuna no ms. Aceito a lição conjecturada na edição de 1925*].
929: senhor Coutinho] [*No manuscrito A é* Sr. Videira].
933: colega correspondente] colega corresponde
940: seis contos [*Nos manuscritos A e B eram apenas dois contos: aqui, Eça inclui o valor atribuído à casa referida mais adiante*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

— Foram as minhas orações! exclamou a velha agarrando-se ao corrimão quase desmaiada. Oh meu filho, oh meu filho...

— Que estás tu a dizer? Que estás tu a dizer? gritava Ricardina, aos tropeções pela escada.

Entraram na sala, a Joana atrás: e quando Artur lhes acabou de ler a carta em que o tabelião dizia que o legado se compunha de dois contos depositados no Banco de Portugal, de uma pequena casa na Aguardente, no valor de quatro contos, — e que no dia seguinte, ele receberia uma ordem sobre o senhor Carneiro, lojista de panos, para receber à vista, quinhentos mil réis, ouro ou prata, para as primeiras despesas do luto — as três senhoras, e a criada, muito trémulas, romperam a chorar!

— Oh caramba! Oh caramba — dizia Artur pelo quarto, com todo o sangue nas faces, tropeçando contra os móveis. E pensava com uma alegria tumultuosa, no insulto que faria ao Vasco, que presente daria às tias, por que comboio partiria para Lisboa... Via-se já lá, abraçando Clara, assistindo aos ensaios do seu drama...

— Vou a casa do Coutinho, exclamou, vou ver como é isso da ordem amanhã!...

— Almoce primeiro, menino! disse Ricardina.

Mas ele, sem a escutar, abalara. Ela então pôs os óculos, leu baixo a carta, impressionando-se com a « casa na Aguardente », o « depósito no Banco », tomada inesperadamente de um respeito pelo menino; Cristininha, essa, ficara imóvel à beira da cadeira, muito branca, ainda de chapéu, com o guarda-solinho, o livro de missa no regaço.

— O primo agora há-de querer voltar pra Coimbra, disse ela a Sabina, que, sentada defronte, com o seu mantelete de seda bordado a vidrilhos, ainda limpava uma, outra lágrima.

— Pra Coimbra, credo! exclamou Ricardina. Um rapagão de vinte e cinco anos... Já não está pra mestres... O que deve fazer é tomar a farmácia ao Vasco... Que ele está morto pela passar!... E depois dum momento: — Pois olhem, até se me embrulhou o estômago... Uma coisa assim de repente... Vai dar parte ao Albuquerquezinho, Cristina, anda, que ele gosta de saber... E a mana, não se fique agora com as suas lamúrias... E vá acender outra lamparina no Oratório, ande, que se deve o agradecimento ao Senhor...

958 na Aguardente] na aguardente na Aguardente

959 de quatro contos! [*Esta parte da herança não era referida nos manuscritos A e B; veja-se o que ficou dito mais atrás*].

977 o seu mantelete] o seu matelente

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Artur não encontrara o Coutinho – que tinha ido para a fazenda. Ao atravessar a praça, saía-se da missa das onze. Então lembrou-lhe Deus – e na humildade dum reconhecimento, murmurou ali mesmo, um padre-nosso. O Rabecaz, que apesar do seu ateísmo frequentava a missa, para não ofender as opiniões católicas do senhor Administrador, apareceu, majestoso, no seu casacão de domingo, calçando as luvas pretas. Artur correu para ele, numa ânsia de desabafar, e com um riso nervoso:

– O padrinho morreu, deixou-me um dinheirão!

– Com mil diabos!

– É verdade, é verdade, disse Artur, com os olhos húmidos, esfregando parvamente as mãos. Seis contos de réis, uma casa na Aguardente!

– E então agora, pra Lisboa?

– Pudera! exclamou Artur com fervor.

– Ladrão.

Travou-lhe do braço, com paixão, trouxe-o a casa – fazendo logo o plano de ir encontrar-se com ele em Lisboa na Primavera: viveriam ambos: e com a *cheta* em comum, havia de vir Lisboa abaixo. Artur ressentiu-se daquela participação que o Rabecaz se arrogava na sua fortuna, disse muito sério:

– Eu vou fazer uma vida retirada... Trabalhar...

O Rabecaz bateu furiosamente com o bengalão no lajedo:

– Não me venha com as suas pieguices. Mande a literatura ao diabo... Isso é bom para os pelintras. Você agora tem a *cheta*, é gozar, é refocilar-se... E a primeira coisa que você há-de fazer, é mandar-me uma boquilha de espuma...

Ao almoço, a tia Ricardina discutiu o emprego da fortuna do menino. Tinha agora o seu futuro certo. O Vasco queria passar a farmácia, e o **menino** com aquele dinheiro...

Artur, indignado, pulou na cadeira:

– Ora essa! Comprar a farmácia! Enterrar-me em Oliveira...

E declarou, dando uma punhada na mesa, que ao outro dia partia para Lisboa...

As velhas estavam assustadas da estridência da sua voz, da insensatez das suas resoluções.

– Tu endoudeceste, menino?

– Endoudecia, se aqui ficasse!

E numa exaltação pela sala, falou do seu talento, das altas posições, que dão as letras, da influência da imprensa, duma cadeira em S. Bento, e da posteridade.

1010–11: e o **menino** com] [*Lição conjecturada por deficiência do suporte*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

— Mas nunca há-de ser um Nelson, exclamou o Albuquerquezinho, fixando-o.

— Mas posso vir a ser ministro da Marinha, senhor Almirante, disse Artur muito sério.

De tarde espalhou-se, na vila, a notícia da herança: uns diziam vinte contos: outros cem: alguns afirmavam que ia haver demanda. O Vasco veio à noite, comovido, com D. Galateia, para abraçar o herdeiro. Mas Artur estava na Corcovada, instalado, diante dos licores do estabelecimento, com uma caixa de charutos ao lado; e o Rabecaz, a cada freguês que aparecia, exclamava mostrando o Artur, com um largo gesto à *Ecce Homo*:

— Ei-lo! Está milionário!

E às interrogações ansiosas, respondia vagamente agitando as mãos:

— Um fortunão! De vir tudo abaixo... Vai bater carruagem em Lisboa. E eu estou lá caído!

Artur entrou tarde, pesado de genebra. A tia Sabina veio-lhe em pontas de pés ao quarto, falar-lhe ainda na farmácia. O Vasco dissera-lhe que a cedia barata, com pagamento a três meses. Depois elas estavam tão velhas... Não tinham mais ninguém no mundo... Era necessário um homem na casa...

— Por coisa nenhuma fico aqui vinte e quatro horas mais, tia Sabina... É inútil! Irra.

Sabina desceu a chorar. Parecia-lhe que o menino estava embriagado. E diante do leito de Ricardina, já deitada, ia murmurando, muito infeliz:

— O maldito dinheiro! O maldito dinheiro.

Ao outro dia, Artur entrava na loja do Carneiro com a letra, muito inquieto, num receio que, por vingança, o lojista «fizesse dificuldades»...

— Sei ao que vem, recebi o aviso, disse secamente o Carneiro. Ouro ou notas?

Então, num reconhecimento, Artur balbuciou:

— Ambas as coisas... Eu realmente, senhor Carneiro, tenho a pedir-lhe desculpa... Foi uma rapaziada...

Àquele cavalheirismo dum herdeiro, dum proprietário, o Carneiro enterneceu-se, e estendendo-lhe as mãos ambas, numa efusão:

— O que lá vai, lá vai... Não me fez dano. Os meus parabéns. É gozar, é gozar.

Fez-lhe recontar as notas, verificar o peso das libras: àquela fortuna, que via amontoar-se, cintilar sobre o balcão, Artur reprimia-se para não rir

1032: com uma caixa] com caixa [*Lição conjecturada por lapso do autor*].
1045: leito de Ricardina,] leito Ricardina, [*Idem*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

de nervoso: e quando saiu, abotoando com amor o casaco, sobre o cartucho de dinheiro — sentia o mundo a seus pés.

As tias, quando ele estendeu sobre a mesa o dinheiro, para lho guardarem, ficaram aterradas. O quê! ele queria levar para Lisboa aquela riqueza. Até lhes parecia pecado. E olhavam o ouro, o papel, com pavor, pensando que ia ser devorado na Babilónia, como vendo reluzir nas libras olhos de sereias, e nas notas negrejarem programas de bacanais. E não o queriam guardar! Não queriam responsabilidades...

— Oh tia, mas eu não hei-de andar com esse dinheiro na algibeira, o meu baú tem a fechadura quebrada. Vou comprar até uma mala.

Elas cederam enfim: e fecharam no gavetão da cómoda, que servia de altar no oratório, pondo-o sob a protecção vigilante dos santos amados.

Nessa tarde, Artur emalava a sua roupa quando Cristininha entreabriu a porta:

— Queres que te ajude?

— Não, obrigado, filha.

Ela ficara junto da porta, muito pálida, olhando tristemente aquelas camisas dobradas, os botins embrulhados nos jornais — sentindo-o já muito longe, esquecido de Oliveira.

— Pra que vais tu para Lisboa? perguntou, muito séria, muito grave.

Boa pergunta! Pra quê? Para ter uma posição! Era necessário não se fazerem ilusões. Seis contos de réis era bonito: mas não era uma fortuna: mas com aquela base, as suas faculdades, influências, tinha a certeza de obter um emprego; um nome, uma situação no Estado...

— Tu vais por causa duma mulher — disse ela, na mesma voz grave.

Ele voltou-se, olhou-a, exclamou:

— Tu andaste aqui a mexer-me nos papéis, Cristina! Essa mania que tu tens, e as tias, de andarem sempre a esquadrinhar aqui pelo quarto. Indecente...

Continuou a arrumar a roupa no baú: mas sentia-a por trás, muito triste, com os olhos cravados nele. E então, por bondade, negou que fosse ver uma mulher. Boa tolice! Quem conhecia ele em Lisboa? Ninguém! Ia tratar do seu futuro...

Ela não respondia: ele voltou-se, e viu-a, de pé, as mãos cruzadas, olhando o chão, com duas lágrimas ao comprido da face.

— Oh Cristina! Que tolice é essa agora? Porque choras tu?

Aquelas lágrimas, tão dolorosas na sua mudez, afligiram-no.

— Eu não me demoro em Lisboa, nem dois meses... Juro-te...

Ela limpou os olhos, sorriu mesmo.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

— É nervoso. Não queres que te ajude, não?

— Obrigado filha, mas sê razoável, hein...

— A Joana está-te ainda a passar roupa, disse ela, saindo.

Nessa noite, por despedida, Artur ceou com o Rabecaz, — que tinha preparada uma carta de recomendação para o pândego do Melchior.

— O amigo, indaga onde ele vive, entrega-lhe a carta, e ele há-de o fazer gozar! Onde conta o amigo hospedar-se?

Artur tencionava ir viver com o Damião. No fim, era o único amigo que tinha em Lisboa... Além disso, um Damião, um génio, devia estar relacionado na Literatura, na Imprensa... E enfim, ele queria sobretudo viver num meio intelectual.

O Rabecaz, oscilava a cabeça desaprovando.

— Ferre-se num bom Hotel, ferre-se no Universal, no Chiado... Tem as cantoras à mão... Bela mesa redonda... Tudo do fino, tudo do catita. Vá com o que lhe digo, ferre-se no Universal...

Mas Artur, nos primeiros tempos, não queria afrontar o luxo desproporcionado dum hotel no Chiado... Mais tarde, sim, quando tivesse feito fato, roupa branca...

— Então ferre-se no *Espanhol*. Na rua Augusta. Bem boa pândega também... Vá para o *Espanhol*.

E até à porta de casa, foi-lhe fazendo recomendações: que visse Sintra, que fosse ao João da Mouraria para gozar « o verdadeiro fadinho », que não deixasse de ir às espanholas. E que lhe escrevesse! Artur, pesado da ceia, escutava-o vagamente, de mãos nos bolsos, de charuto caro nos dentes: e no fundo escuro da noite, parecia-lhe ver a sua vida em Lisboa, erguer-se, subindo muito alto, como um troféu muito ornado, e de cima a baixo, felicidades vagas e deliciosas cintilavam. Quando bateu à porta, ficou surpreendido, ouvindo uma voz grossa que não conhecia, perguntar, com desconfiança:

— Quem é?

Houve um ruído de trancas, de ferrolhos corridos, e o forte portão abriu-se, devagar: um rapazote, de espingarda aperrada, esperava, no meio do pátio: e a tia Sabina, de saiote pelos ombros, alumiava do patamar. Com tanto dinheiro em casa não tinham querido ficar sós; o Vasco aprovara; e tinha vindo da quinta o moço armado.

1102: ceou com o] ceou o [*Lição conjecturada por lapso do autor*].

1117: Na rua Augusta] [*O Hotel Espanhol ficava na rua da Prata, onde de resto o autor o localiza nos manuscritos A e B*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Ao outro dia a despedida foi triste. Desde pela manhã, Sabina chorava, pela casa. Ricardina, para disfarçar a sua desconsolação, ralhava, muito nervosa. E Cristina, com os olhos vermelhos, parecia sonâmbula, ficando muito tempo a olhar abstractamente através da vidraça, ou sentada, torcendo e destorcendo a ponta do lenço. Até o Albuquerquezinho estava impressionado: toda a manhã passeara pela sala de jantar, de testa franzida, as mãos atrás das costas, rosnando:

— Ingrato... Ingrato! Mau pirata! Mau pirata.

O dia estava escuro e ventoso: ao lado na igreja tocava a finados, pela mulher do Dr. Marques: e aquele negrume de Inverno, o dobre do sino, aumentavam a melancolia da separação. Artur, comovido, a cada momento repetia que era só por dois meses...

— Mal comece o calor da Primavera, cá estou de volta.

E era sincero, tomado duma saudade por aquelas afeições simples que deixava, pelo seu quarto que durante esses longos anos ele povoara de sonhos, e de imaginações queridas.

Às duas horas o moço do *char-à-bancs* veio buscar o baú: e o Rabecaz apareceu: ia acompanhar Artur à estação; e conservava-se, à porta da sala, de chapéu na mão, erecto, muito digno na presença das Senhoras.

— Adeus, tias, adeus!

Então, num romper de soluços, ele foi dos braços de Ricardina para os de Sabina.

— É por pouco tempo, é por pouco tempo, balbuciava.

— E vai bem recomendado, excelentíssimas senhoras, disse curvando-se o Rabecaz.

Mas Cristina não aparecia: então Artur galgou os degraus, encontrou-a em cima no patamar, tremendo toda, agarrada ao corrimão.

— Até à volta, Cristina.

Ela deu-lhe um beijo, nos lábios, com um soluço que a sacudiu — e ficou-lhe nos braços, pálida como a cal, quase desmaiada.

— Então Cristina! Oh filha...

Ela recuperou-se, afastou-o, murmurando, numa voz débil como um sopro:

— Vai, vai...

Ele desceu, com olhos arrasados de lágrimas: no pátio estava o Albuquerquezinho de braços abertos:

— Boa viagem, senhor. Fique descansado, eu cá vigiarei... Há-de haver ordem a bordo!...

No meio da estrada, um tirante que se quebrou atrasou o carro: um vento triste gemia entre os pinheiros, já começavam a cair gotas de chuva.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Artur não falava, ainda comovido; e o Rabecaz fumava sombriamente, com a chapeleira de Artur sobre os joelhos.

Mas à vista da estação, da máquina que já soprava, voltada para Lisboa, uma alegria tumultuosa invadiu Artur: e ria, de nervoso, sentindo as molas do assento estofado de casimira suja cederem, confortosamente, – como a vida em que se ia instalar. À portinhola, o Rabecaz continuava os seus conselhos: que fosse às espanholas!, que gozasse!

E de vez em quando, contemplando-o com amargura:

– Seu felizão, rosnava.

A locomotiva silvou, o comboio rolou.

– Não se esqueça da boquilha, gritou-lhe ainda o Rabecaz.

No Entroncamento, depois de cear, Artur embrulhava regaladamente os joelhos na manta, e acendeu o seu charuto com uma felicidade imensa. O comboio de Madrid, atrasado, chegara: o trem ia partir. Fora chovia, ventava forte – e Artur olhava pela portinhola uma lanterna avermelhada, que errava do lado dos *rails*, na noite tenebrosa – quando a porta se abriu vivamente, e um sujeito esbaforido apareceu, atirando para o assento uma maleta envernizada, um rolo de *plaids*, outro de bengalinhas, um cesto atado com fitas de seda azul, e uma almofada, de folhos. Vinha abafado numa peliça; e a alta gola erguida, o gorro de peles, descido, deixavam ver apenas uma face nutrida e suada, e uma bela barba loira. Artur supô-lo estrangeiro – mas o indivíduo, depois de se instalar, cumprimentou cortesmente, disse:

– Que terrível noite.

– Terrível – disse Artur.

Imaginava-o agora diplomata, vindo de Madrid ou de Paris: examinava-lhe a rica peliça, a charuteira com uma coroa de prata em relevo, donde ele escolhia um *breva*, as luvas muito grossas duma pele áspera e branca: e pensava, fascinado, que aquela figura digna atravessara salas reais, roçara personagens históricos:

– Pra Lisboa, creio eu? – perguntou-lhe o sujeito.

– Sim, vou pra Lisboa, disse Artur.

1189: No Entroncamento [*O editor de 1925 inicia aqui o cap. III. No ms., porém, não há qualquer indicação de início do capítulo III: ou o autor a não fez (e note-se que no manuscrito A não existem marcações de capítulos), ou então fê-la na parte inicial do manuscrito B, desaparecida*].

1192: uma lanterna] uma lanternava

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

— Que tal S. Carlos este ano?

Artur cuspilhou uma película de tabaco, e corando um pouco:

— Este ano... Este ano muito bom.

— Valha-nos isto, disse o indivíduo.

E ficou imóvel com as pálpebras cerradas, fumando com beatitude.

Artur receou logo outra pergunta sobre Lisboa, famílias fidalgas, músicos: e não querendo revelar ignorância plebeia, ia afectar uma sonolência fatigada, repoltreando-se ao seu canto — quando viu o sujeito desapertar as fitas do cesto, e tirar para o regaço um cãozinho amarelo, que lhe pareceu semelhante a um sapo com o seu focinho negro achatado, e vincado de duas rugas velhas, os olhos redondos e estúpidos.

— Tem tido uma jornada trabalhosa, disse o sujeito.

— Tem vindo no cesto?

— Desde Paris. Pobre *John*!

Levou-o aos lábios, como uma coisa preciosa e santa e deu-lhe, sobre o ventre macio e liso, beijinhos chilreados. Chamou-lhe ainda *pérola*, *anjo*. Acalentou-o sob a peliça, contra o coração. E exclamou compenetrado, para Artur:

— É um amor! — E depois duma fumaça: — É para a senhora Marquesa de Regueira... Conhece, talvez.

Artur, disse baixo:

— Sim...

— Ah conhece? exclamou o indivíduo, com a face clareada de riso.

Inquieto, Artur acudiu:

— De nome!

— Ah!... Excelente senhora.

Acomodou maternamente o *John* no cesto sobre o seu leito de algodão — e estirando discretamente os braços, declarou que o que tinham a fazer, é dormir até Lisboa. S. Ex.ª dava licença que corresse o transparente da lâmpada, não? Perfeitamente. Arranjou o travesseiro, estirou-se com um *ah* de gozo, cruzou as mãos sob a peliça, e cantarolou com melancolia, como uma oração da noite:

Si tu n'avais rien à me dire
Pourquoi venir auprès de moi?

Bocejou enormemente, e daí a pouco ressonava. Artur, fatigado, ia cerrando os olhos ao seu canto, na penumbra do *wagon*. E parecia-lhe estar

1228-29: Marquesa de Regueira] [*Nos mss. A e B era* Marquesa de Folhes].
1240: cruzou as mãos sob] cruzou sob as mãos sob

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

numa sala, toda de ouro e veludo, onde a Senhora Marquesa de Regueira conversava com Cristininha, falando dele — mas ele não as ouvia bem por causa dum estrondo de ferragens que rolavam surdamente. De repente fazia-se um silêncio, acordava: luzes mortiças ao lado alumiavam uma estação: vultos, atabafados à noite, fora, passavam com lanternas; chovia sempre; havia uma mudez na negrura de campos adormecidos; e adiante, na sombra, sem descontinuar, a máquina soprava baixo.

O comboio rolava — e o seu sonho retomava-o através duma sensação de frialdade nos pés: reconhecia que era um lago muito azul, batido de luar: o Rabecaz e ele remavam num bote, e o almirante ia ao leme: então junto dele, no escuro, uma voz de timbre andaluz suspirava o seu nome: voltava-se, via dois olhos árabes cintilando sob uma mantilha espanhola: ia beijá-los mas a mantilha, escorregando, descobriu uma caveira! Acordou com um estremeção: uma voz ia dizendo ao comprido do comboio parado:

— Alhandra! Alhandra!

Um ar lívido de madrugada clareava através da neblina chuvosa: saloios de varapau, encolhidos nas mantas listradas, passavam na plataforma; descarregavam-se caixotes: um comboio de mercadorias rolou ao lado, com *wagons* carregados de pipas, outros gradeados donde saíam cornos de bois. Depois um criado de farda passou correndo com um ramo de flores na mão. Então, o coração de Artur bateu, invadido duma alegria àquela proximidade de Lisboa.

O comboio partiu: pareceu-lhe avistar através da névoa uma superfície de rio cor de aço: depois um campo de oliveiras correu ao lado — e os seus olhos, fixos no vidro embaciado, foram-se cerrando, na fadiga daquela madrugada fria.

— Póvoa! Póvoa!

Despertou. O sujeito de peliça, sentado, espreguiçava-se.

— Ora enfim! *Nous voilà!*

Ergueu-se, ajeitou a peliça, pôs um chapéu de casimira; e entreabrindo o cesto do *pug*:

— Amor, estamos no fim dos nossos trabalhos. Como tem dormido, o amigo *John*? Hein! Chegámos, percebeu?... Aqui está na pátria de Luiz de Camões!...

Voltou-se para Artur, rindo do seu gracejo:

1246: Marquesa de Regueira] [*Nos mss. A e B era* Marquesa de Folhes].
1250: vultos, atabafados] vultos, atabafados [*Ditografia por mudança de página*].
1255: ia ao leme] ia leme [*Lição conjecturada por lapso do autor*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

— Não é má, hein? — E repetiu ao *pug*, que gania: Aqui estamos, na pátria de Camões!

A máquina silvava. E Artur, excitado, via agora à esquerda estender-se o rio largo e baço, agitado sob o vento: os montes da Outra Banda, confundiam-se com o empastamento das nuvens: uma falua de vela cheia, cortava a espuma à bolina, na manhã áspera. Ele devorava com os olhos, aquelas vizinhanças de Lisboa: era fachada suja de casa que passava, uma pilha de madeira, uma alta chaminé de tijolo. Nos Olivais, o sujeito de peliça, julgando ver um amigo entre a gente na plataforma, precipitou-se à portinhola, gritando:

— Oh Visconde, oh Visconde.

Mas o comboio partiu: antigos *wagons* desmantelados, depois um alpendre com fardos correu ao lado — e um empregado todo molhado, abrindo vivamente a portinhola, recolheu à pressa os bilhetes.

Artur palpitava todo. Lisboa! Era enfim Lisboa! Abaixava a vidraça, e o ar parecia-lhe cheio duma vida mais intensa, todo penetrado da respiração larga da cidade que ainda dormia na manhã húmida.

1292: *wagons* desmantelados] *wagons* desmantalados

1297: na manhã húmida.] *[Fim do fragmento EE e do impresso E. O texto que se segue, até final do romance, é o do manuscrito B, anterior ao impresso E e seus fragmentos (daí o «desaparecimento» de Cristininha, que na realidade foi introduzida nos incisos do impresso E), o que impõe a consideração de uma III Parte. É esta, a meu ver, a melhor maneira de resolver a solução de continuidade existente entre o impresso E (início da história) e o manuscrito B (sua continuação). Veja-se, a este respeito, o que foi dito na Introdução]*.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

III PARTE

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

[III]

Com um grande estrondo o comboio entrou na estação. A plataforma ficou logo cheia de gente, que ia, arrebatada, com embrulhos, chapeleiras, acotovelando-se. Saloios com os passos pesados das suas solas pregueadas, apressavam-se; havia nas faces um ar estremunhado e pasmado; uma criança chorava desesperadamente, e, quando à porta de saída o empregado lhe quis ver as malas, Artur, empurrado, atarantado, envergonhado, não encontrava as chaves. As mãos tremiam-lhe, sentia-se tímido, quase tinha saudades da casa das tias, da pequenez de Oliveira de Azeméis. E depois, com o seu bilhete de bagagem, muito embaraçado, quase aflito, errava pela grande sala de espera, dando aqui e além um olhar aos anúncios, onde se lia em grandes letras nomes de cidades – Sevilha, Córdova, Madrid, Paris – que lhe representavam civilizações magníficas e lhe davam um acanhamento maior.

Enfim, um carregador, que parecia ocupado por deleite próprio em resmungar blasfémias, levou-lhe com um ar soturno o baú a uma caleche, e o cocheiro bateu para o *Espanhol*.

À beira do assento, com as mãos nos joelhos, Artur, através dos vidros embaciados, ia olhando avidamente as fachadas das casas, os cartazes nas esquinas, a prolongação das ruas. Galegos curvados sob o barril chapinhavam na lama, gente passava encolhida sob os guarda-chuvas. Teve um espanto ao ver de repente os arcos do Terreiro do Paço, o rio, mastreações de esquadras! Pela rua da Prata, ia lendo avidamente as tabuletas. Quem viveria naquelas altas casas, cerradas ainda? Àquela hora, decerto, os jornalistas, as duquesas, dormiam, depois das agitações intelectuais e amorosas da noite... – E uma felicidade exuberante encheu-lhe subitamente o peito.

A caleche parou.

Da escada do *Espanhol*, sombria, saía um cheiro enjoativo de amoníaco. Um criado, de suíças e cabeleira esguedelhada, que o tratou por *usted*, levou-o para um

1: Com um grande estrondo] [*A parte do ms. B que não foi para tipografia iniciar-se-ia aqui: faltando-lhe as folhas iniciais, transcrevo o texto correspondente da edição de 1925 (pp. 152-69), mas com as reservas impostas pelo que acerca daquela edição já foi dito na Introdução. Abro aqui o cap. III, baseado no desenrolar da história: o autor atribui um capítulo a cada fase importante da história de Artur; assim, a chegada a Lisboa da personagem, e a sua primeira instalação, justificam a abertura de um capítulo. De qualquer modo, Eça não abriu capítulo onde o editor de 1925 abriu o cap. III*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

quarto pequeno, forrado de papel verde. A janela abria para um saguão melancólico e a água que caía da goteira cantava em baixo num balde de zinco.

Daí a pouco, encolhido nos lençóis, Artur dormia profundamente.

Acordou ao ruído da porta: o criado, em mangas de camisa, com um par de botas na mão, dizia repreendendo-o:

– Então *usted* não vai comer? São cinco horas. Já *usted* vê! *La comida* é às cinco.

Cinco horas já! Artur sentia os rins doridos; o tom crepuscular do quarto, um ruído de pratos que ouvia ao lado, o rabujar duma criança, deram-lhe uma vaga tristeza.

O criado, então, revirou as botas na mão, considerou um momento com melancolia o elástico esfiado e o tacão tombado, e rosnou:

– Estão na última...

Artur fez-se vermelho.

– Pois quando *usted* quiser comer, é lá em baixo – acrescentou o homem. E antes de sair, arrastando os sapatos achinelados, repetiu ainda, indicando com tristeza as botas: – Estão na última! Já *usted* vê!

Servia-se a sopa, quando Artur se veio sentar timidamente à mesa. Defronte dele, dois espanhóis, de barbas de azeviche e faces cavadas, comiam, soturnos, com as capas ao ombro; na outra extremidade estava uma rapariga gordita e baixa, bonita, de *robe-de-chambre* escarlate e penteado alto; ao pé dela um indivíduo calvo, de cachaço fradesco, muita cor nas faces rechonchudas, um bigodito grisalho, via-a jantar, com uns olhinhos de ternura babosa, fazendo entre os dedos bolinhas de pão.

Artur admirou um momento as altas fachadas fronteiras, «tão nobres»! Depois, escutou os espanhóis, que devoravam e falavam baixo, desconfiados; e tendo distinguido os nomes de Castelar, Py y Margall, Contreras, Salmerón, concebeu logo uma imensa admiração por eles. Eram republicanos perseguidos; decerto se tinham batido em barricadas, conspiravam; e como um deles estendia o braço para as azeitonas, Artur apressou-se a chegar-lhe o prato respeitosamente. O indivíduo disse, com gravidade, «*gracias, caballero*» e Artur, muito lisonjeado, pensou que mais tarde poderia conhecê-los, ouvir-lhes episódios históricos, ligarem-se em simpatias revolucionárias!... Que boa ideia vir para o *Espanhol*! Tudo ali lhe agradava – o aparador envernizado, o espelho com o caixilho resguardado por uma gaze cor-de-rosa, e o retrato de Prim, num cavalo empinado, agitando um estandarte. E foi quase com orgulho que, depois do café, acendeu o seu charuto e se foi encostar à varanda: a tarde limpara, as ruas secavam sob o norte frio; uma carruagem que passou, com dois criados de casacos

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

brancos, fê-lo pensar que talvez fosse *Ela*, a sua desconhecida do vestido de xadrez: quando se agachou para espreitar, entreviu um homem gordo de lunetas! Mas todos os seus desejos de amores, de luxo, de celebridade, tinham-se posto a chalrar como pássaros acordados. Examinava avidamente as *toilettes* dos homens; achou adoráveis duas senhoras que atravessavam a calçada, com os vestidos apanhados, mostrando as saias brancas que lhes batiam o tornozelo. Nunca imaginara Lisboa tão vasta, tão aparatosa, e parecia-lhe que as ideias deviam ter decerto a amplidão das ruas, e os sentimentos a elegância dos vestuários.

A rapariga de *robe-de-chambre* escarlate veio então debruçar-se à varanda próxima: erguia o rosto, olhava o céu e o tempo. Artur achou-a deliciosa, com o seu pescoço muito branco, as formas copiosas, toda roliça e cálida.

— Quem é esta senhora? — perguntou ele para dentro ao criado que levantava a mesa, cantarolando.

O moço chegou-se, espreitou:

— É a Mercedes. — E fitando as botas de Artur com um bamboleamento triste de cabeça esguedelhada, repetiu ainda: — Estão na última. Já *usted* vê!...

Artur encolheu os ombros, furioso. De resto, observando os homens na rua, já pensara que o seu fato de Oliveira era mal talhado e provinciano: por isso só saiu à noite, depois de aceso o gás.

Com que deleite pisou enfim as lajes ainda húmidas dos passeios, respirou a friagem de Inverno, o ar de Lisboa, que, depois do pesadume das ruazitas de Oliveira, lhe parecia ter a vitalidade oxigenada onde se dilatam as faculdades! Embasbacava para as *vitrines* alumiadas das lojas; estacava, pasmando para os rostinhos pálidos das mulheres que passavam; voltava-se com admiração para seguir as carruagens de criados perfilados; e da claridade do gás, da vastidão das ruas, da multidão sussurrante, vinha-lhe como que uma sensação de actividades espalhadas, de paixões, de grandezas vagas que o perturbava: era como se a atmosfera estivesse saturada das emanações duma vida rica, sábia, idealizadora e ardente! Mas sentia-se acanhado: apesar de apetecer prodigiosamente uma gravata azul que viu num mostrador, não ousou entrar na loja; o trotar das parelhas entontecia-o; o andar desenvolto dos homens, falando alto, dava-lhe um medo pueril de agressões; tinha vergonha do seu velho *paletot*, mais curto que as abas da sobrecasaca que trazia; sentiu-se mesmo agradecido a um sujeito que lhe pediu lume, cortesmente, como se recebesse dele um acto de benevolência. O homem, depois de acender o charuto, disse para outro que esperava, assobiando:

— Pra o Martinho, hein?

76: — É a Mercedes] [Mercedes *substitui os nomes* Encarnaçãozinha *e* Conceiçãozinha *no ms. A*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

E Artur foi-os seguindo timidamente, ansioso por ver o Martinho! Pareceu-lhe esplêndido, com a acumulação dos chapéus altos entre os espelhos dourados, sob uma névoa de fumo de tabaco, no *brouhaha* contínuo das conversas. Não se atreveu a entrar. À porta um grupo palrava, e Artur contemplava-o de longe, com devoção, pensando que deviam ser poetas e estadistas... Subiu-lhe então de repente ao cérebro um vapor excitante de emanações intelectuais: teve pressa de entrar naquela existência – relacionar-se, regalar-se das discussões sobre Arte e Ideal, «ser também de Lisboa»!

Chamou uma tipóia, e mandou bater para a praça da Alegria, para a casa do Damião! Recomeçara a chover e o lajedo reluzia à luz do gás. E encostado ao fundo do *coupé* que trotava ao comprido das grades escuras do Passeio, Artur ia pensando no fato novo que faria e nos filósofos que ia decerto encontrar «na catacumba» do Damião.

Ao toque da campainha, uma mulher de pele muito branca e fitas vermelhas no cabelo fê-lo entrar numa sala esteirada, para lhe dizer que o senhor Damião tinha partido para o Algarve. Examinou rapidamente Artur, e acrescentou logo – que se S. S.ª desejava quartos, os do senhor Damião estavam devolutos...

– Não, obrigado, eu vinha só procurá-lo.

– Ai, pode V. S.ª entrar. – E numa voz muito cantada, muito lisboeta: – O senhor Damião estava muito contente. É a casa mais sossegada do bairro, tudo na maior limpeza. A Sr.ª D. Ermelinda até me diz sempre: Oh, D. Joana (é o meu nome, minha mana é Adelaide) oh, D. Joana, diz-me a Sr.ª D. Ermelinda, a senhora faz mal em ter tanto cuidado com os hóspedes, olhe que não lho agradecem! E vai eu, digo-lhe: Oh, D. Ermelinda (damo-nos muito) digo-lhe eu, olhe que é génio; em não tendo tudo a preceito estou num frenesi. O senhor Damião tinha um quarto só. Tenho também o Faria, há-de conhecer, o Fariazinho...

Aquela verbosidade sem motivo entontecia Artur. Repetia, cumprimentando:

– Sim, eu hei-de voltar.

– Ai, pode vir agora. Eu não sou de cerimónias. Até a D. Ermelinda me diz sempre: Oh, D. Joana, por quem é, a senhora deve-se pôr no seu lugar. E digo-lhe eu: Oh, D. Ermelinda, que quer, são génios! E todo o mundo me estima. O Fariazinho está em minha casa há dois anos. Pode-lhe perguntar...

– Pois eu hei-de voltar – interrompeu Artur, atarantado. Deu as boas noites, desceu rapidamente a escada.

Aquela ausência do Damião contrariava-o. Estava muito desconsolado. Contava com o Damião para o guiar, lhe mostrar Lisboa, apresentá-lo a escritores, escutar o seu drama, e a sua partida para o Algarve parecia alargar em torno dele uma solidão inesperada.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Felizmente tinha as cartas de apresentação do Rabecaz.

Foi então descendo ao acaso o Moinho de Vento, e ao passar por S. Pedro de Alcântara, penetrou sob as árvores e foi encostar-se às grades. A cidade cavava-se em baixo, no vale escuro, picado dos pontos de luz das janelas iluminadas, e, na escuridão, os telhados, os edifícios, faziam um empastamento de sombras mais densas. Aquelas luzes, debaixo daqueles tectos, que fermentação de vida! Quantos amores, quantos mistérios, crimes talvez! Ali, jornalistas compunham artigos, oradores preparavam discursos, estadistas conferenciavam, mulheres aristocráticas, nas suas salas, falavam de amores, e, nos pianos ricos, gemiam as cavatinas apaixonadas. Que grande, Lisboa!

Voltara-lhe a mesma sensação, sempre repetida, duma capital vasta, com uma intensa vida social, e olhava, vagamente exaltado, como se todas aquelas existências acumuladas lhe mandassem ao coração o bafo das paixões que lhes supunha.

Uma aragem fria fê-lo encolher-se no seu *paletot* cor de pinhão. Foi descendo, parando junto às *vitrines*, voltando-se para os rostos pálidos das mulheres, meio escondidos sob mantas de lã ou véus escuros, seguindo com os olhos as lanternas das carruagens ricas, que punham claridades sobre os casacos claros dos lacaios. Descendo sempre, chegou junto do rio. Estava escuro, havia um friozinho cortante, e as luzes dos mastros tremeluziam na noite. Veio-lhe, sem razão, uma melancolia, um sentimento de solidão. Àquela hora, todos estavam nas suas casas bem mobiladas, no brilho das *soirées*, no conforto das convivências íntimas; as mulheres recebiam os seus amantes, amigos discutiam, fumando, em volta do *punch*... Como conseguiria fazer conhecimentos, relacionar-se, viver, *furar*, naquela grande cidade rumorosa? Agora tudo lhe parecia mais difícil, e as grandes fachadas sombrias das casas espalhavam em torno dele uma sensação de isolamento, de inacessibilidade...

– V. Ex.ª quer favorecer um chefe de família desempregado? – disse uma voz lamentosa ao pé dele.

Artur aprumou-se e tirou cinco tostões da algibeira, que meteu na mão que lhe estendia um sujeito de chapéu alto e sobrecasaca coçada, a gola presa com um alfinete.

Aquela miséria entrevista entristeceu-o mais. O Aterro, longo, solitário, com um ventozinho frio, deu-lhe um sentimento de melancolia; o coração confrangeu-se-lhe, sentiu a necessidade de voltar para o Hotel, ver luz, estar debaixo dum tecto, reler o seu drama, para se fortalecer com a certeza do seu talento, e contar o seu dinheiro, para se animar com a evidência dos seus recursos. Pôs-se a caminhar depressa pela rua do Arsenal; mas no Terreiro do Paço perdeu-se: confundia as ruas largas, já um pouco desertas, paralelas, infindáveis. Andou, voltou: tinha vergonha de perguntar pelo *Espanhol*. Numa rua estreita, vozes, por trás de tabuinhas verdes, chamavam-no com *pst-psts* familiares: dois bêbados assustaram-no, cambaleando, praguejando, – e atarantado, já aflito, chamou uma tipóia que passava devagar.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

– Prò *Hotel Espanhol*! – disse, subindo para a tipóia.

O cocheiro fitou-o um momento, admirado, mas imediatamente bateu a parelha. Artur sentou-se e acabava de fechar a vidraça quando o carro estacou.

– Então?

– Cá estamos, meu amo. O *Espanhol* é aqui.

Artur saiu, vexado.

– Quanto é? – perguntou timidamente ao cocheiro.

– Uma placazinha...

Com medo duma questão, Artur pagou.

– Muito obrigado a V. Ex.ª, meu fidalgo – disse o homem.

No corredor do hotel, duma porta vivamente alumiada, saíam sons de guitarra: uma voz mordente de mulher cantava num tom de *malagueña*:

A la puerta de mi casa
Hay una piedra muy larga,
La, ra, lá, lá...

E mãos batiam em cadência, ao repenicar dos bordões.

Imóvel, com o castiçal na mão, Artur escutou: vozes espanholas falaram desenvoltamente, rolhas de cerveja estalaram. Pensou que devia ser a rapariga do *robe-de-chambre* escarlate e os emigrados que recordavam canções das suas províncias, e aquilo pareceu-lhe muito poético!

Uma voz forte de homem elevou-se então: fazia estalar os dedos, e num ritmo de gaita-de-foles, cantarolava:

Doces galleguiños aires,
Quittadoiriños de penas...

Houve risadas, a porta fechou-se bruscamente. Artur foi subindo devagar. Viera-lhe uma recordação de quando era pequeno e estivera um verão no Porto, com seu pai, na estalagem do Leão de Ouro. Pelas tardes quentes do domingo, cheias de pó, o criado levava-o a uma horta, para os lados da Lapa: comiam tremoços ao pé dum faval, onde sussurrava a água das regas, e iam ver os galegos dançar debaixo do parreiral, ao som da gaita-de-foles que fazia *mu-i-ñe-ra! mu-i-ñe-ra!* Depois a caneca de vinho verde passava em redor; sentiam-se ao lado os *pah!* secos do jogo da bola; então uma galega erguia-se, e com as tranças louras caídas sobre o colete escarlate, os braços abertos, punha-se a girar devagar ao churre-churre dos pandeiros! – Há quanto tempo isso fora! Se seu pai o pudesse ver agora, em Lisboa, com dinheiro no bolso, manuscritos no baú! E reconfortado, estirou-se na cama, murmurando com voluptuosidade: «Estou em Lisboa, estou em Lisboa!»

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Ao outro dia, depois do almoço, por um sol magnífico, Artur preparou-se para ir visitar, com a sua carta de recomendação, o sobrinho do Rabecaz, o senhor Venâncio Guedes. Para se apresentar com *chic*, comprou, num armazém de fato feito, um *paletot* de pano azulado com gola de veludo, que lhe aconselhou um caixeiro de ar profundamente infeliz; depois, num sapateiro, ornou-se de botas de verniz, e assim equipado, de luvas pretas, numa bela caleche, dirigiu-se ao largo do Carmo.

Um indivíduo barrigudo, de fartas suíças cor de azeviche, abriu-lhe a porta, e com uma voz de trombone, roncou para dentro:

– Um sujeito que o procura, senhor Venâncio.

– Mande entrar, senhor Ferraz!

O senhor Venâncio, à mesa, almoçava. Os gestos miudinhos com que partia os seus ovos quentes, a sua carinha amarelada, de beiços finos, o cabelo correctamente acamado, revelavam um individuozinho meticuloso, muito admirador do seu director-geral. Abriu a carta do Rabecaz, e começou a lê-la, puxando os pêlos do bigodinho louro, aparados à tesoura. No quarto próximo, por trás dum reposteiro azul, uma voz cantava aos berros:

Aceita o sabre de meu pai!
Aceita o sabre! Aceita o sabre!

Nas paredes pendiam gravuras violentamente coloridas, onde se distinguiam damas e cavaleiros entre paisagens idílicas; um papagaio, no poial de pedra da janela, meneava-se no seu poleiro, e o senhor Ferraz esperava com uma das mãos papudas apoiada à mesa, a outra encostada com *chic* ao quadril obeso.

O senhor Venâncio poisou a carta, ajeitou nervosamente o *robe-de-chambre* sobre o peito, e com uma vozinha acre, às fisgadas:

– Mas eu não conheço literatos! Eu não conheço literatos, meu caro senhor! Quer que o apresente. Mas a quem? A quem? Se eu não conheço ninguém!

Aceita o sabre, o sabre, o sabre,
Aceita o sabre do papá.
Pan, pa, pa, pa pum!

gritava a voz estridente.

210-11: senhor Venâncio Guedes] *[De acordo com a lição do impresso E, a carta que Artur leva é para Melchior e não para o sobrinho de Rabecaz, que entretanto já respondera negativamente ao pedido de inculca por parte do tio a favor de Artur. É no ms. A que Artur leva duas cartas de Rabecaz, uma para o sobrinho e outra para Melchior. O editor de 1925, ao colar os testemunhos E e B, não se apercebeu da discrepância: deixa passar aqui a carta para o sobrinho de Rabecaz (e mais adiante a dirigida a Melchior), quando no capítulo II temos Rabecaz a dar a Artur apenas «uma carta de recomendação para o "pândego do Melchior"». Acerca do nome da personagem, veja-se o que ficou dito no aparato do capítulo II*].

218: senhor Ferraz.] [Sr. Ferreira *no manuscrito A*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

– Eu vivo muito retirado, meu caro senhor. Vivo para as minhas ocupações. Não conheço dessa gente...

Artur, já envergonhado, acudiu:

– O tio de V. Ex.ª disse-me que talvez V. Ex.ª soubesse a morada do senhor Melchior Cordeiro...

Venâncio teve um pulinho de contrariedade:

– E V. S.ª a dar-lhe! Eu não conheço ninguém!

O reposteiro azul abriu-se, e um rapaz de grandes bigodes apareceu, exclamando com ímpeto:

– Salta o almocinho! Papagaio real! Ferraz amigo, os manjares!

– Tu conheces um Melchior Cordeiro? – disse Venâncio, voltando-se para ele, acamando nervosamente o penteado.

O outro estacou, baixou levemente a cabeça a Artur, e retorcendo vivamente o bigode com ambas as mãos:

– Melchior Cordeiro, Melchior Cordeiro... – murmurava.

Artur olhava-o quase com ansiedade; na rua, pregões cantavam, e para o lado do quartel soavam cornetas de exercício.

– É um jornalista – lembrou Artur.

– Não conheço! – E dirigindo-se jovialmente ao papagaio: – Papagaio real! Viva a Carta Constitucional!

– Já vê – disse Venâncio, com regozijo mal reprimido. – Ninguém conhece semelhante gente. – E pôs-se com satisfação a esgaravatar os ouvidos.

Artur, profundamente despeitado, tomou o chapéu.

– E o senhor meu tio ainda se embebeda todas as noites? – perguntou o Venâncio, continuando a partir os seus ovos.

Artur, petrificado, balbuciou:

– Não me consta, não me consta...

Mas o sujeito barrigudo abrira a porta, e descendo a escada, furioso, Artur sentia ainda os gritos do papagaio e a voz jubilante do outro cantar desesperadamente:

Aceita o sabre, o sabre, o sabre!
Aceita o sabre, o sabre do meu papá!

No largo, a manhã resplandecia. Depois dos dias de chuva, aquele sol delicioso dava à cidade a alegria dum renascimento: até dois moços que num pátio lavavam uma carruagem a baldes de água e os galegos que palravam à beira do chafariz, pareciam tão satisfeitos como os canários que gorjeavam nas janelas. Mas Artur estava

243: Melchior Cordeiro] [*Veja-se o que acerca do nome desta personagem ficou dito no aparato do capítulo II*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

como que desencantado: Damião partira, o famoso Melchior perdia-se no vago, e naquela cidade tão cheia sentia a concavidade da solidão! A sua vontade, que à maneira dum inválido precisava ser constantemente estimulada e ajudada, recaía desfalecida: a celebridade, as relações, os amores – tudo o que em Oliveira lhe parecera de conquista tão fácil, à mão, recuava agora para cimos inacessíveis: tinha a sensação de massas de obscuridade, sufocantes como abóbadas, que o encarceravam no anonimato. As *vitrines* das lojas, os altos prédios, as carruagens, davam-lhe uma opressão indefinida; sentia circular em redor um enorme egoísmo burguês, feito do orgulho do dinheiro e do desprezo das ideias; e os rostos, como as fachadas, tomavam para ele um aspecto obtuso e duro que alguns pobres versos delicados nunca poderiam comover! O sentimento da sua solidão sensibilizou-o: se adoecesse, pensou! E, entontecido pelo movimento, abstracto, infeliz, ia descendo o Chiado, com os pés torturados pelo verniz novo aquecido, sentindo-se «gebo», odiando Lisboa, furioso com o sapateiro! Quando entrou no Hotel, atirou-se para cima da cama, e para se reconfortar com a certeza do seu talento, pôs-se a reler, aqui e além, os *Esmaltes e Jóias*. Mas os versos que em Oliveira lhe pareciam dum ideal tão nobre, lidos agora ali, em Lisboa, tinham um tom de pieguice pueril, no meio das vagas grandezas que sentia em redor e dos vastos interesses que suspeitava. Veio-lhe uma desesperação, achou-se «burro», pensou mesmo em voltar para Oliveira; retinha-o porém uma curiosidade da Cidade, a esperança de a ver, a *Ela*, e o desejo das satisfações que lhe podia dar o dinheiro, – teatros, mulheres... Que diabo! tinha ali no baú, em libras, um conto de réis! E espreguiçou-se sobre o leito com voluptuosidade, como se recebesse de repente de todos os rostos lindos que entrevira, das vozes que na véspera lhe faziam *pst, pst*, por trás das tabuinhas verdes, um eflúvio afrodisíaco. E desceu para o jantar, resolvido «a atirar-se nessa noite à pândega».

Como na véspera, os dois espanhóis, lá estavam, soturnos, e ao pé da Mercedes, o sujeito calvo e baboso. Esperando a sopa, abriu um «Jornal do Comércio», que estava sobre a mesa, deu um olhar, de lado, à espanhola: – e de repente lembrou-se, que talvez no Hotel conhecessem o Melchior, um jornalista!

Perguntou imediatamente ao criado, que entrava com a sopa.

– Ah, o Melchiorzinho! – disse o moço; e dirigindo-se ao calvo: – Oh senhor Videira, *usted* sabe onde está o Melchior?

298: pândega».] [*Fim da lacuna e da lição de* 1925].
299: Como na véspera,] [*Início do ms. B (parte disponível no Espólio)*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

— O Melchiorzinho? respondeu o calvo. Na redacção do «Século». Pra os lados da rua do Carvalho.

— Já vê *usted*, disse o criado, com satisfação.

Artur, na sua alegria, agarrou o chapéu, correu à rua, tomou um trem, foi à redacção do «Século». O senhor Melchior tinha saído. Podia encontrá-lo ao outro dia à uma hora!

Aquela visita preocupava-o nessa noite. Melchior era um jornalista, um literato, a conversação decerto rolaria sobre livros, Estilos, Escolas; e desejando mostrar-se, elevado nas críticas, original nas frases — preparou mesmo duas definições pitorescas de Lisboa e da Província:

«Lisboa é a *estação central* da Inteligência».

«A Província é a *penitenciária* do Espírito».

E ao outro dia, comovido, apeava à porta da redacção. Um rapazito de blusa azul fê-lo atravessar o pátio muito sujo, penetrar num corredor carunchoso, e abrindo uma porta azul:

— Um sujeito, senhor Melchior!

A uma larga mesa coberta de oleado, dois indivíduos trabalhavam: um de cabelo à escovinha, escaveirado e de lunetas defumadas, cortava tiras num jornal com umas tesouras de alfaiate; e o outro baixo e grosso, com a cabeça fincada entre os punhos parecia absorvido, numa folha de papel escrevinhada, e ergueu-se bruscamente, inquieto. Era o Melchior. Tinha já a calva precoce chamada do *deboche* e o cabelo fino como teias de aranha: sob o nariz carnudo arqueava-se o bigode grosso.

Abriu a carta do Rabecaz, de pé. As suas mãos papudas tinham uma ligeira tremura habitual: e apenas leu as primeiras linhas:

— Ah, perfeitamente!... Tem a bondade de se sentar... Pois não! Por quem é, sente-se... E como vai ele, o maganão? Hein? Sempre patusco? Se V. Ex.ª me permite, eu acabo aqui um pequeno trabalho e sou todo seu. Tem a bondade de se sentar. Isto está um pouco desarranjado... Se quer ler os periódicos...

Artur tomou um jornal, sentou-se ao pé da janela: nas paredes, maços de jornais desdobrados pendiam de ganchos: resmas de periódicos atulhavam os cantos; e um ténue véu de poeira cobria os papéis, as cadeiras, o velho mapa de Portugal e Espanha: a rua, fora, tinha um silêncio pacato: numa janela fronteira, um pintassilgo cantava na gaiola; e as tesouras enormes do indivíduo de lunetas iam retalhando os jornais.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

— Oh Esteves, trouxeram as *chegadas*? disse de repente o Melchior. E a um sinal afirmativo do de lunetas: Ditas, fazes favor?

O Esteves procurou, entre a papelada, uma tira rabiscada a lápis, e começou imediatamente com a voz um pouco rouca, e extremamente monótona:

— «O Conselheiro Abílio de Azevedo de Vila Nova de Famalicão; hospedado nos Embaixadores...».

Melchior escrevia, murmurando alto:

«Chegou o nosso prezado amigo... o Exmo Sr. Conselheiro Abílio... ... Nova de Famalicão... Com um *l* só?

O outro moveu afirmativamente a cabeça, prosseguiu:

— «O Visconde da Ameixoeira, de Viseu, e respeitável família... O nosso assinante Tadeu Carneiro... O ilustre proprietário Eustácio Alcoforado...» Não, este partiu; partiu para Bordéus.

— Partiu ou chegou, menino? É que não é a mesma coisa, exclamou o Melchior. Deu uma risadinha voltado para Artur, tomou uma fumaça do charuto, — e pediu a Esteves, «que por caridade lhe ditasse os anos».

O Esteves, tirou duma gaveta um *Almanaque* com folhas brancas intercaladas, bocejou profundamente, e começou, no seu tom soturno:

— «Dia 14 de Dezembro... O Comendador Figueiredo...» Grandíssima besta!... «A Sr.ª D. Ernestina da Conceição Valadares... O engraçado actor Maldonado...»

Melchior suspendeu a pena, e olhando Esteves fixamente:

— Está lá engraçado? Isso é de há dois anos! Agora que ele faz papéis sérios...

O Esteves reflectiu, tirando películas dos beiços.

— Põe o esperançoso.

O *esperançoso*, um homem que representava havia doze anos!...

E olhavam-se, embaraçados, na urgência dum adjectivo.

Artur adiantou o rosto risonho, obsequiador, e disse:

— O *impressionador*, talvez.

— Magnífico! exclamou o Melchior, escrevendo regalado. E olhou um momento Artur com respeito. Que mais, Esteves, vá homem, vá!

— «O Vereador Fernandes Cardoso... A inocente filha da Sr.ª D. Elvira Cunha Rego... O distinto poeta Augusto Roma, ilustre autor dos *Idílios e Devaneios*...»

354: Visconde da Ameixoeira] Visconde do Ameixoeiro

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Uma porta lateral abriu-se, e uma face branca e balofa, com lunetas de oiro, e um bigode tão preto que parecia de crepe postiço, mostrou-se, dizendo, com voz de *papo*:

— Oh Melchior, redige aí uma notícia da chegada do Meirinho de Paris... O homem já me falou nisso três vezes... Trouxe-me uma lapiseira, coitado. Sete ou oito linhas catitas.

E a porta fechou-se.

O Melchior tornou-se grave, esfregou as mãos devagar: acendeu reflectidamente outro charuto, e com os cotovelos sobre a mesa, os olhos cerrados, pôs-se a coçar lentamente a calva; depois escreveu, riscou, releu, recomeçou — e apoiando-se por fim, às costas da cadeira, murmurou exausto:

— Não estou de maré. Hoje não vai.

Neste momento o sujeito das lunetas de oiro voltou, de dentro, de chapéu na cabeça, calçando as luvas:

— Fizeste?

O Melchior confessou que estava pesado de cabeça.

— Escreve lá, homem, disse o de lunetas de oiro, encolhendo os ombros com o desdém dum ricaço de ideias: — «Temos entre nós o nosso prezado amigo João Meirinho, um dos ornamentos mais brilhantes do nosso *high-life*... S. Ex.ª, que é igualmente estimado em todas as capitais da Europa... » Hesitou, passou os dedos pelas sobrancelhas, e com a testa muito franzida, «... da Europa, onde as suas qualidades eminentes... o tornam o alvo dos respeitos de todas as classes, é sempre bem-vindo à formosa cidade do Tejo, onde...»

— Há dois *ondes*, advertiu baixo o Melchior.

— Deixa haver. Põe: — «... a cuja sociedade ele traz a animação que é o distintivo da brilhante...»

— Há dois *brilhantes*..., corrigiu o Melchior.

A observação, diante dum estranho, decerto irritou o sujeito, que replicou, secamente:

— Mete-te com a tua vida. — Põe: «... da esplêndida capital da França, esse esplên... esse resplandecente centro das artes e das letras.» Ora aí tem o menino uma noticiazinha *chic*.

Ia a sair, — mas o Melchior, erguendo-se cerimoniosamente:

— Quero-lhe apresentar o senhor Artur Corvelo, um poeta... O senhor Savedra, o nosso director.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Savedra, apertou com protecção a mão que Artur lhe estendeu, com servilismo — e pondo o chapéu mais ao lado:

— Ah, esquecia-me. O João Carolino, do Ministério do Reino, deu-me um folhetim para amanhã... Manda pra dentro, e ele vem rever as provas.

E antes de atirar o manuscrito sobre a mesa, abriu-o, leu, alto:

« À BEIRA DO MAR. Sentado numa penedia deixo o pensamento vagar, sobre a superfície líquida, onde os dourados raios do sol poente espargem mil cambiantes de luz. E com a alma arrebatada, contemplo a pasmosa maravilha da criação: oh, materialistas, escondei o rosto, na vergonha da vossa perversa blasfémia. Vinde a este penedo, se quereis ter a certeza da existência de Deus. Vinde, a este penedo, gigante de granito... »

— Está opulento, rosnou o Savedra. Atirou o manuscrito ao Esteves, abaixou a cabeça a Artur, e saiu trauteando.

Melchior ergueu-se logo; e com um sorriso:

— Estou à sua ordem, senhor Corvelo! Oh Esteves, aí te deixo as notícias, hein... E de pé, ia-lhe passando pequenas tiras de papel, a que lia as primeiras linhas, numa verificação rápida: — «Foi aprovada a tarifa especial, etc... Foi despachado aluno pensionista, etc... Parece que o senhor Videira não aceita a nomeação, etc... O conhecido Mesquita faz leilão da sua casa de penhores, etc... Foi aceite pela Câmara de Vila Nova de Famalicão a proposta do marchante Augusto, etc... Houve ontem uma desordem no beco do Monete, etc... O polícia N.º 14 dá parte, etc...» Aí tem as duas anedotas que vinham no jornal espanhol... A chegada do Meirinho... É o que há. Não vem mau o número de amanhã...

Nós de dedos bateram à porta; e quase imediatamente entraram dois homens que pareciam operários; um, atarracado, tinha uma face honesta que atraía: o outro, um franzino e amarelo, disse um pouco embaraçado, puxando os pêlos do bigodito, e batendo com o chapéu, na coxa, devagarinho:

— Nós somos filhos do trabalho... Hesitou, parecia, na presença de jornalistas, querer embelezar as suas frases... «Somos da fábrica de fiação da Pampulha, e como V. Ex.ª sabe, estamos em *grève*... A comissão entendeu que se deveria publicar um comunicado, para dar coragem, ... para levantar os ânimos». Pareceu consultar o companheiro, acrescentou, co-

419: Manda pra] Manda pra p'ra
425-26: gigante de granito] gigante granito

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

rando: — «Ainda que haja alguma despesa... Que as circunstâncias...» E estendia o manuscrito.

Melchior e Esteves olharam-se.

— Não, disse Melchior, não é nada, como os senhores estão em greve, o «Século» está na oposição... Sai amanhã, pode ir descansado.

— A justiça é por nós... balbuciou o rapaz. Pareceu querer colocar uma frase final, hesitou, e saiu, devagar, gingando um pouco.

Esteves abrira o *comunicado*, e parecia surpreendido. Melchior, então, curioso, foi olhar por cima do ombro dele, leu alto:

> «IRMÃOS DO TRABALHO! Quando do cimo do Gólgota o redentor do género humano, já exangue, soltou o grito supremo, foi para proclamar uma aurora de amor e esperança, e partir a cadeia da escravidão dos pulsos dos filhos da democracia...»

E continuava assim em duas laudas, falando da «gargalheira de ferro dos tiranos», do «credo da liberdade», da «arca da aliança...» Explicava a greve da Pampulha como sendo «a aurora que raia para as vítimas do despostimo»: aconselhava os operários «a que se consolassem com o bálsamo da prece, e refrigerassem as frontes fatigadas no puro seio das filhas do povo»: tinha de novo amplificações sobre o Cristo: e terminava: «a vossa Comissão grita-vos do alto da colina: — Coragem, heróis do trabalho, coragem!»

— Hein? fez o Melchior atónito. Pra ser dum operário! Está esplêndido! Manda-o pôr na segunda página, caramba!

Artur estava também surpreendido: que cidade, Lisboa, em que dos empregados da Secretaria aos tecelões... todos tinham a preocupação da eloquência, e a fé na publicidade! Não se conteve, soltou a sua frase:

— Lisboa é a estação central da inteligência...

Mas o rapazito da blusa entrou, vivamente:

— Está ali o homem do hotel, com a conta, outra vez...

Melchior atirou-se com um salto para a saleta interior, e, pela porta entreaberta, com grandes gestos, voz abafada:

— Que não estou, que fui pra o campo!

Ouviu-se fora um vozeirão irritado, e o rapazito, esganiçando-se, replicar, quezilado. Depois um silêncio: — e o Melchior, com cautela, mostrou a face inquieta.

— Foi-se?

453: disse Melchior] disse elle Melchior

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Esteves, que assobiava a *Sonâmbula*, moveu afirmativamente a cabeça.

— Pois estou às ordens, disse o Melchior, subitamente tranquilo. Tirou do bolso a carta do Rabecaz, e sentando-se: — Pois aqui está o que me diz o maganão do Rabecaz: «Aí vai o amigo Artur, com versos muito catitas, e um drama que é de arromba. Aquela cabeça é um mundo. Quer conhecer a bela rapaziada literata, e como seu bondoso padrinho lhe deixou muita maquia, aí tem que quer florear na capital e encher o ventrezinho da bela pândega.»

Artur protestou logo:

— Não, eu venho sobretudo por causa do drama...

— Há tempo pra tudo, disse o Melchior com grande gesto. E então demora-se?

— Naturalmente...

— Pois eu estou às ordens; disponha de mim. Com franqueza... Quando é que V. Ex.ª está em casa? Eu vou por lá, almoçamos, conversamos, e vamos por aí ver o que há. Serve-lhe?

Artur agradeceu comovido. O Melchior, foi a um pequeno lavatório que havia ao canto, ensaboar as mãos, e aproximando-se a puxar as calças para a cinta:

— Amanhã por exemplo, hein?

— Perfeitamente.

— Oh Esteves, esses livros que aí mandaram para anunciar, leva-os ao Salomão, mas não os largues, pelo menos a dois tostões cada um. Pelo amor de Deus. *Andiamo*!

Mas à porta lamentou não poder acompanhar Artur, porque tinha um *rendez-vous*.

— Sabe o caminho, não é verdade? Bem, amanhã às onze no Espanhol! Almocinho simples. *All right*. Criado de V. Ex.ª.

Mas não veio na manhã seguinte, nem ao outro dia. E Artur, já inquieto, querendo aproveitar também a oportunidade de mostrar estilo, escreveu-lhe um bilhete muito literário: «Decerto os altos trabalhos desse rochedo de Sísifo que se chama a Imprensa, têm-no absorvido, e esqueceu-se que prometeu vir partilhar comigo do *leite e castanhas* de que fala o divino Virgílio... etc.» Tinha fechado o sobrescrito, e limpava com água-de-colónia uma nódoa do *frac* preto para sair, — quando a porta se abriu docemente, e apareceu o Melchior.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

— Ia justamente mandar-lhe uma carta..., exclamou Artur.

Melchior alegou afazeres, uma das suas relações que estivera doente...

— Mas estava a limpar o fatozinho, pelo amor de Deus, não se interrompa! Examinou o *frac*, e observou como entendedor: Isso só com benzina...

Artur corou; atirou o *frac* para uma cadeira, e negligentemente:

— É fato velho, disse, eu tenho de mandar fazer fato...

Melchior tomou um ar muito sério.

— Com franqueza, aconselho-lhe. Em Lisboa é necessário andar bem vestido. Que tal lhe parece isto? E rodava sobre os calcanhares, mostrando um fato de cheviote claro. Muito *chic*, não é verdade? Pois aqui pra nós, mas não o diga, por quem é, não o diga... Dezesseis mil réis. No Strauss eram quarenta. Hein! Que espiga! E em conclusão, provou-lhe que devia fazer fato no «seu homem», que era o Victorino, o Victorino dos Calafates. Está decidido, hein? Vamos ao Victorino?

Artur aceitou logo com reconhecimento — e desceram para o almoço.

O criado pareceu rever com alegria o siô Melchiorzinho. Melchior também se regozijou de encontrar Manuel: perguntou-lhe se ainda estava no Hotel o Vicente... E a Justina, que era tão bem feitinha? Ah, o *Espanhol* já não era o mesmo... Era igualmente a opinião do Manuel. E tiveram ambos um bamboleamento saudoso de cabeça, como se contemplassem ruínas.

— *Usted* é que sabe, suspirou o Manuel, *usted* é que sabe!

O almoço foi longo, copioso, muito saboreado. E com grande prazer de Artur, Melchior falou longamente de Lisboa: o que havia de melhor, segundo ele, era a bela rapaziada!... Porque lá isso de *soirées*, bailes, — histórias! No fim, para que se estava neste mundo? Pra gozar, ter amigos alegres, um bom jantarinho, uma pandegazinha de vez em quando, umas mulherzinhas... E para isso, não havia como Lisboa!...

— O amigo verá!, exclamou batendo no ombro de Artur.

Parecia simpatizar com ele: ao café, mesmo propôs-lhe que deixassem as *excelências*: o melhor era o você cá, você lá, e liberdadezinha... Ele gostava da liberdade...

— Como todo o homem inteligente, e que tem o espírito moderno, disse Artur, que procurava, com insistência, elevar o diálogo.

— Não é lá de políticas que eu falo, acudiu o Melchior, chupando o fundo do cálice de *cognac*: isso, histórias. O que eu digo é cá esta liber-

548: uma pandegazinha] uma panguidasinha

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

dadezinha!... Uma cavaqueira com um bom amigo, uma comidizinha num hotel conhecido, bela rapaziada... O mais é parvoíce!

Artur, que a preocupação poética torturava, disse então, um pouco embaraçado, com um sorriso artificial:

— A propósito de liberdade... Se o meu amigo não acha maçada... queria que me desse a sua opinião, sobre alguns versos... Sobretudo uma «Ode à Liberdade». Talvez não desgoste...

Melchior bebeu dum trago outro *cognac*, e limpando precipitadamente os beiços:

— Às ordens!

Ao subir ao quarto, Artur sentia «cólicas». Ia enfim mostrar a sua literatura a um jornalista, a um crítico, a um lisboeta... Abriu o manuscrito, com uma tremura nas mãos:

— Que tal lhe parece o título *Esmaltes e Jóias*?

O Melchior que se sentara aos pés da cama, pesado do almoço, disse:

— Tem *chic*.

Artur cuspilhou e recitou:

Ode à Liberdade

Ei-la que se ergue na colina santa
A Santa Liberdade,
Contempla o céu, e desgrenhada, canta:
Acorda, humanidade!

E seguia-se, no mesmo desenho estrófico, um longo monólogo da Liberdade: amaldiçoava os Reis, bem dizia os Povos; dizia-se: «Virgem imaculada, Visão aérea, pomba da arca, e bonina do vale»: prometia searas aos humildes, gargalheiras aos grandes; reclamava-se em linha directa da túnica de Cristo e das algemas de Spartacus: e brandindo nos ares da manhã uma espada mística, terminava clamando:

A hora já bateu, o tempo vem.
E podeis com certeza
Ouvir em breve, na cidade além,
Rugir a *Marselhesa*!

— Que lhe parece?, perguntou, ofegante ainda da excitação declamatória.

— Está forte, está forte que tem diabo! E Melchior, olhando-o quase com terror, acrescentou: Safa, o amigo tem ideias muito exaltadas! E logo

558: comidizinha] [*Talvez por* comidazinha. *Conservo, no entanto, a forma do ms. por poder ser intencional como reprodução da fala de Melchior*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

comuna prà frente, hein! Irra! — Mas se me dá licença, escapou-lhe aí uma cacofonia. É quando a Liberdade entra e diz que arrasta o manto... Ora leia...

Artur releu, inquieto: era a sua estrofe querida:

Chamais-me, Cidadãos? Eu aqui estou:
Alas à Liberdade!
Nunca cauda mais pura se arrastou
Nas lajes da cidade!

— Aí está, exclamou o Melchior. Cacofonia! Eu digo isto, desculpe... Mas vê, *nunca cauda*... ca, cau... cacau! Eu peço desculpa, mas às vezes são coisas que escapam. E aqui em Lisboa a crítica começa logo a peguilhar! É muito severa, é de tremer! Começam logo a achincalhar: cacau, cacau do Brasil, chocolate... É o diabo, o amigo dispense-me. São coisas que é necessário muita cautela.

Artur estava escarlate; aquela cacofonia na sua ode, envergonhava-o mais que um piolho na gola: riscou logo o verso com rancor. Aquilo, naturalmente escapara-lhe ao copiar... E para se desforrar — quis ler a «Rosa do Vale».

Mas o Melchior acudiu.

— Olhe que se faz tarde para o Victorino, veja! E com um tom profundo: É melhor irmos ao Victorino!

Como lhe devia uma conta, e o Victorino se impacientava, Melchior aproveitava, com júbilo, aquela oportunidade de «o adoçar», levando-lhe um freguês rico, — e ia pela rua, muito chegado a Artur, aconselhando-lhe despesas:

— Faça casaca, deve fazer casaca! Em Lisboa é essencial... E é a especialidade do Victorino! E apertando-lhe o braço muito grave: E sobrecasaca... É de rigor!

Subiram a um terceiro andar, a uma saleta com transparentes cor de oca na janela, e raros cortes de pano numa prateleira envidraçada; o Victorino, um magricelas cor de limão, recebeu-os aos pulinhos sobre a sua muleta: havia um vago cheiro de refogado: num quarto próximo, sentia-se o rabujar duma criança, o *tic-tac* duma máquina de costura — que lembrava a Artur, o estabelecimento triste do Serrão, o seu alfaiate em Oliveira. Desejaria ter ido a algum armazém célebre, com rumas de fazenda no chão, figurinos nas mesas, e altos espelhos; — mas dominado pela loquacidade do Victorino, pelos conselhos entusiastas do Melchior, na vaga inércia mole que lhe dera

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

o almoço e o sol cálido da rua, consentiu em encomendar uma casaca, sobrecasaca, calça, um fato de mescla – muito descontente com as fazendas: aludiu mesmo, mais por complacência com o Melchior, do que por influência do seu antigo sonho a um *robe-de-chambre*, de trabalho, apertado por cordões de borlas.

– Também se lhe faz, também se lhe faz, acudiu o Victorino, excitado.

– De veludo, disse timidamente Artur.

– Cáspite! exclamou o Melchior curvando-se profundamente. Que freguês, hein! Daquilo não pilhava o sô Victorino todos os dias!

Victorino correra a buscar amostras de veludilho; – e do quarto próximo, saiu uma mulher bem feita e de pele muito branca, com uma criança ao colo, estremunhada, toda rabujenta. Melchior abriu vivamente os braços, com uma exclamação:

– Viva o fidalgo! Então como vai, Sr.ª D. Teresa? Como vai isso?

E precipitou-se a beijocar o pequerrucho; chamava-lhe *seu caro amigo*, fazia *beribau* no beiço, cócegas na barriguinha – roçando-se muito pela mãe.

– Tem estado com uma perrice, disse ela.

– Seu maroto! Seu maroto, roncou o Melchior com voz de papão. E mostrando-o a Artur: Que beleza, hein?, que beleza!

O pequeno, assustado dos bigodes do Melchior, recomeçou a berrar. O jornalista, então, muito servil, afagava-o, fazia, *glou! glou!* com a língua; seguiu mesmo a mãe ao quarto dentro, apalhaçando-se, e decerto para acalmar a criança, pôs-se a repenicar na viola francesa, cantarolando um fado de pretos.

O Victorino, diligente, ia tomando as medidas a Artur:

– É cá muito da casa, o Melchior! Grande cabeça! A calcinha larga em baixo, hein?

– Sim, larga...

– Há-de ser servido a preceito...

Quando saíram, a D. Teresa veio até ao patamar: o pequeno sossegara, com duas grossas lágrimas nas pestanas. Melchior puxou-lhe as rosquinhas do pescoço, lambuzou-lhe a face de beijocas; chamava-lhe *amor, príncipe* – apertou muito a mão ao Victorino, falou-lhe ao ouvido, abraçou-o mesmo pela cinta.

– Grande gente, dizia, descendo a escada.

– E a mulher não é feia! – observou Artur.

– Trago-a de olho – disse o Melchior.

Na rua do Ouro, pareceu espantado de serem já três horas.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

– Que diabo, tenho *rendez-vous* às três e meia!

Não ocultou mesmo que era questão de «fêmea». Mas custava-lhe largar o amigo Artur! Que bela manhã tinham passado, hein! Caramba, podiam fazer uma coisa! Ele vinha buscá-lo às cinco, e iam ambos jantar ao Hotel Universal! Havia de ver que jantar! E que bela rapaziada! Valeu, hein? Às cinco!

Artur voltou logo ao hotel: a cacofonia da «Ode à Liberdade» desde manhã torturava-o: e como esperava ler os outros poemas ao Melchior, toda a tarde curvado sobre o manuscrito, de lápis na mão, – com a atenção esmiuçadora dum jardineiro sobre um canteiro de rosas – catou cacofonias nos versos.

O Melchior, muito pontual, encontrou-o ainda trabalhando:

– Com os versinhos a contas, hein? Sentou-se pesadamente na cama, e retorcendo os bigodes: E que tal de mulheres lá por Oliveira?

– Um horror!

– Pezinho descalço, cheirinho a suor!... E reclinando-se, com satisfação: Não deixa de ter cabimento...

Artur achou-o «grosseirão», mas sorriu, para o lisonjear, – disse que desejava ler-lhe a «Rosa do Vale».

– Olhe que se faz tarde para o Universal!, exclamou logo Melchior, pondo-se de pé. Arriscamo-nos a não achar lugar no *Universal*! No *Universal* é muito sério!

Deu uma penteadela rápida no cabelo, nos bigodes – e olhando-se, satisfeito, ao espelho:

– Verá que rapaziada! Muito *chic*!

Artur lembrava-se das descrições do Rabecaz: decerto ia encontrar no Universal literatos, deputados, diplomatas, cantoras, um mundo de civilização superior – e estava envergonhado do seu *frac* preto. Quis ao menos comprar luvas claras...

– Homem, disse Melchior, também eu preciso luvas!

Mas, que ferro, tinha-lhe esquecido dinheiro!... Artur, imediatamente, antes de entrar na loja, ofereceu o seu *porte-monnaie* aberto. Que diabo, entre rapazes...

– Você calha-me, Artur, você calha-me, exclamou o Melchior, com um ímpeto irreprimível de simpatia.

702: ímpeto irreprimível] ímpeto irrepremível

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

E ambos, de luvas claras, subiram o Chiado, de braço dado, – decidindo tacitamente estimarem-se.

Tinha-se servido a sopa quando entraram na sala do Hotel. E no primeiro relance, o aspecto da mesa, com brilhos de vidros e de *plaqué* sob a luz crua dos lustres de gás, os ramos de flores fazendo centro à ordenação das sobremesas, as pessoas bem vestidas, que julgava ilustres, e as gravatas brancas dos criados, deram-lhe um vivo deslumbramento, e ficou junto da porta um pouco embaraçado, passando com um gesto errante os dedos pelo bigode.

Mas Melchior, que se apossara de duas cadeiras ao pé dum sujeito pálido, disse muito alto:

– Para aqui amigo Artur, ficamos aqui ao pé do Carvalhosa!

Ao adiantar-se, perturbado, tropeçou com um criado que se voltou furioso: e o Melchior imediatamente apresentou-o ao senhor Carvalhosa, deputado.

– Eu conheci V. Ex.ª em Coimbra, – disse Artur com um esforço, corando.

Conhecera – quando o Carvalhosa publicava meditações democráticas na «Ideia», fazia discursos líricos no Teatro Académico, e era ilustre por vícios que lhe tinham deixado para sempre na face uma amarelidão de ético. No terceiro ano levara um R: – e passou desde então por ser, na *Briosa*, o republicano mais ardente. Nomeado deputado do Governo por influência dum tio, apresentado em Lisboa a pares do Reino, introduzido em algumas casas onde recitava, entusiasmou-se pelo Paço, e pelas Instituições. Tinha uma gula imensa da pasta da Marinha – e falava *de papo* sobre questões de política, à porta da casa Havanesa, torcendo a ponta da pêra, com os dedos queimados do cigarro. Era conhecido pelas suas imagens –safadas pelo uso de gerações, como velhos patacos do tempo do Sr. D. João VI, e os jornais faziam sempre preceder o seu nome do adjectivo *inspirado*! Abaixou a cabeça a Artur e falou um momento a Melchior, com condescendência, como do alto duma nobre escadaria intelectual. Era da Província, vivia na Província: e sentia-se bem, ao ouvi-lo, que os proprietários graves de

716: apresentou-o ao] apresentou ao [*Lição conjecturada por lapso do autor*].
723: terceiro ano levara] terceiro levara [*Idem*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Arcos-de-Valdevez deviam dizer dele na Assembleia, com admiração e desconfiança: — Grande cabeça, mas muito poeta!...

— Então deixou Coimbra? — perguntou ele a Artur.

— Há dois anos...

Melchior apressou-se a citar, com um ar engraçado:

Coimbra, terra de encantos
Do Mondego alegre flor...

Artur terminou logo:

Venho pagar-te em meus cantos
Tributos do meu amor...

E o Carvalhosa, emendou:

Venho pagar-te em escarros
Tributos do meu rancor.

— Brava! Brava!, exclamou o Melchior com ruído. Essa é das boas!...

Aquele curto fragmento de diálogo também pareceu a Artur muito fino, muito de capital; e recostou-se na cadeira com uma satisfação comovida. Toda a sua vaidade se dilatava ao sentir-se ali, a uma mesa rica, entre indivíduos que supunha personagens da Política, das Letras, ou da Finança: todos os detalhes lhe agradavam — a luz forte do gás, os molhos, a atenção dos criados, os sifões, mas movia os braços com um cuidado acanhado, como se receasse quebrar porcelanas, observando-se, impondo-se modos delicados; e a sua alegria foi grande — quando um sujeito que estava ao seu lado, lhe disse com amabilidade:

— Então mais descansadinho da sua jornada?

Não o tinha reconhecido! Era o sujeito que no *wagon* trazia o cãozinho no cesto. Falaram das fadigas do comboio, do cão, da chuva no Entroncamento, e Melchior, reparando no diálogo, estendeu precipitadamente a mão, por trás da cadeira de Artur, exclamando:

— Oh João Meirinho, desculpe homem, não tinha dado por você.

— Lá vi, lá vi, disse logo o Meirinho, com o seu rosto nutrido, húmido de reconhecimento, lá vi. Muito boa notícia. Todos gostaram muito. É de amigo, é de amigo! E indicando Artur: Fomos companheiros de viagem.

Artur, lembrado agora da notícia que vira compor no «Século», ficou todo alvoroçado em conhecer aquele «ornamento do *high-life* estimado em tantas capitais da Europa...» Julgou delicado dizer-lhe:

— Eu tinha lido a notícia.

761: estendeu precipitadamente] estendeu precipitamente

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

— Fazem-me o favor de me estimar, disse o Meirinho enternecido, fazem-me o favor de me estimar!...

Tornou-se então muito afável com Artur; ofereceu-lhe da sua água *Apollinaris* para misturar com o vinho: deu-lhe mais notícias do cãozinho; tinha chegado óptimo, fazia o regalo das meninas!... Era um amor!

Depois falou de si. Havia muita verdade na notícia do «Século»: em geral era estimado; e a razão era esta: — é que gostava de obsequiar! Não imaginava, por exemplo, as encomendas que trouxera de Paris! Vivia em Paris, modestamente porque não era rico, bom Deus, longe disso! Mas vinha de dois em dois anos a Lisboa. Paris, que deliciosa terreola, não é verdade? Ah, tinha lá bons amigos!... Até o Duque de Grammont lhe dizia sempre: — *Mérignô, vous êtes tout-à-fait des nôtres*!... Ah, lá isso, era estimado... Mas, no fim, este cantinho do nosso Portugal era muito apreciável. E depois havia outra coisa, é que em Lisboa não sofria tanto de nevralgias...

Falando com uma voz baixa, afectuosa, acariciando a sua bela barba loura com a mão bem tratada, onde reluzia um brilhante, tinha na sobrecasaca a roseta da Comenda de Carlos III de Espanha. E era tão afável que ao assado já dizia a Artur — «meu prezado amigo, meu bom companheiro de viagem!» Quis saber se ele vivia em Lisboa...

— Não? Ah, a Província é muito apreciável... Há muita bondade nas nossas províncias, muita bondade. Eu por exemplo...

Interrompeu-se para responder a um sujeito de aspecto pomposo, belo rosto cor de cera, e bigodes tão lustrosos que pareciam envernizados — que do outro lado da mesa lhe perguntava por que não fora na terça-feira a casa da D. Joana Coutinho?

— Não pude, meu bom Padilhão! A senhora Marquesa não consentiu, positivamente não consentiu. Tínhamos uma deliciosa partida de manilhas...

Pediu então detalhes da *soirée*: o D. Frederico ralhara muito ao *whist*? Tinha estado a divina Viscondessinha de Lordelo? E tu que fizeste, Padilhão?

O indivíduo alteou o peitilho, lustroso e muito decotado.

— Na terça-feira passada? «Oboé» e «Emília das Neves». Gostaram muito.

— Conhece a D. Joana Coutinho, perguntou Meirinho baixo a Artur.

Não.

Ah, pois era um salão adorável. Excelente música, lindas mulheres, dançava-se, recitava-se, iam muitos estrangeiros... «Deliciosas terças-feiras», disse com beatitude, cerrando os olhos.

782: *vous êtes tout-à-fait*] *vous êtes toutafais*

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Sob a influência daquela intimidade e do jantar, Artur aclimatava-se: tinha mesmo perguntado, acentuando o seu desembaraço, a Carvalhosa:

— V. Ex.ª não voltou a Coimbra?

— O forçado livre não revisita as galés, respondeu o Carvalhosa, secamente.

Artur procurou uma frase pitoresca; — não a achou, e calado, começou a escutar aqui, além, curiosamente, as conversações; interessavam-no prodigiosamente: e nas palavras triviais, novas para ele, parecia entrever, sob as amplificações da imaginação, revelações de existências superiores; uma discussão ao alto da mesa, sobre a dissolução da Câmara, cheia de nomes de Ministros e de citações de oradores, deu-lhe a admiração da Vida Política, com domínio de personagens fortes, pitoresca pelas emoções da intriga, enobrecida pelos idealismos da eloquência; sujeitos que falavam pesadamente de Bancos, letras, fundos, corretagens, interessavam-no pela Vida Financeira, onde decerto se revolvem milhões, e o génio dos Nucingens, como em Balzac, cria tesouros; ao seu lado uma questão sobre S. Carlos excitou o seu amor do teatro, Meirinho recomeçara os elogios às terças-feiras da D. Joana Coutinho, e a Vida Social aparecia-lhe com todo o romance dos amores aristocráticos, acompanhada de árias aos pianos, em salas espelhadas, onde se movia, graciosamente, a gentil senhora vestida de xadrez. Que pouco tinha pensado nela no primeiro deslumbramento que lhe dera Lisboa: decerto, muitos daqueles homens a conheciam; mas eram todos de meia-idade, de figura fatigada, com interesses positivos, e não teve ciúmes de que nenhum a interessasse: e de todo aquele «cavaco» ruidoso se desprendia para ele o indefinido conjunto da vida de Lisboa, complexa, intensa, forte, dramática, — e nela, como num fundo luminoso, destacava-se a figura delicada da senhora de vestido de xadrez, que adorava agora, naquela dilatação de sensibilidade, que lhe dava a excitação do jantar.

Tinha-se servido o café: uma vozearia erguia-se no fumo alvadio dos charutos: com os cotovelos na mesa, em atitudes pesadas de fartura, sujeitos falavam em intimidade: ao topo da mesa, numa altercação áspera, um indivíduo de lunetas gritava se o tomavam por tolo; um homem, de pele corada, enfartado, arrotava tranquilamente; o Padilhão queimava *cognac* no café: e o Melchior, excitado, discutia, com o Visconde, em palavras muito cruas, as pernas da Vizento, dançarina.

Mas o Meirinho erguera-se, e indo bater-lhe no ombro:

— Você quer vir cá baixo ao quarto do Sarrotini? E mais cá o amigo? — e dava palmadinhas no ombro de Artur.

— Pronto, exclamou o Melchior. E de pé, puxando as calças, com o charuto flamejante, — E daqui para S. Carlos, Artur, hein! Vai dia cheio.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Chamou o criado: Dá a conta a este senhor, Vicente. Depressa, hein!... Bom jantarinho, Meirinho.

Artur também o achara excelente.

— Melhor que o Espanhol, acudiu Melchior, não é verdade? Você o que devia era vir para cá para o Hotel, Artur. Aqui goza-se.

Meirinho disse, com autoridade:

— E para quem se quer relacionar, nada melhor...

Artur já entrevira, com delícia, aquela possibilidade. E descendo para o quarto do Sarrotini, o tapete do corredor, o retinir duma campainha eléctrica, um criado apressando-se, com um tabuleiro onde tilintavam louças, o som distante dum piano, iam-no persuadindo tentadoramente: que interessante viver ali!

— Quem é o Sarrotini?

— O segundo baixo de S. Carlos, disse o Melchior, grande pândego!

Abriram a porta: mas o Melchior, avistando logo um sujeito de gaforinha frisada que fumava languidamente estendido no sofá, não entrou: tinham de ir a S. Carlos, não se podiam demorar. O Sarrotini, de jaquetão de veludilho, sobre calças cor de flor de alecrim, grosso e vermelho, abraçou Melchior, «el ilustre periodista», apertou a cinta de Meirinho, «diletto amico», deu um *shake-hands* apaixonado a Artur, falando um italiano misturado de espanhol, verboso e jovial.

Artur olhava curiosamente a saleta: pessoas conversavam, vivamente, bebendo café; em torno das luzes do piano aberto, havia uma imponderável névoa de fumo de charuto; um sujeito de óculos de ouro, preludiava, com o olhar errante no tecto: sobre uma mesa estava uma rabeca: livros de música enchiam uma poltrona; e de pé, com gestos vivos, um rapaz de fato claro falava, violentamente: questionava-se pintura; — e Artur, entusiasmado, ouvia os nomes de Courbet, Corot, Delacroix; o indivíduo atacava Ary-Sheffer, a sua concepção plástica da figura de Cristo...

— Toda a plástica da legenda cristã deve ser alterada! — disse uma voz, indolentemente.

Era dum sujeito, que enterrado numa poltrona agarrava o pé com as duas mãos.

— Toda!, exclamou o de fato claro. O Cristo deve ser pintado realistamente, como era: o Cristo de Ary-Sheffer é ridículo: bonito, muito lavado, com os cabelos bem penteados apartados ao meio, a túnica bem escovada, o olhar amorosamente erguido... Parece que o Redentor acaba de sair, de se pentear no Godefroy, e está namorando para a janela do Universal...

Riram.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

— Eu, continuava o outro exaltado, pintava-o afogueado e queimado pelo sol da Síria, com a barba esquálida, os olhos inflamados da irradiação do deserto, a túnica com marcas de suor e de azeite, e todo cheio de vérmina. De resto Jesus devia ser medonho — uma vez que encarnava todas as misérias e as deformidades humanas.

Artur conteve-se para não aplaudir. Mas tinha-se feito *chut!* E um moço pálido, com um buço, aproximou-se do piano: ajeitou os cabelos para trás da orelha com um gesto doce, falou baixo ao pianista de óculos, — e cerrando os olhos, com a cabeça inclinada, os lábios entreabertos, cantou; pela letra, Artur reconheceu que devia ser um dueto do *Romeu e Julieta*: era uma melodia duma adoração mística e contemplativa: e a voz do moço pálido subia, numa suplicação extática, — ao dizer:

Ce n'est pas l'alouette
Non, ce n'est pas le jour
C'est le doux rossignol, confident de l'amour.

Artur escutava, encantado: parecia-lhe, no ritmo da música, dois braços trémulos elevarem-se, dos degraus duma escada de rede, para um balcão gótico, donde debruça uma forma branca — enquanto o rouxinol canta em maciços dum antigo jardim. — Mas Melchior fechou a porta, e travando-lhe do braço, foi-o levando pelo corredor, ainda deslumbrado daquela *soirée* de Literatura e de Arte, tão rapidamente entrevista.

— Aquilo é que é passar noite, disse ele.

— O amigo devia vir cá para o Hotel, disse o Meirinho.

Melchior insistiu, — que era o melhor. Artur, com um vago sorriso, antevia *soirées*, assim com conversas originais, escutando música, na preguiça terna de digestões ricas.

— Talvez não haja quarto, — disse, já seduzido.

— Ora essa! exclamou o Meirinho. E como o guarda-livros passava, assobiando, chamou-o logo, levou-o para um canto, e, como se tratasse um negócio grave, falou-lhe com animação: era um hóspede a mais; e ele o que queria é que o hotel prosperasse, hein! E esperava que compreendessem que fazia tudo para chamar hóspedes. O guarda-livros tinha justamente no terceiro andar «um quartinho a calhar». Melchior, que se deleitava à ideia de vir jantar repetidamente com o Artur, exclamou «que deviam ir ver já, queria dar o seu parecer...»

910: na preguiça] na perguiça
915-16: o que queria] o queria [*Lição conjecturada por lapso do autor*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Era um quarto com estofos de *reps* azul, e janela para a rua. A mobília, que à noite, ao gás, lhe parecia ter um tom rico, tentava-o. Mas a despesa! No fim, pensava, era indispensável viver ali, para as suas relações literárias... Era mesmo hábil. Depois um artista deve estudar a vida, nas suas pobrezas — e nos seus luxos...

— Tem por vizinha a Baretti, a segunda dama, — disse o guarda-livros, piscando o olho.

— Rica mulher, caramba, fez o Melchior.

Meirinho tocou maliciosamente no braço de Artur:

— É o que lhe convém.

E aquela proximidade duma cantora bonita, decidiu Artur, imediatamente.

Meirinho, que voltava para o quarto do Sarrotini, foi-os acompanhar até à escada. Parecia mais afeiçoado a Artur desde que Melchior lhe dissera, rapidamente, que o rapaz «herdara um fortunão do padrinho». Apertou-lhe extremosamente a mão, disse-lhe:

— E à mesa hei-de lhe guardar um lugarzinho ao pé de mim. É pra o que quiser... Eu, o meu forte é obsequiar... Hei-de levá-lo à D. Joana Coutinho.

Artur fez-se vermelho de prazer. Via-se já lá, numa *soirée*, a um recanto menos alumiado, murmurando palavras poéticas, junto ao rosto da senhora vestida de xadrez, que sorria, por trás do leque.

— Parece-me uma boa pessoa este Meirinho, disse ele na rua ao Melchior.

O outro disse, soltando uma baforada de fumo:

— Espertalhão!

Considerava já Artur como *seu* — e a influência nascente do Meirinho, dava-lhe um descontentamento ciumento.

— Grande espertalhão, acrescentou.

E começou a explicar por que não quisera entrar no quarto do Sarrotini: é que estava lá a besta do Guerreiro Mendes... E fazia-lhe mal aos nervos aquele animal...

Artur admirou-se: o Guerreiro Mendes, o autor de *Margarida*, um romance duma paixão tão intensa, à Werther?

— É uma besta!, resumiu com tédio o Melchior — que antes do jantar lhe parecera tão cheio de bonomia, e que agora sob a acção do colares e do

921-22: A mobília, que] A mobília, a que
947: como *seu* — e a] como *seu* e e a

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

cognac tinha nas expressões e nas opiniões uma dureza irritada. — Aí tem você, S. Carlos, *chic*, hein?

Levou-o logo ao bilheteiro a comprar duas cadeiras do lado do Rei — o diabo do Savedra não largava a cadeira do «Século». Em baixo, pediu ao «porteiro amigo», a quem bateu familiarmente no ombro, o binóculo do sô Mesquita; apagou o charuto meio fumado, que guardou a um canto — porque «os tempos não estavam para desperdícios», e tendo cofiado os bigodes — empurrou o batente verde.

Como Artur escreveu, no dia seguinte, ao Rabecaz, «ficou deslumbrado com S. Carlos, com a majestosa arquitectura dos camarotes, a vastidão do palco, com a soberba tribuna, e aquela sociedade elegante, silenciosa, escutando uma divina música, era realmente, amigo Rabecaz, verdadeiramente imponente!».

Cantava-se a *Africana*: o pano erguera-se para o segundo acto. Sentindo-se olhado, ao atravessar para a sua cadeira, Artur, atarantado, com todo o sangue nas faces, ia pisando sujeitos.

— Oh senhor, exclamou um, torcendo-se furioso.

Artur, nem pôde «pedir perdão», aflito. E imóvel na sua cadeira, com o chapéu nos joelhos, o espírito esmagado, pasmava para uma decoração de cárcere, onde uma dama gorda, cor de cobre, barbaramente ornada, junto a um catre onde um homem dormia, balançava cantando um leque de plumas: a sua voz cálida, revibrante nos agudos, lasciva nas modulações doces, deu-lhe um arrepio de emoção.

— É a Sassi, disse-lhe baixo o Melchior. Que lhe parece o teatro?

Artur fez apenas um movimento admirado, com as sobrancelhas. Como lhe disse o Melchior, «todo o acto esteve embatucado». Os personagens, com os seus gestos melodramáticos, pareciam-lhe mover-se vagamente, na instrumentação substancial e massiva, como numa atmosfera sonora, de sonho. Olhava a decoração, as passadas selvagens de Nelusko, as duas colunas do proscénio, tocadas de alto a baixo dum vivo de luz, em camarotes, que lhe pareciam muito distantes, as palidezes especiais que dá ao rosto o pó-de-arroz sob a luz do gás, as *nuances* de seda, envolvido numa harmonia magnífica e incompreensível, em que às vezes seguia um momento melodias

960: pediu ao] pediu ao ao
963: estavam **para** desperdícios] estavão desperdícios [*Lição conjecturada por lapso do autor*].
986: em camarotes] em camara [*A palavra ficou incompleta por mudança de folha; conjecturo* camarotes].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

delicadas, que os tumultos da instrumentação bem depressa absorviam, e a magnificência orquestral, junto à riqueza social, que sentia em redor, davam-lhe uma opressão. Quando o pano desceu respirou com alívio.

— Vamos a ver o gado, disse logo Melchior, erguendo-se. Saudou em redor com a mão. Olá Visconde, Viva amigo Silva, — e depois de examinar rapidamente os camarotes, declarou com desdém que não estava ninguém decente, e que «ia acabar o charutinho.»

Intimidado, pela sussurração da plateia levantada, — Artur não se mexeu: os seus olhos saciavam-se em detalhes, sofregosamente, — na alta disposição dos camarotes dum tom rico e escuro, no lustre, com fulguração de pingentes, pondo na tonalidade sombria, relevos claros de envernizado branco, e dos dourados antiquados, na gravidade monárquica da tribuna, desdobrando a sua cortina de veludo cor de cereja, entre as cariátides mamíperas. Sobretudo as mulheres impressionavam-no: na compostura dos seus movimentos, na brancura dos seus pescoços, sentia a influência das genealogias, que as enobreciam, e dos palacetes que habitavam: admirou as luvas de oito botões, formas de penteados; quereria saber o que diziam, por que sorriam. Estaria *ela*? Procurava-a até nas torrinhas, com o binóculo. Não a viu — e sentiu uma vaga melancolia. O jantar — pesava-lhe um pouco, o calor amolecia-o. Nas bancadas clareadas, reparava agora em homens, de cabelo lustroso e bem cortado, com peitilhos resplandecentes, atitudes lânguidas. O seu fato coçado separava-o daquela sociedade bem vestida, com *ruge-ruges* de seda, gravatas brancas: havia em todas aquelas pessoas como a afinidade duma frequentação permanente: conheciam-se: sabiam, uns aos outros, os sentimentos, os rendimentos, os timbres de voz, as parentelas: sentia-se vagamente um intruso —: desejou ser titular — e que o Victorino lhe mandasse depressa a casaca. Depois sentia, naquela sociedade, instintivamente, uma indiferença pela Arte, pela Poesia, pelo Génio: havia nas maneiras alguma coisa de fictício, incompatível com as preocupações do Ideal: nas conversações, alguma coisa de ligeiro, que denunciava a trivialidade das ideias. Parecia agora que o seu livro, os *Esmaltes e Jóias* — toda a sua poesia, o seu drama, não seriam bastantes, para interessar aquelas indiferenças como, ai, o seu dinheiro era insuficiente para igualar aquelas elegâncias... Veio-lhe uma vaga tristeza pelas excelências do seu coração, desconhecidas, as cintilações do seu talento, inéditas. E, triste, com a desconsolação de estar mal vestido, de ser obscuro, olhava o braço do rabecão, apoiado à grade da

990-91: e a magnificência] e a magnifencia
998: olhos saciavam-se] olhos sacião-se
1008: pesava-lhe um pouco] pesava-lhe o pouco

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

orquestra, pensando no seu quarto em Oliveira, nas noites vibrantes de trabalho — em tantas imaginações, então, que agora a presença duma burguesia rica, próspera, e aparentada, lhe fazia parecer irrealizáveis. E quase lamentava Oliveira, como um elemento natural em que não contrastava.

Mas os músicos, saindo debaixo do palco, instalavam-se: afinações de rebeca corriam na orquestra: entrava-se; e o pano erguendo-se devagar, descobriu um galeão.

Soldados com mosquetes passeavam, no castelo da proa; num cubículo baixo, um fidalgo de gibão de veludo, e gorra de pluma, media com um compasso sobre um mapa: e cercada de comparsas de faces avelhadas e gastas, uma dama gorda cantava, sentada, numa postura de sarau.

A desafinação dos coros irritava os diletantes: havia *obs!* de escárnio. «Que escândalo», rosnava-se grossamente, com indignação. «Ih Jesus!», gania-se com arrepios. Melchior, afectando um horror de crítico, tapava os ouvidos. A dama corava, empalidecia, via-se-lhe um suor aflito — e não tirava de sobre o seio bojudo uma mãozinha papuda. Mas uma sineta deu um toque melancólico, e soldados, marinheiros, começaram, num canto, largo, a orar a S. Domingos. Então tacões patearam. Um sujeito ao lado soltou uma obscenidade irritada. Melchior mexia-se para os lados acusando o ensaiador, a empresa, o Governo — e enterrando-se na cadeira com uma resignação sombria:

— Isto nem é S. Carlos, nem é nada! É uma choldra!

No entanto Nelusko, aparecendo junto ao mastro, à proa, soltava numa grande atitude, o seu *Alerta!*:

Alerta marinari
Il vento cangia.

Apitos de manobras silvaram — e na orquestra passaram rumores dum mar negro que brame sob a cerração que carrega.

Artur, entusiasmado, achava-se em plena *História Trágico-Marítima*. O período das Descobertas, que conhecia por fragmentos, sempre tivera para ele uma poesia emovente, e a antiquada estrutura do galeão, o farol primitivo no castelo à proa, atirando a primeira luz às águas virginais, as plumas dos fidalgos, davam-lhe uma visão de navegação heróica: parecia-lhe ver as caravelas do Gama, passando o Cabo: sentia a oração dos homens com um grande medo no coração; o bradar do mar, dando em vão nos penedos,

1027-28: a presença [...] lhe fazia] a presença [...] lhe fazião
1033: num cubículo] num cubico
1040: empalidecia, via-se-lhe] empalidecia, via-lhe [*A conjectura impõe-se por necessidade de adequação ao contexto* : rosnava-se [...] gania-se].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

gritos que pairavam no ar e são a alma errante dos mestres naufragados, — e aquelas imaginações da arte exaltavam-no retrospectivamente pela realidade da História.

— Magnífico, Melchior, disse baixo.

O outro acotovelou-o.

— Veja-me agora isto.

Era Nelusko, que entre a marinhagem apavorada, com gestos temerosos, e cavidades de voz, cantava a cólera de Adamastor. Palmas estalaram, houveram *bis*. O ruído aplaudidor electrizou Artur. — Invejou a glória dos *maestros*. Nelusko, com o suor luzidio sobre a face acobreada, agradecia curvado: e a respiração ofegante erguia-lhe sobre o peito os colares de contas barbaramente coloridas.

Mas o tenor, depois, desagradava: um murmúrio hostil correu, nas cadeiras. — E quando, entre tiros de arcabuzes, o pano desceu, Melchior agarrou o chapéu.

— Ora cebo para esta *Africana*! Vamos a um cigarrinho lá fora.

Artur seguiu-o: estava vagamente fatigado da atmosfera do gás sobrecarregada de respirações, da admiração, do *colares*. Aquela música forte, ressoando muito perto dos seus ouvidos, atordoava-o: não encontrara a sensação pura que lhe davam as melodias que conhecia da *Lucía*, da *Sonâmbula*, que lhe espiritualizavam o cérebro, e davam às suas ideias, na alegria ou na melancolia, um ritmo cantante.

E no pequeno patamar de pedra, em cima, junto ao bico de gás, fumava, calado, ao pé do Melchior, com um amolecimento de todos os músculos, um vago bocejo geral.

Um sujeito que descia das ordens superiores embrulhando um cigarro «pediu-lhe o favor do seu lume».

A sua cabeleira, que parecia estopa negra, saía fora da aba do chapéu. Era baixo, seco, com uma face trigueira e rapada de seminarista. Usava lunetas azuis: e a gravata de *fustard*, com pintas brancas, caía-lhe num laço fofo, sobre a sobrecasaca, estreita, apertada alto.

Agradeceu, e desceu.

— Olha que melro, rosnou o Melchior.

— Quem é?

O Jácome Nazareno, um republicano, da súcia do Matias, — um malandro, já se sabe.

1081: davam às suas ideias] [*O autor escreveu* movimento *na entrelinha superior, de modo que se poderia ler* davam movimento às suas ideias. *Porém, não riscou, no fim da frase, o sintagma* um ritmo cantante. *Parecendo-me um caso de hesitação entre* movimento e ritmo cantante, *decidi não transcrever o acrescento e manter a frase na sua primeira forma*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Artur quis vê-lo: desapareceu, na multidão escura, de chapéu alto, que ao fundo dos degraus de pedra se movia num rumor grosso, donde subia uma fumaça de cigarros.

O Melchior, que parecia detestá-lo e temê-lo, dizia que era um desses *meninos*, que tramavam contra o rei, contra os fidalgos, queriam a Comuna...

— Que está você para aí com a Comuna, seu Melchior?, disse, parando, um indivíduo, alto e de peito côncavo, que trazia a gola do *paletot* erguida: tinha o nariz afilado, e tossia secamente...

— Olá, Inglês, fez o Melchior, por aqui! Está cá a pequena?

O sujeito tossiu, cuspilhou:

— Está lá em cima com a Lola. A sua voz rouca parecia difícil, de respiração escassa: os lábios, entreabertos, anémicos, mostravam os dentes, mal tratados.

— E como vai isso?, perguntou o Melchior.

O outro encolheu os ombros, com um jeito triste de beiços.

— Menos Vénus! Menos Vénus, exclamou o Melchior chalaçando.

— Seu gajo!, fez o outro, dando-lhe uma palmadinha no estômago, com um tom canalha.

E curvado, tossindo, subiu devagar para os camarotes.

— Está com a Concha, disse logo o Melchior, uma beleza, menino, a melhor espanhola que tem vindo a Lisboa. Que ele está aqui — está na cova! Mas a Concha!... E muito entusiasmado: — Vamos a ver se a pescamos!

Entraram. Melchior, de pé, com o binóculo explorava as torrinhas: queria que o Artur a visse! Era de endoidecer, uns modos de duquesa, uns olhos, uma cintura!...

Não a descobriu — e o pano ergueu-se.

Com finas arquitecturas ornadas de monstros quiméricos e de ídolos hieráticos, entre palmeiras cor de bronze, e florescências sanguíneas de cactos, esbatia-se, numa pulverização de luz abrasada, uma névoa imponderável de oiro faiscante.

Pausadas teorias de sacerdotes, com barbas de crepes, entraram: magros guerreiros correram com gestos desengonçados; e as *bayaderas*, as carpideiras, formavam o bailado, que ora parecia um rito nupcial, ora um cerimonial funerário: cambraietas esvoaçavam mostrando o negro e o branco: discos de metal retiniam: e a instrumentação, o canto, tinham gravidades de santuário, e molezas de serralho.

1125-26: de cactos, esbatia-se] de cactos, esbatião-se

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Em redor, com risadinhas, comentavam-se as dançarinas: havia exames lúbricos de pernas e de quadris; e Artur impacientava-se daquelas relices de luxúria cortando, sujamente, a eloquência da orquestra.

Escutava, imóvel, com a pele arrepiada de admiração, devorando a decoração ardente, o girar das dançarinas; e vinham-lhe pensamentos, reminiscências, sentimentalidades vagas — dispersas logo às rajadas da instrumentação. Todo o seu ser, levado nas massas de harmonias, vibrava das emoções que elas continham: os seus ombros vergaram-se, quase, num movimento de adoração, ao aparecer de Celina, triunfal no seu *palkê*, refulgente de pedrarias, sob docéis de plumas: teve o êxtase de Vasco da Gama, ao penetrar num recanto do bosque sagrado, em que os aromas têm uma sensualidade venenosa, e gorjeios raros erram numa flora flamejante, e águas brandas gotejam de taças de jaspe; as largas frases de Nelusko encheram-lhe o peito do sopro das paixões grandiosas; sentiu, com o dueto, todas as febres dum amor asiático e mortal; e quando, aos cantos suaves do galeão que se afasta, o pano desceu, ficou como esmagado, com um cansaço de alma, piscando os olhos, ainda cheios dos deslumbramentos da decoração, trémulo de todas as sensações sobrenaturais que percorrera.

O Melchior estava desesperado com o tenor, tinha vontade de lhe dar uma desanda... Um sujeito, com tons oleosos na pele, e um raminho de alecrim no *frac*, quis aplacá-lo, era tão bom rapaz, o tenor...

— Eu não lhe vou às ceias, eu não lhe vou às ceias, interrompeu o Melchior, irritado, saindo.

— Olha o asno do Melchior, dizia o sujeito, olhando em redor, atónito. Forte asno! Que quer ele?

E ia seguindo, ao comprido das cadeiras, com grandes gestos, explicando aos que o interrogavam sobre a sua cólera:

— É o asno do Melchior! Que quer ele? Forte asno.

Artur examinava preguiçosamente os camarotes — quando de repente, na primeira ordem à esquerda, a viu, a *ela*, à senhora de vestido de xadrez! Que surpresa! O binóculo tremia-lhe na mão. Estava com outras senhoras, uma de idade, de lunetas de ouro, e decerto até aí conservava-se ao fundo do camarote. Com as costas para o palco, voltava o rosto, levemente, olhando em baixo a plateia: tinha o vestido dum cor-de-vinho escuro: a luz contornava docemente a adorável redondeza do seu ombro: a manga punha em redor do cotovelo um fofo de rendas brancas; e com a mão nua, onde

1137: pele arrepiada] pele arripiada
1143: o êxtase] o extasi
1154: alecrim no *frac*] alecrim do *frak*

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

reluziam anéis, batia o veludo do rebordo, devagar, distraidamente, como o teclado dum piano. Toda a fadiga, a melancolia, de Artur desapareceu: as coisas ambientes adquiriram um encanto inesperado, uma luz mais viva saiu do lustre: já se não sentia isolado, nem obscuro: ela decerto se lembraria, repetiria o doce olhar da estação de Ovar: queria atraí-lo, aquele olhar: fitava-a com intensidade, com magnetismo: tinha vontade de bater as palmas, dar-lhe um grito: empurrou violentamente uma cadeira — e ao lado, um velhote que dormitava encarou-o, estremunhado — com olhinhos subitamente arregalados. Sentou-se então desesperado: ela agora falava para o fundo do camarote, e ele via o seu *catogan*, onde havia alguma coisa de vermelho, flor ou enfeite.

Tinha-se suprimido o dueto das damas — e o pano ergueu-se, mostrando a negra mancenilheira, numa praia áspera, junto a um mar triste, uma noite de lua cheia. E as rebecas, em uníssono, romperam os seus «16 Compassos».

Aquela harmonia, que lhe pareceu sobrenatural, mística, imobilizou-o: tomou-o uma sensação estranha, como se os arcos das rebecas tocassem sobre os seus nervos; — ela agora olhava o palco, com o binóculo de marfim, e aquela música, que ora parecia a Artur a expressão do vento e do mar numa região desolada, ora o queixume transcendente duma grande alma ferida, dava-lhe um delírio de amor poético: todo o seu ser sensível se lançava, numa necessidade de adoração, para aquele camarote de primeira ordem: desfalecia à esperança de lhe beijar as mãos, quereria saber o seu nome, decidiu imortalizá-la num poema: — e a sua alma estendia-se pelas longas arcadas das rebecas, toda desfalecida de paixão, e dolorida de saudade. Celina, entrando lugubremente, sob os seus longos crepes, reteve-lhe o olhar um momento: quando se voltou, o camarote estava vazio: um sujeito de casaca adiantou-se, sentou-se no lugar *dela*, bocejou discretamente, e ficou imóvel, com a cabeça apoiada ao tabique, catando os pêlos do bigode.

E o Melchior não viera, e não poderia saber quem *ela* era! Todo o encanto do teatro desapareceu; e o canto de Celina, como a instrumentação, pareciam-lhe distantes, recuados a um fundo vago.

Um sujeito tocou-lhe no braço:

— Olhe que o chamam.

Era Melchior, que da portinha lhe fazia gestos impacientes. Tinha de ir à redacção, estava-se a fazer tarde... Tinha estado no palco, ao cavaco.

1196: vazio : um] vazio : de um [*O autor ia escrever uma frase iniciada por* de *mas, ao mudar de página, terá optado por outra começada por* um *e esqueceu-se de eliminar o* de].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Saíram. Os trens punham no largo escuro fileiras de lanternas avermelhadas, ou pálidas, grupos recolhiam já, onde destacavam as capas brancas das saídas do teatro; no céu muito negro, havia uma cintilação de estrelas. Melchior assobiava os «16 Compassos». E Artur ao pé, calado, com a gola do *paletot* erguida, ia pensando em coisas vagas, que faria, para revelar o seu talento, conhecê-la, a *ela*, falar-lhe, ser ilustre como Meyerbeer, bem vestido como o Visconde: reminiscências das melodias do bailado passavam-lhe no cérebro: via a lua cheia luzir, sobre o mar mudo, por trás da *mancenilheira*.

— Então gostou-se, hein?, disse o Melchior.

— Se lhe parece!...

Na saleta da redacção, sob o bico de gás, um sujeito de barba grisalha revia as provas: ergueu os óculos para a testa, fixou Artur, rosnou um olá — e depois de tomar uma pitada:

— Há mais alguma coisa a mandar, Melchior?

Melchior pareceu ter uma ideia, olhou Artur, sorriu — e sentando-se, com o chapéu para a nuca, molhou a pena, e meditou, com o cotovelo na mesa, os olhos cerrados, cofiando o bigode com a sua mão gorda e trémula. Escreveu, riscou, entrelinhou, — e escarrando grosso:

— Ora você lá, Artur. Leu: «Chegou à Capital, e acha-se hospedado no Hotel Universal o nosso amigo e esperançoso poeta Artur Corvelo (Artur fez-se escarlate) que brevemente vai publicar o seu formoso livro *Esmaltes e Jóias*. Alguns dos trechos que ouvimos, farão decerto sensação!» — Hein?

Artur, com a voz tomada, bateu apenas no ombro de Melchior, repetidamente:

— Obrigado, obrigado!

O revisor olhava-o pelo canto do olho, cinicamente.

Daí a pouco, num trem, que batia a trote para o Espanhol, Artur resumia o seu dia: fora maravilhoso: fizera fato, jantara no Universal, conhecera deputados, o baixo Sarrotini, o bom Meirinho; vira-a a *ela*, tão linda, no luxo da ópera, às harmonias da *Africana*; pela local, entrava na celebridade. E sentia-se em Lisboa como num elemento natural: a vida ser-lhe-ia fácil, sem abalos, luminosa: os *Esmaltes e Jóias* torná-lo-iam ilustre; pelo Meirinho conhecê-la-ia, a *ela*; amar-se-iam; teria outros dias divinos, com bons jantares, uma ópera escutada, de casaca, nas cadeiras; e *ela* sorrir-lhe-ia, dum modo disfarçado e lânguido. — O trem parou.

— Quanto é?

1212: o Visconde : reminiscências] o Visconde : remeniscencias

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

O cocheiro saltou da almofada.

— O que V. Ex.ª quiser.

Artur, num movimento de generosidade, de reconhecimento supersticioso ao destino, deu-lhe dez tostões.

— Muito agradecido a V. Ex.ª, Sr. Marquês.

No seu quarto, foi direito ao espelho: achou-se bonito, com um ar próspero. Espreguiçou-se, numa voluptuosa confiança na vida. — E daí a pouco sonhava que passeava com *ela* num bosque de templo índio: dos tamarindos vinha o cheiro fulvo do pêlo das feras; um *fakir* nu, descarnado, anquilosado, contemplava filosoficamente o umbigo: — e tigres familiares rondavam, com a língua pendente, como pedaços de sangue coalhado.

1251-52: descarnado, anquilosado] descarnado, ankilosado

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IV

Ao outro dia instalou-se no Hotel Universal. Arrumou a sua escassa roupa branca na cómoda, pôs na jardineira, que cobria um velho pano de pelúcia, o caderno de papel branco, e penas novas, —e junto da janela aberta, enterrado numa poltrona, de molas rangentes, saturou-se das sensações do luxo ambiente que lhe davam os *reps* azuis, o espelho grande, os cortinados da cama —, o Chiado em baixo, com o seu movimento de rua rica: e aqueles confortos, traziam-lhe, como um enobrecimento da sua personalidade.

Tinha às vezes uns indefinidos remorsos, pensando na pobreza em que as tias viviam em Oliveira: mas por que diabo, não era com o dinheiro delas, que se regalava de bom quarto e de jantares franceses. E depois era-lhe necessário, para a sua profissão literária, como meio de se relacionar e de estudo social. Sentia-se todavia um pouco só; o Meirinho fora para o Porto, o Melchior não aparecera — e Artur, não tinha voltado à redacção, porque julgando-se conhecido desde a local do «Século», não se queria mostrar, sem o seu fato novo, de Lisboa. Ocupou-se então — em completar os *Esmaltes e Jóias*: tinha o plano de poesias novas, que lhe suscitara a impressão de Lisboa — a «Nova Babilónia», o «Galeão», em que queria versificar os vagos entusiasmos, do tempo das Viagens e das Descobertas, dados pela música da *Africana*. Mas estava «sem veia». As comidas davam-lhe um lânguido bem-estar enfartado, que lhe entorpecia a imaginação: e o rumor do Chiado, a vaga sussurração da cidade, davam-lhe uma distracção enleada — e com a janela aberta aos dias esplêndidos dum Inverno luminoso, fumava, cismando em passeios, *soirées* a que assistiria, futuras críticas dos *Esmaltes e Jóias*, aplausos de teatros, gravatas que compraria, e com preguiça de trabalhar no livro, punha-se a contemplar, num vaga e distante fulguração, a celebridade que ele lhe daria.

Por esse tempo recebeu uma carta do Rabecaz que o exaltou: a notícia do «Século» (de que ele remetera para Oliveira seis exemplares) tinha feito sensação na vila. Ao que parecia, mesmo aqueles que nunca lhe tinham

9: mas por que] mas por por que
17: queria versificar] queria versivifar

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

falado, afirmavam agora, ter-lhe compreendido o génio, e antevisto os altos destinos. O Vasco da botica lia a local, a todos os fregueses, «para que soubessem que espécie de homem era o seu ajudante». O Carneiro gabava-se na Assembleia «de lhe administrar a fortuna». «E eu, — concluía o Rabecaz, — que conheço Lisboa e a rapaziada, todos os dias digo bem alto, a esta cambada, que você, e é a minha convicção: vai a ministro!».

Como se aquela glória parcial, de Oliveira, tivesse saciado, por algum tempo, a sua gula de celebridade, abandonou todo o trabalho. O Victorino, muito instado, urgido, mandara-lhe o fato: tinha comprado uma boquilha de espuma, que representava uma cabeça de *cocotte*; e como um cavaleiro impaciente de usar as suas armas, começou «a gozar a rua». A sua vida agora tinha grandes doçuras: a melhor era depois de almoço, era encostar-se à janela a fumar o seu charuto: os dias estavam azuis, com um pó dourado de luz: no Chiado os pregões cantavam, trens rodavam, e ele, no indolente entorpecimento da *omelette* e do bife, olhava do alto, com a pupila húmida de bem-estar, a vida em baixo, reinar, mover-se, atirando para o céu luminoso baforadas brancas de charuto caro. Vestia-se depois com cuidado, encharcava-se de água-de-colónia, e, de luvas claras, estava um momento à porta do Hotel, saboreando a entrada, o guarda-portão; ia à casa Havanesa, florir-se com uma camélia, e com a boquilha em riste, fazendo vergar a *badine*, descia o Chiado, errava pela Baixa, dava uma volta no Aterro, numa moleza de vadiagem: procurava encontrar «a sua Clara»; mas todas as mulheres novas lha faziam esquecer, voltar-se, com a esperança indefinida de que ia ser amado, por esta, por aquela, impressionada pela sua figura, pela sua sobrecasaca azul, pela local do «Século»: dava um olhar à *vitrine* dos livreiros — sentindo sempre nesse momento um desejo agudo de produzir, ver-se impresso; voltavam então os vagos desejos de celebridade literária: mas as rodas dum trem de librés, os cortes de sedas numa *vitrine* de loja, dispersavam-lhos — e abandonava-se às ambições indefinidas que agora o agitavam, de frequenças ilustres, amores fidalgos, uma assinatura em S. Carlos, uma carruagem da Companhia. Depois vinha estacionar à porta da casa Havanesa, sentia um deleite em estar ali, imóvel, vendo em redor grupos de deputados, janotas, empregados, saturando-se, dilatando-se às emanações intelectuais, sociais, que lhe pareciam sair das conversações, e dos perfis, das atitudes: e era sempre com uma satisfação vaidosa que, ao sentir às seis horas a sineta do jantar, ia descendo para o hotel: já a tarde caía, e aquele crepúsculo de cidade à hora que precede o gás, tinha para ele um

46: luminoso baforadas] luminoso bafoforadas

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

tom rico, interessante. Da escada do hotel até à mesa, saboreava triunfozinhos — o cumprimento do guarda-livros, o pisar do tapete do corredor, o lustre aceso, os ramos de flores no meio da sobremesa, o sorriso polido do Padilhão, o adeuzinho de dois dedos do Carvalhosa: os respeitos do criado de gravata branca, sabiam-lhe como uma lisonja. Comia com um apetite provinciano: e os nomes franceses dos pratos aumentavam-lhe o sabor.

Depois, farto, pesado, com voluptuosidades vagas, descia ao Martinho, olhando muito as mulheres que passavam, recebendo, do movimento do Chiado, uma vaga excitação.

Via sempre no café, só, diante da sua chávena de café, o sujeito de cabeleira semelhante a estopa, o Jácome Nazareno — o malandro como dizia Melchior. Olhava-o muito: imaginava-o chefe de sociedades secretas, temido do rei, vigiado pela polícia; e aquele homem, que era uma força social, e cuja vida se movia num perigo dramático, atraía-o, com uma simpatia crescente. Ia sentar-se, nalguma mesa próxima, espreitá-lo por trás dum jornal desdobrado: a sua atitude isolada, fria, muda, dava-lhe a ideia de planos secretos, e de preparativos de revolta, que punham, na vida de Lisboa, um lado pitoresco, parisiense, de insurreição, e de tragédia.

Tinha comprado um binóculo — e ia depois a S. Carlos. Para gozar o cumprimento dos porteiros, que começavam a conhecê-lo, tomava sempre um lugar do mesmo lado, do Rei. De resto, ali, às vezes, encontrava o Savedra: e gostava de lhe apertar a mão, publicamente. Depois procurava-a, a *ela*, pelos camarotes: não a tornara a ver: o canto, as decorações, consolavam-no: outras mulheres impressionavam-no, e amaria qualquer, de que recebesse um olhar, como o que lhe dera a Senhora do vestido de xadrez: às vezes acontecia que alguma, num camarote próximo, atraída pelo seu binóculo insistente, reparava, fazia, duas, três vezes, «o olho lisboeta»: Artur exaltava-se, entrevia logo encontros providenciais, uma paixão dramática, lágrimas, poemas; depois não a tornava a ver, ou ela não tornava a olhar — e refugiava-se então, na preocupação da sua Clara, como se o amor fosse um complemento tão necessário da frequentação, igual à casaca, e à flor na lapela.

Quando entrava à noite no seu quarto, só, tinha uma tristeza mole: a música, as luzes, a presença das senhoras, excitavam os seus nervos; o rolar dos trens, as janelas alumiadas do restaurante Silva, davam-lhe ideias de ceias, *rendez-vous* nocturnos: um pouco desconsolado da sua vida estéril — dese-

80: dramático, atraía-o] dramático, atrahi-a
94: encontros providenciais] encontros providencias
100: senhoras, excitavam] senhoras, excitava
102: um pouco desconsolado] um pouco desconsado

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

java amores fidalgos, e orgias sonoras. Se tivesse um título! Se ao menos fosse camarista do rei! E passeava no quarto, de casaca, retardando o momento de a despir — como se ela fosse a encarnação mesma da vida social que o cativava.

Uma manhã, descendo tarde para o almoço, encontrou o Meirinho que de madrugada chegara do Porto. Viram-se com júbilo. Que tinha ele feito, o amigo Artur? Tinha visto o maganão do Melchior? Tinha-se divertido?

Artur queixou-se vagamente «de ter estado um bocado só»...

— Ah, mas agora cá estou eu! exclamou o Meirinho, afectuosamente. Pareceu reparar, com satisfação, na *toilette* mais correcta de Artur. Afirmou-lhe «que estava um janota» — e julgando decerto, que estava bastante bem vestido para se relacionar, aconselhou-lhe que se fizesse sócio do Grémio. E se quisesse, ele levava-o a casa da D. Joana Coutinho!... Ela há-de ter muito gosto!

Artur fez-se rubro, de alegria. E reconhecido, interessou-se pela jornada do Meirinho. Muito fatigado decerto...

— Derreado, amigo, — disse o Meirinho lamentosamente. Suspirou. «Já não estou para estes excessos! Já não estou!». Esteve um momento a olhar, a parede, como que se vira, lá, num desenho claro, a representação das suas antigas forças. E disse, pousando delicadamente o talher: — Pois olhe que fui menino!

Contou proezas de vitalidade, que tinham admirado personagens; andar em caminho de ferro, cinco dias; passar três noites em claro... E com um risinho lúbrico:

— E pior! pior!

Descreveu façanhas amorosas... Ah, bons tempos.

— Uma sombra do que fui, meu caro Senhor! — E com um tom mais grave: «Em todo o caso para fazer serviço a um amigo, ainda sou homem para andar uma noite e um dia...».

Sorveu o seu fundo de chávena, limpou a barba, — e erguendo-se, espreguiçou-se: mas pediu logo desculpa, daquele abandono familiar: que enfim, entre amigos, entre patrícios...

— Que eu sou do Porto, sou da província...

122: parede, como que] parede, que [*Lição conjecturada por lapso do autor*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Riu, sem motivo, com a pele em redor dos olhos muito franzida. Achou ao Artur melhor cara:

— E o nosso bom Padilhão? Belo rapaz, hein? Venha fumar um charutinho, cá cima ao meu quarto...

Estava alojado no segundo andar. O quarto, mais largo, melhor que o de Artur, tinha um arranjo minucioso. Havia, metido num vaso, um espanador de penas, com que ele mesmo perseguia o pó nas frinchas mais cerradas. Entalados no caixilho do espelho, tinha todos os cartões de visita, das pessoas que o visitavam, como a exposição heráldica das suas relações: sobre a cómoda, dispostos em semicírculo, em *passe-partouts* de marfim, tinha a galeria dos seus entusiasmos, a Rainha, sentada no peitoril duma janela, ornada de heras, a Imperatriz Eugénia fazendo um rosto digno de viúva ilustre, Thierry, *Mademoiselle* Théo, das *Bouffes*, com um sinal assassino quase na ponta do seio esquerdo, Pio IX, com o seu sorriso quente de pontífice amável, Paulo de Kock, de peliça, Victor-Manuel com a sua face de *bulldog* heróico. Sobre o toucador, uma pregadeira bordada a matiz tinha, como um objecto de museu, um rótulo — *oferecido no meu dia natalício pela nobre Marquesa de Folhes*.

Ele mesmo era muito bem tratado, languidamente na poltrona, e olhava, com satisfação, os seus chinelos bordados a missanga. Pela vidraça aberta, uma aragem enfunava os *reps* da bambinela: defronte, numa janela de peitoril, uma criada sacudia um tapete: riu: os ruídos da rua tinham uma tonalidade alegre, na manhã muito luminosa.

— Como estará o cãozinho! disse ele com um sorriso, comovido. Pediu licença a Artur para se tornar a espreguiçar —, e olhando-o, batendo as pálpebras: — Está-me a chegar a soneca. Quem lhe fez a sobrecasaca, está bem boa?

Artur mirou-se. Parecia-lhe boa, hein?

— Muito boa. E fitando-o gravemente, como numa resolução profunda. — Mas rica obra vou-lhe eu mostrar!...

Tirou do guarda-roupa, atulhado, um *paletot* leve, cor de café, com bandas de seda, expô-lo à luz da janela, e muito sério:

— Que me diz a esta riqueza?

Artur soprou o fumo do charuto, pra o lado:

— Muito bonito.

— Hein? Pois posso ceder-lho.

Artur, embaraçado, disse, — não, não...

154: *Marquesa de Folhes*] [*Recorde-se o que já foi dito sobre a substituição deste nome por* Marquesa de Regueira *no impresso E. Cfr. capítulo II*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

— Posso ceder-lho! Palavra. — Insistiu Meirinho, e pelo preço, com franqueza!... Nunca o pus. Não me tenho atrevido; é muito claro para a minha idade! Vista-o, vista-o.

Ele mesmo lho enfiou rapidamente pelas mangas, com uma destreza, serviçal, de criado fino, assentou-lho nas costas, esticou-o, — e levando-o diante do espelho:

— Parece um príncipe! Hein. Que *chic*. Foi feito pra si, com certeza! Fique com ele, com franqueza... Cinco libras. É de graça... É de Paris, dum grande estabelecimento. Aqui não lho faziam.

Artur, tentado pelo *paletot*, para condescender com o Meirinho, aceitava, corando — quando ele, com um gesto da mão espalmada:

— Perdão, podemos fazer outra coisa.

Foi à cómoda, — e trouxe, com solenidade, uma pequena caixa de marroquim verde: e com uma lentidão grave:

— Meu caro senhor, vai ver uma preciosidade.

Era um par de pistolas, muito reluzentes, num fundo de veludilho preto.

— Hein? Um primor.

Fez jogar os fechos; colocou-se em atitude de duelo; depois em posição de suicídio. — Que era pra rir, ele não se queria matar: o homem que atentava contra a vida própria, era um ateu! Era a sua opinião, — e já ouvira a pessoas muito instruídas — era um ateu! Depois fez pontaria aqui, além; explicou a justeza do tiro... Nenhum rapaz elegante podia estar sem um par de pistolas. Em Lisboa era mesmo mal visto! Dava *chic* num toucador. O Conde Lambertini, o Alonso, Paul de Cassagnac, Espeleta, todos os grandes atiradores de Paris, tinham daquelas pistolas. O preço era prodigioso, cinco libras! Talvez não acreditasse, — bem lhe via uns olhos que não acreditavam. Pois era verdade — e a coisa explicava-se...

Mas não a explicou: pôs-lhe a caixa nas mãos, dizendo:

— Não falemos mais nisso. O *paletot*, o par de pistolas — dez libras. Que achado, hein. Mas enfim, fomos companheiros de viagem, vivemos no mesmo hotel, somos patrícios... Ora aí está!

Artur, corando muito, disse que não tinha ali no bolso...

— Tolice, interrompeu o Meirinho com um grande gesto. Logo, amanhã quando quiser...

Espreguiçou-se: positivamente, ia fazer a soneca: que a viagem fora mais maçadora. Ah, tinha-se lembrado dele.

— Quando nós trouxemos o cãozinho. Porque o amigo ajudou-me. Já o disse à senhora Marquesa de Folhes. Sorriu, na sua bela barba castanha.

— Como estará, ele, o amor...

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Bocejou enormemente. «Pois, positivamente, vou à soneca!»

E Artur saindo, com o *paletot* no braço, a caixa de pistolas na mão, ouviu-o ainda do corredor, cantarolar.

Si tu n'avais rien à me dire
Pourquoi venir auprès de moi!

Aquela despesa inesperada contrariou Artur. Já por vezes lhe tinham vindo inquietações de dinheiro... As libras iam, iam-se!... Estava em Lisboa havia quinze dias e gastara *cinquenta libras*! Em quê, Santo Deus? Pôs-se a escrever as despesas, que recordava, – o fato, o chapéu, a boquilha! Mas quê! faltavam dezoito, vinte libras, talvez. Aterrou-se: quis-se recordar, quantas cadeiras em S. Carlos, quantas luvas, quantas tipóias... Confundiu-se, atirou a pena – impaciente, irritado contra a brutal evidência dos números. Decidiu-se a uma economia cautelosa...

Mas apenas na rua, sentia-se todo fraco, sem resistência contra as tentaçõezinhas, as vaidades: comprava «mais» um par de luvas, tomava em S. Carlos uma «cadeira» em lugar duma «geral», decidindo que seria a última vez. Desde que fora com o Melchior ao Mata comer ostras, tomara o hábito daquela ceia: e para não perder na consideração do criado, apesar dos seus remorsos, bebia um *Sauternes* caro, dava-lhe dois tostões de *pourboire*. E justificava-se vagamente – pensando que a publicação dos *Esmaltes e Jóias*, a representação do *Poeta*, encheriam de novo os cartuchinhos de libras, que tinha no fundo do seu baú, alguns já com o papel meio vazio, e meio amarrotado.

A conta do hotel que foi apresentada por esses dias, – decidiu-o a ir falar com o Melchior para a impressão imediata do volume. Queria-se mesmo mal, daquelas semanas ociosas, gastas nas ruas; o drama, representado, dar-lhe-ia todas as noites, seis, sete libras: via já o seu retrato vendido nas lojas, os folhetins cheios da sua biografia. Já àquela hora, podia ter os seus recursos regularizados, ser conhecido *dela*! – E na sua impaciência foi à redacção do «Século».

Ao começo da rua do Correio encontrou o Melchior: vinha com um indivíduo baixo e cheio de barba preta, fina, carne mole e baça, as pálpebras inflamadas. A fita do chapéu tinha um tom gorduroso; o colarinho, uma linha enxovalhada do roçar do pescoço gordinho e oleoso: e sobre o peito do jaquetão abotoado, pendia um *pince-nez* enorme de vidros defumados, preso por um larga fita de *moiré*. Era o poeta Roma, autor estimado dos IDÍLIOS E PAISAGENS. Deu apenas a Artur um movimento de cabeça seco.

248: IDÍLIOS E PAISAGENS] [*Assim também no manuscrito A. Daqui por diante, o título é sempre* Idílios e Devaneios].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

E quando o Melchior lhe disse que o amigo Artur estivera em Coimbra, teve um sorrisinho franzido, um pouco fungado, e em toda a sua pessoa roliça uma reserva mole. Parecia constipado – e de vez em quando, ajeitava as calças pra cima com um gesto torpe.

– Ideias muito exaltadas, cá o amigo, disse Melchior batendo no ombro de Artur.

– Esperemos que não nos vem fuzilar, disse o Roma. Quando falava, torcia ligeiramente a boca.

Artur fez-se escarlate. E constrangido pelo aspecto do Roma, disse ao Melchior que «ia ali ao correio, e quando o poderia encontrar?»

– Homem, não se incomode; vou jantar com você. Às seis, hein?

Artur, sentiu o Roma dar uma risadinha, travando do braço do Melchior. Voltou-se, e o Roma pelas costas pareceu-lhe odioso, com os quadris gordos, a calça esfiada atrás, a cabeleira seca, cobrindo um cachaço espesso.

Melchior foi pontual – e, logo da porta, ainda deitando o chapéu para a nuca:

– Diga cá, você tem alguma coisa com o Roma?

Nada. Era a primeira vez que o via!

– Pareceu-me, disse o Melchior. E acrescentou, com palavras vagas, que a rapaziada devia ser unida. Questões literárias não serviam pra nada!... E, atirando-se para a poltrona: «Então que me queria você dizer?»

Artur explicou: desejava fazer imprimir os *Esmaltes e Jóias*. Segundo Melchior, nada mais fácil: o Gonçalves, o revisor, o de barbas, um espertalhão, levava-o aos Castros que lhe faziam um volumezinho catita: depois o Gonçalves se encarregava de o pôr nos livreiros, em comissão. É o que era. Lá em editor nem pensar... Um editor para um livro de poesia, era mais fácil achar um diamante no Chiado! Que se fiasse nele!

Artur concordou – e falou dos *Amores de Poeta*. Desejava fazer uma leitura a um director de teatro. O melhor parecia-lhe D. Maria...

O Melchior, fazendo beiços grossos, cofiava calado o bigode.

– Isso é mais sério, murmurou.

Artur olhava-o, quase ansiosamente.

– É mais sério, repetiu o outro, com um bamboleamento grave de cabeça.

Mas a sineta do jantar tocou: Melchior ergueu-se dum salto: estava a cair de fome!

E lavando ruidosamente as mãos:

– Havemos de pensar nisso. Isso é mais sério.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Por timidez, Artur não insistiu. E mesmo tirando-lhe a escova das mãos, escovou-lhe nas costas o jaquetão claro.

A extremidade da mesa, junto à porta, estava deserta: sentaram-se ali: Meirinho apareceu, esfregando as mãos, jovial, refeito pela soneca; e daí a pouco entrou o Padilhão, grave: e, como disse o Melchior, «fizeram uma panelinha catita.»

Artur, no centro, dilatava-se de prazer. Logo depois da sopa, — que era uma má *purée de petits pois*, — e a propósito da nomenclatura francesa dos *menus*, Meirinho contou anedotas de Paris: era muito bonapartista: segundo ele, «depois do Império, a França descia a olhos vistos, Paris não era Paris». Era também a opinião do Padilhão, que tinha ideias católicas, e o amor da aristocracia. Lembrando o Império, o Meirinho disse uma história, ligeiramente obscena, da Princesa Matilde «que era de resto uma excelente senhora.» Vieram anedotas sujas: o Melchior disse a do padre surpreendido pelo marido: o Meirinho acudiu com a do padeiro; e o Padilhão, com a sua bela face pálida e grande, contou, imitando as vozes, a da inglesa e do *gendarme*: a cada traço mais torpe, torciam-se de hilaridade: às vezes ficavam sobre os pratos, fungando ainda um momento do sabor da indecência. Aquilo punha um canto privilegiado de alegria chula: sujeitos, do fundo, mastigando, olhavam com inveja o grupo divertido, todo próspero do riso da chalaça. Um indivíduo de óculos, mesmo, reclamou do topo, que «contassem alto».

— Isto é cá pra nós, disse Meirinho, isto é cá para a panelinha!

Artur recostou-se com satisfação — feliz de ser da «panelinha». Ria exageradamente: contou também uma porcaria — lisonjeado da gargalhada do Meirinho, do riso solene do Padilhão. Acharam-no engraçado. E Meirinho lembrou, que ele devia *pagar a patente*, com uma garrafinha de *champagne*; mas acrescentou logo, batendo-lhe na perna, que era chalaça; Artur insistiu, queria *pagar a patente* — e o Meirinho imediatamente pediu uma garrafa de *Cliquot*. Foi um momento muito cordial, de simpatia expansiva.

— Você calha-me, Artur, dizia-lhe o Melchior. E como o Meirinho e o Padilhão falavam de relações, *soirées* — o Melchior disse-lhe:

— Sabe você o que me parece? É que antes de levar o drama a D. Maria, você deve conhecer a rapaziada.

Mas como? Ele não podia ir em romaria, pelas casas de poetas, folhetinistas, apertar mãos, travar amizades...

— Tem-me estado a lembrar, disse o Melchior, pondo o cotovelo na mesa, falando-lhe, muito intimamente — é necessário apanhá-los juntos. Sabe como? Num jantarinho.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

E muito prolixamente explicou que os literatos eram muito esquisitos. Eram necessárias considerações. Não havia como um jantar, convidar os principais, e antes da sopa, zás, ler-lhes as principais passagens do drama. Ao outro dia a imprensa falava, a coisa chegava aos ouvidos do empresário, já estava prevenido, e como o drama era bom, traz! Logo a distribuiçãozinha dos papéis, etc., etc.

Artur, radioso, via-se no palco, cercado de actrizes lindas, distribuindo criações.

— E depois o prazer do jantar, acrescentava Melchior, veja você o que nos temos divertido hoje. E então estando a rapaziada! É anedota, chalaça, saúdes, uma pândega imperial. Que diabo, são oito ou dez libras!...

Artur encolheu desdenhosamente os ombros.

— Pois não lhe parece, Meirinho?

Meirinho, esclarecido, concordou, com entusiasmo. Era como se fazia em Paris. Era *chic*, era de *gentleman*. Podia-se arranjar um jantarinho delicioso. Era deixar-lhe a coisa a ele...

Artur calava-se. Via-se à cabeceira duma mesa resplandecente, e os literatos erguendo para ele, num *toast* frenético, os copos esguios do *champagne*.

— Há uma dificuldade, disse o Melchior. É que aqui o amigo não conhece ninguém e não pode convidar... Convidar quem? Se ele não conhece ninguém. Aí é que está.

O Meirinho reflectiu, passando a mão pela barba.

— É contra a etiqueta, murmurou.

O Padilhão, consultado, afirmou que era «inteiramente fora dos hábitos.»

— É o diabo! rosnou o Melchior.

E calados, um instante, no embaraço daquela dificuldade, iam mastigando o pudim.

O Melchior bateu na testa. Uma ideia! O meio era convidar ele! Ele conhecia toda a rapaziada, convidava, apresentava Artur, que era o herói da festa, lia o seu drama, etc. Hein! — E acrescentou baixo.

— Você, já se sabe, paga o jantar, eu convido, e zás! Hein? Catita, não?

O Meirinho aprovou. Era o melhor! E muito juntos cochichavam, combinando.

— Que diabo estão vocês pra aí a conspirar — perguntou o sujeito de óculos, que decerto se aborrecia, no topo da mesa, e que aquela animação íntima, limitada, de «panelinha», irritava.

326: Eram necessárias] Eram necessário

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

— Nada! Depois se verá! — disse o Melchior.

O Meirinho, muito interessado, tinha agarrado na manga de Artur.

— As coisas elegantes, dizia: duas sopas; *hors-d'œuvre*, duas entradas, assado, caça, *entremets*, um jantarinho pra quinze libras...

Artur assustou-se do preço: mas os aplausos!, a publicidade! Disse mesmo, para parecer largo:

— Sim, quinze ou dezesseis libras.

O Meirinho chegou-se-lhe ao ouvido:

— É necessário convidar o Padilhão, homem de Sociedade.

— E o Savedra, acrescentou o Melchior do outro lado, pessoa de influência.

— Com o *menu* impresso, — lembrou o Meirinho.

— Pra ir pra os jornais, acudiu o Melchior.

E esfregou as mãos com um grande júbilo.

— O jantarinho de casaca, — disse o Meirinho.

Melchior, que tinha a casaca no prego, escandalizou-se: isso estragava tudo! Era um jantar de rapazes sem espalhafato. Nada de *poses*!

Esboçaram a lista dos convidados. Naturalmente os quatro ali, a «panelinha». Depois, Meirinho lembrou pessoas tão inúteis como o velho D. Victorino. Cada um deveria trazer os seus íntimos. Enfim Melchior, conciliador, disse:

— Você é quem dirige o jantar, Meirinho, mas eu sou quem convido. Eu é que sei que rapaziada se precisa. Divisão de trabalho. Cada um na sua repartição!...

— Há-de ter um jantarinho falado, afirmou Melchior.

— «E uma sociedadezinha!...» E deu um assobio.

Deslumbraram Artur. Iam aperfeiçoando o plano primitivo: além da leitura, poderia haver música; seria necessário convidar o Sarrotini! Pra fazer um brinde à imprensa, o Carvalhosa! Artur via elevar-se pouco a pouco aquela festa, como um grande troféu que se orna. Melchior afirmava-lhe que a coisa «havia de dar brado no país».

E combinaram com o guarda-livros, que o jantar seria na segunda-feira seguinte às seis horas.

Quando, nessa tarde, Artur e Melchior entraram no salão reservado «para ver a mesa», Meirinho, atarefado, dispunha ele mesmo, na abertura dos guardanapos, raminhos de violetas com botões de camélia.

379-80: o velho D. Victorino] [*Deverá tratar-se de* D. Frederico, *frequentador dos serões de D. Joana Coutinho e já referido por Meirinho no capítulo III*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

A luz abundante do lustre, das serpentinas, os grupos de copos, as lâminas das facas, tinham uma faiscação alegre, atraente, sobre o linho branco da toalha. No pesado aparador de mogno, diante de duas ricas filas escuras de garrafas, estavam dispostos os pratos de ostras. Havia um cheiro de creme queimado, onde errava subtilmente um fiozinho de limão. As duas velas do piano estavam acesas — porque o Sarrotini prometera uma ária.

Melchior, entusiasmado, pôs-se diante de Meirinho, batendo devagarinho as palmas, com a face banhada num sorriso:

— Bravo! Bravo! Bravo!

Meirinho curvou-se profundamente:

— Muita experienciazinha, murmurou, muita experienciazinha! E mostrou o *menu*, em cartão acetinado, tendo no alto: *Jantar literário do dia 15 de Dezembro*.

— Real! disse triunfante o Melchior. Estava de sobrecasaca, com uma grande camélia branca: chamava os criados, contava as garrafas de *champagne*, falava «nos seus convidados». De resto no hotel dizia-se: «o jantar do Melchior.» Ele mesmo afirmara, no corredor, num grupo, que havia de mostrar «a esses senhores o que era dar um jantar *chic*». Alguns brasileiros, hóspedes, tinham vindo espreitar a mesa... Perguntava-se ao ouvido onde arranjava o Melchior dinheiro para aquelas festas...

Artur no entanto estava muito nervoso. Toda a manhã ensaiara-se, declamando cenas dos *Amores de Poeta*: certas frases sonoras davam-lhe a certeza dos aplausos; às vezes tremia pensando em faces desconhecidas entreabrindo bocejos fatigados.

Preparara alguns períodos literários, para o brinde: e desejava que toda a Oliveira de Azeméis pudesse estar de longe, vendo-o no centro da mesa, entre flores e luzes, aclamado pela Capital!

Quando o relógio deu seis horas, o estômago contraiu-se-lhe de emoção.

O primeiro que apareceu foi o folhetinista Xavier: debaixo dum nariz grosso, o bigode bem farto, muito horizontal, tinha a espessura dum rolo de crepe: tinha as faces encovadas, e as fontes reentrantes: usava lunetas defumadas, com o cordão passado por trás da orelha. Debaixo do fato preto sentia-se um esqueleto quase sem carne.

Melchior apresentou-lhe logo Artur...

— Tem um drama, cá o amigo, vai-nos fazer logo uma leiturazinha... Interrompeu-se, correu a apertar as mãos do actor Cordeiro, um moço

421: Preparara] Prepara

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

galante, tímido, que com a cabeça um pouco de lado, torcia, por um gesto maquinal, constantemente, um pequeno bigode castanho.

— Drama histórico? perguntava o Xavier a Artur.

— Moderno.

— Em que género?...

Mas o Padilhão, que entrara, solenemente, veio bater no ombro de Artur, paternalmente: vinha de casaca, com a pequena cruz de Cavaleiro de Cristo.

O Xavier reparou, e fazendo saltar com o dedo a cruzinha, rindo, com um desengonçado do corpo:

— Graçazinha régia, hein?

O Padilhão escorregou, pelo canto do olho, um olhar satisfeito à condecoração, e grave:

— Foi o Ministro do Reino, à força... Que a havia de ter, que a havia de ter! Vá lá! Viu-me fazer imitações em casa de D. Joana Coutinho, gostou... Aceitei!

— E como vai a D. Joana, essa sílfide? perguntou o Xavier.

Padilhão pareceu chocado com aquela expressão familiar: fez-se sério, disse:

— Um pouco encatarroada. Girou sobre os calcanhares, e afastou-se limpando os beiços ao seu lenço, de monograma bordado.

— Grande tipo, disse o Xavier a Artur. Aí temos, o ilustre Sarrotini.

Entrava, com as bandas da sobrecasaca deitadas para trás, a arca do peito saliente no colete decotado, um vermelhidão próspero na pele, o olho chamejante, o ar triunfante. Deu um abraço a Xavier que lhe sacudiu todo o esqueleto: beijou, com escândalo de todos, a face bonita do Cordeiro que corou como uma virgem: e com gestos de palco, a voz dominante, ia dizendo para os lados: *diletto amico! Carissimo! hijo mío!*

Levantou ao ar o Meirinho que gritou, perneando; riram, falaram de forças. O Sarrotini ergueu pelo pé uma cadeira, conservou-a no ar com o braço retesado, a face purpúrea: pediu *Vermouth*. E exclamava: *Portucallo e Italia siamo fratelli!* Achavam-no um maganão delicioso.

No entanto, Artur reparara num indivíduo baixo e barrigudo, calvo, que com as mãos atrás das costas, passinhos subtis, ia rodando, em roda da mesa, das ostras, das garrafas, com um rosto farejante e desconfiado. Ia perguntar a Melchior quem era — quando o Savedra entrou.

450: essa sílfide] essa syphilde
464: pediu *Vermouth*] pediu Vermoth

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Rodearam-no logo. E ele, com a cabeça erecta, consciente da sua importância, o olhar protector, dizia chalaçando:

— Então que lhes parece o meu Melchior? Que *chic* que deita! hein?

Sarrotini passara-lhe o braço pelo ombro, apossava-se dele; dava-lhe nomes carinhosos: *el gran periodista!* Mas Cordeiro arrebatou-lho, levou-o para ao pé da janela, cochichavam:

— Você percebe, Savedra, a rapariguita tem talento, é necessário animá-la. Vai ter um papel na *Princesa Juska*...

Savedra prometeu, com bondade, a protecção do «Século».

— É você quem lavra aquilo? perguntou.

O Cordeiro negou languidamente.

— Seu sultão, disse o Savedra rindo. E com um gesto do beiço, desdenhoso. «É um feixezito de ossos, eu gosto de cama almofadada».

No entanto, junto do aparador, Meirinho e Melchior pareciam questionar, vivamente. Artur, inquieto, aproximou-se.

— Estão-se a estragar, estão-se a estragar! disse o Meirinho excitado. E voltando-se para Artur: «Com o calor, com as luzes, estragam-se. É necessário começar já».

Melchior insistia, mas frouxamente: enfim, primeiro a leitura do drama. Senão depois...

— Depois, depois, exclamava abafadamente o Meirinho. O drama pode esperar. As ostras é que não podem esperar, amolecem...

Artur ficou aterrado, pálido: tanta despesa, e não fazer a leitura!... Olhou Melchior tão suplicantemente — que o Melchior, compadecido, teimou: primeiro o drama, as ostras que as leve o diabo!

Meirinho recuou, olhou-os ambos, com rancor. E com um grande gesto:

— Bem! É um jantar perdido! Eu não me responsabilizo por mais coisa nenhuma!

E ia sair furioso — quase esbarrou com o Roma.

Entrava, devagar, com o seu ar de vago despeito, tão singular num homem nédio, descalçando as luvas pretas. Pareceu não reparar em Artur. Deu um olhar de lado pra a mesa, e ajeitando um raminho de alecrim que trazia na lapela, aproximou-se do Xavier, puxando as calças pra cima, com o gesto torpe.

— *Ecco el eggregio oratore*, fez o Sarrotini, com uma voz possante, que dominou o rumor.

488: mas frouxamente] mas froxamente
500*a*: nédio, descalçando] nédio, descalçaçando [*Ditografia por mudança de linha*].
500*b*: não reparar] não repar

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Era o Carvalhosa. Vinha abafado num *cache-nez* roxo; parecia descontente. Disse ao Melchior que tinha vindo por grande favor! Apanhara uma constipação, e precisava cautela. Apalpava a garganta: olhou se não havia correntes de ar, ou frestas traiçoeiras.

— Isto é o nosso órgão sério, dizia para Sarrotini. Com a diferença que para os senhores é uma questão de notas — e pra mim de ideias...

E depois de soltar a sua frase, veio a Artur, deu-lhe negligentemente a mão.

— Como vai o amigo?

Artur interessou-se, servilmente, pela sua garganta. Não era nada de cuidado, decerto...

— Por que se espera? perguntou-lhe o Carvalhosa, baixo, franzindo o nariz.

Artur corou, balbuciou:

— Não sei...

O Melchior aproximou-se, radioso: e batendo uma palmada no ombro de Artur:

— Cá o nosso amigo vai-nos ler o drama!...

O Carvalhosa pareceu interdito, fez:

— Ah!

E foi andando, com olhares para a mesa, para as garrafas, direito a **um** grupo ruidoso, onde o Xavier gesticulava.

— Então, disse o Carvalhosa baixo, indignado, temos uma estopada dum drama...

Os outros encolheram os ombros com uma resignação sombria. O Roma achava uma *partida do Melchior indecente*. E era em cinco actos. O Xavier propunha que se fizesse um abaixo-assinado pedindo a sopa. Se se fizesse intervir a polícia?

Chamaram o Melchior; cercaram-no, com olhares interpelantes, sacudindo-o. Que escândalo era aquele, de lhes impingir um drama? Convida pessoas inofensivas, desprevenidas...

— Oh rapazes por quem sois! — implorava o Melchior. Então, era uma fatalidade! O diabo do Artur tinha-lhe vindo recomendado, tinha-lhe prometido... O rapaz tinha trazido o manuscrito. De resto eram só duas cenas.

— Nem duas sílabas, disse com furor o Carvalhosa. Eu vou-lhe falar!

Melchior, aflito, agarrou-lhe o braço.

526-27: a **um** grupo] a grupo [*Lição conjecturada por lapso do autor*].
538: vindo recomendado] vindo recomendo

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

— Oh filhos, pelo amor de Deus! Que me comprometem. Ih Jesus, que desgosto. É um instante, coitado do rapaz... E falou-lhe ao ouvido: houveram risinhos fungados.

Artur de longe via aquele grupo — e sentia, pálido, que se tramava alguma coisa de funesto para os *Amores de Poeta*, e para a sua própria dignidade. Errava pela sala, com as faces abrasadas.

Viu de repente o Melchior desembaraçar-se do grupo, correr para a porta, abraçar um sujeito grosso e rubicundo, de chale-manta, o ar hílare e nédio. Era um tio de Melchior.

Proprietário de Beja, exaltado pelas questões de política local, ardendo num ódio de província ao Governador Civil, fundara um jornal de oposição, a «Voz do Distrito», e não tendo encontrado em Beja um escritor bastante eloquente para lhe pôr em períodos floridos os insultos à autoridade — vinha procurar a Lisboa um estilista. Oferecia trinta e seis mil réis por mês, e casa de habitação com hortaliça. Melchior convidara-o para lhe fazer admirar o seu jantar, a sua posição social, relacioná-lo com literatos, e, enchendo-o de *champagne*, dar-lhe uma disposição propícia, — às doze libras que lhe queria pedir.

Foi logo apresentá-lo ao Xavier, ao Carvalhosa, ao Savedra.

— Meu tio António de Moura, chefe da oposição em Évora, muito conhecido...

Desembaraçou-o com carinho do chale-manta; abraçava-o; repetia, arregalando os olhos para o lado:

— Muita influência no distrito, muita influência!

Mas vendo entrar um oficial de lanceiros de peito enchumaçado, e bigodes ferozes, exclamou:

— Viva o exército! Estamos todos. Está a bela rapaziada.

No meio do grupo dos literatos, o tio António, muito à vontade, com um risinho fino, explicava as condições em que queria um escritor: destemido, com palavreado, sem escrúpulos — pra dar pra baixo. E contava com prolixidade as suas queixas do Governador Civil, a questão da Junta de Paróquia, do muro do cemitério, do Regedor de Reguengos. Hei-de dar cabo dele — dizia, sacudindo a mãozinha gorda.

Em redor chalaceavam: queriam «desfrutá-lo». Xavier aconselhava-lhe que se dirigisse ao Alexandre Herculano. Porque não escrevia a Victor Hugo? Victor Hugo era o sujeito que estava a calhar.

553: em Beja] [*No manuscrito A era primeiro* Beja, *corrigido depois para* Évora. *Aqui, o autor continua a hesitar entre as duas cidades. Cfr. linha 561*].

561: em Évora] [*Veja-se a nota anterior*].

571-72: com prolixidade] com proxilidade

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

O tio António ria, com bom humor, uma ponta de velhacaria no olhinho luzidio.

— Qual, quer-se um rapazola como os senhores, que ladre, que ladre! E que morda! Eh! Eh! Eh!

Artur ia de grupo em grupo: sentia, aflito, uma hostilidade ambiente: batia-lhe o coração, se via um olhar impaciente voltar-se para o relógio, ou uma boca abrir-se devagar num bocejo de debilidade. Aproximou-se um momento do Sarrotini, que cercado, muito admirado, imitava um moscardo: encolhia-se como no susto de ser mordido; atirava a mão bruscamente para o agarrar, a olhar para o ar, a face toda atenta; batia uma palmada no joelho de repente para o esmagar, — mas o moscardo, escapo, punha sobre o grupo um zumbido acre, dormente, contínuo. Admiravam-no. O Padilhão, com a testa franzida num vinco de reflexão crítica, torcia a greva, murmurava:

— De artista, de artista! — E tirando o relógio — voltou-se para Artur. «O Melchior? Está-se a a fazer tarde, diabo!».

Artur, como se fosse buscar o Melchior, afastou-se, rubro. Receava, agora, que não fosse possível fazer a leitura, e vinha-lhe a amargura da despesa!... Por uma curiosidade simpática aproximou-se do sujeito calvo, de fato claro: estabelecera-se entre eles, por olhares repetidos, uma afinidade: eram os mais obscuros, os mais isolados.

— Muito bonito tempo, disse Artur, sorrindo.

— Lindo, disse o calvo. E logo mais baixo. Diga-me cá, por que se espera? Ouvi falar, que tínhamos leitura... Que estopada, hein!

Artur fez-se escarlate. E nesse momento Melchior batia as palmas. Rostos voltaram-se, curiosamente:

— Meus senhores, começou o Melchior, junto da mesa, numa atitude grave.

Mas vozes romperam chalaçando: o Melchior deita fala! Ora adeus! Menos eloquência, e mais sopa! Não seja tolo, seu Melchior.

Melchior, irritado, bateu, fortemente, com uma faca na mesa. O Roma disse, alto:

— Respeito aos grandes oradores.

Riram, calaram-se.

— Meus senhores, recomeçou Melchior, aqui o nosso amigo Artur vai-nos ler o seu drama, isto é — duas ou três cenas do seu drama...

590-91: murmurava:] murmura:
597: entre eles] entres
603: voltaram-se] voltaram, [*Lição conjecturada por lapso do autor*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Houve um silêncio côncavo, hostil. Meirinho, que falava baixo com o guarda-livros, ergueu a face para soltar, isolado, um muito bem, aprovado!

Tinham arredado dois talheres na mesa – e ao pé dum castiçal, estava o manuscrito aberto. Artur sentou-se, a tremer todo: receava que lhe faltasse a voz, que as lágrimas nervosas rompessem.

Melchior ia dum a outro pedindo baixo, por caridade, que se sentassem, tivessem paciência, era um instantinho...

– Maldito, murmurou-lhe o Xavier, com raiva.

– Canalha, fez o Roma, dando-lhe um canelão.

O Carvalhosa beliscou-o:

– Hás-de mas pagar, assassino.

Ele torcia-se: tinha olhares ansiosamente suplicantes:

– Oh filhos, por quem sois! É um momento! Pelo amor de Deus! Sejam decentes.

Artur, lívido, sentia a hostilidade. Mas não ler agora, poderia parecer uma desfeita... Depois contava dominá-los, pela eloquência do drama. Teve um esforço, disse com a voz baixa, estrangulada.

– Eu não leio tudo...

– Sim, acudiram logo. Uma ou duas cenas! Pra fazer ideia!

Melchior, por trás da cadeira de Artur, revirava olhos imploradores. As cadeiras, estavam em fila semicircular: o tio António, com as mãos nos joelhos muito separados, arregalava os olhos na sua face nédia: o Sarrotini arqueava o seu forte busto, os braços soberbamente cruzados sobre o peito; o Carvalhosa apalpava a garganta, com olhares desconfiados para a porta, para as janelas: havia queixos melancolicamente descaídos sobre as gravatas. O Roma, com as pernas muito estendidas, os pés cruzados, tinha a mão sobre a boca, como para esconder os bocejos prováveis: os olhares tinham uma resignação mole: e o guarda-livros acabava de dispor uma nova **fileira** densa de garrafas, andando em bicos de pés. Para Artur, aqueles rostos em linha eram quase pavorosos.

Tinha explicado, trémulo, que os *Amores de Poeta* eram a luta entre o talento e os preconceitos sociais.

– Álvaro, um poeta, ama a duquesa de S. Remualdo.

Padilhão pulou:

– Ora essa! E então que há-de pensar a senhora Condessa de S. Remualdo, uma senhora respeitável!

634: As cadeiras, estavam] As cadeiras, estão
641-42: nova **fileira** densa] nova densa [*Lição conjecturada por lapso do autor*].
646, 648-49: S. Remualdo] [*No capítulo II é* S. Romualdo].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Artur, atarantado, balbuciou:

— É duquesa.

— Duquesa, ou condessa. É um título da casa, é um título antiquíssimo. Sou relação da família, pessoas da primeira sociedade...

Concordaram, em redor, que era preciso mudar o título. Então todos falaram, numa balbúrdia, que era a desforra do silêncio forçado, lembrando títulos: *duquesa de Val-Formoso*! Não, *duquesa das Pedras Negras*! Qual, *duquesa da Casa-Santa*! Decidiu-se que fosse simplesmente a *Duquesa*.

Aquele interesse pelo título animou Artur. Prosseguiu, mais seguro:

— O que lhes vou agora ler, é quando o Poeta faz, em casa da duquesa, o elogio da poesia... E, — enfim, verão. É numa *soirée*:

O CONDE DE S. SALVADOR
Leu os CÉUS ESTRELADOS, marquesa?

A MARQUESA D'ALVARENTE (*despeitada*)
Até acho impertinente que mo pergunte, Conde! Uma pessoa do meu nascimento, e da minha educação, não toca nem com luvas...

O VISCONDE DE FREIXAL, *gaguejando*
A ma-arquesa e-em que-estões de es-trelados só-ó-ó ovos!

Todos riram. Muito bem, muito bem! O Meirinho afectava torcer-se. Disseram-lhe mesmo *chut!*

— Deixem-me saborear, deixem-me saborear, dizia sufocado, com as mãos nas ilhargas. Magnífico!

Artur, aquecendo, continuou, já com inflexões teatrais:

O DUQUE
A marquesa tem razão. Licurgo excluía os poetas da sua república, e Licurgo a meu ver era um homem de espírito, e um estadista. De que servem os poetas?

O POETA (*que conversava baixo com a duquesa, erguendo-se arrebatadamente*)
De que servem, senhor Duque?

A DUQUESA (*baixo*)
Álvaro, por quem és, não o irrites, que nos perdes!

O POETA (*sem a escutar*)
De que servem? Semeiam o Ideal!

E o Poeta, decerto de pé, com gestos nobres, fazia o elogio da Poesia. Amaldiçoava os Preconceitos, as Inscrições, os Fundos Públicos, os Bancos, todo o materialismo económico. Acusava os fidalgos — decerto cabisbaixos

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

— de não compreenderem a alma da Natureza, o que dialogam as aves com as fontes, e o que diz o vento aos pinheirais. «De que vos servem os vossos castelos, o vosso oiro, as vossas librés?» perguntava desgrenhado. «Que almas tendes consolado? Que lágrimas enxugado?» Artur, agora, levantado nas ondulações da retórica, tinha ênfases de voz; e o seu olhar, os seus gestos, dirigiam-se sobretudo ao Roma — como para ganhar a simpatia do versificador, incensando-o com aquela glorificação da rima.

Mas o Roma tinha posto o enorme *pince-nez*, e na sua posição estendida fixava os vidros de reflexos sombrios na ponta romba dos botins. Quando o Poeta invocava Deus —, inclinou-se para o Carvalhosa, e murmurou:

—Que besta! Que burro!

O Carvalhosa, que a cada momento, apalpava o enfartamento das glândulas, encolheu os ombros, com uma resignação sombria: e todavia, secretamente, aquele estilo às empolas agradava-lhe como orador; e ao Savedra também, que, bamboleando a perna traçada, afectava uma distracção elevada, preocupações políticas. Só o Cordeiro admirava francamente — meditando atitudes de actor, em concordância com a eloquência da prosa. Padilhão mexia-se na cadeira, indignado, vendo em cada frase insultos aos titulares das suas relações; e ao pé, o tio António, com os seus braços gordos e curtos cruzados, cerrava os olhos como se a cadência dos períodos lhe desse a sonolência dum embalar soporífero de berço.

Quando Artur ofegante terminou a cena, só Melchior e Meirinho tiveram *bravos!*

O acto do Baile das Máscaras era longo. Passava-se no palácio do duque, num lugar indeterminado, na Baixa, com terraços sobre um rio desconhecido, de balada. Pelas rubricas parecia ser uma Veneziana, da Renascença: um máscara vestido de trovador cantava uma serenada; dois napolitanos dançavam a tarantela; pagens circulavam, com taças de vinho de Siracusa; e um bobo roubava com destreza a bolsa aos cavaleiros; e um barco passava, onde flautas e rebecas alternavam com a voz duma mulher cantando na noite versos de Petrarca. Xavier, experiente do teatro, comprimia o riso, roxo.

Havia diálogos singulares: «Marquesa, dizia um dominó, não sente nesta festa errar como um pressentimento de morte?» A Marquesa respondia, passando, arrastando brocados: «O amor é um goivo que floresce numa caveira!»

692: versificador, incensando-o] versificador, incencensando-o [*Ditografia por mudança de linha*].
710: lugar indeterminado] lugar intederminado
718: Havia diálogos] Havia diagolos

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Dois fidalgos desciam à rampa:

1.º FIDALGO
Como se portou contigo o destino, no Sarau da Princesa?

2.º FIDALGO
Perdi seis mil cruzados aos dados!

Quando Artur leu a apóstrofe do Duque depois de atirar a luva ao Poeta: «Quem ousar erguer os olhos para a Duquesa de S. Remualdo pode encomendar a mortalha!» – houve um rumor lento, lânguido, de Muito bem!, Muito bonito!, De muito efeito! Os literatos estavam tranquilos: o acto era «idiota», o Artur inofensivo: gozavam, em atitudes recostadas, faces risonhas, a evidência daquela mediocridade: excelente drama para ser representado, numa assembleia de província, por curiosos duma filarmónica. Pobre tolo. O Roma cofiava a barba com deleite.

Algumas cenas do quarto acto, na casa do Poeta, em véspera do duelo, com sua mãe, humilde criatura sacrificada, fatigaram: o Sarrotini torcia-se na cadeira, impaciente do silêncio, da imobilidade. O Alferes bocejava sem pudor. Tiravam-se, às furtadelas, relógios. Havia olhares desesperados, para o aparador. O Carvalhosa, com os cotovelos no joelho, enterrava a cabeça nas mãos. – Artur, lendo, sentia o tédio ambiente, e como panos gelados descerem-lhe sobre o cérebro. Apressou-se a dizer:

– Agora vou ler o duelo.

Houve uma respiração aliviada: a morte vinha, portanto o fim!

Artur prosseguiu, com uma voz lúgubre:

– «Um cemitério. Cruzes, campas, ciprestes. Vem rompendo a madrugada. Um coveiro afasta-se, com a enxada ao ombro, cantando.» E ele mesmo cantou uma melodia singularmente triste, tocante:

Nascem goivos, a-a-a-ah !
Nascem rosas nas sepulturas
Morte eterna, morte eterna
Vida que pouco duras-a-a-a-ah !

– Bravo! gritou o Sarrotini.

A melodia impressionara. Artur explicou que realmente a ouvira a um coveiro, no cemitério de Oliveira. Extasiavam-se, ele repetiu-a. E aquela toada, dum vago melancólico, punha ali na sala, sob o gás, como um relance de cemitério de aldeia, a um cair de tarde, triste.

730: De muito] De me muito

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Animado, Artur leu o monólogo do Poeta – que entrava envolvido numa capa, e pousava sobre uma campa duas espadas. As fisionomias recaíram num fadiga mole: havia uma prostração, de fome: o Xavier, que sofria de estômago, não se contivera, e em bicos de pés fora buscar à mesa, passas e amêndoas; partilhou-as com o Savedra, que se mexia desesperado: o oficial de Lanceiros, então, foi buscar «uma bucha de pão». O Meirinho desaparecera. O grito do Poeta – ao ser atravessado pelo florete do duque – espalhou nos rostos uma alegria agradecida.

O Poeta expirava: a duquesa corria, vestida de branco, dentre os ciprestes. Era a cena mais trabalhada, que lhe custara um mês de rascunhos, de vigílias. Leu-a, trémulo, sobretudo às últimas palavras do Poeta: estava pálido de emoção, e a vela de estearina fazia-o parecer quase macilento – como se lhe espalhasse no rosto a agonia do personagem.

O POETA

Adeus anjo! Deus te pague toda a felicidade que me deste na terra. Tu foste a gota de água no deserto, a estrela de alva na cerração. Se alguma vez, nas festas do teu palácio, entre as valsas, e os madrigais dos cortesãos, te vier à ideia o poeta, que na campa fria é pasto de vermes, chora, e diz contigo: ninguém como ele, ninguém sabia amar! — Vejo uma luz... É a pátria divina! Júlia, a tua mão! Oh, sofro! Adeus! Ai! (*um grito, morre!*)

JÚLIA (*caindo de joelhos*)

Oh bem amado, a minha alma vai contigo. E este corpo miserável irá fenecer, na solidão dum claustro !

(*Cai o pano*)

Ergueram-se com ruído: havia como um reconhecimento pela «estopada finda». Artur, muito pálido, de pé, com os olhos brilhantes, fitava um, outro.

– Muito bem, muito bem!

Mas o Roma, estava desesperado: no final, reconhecera emoção, estilo, ideal, e muito perfidamente:

– A pilhéria dos ovos, é uma obra-prima!

766: lhe custara] lhe custava

768*a*: vela de estearina] [*A seguir, entrelinhado,* muito. *Não fazendo sentido na frase, não transcrevi este acrescento*].

768*b*: fazia-o parecer] [*O autor escreveu primeiro* fazia parecer o seu rosto, *mas riscou* rosto *para evitar a repetição, o que justifica a conjectura indicada (ver continuação da frase)*].

769: lhe espalhasse] lhe espalha

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Os outros, imediatamente lançaram-se sobre aquele detalhe, exaltaram-no, esmagaram com ele, todo o drama. Era divina a saída do gago. Repetiam-na! *Estrelados, só ovos*, era soberba. Cercavam-no, pareciam admirá-lo de ter achado aquela facécia. O Carvalhosa disse-lhe:

— O amigo deve escrever comédias!

— E é que é um rico *calembourg*, insistia o Melchior.

Artur sentia-se constrangido daquela admiração — exclusiva duma pilhéria tão patusca num drama tão sombrio. Perguntou timidamente o que lhes parecia o final:

— Sim, muito bem, disse o Savedra. Mas a dos ovos é esplêndida, não torna a fazer melhor!

Mas o Meirinho exclamou da porta:

— *Messieurs, le dîner est servi!*

Atrás, um dos criados entrava, com a terrina. Houve uma exclamação, num ruído de cadeiras. Sentaram-se, falando alto, na aproximação gulosa do jantar tão esperado. Mas o Roma ergueu-se, recuando, disse:

— Somos treze!

Contaram-se, inquietos. O Sarrotini, afastou-se com horror da mesa. O Alferes refugiara-se, aterrado, ao pé do aparador. O tio António ria:

— Ora, nada de pieguices! nada de enguiços!

Era necessário chamar alguém; Melchior agarrou o chapéu, correu.

Contavam agora desgraças, mortes inesperadas, depois de jantares de treze: estavam de pé: os criados, imóveis, esperavam.

Melchior entrou, com um sujeito, de fato claro, despenteado, muito amarelo, que tinha costuras no pescoço. Apresentou-o como o senhor Galinha, o seu amigo Galinha. Ninguém o conhecia — era o *décimo quarto!* E, tranquilos, atacavam alegremente as ostras — enquanto o senhor Galinha, como estremunhado, batendo as pálpebras à luz, voltava para os lados uma face avinhada, e lívida de deboche.

Na manhã seguinte, Artur correu ao café Tavares, na rua de S. Roque, para ler no «Século» a notícia do jantar. Havia apenas uma curta local —:

> «O nosso colaborador Melchior Azevedo deu ontem um lauto jantar aos seus amigos políticos e literários no Hotel Universal. O adiantado da hora obriga-nos a reservar para amanhã a descrição desta notável festa».

788: lançaram-se] lançaram-lhe
800: *le dîner*] *le dinner*
808: alguém; Melchior] alguém Mel [*O nome ficou incompleto por mudança de folha*].
819: Melchior Azevedo] [*Nova hesitação no nome desta personagem. A opção final do autor parece ser* Cordeiro *(ver nota a este respeito no aparato do capítulo II)*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Aquela apropriação que o Melchior fazia do jantar indignou-o um momento: no fim, não havia que estranhar, pensou. Tinha-se combinado que, aparentemente, o Melchior lhe dava o jantar, a ele, Artur. Decerto, ao outro dia, uma notícia circunstanciada explicaria a intenção da festa, e as sensações da leitura. Ergueu-se mais cedo — e às nove horas, entrava no Tavares, com o coração a bater alto. A notícia enchia duas colunas: dizia:

O JANTAR LITERÁRIO DO UNIVERSAL

«O banquete do nosso colaborador Melchior foi uma verdadeira festa da Inteligência. No esplêndido salão do Hotel Universal achava-se reunido o que a Literatura, a Política, e o *High-Life* têm de mais eminente. Um *bouquet* de celebridades. Vimos o inspirado orador Carvalhosa, o brilhante poeta Roma, o estimado barítono Sarrotini, o social Padilhão, o espirituoso folhetinista Xavier, esse Júlio Janin, o estudioso actor Cordeiro, e o nosso redactor, o senhor Savedra.

O *menu* do jantar, elegantemente impresso em cartão acetinado, continha o que a culinária francesa tem inventado de *plus raffiné*, dir-se-ia uma dessas festas do Segundo Império, em que o Café Inglês recebia nos seus dourados salões Imperadores e Reis, que vinham curvar-se ante o poder de NAPOLEÃO, *o Pequeno*, segundo a imortal expressão do Vidente de Hauteville-House. Eis o *menu*:

HUÎTRES
HORS-D'ŒUVRES.
POTAGES
Julienne, Tapioca Crécy
POISSON
Turbot, sauce hollandaise
ENTRÉES
Escaloppes de veau à la Macédoine
Suprême de volaille à la Melchior
Jambon d'York aux épinards
Filets mignons à la Savedrá
GIBIER
Perdreaux rôtis à la crapaudine.
ENTREMETS
Charlotte Russe
D'Artoise dorée.
GLACES. DESSERT
VINS
Bucelas, Colares, St. Julien, Champagne, Porto.
CAFÉ — LIQUEURS

Como os leitores vêem, havia dois pratos dedicados — um ao simpático Anfitrião, outro ao nosso redactor-em-chefe, o senhor Savedra, que foi objecto da simpatia mais demonstrativa. A ornamentação da mesa, bem como a composição do *menu*, foram feitas sob os conselhos inteligentes do popular João Meirinho,

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

que uma longa residência nas capitais da civilização torna um artista nestes episódios da vida elegante e *boulevardière*. Os brindes foram numerosos e eloquentes: o do senhor Carvalhosa à literatura contemporânea foi um dos improvisos mais brilhantes que temos ouvido, e trouxe a todas as memórias, a lembrança do génio do imortal José Estêvão. O senhor Roma, recitou, entre um entusiasmo exuberante, a sua mimosa elegia «O Adeus de Elvira»: vimos lágrimas em muitos olhos. Sarrotini cantou, com a sua maestria habitual, uma deliciosa canção napolitana. O amigo Padilhão, sempre obsequiador, deu algumas das suas melhores imitações, que tantos aplausos lhe granjeiam nos salões do *High-Life*; foram notáveis as do «Oboé», «Emília das Neves», «Perdiz», e «Partida do comboio». Cordeiro, o *galan* inspirado, recitou com prodigioso talento o monólogo de *Hamlet*, do grande bardo da fria Albion, tão primorosamente traduzido por uma pena real. Houve também a leitura de trechos duma comédia, escrita por um mancebo de Oliveira de Azeméis, o senhor Corvelo, se nos não falha a memória, que conseguiu fazer sorrir com alguns *calembourgs*. A maior cordialidade, o espírito mais picante, as anedotas mais finas, a conversação mais espirituosa, — ocuparam a noite. Todos se retiraram, bendizendo o senhor Melchior, que é uma das personalidades mais simpáticas da República das Letras, por ter proporcionado um tão notável meio de se provar que Lisboa não deve ter inveja a Paris, pela sumptuosidade dos Hotéis, o talento dos escritores, e as boas maneiras do *High-Life*. Estas festas elevam o espírito e fazem remontar a memória aos tempos de Garrett e de D. João de Azevedo, em que a vida elegante se unia, em propício convívio, à vida literária!»

Artur desceu a rua de S. Roque, até ao hotel, como uma pedra que rola; praguejava alto de indignação: galgou as escadas pra o quarto, soprando, atirou o chapéu contra a parede; sentia por Melchior, ódio: pensava tumultuosamente em vinganças vagas, com passos nervosos pelo quarto. Reparou numa carta, que fora metida por baixo da porta. Uma explicação do Melchior, talvez! Propunha uma rectificação! — Era a conta do jantar: fez a soma, trémulo: *vinte e oito libras!*

Deixou-se cair numa cadeira, com o papel aberto na mão, lágrimas de raiva nas pálpebras, murmurando:

— Canalha!

884: de Garrett] de Garret

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

V

Tinha recebido ao outro dia as provas da primeira folha dos *Esmaltes e Jóias*, e, muito emendadas, ia levá-las, ele mesmo, preciosamente, à tipografia dos Castros — quando, ao chegar à Praça de Camões, no momento em que parava para deixar passar uma carroça, viu, descendo da rua de S. Roque, a Senhora do Vestido de Xadrez! No deslumbramento que lhe deu a presença da sua pessoa, o seu rosto oval alumiado de dois grandes olhos negros, a graça da sua cabeça, toda a sua figura pequenina e mimosa, ficou imóvel; uma carruagem a trote quase o atropelou: refugiou-se, atarantado ao pé das grades da praça — e viu-a seguir para a rua do Correio.

Não reparara nele! Levava pela mão uma pequerruchinha: o seu vestido de fazenda azul, tinha enfeites de uma seda azul mais escura; ia devagar, apanhando, com graça, ao lado, a cauda; trazia luvas de *peau-de-suède* clara: e andando, voltava-se sorrindo, para a criança, que palrava, com passinhos muito vivos, as perninhas calçadas de meias encarnadas, toda corada, gordinha, sã, apetitosa como um fruto, fresca como uma rosa.

Foi-a seguindo: os ruídos da rua tinham-se calado, as fachadas das casas tinham desaparecido; parecia-lhe que só passava ela nas lajes do passeio, e que a claridade do dia, adquiria um dourado glorioso. Apesar de magnetizado, retardava o passo; receava ofendê-la, indo muito junto dela, como numa perseguição: devorava os folhos baixos do seu vestido, uma brancura de rendas da saia, os tacões altos das botinas.

À esquina duma travessa, num portal, uma pobre pedia, com uma criança no regaço: ela parou, deu-lhe uma esmola: e aquela caridade simples comoveu Artur, como a revelação de bondades delicadas, de piedades democráticas: discretamente, para se associar com ela numa generosidade comum, pôs dois tostões nas mãos descarnadas da mulher. Um amor ávido de se produzir, de se manifestar, enchia-lhe o peito: a cinta fina, direita, atraía-lhe os braços, a trança negra em *catogan* chamava-lhe as pontas dos dedos:

8: refugiou-se, atarantado] refugiou-se, atarantatado [*Ditografia por mudança de página*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

punha toda a alma nos olhos, e tão intensamente, que não ficaria surpreendido se ela parasse, se voltasse, e lhe estendesse a mão.

Notava sofregamente todos os seus movimentos como revelações do seu carácter: viu-a erguer os olhos para um cartaz, e lamentou que não fosse a sua peça, a anunciada, em gordas letras negras: teve ódio a um galego que ao passar, pesadamente, quase roçou a manga do seu vestido azul: como correria se alguém a ofendesse, ou a pisasse! E apertava com furor a bengala olhando em redor, pronto a defendê-la, imaginando que um bêbado, ao sair duma taverna, lhe passava os dedos imundos pelo rosto: ele precipitava-se: ela refugiava-se, nos seus braços; reconhecia-o; e um amor delicioso começava, que seria a glória, o fim, a alta significação da sua vida. Impelido por aquelas imaginações, ia quase junto dela. Tinham entrado na rua de S. Bento. Pensou então passar adiante, voltar-se, fitá-la, com adoração, dizer-lhe num longo olhar — sou eu! Olha para mim, não te lembras? Mas uma timidez retinha-o. Ia enfim adiantar-se — quando ela, atravessando a rua, entrou no portão largo duma casa espaçosa dum andar! Que ferro!

Mas talvez ela aparecesse à janela! Havia uma vidraça entreaberta por onde ele via, entre o estofo escuro das bambinelas, reluzirem vagamente no fundo sombrio, dourados de quadros; acendeu um charuto, pôs-se a passear devagar, esperando a cada momento ver chegar à varanda a sua cabeça pálida e fina, já sem chapéu. Morava decerto ali, e a casa com a sua fachada amarela, as janelas do rés-do-chão gradeadas, o pátio duma pedrinha miúda, com dois batentes de baeta verde ao fundo sobre um degrau, atraíam-no singularmente, por uma expressão discreta, aristocrática, e como se a querida criatura que lá vivia lhe comunicasse uma graça digna e recolhida.

Um guarda-portão grosso, barbudo, veio pôr-se à porta, rolando em redor olhares majestosos. Artur receou que ele reparasse na sua curiosidade inquieta, e por prudência tornou a subir a rua do Correio. Esquecera agora as provas, o livro: e caminhando rapidamente, pensava, com energia, em coisas vagas que tentaria para se fazer conhecer, amar dela! A casa de D. Joana Coutinho, as suas *soirées* aristocráticas e literárias, onde ela, tão bonita, tão nobre, decerto ia, ofereciam-lhe o meio mais acessível. Eram o *rendez-vous* do nosso *high-life*, dizia o Meirinho. Ele prometera apresentá-lo... Iria, de casaca, com uma camélia vermelha... Devia pedi-lo delicadamente, ao Meirinho. Qual, devia exigir-lho, como direito, — tinha-lhe comprado um *paletot*, pistolas, regalara-o com um jantar!... É necessário ser «finório»...

54: Um guarda-portão] Um guarda bordão

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Meirinho devia saber o nome dela, as relações, os hábitos. O Melchior também, ele que dizia conhecer até os cães vadios da rua...

E de repente, deu de rosto com o Melchior que descia da rua do Carvalho.

— Homem, vinha a pensar em você, disse expansivamente, esquecido da «infâmia da notícia, no "Século"».

Melchior teve um movimento para se esquivar: mas deu-lhe um aperto de mão, mole, hesitante, com as faces escarlates.

Que tinha feito? Porque não tinha aparecido na redacção? O Savedra perguntara por ele, — gostara imenso do drama, o Savedra.

Mascava as palavras, espessamente, com um embaraço que lhe entumecia as feições — e de repente, sem transição, muito alto, com grandes gestos — que faziam voltar pessoas, espantadas — começou a invectivar o Roma.

Fora o Roma quem escrevera o artigo do «Século», aquele patife! Tinha sido uma perfídia! Ele quando o leu, até arrancou os cabelos...

E cruzando os braços, com violência, quase escandalizado com Artur:

— Mas para que me não disse você a verdade? Que tem você com o Roma?

Artur jurou, energicamente, que não tinha nada.

— Pois não o pode tragar!

E para falar com menos reserva, foi-o levando pelas ruas do Bairro Alto, mais isoladas.

— Você percebe, eu não podia escrever a notícia! Que diabo, eu é que tinha dado o jantar, não era decente. Pedi ao Roma. Sempre é um vulto, é um estilista! Recomendei-lhe que falasse no drama, com um belo elogio, um elogio de arromba — pois senhores, escreve aquela infâmia!

Artur, então, indignou-se. Que pouca vergonha! E ele então, que até admirava o Roma, e os *Idílios e Devaneios*! Pois que tivesse cuidado! Que havia nos *Idílios* muitos podres... Versos errados, imitações, faltas de gramática...

Exaltado, falava alto; com os olhos brilhantes. Melchior olhava-o de lado, inquieto já daquela cólera inesperada num moço provinciano e acanhado. E exagerava então, ele mesmo, o seu ódio ao Roma. A afronta era feita a ele, Melchior. Ah, mas o Roma havia de lha pagar. Fiara-se nele, quê!

— Você não imagina o desgosto que eu tive, Artur! Eu sou assim. Pra os amigos, — e você, caramba, calhou-me, para os amigos tudo! Sou uma vítima da minha dedicação. Sou uma vítima!

Com uma verbosidade impetuosa, contou então outros casos em que a sua boa fé fora surpreendida, indignamente surpreendida! É que ele era

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

um cavalheiro! Acreditava no cavalheirismo dos outros. É por isso que não tinha cheta. Era um mãos-rotas, pra todos. Já fora o mesmo com o inventário do Papá. Tinha perdido pra cima de dois contos de réis. Porquê? Boa fé, cavalheirismo! Mas ao menos passeava na cidade, com a cabeça erguida...

Aquelas explicações tão íntimas, tão amigas, confidenciais, quase enterneciam Artur. Sentia-se reconhecido ao Melchior de o ver sofrer, por causa da notícia do «Século». Veio-lhe, por ele, um fluxo de amizade, transbordante: desejava passar-lhe a mão pela cinta, oferecer-lhe dinheiro: lembrou-se, num relance, de lhe dar de presente uma boquilha. Não se tinha zangado com ele, dizia. O Rabecaz sempre lhe afirmara que o amigo Melchior era um rapaz às direitas.

— O Rabecaz é que sabe, o Rabecaz é que sabe! — exclamava o Melchior, apossando-se sofregamente daquele testemunho, erguendo as mãos, o olhar, ao céu azul.

Ah, mas não se perdera nada! O Roma tinha feito a infâmia — mas o que era? Inveja. Todos tinham achado o drama uma maravilha...

— Disse-mo o Savedra: o Artur é o único dramaturgo! É o único! E o Xavier, que é quem entende, estava entusiasmado! Disse-mo ele! Você a publicar o livrinho de versos, e ele a fazer o folhetim, que o Roma estoira de raiva. Que ele não pode ver o Roma!

E lamentou então aquelas inimizades intrigantes entre «a rapaziada». A rapaziada devia ser unida!

Vinham descendo, então, a rua de S. Roque. E o Melchior, para aplacar inteiramente Artur, declarou que para apagar a má impressão da «notícia do jantar», era necessário outra, sobre o drama...

— Por exemplo... E parado, defronte do Tavares, meditava, com um dedo sobre os lábios, o chapéu um pouco pra a nuca. Uma notícia *chic*, de estalo... Espere você... Por exemplo...

Mas de repente, o Melchior, dando com os olhos em dois indivíduos que subiam a rua devagar, perturbou-se, murmurou: oh diabo, adeus, menino! Girou sobre os calcanhares, e abalou, fugido, a grandes passadas; Artur, atónito, viu-o cortar, cosido com a esquina, para uma travessa do Bairro Alto.

Os dois indivíduos aproximavam-se, tranquilamente, rindo: um deles, grosso, de grande pêra, deu um olhar de lado a Artur, elevou a voz:

— O covarde do Melchior safou-se à correcção. Não as perde. Aquelas orelhas de burro pertencem-me; hei-de arrancar-lhas em tempo competente...

E seguiram, com um ar de chacota.

126: Vinham descendo] Tinham descendo

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Nessa tarde ao jantar, no *Universal*, Artur, timidamente, deu a Meirinho os sinais da Senhora do Vestido de Xadrez, perguntando se a conhecia... Morava na rua de S. Bento, um palacete dum andar só.

Meirinho pareceu humilhado de a não reconhecer. Como ele estava tanto tempo ausente de Lisboa, havia camadas novas... Não era de estranhar que não conhecesse... E recostando-se, fazendo girar no dedo o seu anel de armas, como para se comprazer na pureza da sua nobreza, lamentou a formação duma aristocracia nova, abrasileirada, que era quem tinha o dinheiro, as carruagens... Citou o que dizia o velho marquês de Arrifana, «aquele original»: — «Eu quando passa um rico *landau*, volto a cabeça porque tenho a certeza que é gente pulha, — mas se vejo um *omnibus* tiro o chapéu porque estou seguro que vão lá pessoas de nascimento...»

— É bem dito, hein? Cofiou com satisfação a sua bela barba loira, e inclinando-se ao ouvido de Artur: — Porquê, temos conquistazinha?

Artur negou. Era pura curiosidade. Tinha-a encontrado, essa senhora, parecera-lhe bonita... Queixou-se então da sua solidão, não tinha relações... Às vezes à noite enfastiava-se. E disse, rindo, negligentemente, como gracejando:

— Então quando vamos nós à D. Joana Coutinho?

Meirinho engoliu à pressa, bebeu um gole de vinho, e pousando o copo:

— Ah, não me tenho esquecido. Eu até faço empenho... É necessário primeiro, naturalmente, é a etiqueta, pedir-lhe autorização... — E mais baixo: Lá vi, lá vi a notícia do «Século»... Lá me fizeram o favor... Fazem-me o favor de me estimar... Recostou-se com beatitude, cerrando os olhos, como para saborear a simpatia ambiente. Que a festa esteve bonita, muito bonita!... Com franqueza, quanto?

Artur corou, disse:

— Vinte e duas libras, salgadinho.

Meirinho reflectiu um momento, disse, com gravidade:

— Muito razoável, muito razoável! — E lá vi, lá vi: os *calembourgs* muito bem aceites...

E dirigindo-se a um sujeito pesado, de feições grossas e barba grisalha, que comia com uma gula lenta, um vago suor oleoso na pele avelhada:

— Oh Bento Correia, tem aqui um rival...

Ouvindo o nome de Bento Correia, uma celebridade antiga, quase clássica, jornalista, funcionário, — Artur fez-se escarlate.

151: um *omnibus*] um obmnibus

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

O Bento Correia disse, com uma voz empastada, lenta, à boca cheia:

— Então pertence à confraria?...

— Havias de ouvir! No jantar do Melchior leu-nos uma comédia... Oh menino, de estalar! *Calembourgs* deliciosos! — Estava convencido da excelência dos *calembourgs* desde que os vira celebrados, num jornal.

Artur, desesperado, envergonhado, acudiu:

— Não, não é só isso... É um drama...

— Não senhor, não senhor, exclamou o Meirinho, como para contradizer aquela modéstia excessiva — Muito bons, muito bons! O dos ovos é delicioso! É digno do *Figaro*!

— Vamos lá a ver a dos ovos, disse o Bento Correia, com a sua tranquilidade majestosa e enfastiada.

Meirinho citou-o rindo, saboreando ainda. O Bento Correia pareceu satisfeito. Disse um que tinha feito na véspera, na reunião da Maioria, repetiu o *bœuf à la mode*, e continuou falando, no seu tom espesso, com um sujeito ao lado que escutava, com os olhos, com o queixo, com toda a sua pessoa provinciana, numa admiração de discípulo, escabichando os dentes com a unha.

Artur, considerava a grossa face lustrosa de Bento Correia, o seu olhar amortecido caindo de sob uma pálpebra pesada, a sua masticação vagarosa, pensando, exasperado, que para aquele homem ilustre, ele era apenas, um fazedor de *calembourgs*, um insignificante. Era decerto a opinião dos outros, de todos, à mesa, que tinham lido o «Século»: parecia-lhe ver nos rostos clareados duma satisfação alvar, repleta, um desdém apático pelas suas habilidades «de arranjador de graçolas»... Os lados nobres, elevados, do seu talento, desapareciam sob a popularidade duma facécia incidental! E fora o Roma, o canalha, que preparara aquela perfídia acabrunhadora! Era o Meirinho, imbecil, que a exagerava, a prodigalizava! Tinha-lhes ódio. O Meirinho, sobretudo irritava-o com o seu gesto de acariciar a bela barba loira, arrebitando o dedo mínimo, de unha envernizada. O seu furor cresceu — quando o Carvalhosa, que chegara tarde, com o ar sujo de ter vindo de longe, a testa vermelha do vinco do chapéu, a cabeleira desleixada, lhe disse, sentando-se, com um tom negligente, e superior:

— Então, temos algum novo *calembourg*?

Positivamente, era uma combinação. Queriam diminuí-lo, amesquinhá-lo às proporções grotescas dum chalaceador de almanaque! Planos vagos atravessaram-no: fazer uma declaração em jornais, imprimir imediatamente o dra-

182: desde que] des que

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

ma! Desejava sobretudo chicotear o Roma. — E furioso ia erguer-se, quando apareceu o senhor Alvim, adiantando para a mesa a sua carinha velha, muito rapada, de rugas duras, com aquele tom de greda lívida que a caracterização, o gás, dão aos antigos cómicos: pequenino, subtil, errava todo o dia pelo Hotel, fazendo sortes de prestidigitação, vagamente, às pessoas que encontrava, tirando um limão duma gola, um bugalho dum nariz, empalmando um par de luvas, sob algum atónito olhar provinciano: estendia voluntariamente a palma da mão a uma placa de cinco tostões, o seu sorriso mudo tinha um servilismo lisonjeador, dobrava-se em cortesias, com elasticidades de *clown*: dizia-se que conhecia agiotas, e que gerira um lupanar; era geralmente estimado, era «o maganão do Alvim». Parecera, desde o princípio, simpatizar com Artur; achava nele uma passividade favorável às «sortes». — E apenas entrou, aproximando-se na ponta das suas botas cambadas, seguido de olhares já interessados, tirou-lhe do queixo, com uma surpresa cómica, uma pêra de inverno. Em redor riram. Bravo, seu Alvim!

E o Bento Correia, disse, paternalmente:

— Isso é tirar uma pêra dum queixo, que a traz rapada.

Era um famoso *calembourg*! Causou deleite! Aquele diabo do Bento Correia... Aquela era de truz. O Meirinho, entusiasmado, acotovelou Artur:

— Este é soberbo, homem! Ponha-o na comédia! ponha-o na comédia.

O Carvalhosa, com a boca cheia, disse também:

— Ponha-o na comédia! É soberbo!

— De artista, disse com autoridade o Padilhão — olhando Artur, para o aconselhar a utilizar aquele soberbo *calembourg*.

Artur sentia diante dos olhos uma névoa sanguínea. Era uma troça, com certeza! Abafava: disse vagamente: que calor! Agarrou o chapéu, saiu. Sentiu ainda risadas na sala: riam-se dele, decerto!

Desceu o Chiado, acotovelando gente, com palavras murmuradas, que lhe saíam como um vapor de cólera: entrou no Martinho — e o criado, que limpava o mármore duma mesa, ficou pasmado do gesto brusco com que se atirou para uma cadeira, da voz furiosa com que pediu genebra.

Quando o seu furor se evaporou, Artur viu ao lado o republicano Nazareno, que com a chávena cheia defronte, fumava, a cabeça encostada à parede, as lunetas escuras reluzindo sombriamente. Os burgueses do Universal tinham-no indignado tanto, que sentiu um impulso, uma simpatia para aquele homem hostil à burguesia, que falava nos *clubs* contra ela, que

217-18: a caracterização] a caracterizão
233: o Meirinho, entusiasmado] O Meirinho, entusiasmo
252: para aquele] para aquele aquele

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

lhe preparava a morte: depois das faces alvares que tinham rido ao *calembourg* do Bento Correia, achava uma alta expressão inteligente, crítica, naquela fisionomia seca de jacobino que tomava o seu café com uma mansidão filosófica. Como o seu drama, que era a glorificação democrática do génio plebeu — agradaria àquele republicano, àquele igualitário! Parecia-lhe agora que os Carvalhosas, os Padilhões, queriam amesquinhar o seu drama, por sentir nele um grande sopro revolucionário: indignou-se contra os conservadores, os Bentos Correias: decidiu-se servir as ideias do Nazareno, dramatizá-las. Desejaria conhecê-lo, desabafar com ele, dizerem mal, odiosamente mal, da canalha que lá em cima, no Universal, lambia os bigodes da humidade do café, partindo apaticamente nozes, no enfastiamento duma nutrição cara. Procurava um meio de lhe falar, — quando o Nazareno pediu ao criado a «Revolução de Setembro», que estava diante de Artur, aberta, enxovalhada: apressou-se a dar-lha meio erguido, sorrindo: o republicano agradeceu, com um movimento reservado, percorreu o jornal um momento, atirou-o pra o lado, com desdém, e bebeu os últimos goles de café. Aquele gesto, encantou Artur: mostrava desprezo pela literatura dos Romas, dos Xavieres, da canalha! E pediu outro café, demorando-se, esperando um incidente, um olhar, alguma palavra casual, que os reunisse. Mas Nazareno, imóvel, soprava espaçadamente o fumo do cigarro. Era talvez um amigo de Damião — pensou Artur. Poderia perguntar-lhe, muito naturalmente, a morada de Damião, ou quando voltava do Algarve. — E ia falar-lhe, animado por dois cálices de genebra — quando o republicano pôs três vinténs sobre o mármore da mesa, ergueu-se, deu um jeito ao cabelo diante do espelho, e saiu, direito e seco. Que ferro!

Saiu também, imensamente desconsolado. Aquela contrariedade fez-lhe pensar com amargor nas outras, bem maiores, que lhe estragavam a vida — o seu amor por aquela criatura, pequenina e pálida, entrevista, logo perdida, a reputação de farsa dada ao seu drama tão filosófico, a Sociedade, as *soirées* da D. Joana Coutinho prometidas, sempre adiadas, os seus entusiasmos literários pelo Roma, pelo Carvalhosa, retribuídos com perfídias, desdéns, troçazinhas... Tudo na sua vida era assim incompleto, esboçado, fragmentário: não encontrava nada de sólido em que se fixar, a que se dedicar: amor, relações, glória, tudo lhe escapava de entre as mãos, como a água que uma criança quer apanhar. E sentia uma solidão, uma frialdade — que a noite enevoada aumentava. Caíra um nevoeiro, que os altos prédios entalavam, condensavam, onde a luz do gás se amolecia, e os vultos tinham um

260: conhecê-lo, desabafar] conhecê-lo, desabar
263: Procurava um] Procura um

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

tom neutro e encolhido: as fachadas escuras, pareciam mais tristes, vagamente fundidas no baço relegamento da bruma.

E Artur, caminhando todo triste, sentia a névoa prender-se-lhe ao bigode, às pestanas, amolecer-lhe a goma do colarinho, toda aquela humidade ia-se depositando na alma. Cheio de tédio, sentindo-se mais, só nas ruas vazias donde o nevoeiro afastara a gente, teve um desejo de se embebedar, aquecer o corpo e o espírito com genebra, rolar-se num deboche... Voltou ao Rossio, entrou num pequeno café, onde a cor suja das paredes, o soalho negro, o estuque enxovalhado, comiam a pouca luz de bicos tristes de gás.

Instalou-se a um canto, com a garrafinha de genebra, triste, pensando no botequim da Corcovada, que agora lhe parecia — mais confortável, mais amável que tudo o que encontrara em Lisboa, com a simpatia verbosa do Rabecaz, o lume a estalar, do outro lado do tabique, na lareira da cozinha, e as vozes conhecidas caturrando no bilhar.

Um pigarro pertinaz, numa mesa ao lado, fê-lo reparar num sujeito, que tomava um *cabaz*: era pequeno e grosso, trazia um chale-manta aos ombros, e a sua face redonda, barbeada, mole, tinha uma cor de pele de galinha: no seu olhar embaciado havia um langor mórbido e grotesco: sorriu para Artur, disse-lhe com vozinha fina:

— Má noite!

— Muito má.

O indivíduo, imediatamente, arrastou-se pela banqueta de palhinha, até junto de Artur, com um movimento derreado dos quadris, os olhos revirados, numa ternura chorosa.

— É servidinho dum *cabaz*?

Artur recusou. Aquela proximidade do velho embaraçava-o; tinha um hálito mau, alguma coisa de pegajoso na pele, um roliço de pernas efeminado, — e nos seus olhos, duma cor indecisa que não deixavam Artur, errava uma luxúria turva, equívoca, flácida.

— Então porque não vai um cabazinho? disse o homem, mais baixo, chegando-se, roçando-se.

Artur, instintivamente, recuou, com nojo. O outro, teve um gestinho de quadris, tocou-lhe no joelho, e muito canalhamente:

— Não tenha medo, menino!

Artur compreendeu, ergueu-se, e com os punhos cerrados:

— Seu mariola!

— Então, menino, então! dizia o outro tranquilamente.

294: de se embebedar] de se embedar

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Artur berrou pelo criado, atirou uma placa para a mesa, saiu furioso. O nevoeiro cerrava. Artur galgou o Chiado, impelido pela indignação, murmurando:

— Canalha de cidade!

Daí a dias, uma manhã, revia as provas dos *Esmaltes e Jóias*, quando a porta se abriu discretamente, e Meirinho entrou, pedindo muitas licenças, com o seu belo *robe-de-chambre* de ramagens, o aspecto mais serviçal, mais risonho.

Se estava a trabalhar não o queria incomodar! A rever as provazinhas, hein? Examinou-as, por cima do ombro de Artur, sem o deixar levantar, dizendo:

— Por quem é, por quem é o patrício! Eu não vim incomodar! — Bonito tipo, elzeviriano, não? É muito *chic*. Versinhos de amor, hein? Seu maganão... Ora vamos a ver, vamos, a ver. — E inclinava o rosto para escutar, com êxtase.

Artur, lisonjeado, leu, na folha que revia, algumas quadras às «Colinas de St.º Estêvão» — que era lá nos seus sítios:

Oh colinas verde-negras
Onde se escondem casais
Que põem brancuras de cal
Nos ramos dos pinheirais...

Colinas de St.º Estêvão
Onde eu à tarde passeio
Colhendo nas nuvens brancas
Motivos de devaneio...

Meirinho achou «de apetite.» E sorrindo maliciosamente, quis saber se ele não fazia às vezes «versinhos frescos» como os do Bocage, por exemplo...

Artur corou, como uma virgem. Decerto que não, que horror!

— Pois têm seu cabimento — disse o Meirinho, com um ar entendido. Eu pelo-me. E olhe que na sociedade gosta-se! Gosta-se! Já se sabe, nada de grossa indecência! No género do Padilhão! O Padilhão para isso é um Deus! Conhece o «Botão de Rosa» do Padilhão? Não conhece? — E parecia admirado! Pois olhe, é falado, e como o amigo é literato... Mas em Paris

327: impelido pela] impellindo pela
340: com êxtase] com extasi

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

é que há meninos para isso! Oh! Revirou os olhos. E poetas de fama. Victor Hugo nesse género é um Catão! São muito apreciados. É muito *chic*....

Artur, ainda vermelho, estava indignado. Havia na voz compenetrada, nos movimentos de olhos do Meirinho, fazendo o elogio da poesia obscena, uma satisfação langorosa, que lhe fazia lembrar, por vagas semelhanças, o velho do café do Rossio: e aquelas opiniões estúpidas, faziam parecer mais irritante a correcção da sua barba, o catitismo do seu belo *robe-de-chambre* de ramagens. Mas o Meirinho passou o seu lenço de monograma bordado pelo nariz — e mudando de tom:

— Pois eu vinha saber se o amigo quer ir hoje à D. Joana Coutinho?

Que surpresa. E na alegria repentina que lhe veio, misturou-se um vago medo — que lhe fez dizer sem porquê:

— Não, hoje...

Arrependeu-se logo, quereria revocar a palavra. Remexia nervosamente nas folhas impressas do livro: tinha as orelhas escarlates.

O Meirinho exclamou:

— Qual! O amigo não tem que fazer. Eu já falei à D. Joana, ela tem imenso gosto... Recita-se, naturalmente... É necessário levar uma poesiazinha...

Artur aceitou, reconhecido. E para esconder o seu entusiasmo provinciano, perguntou a que horas, quem estaria...

— Ah! fez o Meirinho, talvez lá encontre a tal senhora, que mora a S. Bento. Se é pessoa de Sociedade, uma ou outra terça-feira deve lá ir. Vai lá tudo!

Artur fez-se vermelho de prazer: calculava já que devia ir comprar luvas cor de palha, uma flor... E sentia uma estima pelo Meirinho; era um bom amigo, este; pensava em lhe dedicar uma poesia no livro...

— Como o tempo melhorou, hein! disse Meirinho, que se aproximara da janela:

De manhã ainda chuviscara; mas agora o céu azul, dum azul tenro e húmido, reluzia, entre largas nuvens algodoadas, que a luz orlava duma cor de leite macio. Artur abriu a janela: o contentamento do dia bonito misturava-se à alegria de ir à *soirée*: sentia-se vagamente enternecido; via-se lá, numa sala rica, onde caudas de seda rugem sobre os tapetes, falando-lhe baixo a ela, muito junto do leque, aberto sobre o lindo rosto corado de sensações doces.

365: satisfação langorosa] satisfação langora
368: de monograma] de nomograma

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Que recitaria?

— Recita-se, hein? perguntou a Meirinho.

— Costuma-se — disse o Meirinho, que parecia distraído, passeando pelo quarto, afagando, apertando os cordões do *robe-de-chambre*: às vezes parava, sorria para Artur, cerrava os olhos, e dava alguns passos, curvado para os seus chinelos bordados. De repente, disse:

— Então às nove, de casaca...

Dirigiu-se para a porta, mas parando, com um grande gesto:

— Homem, esquecia-me! E riu baixo um momento, como que dalguma coisa muito cómica que ia dizer. Sucede-me uma coisa engraçada... Esperava aí hoje um dinheiro... Tem graça, não? Coisas do país! É dum ridículo... Esperava um dinheiro... Pois senhores, descuidam-se.... E aqui estou eu!... — Tem o amigo dez libras, até amanhã?

Artur, um momento surpreendido, foi ao baú, tirou-as dum cartuchinho. E o Meirinho, atirando-as negligentemente para o largo bolso do *robe-de-chambre*:

— É dum ridículo, hein! Coisas do meu procurador! Tornou a rir, ambiguamente. E então às nove, de casaca. E gravata preta. Escusado gravata branca...

Sorveu outro riso — e já com a mão no fecho da porta:

— A D. Joana Coutinho, há-de estimar muito.... Já falei nos calembourgzinhos. Ela já sabe, ela já sabe!

Riu — e com um deslizar doce das chinelas saiu, dizendo: *Au revoir, cher!*

Artur ficou extremamente agitado; ia ver enfim essa coisa extraordinária, — a SOCIEDADE! Imaginava vagos diálogos, frases originais que diria, posições em que se sentaria: e sentia já indefinidas cólicas a que se misturava uns sopros de vaidade alegre, e de timidez retraente. Se *ela* lá estivesse! Ousaria lembrar-lhe a estação de Ovar?... E fumando pelo quarto, perdia-se em imaginações flutuantes, em que se formava, se desmanchava, o romance fragmentado dos seus amores com ela — até os crimes do marido, até um duelo possível!... Um criado entrou com uma carta: era do senhor Melchior, o galego esperava a resposta.

«Amigo Artur», dizia Melchior, «hoje por acaso, eu e outro amigo combinámos uma partida ao *Dafundo*, com damas espanholas. Despesas divididas, como num *pic-nic* de amigos: quer você vir? O outro rapaz — é conhecido, é dos nossos. Resposta. O *rendez-vous* é às 9 em ponto, na Casa Havanesa.

409-10: dum cartuchinho] dum cartuchino

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

P. S.: A formosa Concha está pronta a ir: e você será o seu cavaleiro! Viva a folia!»

Artur ficou com o bilhete na mão, hesitando: na letra irregular e desmanchada, entrevia como impetuosidades de troça e desalinhos de *toilette*: a ideia da *Orgia*, a ideia da *Sociedade*, aparecia-lhe toda reluzente de tentações: — numa abundância de luzes de gás, jactos dourados de *champagne* saltando dos gargalos estreitos, mulheres de decotes atrevidos, cantando, valsas improvisadas, que fazem saltar sobre a mesa as coristas, e em que o *frou-frou* das sedas se mistura ao estalar dos beijos!... Desejaria bem ir — mas a sua promessa a um homem tão bem relacionado como Meirinho, a esperança de a ver, a *ela*... Escreveu, não sem orgulho, a Melchior, que sentia, mas estava convidado para uma *soirée* no *high-life*.

A casa de D. Joana Coutinho, a St.ª Isabel, era um antigo prédio, com um pátio lajeado de pedra miudinha — onde às vezes se via, a um canto, desatrelada, a carroça da água.

Casada com um fidalgo da província, rico e já de idade, D. Joana Coutinho reunia às terças-feiras: aquelas *soirées* constituíam a sua posição social: de vez em quando, com a prudência de quem esperta uma lareira que tende a esmorecer, alguns amigos (Bento Correia dizia «alguns devotos») faziam publicar nos jornais — «que as deliciosas terças da Ex.ma Sr.ª D. Joana Coutinho continuavam a ser a grande atracção da sociedade elegante». Dizia-se geralmente que eram «*soirées* eclécticas»: viam-se nas três salas seguidas, com efeito, velhos fidalgos, novos deputados, jornalistas, um ou outro banqueiro, às vezes um ministro, poetas, e estrangeiros: às vezes recitava-se, quando dominavam as raparigas fazia-se uma «valsa de amizade», ao piano: e como seu marido conservava muitas relações na província, via-se errar entre os grupos caracteristicamente lisboetas algum sujeito embezerrado, de cores sadias, chegado do fundo da Beira, ou das alturas de Trás-os-Montes, incomodado na sua casaca toda vincada das dobras da mala: o que tornava estas *soirées* estimadas era a disposição da mobília e a moderação da luz: os sofás e as cadeiras, cobertas de Verão e de Inverno das suas *housses* de festão branco, estavam dispostas de modo a formar retiros favoráveis à intimidade dum grupo ou duma *coterie*, e recantos obscuros, excelentes para o diálogo murmurado dum par sentimental: às vezes, via-se assim, num canto mal alumiado, um peitilho de camisa, muito chegado a um

455-56: um ou outro] um outro [*Lição conjecturada por lapso do autor*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

leque aberto: — era um «escandalozinho, em plena função» como dizia o maligno Xavier: e às vezes, duma daquelas alcovas (Bento Correia dizia impudentemente — «as alcovas da D. Joana») via-se erguer um sujeito, com o rosto muito sério, entumecido, escarlate, batendo as pálpebras, como um homem mal acordado: fazia desejos de se lhe perguntar: — *fez a sua soneca, hein?* As luzes, lâmpadas carcel, de globo fosco, com fortes *abat-jours*, concentravam toda a luz na mesa, sobre inocentes álbuns e honestas vistas estereoscópicas, deixando junto às paredes uma zona de sombra, adorável: assim, não era necessário às senhoras, como se dizia, «puxar muito a *toilette*»: ligeiras modificações de enfeites no mesmo vestido bastavam durante todo um trimestre: além disso, a penumbra favorecia os rostos muito pintados: todas as belezas decaídas tomavam naquele esbatido doce dos tons neutros, um encanto imprevisto.

Por isso D. Joana Coutinho era muito estimada: apesar de ser casada com um velho monótono e passivo, e de ter com os seus esplêndidos olhos negros, e a sua alta estatura airosa, «inspirado um bonito par de paixões», era honesta. Tinha grandes amizades femininas: viam-na às vezes todo um Inverno com alguma rapariga que ninguém conhecia, desentranhada dos fundos neutros da burguesia, e que ela trazia ao seu lado no *landau*, que instalava no lugar superior do seu camarote em S. Carlos, e no centro da sua sala às terças-feiras, sempre cocando-a com os olhos brilhantes, erguendo-se de repente para lhe ir murmurar um segredo com risinhos quentes, muito zelosa dos seus olhares, dos seus apertos de mão; depois, no Inverno seguinte, «outra favorita reinava»: as suas criadas tinham reputação de bonitas: os rapazes costumavam, ao entrar, demorar-se nos corredores, tirando o *paletot* devagar, na esperança de entrever alguns dos rostinhos maganos das «escravas de D. Joana». Estas circunstâncias davam lugar a sorrisos malignos: chamava-se-lhe, rindo, *D. Juana*, que é o feminino de *D. Juan*: mas ela era tão amável, tinha um sorriso tão bom! Os seus apertos de mão faziam-lhe tilintar os braceletes dum modo tão atraente! Sempre tão pronta a servir de empenho a um ministro, a organizar um bazar de caridade, a reunir um público para a leitura dum poema triste — que, como dizia o Ministro da Justiça, ordinariamente designado por «esse robusto talento» — todo o mundo tinha a caridade de não aprofundar.

Seu marido, de resto, parecia contente, e orgulhoso dela: era um homenzito amarelo e silencioso, a quem ao entrar os homens davam um aperto de mão mole, e as senhoras mostravam os dentinhos num sorriso

475: estereoscópicas] estereotópicas [*Esta correcção é confirmada mais adiante; Cfr. linhas 622-23*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

curto: depois, não se reparava mais nele: era muito metódico, muito económico, e toda a noite errava subtilmente pela casa, arranjando aqui uma cadeira, diminuindo no corredor um bico de gás, levantando um *paletot* caído: dizia-se geralmente que tinha um aneurisma: dois sujeitos, ambos empregados no Ministério do Reino, ambos graves, seguiam, com impaciência, a marcha da enfermidade, estudando-lhe a amarelidão, os cansaços, — na esperança de gozar os dez contos de réis de renda da viúva. Dizia-se, porém, geralmente, que morto o marido, D. Joana Coutinho se retiraria a um convento — onde o número, a idade das educandas, satisfaria amplamente as suas necessidades de ternura feminina.

Davam nove horas no relógio do corredor quando Meirinho, Artur, entraram para despir os seus *paletots*, num pequeno gabinete, alumiado por serpentinas, ao lado dum antigo tremó de província. Artur, muito nervoso, encharcado de água-de-colónia, hirto na sua casaca, com uma compressão de medo no estômago, calçava, um pouco trémulo, as suas luvas cor de palha — quando ouviu numa sala próxima um jumento zurrar. Voltou-se espantado para Meirinho, que sorriu, — alteou ao espelho o peitilho, penteou cuidadosamente a sua bela barba, disse:

— É perfeito, hein?

O burro bramava, — e aquele ronco bestial, numa sala, vindo através do reposteiro de fazenda escura com um monograma bordado sob uma coroa, dava a impressão duma estrebaria, instalada numa *soirée*.

— É o nosso amigo, disse o Meirinho. Deu um puxão à casaca, ergueu o reposteiro.

Era com efeito o Padilhão, que no meio da sala, torcido sobre uma cadeira, com as mãos nas ilhargas, a face roxa, fazia a sua grande imitação «dum burro com cio»!

E admiravam-no! Sujeitos graves, as mãos atrás das costas, tinham nas suas faces burocráticas expressões aprovadoras, profundas; dos sofás, na penumbra, estendiam-se magros pescoços avelhados, bocas de poucos dentes entreabertas, de pasmo; e as senhoras, de pé, com o peito alto, a cabeça de lado, o rosto luzidio de satisfação, com risinhos cálidos, saboreavam a sensação de bestialidade que espalhava na sala aquele rouco bramar, de cio.

— Muito bem! Muito bem! Magnífico!

Ele erguera-se, com os olhos injectados, arquejante, alargando o colarinho, murmurando:

— Esta do burro mata-me!

513: educandas, satisfaria] educandas, sastifaria

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Trouxeram-lhe água com açúcar: as senhoras cercavam-no, electrizadas, como procurando nele o cheiro, o calor, a excitação de estio do animal. E pediam-lhe que fizesse a «Emília das Neves»! Só um instantinho. Padilhão repelia-as, quase brutalmente, inchado, bufando; foi refugiar-se num sofá, ao pé de duas velhas, abanando-se com o lenço:

— Isto não é forja de ferreiro! Isto não é forja de ferreiro. Esta do burro mata-me!

Meirinho então, correndo a D. Joana Coutinho que atravessava a sala, apresentou-lhe Artur. Ela deu-lhe o seu grande *shake-hands* varonil, o sorriso amigo que lhe descobria os dentes até às gengivas:

— Muito prazer!... É admirável o Padilhão, não? Tem-nos divertido imenso!...

Artur olhava-a: era muito alta, de feições um pouco masculinas, as maçãs do rosto salientes e coradas, o nariz grande, os lábios tão vermelhos que pareciam sanguinolentos: a sua força estava nos olhos encovados, muito negros, brilhantes, voluntários: da sua cinta espartilhada, móbil, seca, caía uma camada espessa de saias, com um *ruge-ruge* de engomado e de *faille* dura: e havia na sua magreza, nos seus movimentos duma ondulação felina, no seu cabelo preto, forte, no buço, no macio das suas mãos longas e estreitas, naquela quantidade de saias rijas — um tom ardente, decidido, que preocupava e irritava:

— Há muito tempo em Lisboa?, perguntou ela.

Mas o Padilhão, erguendo a voz, do fundo da sala, de entre senhoras:

— Oh Sr.ª D. Joana, venha cá, venha decidir.

Ela deu um sorriso a Artur, foi logo, balançando a sua camada de saias sonoras.

Artur só, isolado, procurou Meirinho, com um olhar inquieto: não o viu — e ficou muito embaraçado, com o *claque* colado à perna, sentindo o acanhamento entorpecê-lo, os dedos errantes sobre o bigode. A penumbra dada pelo grosso *abat-jour* verde, esbatia, num tom neutro, apagado, as fisionomias: todas lhe eram desconhecidas: olhou um momento uma mulher bonita, de vestido de seda amarelo, que enterrada numa poltrona baixa, o leque aberto sobre o colo, o olhar no chão, escutava com um vago sorriso um sujeito de *pince-nez*, com os pulsos magríssimos, que gesticulava muito chegado a ela: junto à mesa, três meninas cochichavam com risinhos, os rostos unidos, examinando um álbum: desejou bem um álbum também

559: magreza, nos seus] magreza, na sua seus
570-71: penumbra dada] penumbra da

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

para folhear, — e o seu olhar voltava-se ansiosamente para D. Joana que, de pé, defronte do Padilhão, muito estirado no sofá, entre vestidos de mulheres, ria toda animada, com o braço passado pela cinta bonita duma menina loira e gordinha. Para não estar imóvel, então aproximou-se a examinar um quadro, que pendia sobre uma consola, onde havia porcelanas: mas na meia obscuridade, que dava o *abat-jour*, apenas via os dourados desbotados do caixilho: voltou-se, mais embaraçado, infeliz: duas velhas, de enfeites negros, com as mãos no regaço, um aspecto de placidez embrutecida, pareciam examiná-lo, com desdém —: quase angustiado, furioso com Meirinho que desaparecera, com D. Joana que o esquecia, — entrou na outra sala, com a esperança que a veria, a *ela*!

Na sua turbação, distinguiu apenas, na mesma penumbra que davam os *abat-jours*, peitilhos de camisas de sujeitos recostados, corpetes de seda onde reluziam medalhões; leques palpitavam devagarinho, falava-se francês: junto duma jardineira, ao meio da sala, uma magnífica mulher, de aspecto escultural, com uma massa soberba de cabelos loiros, remexia distraidamente em fotografias espalhadas, e sentada de lado, à beira da cadeira, toda a riqueza das suas linhas estava em relevo, e a longa cauda escarlate do vestido estendia-se, amplamente, sobre o tapete. Mas *ela* não estava, não viera, não era talvez mesmo das amigas de D. Joana. A *soirée* perdeu para ele todo o encanto, todo o atraente calor ambiente: pareceu-lhe fictícia, dum cerimonial frio. Ia retirar-se, muito intimidado, — quando ouviu a voz do Carvalhosa:— gesticulava, entre dois sujeitos, ao fundo, junto da chaminé, onde um guerreiro de bronze brandia uma espada sobre um cavalo empinado. Aproximou-se logo dele, com um sorriso quase servil, todo reconhecido: o Carvalhosa, deu-lhe um *olá* seco, desdenhoso, e, mesmo, abaixou a voz. Artur, desesperado, examinou um momento o bronze: sentia os pés pesados como chumbo, as orelhas ardentes: e muito perturbado, veio tropeçar na longa cauda de seda escarlate. A senhora voltou-se com um olhar que brilhou, conchegou a cauda com um gesto brusco, quase irritado.

Artur entrou na primeira sala; ficou um momento junto da porta, imóvel, porque sentia que as articulações se lhe emperravam, e os pés pesavam-lhe, como se fossem de chumbo: teria de passar toda a noite, errando assim, de ombreira a ombreira, mudo, grotesco, lúgubre? E as três meninas conservavam ainda egoistamente o álbum! Desejaria bem aproximar-se do Padilhão, refugiar-se nele, como numa intimidade animadora mas estava tão cercado de saias, de sedas, de penteados enchumaçados, de leques abertos!

578: olhar voltava-se] olhar voltavava-se [*Ditografia por mudança de página*].
597-98: o encanto] o ecanto

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

E sobretudo a intimidade que os unia, envolvia a todos, como uma atmosfera — tornava o seu isolamento mais pungente! Deviam, decerto, pensar — «que provinciano, que lapuz!». Achou aquela gente artificial, egoísta, amaneirada! Que saudades do seu *robe-de-chambre* de veludo, no quarto do Universal, ou do botequim da Corcovada em Oliveira! Mas não podia ficar ali, espectralmente colado à ombreira! Já surpreendera olhares de lado, sorrisos que lhe punham nas costas um suor aflito. E com um esforço da vontade retesada, aproximou-se da mesa para se apoderar das vistas estereoscópicas — quando D. Joana, com o peito alto, batendo o leque, um *ruge-ruge* de *failles* grossas, se dirigiu a ele:

— Então tem gostado de Lisboa?

— Muito, minha senhora — respondeu, com todo o sangue nas faces.

— Ah, gosta-se sempre!... Sorria, e por cima do ombro de Artur para o grupo das meninas que folheavam o álbum: ameaçou-as mesmo com o leque, um rápido brilho nas suas pupilas negras. Está um tempo muito agradável, não?

— Adorável!

— E vai durar, é de esperar... Tornou a sorrir para as raparigas, a ameaçá-las com o leque. E demora-se?

— É provável!

— Terei muito prazer... Abaixou-lhe a cabeça com um movimento lento que lhe cerrou as pálpebras, e com outro sorrisinho que descobria as gengivas, afastou-se, dizendo-lhe ainda: o Meirinho está com o seu *whist*...

Artur viu-a um momento falar às meninas, rindo, com a sua cinta sempre móbil, como sustentada no ar pelo tufado das saias; depois debruçar-se sobre o álbum, falar-lhes sobre o rosto, roçando-se por elas, pondo-lhes as mãos no ombro a uma, a outra, viva, radiante: achava-a provocante, com o seu longo nariz, os seus dentes tão brancos, aquela magreza quase masculina, onde corria uma vibração de nervos excitados: e mais animado, como se as palavras que dissera lhe tivessem decepado o entorpecimento — atravessou a outra sala, para ir ver Meirinho na sua partida de *whist*. Havia dois reposteiros — abriu um, topou com uma porta fingida, num vão onde estava encostada uma vassoura: vermelho até à raiz dos cabelos, ergueu o outro: ao fundo duma saleta, Meirinho lá estava, a uma mesa de *whist*. Artur apoderou-se avidamente duma cadeira, instalou-se entre Meirinho e um sujeito de suíças grisalhas e óculos de oiro.

644: tivessem decepado] tivessem dessepado

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

— Então, tem-se divertido?, perguntou-lhe o Meirinho. Recebeu as suas cartas, e recaiu numa reflexão, imóvel, coçando devagar a barba. Artur não sabia o *whist*: mas como se fumava, acendeu o charuto, mostrando-se interessado pelo jogo, seguindo atentamente as cartas, estabelecido ali como num refúgio amável, com terror da sala, das ombreiras solitárias, das caudas de seda.

O monótono movimento das cartas ia-lhe dando um torpor sonolento: com o *claque* nos joelhos, a cabeça vazia, uma vaga sede, abandonava-se, uma inércia mole, enfastiada, — de que o tirava o Meirinho de vez em quando, dizendo-lhe, com um tom satisfeito:

— Não se faz vintém!

Aquilo escandalizava o sujeito de óculos, que perdia: o que se não faz — o que não é decente, é ter uma sorte tão escandalosa. Parecia ter um génio irritável: certas cartadas faziam-no mexer-se na cadeira, com um rosnar hostil; já por vezes olhara Artur de lado com rancor.

Artur acendia outro charuto, quando o sujeito, que jogara uma carta com ira, batendo com os nós dos dedos, ao ver Meirinho estender a mão à vaza, pulou na cadeira, fez estalar os nós dos dedos, repeliu a caixa de rapé, disse, entre os dentes:

— Eu, quando há calistos, não posso! Não posso! Nem um jogo é um prazer!...

Artur não sabia o que era um *calisto*: estranhou o acento sibilante, furioso, daquela voz caturra: sentiu que o sujeito de óculos o detestava, e o parceiro dele, mais grave, muito calvo, disse:

— Então não se vai fazer a corte às senhoras?

Artur respondeu:

— Estou bem, gosto de ver jogar!

O de óculos torceu-se na cadeira, soprando.

O Meirinho, mudo, cofiava a barba, a face risonha, banhada na alegria do ganho.

Deram-se as cartas: ao ver as suas, o de óculos deu uma punhada na mesa.

— Uma coisa assim!

Tinha a face injectada, por trás dos vidros dos óculos os olhos pequeninos faiscavam-lhe: de repente, a uma cartada infeliz, recuou a cadeira, fez *oh!*, rangeu os dentes, e voltando-se para o Artur, tremendo de cólera:

— Perdão, eu não tenho o gosto de o conhecer, mas eu não posso, não posso! Estes amigos sabem! Conhecem-me o génio! Tem a bondade de

657: O monótono] A monótono
664: faziam-no mexer-se] faziam mexer-se [*Lição conjecturada por lapso do autor*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

mudar de lugar! — E não se contendo berrou, com os punhos fechados: Eu com calistos não posso!

Artur erguera-se, pálido, balbuciou:

— Pois não, pois não...

Atirou o charuto, e, pisando o tapete com passos nervosos, saiu, pra deixar a *soirée*, indignado, humilhado, furioso contra Meirinho. — Ao erguer o reposteiro, deu com D. Joana Coutinho, que, muito afável:

— Ia procurá-lo. O Meirinho disse-me que é poeta... Queremos que nos recite logo alguma coisa...

Todo o seu despeito se dissipou: sentiu envolvê-lo subitamente uma simpatia ambiente: Pois não! Pois não!, recitaria «A Pomba». Curou-se enternecido, e entrando na sala foi apoderar-se do álbum — que as três meninas tinham deixado, muito entretidas agora com o Padilhão, que lhes lia nas palmas das mãos a *buena-dicha*, com cerimónias de bruxo, fazendo voz sepulcral. E riam!

Artur, folheando o álbum, — pessoas reais, vistas da Penha, indivíduos de farda — recordava as estrofes d'«A Pomba». Pelo meio da sala, dois sujeitos passeavam, pausadamente: um muito alto, com uma enorme deprimida no alto, escutava, com um olhar vazio, sonâmbulo, o perfil espesso; — o outro, magrinho, de passinho dançado, falava com verbosidade, uma das mãos por baixo da aba da casaca, — o que lhe mostrava um pouco da camisa saída — a outra, de polegar estendido, furando com gestos vivos aqui, além, o ar: Artur ouvia-lhes, ao passar junto deles, «a portaria...», «... influências da prima»... «o rei é que quis»... «o ministro, furioso». Às vezes paravam — e o alto, rolava em redor, para os lados, os bugalhos baços dos seus olhos pasmados. Um indivíduo nutrido, que gaguejava, falava com senhoras de idade da irreligião dos criados! Era coisa que ele não suportava. As velhas lamentavam a perdição dos tempos... O povo estava ímpio, era obra da Maçonaria... Mas um velhote, de colarinhos enormes e bochechas fortes, aproximou-se arrastando a perna: perguntaram-lhe como ia da bexiga?... Estava decidido à operação... Talvez fosse fazê-la a Paris... Discutiram médicos, farmácias — e as vozes tomavam os tons dolentes dum quarto em que se agoniza.

Mas Artur teve de se arredar um pouco para dar lugar, à mesa, à senhora de vestido cor de palha, que se aproximava com o rapaz feio de *pince-nez*: era alta, com seio rico, a pele esplêndida, os olhos grandes: sentou-se, tomou uns poucos de retratos soltos, que estavam num cesto de filagrana; o rapaz feio disse-lhe ainda algumas palavras baixo, e afastou-se de cabeça alta, limpando ao lenço o *pince-nez*; ela deu um olhar rápido a Artur,

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

outro lento à roda do vestido, comprimiu de leve um bocejo, e ia examinando distraidamente os retratos: Artur admirava as suas mãos duma brancura láctea, cheia de pedrarias, o começo do seu braço, cujo torneado, polido como um mármore, se perdia em fofos de rendas ricas. O Padilhão, que acabara de ler a *buena-dicha*, veio falar-lhe: nunca a **tinha** visto com melhores cores...

Ela riu:

— Sim?... E então, não nos faz outra imitação?

— Ah, já contribuí, já contribuí! A do burro cansa-me muito. Aqui o nosso amigo — e indicou Artur — vai-nos recitar...

Ela olhou Artur, um pouco de lado — e então, muito correcto, o Padilhão apresentou «o seu amigo Corvelo».

— E agora, acrescentou, vou ver o D. Victorino, que tem perdido e está furioso... *Au revoir*, baronesa.

Artur, vermelho, procurava uma palavra — quando ela, que percorria as fotografias, reparando numa, mostrando-lha:

— É Rochefort, não?

Artur, quase inconscientemente, soltou:

— Grande apepinador!

E espantado, aterrado daquela frase quase obscena que lhe saíra, involuntariamente como um arroto, sentia a vergonha esbrasear-lhe a pele, pôr-lhe um suor nas mãos, imobilizá-lo: viu os dois sujeitos que passeavam pararem junto da baronesa: mas, através do zumbido que lhe enchia as orelhas, as suas vozes chegavam-lhe apenas como um murmúrio remoto: percebeu vagamente que falavam do *Fim de D. Juan* (o poema recente dum ilustre poeta). A baronesa, que justamente o lera essa manhã, não gostava, achava páginas incompreensíveis. O indivíduo magrinho atacava o livro: não que ele o tivesse lido, ah não!, não tinha tempo para se ocupar de versos, romances, literatura — mas constava-lhe que estava recheado de imoralidades, e de ideias da Comuna... O indivíduo sonâmbulo parecia procurar uma ideia na lâmpada carcel, no penteado da baronesa, no peitilho da sua própria camisa, com um olhar duma ânsia abstracta: não a achou, e passou os dedos devagar pela testa enorme, com uma lentidão cheia de agonia... O magrinho parecia furioso contra as ideias novas, os livros novos, os rapazes novos! Era de opinião que o Governo devia intervir... O sonâmbulo, com um esforço que lhe entumeceu mais o rosto, disse numa voz espessa, crassa:

— É todavia um rapaz bastante profundo. Teve outro esforço, murmurou, com um tom barroso: Dizem-me que tem muito fundo...

731: a **tinha** visto] a visto [*Lição conjecturada por lapso do autor*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Era possível — mas a senhora baronesa preferia, a todo o *Fim de D. Juan*, uma simples quadra das *Flores da Alma*. «As Flores d'alma que se alteiam belas»...

— Ah!, disseram os dois, concordando, impetuosamente.

As palavras, que vinham por fragmentos a Artur, através da sua turbação, — faziam-lhe entrever, na senhora baronesa, leituras, curiosidades artísticas, um gosto formado; e a sua frase, — *um grande apepinador!* — parecia-lhe, então, mais estúpida, mais torpe!

Ergueu-se, subtilmente, encolhido de vexame, foi-se refugiar, com a cabeça a arder, na sala amarela, toda deserta, onde as luzes das serpentinas erguiam grandes chamas direitas: atirou-se para o sofá, deu uma punhada no joelho, com um *oh* de raiva. — O que lhe fizera partir dos lábios aquela palavra abjecta? Ele, que ao nome de Rochefort sentira apertarem-se-lhe tumultuosamente no cérebro apreciações finas, originais, pitorescas! E era àquela mulher, bela, toda vestida de seda amarela, com uma carnação tão bela que tinha a majestade dum mármore, que atirara aquela chulice! Apresentado como um poeta, um estilista, um delicado, abre os lábios, e solta uma sandice obscena! Ele que, mesmo entre homens, quando se desabotoam os coletes e se fala numa fumaraça de cigarros, tinha sempre uma correcção honesta de expressões!... Oh! Que pensaria ela? Que diria D. Joana?...

Sons de piano tiraram-no da sua modorra. Ergueu-se; o seu rosto no espelho, pareceu-lhe esvelhecido, parvo —, e com a *claque* colada à coxa, chegou à porta da sala. Valsava-se.

D. Joana, que passava pelo braço do barão — um rapazote, gordinho e baixo, de colarinho muito decotado, e uma barbinha rara — parou, e voltando o rosto para o Artur, baixo:

— Quiseram antes valsar. Raparigas!... Mas noutra noite, espero ter ocasião de o ouvir... Tira par para uma valsa?

Artur fez-se escarlate.

— Eu não valso.

— Para uns lanceiros, então?

— Não obrigado, não danço...

— Ah!, fez ela — e afastou-se, rindo baixo, com o barão.

Artur teve-lhe ódio. Desejou raivosamente um título, uma pasta de ministro, a glória de duelista, uma celebridade que o fizesse temido, admirado...

— Tem a bondade de deixar passar, — disse-lhe sobre o ombro uma voz impaciente. Voltou-se: era o rapaz do *pince-nez* — que trazia pelo braço

769: na senhora] na Snr

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

a magnífica criatura de grande cauda escarlate. Artur recuou bruscamente — e vendo, junto duma velha, uma cadeira desocupada, refugiou-se ali, numa atitude aniquilada e hostil, por trás duma poltrona onde pôs a *claque* que o impacientava. Como quereria entrar naquela sala, à frente duma multidão furiosa, numa noite de revolução! Espedaçar os espelhos à coronhada, carregar de algemas aqueles punhos de magricelas! Ver aquelas mulheres tão triunfantes, de peito erguido, arrastarem-se de joelhos, aos seus pés, na imploração soluçante duma casta vencida!

O sujeito magrinho, que admirava as *Flores da Alma*, — tocava ao piano o *Danúbio Azul*, com movimentos ternos de cabeça que condiziam com as suas preferências poéticas: tinham recuado a mesa — e no soalho, encerado, à francesa, quatro pares giravam, com um *frou-frou* de caudas, um rápido resvalar de solas; as porcelanas sobre a consola tremelicavam, levemente: os leques tinham uma palpitação mais rápida: falava-se com a vivacidade comunicada pelo ondear das saias e a vibração dos teclados; a menina à beira da cadeira, com pezinhos impacientes, tinha um brilho nas pupilas — e o globo do candeeiro, sem *abat-jour*, alumiava, defronte de Artur, um vasto quadro à Salvator Rosa, onde havia ruínas, pinheiros mansos e bandidos.

A velha de enfeites vermelhos pareceu acordar, bocejou, mastigou em seco, — e voltando-se para Artur:

— Faz favor de ir dizer à Maria que vão sendo horas.

Artur hesitou, balbuciou:

— Eu não conheço.

A velha olhou-o com curiosidade — desembaraçou uma luneta de ouro dos breloques do relógio, aplicou-o, com a cabeça erguida, e chamou um rapaz, loiro — que veio, todo afável, limpando a testa do suor da valsa.

— Faz favor de dizer à Maria, que são horas...

— Oh, Sr.ª D. Sofia, pelo amor de Deus, acudiu o moço. — Isso é uma tirania. Mais meia hora pelo amor de Deus, — e abria os braços suplicante.

— É que eu depois é que a aturo — rosnou a velha; vá lá, vá lá!

Tornou a mastigar em seco, e pareceu readormecer.

Os sapatos de verniz começaram a torturar Artur — decidiu — partir, foi à sala de jogo chamar Meirinho. Ao vê-lo, o sujeito de óculos teve um

826: aplicou-o] aplicou [*Lição conjecturada por lapso do autor*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

movimento de terror: e o Meirinho, que perdia agora, muito vermelho, respondeu com impaciência:

— Aqui cada um sai quando quer! — E agarrou as cartas, furioso.

Aquela palavra brusca escandalizou Artur: lembrou-se, com despeito, das dez libras emprestadas — resolveu exigir-lhas: detestava agora o Meirinho, a D. Joana Coutinho, a Sociedade, Lisboa — e vestia, na saleta, o seu *paletot*, quando viu que lhe esquecera a *claque*, na sala, sobre a poltrona. Despiu o *paletot*, desesperado, voltou à sala. — Que raiva! Uma senhora — robusta, a quem chamavam familiarmente viscondessa, sentara-se na poltrona! Ainda pensou que ela tivesse visto a *claque*, a atirasse para outra cadeira ao pé: não — gorda, enorme, com uma espessura de saias e de folhos, sentara-se, sem o sentir, em cima da *claque* chata. Ficou aniquilado, — sem ousar pedir àquela majestosa senhora «que se erguesse, que queria o seu chapéu»: pensou que ela se levantaria, em breve, libertaria a *claque* — e perfilou-se um momento junto à ombreira, foi ver todas as fotografias na sala onde havia o cavaleiro de bronze, foi examinar os livros, numa estante envidraçada: não se atrevia a consultar o Meirinho; e o Padilhão valsava, Carvalhosa saíra: decidiu-se a dizer à viscondessa um dito espirituoso, original, — que a fizesse erguer logo, rindo, amável, encantada: mas acudia-lhe apenas a frase natural, seca: — a senhora está em cima do meu chapéu! De repente lembrou-lhe que talvez fosse uma *partida*: queriam escarnecê-lo, torturá-lo: um sopro de orgulho, de revolta, sacudiu-lhe a vontade: não! iria, faria levantar, aquele enorme corpanzil de matrona, e se visse uma face de homem sorrir, espalmava-lhe uma bofetada. Voltou à sala, resoluto: e ficou todo inerte, acabrunhado, vendo a viscondessa, imóvel, com o seu grande nariz bourbónico muito lustroso, cercada do rapaz do *pince-nez*, do sonâmbulo, do magrito. Teve desejos homicidas: sentia-se tão desgraçado que se lhe humedeceram os olhos: sem motivo, de repente lembrou-se de sua mãe, — e todo enternecido, voltou à sala amarela, atirou-se para o sofá, com a cabeça entre as mãos.

Um *frou-frou* de saias roçou o tapete — uma voz disse:

— Está incomodado?

Era D. Joana, pelo braço do barão. Artur ergueu-se bruscamente, explicou que tinha a enxaqueca...

Sim, com efeito, na sala dentro estava um calor... Mas não consentiam que se abrisse uma vidraça... O ar fazia-lhe bem. — E acrescentou — Ah, se espera pelo Meirinho, — olhe que ele não larga o *whist* senão alta noite.

855: a senhora] a Snr
871: que se abrisse] que se abria

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Ele disse, atarantado, pensando vagamente, se D. Joana o expulsava:

— Ah, eu vou já, não me demoro...

Ela estendeu-lhe a mão:

— Espero tornar a ter o prazer... Às terças-feiras...

Artur, só na sala — pensava — e o chapéu?

Agora que se despedira da D. Joana, não podia voltar a imobilizar-se à ombreira da porta, esperando a saída da viscondessa. — E poderia explicar, que a sua *claque* estava debaixo das gorduras da viscondessa? Ririam, seria prodigiosamente grotesco.

Com uma esperança, voltou à sala: lá estava, repimpada, as mãos gordas cruzadas no regaço, estabelecida, palrando com a sua voz nasal. D. Joana Coutinho pareceu surpreendida de o ver: e muito amável:

— Perdeu alguma coisa?

— Não, acudiu, era o Carvalhosa...

— Ah, foi-se! Aquele ingrato, está um momento, desaparece...

Artur inclinou-se — e saiu: estava farto, que diabo! Vestiu o *paletot*, e desceu a escada, sem chapéu: mas ficou aterrado: no pátio estavam dois trintanários de casacas brancas, um cocheiro de praça: — mas, tornar a subir?... Não —, retesou a vontade, dirigiu-se ao portão: enquanto o criado, atónito para ele, abria devagar as grossas fechaduras, ele sentia, por trás, risinhos fungados: a chave, perra, parecia resistir: Artur tremia de raiva, de vexame: enfim a porta maciça rolou, — uma frialdade húmida envolveu-lhe a cabeça: chuviscava.

Amarrou um lenço, com um nó sob o queixo, e cosido com as casas, querendo enterrar-se na escuridão, apressou-se, correndo quase, com a chuvinha no rosto, a garganta túmida de lágrimas. Mas perdeu-se, vagueou pelo Rato, pelo Salitre; pessoas paravam, assombradas daquele indivíduo, cujos passos pareciam ébrios, com um lenço apertado na cabeça! Na rua da Escola, um trem recolhia: atirou-se para dentro, gritou:

— Pra o Universal.

Que alívio, ao pisar o tapete do quarto! Despiu, com uma cólera impaciente, a casaca, arrancou bruscamente a gravata — como se quisesse arrojar de si, com a *toilette* que lhe representava a *soirée* odiosa, todos os seus desejos de sociedade, de encontros amorosos em salas aristocráticas,...

Só quando ia a apagar a luz, é que se lembrou que em casa da D. Joana Coutinho ao outro dia encontrariam o chapéu! Pelas iniciais que ele, tolo,

880: gorduras da] gorduras da da
899: pelo Salitre] pelo Salitere

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

mandara bordar no forro de cetim azul, reconhecê-lo-iam! Que risadas! Formar-se-ia a legenda do poeta de Oliveira, que esquecera a *claque*, o peludo! Oh! — Mas que lhe importava? Estava bem resolvido a não voltar lá, nem a outra *soirée*! Isolar-se-ia na Poesia, na Arte! Frequentaria Nazareno, seria um republicano, conspiraria contra aquele mundo burguês, bancário, fictício, idiota! E faria sátiras contra os jogadores de *whist* grotescos, e contra as viscondessas gordas! Canalhas! — murmurou, conchegando-se aos lençóis.

Mas ia a adormecer quando, como o frio duma lâmina, lhe atravessou no cérebro a ideia da frase que dissera — *Grande apepinador!* Era a única que pronunciara. Deu um murro no colchão, rugiu uma obscenidade, e com um *Oh!* de raiva e de vergonha, enterrou a cabeça no travesseiro. — Sonhou com a *soirée*. Valsava com a senhora baronesa — mas no chão encerado escorregou, entre as gargalhadas agudas de velhas de enfeites lúgubres: não se podia erguer — e aquela gente impiedosa, fictícia, egoísta, continuara, valsando-lhe alegremente sobre o corpo prostrado: sentia sobre a testa — onde viviam ideais que eles não tinham, — pularem os sapatinhos de cetim da senhora de cauda escarlate; — e no peito — onde palpitava um coração que não batia no peito deles, — enterrarem-se as tachas dos tacões do sonâmbulo.

Dormia tarde ao outro dia, quando a porta se abriu bruscamente, depois a janela, e viu, junto do leito, o Meirinho, pálido, com os olhos fora das órbitas, e a *claque* na mão!

— Então, gritou-lhe, então o senhor saiu ontem sem chapéu?

Artur fingiu-se estremunhado, bocejou, espreguiçou-se, disse, vagamente:

— O quê? O que é?

— O que é? — E a *claque* tremia nas mãos coléricas do Meirinho. — É isto! É o seu chapéu. Então o senhor saiu sem chapéu?

Artur afectou rir —: pensava que o tinha perdido, procurara-o, estava com dores de cabeça, havia uma tipóia em baixo...

Meirinho levou as mãos à cabeça:

— Ih, Jesus! Que vergonha, meu caro amigo! Eu esta manhã recebo um chapéu, com um bilhete da D. Joana — que tinham achado aquela *claque*, e que só depois de muitos tratos à memória é que descobrira, pelas

914: de *whist*] de Whiste
924: sentia sobre] sentia so
932, 936: o senhor] o Snr
941-942: aquela *claque*] [*A partir daqui, Eça passa a considerar* claque *como do género masculino; no entanto, como o comportamento normal do autor é dar esta palavra como do género feminino, faço a devida regularização*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

iniciais, que era a sua! Estava numa poltrona! A viscondessa toda a noite lhe estivera sentada em cima!

Artur, tentou rir: até tinha pilhéria!

— Pilhéria, bradou o Meirinho, batendo assombrado com as mãos uma na outra! Pilhéria! É uma vergonha! Que hão-de dizer! Eu não me atrevo a ir lá, eu nem me atrevo a ir lá outra vez! Uma assim!...

Levou as mãos à cabeça — e saiu, desesperado.

A *claque* ficara sobre a cama: Artur agarrou-a e torceu-a com tanto rancor, que lhe quebrou a mola. Maldita, vai! — E atirou-a, furioso, para o canto da roupa suja.

Saltou com os pés nus para o chão, e toda a manhã, esguedelhado, com os olhos vermelhos, embrulhado no *robe-de-chambre*, rimou uma sátira amarga contra o *high-life*:

Oh, corações de pedra, oh, homens do milhão!

949: agarrou-a e] agarrou e [*Lição conjecturada por lapso do autor*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

VI

Nessa noite, entrando no Martinho viu com prazer um lugar livre junto à mesa onde, como de costume, o Nazareno tomava o seu café: desde a véspera o seu desejo de o conhecer redobrara; repelido da *soirée* da D. Joana, pelo mundo conservador, oficial, estabelecido, tendia instintivamente, no seu despeito, a refugiar-se, no mundo revolucionário, revoltado, de que o Nazareno lhe aparecia como o representante simpático: decidira-se a seguir as suas ideias, amava sobretudo a democracia por certos lados humanitários, sentimentais, reparadores, e supunha nos homens que a serviam um calor do coração, uma fraternidade sensível, que a sua natureza efeminada apetecia — e que faltavam à gente seca, fictícia, sem generosidade e sem entranhas, que o humilhara tanto, em Santa Isabel: além disso devorava-o um desejo vago de se vingar da sociedade — e queria concorrer para a sua destruição provável, aliando-se ao Nazareno, aos seus amigos, levando-lhes a sua poesia, o seu estilo, o seu dinheiro, o seu ódio.

Para facilitar o conhecimento, teve o cuidado, ao sentar-se, de cumprimentar discretamente o Nazareno: e reparara que ele nunca bebia alcoólicos, não tomou a sua genebra, pediu *anisette*; e fumando devagar o seu charuto, revolvia frases filosóficas que lhe diria, — esperando uma casualidade que os aproximasse — quando um sujeito, de aspecto doente, que parecia saído dum hospital, se aproximou devagar do Nazareno: tinha os lábios naturalmente entreabertos, o nariz afilado, uma palidez oleosa, a barba desmaiada: parecia ter saído da cama, e conservava ainda na pele, na camisa ignóbil, na guedelha seca, o cheiro da febre, e o relentado dos suores: apoiava ao mármore da mesa as duas mãos lívidas, moles, pegajosas, de unhas negras, — e com uma voz débil, de rouquidão astmática:

— Então quando fica isso pronto?

O Nazareno pousou o cigarro à beira do pires, disse:

— Daqui a quinze dias. Foi necessário pôr papel, que a parede estava ignóbil.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

A sua voz, que Artur ouviu pela primeira vez, era dum timbre enérgico, e resoluto. O doente, varreu a mesa com a palma da mão, pareceu limpar os dentes com a língua — e perguntou mais baixo:

— O Matias?

— Tem a nevralgia, hoje.

— Lá falei com o homem de Alcântara...

— Então?

O doente estendeu o beiço, oscilou a cabeça:

— Sim, boas ideias, chega-se, mas... É preciso espicaçá-lo. Vou mandá-lo amanhã ao Matias!

— O Matias amanhã tem nevralgia, tem sempre dois dias nevralgia...

— Ah! E o Damião? Quando vem?

O Nazareno, tirou do bolso um maço de papéis, mostrou-lhe uma carta. O doente leu, sorriu com as gengivas brancas, disse:

— Coisas do Damião... Derramou em redor o seu olhar mórbido, tossiu com fadiga, e erguendo a gola do *paletot*:

— Vou-me chegando, que está húmido... Apareça, Nazareno.

O republicano retomou o seu jornal. Artur tinha agora um pretexto, quase um direito a falar-lhe: amigo do Damião, quereria saber se a sua ausência se prolongava, na província. Animou-se, e corado, com o chapéu na mão, a voz acanhada, dirigiu-se ao Nazareno:

— Eu peço perdão a V. Ex.ª. Não tenho o gosto de o conhecer, mas... Ouvi sem querer V. Ex.ª falar no Damião... É o meu amigo íntimo... Desejava saber se se demora, se...

— O Damião, ainda tarda um mês...

Dobrou o jornal, bebeu um golo de café, e ajeitando as lunetas: Então conhece o Damião?

Artur apossou-se duma cadeira, estabeleceu-se à mesa, e exagerou as suas relações com o Damião: eram íntimos, já desde Coimbra: tinham sido companheiros de casa, escreviam-se sempre... Ele até viera a Lisboa, para viver com ele. Infelizmente tinha partido. « Grande rapaz, hein?».

O Nazareno teve um gesto, de respeito simpático, fez:

— Ah!

Artur então exaltou o Damião. Já em Coimbra era o centro da Inteligência. Era uma das fortes cabeças do país. E que espírito, hein! E bom coração. Não havia melhor no Partido Democrático... — Repetiu duas vezes, o *Partido Democrático*, — para se pôr com o Nazareno em comunhão de ideias. Mas o republicano escutava-o, reservava-se; quebrando a cinza do

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

cigarro no pires, examinava-o com insistência, pondo nos olhares penetrações de bisturi, ao abrigo das lunetas defumadas.

— Conhece o Matias? perguntou-lhe bruscamente.

Infelizmente não, e desejava bem. E o senhor Nazareno conhecia o Fonseca? Não? Grande rapaz? Vivia em Castelo Branco. Ah, havia então em Coimbra, no tempo do «Pensamento», uma grande rapaziada. E havia união... O que faltava em Lisboa, era união — e um jornal... — E surpreendido, contente das facilidades de palavra que lhe vinham, desforrava-se da mudez que o dominara na *soirée* de D. Joana, mostrando-se ao Nazareno nas suas maneiras mais cativantes de moço entusiasta e generoso.

O republicano, tinha apenas monossílabos, um *sim* rosnado, afirmações de cabeça. Artur ofereceu-lhe uma *anisette*, alguma coisa... O Nazareno recusou mesmo o charuto de Artur. Havia em toda a sua pessoa um retraimento, uma congelação, que desanimava Artur, lhe abatiam a verbosidade, como um ar húmido extingue um fogo: teve de acender um charuto, para ocupar uma pausa. — E o Nazareno disse-lhe então:

— O senhor vive em Lisboa?

Infelizmente não. Contou com sinceridade o que o trouxera a Lisboa: a publicação dum livro de versos, a representação dum drama, o desejo dum meio inteligente, literário, o horror à província...

— E que tal se pensa na província? Boas ideias, democráticas?

Artur riu. Qual! Estava-se tão atrasado como no tempo dos frades. Uma colecção de pequenos burgueses, imbecis, rotineiros, caquéticos; meia dúzia de ricaços que seduzem as raparigas, e fazem as eleições... Citou exemplos de Oliveira de Azeméis, não duvidando, para lisonjear o republicano, e ter graça, em fazer a caricatura da estupidez do Carneiro, dos vícios do Rabecaz, da devoção das tias... — E o pobre povo...

— Reza e paga, disse sombriamente o Nazareno.

Atirou o cigarro para o fundo da chávena, carregou na copa do chapéu, e ergueu-se, dizendo — que para conversarem era melhor irem para fora... Havia ali gente que escutava e nem toda a gente devia escutar... E já à porta, acrescentou, aprumando a estatura:

— Que eu para os espiões, tenho uma bengala sofrível...

Caminhavam, calados até ao Rossio: a noite tinha um vago ar lúgubre; nuvens escuras cobriam e descobriam uma lua fria de Inverno, de tom lívido.

— Peço perdão, disse o Nazareno, a quem tenho a honra?

— Artur Corvelo.

87: o horror à] o horror à a

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

E para dar ao Nazareno uma impressão favorável, propôs que fossem conversar para o quarto dele, no Hotel Universal: tinha um quarto confortável...

Nazareno, com o tom hirto dum devoto que alude a uma orgia — disse que não frequentava esses covis de conservadores... Todo o luxo com efeito o irritava, sem inveja: mas, sóbrio e simples, considerava-o como funesto à Democracia.

Artur receando que o *chic* da sua instalação fizesse dúvida da sinceridade do seu liberalismo, apressou-se, habilmente, a denigrir o luxo, — explicando que o que lhe convinha era viver num quartito modesto, que no Universal a frequentação dos conservadores e brasileiros irritava, que fora pra lá mal informado — pondo nas suas explicações uma humildade e um fervor, que não acalmaram todavia, Nazareno:

— Não se encontram nesses sítios, senão devassos e ladrões.

Foi logo a opinião de Artur — e satisfazendo o seu ódio da véspera, ao mesmo tempo que agradava ao Nazareno, citou o Meirinho como a personificação daquela « corja da sociedade »: pintou-o como idiota, ocupando-se de cãezinhos de marquesas, intrujão, pedindo dinheiro aqui e além, vendendo por preços de ladrão fatos feitos que eximia aos direitos, inventando detalhes — para mostrar a sua *verve* de artista, e a sua indignação de justo.

— Todos o mesmo, todos o mesmo, rosnava o Nazareno.

Uma mulher, coberta de luto, adiantou-se para eles, pedindo, com um murmúrio plangente. Artur, para mostrar o seu humanitarismo, apressou-se a dar-lhe uma moeda de prata, — dizendo « pobre criatura, por este frio ».

— O povo não precisa caridade, precisa justiça, disse dogmaticamente o Nazareno.

Artur, um pouco surpreendido da forma literária do princípio, objectou, todavia — que enquanto não vinha a justiça...

— É mau, interrompeu o republicano, acostumar o povo a contar com a caridade. Ele sabe os seus direitos, que os realize.

Artur sentia, confusamente, muitas respostas, todas justas — mas por timidez calou-se, murmurando — « talvez... talvez... » O republicano começava a desagradar-lhe: as suas naturezas — a sua toda de impressões, a do outro toda de raciocínio, — discordavam, — e havia entre eles como alguma coisa de frio, de hostil, que os separava. E o que descontentava Artur

121: que agradava] que agrava
140: havia entre] havia entre emtre

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

era não ver no republicano aquela bondade quente, e evangélica, que era nele o atributo melhor da Democracia.

— Sobre que é o seu livro de versos? perguntou-lhe o outro.

Para dar uma ideia da tendência do livro — falou na « Ode à Liberdade », na « Sátira à Sociedade ». Era um livro democrático... A poesia moderna, como dizia o Damião, devia ser revolucionária. — Mas Nazareno detestava a poesia: as suas formas luxuosas, fatalmente idealistas, serviam apenas para amolecer a virilidade... Nunca lia poetas.

Artur, ofendido, disse:

— Mas Alfred de Musset, Garrett...

— Pulhas, disse dogmaticamente o republicano. Musset era um libertino, um bêbado, um boémio, que nunca compreendeu o seu tempo, e que o que soube celebrar foi a luxúria. E Garrett, um janota! Usava espartilhos — e em pleno século XIX vem-nos falar de romances de cavalaria, e doutras pieguices góticas... Um vendido.

Artur sentia-se indignado. E que tinha que dizer a Lamartine?

— Um erótico...

— Ora essa! Mas em 48...

— Comprometeu tudo. Fez frases. Faltou-lhe a ideia, a inspiração da justiça, a alma do povo! Vinha das salas, das camarilhas. O seu ideal era a regência da Duquesa de Orléans, de que ele queria ser primeiro-ministro e amante, à Mazarini. Um vendido.

Oh, era de mais! Artur, atónito, procurava razões, frases — parecendo-lhe agora que o republicano era tão seco, tão fictício, como os burgueses da *soirée* da D. Joana.

— E o seu drama, o que é? — disse o Nazareno, que tinha o tom interrogante do pedagogo. Artur, que aquele interesse lisonjeou, descreveu-lho, insistindo no lado democrático — a glorificação do amante plebeu, a humilhação do mando fidalgo, ocultando o elemento lírico e romanesco do trabalho. O plano assim contado pareceu satisfazer Jácome: deu-lhe conselhos: para quê dar ao protagonista, ao filho do povo, a profissão estéril e imoral de poeta lírico? Devia-o fazer engenheiro, médico, empregado duma companhia: e devia-o fazer seduzir a duquesa não pelo brilho do seu lirismo, mas pela justeza das suas ideias. Mas a verdadeira obra de teatro era a comédia satírica à Molière, a comédia aristofanesca, — a exposição dos vícios, das infâmias, das imbecilidades desta canalha lisboeta: alguma coisa de

151, 154: Garrett] Garret
155: século XIX] século 19
174: devia-o fazer] devia fazer [*Lição conjecturada por lapso do autor*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

fustigante, de vergastante!... — E com um acento de ódio que lhe passava entre os dentes, atirava bengaladas ao ar, como se açoutasse num só dorso toda uma Sociedade.

Era também a sua intenção, apressou-se a dizer Artur. E alargaram-se em considerações sobre a comédia social, reentrando por ela numa simpatia comum. Mesmo, para mostrar a sua veia de observador, para desabafar os seus desgostos, Artur pôs-se a dizer que belo acto daria a *soirée* da D. Joana, — «uma *soirée* idiota», onde fora arrastado, e que era do melhor de Lisboa, porque não desgostava de mostrar que tinha relações aristocráticas, mesmo fazendo-lhe a caricatura. Contou a opinião dos dois homens graves sobre *O Fim de D. Juan*, as conversações do velho sobre a irreligião do povo, os adultérios que pressentira, a grotesca figura do doente da bexiga, os vícios da D. Joana...

— Pouh! fez Jácome com nojo. Que sociedade, que asco! Não, realmente o Matias tem razão, é humilhante lutar com tal sociedade! A luta supõe forças que se encontram: mas dum lado a força, do outro a pústula!... Pouh! Portugal não deve ser reformado, como diz o Damião, deve ser queimado, a nitrato de prata...

Estavam no Terreiro do Paço: a lua lívida deixava, de entre nuvens, cair uma mancha luminosa sobre a água sombria.

— Tudo isto precisa ser arrasado, disse mostrando em redor as Secretarias, negras, duma uniformidade enfática; tinha parado — e olhava, apertando com cólera o castão da bengala, toda aquela reunião de edifícios oficiais, como a pesada e antiquada personificação de regímens funestos — o Banco e o seu ágio, a Alfândega e os seus direitos, os Ministérios e seu *bureaucratismo*. — E pensando no mundo estabelecido, farto, que vive daquelas instituições:

— E lembrar-me, exclamou, que um homem como o Matias está reduzido, para ganhar a vida, a rever dicionários, cartilhas e manuais enciclopédicos! — Oh! dá-me vontade de vir para a rua, e fazer fogo sobre toda a gente...

Depois da sua reserva, aquela expansão de cólera impressionava Artur: e as injustiças sociais pareciam-lhe maiores — desde que podiam aquecer, num desespero tão alto, aquela figura seca de seminarista.

Mas Nazareno calmara-se: pôs-se a falar do Matias: a sua voz tornou-se grave, quase solene: Matias era um justo: era casto, era incorruptível, duma alta elevação moral; vivia num quinto andar, pobre, sereno; de dia

202-203: seu *bureaucratismo*] seu *bureocratismo*

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

trabalha na tipografia, à noite no seu livro: não tinha um pensamento que não fosse pela liberdade e pela revolução. — Era um Robespierre — resumiu Nazareno, que, tendo um espírito autoritário e dogmático, muito bilioso, tinha um culto pelo chefe do *club* dos Jacobinos...

Artur, electrizado, mostrou um grande desejo de conhecer Matias. Algumas gotas de chuva caíram — e Nazareno, abrindo o seu guarda-chuva, disse que lhe falaria... Seria mesmo possível fazê-lo admitir no *Club Republicano*.

Artur teve uma satisfação profunda: era o seu velho ideal, enfim realizado! A simpatia generosa do Jácome Nazareno, comovia-o: roçava-se, aconchegava-se a ele, orgulhoso da sua amizade, e do abrigo do seu guarda-chuva: o Matias, o *Club Republicano*, a ideia vaga dum partido, aparecia-lhe como alguma coisa de forte — em que a sua vida, cheia de flutuações, encontraria enfim estabilidade e regra —; uma ideia grande, cujo serviço engrandeceria a sua personalidade.

— Eu não valho muito, dizia, humilhando-se, mais por ternura que por modéstia, mas enfim, para escrever, para lutar... Se fossem necessários fundos para um jornal... — Oferecia-se, com uma dedicação real, desejando naquele momento, ter para o serviço da República, — génio, tesouros, as forças dum leão.

A chuva cessara — e o Nazareno, fechando o seu guarda-chuva:

— Há-de achar em que se empregar; todas as aptidões vão ser necessárias, para preparar a grande barrela.

— Mas quando virá ela? — disse com desalento Artur, como se lhe tardassem os vagos triunfos, as vagas inseguranças, que entrevia na República...

Nazareno parou, disse, brandindo o guarda-chuva:

— A pêra está madura! — E explicou, jovialmente, que era uma pilhéria de 48, em França, nos banquetes reformistas, — quando a figura bojuda de Luiz Philippe lhe tinha dado a alcunha de *pêra* — e as suas teimas, de déspota burguês, lhe tinham trazido o ódio público.

Artur todavia achava o Partido Republicano, em Portugal, bem desunido, bem vago — sobretudo bem limitado...

Nazareno citou-lhe as forças ainda dispersas, mas que um sentimento crescente de justiça e de progresso tendia a unir, a organizar. Falou nos operários de Lisboa, Porto; na pequena burguesia «que é de instinto republicano». E baixando a voz, grave, pela importância da revelação:

— Em Coimbra forma-se um *club*, no Porto outro, em Viseu outro... Calou-se um momento: continuou: e depois que importa? As ideias fazem

236: todas as] todas as as

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

o seu caminho sem os homens: não são necessários muitos homens para fazer triunfar uma ideia. Os Apóstolos eram doze — e o mundo é cristão.

A chuva recomeçou: e ao fundo da calçada do Alecrim separaram-se, quando soavam devagar, onze horas a S. Paulo.

Artur galgou a calçada do Salitre impressionado, exaltado: decidia-se, agora, a abandonar, todos os hábitos de sociedade, as esperanças nos amores fictícios, a literatura puramente lírica: queria trabalhar para o estabelecimento da República, compor comédias satíricas, à *Casamento de Fígaro*, que abalassem o velho regímen; e vinha-lhe um desejo de se dar a todos os que sofrem, como se as palavras do Nazareno lhe tivessem posto na alma uma tão grande energia de amor humanitário, que só se satisfizesse esposando a miséria universal! E ao mesmo tempo, recordações de leituras da *História da Revolução Francesa* lhe voltavam ao espírito, dando-lhe moldes para conceber atitudes, situações, episódios, na insurreição feita pelos seus amigos: via-se, brandindo uma espada, à frente de operários, que um antigo opróbrio enchia de furor; via-se, de noite, numa vaga sala baixa, onde vagas sombras se agitam, decretando o incêndio de palácios — ou, severo, interrogando o rei prisioneiro, como uma volta de Varennes. E os elanços da piedade e da fraternidade, voltando-lhe ao coração — olhava em redor, como procurando algum pobre que socorrer, algum oprimido a libertar: viu apenas a patrulha com as suas grossas capas de oleado. Ao entrar no hotel, as janelas alumiadas do restaurante Silva deram-lhe a ideia de cear; mas pensou, que àquela hora, famílias operárias sofriam fome; e impôs-se, com orgulho, aquela privação, em respeito aos necessitados, e num sentimento de vaga igualdade fraternal. Quando entrou no quarto foi-se ver ao espelho, enternecido de se sentir tão bom — e vinham-lhe ao mesmo tempo baforadas de vaidade, um antegosto de desforra, pensando que um dia, próximo talvez, apareceria àquela Sociedade que o ignorava e o desdenhava, poderoso, num terror de apoteose popular. Fez maquinalmente o sinal da cruz, como tinha por hábito — e adormeceu, cansado.

Foi Melchior que o acordou ao outro dia, abrindo a janela com ruído, vindo, muito jovial, bater-lhe palmadas sobre a roupa.

— Seu preguiçoso, upa! upa!

Artur abriu, à luz, olhos aparvalhados de sono: estava sonhando, justamente, que do portal da casa da Câmara, em Oliveira de Azeméis, proclamava a República, ao agitar dos lenços das janelas, entre um estalar de foguetes e os *vivas!* furiosos da plebe libertada: e ainda vibrante dos entu-

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

siasmos daquela gala, não compreendia a grossa figura do Melchior, de bigode arrebitado, face jovial, raminho de violeta no jaquetão.

— Então, porque não veio você ao *pic-nic*, seu tipo?

Artur espreguiçou-se, disse bocejando que estava comprometido...

— Pois perdeu, exclamou o Melchior! Grande patusca! Tudo muito sossegadinho, sem desordem, sem troça, em boa amizade, ceiazinha rica, o belo fado... Enfim, uma noitezinha cheia. E a Concha ficou com um ferro! Está com vontade de o conhecer, homem! Está em brasas pelo ver!

Artur lamentou não ter podido... Tinha-se comprometido a ir a casa da D. Joana Coutinho.

— Cáspite! exclamou o Melchior, saudando. E então?

Muito bem. Todos muito amáveis, tinha-se divertido. Estava boa gente...

— Cáspite, cáspite! dizia o Melchior, torcendo o bigode — e com um tom ambíguo, descontente, começou a dizer que para ele, *soirées*, etc., era uma estopada. Nunca lá ia — não que não andassem atrás dele, mas... Aborrecia-se, que diabo! Não havia, para o regalo do corpo e da alma, como uma boa pandegazinha ao *Dafundo*. E então, talvez para fazer invejar Artur as alegrias da «patusca», deu detalhes, contou episódios, falando da Concha, da beleza da Concha, da pele da Concha —.

— Mas quem é a Concha?

Melchior, encolheu os ombros, com impaciência, como se Artur lhe tivesse perguntado quem era Jesus Cristo —.

— A Concha! Então você não sabe? Não se lembra, em S. Carlos, aquele rapaz tísico, o Inglês? Pois bem, a Concha estava com ele, deixou-o, que o pobre diabo já se não levanta, às bacias de sangue pela boca! É a espanhola mais bonita que tem vindo a Lisboa... E rapariga fina, coitada, está naquela vida... mas muito fina. É filha dum general, muito bem educada... Toca piano, ó menino! E depois que maneiras! Vê-la comer, é uma duquesa! E que pé, que pé! É de endoidecer.

Artur espreguiçava-se com uma vaga languidez:

— Bonita, hein?

— Caramba, fez o Melchior, com um grande gesto.

Do quarto próximo vieram sons de piano — e duas vozes, de soprano e de tenor, cantaram o dueto do terceiro acto do *Fausto*, «Al pallido chiarore di astri d'oro». Melchior, escutou um momento: devia ser a segunda-dama de S. Carlos, que estivera doente: ensaiava com o Videlli.

314: Então você não] Então não você

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

— Vá vestir-se, homem, exclamou. Estou a cair com fome. (Vinha almoçar, com Artur) Está um dia!...

Abriu as vidraças: os rumores da rua entravam, com a larga luz festiva.

— Arriba! Arriba!

Artur saltou alegremente para o chão. A linda manhã, o alegre rodar dos trens, aquele ensaio, ao lado, duma ária elegante, que o punha numa intimidade de bastidores, a ideia da Concha «que o queria ver», davam-lhe como rebates de felicidade: sentia-se leve, desejoso de ir para a rua, ver mulheres com *toilettes* bonitas, o aço dos arreios dos trens ricos reluzirem à porta das lojas... E aprontou-se, — enquanto Melchior, na soleira da varanda, torcendo o bigode, escarrando alto, a ver se pescava a segunda-dama.

Ao almoço o Melchior voltou a falar da Concha, devorando a sua *omelette*. Se fosse rico, punha-lhe casa... É que até era uma rapariga com quem se podia conversar... É verdade, tinha pilhéria!... E depois tinha coração, sentia, que diabo. Artur considerava-o, e à sua face grossa, ocupada a mastigar, a pele de galinha engelhada em volta dos olhos, a calva crescente, o bigode espetado: — Se a Concha sentia, não era decerto por aquele «tipo!» E como Melchior insistia, que ela estava muito por ver Artur, vinham-lhe vagas dilatações de vaidade, de desejo... Talvez o amasse, ela!

— Conhece-me, ela?

— Viu-o em S. Carlos. Reparou em você.

Artur recostou-se na cadeira, não duvidando que lhe fizera impressão: depois das suas humilhações, aquela ideia deleitava-o. Às vezes, naquelas mulheres andaluzes, encontram-se almas profundamente amantes, ávidas de sacrifício... Gostaria, numa manhã assim luminosa, almoçar com ela, fresca e branca, com o seu penteador de rendas fofas... Ou à noite, no Verão, com a janela aberta, vê-la soltar as notas cálidas duma *malagueña*, que se perderia na tranquilidade suave do ar alumiado de lua. E, do fundo do seu espírito agitava-se já, confusamente, aquele vago desejo dum amor romântico, por uma Dama das Camélias, dum sentimento à Armando, com ideias de reabilitação que — já em Coimbra tanto o perturbavam.

Disse, corando um pouco:

— Como poderei eu conhecê-la?

O Melchior, muito cínico, riu:

— Entrar por ali dentro, amigo, entrar por ali dentro!

Mas achava «isso ignóbil». Queria um encontro delicado, com *chic*... Verem-se numa ceia, por exemplo...

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Nada mais fácil, dizia o Melchior. Podia-se arranjar outra patuscadazinha, sem espalhafato. Somente, naquela semana, ele não podia...

— Deixe você ver... Sábado, hein?

— Sábado — disse Artur, espreguiçando-se com voluptuosidade.

Melchior bebeu o seu café, e «safava-se, que tinha de ir ao "Século"». Artur subiu para o quarto, foi fumar o seu charuto para a janela. Ao lado, agora, o soprano cantava a ária do *Rigoletto*: «Caro nome de mio sposo»... Artur parecia-lhe ver o vulto branco, com a lâmpada na mão, subindo a escadinha da casa oculta nos arvoredos, parando a cada degrau, para soltar, com o olhar anuviado, as notas cálidas que se perdiam na sombra suave da noite! Vinham-lhe ideias de noites de óperas, de elegâncias amorosas. Sentia uma moleza preguiçosa, vendo o fumo branco do charuto dissipar-se em aroma: a luz vinha-lhe como uma carícia: toda a conversação sombria da véspera, aquelas ideias violentas, tinham sido como levadas nas nuvens lúgubres da noite: eram tão incompatíveis com o sol radioso, como voos de morcegos; o que sentia agora não eram desejos de Justiça, de Igualdade — mas as molas flácidas duma carruagem, um rosto aristocrático a amar... Tinha feito impressão à Concha, hein? E retorcia o buço ao espelho, ajeitava a gravata. Era a impressão que já fizera, na estação de Ovar, à Senhora do Vestido de Xadrez! Teve um desejo intenso de a ver: aquela manhã lúcida, festiva, dourada, reclamava uma ocupação delicada, elegante: se a pudesse avistar à janela, segui-la, na rua! E, escovando o chapéu, ia acompanhando com gestos lânguidos de cabeça, as notas amorosas da ária do *Rigoletto*, que ao lado a soprano ensaiava.

Desceu, florir-se à casa Havanesa — e foi à rua de S. Bento. O guarda-portão lá estava, empinando o ventre majestoso, as mãos atrás das costas: a janela, a mesma, estava entreaberta, deixando ver, das bambinelas de fazenda sobrepostas às cortinas de cassa, um interior de sala, escuro e rico. Mas ninguém se debruçou à varanda, ninguém saiu do portão. Passeou, acendeu um charuto, mais contrariado, mais amoroso agora, na presença daquela fachada amarela, que era como alguma coisa da sua pessoa. Não se conteve, entrou num estanco próximo, comprou fósforos, charutos, — e perguntou negligentemente à estanqueira, quem vivia ali naquela casa.

— Ali onde está o guarda-portão? disse a criatura, uma magrinha, muito grávida. É a senhora Baronesa de Paradas...

Ao menos sabia-lhe o nome agora! E subindo a calçada do Correio, arrependia-se de não ter comprado mais no estanco, e interrogado a mulher sobre os hábitos, as horas de saída, as relações, a idade da senhora Baronesa.

383: Tinha feito impressão] Tinha impressão [*Lição conjecturada por lapso do autor*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

A criatura com o seu enorme ventre, a boca muito fendida, a pele cheia de sardas, — parecia acessível às tentações de meia libra... Por ela poderia fazer-lhe chegar uma carta, talvez.

Perguntou nessa noite, ao Meirinho, se conhecia a senhora Baronesa de Paradas...

— Nunca a vi.

— Uma senhora bonita, com uma pequerrucha.

— Nunca vi.

Desde o « caso do chapéu » tratava-o com secura; o Padilhão também: Artur suspeitou que em casa da D. Joana se tivesse falado, troçado... E teve a certeza, nessa noite, passando no corredor junto do Carvalhosa, que o deteve, para lhe dizer, com o seu ar soberano:

— Então que história é essa do chapéu, não se fala noutra coisa!

Artur, escarlate, quis rir: disse:

— Tolices!

E o Carvalhosa, de charuto ao canto da boca, as mãos no bolso, um bambolear de escárnio:

— Homem, semear assim chapéus de molas pelas casas particulares...

Artur, teve vontade de lhe espalmar uma bofetada na bochecha lívida. Não achou uma resposta — e subiu para o quarto, furioso. Não se falava noutra coisa, hein? Por isso surpreendera olhadelas, risinhos... Canalha!

Começava agora a ter ódio ao Hotel: desde que se sentia vagamente troçado, as fisionomias pareciam-lhe estúpidas, como as conversações; o Bento Correia, que parecia ignorá-lo, fazia-o nervoso, com a sua gula tranquila, a masticação ruminada, com pingos de molho que lhe caíam sobre a barba; sentia uma vaga ironia, um desdém ambiente cercá-lo; chamavam-lhe *o poeta*: um dia ouvira o guarda-livros dizer — o poeta do 26. Meirinho tinha mudado de lugar, para se não sentar junto dele, decerto; quis, por vingança, reclamar-lhe as dez libras; não se atreveu, e além disso conservava a ideia de que o Meirinho lhe seria necessário, mais tarde, para se relacionar com a senhora Baronesa de Paradas: por isso fazia-lhe sempre um sorriso, muito amigo; Meirinho respondia com um movimento seco de cabeça. — E agora, todo o jantar estava isolado, mudo, sentindo-se vagamente um « pária ». Levantava-se sempre desesperado, lançando-se de toda a alma nas ideias de vingança, de revolução — mas o Nazareno, ultimamente não aparecera no Martinho; Artur não lhe sabia a morada — e a sua vida estava de novo naquela flutuação intolerável, sem fim, sem resultado. Além disso, o dinhei-

439: estava de novo] estava novo [*Lição conjecturada por lapso do autor*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

ro ia-se « derretendo »; o manuscrito dos *Amores de Poeta* lá estava, improdutivo, inútil, no fundo do baú, entre camisolas; — a sua consolação era a revisão das provas dos *Esmaltes e Jóias*, muito adiantadas já.

Uma manhã — um sábado — que trabalhava, recebeu da redacção do « Século » um bilhete do Melchior:

> « Amigo. Hoje, sábado, é o dia da pandegazinha. Estive esta manhã com as sílfides. Aceitam. Eu levo a Carmen, você a Concha. A tipóia do José Teso está arranjada : às 9 lá vou buscá-lo ao Hotel. A divina Concha está ansiosa por ver *el señor Arturito. Salero !* »

Ficou entusiasmado. Vinha bem a propósito aquela pândega, depois dos tédios dos últimos dias!... Era a sua primeira orgia com raparigas *chics*, e entrevia uma tipóia correndo sob a lua, cheia de sons de cantigas, depois *champagne* espumando sob um lustre de gás, e camisinhas de rendas deslizando de ombros brancos como o mármore. Estirou os braços, numa sensação de concupiscência brutal. Quereria embebedar-se, gritar, delirar — e diante daqueles gozos carnais — o Platonismo, a Sociedade, a Arte, a Revolução, pareciam-lhe coisas bem fictícias! Nem podia, na sua exaltação, continuar a rever as provas. Saiu ao acaso pelo Chiado. Pensava na Concha — e à ideia de a ter, seminua nos braços, sentiu uma viva contracção no estômago: imaginava-a alta, pálida, de olhos árabes, com os ardores dum sangue sevilhano, e as melancolias duma existência transviada. Desejava-a tanto, agora, que quase a amava: não duvidava da impressão que lhe fizera, e olhava vagamente as *vitrines* pensando no presente que lhe daria, quando ela, desinteressada e amorosa, — recusasse dinheiro, só lhe pedisse fidelidade.

Ia dobrar a esquina da rua do Carmo, quando deu de face com o Nazareno: teve uma contrariedade vaga, apertou-lhe molemente a mão.

— Estimo encontrá-lo, disse o outro.

E acrescentou que estivera fora uns dias — voltara, na véspera à noite: tinha falado ao Matias — e estava decidido que o amigo Corvelo seria recebido no *club*: as obras da sala estavam acabadas, tinha-se posto nessa manhã o estrado para a presidência, e à noite, era a primeira reunião.

Artur não se atreveu a dizer « que estava comprometido »; balbuciou, desolado:

— Ah, bem, bem!...

— O amigo vai-me encontrar, ao Martinho, às oito e meia. Não lhe

446: da pandegazinha] da pangadisinha

461: e as] e as as [*Ditografia por mudança de página*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

recomendo que seja exacto — porque seria ofendê-lo. O Matias está com vontade de o conhecer. Às oito e meia. Vai tudo.

Artur subiu o Chiado, profundamente contrariado. Era tarde para avisar o Melchior... E todavia não era possível faltar ao Nazareno, ao Matias: além disso, a «sala», «o estrado da presidência», aquela esperança de sessão secreta, de resoluções temerosas, atraíam-no, pelo seu interesse dramático... E todavia lamentava perder a ceia, a noite de amor!...

A sineta chamou para o jantar. E antes do assado, sob a influência do *colares*, já pensava deixar a sessão republicana, ir com a Concha: o *cognac* decidiu-o: sentia mesmo um requinte de prazer animal, em mandar «as ideias ao diabo», e atirar-se ao bonito corpo, branco, que se oferecia, todo cálido. Diria ao Nazareno que tivera uma cólica, que recebera um telegrama... As sessões do *club* seguir-se-iam todos os dias — e a Concha, despeitada, se ele faltasse, podia perder o capricho, ou voltar para Espanha. — E para que, por um acaso, o Jácome não o viesse surpreender ao Hotel, saiu; às nove voltaria, encontraria o Melchior, e bate pra o Dafundo. Com o charuto na boca, o chapéu ao lado, atravessava o corredor cantarolando, quando o Meirinho, que conversava num grupo, ao avistá-lo, veio para ele com uma cara severa:

— Perdão, meu amigo, disse, sinto ter de lhe dizer uma coisa... Eu levei-o a casa da senhora D. Joana Coutinho, uma senhora da primeira sociedade, e o meu amigo passam dez dias, e nem sequer lhe deixa um bilhete...

As faces de Artur abrasaram-se de vergonha.

— Ora isto não se faz, continuou o Meirinho, grave. É pôr-me em má posição, dar a entender que eu levo lá gente que não sabe os hábitos da sociedade... Isto não se faz.

Artur, petrificado, não achava uma palavra: viu-o girar sobre os calcanhares, a reunir-se ao grupo, cofiando a barba.

Lá estava o Bento Correia mascando o charuto na sua face espessa, o Carvalhosa erguendo alto a guedelha cheia de caspa, o Padilhão retorcendo solenemente a pêra, o brasileiro Gomes com a sua boca alvar, hílare —: Artur teve-lhes um ódio sanguinolento, e a tudo o que representavam, a Sociedade, as Salas, a Política, a Finança! Esqueceu num momento Melchior, e o corpinho da Concha, e o *champagne*, e a ceia. Tinha uma necessidade de se vingar, de os humilhar, de os aterrar — aquele conciliábulo de idiotas, enfartados de comida, ocupados de pieguices, vivendo no artifício... E fu-

483: A sineta] A sitena
497: nem sequer lhe] nem lhe quer

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

rioso, tendo-lhes sede do sangue, partiu, como uma bala, a procurar o Nazareno!

Quando às nove horas Artur entrou, com Nazareno, no *club*, na rua do Príncipe, pareceu-lhe que havia apenas, em lugar da larga reunião que esperava, catorze ou quinze pessoas. A sala era vasta, dum aspecto regelado, com um papel pardo semeado de florzinhas azuis: do tecto caiado de fresco, descia um candeeiro de gás de dois bicos, sem globos, dando uma luz crua de botequim: cadeiras de palhinha, como as do Asilo, perfilavam-se contra a parede; o soalho velho tinha remendos de tábuas novas: ao fundo, diante duma janela que dava para o pátio da cervejaria vizinha, coberta duma larga cortina verde, era o estrado da presidência, com a sua mesa coberta de oleado, de guarda-pé de baeta vermelha: ao lado, a uma mesinha de pé de galo, onde ardia uma vela, um sujeito que tinha feridas na testa escrevinhava já, muito míope, com o nariz sobre o papel. Conversava-se, em grupos. Nazareno deu apertos de mão, mudos — e levou o Artur a uma sala contígua, caiada, alumiada por um bico de gás que saía da parede: havia no chão rolos de papel, potes de tinta: junto à janela com as portadas cuidadosamente fechadas, estava encostado um banco de carpinteiro; e ao pé de tábuas arrumadas ao alto, contra a parede, um sujeito alto, todo de preto, falava a dois, que o escutavam, de charuto na boca. Era o ilustre Matias.

Artur foi-lhe apresentado, pelo Nazareno, como «o nosso poeta». Matias apertou-lhe a mão, com uma gravidade seca, murmurou um *estimo muitíssimo*... —, e continuou, com um gesto lento, medido, da sua mão calçada de luva preta:

— ... Por isso, no caso do Luiz, fazia o seguinte: — apenas descobrisse o escândalo, expulsava-a de casa, sem cólera, e recomeçava tranquilamente a trabalhar...

Artur examinava-o: tinha as feições pálidas e aquilinas; cabelo rapado à escovinha: o seu bigode curto, castanho, tinha os pêlos duros e saídos; e o seu olhar azul, claro, era frio e apagado, muito duro.

Um dos sujeitos tinha mascado o charuto e cuspilhando as películas do tabaco:

— Pois sim, disse, mas enfim, sempre é sua mulher... Se ela, expulsa, sem recursos, abre a porta ao público...

519: descia um] descia um um
520: de palhinha] de palinha

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Matias encolheu os ombros, com uma indiferença, que dizia — que tem isso?

— Ah, fez o outro, agitando a cabeça, é que é muito desagradável saber uma pessoa que sua mulher está usando o seu nome, e por trás de tabuinhas a fazer *pst, pst*, aos sujeitos que passam.

O Matias, interrompeu, dogmaticamente:

— Desde o momento em que, por sua culpa, o pacto conjugal se desfez, não tenho nada com as suas acções... A minha honra é minha, não é dela. Se a vejo por trás das tabuinhas, o meu dever é avisar a polícia, para que a numere, a ponha, a ela, sob o *contrôle* da higiene, e os cidadãos ao abrigo do contágio...

Os outros, fizeram entre si, como ao ouvir uma ideia muito monstruosa para ser séria:

— Ora adeus! Coisas do Matias! Este Matias...

Mas na sala, fora, alguém entrara, por que se sentiam — olá!, viva!, como vai isso!, ditosos olhos! — o rumor simpático em torno duma presença estimada. E quase imediatamente, entrou na saleta um indivíduo nédio, com o chapéu para a nuca, de ar hílare, suíças, uma grossa cadeia de relógio sobre o ventrezinho rico. O Matias estendeu-lhe vivamente a mão: os outros, vieram dar-lhe palmadinhas no ombro, com o olhar enternecido. E com as bochechas prazenteiras, o indivíduo nédio dizia:

— Então cá estamos, então cá estamos!

Era o senhor Abílio Pimenta, lojista de panos, proprietário. Devendo ser por profissão, por interesse, por fisionomia, um conservador, a sua presença era para os republicanos, uma satisfação permanente, muito saboreada: com o seu ventre, o seu grilhão, as suas faces nédias, o vago cheiro de armazém que saía dele, o amigo Abílio introduzia no *club* aquele tom de respeitabilidade, de estabilidade, de ordem, que a Propriedade dá às Ideias que apoia: a cooperação daquele proprietário, era a evidência gloriosa da praticabilidade da República: ele representava a adesão da burguesia — e a sua pessoa dava aos republicanos da plebe, aquele orgulho que dava aos deputados do Terceiro-Estado, em 89, a presença nos seus bancos, dos fidalgos da Casa de Noailles ou da Casa de Montmorency: a sua presença tirava

561: [*Texto riscado pelo autor, mas depois recuperado*].
565: para a nuca,] para nuca,
567: vieram dar-lhe] vieram-lhe dar-lhe
568: o indivíduo] o indivíduo o indivíduo [*Ditografia por mudança de página*].
575: dá às] dá a as
580: de Montmorency] de Momorency

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

ao *club* a sua feição de grupo inquietante de proletários descontentes: e as teorias mais exaltadas tinham a seriedade de legislações prudentes — quando, para as escutar, se via aquele honrado lojista, de ar benigno e paterno, com dinheiro no banco, inclinar-se, fazendo com a mão gordalhufa concha em redor das orelhas cabeludas. A sua assiduidade ao *club* era — pontual — e todavia as suas ideias pareciam nebulosas. Exprimia-as vagamente, dizendo, com jovialidade:

— É dar pra baixo, é dar pra baixo!

Pra dar pra baixo, aconselhava a fundação dum jornal, e, previamente, a compra, por subscrições, dum prelo, tipo, etc. Ele mesmo se oferecia a dar o seu óbolo. E que aparecesse o dinheiro, que o prelo, tipo, etc., não estavam longe... Ultimamente estivera incomodado, com ameaças de dores reumáticas, — e, muito interessados por aquela vida preciosa, o Matias, o Nazareno, pediam detalhes da sua convalescença.

— À custa de muita aguardente canforada, disse ele, com bonomia. Foi a minha senhora que me curou. Nada de médicos, dizia-me ela. Tens dores nas cruzes, fricções de álcool. Pois, senhores, fez-me arribar... Eu estendia-me na cama, e agora o verás, era a minha senhora a esfregar, a esfregar...

Riram, com enternecimento: aquilo parecia muito patriarcal, duma alta união doméstica. Um dos republicanos, o que mascava o charuto, fez sentir a diferença entre aquela honrada senhora, tratando seu marido, e as doutras classes ocupadas de *toilettes*, *chics*, modistas...

— Não vá sem resposta, fez o lojista. Que a minha senhora gosta da sua tafularia... E olhe que aos domingos ao Passeio, não vai outra! Podem levar outros arrebiques em cima do corpo, mas mais valores e melhores sedas, nenhuma, nenhuma!...

Uma voz disse à porta da saleta:

— Oh Matias, são nove horas.

Matias deu um puxão à sobrecasaca, por um gesto rápido e maquinal ajeitou a gravata — e seguido dos outros, entrou na sala, dizendo a Artur:

— Tive carta do nosso Damião. O livro dele sai por estes dias...

Subiu ao estrado, — e, quando o rumor de cadeiras sossegou, — disse, sentando-se, e remexendo nalguns papéis sobre a mesa:

— Está aberta a sessão.

Um membro magríssimo e estrábico ergueu-se, bruscamente, e com a cabeça alta, as mãos na cinta:

— Eu proponho que se altere essa fórmula *Está aberta a sessão*, cheira muito a S. Bento...

Em redor, um murmúrio correu: — Ora adeus! Tolice! Pra quê?

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

— Pra quê? exclamou o estrábico que parecia de génio irritável. Pela razão que se diz cidadãos em lugar de meus senhores... Todas essas fórmulas são boas...

Matias interrompeu, dum gesto breve da mão espalmada.

— Eu creio esta fórmula inocente como bons dias. — Usava-se na Convenção. — E olhando em redor: — o que me parece mais útil de evitar é o hábito de fumar...

O estrábico, que tinha o cigarro nos dedos, atirou-o, sentando-se, e resmungando. Artur apagou logo sob a sola o seu charuto. Dois ou três, económicos, foram pousar, à borda do estrado, os charutos meio fumados.

O secretário — que estivera tirando películas da ferida da testa —, de pé, inclinado para a luz, com o nariz no papel, ia rosnando a leitura duma Acta: pelas cadeiras falava-se baixo; e Artur, sentado ao pé de Nazareno, examinava as fisionomias; não tinham as expressões exaltadas e sinistras que ele imaginara: à excepção dum sujeito calvo e obeso, que quase ocupava duas cadeiras, as faces, como os corpos, eram magras: sentia neles a existência mesquinha, nos quartos estreitos das casas de hóspedes; o tédio dum trabalho monótono de escritório ou de secretarias o ar vago e fatigado que dá a vadiagem: havia dois padres, de olhar duro, pele dura azulada da barba espessa muito rapada, beiço lúbrico: um velho militar, conservava entre os joelhos um imenso bengalão, de castão de ferro: não havia nenhum operário: e todos pareciam sentir uma indefinida vaidade daquele aparato de sessão, gozando a ficção parlamentar. Um só indivíduo parecia a Artur muito original: tinha a cabeça enorme quase calva apoiada às costas da cadeira —, e muito estendido, à larga no seu fato bonito de cheviote claro, com as mãos nos bolsos, parecia dormitar, numa indiferença irreverente: entre os sapatos de verniz e as calças viam-se meias de riscado preto e vermelho: Artur achava-o elegante, e parecia-lhe que tudo o que saísse da sua boca, fina, móbil, dum arco bem talhado, coberta dum leve buço loiro, devia ser original, e engraçado.

— Quem é? perguntou baixo ao Nazareno.

— Um doido, disse o outro encolhendo os ombros.

O secretário, no entanto, findara a leitura: e com as mãos apoiadas à mesa:

— Aprovada, não? perguntou.

— Aprovada, disseram, aprovada!

Matias então ergueu-se: a sua face bem talhada parecia mais pálida sobre o fundo verde escuro da cortina da janela: deu com ambas as mãos,

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

ainda calçadas de luvas pretas, um puxão breve à gola da sobrecasaca, e começou:

— Meus senhores... Emendou logo: Cidadãos. Hoje, estamos aqui simplesmente para nos instalarmos. Como vêem, há ainda na sala arranjos a fazer. Espero que estejam prontos pra a semana. As sessões regulares poderão começar, então. — Deu um olhar à fila de cadeiras: — Creio, que há apresentações a fazer...

Jácome Nazareno ergueu-se logo: e com solenidade:

— Proponho, e apresento, sob minha garantia, o senhor Artur Corvelo, autor dum drama de tendências democráticas, amigo desde Coimbra do nosso Damião. Creio que não há objecções.

Vozes soltaram — apoiado!

Foram momentos gloriosos para Artur.

O secretário disse, voltando para Artur uma face muito risonha:

— Tem a bondade? É para assinar o seu nome.

E enquanto Artur, vermelho, comovido, assinava um largo registro encadernado — o rapaz de fato de *cheviot* disse, meio erguido sobre a cadeira, com uma voz bem timbrada, mordente:

— Proponho o meu amigo, Vicente Falcão.

Um homem muito alto, muito pálido, de aspecto místico, com um longo casaco eclesiástico, adiantou-se para o meio da sala, curvou-se, e — no silêncio um pouco admirado — disse cavamente:

— Desejando fazer parte do *Club* Democrático quero evitar equívocos. Uma só palavra os desfaz. Eu sou Socialista. — Olhou em redor, repetiu, com força: — Eu sou Socialista.

Recuou um passo — cruzou os braços sobre o peito, erguendo a face lívida — como para afrontar a morte.

Em redor, havia, nas fisionomias, uma vaga expressão assombrada, mistificada: cochichava-se: narizes franzidos interrogavam, num gesto mudo: risinhos fungaram. Que é? Quem é? Que diz ele?

O rapaz vestido de *cheviot* exclamou:

— Apoiado! É bom preveni-los.

Matias, deu-lhe de lado um olhar frio de ódio, — e com uma voz afectadamente cortês:

— Este *club* não tem exclusivismos...

— Mas tem divergências! interrompeu o rapaz vestido de claro. E erguendo-se: — Peço a palavra! Não esperou que lha concedessem, pros-

673-74: registro encadernado] registro encardenado

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

seguiu : Entre pessoas que aspiram apenas a substituir um rei constitucional por um presidente jacobino, e que se indignam porque há viscondes, que fazem a guerra à lista civil e outras pieguices — e entre nós que queremos a Revolução democrático-social, na sua larga acção — há divergências muito graves. É conveniente evitar os equívocos... Estou com o senhor Falcão, uma declaração a tempo define os terrenos...

O estrábico soltou um *apoiado* semelhante a um rugido. Nazareno, que se agitava, impaciente, ergueu-se bruscamente, e com o punho estendido :

— É melhor desmancharmos o *club* à nascença, e acabarmos...

— Ordem, ordem ! — disse-se logo.

— Pois que significa, gritava o Nazareno bracejando, trazerem-se estas divergências, apenas nos instalamos ? Ainda as portas não estão pintadas, e já nos dividimos em partidos...

— Não queremos ser confundidos com jacobinos ! rugiu o estrábico.

— Nem nós com os comunistas ! atirou um sujeito de barbas e óculos.

Alguns diziam, monotonamente: — Ordem ! Ordem !, fazendo girar aquela fórmula parlamentar. O velho militar grunhia — *Fora os pretoleiros !* Uma sussurração confusa corria nos bancos, quebrando-se, aqui, além, por alguma voz saliente que gritava — mais seriedade ! mais decência. O místico, conservava-se imóvel, espectral, os braços cruzados. E um indivíduo que trazia um *cache-nez*, que estava sentado ao pé de Artur, perguntou-lhe ao ouvido, com o rosto franzido de ignorância impaciente :

— A que vem tudo isto ? Que querem eles ?

Ninguém parecia saber « o que eles queriam » — até que Matias, que decerto julgou o tumulto inconveniente à sua dignidade, repenicou, nervoso e pálido, uma pequena campainha de quarto de convalescente.

— É lamentável, — disse, no silêncio criado — que se produzam antipatias tão caracterizadas, apenas reunidos para um fim de justiça. São estas cenas que justificam — o que dizem os nossos inimigos, que no Partido Republicano não há senão desunião. Este *club* não tem exclusivismos, repito. Aceita toda a opinião democrática que se apresente em oposição ao Constitucionalismo. Em presença da vergonha do sistema actual, o dever de todo o homem livre, e inteligente, é associar-se para a sua destruição.

Havia agora, nas filas de cadeiras, uma atenção intensa, de rostos estendidos, aplicados a surpreender, apanhar, a significação daquela divergência

711: diziam, monotonamente] diziam, motonomamente

715: E um] E o um

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

irritada. O amigo Abílio fazia com a mão uma concha acústica à orelha. Com o queixo na palma da mão, alguns arregalavam olhos em que reluzia a adoração pelo Matias. Só o socialista, Gilberto, o estrábico, e outro que com as pálpebras abaixadas catava os pêlos do bigode, afectavam distracções, com bamboleanços de pernas muito irónicos, os lábios torcidos em sorrisos de tédio. E Matias prosseguia:

— Se o senhor Falcão (o místico dobrou-se, em dois) por Socialismo entende...

O místico disse, dum só fôlego:

— Entendo uma nova concepção da Propriedade, do Trabalho, do Casamento, da Educação, da Sanção moral, etc., em oposição às soluções dadas pela Igreja e as instituições que a realizam...

Matias estendeu o braço:

— Então, mais ou menos, somos todos socialistas.

— *Quod Deus avertat,* interrompeu Gilberto.

O sujeito de *cache-nez* parecia extremamente impaciente, intrigado:

— Mas onde querem eles chegar, — perguntou a Artur.

A explicação seria longa, complicada — e para a abreviar, Artur disse-lhe baixo:

— Partidos. São dois partidos...

— Teorias, disse o do *cache-nez,* que parecia ter pela ideologia — um ódio de economista — a questão é fundar um jornal... E pôr um guarda-vento naquela porta, que vem uma corrente de ar que me mata...

Matias, agora, falava da revolução social:

— Se o senhor Falcão entende, como Socialista, que ela deve ser feita pelo povo, educado por uma filosofia popular, positiva, (procurava os adjectivos) proudhoniana, — com exclusão de toda a direcção autoritária, de toda a iniciativa do Governo, então, podemos divergir. Se na questão política, pretende impor a fórmula federativa, em oposição à fórmula unitária, decerto divergimos, também.

— Divergimos sempre, — atalhou Gilberto.

Matias continuou:

— Mas estamos unidos para o mesmo fim — e mais tarde, desembaraçado o país das Instituições do passado, podemos agitar essas altas questões...

— Frases! rosnou Gilberto.

Aquela irreverência pareceu escandalizar; olhos acesos, irados, voltaram-se para ele: o velho militar acariciava soturnamente o castão da bengala. E as mesmas vozes repetiam: — decência! decência!

757: proudhoniana] prhudoniana

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

— O Jacobinismo, — continuou Matias — já que esta palavra agrada ao senhor Gilberto, o Jacobinismo não combate o Socialismo: prepara-o. Repetiu, com um gesto vivo: Prepara-o! O Socialismo é um espiritual substituindo a outro espiritual...

O místico abaixou aprovativamente a cabeça. E havia em todas as fisionomias um vago ar espantado, de incompreensão, de fadiga.

— ... Ora essa substituição, continuava Matias, para ser feita, sem luta, sem choques, precisa ser feita dentro dum regímen amigo, que a favoreça, a promova, e garanta a paz social enquanto se faz a transformação espiritual.

— Pretextos para o cesarismo, rosnou Gilberto.

O sujeito de *cache-nez*, apertava as mãos na cabeça, murmurou com uma voz plangente:

— Ih, Jesus, eu não os percebo, eu não os percebo.

Não pareciam «percebê-los» em geral. Os olhares, que o desejo de compreender arregalava, iam de Gilberto a Matias, implorando clareza: em toda aquela fraseologia nebulosa, onde estava a República? Porque não dizia, claramente, como se havia de destruir a Casa de Bragança? Porque se não distribuíam já os empregos de que os Conservadores iam ser expulsos? Com que regimentos se contava? E os que se tinham reunido ao *club*, na esperança duma futura satisfação de necessidades ou de ambições, sentiam como um vasto logro — encontrando em lugar de preparativos de acção, argumentações de doutrina. Um indivíduo, sem barba e muito amarelo, exprimiu a impaciência de todos, dizendo, com uma voz fria:

— Vamos ao que importa, basta de filosofia.

Matias fitou-o, com o seu olhar frio como uma punhalada:

— O senhor Malaquias, se lhe falta o respeito pelas ideias, deve ter ao menos o respeito pelas pessoas.

— Bravo! Apoiado!

O Malaquias, ergueu os braços, enterrando a cabeça nos ombros, — e com uma voz fina, muito arrastada, pegajosa, que arrepiava os nervos:

— Eu não é para ofender, eu era pra dizer...

Artur reparou nele, então: era amarelo, duma amarelidão baça, oleosa; tinha a boca muito larga, — e parecia sujo, viscoso, sentia-se que devia exalar um cheiro mau.

Matias então resumiu:

— O incidente vai longo — e eu exprimo a opinião do *club* dizendo, que nos honramos de ver entre nós o senhor Falcão, e que sejam quais

783: que o desejo] que o deseijo
791-92: amarelo, exprimiu] amarelo, expremio

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

forem as divergências de opinião, é um orgulho adquirirmos a cooperação dum homem de bem, e dum democrata ilustre.

O místico curvou-se até ao chão, — e entre apoiados!, foi assinar o seu nome no registro.

Mas o Malaquias ergueu-se logo —: e com gestos lentos, moles, gelatinosos, começou a falar dum modo tortuoso, empastado — dizendo que era republicano, que respeitava todo o mundo, que quanto mais membros melhor... — E demorava-se, passava as longas mãos lívidas e magras, pela face sem barba, oscilava com a cabeça: — Ele não queria pôr em dúvida as convicções dos cavalheiros admitidos, mas... Porque enfim, era necessária cautela... Longe dele, insinuar coisa alguma... Todavia.

— Acabe, homem, gritaram-lhe, impacientes da voz, da hesitação mole, dos gestos remolentos.

— A questão é esta, disse enfim, estamos ou não estamos nós aqui a conspirar contra o Governo? Ora bem. Sim, digo eu, isto não é para ofender, mas enfim... Sim, digo eu, — quem nos diz, a nós, quem nos diz a nós? — repetiu, espalmando os cinco dedos sobre o peito côncavo — quem nos diz a nós que não há pessoas que vêm para aqui para escutar, para espiar?...

Jácome Nazareno deu um pulo:

— Isso é insinuar alguma coisa, a respeito do meu amigo? — E indicava Artur, que estava escarlate, imóvel.

O místico saltou, com duas passadas, para o meio da sala, e com a voz trémula, agitando dois enormes braços magros:

— Cidadãos, é triste que depois de toda uma vida de estudo e dedicação à Democracia, no dia mesmo em que me venho reunir a camaradas, para um fim de justiça, me veja apontado como um espião, eu! — E batia com os dois punhos, freneticamente, no peito.

O sujo Malaquias, protestava, levando as mãos à cabeça:

— Pelo amor de Deus, o que aí vai. Aí está o senhor Falcão com as suas exagerações. E o senhor Nazareno, com o seu génio. Eu não disse, eu não disse... Eu o que queria dizer, é que era necessário não fazer as coisas a trouxe-mouxe. É necessário mais solenidade... Porque é que se não há-de exigir aos que são admitidos o juramento?...

— Sobre um crânio! soltou Gilberto.

Houveram risadas. Muito bem! E Gilberto erguendo-se:

— Peço a palavra. Hão-de notar que é sempre do senhor Malaquias que saem as ideias cómicas sobre a simbólica do *club*: foi ele que há tempos

812: começou a] começou a a
824: que não há] que há [*Lição conjecturada por provável lapso do autor*].
839: a trouxe-mouxe] a trouxe moxe

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

reclamou a senha; hoje quer o juramento; amanhã exige o subterrâneo; depois, em lugar do gás, a tocha; a democracia do senhor Malaquias pertence à rua dos Condes. Enquanto ao senhor Falcão, são bem conhecidas as suas ideias, o seu carácter, os seus artigos na « Evolução », a sua vida...

— Apoiado! Apoiado!

Nazareno erguera-se:

— Eu, enquanto ao senhor Corvelo, creio que é inútil afirmar a sinceridade das suas crenças, o seu ódio intransigente à sociedade conservadora...

— Apoiado, apoiado! Está acabado isso.

Malaquias, curvou-se, disse ainda:

— Eu, com a minha pequena experiência, sempre tenho visto exigir-se o juramentozinho... Lá fora é o mesmo... Mas enfim, se os sábios não querem... Eu era para o futuro, mas enfim... Eh! eh! eh!

Em redor puxavam-lhe pelas abas do *paletot*: ele sentou-se resmungando — mas erguendo-se logo, com a elasticidade duma mola, recomeçou na sua voz irritante, que punha comichões no sangue:

— Eu peço perdão de voltar à carga, mas enfim... Era para dirigir uma pergunta à mesa... Queria saber se a subscrição de mil réis por cabeça para as obras da sala, foi ou excedida, ou se há um saldo, e se há um *déficit* quem responde... Sim, nestas questõezinhas de dinheiro... Eu não quero ofender... E enterrava a cabeça nos ombros, com os gestos torcidos dos braços. Mas enfim...

Matias disse, com secura:

— As contas são apresentadas, examinadas, e discutidas. A pergunta é inoportuna, e mal formulada.

Malaquias teve o seu riso casquinado:

— Eu era pra saber. Gosto de saber... Eh! eh! eh!

E ficou sentado, passando pelo queixo os seus longos dedos magríssimos.

Imediatamente, um homem de idade, muito feio, com uma barba grisalha de pêlos raros, ergueu-se, com um caderno de papel na mão. Escarrou, e com uma voz lenta, dormente, um pouco cava:

— Eu pensei que neste dia da inauguração seria conveniente ler algumas páginas, que pusessem diante do espírito de todos, as fases que tem atravessado a liberdade. Se me permitem... E vendo Matias abaixar a cabeça em consentimento, o homem feio leu:

> « Se remontarmos aos tempos quase mitológicos, encontramos o primeiro mártir da liberdade, pregado sobre um rochedo, e tendo o flanco devorado pelo bico de bronze dum incansável abutre... »

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Havia em redor um vago pasmo: o que era? Examinava-se o caderno, espesso, azul, cosido com guita. O quê! ia ler tudo?

885 «... O insensato — continuava ele, lento, pausado, crasso, — tendo querido arrebatar aos Imortais o fogo sagrado, via seus membros acorrentados ao Cáucaso, e a história saúda nele o primeiro que revindicou os direitos do Homem, contra as tiranias da Divindade... »

Compreendeu-se vagamente que era a longa história dos Mártires da 890 Liberdade, desde Prometeu. Alguns quiseram escutar, por camaradagem, ou na esperança de anedotas típicas, ou de declamações que lisonjeassem as suas opiniões: mas os períodos gordos, moles, movendo-se, surdamente, como um lento rolar de odres mal cheios, constituíam uma retórica fatigante; a voz era tão dormente, dum escorrer tão monótono, que amadorrava: algu- 895 mas conversações estabeleceram-se baixo: um sujeito ergueu-se em bicos de pés, apanhou no estrado a metade de charuto que lá deixara, e subtilmente, refugiou-se, na saleta: outros seguiram-no, os mais tímidos afectando, com as mãos nas calças, uma precisão urgente; e os que ficavam, para resistir ao torpor crescente, estabeleciam uma sussurração de vozes ciciadas. Matias 900 então, que tinha os olhos fitos no tecto, batia com os dedos na borda da mesa: e no silêncio deferente, que se cavava, ouvia-se a voz vagarosa, falando do grilhão de Spartacus e do punhal de Bruto, do ferro de Lucrécia. Mas o rumor crescia, gradualmente, — e um a um, sujeitos em bicos de pés, encolhidos, desapareciam na porta estreita da saleta: vinha de lá uma fumaraça 905 de tabaco: às vezes uma face, de cigarro na boca, espreitava para a sala: ouviam-se risadinhas — e impassível, absorvido, solene, o homem feio — ia expondo as misérias da plebe romana.

Artur, em respeito ao Nazareno, conservava-se imóvel: uma inércia mole afrouxava-lhe os músculos, num abandono de fadiga: pensava no 910 Melchior; àquela hora, se não fosse a República, bateria para o Dafundo, sentindo, sob os assentos da caleche, os pezinhos da Concha entre os seus; chegaria, vê-la-ia, na sala da ceia, tirar os agasalhos, aparecer, à luz do gás, na beleza triunfante do seu decote, e sentiria a sua cinta fina vergar-lhe entre os braços, enquanto o seu pescoço branco, cheio, dobrando-se para trás,

887: revindicou] [*Por* reivindicou. *Conserva-se, por poder representar a pronúncia da personagem*].
899: crescente, estabeleciam] crescente, estableciam-se
903: rumor crescia,] rumor crecia,
906: ouviam-se risadinhas] ouviam risadinhas [*Lição conjecturada por lapso do autor*].
906-07: ia expondo] ia exponpondo [*Ditografia por mudança de página*].
911: os pezinhos da Concha entre] os pezinhos entre [*Lição conjecturada por lapso do autor*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

chamava deliciosamente os beijos. Estirou as pernas, os braços, num espreguiçamento de languidez — e a voz espessa ia apostrofando Tibério, e a galera de velas de púrpura que o levava a Capreia.

Jácome então bocejou enormemente, olhou um momento o gás, o enorme manuscrito, e com uma decisão brusca, ergueu-se, e na ponta dos pés, saiu. Artur, ia segui-lo — mas o olhar frio de Matias, imobilizou-o. Agora bocas abriam bocejos sinceros. Faces lamentosas, imploradoras, voltavam-se para a impassibilidade do Matias. Um ou outro, tirando o relógio, tinha um gesto despeitado. O secretário dormitava. E, sem pudor, o Gilberto lia um livro. — Por uma transição, que ninguém seguira, o homem feio divagava entre os Persas.

Jácome voltou — sentou-se ao pé de Artur, e com uma voz de rancor:

— Isto é uma coisa extraordinária. Há três quartos de hora! E que quantidade de manuscrito.

— Quem é ele?

— Uma besta — disse o outro, por entre os dentes, com um furor imenso. Esteve um momento a roer nervosamente as unhas, tornou a erguer-se, e batendo os tacões agora, como numa demonstração útil, entrou para a saleta.

O homem feio, sereno — depois de ter celebrado o suicídio de Catão, começou a comentar a crucificação de Cristo: e foi então que se reparou que o amigo Abílio adormecera profundamente: na monotonia da leitura, aquilo tomou o interesse picante dum incidente grotesco: seguiam, com risinhos fungados, os cabeceamentos bruscos de Abílio, que lhe tiravam o corpo para os joelhos; e nos olhares jubilosos luzia a esperança de o ver rolar no chão. Mas Matias, zeloso da dignidade do *club*, fez sinal ao secretário, que desceu do estrado, em bicos de pés, e — como era de temperamento fatalmente faceto, — em lugar de despertar disfarçadamente o lojista, fez-lhe cócegas na orelha com a rama da pena. Abílio, pulou com um berro. E a gargalhada, que se estivera formando, rebentou irreprimivelmente. O Abílio, com as feições inchadas, vermelho, desconfiado, esgazeava em redor olhinhos estremunhados; o homem feio suspendeu um período sobre Savonarola — e Matias, severo, deu um toque de campainha cheio de repreensão. — E seriedade restabelecida, o homem prosseguiu lamentando, com imagens floridas, as fogueiras em que ardeu João Huss.

Artur aproveitara do ligeiro tumulto, para ir, em bicos de pés, com as cruzes quebradas de fadiga, fora, fumar para a saleta.

— Onde vai o homem? perguntaram-lhe.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

— Vai nos mártires da Reforma!

— Ainda três séculos, murmurou o sujeito de barbas loiras e óculos, erguendo ao céu os braços e os olhos!

Falava-se, a meia-voz, fumando, de futuras sessões, de projectos, das esperanças políticas, de infâmias da Monarquia; e as vozes abafadas, davam um tom de conspiração, às acusações, às injúrias lançadas ao Governo: atribuía-se-lhe, unanimemente, a decadência vil da nação: e dum círculo donde se elevava uma fumaraça de cigarro, cada um expunha, uma « grande vergonha » — a ruína económica, o baixo preço dos salários, o compadrio, os empregos, o abandono das colónias; falava-se por generalidades vagas: era uma choldra! O país estava perdido! Nada, nada, nada! Tudo uma canalha — e ombros encolhiam-se com tédio — faces chupavam-se aspirando o fumo do tabaco; mas em geral, a irritação contra as pessoas excedia a hostilidade às instituições: atacava-se a vida imoral de ministros, contavam-se ao ouvido anedotas da corte, grunhia-se contra o abaixamento de jornalistas conservadores; e um indivíduo magro, com espinhas carnais, parecia atribuir todos os sofrimentos da humanidade ao administrador do bairro central, que decerto odiava: outros então contavam despeitos pessoais. E como justificação daquela cólera, voltava constantemente a « miséria dos operários », « a indignidade dos ricaços »: os mais incultos formulavam a sua indignação política por um termo de calão, ou obscenidade de taberna, com gestos de ódio pessoal: os mais ilustrados declamavam vagamente, falavam com figuras graves na « corrupção do baixo império »: ninguém parecia ter noção exacta das reformas definidas: mas todos vagamente confiavam que da República escorreria a Felicidade pública, penetrando todas as classes, até os mais obscuros casebres, com a fecunda universalidade da luz que cai dum astro. — Às vezes, um ia escutar à porta, outros seguiam-no, escondendo o cigarro atrás das costas, — e ouviam a voz morosa do homem feio, impassível, declamando considerações sobre o processo dos Girondinos. Matias, de longe, reclamava-os, com um olhar imperioso: alguns obedeciam resignadamente, indo imobilizar-se nas suas cadeiras, sob o lento escorrer da prosa infindável: rostos recuavam rapidamente, refugiando-se no fundo da saleta, onde o bico de gás erguia a sua tulipa de luz crua.

O Nazareno era o mais impaciente: segundo ele, era inútil que houvessem sessões, se elas haviam de ser tomadas por aquelas leituras retóricas.

962: ruína económica] ruína ecomica

974: obscenidade de taberna,] obscenidade taberna, [*Lição conjecturada por lapso do autor*].

980: Às vezes, um ia] Às vezes, ia [*Idem*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Então discutiram-se os trabalhos urgentes do *club*. Antes de tudo era necessário fundar um jornal. Um sujeito de barba loira, lembrou a necessidade de aliciar alguns militares. O *club* devia fazer um manifesto a todos os liberais, lembrava outro, deviam-se pôr em comunicação com os republicanos espanhóis: este projecto pareceu desagradar: alguns achavam-lhe um odioso sabor ibérico... Mas a salvação da Península era a república federativa!... E além disso, para fazer república, é necessário dinheiro e armas... Donde havia de vir? De Espanha!

— Nada de espanhóis, nada de espanholas.

— Espanholas sim, disse um gracejador.

E o tumulto de vozes que se levantara — foi interrompido pelo secretário, que veio dizer:

— Oh meninos, o Matias está furioso! Vocês fazem aqui uma algaravia que se ouve lá dentro... O homem está a acabar... Pelo amor, venham...

Artur, que temia o descontentamento do Matias, foi retomar a sua cadeira. O homem feio espalhava flores de eloquência, sobre os túmulos, lado a lado, dos quatro sargentos da Rochelle.

Pouco a pouco os republicanos entraram — e subitamente, o homem feio sentou-se. Houve um rumor de alívio, largamente respirado. Alguns tomavam o chapéu. Eram onze e meia, que diabo!

Mas Matias fez retinir a campainha.

— Consultarei a assembleia sobre a proposta, que no fim do seu notável trabalho, o nosso ilustre cidadão — e indicou o homem feio — acaba de fazer.

Foi um grande espanto. Que proposta, ninguém percebera. Olhares interrogavam: ombros encolhiam-se.

Matias, então, explicou:

— O nosso amigo propõe que se pendurem nas paredes do *club* os retratos de todos os Mártires da Liberdade, desde os tempos mitológicos até... — Pareceu, um momento, interrogar a memória — perdão, senhor Esqueira, até?...

O homem feio recitou, dum fôlego:

— Joaquim Vicente da Costa Esqueira, morto na enxovia de Almada, a machado, pelas suas ideias jacobinas. Era meu tio.

994: Mas a salvação] Mas a salvão
1002*a*: que se ouve] que se houve
1002*b*: está a acabar] está acabar [*Lição conjecturada por lapso do autor*]

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Uma gargalhada correu pelas cadeiras. O velho militar, que parecia admirar o homem feio, rugiu — mais decência! E Matias, severo:

— Acho a hilaridade inoportuna...

O homem feio, julgou decerto do seu dever indignar-se —: e erguendo-se, com solenidade:

— É estranho que cause riso a homens liberais, um parente meu que morreu pela liberdade...

Alguns risos abafados escaparam aqui, além. E Gilberto então, no meio da sala, com o chapéu na mão:

— A ideia é nobre, disse, mas além de que não há lugar para conter nestas paredes todos os Mártires da Liberdade, é difícil obter o retrato da maior parte, — a não ser desenhos de fantasia, que por falsos, tendem a produzir indiferença, em lugar de impor a veneração. Além disso, os mártires são inumeráveis, as paredes são só quatro...

— Apoiado! Apoiado!

O homem feio parecia descontente.

— Ao menos o imortal Rousseau, — começou.

— Nenhum! Nenhum! gritaram com impaciência.

Estavam de pé quase todos, havia uma vozearia. Então ouviu-se a voz do senhor Abílio dizer:

— Eu é só duas palavras.

Fez-se um silêncio deferente: havia sorrisos amigos, àquela expressão bem-vinda.

— Eu, continuou Abílio, de pé, com a face jovial, eu quero oferecer ao *club* (dizia *clúbio*) um presentinho. Tenho lá em casa uma cabeça de gesso, que a minha senhora diz que é Minerva...

Um lento rumor simpático, correu, àquela bonomia quase paternal.

— Eu não sei se é Minerva, a coisa parece ter valor. Mas a mim parece-me, — e desculpem, — se digo asneira, — que poderia muito bem figurar como um busto da República. Se a querem, está às ordens com todo o gosto. Eu já disse à minha senhora, porque, enfim, são coisas que pertencem à casa. Ela consentiu, coitada... E eu tenho muito gosto em oferecer...

— Bravo! Apoiado! Aceitamos! Muito bem.

Abílio reclamou silêncio:

— Então cá a mando amanhã, pelo criado.

Palmas estalaram. — E Matias, erguendo-se:

— Está levantada a sessão.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Artur foi arrastado, no movimento impaciente que se fez para a porta. E no pátio, enquanto acendia um charuto, achou-se ao lado do homem de *cache-nez*:

— Não foi má estopada...

Artur disse-lhe, por condescendência:

— A leitura foi longa.

O outro inclinou-se-lhe para o ouvido:

— É que não se faz nada! Tudo isto é uma história. É palrar, é palrar! Não se faz nada enquanto se não deite o Governo abaixo! E eu já disse ao Matias — eu quero ir recebedor pra Belém. Eu cá sou franco...

E desapareceu, encolhido no *paletot* — porque começara a chuviscar.

Quando Artur chegou ao Hotel — o porteiro disse-lhe que viera ali um sujeito procurá-lo às nove horas, voltara às nove e meia, depois às dez, depois às dez e meia. Da última vez estava tão furioso, que deu punhadas na mesa, e rogou pragas.

Pela descrição — bigodes longos, já entrado — reconheceu Melchior.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

VII

Ao outro dia Artur recebeu as últimas provas dos *Esmaltes e Jóias*, e revia-as quando a porta se abriu. Melchior apareceu, com um ímpeto irado: o aspecto de Artur, trabalhando tranquilamente, com o seu *robe-de-chambre* de veludo, exasperou-o mais: e curvando-se até ao chão ironicamente, com uma voz repassada de ódio:

— Sim senhor! Fê-la boa!

Artur ia falar — mas Melchior, bruscamente, com um gesto vivo:

— É simplesmente uma canalhice! Venho aqui com a tipóia, com as raparigas, às nove. Nada, tinha saído! Volto às nove e meia — com as raparigas, na tipóia, nada! Volto às dez, nada! E aqui me vejo eu com as mulheres, com a tipóia, a bater a rua, Chiado abaixo, Chiado acima, elas furiosas, o cocheiro desocupado — enfim, uma indecência!

Artur ia explicar.

— Pra mim, interrompeu o Melchior, pândegas comigo — acabaram!

E então divagou prolixamente, numa abundância de despeito: — que em Lisboa não se usavam daquelas chalaças... Com quem imaginava ele que estava a tratar? O cocheiro era nada menos que o *Teso*, que só batia com a melhor rapaziada. E as raparigas? Tê-las incomodado, obrigado a sair de casa, pra quê? Assim perdia-se todo o crédito, era-se mal recebido. Ele queria levar a sua vida direitinha... No fim ele é que fora responsável... Era homem de bem, gostava de se portar como homem de bem: — Enfim, o senhor Artur tinha-o entalado!

Vendo aquela indignação verbosa, e o seu olhar fusilante, — Artur acreditou que praticara uma vileza excepcional. Falou em dar desculpas, ir ele mesmo explicar à Concha...

— E é que há despesas! disse o Melchior, grave, pela responsabilidade tomada. É que há despesas. O amigo imagina que o cocheiro andou a bater pra cima e pra baixo de graça? E eu tomei-o por sua conta... E as raparigas?...

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Artur, tirara logo do bolso a sua bolsinha de trama de prata. E Melchior, sossegado, responsabilizou-se por arranjar as « coisas decentemente, com três librinhas ».

— E onde diabo estava você, perguntou já risonho. No *high-life* outra vez?

Artur, discreto, teve um *sim* ambíguo, gozando interiormente as cautelas do conspirador. Estivera numa casa, até tarde... Fora convidado de repente...

— Pois eu tive um ferro, disse o Melchior penteando o bigode ao espelho. E a Concha estava, menino! Oh! Uma divindade! E ficou furiosa... Não, palavra, está com muita curiosidade de o ver.

Artur lamentava, consigo, aquela ocasião perdida: e pra quê? Pra ouvir, durante hora e meia, escorrer monotonamente, com uma lentidão de água gordurosa, o elogio balofo e mole da Liberdade! Que tolice! Mas apesar do seu desejo, não ousava propor « outra pândega » ao Melchior. Disse apenas, andando em redor da mesa, com a cabeça baixa, embrulhando um cigarro:

— Tenho pena, tenho pena... Outra vez será, hein?

Mas Melchior não o escutava: fora segundo o seu costume para a janela, trautear, retocar os bigodes, e ver « se pescava a segunda-dama ».

Artur então mostrou-lhe as últimas provas dos *Esmaltes e Jóias*: e corando um pouco, perguntou-lhe se não seria possível anunciar a publicação próxima...

— Está claro que sim! E até publicar uma poesia. Dá *chic*. Vemos logo isso. Você que faz à noite, nada? Bem, venho jantar com você — e combina-se a notícia. — Bateu-lhe no ombro: — Bem, sou amigo ou não?

Artur agradeceu —: e prà venda do volume?...

— Entenda-se com o Gonçalves, com o revisor. Eu lhe arranjo isso. Não há-de haver dúvida. Põe-lhe o volume nos livreiros, à comissão. Você não tem trabalho nenhum — senão receber... É necessário dar alguma coisa ao Gonçalves, já se vê: coitado!, homem serviçal: cheio de família.

Deu uma escovadela ao chapéu — e « ia-se, que tinha um *rendez-vous* ». Foi ainda olhar, à varanda, — mas como se não punha olho em cima do diabo da cantora, saiu trauteando o fado.

Terminada a ocupação das provas — os dias tornaram-se muito vazios para Artur. Mas estava, então, numa situação de espírito tranquila, muito segura: em breve, pela publicação do livro, pela crítica do « Século » (Melchior prometera-lhe um « folhetim de arromba ») ia ser ilustre; a sua ligação com

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

os Republicanos, com o *club*, dava-lhe uma secreta vaidade de revolucionário perigoso: e seria feliz, se pudesse ver, conhecer, a senhora Baronesa de Paradas. Todas as manhãs, agora, por ociosidade, com uma vaga esperança, ia passar pela rua de S. Bento — e cada vez, imaginando enfim o encontro desejado, recebendo de cada vez uma desconsolação daquela longa fachada, impassivelmente muda, e vazia. Que faria ela lá dentro? Supunha-a lendo, estendida num sofá, ou no jardim que devia haver por trás, sob alguma velha árvore, bordando, vendo a pequerruchinha rolar-se pela relva. À noite ia a S. Carlos, sondando todos os camarotes com o binóculo, aos domingos no Passeio, à tarde no Pote das Almas e pelo Chiado, não cessava de a esperar, de a invocar. Não a via — e aquilo punha uma falha discordante na felicidade tão unida dos seus dias. Onde a veria? Como? A recordação odiosa da *soirée* da Coutinho dava-lhe, com o terror da Sociedade, o desejo de a ver, de a amar, fora das convenções mundanas, na deliciosa segurança do mistério, dum modo literário e excitante, à *Romeu e Julieta*. Quereria encontrá-la num parque, numa pequena ruína, longe, nalgum recanto pitoresco de vale ou de estrada. Uma manhã ficou alvoroçado vendo, no «Século», nas notícias do *high-life*, que a senhora Baronesa de Paradas fazia vinte e cinco anos. Mas então, Melchior, o Savedra, conheciam-na. Correu à redacção. O Melchior, encolheu os ombros: tinha copiado a notícia do almanaque do ano precedente: era apontamento do informador. Talvez o Savedra soubesse...

Também não: ouvira dizer que era uma senhora brasileira...

— Mas pra que quer você saber, perguntou o Melchior com um sorriso de malícia, muito curioso. Temos conquista.

Artur negou, frouxamente.

— Vá lá, homem, conte lá, insistiu o Melchior. Olhinho, cartinha, hein?

Artur não resistiu à tentação de dizer, afectando reserva:

— Conhecemo-nos, mas não há nada!

— Seu felizão, disse o outro, olhando-o, com inveja. Olha o melro, hein!

Artur cofiava o bigode, entumecido de vaidade, o olhar enternecido.

O Melchior então, por um instinto de despeito, afectou não dar importância, à aventura que suspeitava; bocejou, estirou-se na cadeira, falou de S. Carlos, do circo, doutras coisas. E de repente:

— Então você agora é da panelinha do Nazareno?

67: dava-lhe] davão-lhe
68: se pudesse] se se pudesse

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Artur corou:

— Conhecemo-nos. É um amigo do Damião, que foi meu companheiro de Coimbra. Porquê?

— Vi-o ontem no Martinho... Você não me viu. Estava em grande cavaqueira com o Nazareno... — E depois duma pausa: — Faz mal. Fraca sociedade.

Artur então protestou: fez o elogio do Nazareno, do Matias; atribuía-lhes todas as virtudes, grandes excelências de espírito.

O Melchior, muito estirado na cadeira, com o ventre saliente, todo envolvido na fumaraça do charuto, dizia, com desprezo:

— Uma corja! Uma corja!

Artur escandalizou-se. Eram, disse, os caracteres mais nobres de Lisboa. E irritado pelo tom de escárnio do Melchior, pela sua atitude repoltreada de escrevinhador pedante, afirmou que o Matias, o Nazareno, dentro de dois ou três anos, haviam de governar o país. O Partido Republicano está certo de triunfar...

Melchior, que limava as unhas com um canivete, teve um risinho seco.

— Ora histórias, amigo! Quatro municipais de terçado varrem todos os republicanos.

A contradição fez perder a Artur a prudência. Falou do *club*, da organização do Partido Socialista, no Porto, em Viseu, em Coimbra; havia quinze mil operários prontos; inventava forças sociais ao serviço da democracia; o dinheiro não faltava — e lembrando a presença do «amigo Abílio» no *club* da rua do Príncipe, jurou que toda a burguesia em Lisboa, proprietários, banqueiros, pertenciam ao Partido Republicano... Melchior fitou-o um momento, com a expressão vitoriosa de quem obtém a confissão dum crime:

— Ah! o amigo também é do *club*?

Artur, vermelho, pensando que necessitava para o seu livro o apoio conservador do «Século», negou. Não pertencia — mas enfim, a verdade era a verdade... O Partido Republicano era forte...

— Meia dúzia de maltrapilhos — rosnou o Melchior, cuja verbosidade usual parecia esterilizada.

Calaram-se. E daí a momentos, Artur saiu, descontente. O Melchior, sem levantar a cabeça do papel, disse-lhe *adeus, amigo,* extremamente seco.

A injustiça feita aos seus amigos, fazia-lhos parecer mais dignos, mais superiores. E como as palavras do Melchior o tinham revoltado — jurou

121: de terçado] de treçado

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

dedicar-se aos republicanos, como aos únicos homens de justiça e de verdade, que até aí encontrara.

Não deixou mesmo, nessa noite, de contar ao Nazareno « a sua questão com o tolo do Melchior ». Nazareno não conhecia do « Século » senão o Savedra « que, disse, era um corruptozinho, que merecia na cara a *badine* que usava na mão ».

Artur então, lembrou a necessidade de mostrar ao país a força do partido; e achava prejudicial que o *club* tivesse, havia quinze dias, suspendido as suas sessões...

O motivo era que Matias estava preparando o seu grande *Programa de Organização Democrática*: e era inútil reunirem-se antes de possuírem aquela base de trabalho, de acção, « que era, disse o Nazareno, uma das grandes obras que se tinham escrito neste século ».

— O Matias leu-me ontem a primeira parte. Depois de Proudhon não se tornou a escrever nada tão forte, e tão elevado! O amigo verá!

No entanto Artur estava secretamente inquieto com a « sua questão com o Melchior »: não conhecia que largo fundo de indiferença pelas ideias há num espírito inferior, e julgando tê-lo escandalizado ao seu fervor monárquico, receava perder a notícia, o folhetim prometido no « Século », mesmo os serviços do velho Gonçalves, pai de tantos filhos! Por isso, na manhã seguinte, ficou encantado vendo o Melchior que vinha, risonho e florido, almoçar com « o caro Artur ». Justamente recebera, ao acordar, uma carta da imprensa anunciando a terminação do volume, e remetendo a conta de impressão. Melchior examinou-a, achou muito moderada, prometeu mandar Gonçalves à tipografia, e assegurou que depois do almocinho ia fazer uma « notícia catita ».

Com efeito, ao outro dia, Artur pôde ler, com o coração afogado em vaidade, os elogios do « Século »:

> « É hoje posto à venda o livro de poesias do nosso ilustre amigo Artur Corvelo, os *Esmaltes e Jóias*. É um belo volume de 250 páginas, nitidamente impresso na excelente tipografia de *Castro e Irmão*. Vamos ler e falaremos de espaço desta interessante estreia do inspirado poeta. É natural que a crítica se ocupe largamente deste magnífico volume. Em seguida damos um pequeno extracto que nos pareceu uma verdadeira *jóia*, onde não falta o *esmalte*. »

E seguia-se a transcrição dum pequeno poema, em que Artur, retomando uma antiga imagem do velho Gautier, comparava a sua alma, cheia de desejos, a um pombal atulhado de pombas.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Recebeu pouco depois, da imprensa, os volumes destinados a ofertas — e de *robe-de-chambre*, com uma chávena de café ao lado, passou uma manhã deliciosa, escrevendo dedicatórias, na primeira página, num estilo lapidário, poético, afectando, na irregularidade da letra, a desordem da inspiração. Remeteu um exemplar às tias, ao Carneiro, à Corcovada, ao Rabecaz, ao Vasco da botica, ao Nazareno, ao Matias, a D. Joana Coutinho, a Victor Hugo, ao Padilhão e a Garibaldi — com estas palavras «*Ao sublime herói da espada, o humilde cismador da lira*». Mandou pôr volumes nos quartos do Meirinho e do Carvalhosa. E num exemplar escreveu apenas — « *15 de Maio. Estação de Ovar. Remember.* »: pôs entre as folhas violetas esmagadas, e sobrescritou para o palacete da Sr.ª Baronesa de Paradas, a S. Bento.

Depois, sentado à janela, com um exemplar na mão, ficou longo tempo a saborear o delicioso orgulho que ele lhe dava: o cilindrado do papel dava uma doçura inesperada à harmonia das rimas, e a cor de canário da capa, com o seu nome, em *elzeveriano*, enternecia-o: lia aqui, além, versos, trechos, e ora tinha palpitações de vaidade por belezas que impressas lhe pareciam dum brilho particular, ora se assustava a incorrecções de forma subitamente apercebidas, — que lhe tinham escapado nas provas, e que decidia emendar na *segunda edição*.

Entrou nessa noite no Martinho, comovido. Decerto o volume, tornado popular pela notícia do « Século », fora já folheado. No rumor das conversações parecia-lhe sentir o seu nome, trechos do livro citados; deviam decerto olhá-lo, examiná-lo: e calculava os seus movimentos, a maneira de se encostar na cadeira, de passar a mão pelos cabelos — para dar de si a ideia mais favorável, e como a revelação pública do seu génio íntimo.

O Nazareno — que tomava o seu café — ainda não lera o livro, mas vira a notícia no « Século ».

— Palavra, fiquei surpreendido, acudiu Artur. Depois da minha questão com o Melchior, imaginei que me fariam guerra. Mas não. No fundo são bons rapazes — e é necessário estar-se bem com os jornais...

— Decerto, disse Nazareno, que parecia reflectir. E depois dum momento: — Então o amigo é lá muito da gente do « Século », hein?

Artur afirmou « que tinha alguma influência no "Século" ».

— Estimo, disse o Nazareno, porque então vamos arranjar uma coisa.

186: *15 de Maio*] [*Referência ao episódio da visão da Senhora de Vestido de Xadrez, descrita no início do cap. I. No ms. A, o episódio ocorrera em Setembro, e a dedicatória refere o dia 13 do mesmo mês; no imp. D, o episódio decorrera na primeira semana de Abril, tendo o mês sido alterado, no imp. E, para Outubro. A referência, aqui, ao dia 15 de Maio, sugere uma datação intermédia no início do ms. B (anterior aos imps. D e E), provavelmente para justificar o atraso do comboio em Espinho (zona de banhos) e o vestido de praia, de xadrez, usado pela enigmática Senhora que viajava no mesmo comboio e por quem Artur se apaixonara na estação de Ovar*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Procurou na algibeira, e tirou um rolo de tiras de papel. E, baixando a voz:

— É necessário fazer publicar isto...

Artur teve um deslumbramento, pensando que por fraternidade revolucionária, o Nazareno fizera um estudo sobre os *Esmaltes e Jóias*: e a sua desconsolação foi grande quando Nazareno, com os cotovelos na mesa, o seu ar um pouco soturno, lhe disse — que era um artigo do Matias, sobre o livro do Damião.

Publicara-se havia uma semana — e intitulava-se a *Renascença em Portugal*. Nazareno afirmou, que era um livro concebido num espírito muito livre, de grande estilo, duma alta ciência, «a verdadeira iniciação em Portugal da crítica histórica e literária». Uma grande obra de democracia, enfim! Era útil, para o partido, para os interesses da inteligência, fazer em torno do livro um ruído de artigos: como eles não tinham um jornal, era necessário, decerto era até conveniente, que os jornais conservadores popularizassem o volume. Ele não conhecia jornalistas. Mas, ao ver a notícia do «Século», sabendo que o amigo Corvelo conhecia a redacção, lembrara-se... Hein?

— Sim, disse Artur, falo ao Savedra. Até tenho muito gosto. Sou amigo do Damião.

— Dá dois folhetins, disse Nazareno.

Artur levou o manuscrito, mas estava contrariado. No momento em que ele necessitava para os *Esmaltes* o folhetim do «Século», achava imprudente reclamá-lo para o livro do Damião. O Nazareno parecia-lhe egoísta. É abusar, que diabo! Tinha agora um vago medo que o Savedra consentisse na publicação, que o livro do Damião tivesse um sucesso, ruidoso, — onde o seu volume lírico desaparecia, como um suspiro numa trovoada. Pensou em guardar o manuscrito — até que aparecesse o folhetim do «Século» sobre os *Esmaltes*. Ou poderia dizer ao Nazareno, com um gesto desolado, «que o patife do Savedra, nem à quinta facada»... Mas então o *patife* era ele, Artur. Que estúpida ideia, a do Nazareno! Detestava-o agora: sentia vagamente render-se às opiniões do Melchior sobre «a cambada dos republicanos».

Mas ao outro dia, por um sentimento de lealdade, — que a claridade límpida da manhã concorreu decerto a fortalecer — foi ao «Século». E, sem calor, cumprindo estritamente e unicamente o que prometera, estendeu o manuscrito ao Melchior, dizendo:

— Estimava que você publicasse isso no jornal. É sobre o livro do Damião, um amigo meu.

O Melchior remexeu as tiras de papel azul, quase com medo. Vindo do Matias, dos republicanos, parecia-lhe que sob aquela letrinha miúda, se

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

devia tramar alguma coisa de funesto para o « Século », para a Monarquia, para os prazeres tranquilos da Baixa. Deu um olhar desconfiado a Artur, disse devagar, coçando a cabeça:

— Enfim, eu falarei ao Savedra, eu não quero compromissos... Você bem vê... É uma responsabilidade... Você tem empenho?

Artur hesitou: a honestidade venceu:

— Tenho.

— Bem!

E Melchior fechou o manuscrito à chave com precauções, como se fosse dinamite, ou outra substância explosiva.

Artur passou esse dia, o seguinte, fazendo o giro dos livreiros onde se vendiam os *Esmaltes e Jóias*, para gozar, vendo o volume nas *vitrines*, as primeiras doçuras da publicidade: não ficou satisfeito: ora o volume não estava bastante em evidência, ora achava-o colocado ao pé dalgum livro francês, cujo frontispício ilustrado absorvia, só, a atenção: estes detalhes descontentavam-no. As *vitrines* dos livreiros pareciam-lhe, além disso, bem indiferentes ao público: homens, senhoras, passavam, na pressa da ocupação, ou no vagar da vadiagem, parando diante das ourivesarias, das camisarias, das modistas, nunca diante dos livreiros. Não encontrava nas fisionomias, nada que revelasse a impressão dada pelos seus versos: o livro parecia passar sobre a cidade, como uma gota de água sobre *gutta-percha*. À noite, no Martinho, em S. Carlos, roçava-se pelos grupos, na esperança ávida de ouvir o seu nome: chegavam-lhe fragmentos de palestras sobre política, fundos, jogo, mulheres, nunca, sobre os *Esmaltes e Jóias*. Entrava desconsolado no Hotel — e punha-se a reler o volume: tudo lhe parecia então vulgar, imitado, mal rimado, chato, e vinham-lhe desesperos mudos, e com um pungente sentimento de solidão e de trevas. Uma ideia, consolava-o: àquela hora, a linda baronesa lera o livro, e tivera, e palpitara de emoção, vendo que o simpático rapaz de Ovar era um poeta! Esperava uma resposta, um bilhete de visita, uma flor seca dentro dum sobrescrito, um *amo-te!* numa folha de papel perfumado. Nada veio.

Das pessoas a quem ofertara o livro, não recebera nenhuma palavra animadora: o Carvalhosa nem lho agradecera. O Meirinho dera-lhe no corredor um *obrigadinho*, seco. O Padilhão dissera-lhe, do outro lado da mesa: — Lá recebi, está um volumezinho bonito.

Só o Nazareno lhe dera uma opinião crítica:

— Você tem a forma, agora é procurar a ideia. Compreende-se, num primeiro livro, de poesia, o género lírico. Mas é necessário não repetir.

281: de Ovar] [de Oliveira de Azeméis].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Victor Hugo fez as *Orientais*, uma composiçãozinha ridícula, mas tomou a sua desforra nos *Châtiments*. Agora é pôr de lado o amor e os lírios, e falar-nos de coisas mais sérias. — E o artigo sobre o livro do Damião?

Artur afirmava (segundo o que lhe dissera repetidamente o Melchior) que o Savedra o ia ler, e veria... Naturalmente publicava-se. — Talvez saia amanhã, acrescentava. Eu verei.

Mas o que queria ver todas as manhãs, o que ambicionava, com palpitações do coração, ao abrir o «Século», era o folhetim prometido sobre os *Esmaltes*. Não o encontrava. E vinha-lhe então uma grande irritação, por não ver o artigo do Matias sobre o livro do Damião.

E era aquele o pretexto que tomava para se indignar contra o Melchior, ir à redacção, e ao princípio com um modo tímido, depois mais secamente, lembrar-lhe «a sua palavra».

— Ó menino, o Savedra lá tem o folhetim.

Mas era necessário decidir, que diabo! — insistia ele, furioso contra o Melchior, que obtusamente não compreendia que a promessa que ele verdadeiramente queria cumprida não era sobre o livro do outro, — bem lhe importava! — mas sobre o seu, sobre o seu!

Melchior compreendera: e muito lealmente, tentara numa noite de luta produzir um folhetim sobre os *Esmaltes e Jóias*: chegara a obter meia coluna, em que falava da «nitidez da edição, e da grande inspiração...» mas faltavam quatro colunas e meia, e nem duas chávenas de café, nem charutos fumados à janela com a testa à aragem da noite, nem pitadas de rapé para aliviar, nem passeios furiosos pelo quarto, nem a cabeça apertada entre as mãos, como um limão a que se exige o sumo — nada forçara a sua vasta fronte calva, que parecia conter um mundo, a produzir uma linha mais! E desistira furioso contra uma «tão extraordinária falta de veia».

Artur, agora, ia quase todas as manhãs ao «Século», pretextando dar uma vista de olhos aos jornais: mas na sua presença, na sua voz, na maneira de se sentar, Melchior sentia errar uma vaga acusação: já o temia como um credor.

— Amanhã falo ao Savedra, jurou-lhe, um dia.

E, na manhã seguinte, vendo-o entrar, ergueu-se logo, e dizendo-lhe baixo, que ia decidir a questão, foi bater discretamente com os nós dos dedos à portinha verde do gabinete do senhor Redactor.

— Entre!

Melchior entrou, fazendo a Artur um gesto em que lhe prometia ser enérgico.

327: fazendo a Artur] fazendo Artur [*Lição conjecturada por lapso do autor*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Mas daí a momentos, voltou, e logo da porta abriu os braços, enterrando a cabeça nos ombros, exprimindo toda a sorte de impossibilidades.

— Então?, perguntou Artur.

— Diz que não! fez o outro arregalando os olhos. E levando-o pra o vão da janela: Não deu explicações, diz que não! É um livro comunista, cheio de horrores, o artigo do Matias também. Enfim, diz que não.

Artur não pareceu muito irritado: enrolava um cigarro com a cabeça baixa, e de repente, um pouco vermelho, com a voz ligeira de quem se recorda duma minudência:

— É verdade, a propósito, e o folhetinzito sobre os *Esmaltes*?

Melchior corou — mas não querendo confessar a sua miséria intelectual:

— Que quer você? Também diz que não...

— Ora essa!

— Falei-lhe, — continuou o outro com gestos desolados — e por causa da «Ode à Liberdade», da «Sátira à Sociedade», diz que não. O jornal está com o Governo: se estivesse na oposição, então... Diz que não. — E baixando a voz: — Um asno!

Artur galgou a calçada do Correio, falando alto, de indignação. Na sua necessidade de desabafar, de rugir — correu ao quarto andar do Nazareno. Não o encontrou. Foi-se sentar, para o Passeio, debaixo duma árvore — e ali ficou ruminando a sua cólera. Uma grande doçura parecia cair do alto azul, puríssimo: o rumor da cidade, chegava por fragmentos abafados, como se ficasse, preso, enleado nas ramagens meias despidas. Um jardineiro regava. E na rua, onde a areia reluzia ao sol tépido, duas crianças muito loiras corriam, vigiadas por uma inglesa, vestida de Verão, com lunetas azuis, que lia, num banco, com um *king charlie* no regaço. Mas aquela paz de jardim burguês não o calmou: o mundo oficial, de que o «Século» era a expressão literária, parecia-lhe agora vil, duma vileza pequena, piegas, com alguma coisa de senil e de estúpido: e nunca se sentira tão decidido a servir as ideias de Nazareno! O seu livro, agora que repelido, ignorado da imprensa, parecia-lhe sublime. A recusa do Savedra atribuía-a à inveja; talvez à influência inimiga do Roma. E pensava em coisas vagas que faria, que escreveria para provar a sua força, fazer sentir a importância do seu talento... Mas pouco a pouco, no amolecimento que lhe dava aquele tépido meio-dia de Inverno, veio-lhe como a indefinida consciência da sua inabilidade para a luta: necessitaria ter uma amizade forte, ou um amor inspirador, apoiar-se a alguma coisa de duradouro, de consolador... O quê? E as duas crianças correndo,

365-66: alguma coisa de duradouro] alguma de durador [*Lição conjecturada por lapso do autor*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

brancas e cor-de-rosa, frescas como flores, apetitosas como frutos, dando-lhe vagos desejos de paternidade, veio a pensar na família, numa casa bonita, toda sonora de risos de crianças, onde o *frou-frou* de um vestido daria ao ar ambiente como uma ternura subtil. Lembrou-lhe a filha do Carneiro. Pouh! Usava uma cuia postiça, e nunca poderia compreender as necessidades do seu espírito, nem as belezas dos seus versos. Depois a província aterrava-o... Mas Lisboa impacientava-o já. E vinha-lhe como uma desconsolação de tudo, uma sensação de mal-estar; e bocejou enormemente, ergueu-se, foi arrastando os passos, enfastiado, até ao hotel: já nem se sentia indignado contra o Savedra — porque na sua natureza linfática, tudo se amolecia, fenecia depressa, indignação ou entusiasmo — como num ar sem oxigénio todas as plantas estiolam.

À noite, no Martinho, contou tranquilamente ao Nazareno a resposta do Savedra. O republicano fez-se pálido de raiva: e numa indignação, exprimindo-se com violência, chegou a despertar, a aquecer de novo, a indignação de Artur. Tudo provinha, de eles não terem um jornal: um jornal fá-los-ia respeitados, temidos, dar-lhes-ia uma voz, uma posição.

— E onde está o dinheiro? exclamou o Nazareno.

Artur, pensando no seu conto de réis, lá na província, na burra do Carneiro, calou-se, encolhendo os ombros.

Contou então ao Nazareno, — como para o consolar, e mostrar bem a sinceridade do seu despeito, que o Savedra recusara também a inserção dum folhetim sobre os *Esmaltes*. O Nazareno não pareceu a Artur bastante indignado.

— Pois não lhe parece uma maroteira, Nazareno?

O outro fez um vago gesto de assentimento — e depois duma pausa:

— O Matias já folheou o seu volume. Acha-o muito erótico...

Artur mordeu os lábios — e voltou ao Hotel desesperado com aquela opinião. Que entendia o parvo do Matias de versos, e de estilos? Aquela tendência de querer reduzir toda a Arte, mesmo a Poesia, a um auxiliar subalterno duma ambição política, parecia de espíritos estreitos, egoístas. E deitou-se descontente do Savedra, do Matias, de Lisboa, de si, da vida.

Acabava de almoçar, na manhã seguinte, quando o Melchior apareceu com uma face radiante. Atirou pra cima da mesa um número do «Século», disse:

— Ora receba lá esse presentinho!

367: brancas e cor-de-rosa] brancas e cores de rosa

369: onde o frou-frou] [*Numa versão anterior da frase, Eça riscou o artigo; porém, na frase a que chegou o artigo faz falta, e por isso é recuperado*].

397: subalterno] subalterterno [*Ditografia por mudança de página*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Que surpresa! Era uma notícia, a primeira, que dizia:

« O ilustre autor dos *Esmaltes e Jóias*, que tanta sensação têm causado, o nosso prezado amigo Artur Corvelo, muito conhecido na nossa sociedade aristocrática, onde as suas maneiras, o seu espírito o tornam alvo das maiores atenções, tem enfim terminado o seu grande drama *Amores de Poeta* que brevemente será representado num dos nossos primeiros teatros. O drama, que por alguns trechos que ouvimos nos parece primorosamente escrito, é um estudo de costumes da alta sociedade, e por assim dizer um protesto contra as teorias subversivas que os que em Portugal pretendem introduzir as ideias republicanas espalham para destruir a família, a elegância, e tudo o que constitui o património da gente bem educada. Os *Amores de Poeta* são dedicados a um augusto personagem. O público espera-os ansiosamente, este debute teatral do inspirado vate ».

Artur, atónito, exclamou com os olhos muito abertos para Melchior:

— Ora essa, dedicado a um alto personagem?

— Hein, exclamou o outro com triunfo, é bem jogada, hein? É um achado! É catita. Que lhe parece?

Compusera aquela notícia sobre o drama, para o consolar da perda do folhetim sobre os versos — e orgulhoso do « achado », a ideia duma oferta do drama ao Rei, ou à Rainha, repetia com os olhos brilhantes:

— É catita, é de chupeta.

Artur, embaraçado, disse:

— Mas não é verdade, homem, pode-se supor que é o Rei.

— Está claro que se supõe! Pra isso é que eu escrevi! Faz um efeitarrão...

— Mas se o Rei sabe... É abusar.

O outro teve um grande movimento de ombros:

— Ora cebo! Nem ele sabe, nem se importa! E se for necessário, você dedica-lho! Faz um efeitarrão... Não há empresário que o não queira levar...

Artur, no meio da sua vaidade satisfeita, tinha uma vaga contrariedade: que diriam os republicanos, vendo-o designado como « o menino bonito » da alta sociedade, fazendo dedicatórias aos tiranos? Torceu o bigode, parecia assustado.

— Ainda você não está contente, exclamou o Melchior, despeitado daquele acolhimento, cheio de embaraço, a uma local que devia ser recebida com exclamações vitoriosas.

Artur disse:

— Não, estou. Estou penhorado, Melchior, mas...

— Mas quê, com mil diabos. E esta?

404: dos *Esmaltes e Jóias*] dos *Esmaltes e Jóias e Jóias*

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Artur, muito vermelho, confessou:

— É que tenho amigos... O Nazareno, o Matias... Parece uma traição...

A face de Melchior tornou-se grave.

— Você vai pr'um mau caminho, Artur. E sem o deixar falar, com uma verbosidade repentina, continuou: — Você se se mete com essa gente está perdido. Eu conheço Lisboa. São muito mal vistos. Se você quer fama, e que se fale de si, e que se lhe represente o drama, e tratar com gente fina, deve deixar essa cambada. Que é que eles lhe podem dar? Divertimentos, — onde? Empregos, — que é deles? Posição, — nicles! Levá-lo à sociedade, — olha quem, os pelintras! Então pra quê? Você pode aspirar a muito — é o que diz o Savedra. Mas é necessário estar com a gente decente. Veja você. Porque não apanhou você o folhetim do «Século»? Por causa dessas histórias de odes à liberdade e marselhesas, e toda essa choldra! Você tem dinheiro, não é verdade? Pra que se há-de meter com maltrapilhos? O que eles querem é explorá-lo, homem!

Artur escutava-o, abalado.

— E além disso..., ia dizendo o Melchior.

Um criado entrou com uma carta para Artur. Era um simples cartão de visita:

D. JOANA CÂNDIDA DE MENEZES COUTINHO
a agradecer o delicioso volume de versos.

Um rubor de orgulho espalhou-se-lhe no rosto. Estendeu o cartão a Melchior — que exclamou, com o ímpeto alegre de quem combatendo se apossa duma arma nova.

— Aí tem você. Vê? Se ela soubesse que você pertence à canalha do Matias, recambiava-lhe o livrinho, — tão certo como eu estar aqui.

— Foi muito amável, disse Artur, relendo as palavras escritas no cartão. E revia a sala de D. Joana Coutinho, as *toilettes* de seda, os homens de casaca: ali apreciava-se a poesia amorosa, elegante; — e via o Nazareno, habitando um quinto andar, com uma sobrecasaca coçada, relações pulhas, os dedos queimados do cigarro, e hostil ao Lirismo. E aquele simples agradecimento de D. Joana parecia-lhe como uma porta que se abria sobre a Sociedade, donde saía aquela emanação de luxo, de amores patrícios, de graças femininas, que intimamente o cativava sempre. O Melchior, que diabo, tinha talvez razão. Disse-lho.

— Está claro que tenho! E retorcendo o bigode, aproximou-se da varanda.

Mas teve logo uma exclamação, e com um grande gesto, para Artur.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

– *Pst!* Venha cá homem, venha depressa.

Artur correu, viu apenas uma tipóia que descia o Chiado, a trote largo, com duas cabeças cobertas de mantilhas à espanhola.

– Era a Concha, fez o Melchior, dando uma punhada no peitoril da varanda. Que linda que ia. E a Paca. Oh menino. – E exaltado: Quer você uma coisa, vamos ao Dafundo com elas? Hein? – E brilhavam-lhe os olhos.

Artur teve um lance de mocidade, de ardor, – disse, vivamente:

– Valeu!

– Caramba! fez o outro. E decerto, para se preparar para a excitação nocturna, reclamou uma gotinha de *cognac*.

O mesmo criado entrou com outra carta para Artur.

– É o dia das cartas, disse ele, com uma vaidadezinha.

E de repente teve a ideia, pela letra que não conhecia, que era da baronesa: a alegria das suas feições foi tão clara, que Melchior perguntou, com os olhinhos vivos:

– Cartinha de amor?

Era do Nazareno! Dizia – que no outro dia às 9 da noite, Matias lia o seu grande trabalho. «Sem falta, caro, concidadão!»

Artur meteu-a no bolso, afectando discrição.

– *Rendez-vouzinho*, hein, fez o Melchior, já invejoso.

Artur julgou não mentir, dizendo:

– *Rendez-vouzinho* – pra amanhã.

– Seu felizão! fez o outro. E para ocultar o seu despeito, emborcou um cálice de *cognac*, com o seu *chic* especial – atirando-o dum golpe para as goelas. Estalou com a língua, e pousando o copo:

– Hoje andaluza, amanhã baronesa: veja se a República lhe dá dessas pechinchas!

Artur sorriu, torcendo com fatuidade o bigode.

Partiram às nove horas, numa caleche descoberta; ia a Concha e a Carmen. Melchior, que parecia entusiasmado, mandara o *Teso* bater pelo Chiado: e direito no assento, com o chapéu ao lado, o charuto flamejante, atirou adeuses com as pontas dos dedos para os grupos escuros na Casa Havanesa, no Baltreschi. Artur, um pouco embaraçado, encolhido, admirava a Concha: a sua mantilha preta dava uma palidez mais mimosa, mais tocante, ao seu rosto, de feições finas, e dum tom melancólico: e os seus

503: ocultar o] ocultar o o [*Ditografia por mudança de folha*].
513: no Baltreschi] no Baltresqui

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

olhos árabes, húmidos, bem rasgados na sombra, tinham uma negrura mais profunda; recostava-se com um abandono lânguido, mas senhoril, retraindo castamente os pezinhos para não encontrar as botas de Artur. Logo no Aterro, o Melchior começou as suas pilhérias: fazia declarações inflamadas à Carmen — uma grossa andaluza, de grandes carnes, e olhos banhados num fluido negro como tinta: beijocava-lhe as mãos papudas, chamava-lhe, num espanhol grotesco, — *mi palomba, flor de benedicion*, remexia-lhe no vestido, e atraía-a pelos braços, fazendo-a rir, dum rir cálido de cócegas e de pândega. Para lhe mostrar a animação, Artur tomou desjeitosamente as mãos da Concha: mas ela, com dignidade, censurando decerto as expressões públicas de concupiscência, retirou-as brandamente: aquela frieza chocou Artur; desesperava-se por não poder falar espanhol, e cativá-la com a eloquência da fraseologia poética: recostou-se, calado, e olhou a noite: uma doçura atraente errava no ar, que tinha uma vaga cor de índigo deslavado: brancuras de luar banhavam pedaços de fachadas; e a tipóia corria, a trote, e o *Teso*, com a cabeça baixa, o pingalim alto, as pontas da faixa esvoaçando, batia, «no seu estilo catita».

— Então, isto não é melhor que todas as *soirées* do *high-life*? dizia-lhe o Melchior. E em passando as portas, salta a bela *malaganha*!

E aconselhava-lhe que se «atirasse à Concha, que se pusesse à altura das circunstâncias» — que isto, uma pândega sem animação é dinheiro deitado à rua!

— Eh *Teso*, é bater!, é bater!

Tinham passado Pedrouços, adormecido e escuro. E a Carmen então, muito solicitada, entoou a sua *malagueña*: Melchior, mascando o charuto com entusiasmo, fazia o compasso, saracoteando a cintura, e em acompanhamento batia as mãos em cadências: a voz da rapariga era acre e mordente — e as notas arrastadas, os á-á-áhs muito modulados, perdiam-se pela noite, misturados ao trotar batido das ferraduras, ao rodar da tipóia no areado do *macadam*: no alto silêncio anilado estava a lua, imóvel, muito séria: e um ar vivo passava, salgado das emanações do rio. Artur sentiu um fluxo de ternura triste, de enleio poético, afagar-lhe o peito, e recostando a cabeça suspirou.

Então, muito terna, a Concha debruçou-se para ele, chamou-lhe *hijo mío*, quis saber o que o fazia sofrer. Ele carregou a voz de ternura para

522: mi *palomba* [...] *de benedicion*] [*Estas formas, erradas, são conservadas por integrarem o «espanhol grotesco» de Melchior*].

526: frieza chocou] frieza choquou

534: a bela *malaganha*] [*Por* malagueña. *Conserva-se pela razão acima dada quanto ao espanhol de Melchior*].

543: muito modulados] muito muito modulados

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

dizer — *nada*; ela apertou-lhe docemente a mão, — e Artur, então, não duvidou do seu amor.

Mas Melchior, tinha entoado o fado: fazia uma voz especial, estrangulada, do nariz, rouquenha, afadistada:

Ora ! que fui um dia ao Dafundo
Ora ! em companhia do amore !...

Mas interrompeu-se, porque fado sem guitarra não ia. No Dafundo — é que haviam de cantar. Se lá **estivesse** o Zé das Três — Artur é que havia de ver! Era de chorar!

E declarou que tinha fome. Também, iam fazer uma ceia real! Abraçou os joelhos da Carmen — que deu gritinhos. E para animar o *Teso* — disse a Artur que lhe desse um charuto. Chamava-lhe o *Tesinho*.

— Tenho feito muitas pândegas com ele. Não é verdade, ó *Teso*? Hein? No tempo do senhor Visconde. Hein? — Viva o *salero! Chegámos, niñas!*

Estavam, com efeito, diante do Hotel, no Dafundo. Melchior saltou vivamente, mas ficou à portinhola, escutando petrificado: do Hotel, vinham gritos de mulheres, uma luz corria, no primeiro andar:

— Temos chinfrim, disse o *Teso*, — atirando a manta às ancas da parelha.

As raparigas tinham descido, já assustadas, entravam. No corredor um homem cruzou-os, correndo, com uma toalha, uma bacia na mão: uma mulher, de saia muito engomada, passou, aos gemidos, aos ais! — E Artur, com a Concha muito trémula agarrada ao seu braço, o Melchior, pálido, um pouco encolhido atrás da Carmen, dirigiram-se à sala da esquerda, alumiada, donde saíam os choros dilacerantes duma mulher rouca.

Junto da mesa, um homem com o busto todo nu, o rosto lívido, os cabelos empastados num suor frio, erguia ao ar o braço direito, todo coberto duma pasta de sangue escuro, que gotejava devagar: o chão estava encharcado duma humidade, sobre a toalha da mesa, toda repuxada a um canto, negra do vinho entornado, estavam pratos quebrados, os estilhaços de copos; e uma rapariga, que duas mulheres acalmavam, seguravam, chorava, arrepelava-se, com os olhos esgazeados, a face manchada de vermelho. Um indivíduo gordo e calvo, de ar importante, procurava vedar o sangue: mas as toalhas enroladas ensopavam-se depressa: as carnes estavam dilaceradas por facadas transversais, e apenas lavado a grande água, o sangue reco-

555: que fui] que foi

558: se lá **estivesse** o Zé] se lá o Zé [*Lição conjecturada por lapso do autor*].

564: *salero! Chegámos*,] [Por Salero ! Llegamos, *conserva-se a forma portuguesa, por representar o «espanhol» do Melchior*].

579: repuxada a um] repuxada um [*Lição conjecturada por lapso do autor*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

meçava a correr, caindo em gotas pesadas: o rapaz, imóvel, mudo, corajoso, perdia a cor; os olhos embaciavam-se-lhe. Todos os rostos estavam amarelos de terror: perguntava-se baixo pelo médico: uma criada toda esguedelhada esfregava o chão: e o dono do hotel, em mangas de camisa, as calças muito erguidas nos suspensórios, ia pedindo que «se retirassem, que não houvesse barulho, que não era nada, que fora por acaso» — seguido da mulher que, com os peitos à mostra, na camisa de dormir, procurava acalmar, com a mama, uma criança estremunhada, que se torcia, aos berros.

Melchior, muito branco, quis partir imediatamente: nem deixou o *Teso* dar uma sopa ao gado: empurrou à pressa as espanholas pra dentro da caleche, e fechou rapidamente a portinhola, como para se refugiar na tipóia, trémulo, cheio do terror das desordens, dos fadistas, da polícia, e do sangue.

— Isto só a nós, disse ele a Artur. — Declarou que sentia tonturas.

— Vá, *Teso*, é largar, é largar! Que diabo!

E quando a carruagem deu a volta, os gritos dentro recomeçavam mais agudos.

A volta a Lisboa, foi lúgubre: as raparigas falavam baixo, num vago terror: tinham reconhecido o rapaz — era o Álvaro, o *querido* da Adelaide, da rua do Norte: fora questão de ciúmes, decerto: gabavam-lhe a coragem, a brancura da pele, vagamente namoradas dele. Melchior, mudo como uma estátua, sem veia, torcendo nervosamente o bigode, ia sondando os recantos escuros do caminho, com susto de assaltos possíveis, apressando o *Teso*, ávido de se encontrar em Lisboa, no sossego das ruas populosas, sob a protecção das patrulhas. Só quando a tipóia rolou pela rua do Ouro, começou a tranquilizar-se. Era uma pândega estragada! E deblaterava agora, contra tudo o que até aí fora celebrando — os fadistas, a solidão do Dafundo, e as relações das prostitutas.

Foram cear ao Silva. E aí, bem seguro dentro das quatro paredes do gabinete, com plena luz do gás, recobrada a loquacidade, contou outras desordens a que assistira, a maneira como salvara o célebre Viola, duma facada do Rei de Copas, e os *abas* que tinha esbofeteado. Estava agora contente de ter visto aquele chinfrim, — e foi à sala procurar pessoas conhecidas a quem repetir prolixamente «o caso», assegurando que se não fosse ele, o pobre diabo escoava-se em sangue.

587*a*: embaciavam-se-lhe] embaciavão-lhe [*Lição conjecturada por lapso do autor*].
587*b*: rostos estavam] rostos estão
592: dormir, procurava] dormir, procura
596: caleche, e] caleche, e e [*Ditografia por mudança de linha*].
610-11: a tranquilizar-se] a tranquilar-se
616: como salvara] como salva

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

No entanto, no gabinete, esperando as ostras, Artur revirava olhos ternos para a Concha, construindo laboriosamente frases espanholas, e para dar boa ideia de si, recitava, com ardor, dois versos de Espronceda que sabia de cor:

Porqué volven a la memoria mía
Tristes recuerdos del placer perdido?

E ao outro dia, quando às dez horas da manhã entrou no Hotel, para mudar de roupa e almoçar — vinha namorado da Concha.

Na intimidade da alcova, ela contara-lhe a sua vida. Não era filha de um general — segundo a versão do Melchior — mas seu pai era cunhado dum general, e negociava honestamente em vinhos, numa localidade — que ela não quis revelar. Seduzida, — inocente, que era, então! — pelo filho dum marquês, viera esconder a sua glória e a sua vergonha num terceiro andar da melancólica rua de S. Juan de Dios, em Madrid. O seu amante, cujo título era confuso, ora apenas visconde, ora também marquês, era um carlista fanático: alistara-se nos bandos de Saballo, e morrera, junto a Estella, num recontro de cavalaria. Ela — *pobrecita!* — só, miserável, depois de ter empenhado, uma a uma, as ricas jóias — rubis, pérolas, diamantes — que o carlista lhe dava com uma profusão de Grande de Espanha, vira-se forçada, — ah, bem forçada — a aceitar o amor dum director do caminho-de-ferro, um primeiro andar em Fuencarral, e um *coche*. Este *coche* parecia ser a glória eminente do seu passado: fazia-o constantemente rolar através da sua história — ora *vitória* aberta aos tépidos aromas dos arbustos do Retiro, ora *coupé* acetinado, correndo silenciosamente sobre a neve da *Fuente*, sempre puxado por um cavalo branco que se chamava *Miramolim*... Mas os ciúmes ferozes do director do caminho-de-ferro, a sua bengala, — tão dura aos seus ombros tenros — obrigaram-na a vir refugiar-se em Lisboa, «com o vestidinho que trazia no corpo», numa casa amigável e hospitaleira da rua de S. Roque... *Muy desgraciada!*

Depois falara mais particularmente dos seus vestimentos: disse-se simples como uma criança, amorável como uma pomba. Para ela luxos, teatros, *toilettes*, pouh!, eram misérias! O seu ideal era ter uma casita sua, e um homem novo que a estimasse, a tratasse como uma senhora... Ela mesmo coseria os seus vestidos, e era fácil de alimentar como um passarinho!... Alguns gravanços — muita ternura — e era feliz!

622-23: para dar boa] para boa [*Lição conjecturada por lapso do autor*].
625: volven] [*Por* vuelven. *Mantém-se o erro, como característico de um português que não sabe falar espanhol e está a citar de cor*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Ia revelando estes pormenores do seu passado e do seu carácter, ao mesmo **tempo** que se despia, e mostrava belezas da sua nudez: e as suas desgraças davam um encanto tocante às suas formas; havia como uma harmonia entre as fragilidades sentimentais da sua alma, e as delicadezas finas da sua linha. Artur escutava-a, fascinado pela sua pele, interessado pela sua biografia, cheio de ardores libidinosos e de piedades cristãs. E enquanto ela punha devagar pó-de-arroz ao espelho, e fazia um perrucho no cabelo, com o seu peitozinho ao léu, onde corriam veias azuis duma doçura aristocrática, Artur, em redor, de olho aceso e imaginação cativada, impacientava-se pela possuir — e pela regenerar!

Depois, alta noite fez outras revelações sobre o director do caminho-de-ferro. Era um monstro: puxava-lhe pelos cabelos, amarrava-a por o pé ao pé dum bufete, e deixava-a como uma cabra presa a uma estaca, com um copo de água e caramelos: até uma vizinha, a D. Angelita Lorenzo, chorava todas as lágrimas dos seus olhos. Artur torcia-se, tomado dum ódio infernal pelo director de *los Ferrocarriles*.

— Mas porque era ele assim um bruto?

Ela respirou, e revelou-lhe ao ouvido que « era porque era fria com ele... Mas então com homens de quem não gostava não podia ser senão fria ». Dando-lhe assim a compreender que a exaltação voluptuosa que mostrara, era uma certeza do seu amor por ele.

Àquela revelação, Artur, apertando-a doidamente nos braços, jurou-lhe que a amava, e que a faria feliz, que voltaria essa noite mesmo, e que lhe traria um sombrinha cor de peito de rola, que ela vira no Valente, e que lhe tirava o sono.

Todo esse dia, Artur passou-o saboreando, ruminando as felicidades da noite. Sempre, desde Coimbra, desde as suas leituras de Musset — as andaluzas, *les andalouses au sein bruni*, se tinham conservado para ele como um ideal de voluptuosidade: e a posse duma, enfim, e tão tocante, tão infeliz, tão ingénua, tão aristocrática, davam-lhe como o orgulho duma iniciação. Comprou-lhe a sombrinha, dois pares de luvas, — desejaria dar-lhe diamantes, como um devoto que orna um ídolo. E ia pela rua com um vago sorriso beato, o corpo lasso, a alma suavemente enternecida, pensando nela, com vagas toadas de canções melancólicas no cérebro, parecendo-lhe, a cidade, duma elegância amorosa, o céu mais azul, e respirando, com languidez, alguma coisa de romântico e de triste que lhe parecia errar subtilmente no ar.

657: mesmo **tempo** que] mesmo que [*Lição conjecturada por lapso do autor*].
688: enternecida] enternida

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Pensou, mesmo com tédio, que tinha de ir essa noite ao *club* Democrático: julgava bem secante o aparato maçador duma sessão republicana, — agora que só respirava bem no ar abafado do quarto da Concha. E como quis ir vê-la, beijá-la, depois de jantar, um momento — eram quase dez horas quando chegou ao *club*.

Num grande silêncio grave, Matias acabava de ler o seu grande escrito — *O Programa dos Trabalhos Revolucionários do Club*. Como todas as cadeiras estavam ocupadas, Artur, um pouco acanhado, ficou de pé, encostado à parede.

A sala estava toda quente das respirações juntas, e da intensa atenção apaixonada: Matias parecia pálido de fadiga; a sua voz, seca, lenta, tinha agora, lendo a peroração, um vigor exaltante: em todas as fisionomias, nas atitudes, havia a animação satisfeita de quem respira um ar regenerador.

A primeira parte da leitura fora um libelo amargo contra o regímen constitucional, deduzido por factos e cifras, e que regozijara todos os descontentamentos, como a expressão bem achada de ódios indefinidos; depois, a parte prática do Programa, mostrando os meios de estabelecer a República, apaziguara enfim os ambiciosos que até ali, no *club*, só tinham escutado uma vaga fraseologia balançar-se, ao acaso: e a peroração, as grandes frases, com apelos à Justiça e invocações à Liberdade, electrizara os mais obtusos, como uma bela rajada de instrumentação: todos pareciam compreender, querer, sentir; Artur, desconhecia aqueles rostos — que vira vazios e aparvalhados, que encontrava expressivos e determinados — e ele mesmo se sentia vibrar, em concordância com a eloquência revolucionária daquela prosa elevada — quando Matias terminou, com uma apóstrofe à República Universal.

Os *bravos* romperam: um *brou-ha-ha* animado elevou-se, — e então, no rumor, Artur viu o Malaquias, o homem sujo e amarelo, que falava, voltado para o secretário, agitando um jornal.

— Peço a palavra, peço a palavra!, exclamava.

Erguera-se e ia falando baixo a um, a outro, com grandes gestos dos seus braços magros. Alguns olhares voltavam-se vivamente para Artur: e três sujeitos cochichavam com o Nazareno, que parecia mais pálido, e muito excitado.

— Peço a palavra, berrou o Malaquias, brandindo o jornal.

704: de quem] de que quem
710: a peroração] a pererooração

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

A campainha retiniu — e subitamente cavou-se um silêncio disciplinado.

O Malaquias, então, olhou em redor com triunfo: a sua larga boca fendida alargava-se mais, num sorriso perverso: e acariciava os queixos com os dedos magros, como ruminando um gozo.

E depois de bambolear a cabeça, começou a dizer, na sua voz mastigada e aguda — que antes de discutir o profundo trabalho que todos acabavam de ouvir com admiração — (grande cortesia a Matias) — era do seu dever, do dever de todos — e curvou-se respeitosamente para os lados — proceder a um acto de justiça. Quando ele, na última sessão, exigira para os membros novamente admitidos, garantias, por exemplo, o juramento, bem sabia o que dizia...

— Bem sabia o que dizia! Eu não sou nenhum tolo — e agitava os braços, esganiçando a voz. Mas os mestres... e com a boca arreganhada, baixava a cabeça humilhando-se ironicamente — Mas os mestres... Aí têm o resultado! Eu não quero fazer verrinas, mas se me dão licença, sempre lhes passo a ler o que se diz num jornal, a respeito dum certo membro, ultimamente admitido, e os cidadãos verão o que convém fazer!

Artur sentira uma pancada no coração: no jornal que Malaquias brandia, reconhecera, aterrado, o «Século»! Olhares indignados fitavam-no: e o silêncio era tão grande, que se ouvia vagamente, por momentos, da cervejaria próxima, as agudezas duma rebeca, com acompanhamento de harpa, tocando o *can-can* da *Bela Helena*.

O Malaquias, então, desdobrou o jornal, devagar, com solenidade, pigarreou, e disse:

— Ora escutem os senhores, este mimo: — «O ilustre autor dos *Esmaltes e Jóias*, que tanta sensação tem causado, o nosso amigo Artur Corvelo...»

Santo Deus! Era a notícia do Melchior.

Quis interromper, explicar, mas a língua pesava-lhe como um pedaço de chumbo: olhava ansiosamente para um, para outro, procurando uma protecção, e só via faces duras, vagamente enfatuadas de serem chamadas a sentenciar. O Malaquias lia lentamente, sublinhando com malignidade, pondo intenções profundas mesmo nas vírgulas: a frase em que os *Amores de Poeta* eram designados como um protesto contra a ideia republicana, foi seguida de exclamações indignadas!

743: passo a] passo a a [*Ditografia por mudança de linha*].
747: silêncio era tão] silêncio erão tão
756: a língua pesava-lhe] a língua pesavava-lhe

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Uma voz soltou:

— Oh que maroteira!

Artur pensava em fugir, abalar pelas escadas — e o Malaquias, voltando-se para ele, com olhos arregalados de triunfo, o braço acusador, leu com ênfase:

— « Os *Amores de Poeta* são dedicados a um Augusto Personagem!»

Então um rumor de cólera correu pelas cadeiras. Havia interjeições de desprezo; risadas de piedade: alguns, mais escandalizados, voltavam-se para Artur, ameaçadores. E Matias, imóvel, tomara um aspecto rígido, à Fouquier-Tinville, de juiz donde só sai a morte.

E Malaquias, elevando a voz aguda:

— Eu agora só pergunto se o senhor Corvelo pode continuar a fazer parte do *club*.

— Não! Não!, berraram.

— Eu só quero saber, se um homem que frequenta os salões, e dedica aos tiranos!

— Não! Não! Fora!

Malaquias, agora, voltara-se para Nazareno:

— E o senhor Jácome, que foi...

Mas Jácome estava já de pé, terrível, pálido de raiva: com uma vivacidade estridente:

— Meus senhores, eu só esta noite li esse jornal! Meus senhores, fui enganado na minha boa-fé! — E batia desesperadamente no peito — Acolhi como um amigo quem era apenas um espião...

Artur, lívido, com o suor frio nos cabelos, trémulo como vara verde, estendia os braços, e numa voz estrangulada:

— Eu peço para me explicar. Vossas Excelências...

— Nada de *excelências*, berraram-lhe.

— Os senhores podem estar certos, que eu não sabia da notícia... Não é verdade...

O Jácome gritou, mostrando-lhe o punho:

— Mente! — E voltando-se para Matias. Esse homem, declarou-me há dias que era íntimo dos redactores do « Século »... Eu dei-lhe um artigo sobre o livro de Damião, para ele obter a publicação... Era uma pura questão literária... nada de política. Ele sentia, veio-me dizer que o artigo não saía, porque o director do jornal o achava cheio de ideias revolucionárias, — quando é evidente, agora, que foi ele que impediu a publicação...

768: um Augusto] um Alto [*A correcção justifica-se por Malaquias estar a ler o texto do jornal, onde de facto aparece* augusto, *e por alguns dos presentes recomendarem, a Artur, na sequência desta cena, que desse* Recados ao Augusto Personagem].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

— Juro, bradou Artur.

— Mente!, afirmou o Nazareno, batendo uma patada. O juramento custa pouco aos traidores. Veio aqui espiar... E eu que o apresentei, confessando o meu erro, peço a expulsão desse homem.

Houveram *apoiados* frenéticos, duma cólera comunicada. O Matias fez retinir a campainha, e no silêncio profundo, — ouviam-se, em baixo, as vagas arcadas da rebeca.

— Convido o senhor Artur Corvelo, disse Matias com solenidade, a sair imediatamente da sala.

— Fora! Fora!

Artur, desorientado, procurou o chapéu — um pontapé arremessou-lho contra a parede: agachou-se para o apanhar: um assobio silvou — e o homem ascético, erguendo-se, num ímpeto à Mirabeau, gritou-lhe:

— E diga lá ao Augusto Personagem que o mandou — que nós aqui estamos, sem medo, a preparar o dia da Justiça!

— Bravo! Bravo!

Vozes trocistas ganiam injúrias:

— Recados ao Augusto Personagem!

— Lamba-lhe as botas!...

A campainha do Matias retinia, zelosa da gravidade democrática. E Artur, aturdido, como ébrio, com as fontes a estalar, achou-se nas escadas escuras, aos tropeções pelos degraus: através do zumbido dos ouvidos, as agudezas da rebeca perseguiam-no, com motivos da *Filha de Madame Angot*.

Nessa noite a Concha, acordando, não o encontrou ao seu lado: saltou da cama em camisa, e à luz mórbida da lamparina, viu-o no sofá de clina, abatido, com a face enterrada nas mãos.

Que tinha? Que era?

Tanto carinho abalou-o: ergueu-se, e numa explosão de sensibilidade:

— Amas-me, querida?

Se o amava!...

Abraçou-se a ela, sepultou o rosto no seu peitinho, entre as rendas da camisa, como num derradeiro refúgio — e jurou-lhe que daí por diante viveriam sempre juntos!

Tomara aquela resolução, sobretudo por desespero: sentia-se como um homem que só vê em torno de si portas bater-lhe violentamente na cara. A Sociedade desdenhava-o; a Democracia expulsava-o; o Público desprezava o seu livro; a Literatura repelia-o; o Amor ideal fugia-lhe — só aquela doce rapariga o acolhera com dedicação e sinceridade! Pois bem — recompensaria tanto afecto: dar-lhe-ia a *casita* sossegada que ela ambicionava, um amor poético e moço, *toilettes*, a consideração de esposa. Que lhe importava a

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

senhora Baronesa da rua de S. Bento? Nem uma palavra respondera ao seu livro enviado com um amor tão discreto! E quase a detestava, por fazer parte daquele mundo egoísta, seco, artificial, – que na sala de D. Joana Coutinho lhe dava olhares de lado, que não comprava o seu livro, que o não reconhecia como um «grande homem». E os republicanos – idiotas, cretinos! Detestava-os agora. E depois de tanta injustiça, de tanta brutalidade – o amor de Concha, na sua sinceridade, fácil, parecia-lhe delicioso, digno de dominar a sua vida. Instalar-se-ia confortavelmente com ela: mandaria ao diabo as vaidades da Sociedade, e as ambições da Justiça! Estava desiludido, quê! A lição era formidável – e daí por diante só acreditaria na felicidade da carne – comer bem, rolar nas boas molas duma tipóia, possuir as belezas duma andaluza! E o mais – à tábua!

Melchior, consultado ao outro dia, na redacção do «Século», aprovou ruidosamente estas resoluções.

Até que enfim o Artur tinha juízo! Essas coisas de sociedade, de literatura, eram uma história! Gastar o seu dinheiro com uma bela rapariga, – isso entende-se. Ao menos goza o seu dinheiro!

Artur não lhe revelou o desastre do *club*. Mas disse-lhe de conversarem sobre o plano de concubinagem com a Concha.

– Ouça lá outra coisa! Estou com vontade de escrever um folhetim a dar uma desanda nos republicanos.

O Melchior ficou atónito:

– Porquê?

Artur hesitou:

– É que agora que os conheço melhor, está-me a parecer que são uma súcia de patifes...

Melchior, fitou-o:

– Pilharam-lhe dinheiro, exclamou, radioso.

Artur, por vingança, tendo de dar a Melchior uma razão dum ódio tão súbito, disse vagamente:

– Fizeram-me uma porcaria...

– Calotezinho? Que lhe disse eu? Uma canalha! E soma grossa?

Por um resto de honestidade, Artur disse corando:

– Não falemos mais nisso.

Mas Melchior falou – e certo agora do apoio de Artur, deblaterou contra «aquela corja».

– Mas porque os detesta você tanto, Melchior?

Melchior fez-se grave; afectou preocupações políticas: resmungou – *questões de princípios!* – mas dum modo tão ambíguo, que Artur suspeitou

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

ódios pessoais naquela indignação filosófica: e lembrava-se agora, vagamente, de ter ouvido a história duma «coça» que outrora o Nazareno dera no robusto Melchior, em pleno Martinho. Insistiu, então, em publicar uma desanda ao *club* Democrático.

Mas Melchior coçou a cabeça, deu alguns passos pela saleta, com as mãos enterradas nas algibeiras:

— Você bem vê, homem, o jornal é muito sério. Não queremos discussões com essa gente. Fingimos que não sabemos que existem. Que diabo!... E depois são doidos. São capazes de virem tomar satisfações; sou obrigado a quebrar-lhes a cara. Que lha quebro! Se lha quebro! Quebro-lha, tão certo como estarmos aqui. Mas enfim, você compreende, sempre é desagradável.

Artur irritou-se, de se ver privado daquela desforra. Pensou que o Melchior, que com a sua estúpida notícia provocara o insulto do *club*, devia agora facilitar-lhe a vingança. E teria rompido com ele, se o não necessitasse para a representação do drama, e para outras locais; além disso a Concha morria-se pelo Melchior: ele adulava-a, fazia-a rir, ensinava-lhe a tocar guitarra: ela chamava-lhe *su abuelo*: e Artur contava, quando vivesse com a Concha, ter Melchior como confidente, cortesão, amigo dependente, e bobo.

E foi por conselhos de Melchior, que se decidiu a ir viver com a Concha, para o Hotel Espanhol: era a instalação mais pronta: e evitava os embaraços de criada, cozinheira, etc... «E depois é divertido, tinha dito o Melchior. Sem contar que é mais *chic*».

A Concha ficara enlevada com este plano: e daí a dois dias Artur despediu-se do Universal.

Quando, feitas as malas, olhou em redor pela última vez, aquele quarto de *reps* azul, que lhe dera tantas satisfações vaidosas, e onde imaginara tantas ilusões, sentiu uma comoção. Teve saudades da criada, — uma velha muito trigueira que o servia: e quis ir rever a sala de jantar, que lhe agradava tanto, quando, depois de almoço, soprava à varanda cheia do bom sol de Inverno, o fumo do seu charuto caro, ouvindo dentro os *tlim-tlins* da louça, e em baixo o Chiado, no seu rumor de vida rica.

No corredor encontrou o Carvalhosa:

— Então o amigo deixa-nos?

Artur, lisonjeado, apressou-se a dizer:

— Oh, por poucos dias.

— Não morreremos de dor, rosnou o outro, com um aceno negligente da cabeça.

897: ter Melchior] ter Arthur

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Artur, sentiu uma cólera congestioná-lo. Canalha!, pensou. E desceu, com pressa, a escada, ávido já do Espanhol, e das suas delícias.

– E para onde quer que eu mande as cartas, se houver? perguntou-lhe o porteiro, contente da espórtula.

Artur, com uma vaga esperança que a Baronesa ainda respondesse – disse-lhe que lhas guardasse. E para se dar uma importância – mesmo diante do porteiro, acrescentou – com mistério:

– Mas muito secretamente! Que ninguém as veja.

O seu baú, o seu saco de noite, já estavam na tipóia. E ao fechar a portinhola, mandando bater – para o Rossio – porque, por vaidade, diante do porteiro, não quis fazer conhecer que mudava para o Espanhol – disse, sentimentalmente, com um olhar para as varandas do Hotel:

– É outra página da minha vida, que eu volto. Avante!

Foi nessa noite com o Melchior, buscar a Concha. As companheiras estavam na sala, em redor dela, como uma família em torno da noiva, numa manhã nupcial.

A governanta, que se declarou comovida, levou Artur para um quarto, e ali, durante vinte minutos, foi-lhe mostrando dívidas da Concha, contas do cabeleiro, da lavadeira, do sapateiro... Artur, aturdido, assustado, impaciente, pagava – sentindo fora os gritinhos cálidos das pequenas que Melchior beliscava.

Enfim voltou à sala, – e os *adeuses* começaram. A Lola, íntima amiga da Concha, rompeu num choro exagerado, desproporcional – que irritou a governanta, descontente que ela «estivesse feia com tanta lágrima». Depois a Concha quis ir a cima, despedir-se da cozinheira, «que era do seu *pueblo*», e doutra rapariga que estava em cima, doente dum furúnculo, no segundo andar. Voltou com os olhos vermelhos. O Melchior troçava-a, fazia também prantos cómicos. Elas chamavam-lhe *perdido*, *bandido!* Todas vieram ao patamar com a Concha: os beijos, os abraços, os segredinhos, o chalrar de vozes, já impacientava Artur – e a Concha, arrancando-se às expansões da despedida, desceu.

Mas as vozes agudas, seguiam-na pela escada. Ela respondia: era um chilreado de passarada:

– *Adiós, hija!*

– *Adiós, Lolita!*

– *Dé usted expresiones a Pancho!*

– *Que se le vea a usted, Arturito!*

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

– *Carmita, hija, que no se haga usted olvidada!*

– *Adiós! Adiós!*

Melchior rompeu adiante, o chapéu prá nuca, radioso, faceto, cantando o coro nupcial da *Lucía*. E Artur, atrás, descia com a Concha pelo braço, um triunfo de noivo na alma, o olho brilhante, o peito alto – de posse, enfim, de andaluza!

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

VIII

Encontrou no Espanhol — no primeiro dia, quando desceu à sala de jantar a buscar charutos — quase os mesmos hóspedes que o habitavam, meses antes, na sua chegada a Lisboa. Lá estava a espanhola bonita e gordinha, com o seu *robe-de-chambre* escarlate, e o homem calvo, de cachaço grosso e rostinho escarlate, que a via comer, estático, com olhinhos beatos e chorosos. Os dois republicanos espanhóis, sentavam-se no mesmo lugar, cabisbaixos, as capas ao ombro, mais pálidos, tenebrosos. Havia, de novo, um homenzarrão barbudo, que parecia contratador de gado, e um sujeito de óculos azuis e nariz agudo, que devia ser tabelião na província. E em volta da mesa, com a travessa do cozido, o Manuel — o Manuel que tanto desesperara Artur, outrora, lastimando-lhe as botas rotas — o Manuel arrastava as suas chinelas, com a sua cabeleira seca, cor de rato e esguedelhada. A mesma gaze cor-de-rosa protegia o caixilho dourado do espelho; e Prim levantava ao ar a sua bandeira desfraldada.

O Manuel pareceu satisfeito de rever Artur.

— Então *usted*, hein! Ora *usted*!... dizia-lhe enquanto Artur escolhia os charutos. Então por onde andou *usted*?

— A viajar, disse Artur.

— Ora *usted*!... E a comidinha às sete, hein? Já *usted* será bem servido.

Para evitar a mesa redonda, tinha tomado, ao pé do quarto de dormir, um outro quarto, que, tirada a cama, fora improvisado em sala de jantar. A meia cómoda servia de aparador. E para dar alegria e conforto, tinham-lhe dependurado à janela um canário.

As primeiras semanas foram para Artur deliciosas. O Inverno ia muito doce e luminoso: e sucediam-se os dias de sol, com um grande azul, donde caía um calorzinho suave, e uma alegria macia. As varandas que davam para a rua da Prata alegravam muito os quartos.

Era a primeira vez que Artur vivia com uma mulher em intimidade conjugal: e as mais pequeninas coisas, — a goma das saias, os atacadores do

19: bem servido] bem vervido

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

colete, os bordados das camisinhas, interessavam-no como revelações: admirava «a sua Conchazinha», achando um gozo raro em cada um dos seus movimentos: e nos mais insignificantes, — quando lavava os braços nus, ou quando esticava a meia na perna, ou enfiava uma fita cor-de-rosa nos passadores da camisa, achava o sabor inesperado duma voluptuosidade nova: rondava em volta dela com uma curiosidade devota, ora interessado pelos cabelinhos da nuca, ora pela forma da unha, ora por certos quebrados de cintura; e não amava os seus olhos com o mesmo amor que amava os seus peitos, ou as suas orelhas pequeninas: porque cada parte do seu corpo, como se fossem personalidades diferentes, com influências especiais, lhe inspiravam um entusiasmo particular. Melchior definia-o como um *baboso*. E punha, nesta expressão, inveja e um vago despeito.

Como a Concha era muito preguiçosa, levantavam-se tarde, ordinariamente almoçavam na cama. Uma criada, que falava um espanhol misturado de português, que bem depressa se tornara íntima da Concha, trazia o almoço «aos pombinhos», às onze horas. E era para Artur uma delícia, todas as manhãs renovada, ver a Concha, com o peitinho ao léu, um casebeque de flanela escarlate pelas costas, mover sobre o tabuleiro os seus braços brancos, e partir os ovos quentes delicadamente com o gume da faca, arrebitando o dedo mínimo: depois no choco da roupa quente, o corpo contra o corpo, saboreavam um cigarrinho.

Artur cada dia lhe achava as maneiras mais senhoris. Mesmo nos seus ardores amorosos tinha uma reserva de dama. Ao deitar-se, nunca lhe dava um beijo, sem primeiro fazer o sinal da cruz — assim se vê um livro de orações sobre a cómoda dum lupanar. Artur atribuía estas delicadezas às suas convivências ilustres: e não se fartava de lhe ouvir a história dos seus amores com o conde carlista: interrogava-a mesmo sobre a maneira como ele a amava, a abraçava, se lavava, gostando de penetrar nos detalhes íntimos duma vida aristocrática, e de beijar a boca onde se tinham pousado os lábios dum Grande de Espanha; mas sentia uma satisfação em o saber enterrado, nalgum desfiladeiro das montanhas de Navarra.

Pelas duas horas, vinha o Pancho, o cabeleireiro, penteá-la: era um gordalhufo, amarelo como um limão, com uns bigodes negros como tinta: usava a mesma camisa de chita, de colarinho muito decotado, quatro, cinco semanas; e, manejando com as suas mãos papudas e moles de pomada, os longos cabelos negros da Concha, conversavam — tratando-a por tu, por serem do mesmo *pueblo*: eram sempre histórias doutras raparigas espanholas, a quem o Pancho construía os altos penteados; — o que fazia a Trina, o que dissera a Angelita, quem era o *querido* duma, que comprida comprara

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

a outra. Como falavam no rápido acento andaluz, em calão, Artur não os compreendia: e aquele *tu* familiar do cabeleiro irritava-o surdamente.

Mas a Concha não podia dispensar o Pancho — porque não se sabia pentear: não sabia, de resto, nem pregar um botão nem dar uma passagem: quando tentava pegar na agulha, tinha logo dores de cabeça. Cada dia Artur se surpreendia mais com aquele temperamento: ora tinha rajadas de animação, agitava-se pela casa batendo os móveis com as suas longas saias muito engomadas, abrindo e fechando as janelas, arrumando e desmanchando a roupa ou gavetas, cantarolando, batendo sem razão as palmas, toda petulante de vida animal: ora, embalando-se numa cadeira de baloiço, com o corpo mole como uma salada velha, os braços descaídos, toda abandonada numa madracice vaga, com os olhos meios cerrados, fumava, refumava cigarros; ou sentada em cima da cama, encruzada como uma turca, o pezinho numa das mãos, a face murcha, parecia em tudo um bicho entorpecido nos frios de Inverno.

Mas animava-se sempre com a presença de Melchior. Vinha ordinariamente de tarde, entrando com rompante, jovial, trazendo um espalhafato pândego àquele quarto amodorroado. Tornara-se imediatamente o «amigo íntimo». Concha beijava-o diante de Artur; e ele sorria tranquilo, confiado; na sua ignorância das mulheres, não tinha ciúmes porque Concha lhe dissera «que o Melchior era muito feio». Ele de resto afectava com ela um modo paternal, fazendo-se velho, *avô*: dava-lhe lições de guitarra, fazia-lhe recados, ajudava-a mesmo às vezes a laçar as botinas, com as suas mãos trémulas, que se demoravam, com gulodice, nos tornozelos finos da rapariga. Artur às vezes deixava-os sós, saía: e se um vago ciúme o remordia na rua, — tranquilizava-se, ao entrar, abrindo a porta do quarto com um imprevisto intencional, e encontrando-os muito longe um do outro, numa atitude indiferente, ela balouçando-se, com um bocejo pálido, ele ferindo os bordões da guitarra, muito vermelho.

Ultimamente, Melchior tomara o hábito de vir jantar com eles: ia então abaixo combinar com o Manuel petiscos espanhóis, arroz *à valenciana*, bacalhau *à biscainha*. À mesa, Artur, a quem era difícil falar espanhol, refugiava-se num silêncio extático olhando-a, com um ar beato. A conversação do Melchior parecia-se com a do Pancho: eram os mesmos *can-cans* sobre a Lola, a Trina, a Angelita, os queridos. A Concha parecia considerar

72: nem pregar] nem pregar pregar [*Ditografia por mudança de página*].
82: em tudo] em todo
99: petiscos espanhóis] pesticos hespanhoes

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Melchior como da «sua gente», conhecedor de pequenas, ao facto dos segredinhos das concubinagens; tinham simpatias íntimas duma baixeza igual: Melchior, era um amigo dos lupanares, conhecia-lhes o estilo, os hábitos, as preocupações. A Concha, às vezes, dizia bruscamente a Artur, que se queria introduzir naquelas conversações, — «que ele daquilo não entendia nada». E mesmo dissera-lhe que o Melchior é que sabia tratar bem com espanholas.

Por isso, quando ele não estava, parecia aborrecer-se: a maior parte do tempo passava-o à janela, muito vestida, cheia de anéis: conhecia já todos os vizinhos, de vista, as lojas, a cor dos cabelos dos caixeiros. Artur, ia de cadeira para cadeira, com um livro na mão que mal lia, o charuto nos dentes, satisfeito de a ver, gozando a presença do seu corpo bonito. Ela às vezes, por bondades que lhe vinham, e com a seriedade forçada de quem cumpre um dever, procurava falar-lhe de coisas que julgava o interessariam: e como o sabia escritor, conversava sobre política. Mas as suas opiniões desolavam Artur: admirava muito um poeta, de que ninguém ouvira falar, um certo Lopez, que ela conhecera, e que lhe fizera versos, depois dizia-se *isabelista*: chamava-lhes, *pillo* ao Castelar, ladrões aos republicanos. Artur queria argumentar, educá-la: — mas faltavam-lhe as frases espanholas, tinha medo de a «secar», e limitava-se a sorrir, com uma condescendência de grande homem. E todavia admirava-a: achava-lhe talento, espírito: as suas expressões vivas, dando-lhe a surpresa do acento, e da língua, pareciam-lhe sempre pitorescas; e afligia-se de que ela apenas soubesse soletrar, e apenas pudesse, em letras garrafais, assinar o seu nome de baptismo.

Para a divertir — à noite ia ao teatro, ao Price: Melchior acompanhava-os; nas noites mais tépidas, passeavam até Belém, de caleche descoberta: eram horas deliciosas para Artur, muito estendido no assento da tipóia, o braço pela cinta da Concha, o coração afogado de concupiscência: defronte, o charuto de Melchior fumegava, e os seus olhos, sob a aba do chapéu carregado, devoravam a Concha, muito branca, na sua mantilha negra. E, com camarotes, tipóias, jantarinhos, o dinheiro ia-se! O conto de réis que Artur trouxera — estava quase «devorado».

Foi por isso que pensou em recolher os produtos da venda dos *Esmaltes*. E o revisor do «Século», encarregado de fazer o giro dos livreiros, voltou com oitocentos réis, preço de dois exemplares vendidos.

Artur ficou aterrado, sucumbido. E julgando que devia haver engano, negligência, talvez maroteira do revisor, foi ele mesmo, na manhã seguinte, percorrer as livrarias: mas não se atrevia a interrogar, julgando-se conhecido, e prevendo a resposta: enfiou na rua do Ouro, depois de folhear alguns livros, de examinar títulos, tomou um exemplar dos *Esmaltes*, abriu-o

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

aqui, além, afectou interesse, perguntou o preço, pagou — e recebendo o troco duma libra, disse com um ar distraído:

— Tem-se vendido muito disto?

— É o primeiro — disse o livreiro, retomando a pena para continuar a sua correspondência.

Artur saiu enrolando nas mãos nervosas o seu próprio volume.

Acusou o público e a cidade de estupidez. Que admirava que uma burguesia embrutecida, e de crânio mole, fosse indiferente à Poesia, aos nobres ideais? Ser poeta num mundo tão torpe — era uma «chapada tolice». Quando um tal desdém espera as expansões preciosas das almas delicadas, elas devem refugiar-se numa mudez orgulhosa e triste. É o que ele fazia, que diabo! Se pegasse na pena era para escrever algum drama, com bons direitos de autor, ou algum *Rocambole*, bem pago e vendido às cadernetas! E o mais, regalar a Carne! E refugiou-se, com desespero, na posse da sua Concha.

Já não lhe importava o dinheiro! Quando ele acabasse, — Deus diria! Toca a extrair da hora presente todo o gozo, como um sumo duma laranja. E por uma petulância nervosa, comprou-lhe um vestido de seda, dois chapéus, satisfazia-lhe os desejos incessantes de luvas, rendas, fitas, frascos de perfume. A Concha, de resto, tinha uma mobilidade extrema de caprichos, de apetites: penava por um chapéu, ou uma sombrinha, que via numa *vitrine*, — e depois de usar o objecto, com exaltação, um, dois dias, aborrecia-se, jurava que «lhe não ia bem».

Artur encontrava muitas vezes, na saleta de jantar, uma velha de capote e lenço, grande buço, falas doces, muito cumprimenteira — que apenas ele entrava erguia-se, metia um cabazinho debaixo do capote, agachava-se numa mesura, ia buscar a um canto um enorme guarda-sol de seda tingida, e saía, subtilmente, ciciando:

— Criadinha de V. S.ª.

A Concha acompanhava-a até ao corredor, fechando a porta sobre si — e ficava lá cochichando um quarto de hora; voltava vermelha, e dizia que era uma mulher muito decente, que comprava vestidos, arranjava coisas muito baratas em segunda mão, etc.

— *Mis cosas, mis cosas!*

Estava, com efeito, constantemente trocando objectos, pondo um par de brincos no prego para obter uma renda inútil, vendendo a renda para ter mais um par de meias de seda, toda tontinha de fantasias. E ultimamente, para ir às lojas, dizia sair só de manhã, de tipóia.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Um dia que aquelas passeatas irritaram mais Artur, ele fez-lhe uma observação despeitada. A Concha voltou-se, com a grande atitude duma esposa ofendida: passou-lhe nos olhos negros como o clarão dum tiro: e de cabeça erguida, perguntou-lhe se a tomava por uma escrava! Era o resultado de viver com o português — e dos seus lábios descaídos, escorria um desprezo imenso. Nunca o seu conde lhe fizera uma tal ofensa! Mas esse era um fidalgo, um homem que sabia amar, e respeitar uma mulher. E deixando-se cair numa cadeira, começou a choramingar. *Qué desgraciada era!*

Artur, aniquilado pelo seu grande ar, enternecido pelas lágrimas, prostrou-se de joelhos diante dela, jurou-lhe que ninguém a amava como ele... Que dispusesse da sua vida! Era capaz de casar com ela!...

A Concha, disse-lhe friamente que não imaginasse que era uma grande honra. Já outras vezes, Artur, nalgum momento dum delírio mais expansivo, lhe falara em casamento — mas dum modo gracejador, ligeiro. Mas aquela palavra tornava-a sempre muito séria. E um dia mesmo disse-lhe que vários homens, e ricos, de grandes nomes, tinham querido casar com ela; em Madrid, antes dela vir para Portugal, um marquês oferecera-lhe a sua mão e um palácio.

— Que marquês?

— *Mi marqués!*

Aquele marquês, que aparecia assim subitamente no seu passado (que Artur julgava conhecer, nos episódios mais miúdos) irritou-o extraordinariamente. Exigiu a história dessas relações: e a Concha jurou-lhe que era um velho repugnante — por isso o recusara. Mas dias depois, deixou escapar, falando ainda do marquês (que se tornara um assunto sempre presente) que era um rapaz *muy guapo*. E acrescentou que a perseguia para que ela voltasse a Madrid...

Artur concebeu um ciúme grotesco pelo personagem: se a via macambúzia, supunha-a cheia de saudades do marquês: se a ouvia segredar com a criada, imaginava que eram recados do marquês; chegou mesmo a suspeitar, que ele estivesse em Lisboa disfarçado, para a roubar: e sentia que alguma coisa de funesto se tramava contra o seu amor.

Um dia, mexendo numa gaveta dela — encontrou um lenço muito fino, com um monograma sob uma coroa. Enfureceu-se: uma coroa! — De quem?

— *Mi marqués*, disse ela friamente.

Artur, pálido, fez o lenço em tiras: e ficou logo a tremer, receando uma rajada de cólera, um rompimento. Mas ela, tranquilamente, com uma

185: dos seus] [*Acrescentado na entrelinha em substituição de* do seu].
208-9: a via macambúzia] a via mamcabuzia

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

serenidade de ser frágil martirizado, apanhou as tiras uma a uma, fazendo beicinho choroso, como uma criança que levanta os pedaços dum boneco partido, uniu-as, beijou-as, contemplou-as, murmurando:

— *Mi marqués, mi marqués!*

E daí a pouco, Artur encontrou as tiras preciosas, muito desprezadas já, arrastando-se entre a roupa suja.

Aquilo serenou-o como uma prova de indiferença pelo marquês. De resto, se às vezes de dia, os modos dela, as suas distracções, os seus amuos, suspiros sem razão, lhe davam um vago ciúme — o fogo com que ela à noite o apertava nos braços nus, era como a evidência deliciosa do seu amor. E ia-se prendendo tanto a ela, pela trama subtil do hábito, que já nem saía à rua: não trocaria aquele quarto com saias amarfanhadas por cima das cadeiras, e trouxas de roupa enxovalhada debaixo da cama, pelas galerias do Vaticano: e as paisagens do Paraíso não lhe dariam mais satisfação e enternecimento, que a contemplação das fachadas sujas dos prédios vizinhos: havia ali, naquele espaço abafado, um cheiro de roupa de mulher, de pó-de-arroz, de dormido, que o deleitava: e estirado na cama, com o cigarro na boca, ouvindo o Melchior tocar o fado, vendo a sua andaluza arrastar a cauda, tinha horas regaladas de madracice, de torpor lascivo: o gemer da viola, o gingar da Concha — mergulhavam-no num sentimentalismo baixo e pandilha: estendia então os braços para a Concha, reclamava-a, e os olhos cerravam-se-lhe duma voluptuosidade morna, sentindo-lhe por baixo do roupão, a flexibilidade cálida da cinta sem espartilhos. Não lia um livro, nem um jornal. Todo o movimento de espírito lhe era odioso, como se a alma fatigada, amodorroada na baixeza, muito quente no choco daquela vida de galo, se recusasse a toda a ascensão para alguma coisa de mais elevado. Quase lhe custava lavar-se, arranjar-se: o corpo comprazia-se na porcaria. E levantava-se da cama, em chinelos, com um derreamento canalha de corpo, para ir para a mesa de jantar, onde ficava até às dez horas, bebendo com o Melchior copinhos de genebra: depois vinham os fados, as *malagueñas*; e ele, estirado outra vez sobre a cama, de pernas abertas, num embrutecimento de bestialidade satisfeita, só erguia a voz para dizer, com um tom idiota, julgando-se «catita», vagas palavras espanholas que aprendera — *Vivan las niñas!!, Chiquita no digas esso!...*

227: nus, era] nus, erão
228: ia-se prendendo] ia-se prendendendo [*Ditografia por mudança da linha*].
238: estendia então] estendendia então]
243: toda a] toda a a
251: *no digas esso*] [*Por* eso. *Mantém-se o erro por poder representar a pronúncia da personagem*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Aqueles dias de preguiça, porém, cessaram quando a Concha declarou que queria ir jantar à mesa redonda. Dizia que era aborrecido comerem ali, naquela saleta um pouco escura, sós; que ficava um cheiro de comida desagradável: que a sala em baixo era alegre, e ao menos via-se gente. Artur, contrariado, vendo naquele desejo um começo de saciedade, apoiado pelo Melchior «que achava que não havia nada como a pandegazinha, ali, à cachucha», resistiu: mas a Concha, no outro dia, a cada prato que lhe apresentou o criado, fez um gesto triste, de recusa, com um suspiro. Artur afligiu-se: que diabo, era uma criancice!

Ela declarou simplesmente, que enquanto jantassem ali, naquele cacifro, jurara a Nossa Senhora da Atocha não tocar, com os seus ricos beiços, nem uma bucha de pão.

Artur, furioso, exclamou:

— Bem! Manuel! Amanhã jantamos em baixo.

Ela saltou-lhe ao pescoço, recompensando-o com um beijo chilreado.

O seu fim era humilhar a outra espanhola gordinha, a Mercedes. Há muito que se preocupava com «aquela colega», segundo a expressão faceta do Melchior. Sabia pela criada o que ela vestia, que roupa branca tinha, que forma de perna, o que lhe dava o amante, os namoros, tudo! E quando se certificou que tinha mais vestidos, melhores anéis, outro *chic*, decidiu «enterrá-la». Não lhe queria mal; desejava só fazê-la chorar de raiva.

No dia em que foram à mesa redonda, levou horas a escarolar-se, experimentando vestidos, perfumar-se: obrigou Artur a pôr muita pomada no cabelo, uma camélia no *frac*, — para parecer *guapo*: e tomando o seu grande ar de duquesa, desceu com um *ruge-ruge* de sedas pelo braço de Melchior. A pobre Mercedes, desprevenida, tinha o seu roupão escarlate, o cabelo mal penteado: ao pé, o seu calvo, de colarinho enxovalhado, cocava-a com olhinhos afogados de concupiscência... As duas mulheres, atravessaram-se com dois olhares, trespassantes como punhaladas: toda a cor do roupão da Mercedes subiu-lhe às faces: e a Concha, sentando-se com modos de princesa que se vê obrigada a jantar numa taverna, encostou o cotovelo à mesa, a mão à face, — com todas as pedras dos anéis dardejando sobre a outra. Durante todo o jantar fê-la desgraçada: tinha maneiras enjoadas de tocar nos pratos; tinha segredinhos para Artur, com olhares de tédio para a fealdade do calvo; falava a Melchior com império, como uma rainha a um cortesão: e a cada momento, dava pancadinhas nas mangas do vestido, para fazer sentir a riqueza da *faille*. A outra não comia, petrificada: tinha repelido, com uma fúria reprimida, um gesto terno do calvo, — e quando, a uma ordem de Concha, Artur pediu uma garrafa de *champagne* — ergueu-se

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

pálida de raiva, e saiu, arrastando a cauda, seguida do calvo, curvado, que apertava contra o peito as abas do seu chapéu branco, com um ar lamentável.

Ao outro dia, a Mercedes apareceu à mesa com um vestido de seda azul, de decote quadrado, toda cheia de jóias, com duas camélias no cabelo. Aparecera nessa tarde, pela primeira vez à mesa, um rapaz espanhol, muito bonito, duma palidez deliciosa, olhos afogados numa languidez fluida, um buçozinho que parecia desenhado a tinta-da-china, janota, com o cabelo muito frisado, e dois caracóis à *capoul* sobre a testa. Parecia conhecido da Mercedes e do calvo: trocavam-se, através da mesa, algumas palavras: Mercedes olhava-o muito, a Concha também — e ao fim do jantar, vendo o rapaz, muito delicado, partir avelãs à Mercedes, mordeu os beiços furiosa.

O seu desejo de a humilhar tornou-se uma preocupação ardente: exigiu a Artur outro vestido; queria ir todas as noites ao teatro, para que a outra soubesse, «se ralasse». Às horas em que a via à janela do primeiro andar, fazia buscar uma tipóia descoberta, descia as escadas com grande espalhafato, ia-se recostar na caleche, rindo alto, fingindo-se muito animada, gritando pelo Melchior, pelo Artur, e que lhe esquecera a sombrinha, e que lhe fossem buscar o lenço de renda. Pessoas, na rua, paravam, pasmadas daquela vivacidade, admirando-a. A Mercedes, em cima, se não tinha tido tempo de se retirar da varanda, afectava olhar o ar, ou o prédio fronteiro, ou de costas voltadas para a rua, falava, ria, pra dentro do quarto. A Concha desesperava-se daquela indiferença: chamava-lhe os nomes mais hediondos — e apenas chegava ao Aterro, mandava voltar para trás, para o Hotel, para a «apanhar ainda à janela», dar-lhe o espectáculo do seu *chic*, da sua grande cauda, das suas meias de seda cor-de-rosa, ao saltar do estribo da tipóia. — E no entanto Artur pagava o cocheiro, pensando:

— Mais dez tostões deitados à rua!

Porque recomeçara a preocupar-se de dinheiro. — Desejava escrever ao Carneiro pedindo-lhe o outro conto de réis, que lá tinha em depósito; mas hesitava, sentia que o gastaria depressa, naquela vida pródiga, e depois? Deixar a Concha? Era matar a pobre criatura, que o amava, que, por um sentimento de regeneração para se tornar digna dele, ia cada dia «fazendo-se mais senhora», a ponto de ir ouvir missa todos os domingos, querer aprender piano, e soletrar depois de almoço, laboriosamente, o «Diário de Notícias». Podia lá deixá-la! Era vil. E era possível também voltar a Oliveira de Azeméis, recair naquele embrutecimento morno, com partidas de bilhar na Corcovada, e passeios por entre os pinheirais da estrada, aos do-

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

mingos de tarde, no pó do *macadam*? Tinha agora momentos em que se sentia todo trémulo, todo assustado.

Uma dessas manhãs, estando na saleta — o Pancho penteava a Concha — Melchior apareceu, e atirou-se para uma cadeira com um ar tão abatido, — que Artur, sempre bom, perguntou-lhe, com muito interesse:

— Que aconteceu?

O outro fitou-o, com ansiedade, e apertando as mãos dramaticamente:

— Oh Artur, tu é que me podes salvar! Preciso, sem falta, amanhã, dez libras. Senão estou perdido. Oh Artur...

Artur interrompeu-o, desolado. Tinha de seu, catorze libras — era tudo, de um conto de réis —, devia pagar a conta do Hotel, não podia...

O outro deu uma punhada furiosa no ar.

— É a minha sorte!, rosnou com rancor.

— Tu compreendes, menino...

— Basta, homem! Raio de vida!

E foi harpejar a guitarra com furor, vendo pentear a Concha.

Artur — que devia ir buscar um camarote para o Price, porque Concha queria ir lá, enterrar a Mercedes, com um chapéu novo — saiu, muito contrariado. Aquela precisão do Melchior, colocava-lhe a realidade diante dos olhos, brutalmente: estava a tinir! Daí a dias não teria, nem para uma tipóia! E depois custava-lhe negar dinheiro ao Melchior: era o íntimo, o confidente: era tão bom para a Concha, tão serviçal, tão alegre! Que diabo. E quando entrou, estava resolvido a pedir quinhentos mil réis ao Carneiro — mas, em todo o caso, por economia, que diabo, não largaria as dez libras ao Melchior. Antes de tudo ele.

Tinha apenas pousado o chapéu numa cadeira, quando a Concha, direita, nobre, cruzando os braços diante dele, lhe perguntou com severidade — o que significava não querer tirar o pobre Melchior de apuros? Era necessário ser ingrato! Que amizade! Ah, bem via agora que era certo que os portugueses eram uns para os outros como tigres! Ah, se fosse o marquês, ou o conde! — outra gente!

Artur, envergonhado, balbuciou que negara dinheiro ao Melchior, porque imaginou que era para ir jogar — e queria tirar-lhe o vício! — Falou então do Melchior com exaltação: era o seu melhor amigo! Por ele daria a vida! Teve frases líricas; dizia coisas sobre Orestes e Pílades. — E a

329–30: que se sentia [*O autor acrescentou aqui* deante *possivelmente para substituir a frase inacabada e riscada* deante do futuro, que lhe parecia, *que se seguia a* assustado. *Não completou a substituição, pelo que não faz sentido manter* deante].

338: catorze libras] quatorze libras

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Concha, que nunca o compreendia bem quando ele falava depressa, ou com estilo, voltou-lhe as costas, dizendo — que então devia portar-se como *caballero*.

Artur, essa mesma noite deu as dez libras a Melchior, — dizendo-lhe que por acaso recebera um dinheiro — e então, abriu-se com ele: contou-lhe que as tias apesar de ricas começavam a espantar-se daquelas despesas: a sua fortuna particular, dele, porque a tivera, e em bom metal, ia-se esgotando: era necessário pensar em bater dinheiro: a maneira era fazer representar o drama... Melchior, estendeu a mão aberta como para o impedir de continuar:

— Eu me encarrego disso, nem mais palavra. Isso é comigo. Onde está o manuscrito?

— Tu compreendes Melchior, depois, se o drama rende, é o que quiseres...

— Nem mais palavra. Venha o manuscrito.

E nessa certeza, Artur escreveu uma carta ao Carneiro dizendo, que pra negócios desejava quinhentos mil réis.

Daí a dois dias — estavam ainda na cama, quando Melchior rompeu pelo quarto, com um aspecto triunfante. Tinha falado nessa manhã ao empresário! Pilhara-o de boa maré — e prometera uma resposta em quinze dias. Naturalmente a coisa ia! Hein? Não havia outro como o Melchiorzinho! E no seu entusiasmo, fazia cócegas nos pés de Concha por cima da roupa. Ela dava gritinhos, encolhia-se contra Artur, que, radioso, lhe prometeu um vestido novo para a primeira representação. O Melchior lembrou que se devia dar uma ceia aos actores. A Concha bateu as palmas, já exaltada, à ideia de se sentar, presidindo uma festa, entre o Cunha, *galan*, — e Maria Joana, ingénua. Era ainda uma maneira de fazer ferro à outra.

Porque a luta continuava, mais áspera. O que despeitava a Concha, é que a Mercedes possuía as relações, a amizade do espanhol bonito: ele agora jantava ao pé dela: e eram risadinhas, segredinhos, amabilidades: e o calvo, estático, parecia gozar aquela animação da sua espanhola. A Concha parecia indignada daquela intimidade: achava a Mercedes obscena; coqueteava com aquele peralvilho, às barbas do seu homem, tão bom, tão baboso! Se não era mesmo duma perdida. E tomava, ao jantar, atitudes duma puritana severa ofendida pelos espalhafatos duma meretriz. Mas os seus olhos, às vezes, tinham clarões para o espanhol. A Mercedes, muito fina, reparava — e então exagerava a sua familiaridade com ele, — a ponto de, falando-lhe, pousar-lhe os dedos sobre o braço, com o olhar rendido. A Concha mexia-se na cadeira, toda nervosa — e o espanhol, com gravatas resplandecentes, puxava

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

o punho da camisa de chita, torcia o buçozinho, recostado com languidez, sorrindo à Mercedes, dando à Concha olhares langorosos.

A Concha subia sempre para o quarto muito exaltada. Tinha, agora, muitos segredinhos com a criada asturiana; Artur, mais duma vez, indo ter à janela com a Concha, vira, na varanda de baixo, o rapazola, encostado numa atitude « catita » que lhe fazia sobressair do jaquetão belos quadris de mulher, soprando o fumo do charuto, e revirando para cima os seus belos olhos gaditanos. Aquilo irritara-o. Sabia que era um emigrado, de Cádiz, comprometido na revolta de Salvochea. Achava-o bonito, e a sua presença fazia-o ciumento. Mas tranquilizara-se ouvindo uma noite a Concha dizer, com grande desdém, a Melchior — que parecia ter pelo emigrado um rancor feroz:

— *Mira! Es un niño! Es un pollo! Más feo!* — E declarou, como enjoada, que detestava homens com cara de mulher. Pouh! Até o achava ridículo!

De resto Artur andava agora de novo tomado de ambições literárias. Uma noite de aplausos — e entrava na publicidade, na glória, nos folhetins! Era a desforra resplandecente das suas humilhações obscuras. Relembrava certas cenas do drama, mais queridas — e não duvidava do triunfo. Que vida, então! Os aplausos da multidão misturar-se-iam à doçura dos beijos da Concha — porque ela amá-lo-ia mais célebre, namorado por outras, glória nacional. E as felicidades seguir-se-iam todos os dias, como as horas: à noite as palmas duma plateia electrizada, depois a ceia com o bom Melchior, com outros amigos; depois os delírios da Concha apaixonada; e de manhã, na caixa do teatro, as librinhas a saltar! Ui!

No entanto a resposta do Carneiro não vinha! Artur começou a ter repentes agudos de susto — se o homem tivesse fugido, ou falido! Se recusasse dar-lhe contas — fosse necessário um processo! Santo Deus! Às horas em que o carteiro passava, tinha palpitações ansiosas: ele não trazia carta — e mal podia comer ao almoço, com a garganta contraída, um olhar vago. Talvez tivesse de ser o seu último almoço com a Concha. Mandara um telegrama — e uma manhã, mais inquieto, como um homem que prepara de longe a explicação duma desgraça provável, disse a Concha — que esperava um dinheiro, não vinha... Era o diabo! Estava quase com medo que houvesse dificuldades com o correspondente...

Ela pareceu muito indiferente. As suas maneiras tornavam-se irregulares: andava muito nervosa. A janela parecia ser o centro da sua existência: vestia-se muito, para ir pra a varanda; chegava-se um momento, e voltava,

439: para ir] para ir pra ir

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

esfregando as mãos, com a cabeça baixa, contrariada; outras vezes parecia debruçar-se, tão radiosa, tão interessada, que Artur, se a via, chegava-se, com curiosidade: mas não havia nada. Apenas, na varanda do quarto do espanhol, uma cadeira vazia com um jornal dobrado em cima. E os segredinhos com a asturiana redobravam: parecia adorá-la, não a dispensava, reclamando-a sempre, enchendo-a de presentes, de fitas velhas, de botinas, de camisas já muito usadas: quando Artur estranhava esta intimidade — ela respondia que uma mulher precisava ter uma amiga para desabafar: ela não tinha outra à mão: queria porventura que ela, uma senhora, fizesse amizade com a meretriz do primeiro andar? Não — então caluda!

— Mas de que falam vocês?

— De ti.

E apesar daquele amor, — que ele julgava cada dia mais forte — às vezes era brusca com ele; repelia-lhe enfastiada os abraços: uma mulher, *dios mío*, não podia estar sempre a ser lambuzada pelas beijocas dum marmanjo! Às vezes, à noite, ao deitarem-se, sob o pretexto duma enxaqueca, não consentia que Artur lhe tocasse, nem com a ponta da unha — deixando a paixão do autor dos *Esmaltes e Jóias* desapontada como um cão a quem se retira uma febra. Outras vezes vinham-lhe ardores súbitos, a horas singulares, sem razão. Artur explicava estas mudanças, etnograficamente, pela sensibilidade muito refinada das raças andaluzas — e cada dia a achava mais adorável. Seria feliz — se o Carneiro respondesse.

Mas respondeu enfim, o respeitável Carneiro, numa larga folha de papel pautado — em que explicava a demora da remessa, por uma jornada que fizera à «*Invicta Cidade*, onde o tinham chamado exigências do seu negócio, bem como levar ao teatro de S. João, a ver uma peça lírica, sua jovem Adelaide, que...»

Artur, enfastiado atirou a carta pra o lado, e releu com satisfação a letra de câmbio sobre um negociante da Baixa. Não resistiu, mesmo, a comunicar a sua alegria à Concha; e agitando a letra disse, com um ar negligente, ricaço:

— Dinheirinho fresco.

— Ah, fez ela, secamente.

Aquelas indiferenças escandalizavam Artur. Não as compreendia: quando ele, por ternura, para lhe dar todos os privilégios de esposa, a queria fazer partilhar, intimamente, dos seus interesses, dos seus sentimentos, e enobrecer aquela ligação — ela retraía-se, repelia toda a comunhão muito íntima, evitando entrar nos seus planos, e nos seus segredos, dando-lhe o seu corpo, mas reservando-se a alma, e a vontade. Parecia querer conservar-se

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

unicamente concubina. Artur sentia alguma coisa de subtil errar entre eles, separá-los: as suas naturezas, como as suas epidermes, tocavam-se, sem se penetrar: e Artur, tendo uma mulher com quem comia, dormia, coabitava, ria, ou emudecia — sentia-lhe às vezes, todavia, uma dolorosa falta de simpatia, uma inactividade triste das suas faculdades afectivas. E para não se parecer a si mesmo inteiramente destituído de afeições alheias à sua alma, refugiava-se na lembrança da tia Sabina, — como um ser que procura um elemento próprio.

Pensava mesmo em lhe escrever — quando uma manhã recebeu dela uma longa carta: que boa surpresa: a letra era quase ininteligível, mas por todas as folhas de papel errava um bom calor de amizade, e os ganchos dos seus FF e dos seus TT eram como curvas de abraços. Dizia:

« Meu querido menino

Espero que esta te encontre bom, o que todos os dias peço a Nossa Senhora de toda a alma, e acabo de saber pelo Albuquerquezinho que mandaste ir um ror de moedas que até me parece pecado. – Ora pois se tu soubesses o que nós aqui nos assustamos por te saber tão longe, e talvez doente, e nessa terra tão grande, e sem os teus jantarinhos a horas, e aflige-nos ver que gastas tanto o que ele custou a ganhar a teu padrinho, e nessa Babilónia sem religião. Eu não tenho passado bem, o que é a velhice, e esta vida que não quer ir mais para diante, e assim quem sabe se te tornarei a ver, e todos os dias peço a Nossa Senhora que te guarde porque o mereces, e dizem-me que até os papéis falam de ti, o que nos tem assustado, ainda que o Albuquerquezinho, que tem feito este mês já doze paciências, sobre quinze, o que é um bom mês, diz que os papéis falam só de gente que é importante e do Estado. Adeus meu filho, que Deus esteja contigo no teu coração, a tia recomenda-se, e tem estado com o seu defluxo. – A Ruça tem andado a fazer-te ceroulas duma peçazita de linho que eu fiz de economias, e o bichano esganou-se, o que nos deu cuidado, e o Inverno tem estado mau para os velhos. E se puderes voltar vem, pois me diz o coração que Nossa Senhora me chama, e vou encontrar a paz da alma, e os outros que já lá estão. E o Albuquerquezinho se recomenda, e é sempre o mesmo santo homem, e não deves aí abusar muito das comidas que me dizem ser tão más. Adeus meu filho, possas em todas as tuas coisas ser tão feliz, como eu não fui, e agora vejo que a morte vem perto, e com

um abraço arrochado
da tua tia que te quer
Sabina »

Artur ficou com a carta na mão, a alma longe: estava lá, na casinha de Oliveira de Azeméis, tão sossegada, tão doce: uma boa réstea de sol, onde o bichano dormia, estirava-se pela sala de jantar: o velho relógio batia *tic-tac*: a tia Sabina fazia a sua meia — ao dar meio-dia na torre todos os galos cantavam: e depois, no silêncio da vila adormecida, só a nora ia chiando.

506: cuidado, e o] cuidado, e o o [*Ditografia por mudança de linha*].
511: a morte vem] a morte vae [*Possivelmente representação fonética do tipo «vãe=vem»*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

A Concha fê-lo levantar, dos pés da cama, onde ficara sentado, cismando: andava a procurar uma liga, com os cabelos desfeitos, a cara pisada do sono: saias enxovalhadas arrastavam pelas cadeiras: um ar relentado amolentava: no espelho, entre escovas peladas, havia postiços de cabelos. A Concha acordara de mau humor, tinha uma fisionomia desagradável — e ele pensava vagamente que, para além daquele quarto, onde ele vivia numa concubinagem mole, havia ares lavados, campos bonitos, e existências dignas em interiores asseados: e desejou alguma coisa de mais elevado, de mais puro...

Melchior apareceu à porta, e como a Concha se vestia, Artur foi com ele para a saleta, levando ainda na mão a carta da tia Sabina.

— Cartinha de casa? — perguntou o Melchior.

— De minha tia.

— Com xeta? E os olhos de Melchior reluziram.

Artur respondeu, corando:

— Mandou algum dinheiro.

— É cardá-la! E quantia grossa?

— Sofrível.

— É cardá-la! É cardá-la! disse com entusiasmo o Melchior.

— Fica por minha conta!, disse o Artur, afectando um cinismo catita.

Daí a dias, uma manhã, Artur desceu à sala de jantar, para buscar charutos — uns certos *Intimidades de Carnaval*, famosos no Hotel. Manuel mostrou-lhe a última caixa vazia.

— Já vê *usted*.

Artur pareceu contrariado, — e o espanhol bonito, que lia à mesa um jornal, tomando o seu café ao fim do almoço, erguendo-se, e muito afavelmente, ofereceu a sua charuteira.

— *Son de los mismos. Fume usted.*

Artur agradeceu, embaraçado: o espanhol insistiu, com expansão — e Artur, — depois de aceitar um charuto — embrulhava-se numa frase espanhola — quando o empregado lhe disse que podia falar português; ele compreendia-o, até o *hablava*; de resto, os dois idiomas eram tão parecidos: eram como os dois povos; porque *españoles y portugueses son hermanos!*...

Artur, contente de se poder exprimir em português — (a necessidade de falar espanhol torturava-o!) —, e querendo ser amável perguntou-lhe se estava há muito em Lisboa.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Havia quatro meses: e, com loquacidade familiar, disse que era um republicano federal, se batera nas barricadas de Cádiz, e estava condenado à morte.

Um destino tão patético impressionou Artur. O rapazola pareceu-lhe grande como Danton. E, por uma necessidade súbita e instintiva de lhe conciliar a simpatia declarou-se também republicano; falou vagamente no *club* democrático, disse-se entusiasta de Castelar; tinha aceitado uma chávena de café, — e no canto da mesa, soprando o fumo dos charutos, penetravam-se duma simpatia comum.

O emigrado tinha uma voz vibrante, e cálida. A vivacidade andaluza dava aos seus gestos, à expressão de fisionomia móbil, uma sedução singular: parecia conhecer Artur há muitos anos; fez-lhe confidências políticas; chamava-lhe *hijo mío*; deblaterou contra os Bourbons, profetizou a República Universal; chamou a Victor Hugo um Deus! Artur surpreendia-se de achar ideias literárias, sociais, — que julgava admiráveis por coincidirem com as suas, — num rapazola que tinha o ar, os modos, dum *chulo* de raparigas. E falou então com entusiasmo da Espanha, do país de Cervantes, grande raça... O espanhol electrizou-se: jurou-lhe que nunca encontrara um português que estimasse tanto: e para celebrar um pacto de amizade ao antigo modo andaluz, mandou buscar ao quarto uma garrafa de *manzanilla* especial — «um licor divino». Beberam, apertaram-se as mãos. Artur achava o vinho delicioso; e o espanhol, cantou com *verve* a ária de Robinson:

Pero el Xerez...
Da fuerza al hombre, fuego a la mujer...

E convidou Artur a vir a Cádiz: queria-lhe mostrar os sítios onde ele se batera, e os federais tinham feito proeza. Havia de ver o seu amigo Salvochea, um herói! De resto, esperava a amnistia — e lamentava deixar Portugal: era um país que admirava pela sua liberdade de imprensa: e gostava das portuguesas!

E a propósito, como lembrando-se, perguntou-lhe quem era aquela rapariga com quem ele estava.

— É a minha pequena, disse Artur, corando um pouco.

O outro bocejou, repoltreou-se na cadeira, disse negligentemente que a sua querida tinha ficado em Sevilha — e de resto, presententemente, a política devia prevalecer sobre o sentimento: quando o povo sofre não se pode pensar em prazeres! A sua *querida*, agora era a Pátria!

560: e instintiva] e instintictiva
563: — e no] — e o no
567: conhecer Artur há] conhecer há [*Lição conjecturada por lapso do autor*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Obrigou-o a aceitar outro charuto, e dizendo que ia fazer a sua correspondência, saiu assobiando a *Marselhesa*!

Artur galgou as escadas para ir contar a Concha o conhecimento que fizera — feliz em mostrar a simpatia que inspirara a um espanhol tão bonito e tão ilustre. A Concha fez-se escarlate, deu duas voltas pelo quarto com a cabeça baixa, contemplando o bico das botinas, foi arrumar, um pouco trémula, sobre o toucador, as escovas, disse com uma voz ambígua que achava «cara de mau ao seu patrício, *su paisano*». E de repente, acometida duma jovialidade brusca, arrebatou Artur pela cinta e fê-lo rodar numa valsa.

E daí a pouco, o Manuel entrou com uma caixa de charutos *Intimidades* : era um presente do espanhol, que mandava a sua carta de visitas:

D. Manuel Manrique Rojas y Cuevas

Artur ficou muito lisonjeado: e a Concha declarou, com a autoridade duma mulher experiente da sociedade, que era necessário convidá-lo a jantar: Artur admirou um tacto tão fino, — e à tardinha, quando a Concha, muito vestida, toda perfumada, se ia sentar à mesa, enfastiada de esperar, Artur, que desde as quatro horas saíra, apareceu trazendo pelo braço D. Manuel Manrique: ela fez-se muito vermelha, o seu seio arfou, e baixando as pálpebras, curvou-se num cumprimento digno.

O jantar foi muito alegre. D. Manuel interessou profundamente Artur, — e fê-los rir, contando os episódios picarescos da sua fugida para Portugal, com quatro *duros* na algibeira; entusiasmou-o pelas viagens, descrevendo-lhe a Havana, os cafezais, as florestas tropicais, as danças de negros, e os profundos céus abrasados; exaltou-o, pelos romantismos da guerra civil, explicando-lhe — a defesa heróica das barricadas na *calle de Aduana*, em Cádiz; e espantou-o pela grandeza dos seus planos políticos, fazendo-lhe antever uma grande federação de republicanos latinos, em oposição aos despotimos saxónios e slavos. E ia declamar contra o papado, e contra a Igreja, num furor de impiedade democrática — quando a Concha, muito devota, fez um gesto escandalizado. D. Manuel imediatamente se retraiu, e mesmo disse:

— *Pero nada se hace sin la voluntad de Dios.*

Aquilo pareceu a Artur de muito bom gosto, duma alta cortesia — e, electrizado, deu-lhe sem reserva a sua amizade. Falaram então de Lisboa, de comparações com Madrid, de teatros — e bebiam fraternalmente — quando

610: seu seio] seu seio seio [*Ditografia por mudança de linha*].
619–20: aos despotismos] aos despostimos

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Melchior abriu de rompante a porta: ao ver o espanhol, confortavelmente instalado no seu lugar habitual, teve uma visagem tão desapontada — que a Concha deu uma risada:

— *Es Melchior, el pobre!* E apresentou-o com gravidade ao emigrado.

Melchior arrastou devagar uma cadeira, e recebeu, com um ar soturno, o seu cálice de curaçau: e ficou embezerrado, mudo, torcendo o bigode, com os dedos trémulos, deitando olhares ferozes a Artur, a Concha, e ao espanhol.

Enfim não se contendo, ergueu-se, chamou Artur para o quarto de cama, e cruzando desesperadamente os braços, numa voz estrangulada de ira:

— Então que significa o bêbado do espanhol metido aqui de casa e pucarinho?

Artur explicou o encontro, a oferta de charutos, elogiou-o. Era um rapaz de grande talento, tinha ido à Havana...

— Ao diabo que o carregue!

— Fala baixo, homem, fez Artur, inquieto, indo fechar a porta do quarto.

— Qual baixo! É um bêbado! Olha que brincadeira! Estávamos aqui todos três como Deus com os anjos... Está tudo estragado agora! Eu por mim não torno aqui a pôr os pés...

A cólera erriçava-lhe os pêlos do bigode. Artur calmava-o. O Manrique parecia-lhe uma pessoa fina...

— Você verá! Espere-lhe pela volta!

— Mas porquê, que diabo?

Melchior hesitou: parecia querer soltar uma revelação: mas depois de encolher desesperadamente os ombros:

— A culpa é do Governo! Canalhas de espanhóis! Eu, é gente que odeio!... E lançou-se em violentas declamações patrióticas: a União Ibérica era a infâmia das infâmias! Mas que se livrasse um espanhol de se lhe atravessar no caminho! Bebia-lhe o sangue! Positivamente, bebia-lhe o sangue!

Uma risada muito alta, muito cálida, da Concha, dentro na saleta, interrompeu-o, imobilizou-o: olhou Artur dos pés à cabeça, com ódio, com desprezo — e atirando o chapéu pra a nuca, rompeu pelo corredor, blasfemando.

Quando Artur voltou à saleta, — a contar que Melchior abalara — achou a Concha muito animada, com uma cor radiosa nas faces: nunca a vira tão bonita: tinha descoberto que D. Manuel era ainda seu parente, e diziam-se já com familiaridade — Conchita, Manolo!

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

O emigrado tornou-se íntimo. Concha não quisera voltar à mesa redonda « para não comer ao pé da indecente do primeiro andar »: e Manolo, quando não vinha jantar com eles, aparecia à sobremesa, pra tomar o café, fumar um *puro*. Artur cada dia o estimava mais: a sua alegria petulante seduzia-o, os seus serviços à República inspiravam-lhe respeito: gostava das discussões políticas, com o copinho de curaçau defronte, talhando e retalhando segundo os planos vagos duma Democracia Universal: e tinha momentos deliciosos ouvindo-o contar anedotas da Revolução de 68, cantar cançonetas políticas, ou fazer gemer na guitarra as seguidilhas de Andaluzia. Tinha toda a sorte de habilidades: fazia caricaturas com um fósforo apagado, sobre um prato; sabia necromancia, jogava à espada: — e dava mesmo lições a Artur, no seu próprio quarto, onde lhe fazia admirar retratos de republicanos ilustres e de actrizes que tinham sido *sus queridas*. E com a Concha era duma familiaridade fraternal, mas discreta, com tons de respeito : divertia-a muito tirando-lhe as cartas, lendo-lhe a *buena-dicha*, com profecias complicadas, em que os destinos dele e de Artur apareciam sempre unidos, escorrendo de felicidade como taças muito cheias.

O Melchior durante os primeiros dias não voltara: mas uma tarde, Artur, entrando às quatro horas, achou-o instalado ao pé de Concha, retorcendo com satisfação o bigode: tinha feito as pazes com a pequena : e mostrou-se nessa noite mais conciliador com o espanhol, ao ponto de se declarar também republicano. E aceitou com prazer um convite que o emigrado lhe fez — para um jantar que dava no Mata « *a Conchita, e a el amigo Artur* ». Foi uma festa muito alegre. À sobremesa, na exalação do *champagne*, juraram estimar-se, e formar uma sociedade de prazer *Artur, Concha & C.ª*.

Artur perdera inteiramente o vago ciúme que ao princípio tinha do Manolo: decerto a Concha era muito afável com ele, quase carinhosa, — mas via naquele sentimento amizade de compatriotas que se encontram numa terra estranha, e a afeição de parentes remotos: além disso a Concha, a sós com ele, nas conversas íntimas do leito, tinha-lhe dito por vezes, que « gostava do Manolo, mas que desconfiava dele »: tinha cara de mau: perguntou a Artur se sabia quem era a querida dele. Já muitas vezes, diante de Artur, perguntara ao Manolo « *quién eran sus amores* ». O Manolo torcia o buço, num silêncio discreto — e instado, terminava por dizer com ênfase que a sua querida era a Pátria. Além disso, a Concha afirmava a Artur que o Manolo era bonito, mas não era um tipo para mulheres; muito efeminado, muito maricas!

675: um fósforo] um phosfo
698: *quién eran*] *quien erão* [*Conservo* quién *por* quiénes].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Por seu lado Manolo, na intimidade, a sós com Artur, confessara-lhe, como forçado pela verdade, e lamentando a franqueza, que a Concha não era bonita: não era feia, sim, mas havia de ele ver as mulheres de Cádiz! Havia de ele ver a sua pequena, a que estava em Sevilha! Isso sim. A Concha, pouh!

E Artur vivia tranquilo: deixava-os mesmo sós — e quase se escandalizava do gesto indiferente, secado, que tinha a Concha quando, às vezes, Manolo lhe mandava ramos de camélias.

— Mas é muito amável da parte dele, filha! É muito delicado! Deves gostar.

— *No me gusta, no me gusta* — dizia ela voltando as costas, com o ramo na mão — e cobrindo as flores com um olhar doce como um beijo.

O que preocupava Artur agora, de novo, era o dinheiro. Desde a intimidade do Manolo as despesas cresciam. O republicano todos os dias tinha uma ideia cara — irem a Queluz, tomarem uma quarta ordem em S. Carlos, uma ceia na Ponte de Algés: e com as custas do Hotel, as tipóias, as luvas, os charutos, tinha dias de duas, três libras!

Mas não podia modificar a sua existência. Era cheia de tantas doçuras! A Concha, que perdera agora todos os seus «nervos», era muito igual, muito amorosa. O emigrado, o Melchior, constituíam-lhe uma pequena corte, gostava de os ver, à sua mesa, bebendo-lhe o *seu cognac*, cortejando-lhe a *sua* amante. Deleitava-se em lhes dar o espectáculo do seu amor: beijocava a Concha diante deles, — o que produzia no Melchior, imediatamente, a necessidade de se levantar, e de puxar as calças com mau modo — e no espanhol a necessidade de cofiar o buço, com as suas belas pestanas descidas: até que a Concha, um dia, declarou-lhe que era faltar-lhe ao respeito abraçá-la e fazer pieguices diante de gente.

De resto Manolo punha cuidados delicados em regozijar Artur: recebera, comovido, uma oferta dos *Esmaltes e Jóias*, e dera-se ao trabalho de decorar algumas estrofes da «Ode à Liberdade». Prometera-lhe traduzir todo o volume para um jornal republicano de Murcia — e dizia-lhe à mesa, com arrebatamento:

— *Don Arturo es el primer poeta del siglo. Es Victor Hugo! Es Dante.*

E com um amigo que o compreendia tão bem, com uma amante que lhe queria tanto — o autor dos *Esmaltes e Jóias* tinha dias em que andava inchado de gozo. Se não fosse o dinheiro! O maldito dinheiro!

A resposta do empresário tardava no entanto — e Artur instava com Melchior que voltasse a falar-lhe, o apertasse... Que diabo, a coisa urgia! E havia na sua impaciência agora não só a necessidade de recursos, mas o

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

desejo de deslumbrar o espanhol, com o espectáculo duma plateia aplaudidora. Melchior fora ao empresário — que se declarou ocupadíssimo, menino, ocupadíssimo... Peço mais quinze dias! A coisa há-de ir, a coisa há-de ir.

Andava agora de novo desconfiado com o espanhol, o Melchior. E irritava-se sobretudo de saber que a Concha retomara o hábito de sair de manhã, duas, três vezes por semana. Ora ia ver a Paca, que estava muito doente, ora ia à modista, ora dar um passeiito. Censurou Artur por consentir naquelas « passeatas ».

— A rapariga não há-de estar aqui como no convento. E acrescentava, girando com fatuidade sobre os calcanhares —: Estou tão seguro dela, como de mim mesmo.

Melchior deixava-lhe cair pelas costas olhares dum desprezo imenso.

Não podia às vezes disfarçar ódios súbitos pelo emigrado. De repente, sem razão, embezerrava. A Concha percebia, vinha gracejar com ele, perguntar-lhe o que tinha *su abuelo*, se estava zangado com a sua *netita*, retorcia-lhe o bigode, sentava-se-lhe mesmo nos joelhos, rindo muito, pulando — enquanto Manolo muito sério harpejava os dobrões da guitarra, ou jogava o *écarté* com Artur, a dois tostões.

Naquele momento, ordinariamente Melchior acalmava-se: mas, só com Artur, desabafava: — Não podia tragar o Manolo! Não podia! Um dia quebrava a cara ao Manolo...

— Mas porquê, Melchior?

Melchior calava-se: e daí a pouco rosnava:

— O Governo é que tem a culpa. Consentir nesta súcia de foragidos!

Artur espantava-se dum patriotismo tão fanático, tão intolerante. Era necessário também não ser caturra, que diabo! Os espanhóis eram uma nobre raça.

— Uma corja! rugia o Melchior.

E a grandes passos pelo quarto, sondando com as mãos nervosas as algibeiras, como para procurar uma arma:

— Um dia rasgo as entranhas a um castelhano.

E uma ocasião, não se contendo, disse a Artur, numa explosão:

— Pois você não vê como ela faz olho ao Manolo!

Artur riu. Ora, histórias! Mas aquela palavra, com a lentidão dum veneno absorvido, começou a espalhar-lhe no sangue um ciúme crescente. Observou os dois. Mas via-os tão naturais, tão francos, tão camaradas, inocentemente. Pensou que « disfarçavam » — e suspeitou as saídas da Concha.

761: Artur, desabafava] Artur, desabafa

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Um dia que ouvira dizer que ia a casa da Paca, seguiu-a de longe, cosido com as fachadas: que alívio quando a viu entrar, com efeito, no portal da Paca. Jurou a si mesmo, num relance de reconhecimento, amá-la mais, para a compensar da injustiça com que a ofendera. Mas depois reflectiu — que no prédio da Paca havia outros andares, ou que ela saía por uma porta traseira. Vaidoso, irritou-se de ter sido simplório — e quase com desejo de a achar culpada, uma manhã, que a sabia lá, foi tocar à campainha, perguntar com pressa pela *señorita* Concha: esperou dez minutos, e viu-a aparecer de chapéu, as faces em brasa, os olhos brilhantes.

Que era? Porque tinha vindo?

Ele riu: — «passara por ali, lembrara-se de a vir buscar». Mas em casa de repente perguntou-lhe, quase com severidade, porque lhe aparecera ela tão vermelha? Em lugar de se escandalizar com uma pergunta tão repassada de desconfiança, contou-lhe que assistira a uma cena! Ah! A Paca que se julgava perdida a chorar! O querido a chorar! O pequeno a chorar! Um horror!

Mas Artur não estava tranquilo... Tinha a sensação vaga de que ela «que se lhe ia escapando». Sentia-a menos *sua*. E aquela incerteza exaltava o seu amor. Tinha um desejo pungente de lhe saber os pensamentos — se a via triste, ou alegre: mas quereria ver-lhos bem claros, como frases num livro. Desconfiava de tudo: do Manuel, sobretudo da asturiana — e sentia uma contrariedade amarga quando via entrar o Manolo. Os serões eram menos alegres: havia silêncios embaraçados — e o Manolo para os preencher tinha de esgotar o seu reportório de *malagueñas*, que a Concha escutava sorumbática, com os braços cruzados, erguendo às vezes para ele, ou para Artur, o seu olhar muito brilhante.

Uma manhã Artur, ouvindo-lhe dizer que ia à Paca — declarou que estava incomodado, que não saía, queria que ela lhe fizesse companhia. Ela atirou logo para uma cadeira o vestido que ia pôr, veio interrogá-lo, muito ternamente: o que lhe doía? Queria deitar-se?

— Estou esquisito, passa logo, respondeu Artur, muito satisfeito da prontidão com que ela desistiu do «passeio à Paca» e vendo, na sua solicitude, a persistência do seu amor.

Estava-se então, próximo do Entrudo. E nessa semana, duas ou três vezes já, Artur impedira-a habilmente de sair: ela não parecia contrariada; somente tinha tristezas, «monices», dizia-se nervosa, queixava-se de enxa-

780: as fachadas] as fachas [*Lição conjecturada por lapso do autor*].
791: se escandalizar] se escandilisar
798: ou alegre] ou a alegre

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

quecas. Na sexta-feira — antes de Domingo Gordo — Artur, voltando às duas horas da redacção do «Século», encontrou-a de chapéu, pondo o véu ao espelho. Ia à Paca.

— Ora deixa lá a Paca.

«Não, mas também precisava ir à modista.»

— Ora deixa-te de modistas.

Esperava uma «cena» — e ficou admirado, vendo-a séria tirar sem uma palavra o chapéu, o véu, o vestido — agarrar num lenço que andava a abainhar havia mês e meio, e ir sentar-se, com um suspiro, à janela. Artur, despeitado daquela resignação muda, agarrou um livro, estendeu-se em cima da cama. E o silêncio — que se fez pareceu-lhe triste, e escuro como uma separação.

Manolo devia vir jantar nessa tarde. Mas pelas três horas o Manuel veio dizer que o senhor Manrique pedia desculpa, mas tendo-lhe chegado um parente de Badajoz, só poderia, talvez, aparecer à sobremesa.

A Concha não se moveu, cosendo devagar, lugubremente — e no silêncio do quarto só se ouvia, subtilmente, voltarem-se as folhas do livro.

O jantar foi triste. A Concha, com duas rosetas vermelhas no rosto, não comia. Artur, a quem aquele silêncio infeliz, aquele fastio de desconsolada, excitavam o ciúme, petrificava-se, com desespero, na sua mudez, o cérebro cheio de frases, de recriminações, de palavras comovidas, que a sua língua, dum peso de chumbo, se recusava a falar. A sobremesa passou: o Manolo não veio.

Foi o Melchior que apareceu, ao café. E com um rosto satisfeito, disse logo, abruptamente, que entrara na sala de jantar, e vira o Manolo jantando com a Mercedes, unha e carne com ela, muito chegadinhos — e o pobre Carolino a babar-se ao lado, o asno!

A Concha fez-se pálida, depois escarlate. E subitamente tornou-se muito amável para Melchior, fê-lo sentar ao pé dela, «muito juntinho»; queimou-lhe ela mesma o café, desmanchou-lhe o cabelo, ocupando-se dele, palrando alto, sem um olhar, uma palavra para Artur.

— Vocês estão amuados? perguntou o Melchior, com o rosto túmido de prazer, — porque as amabilidades da Concha davam-lhe o gozo intenso que a carícia dá ao dorso dum gato.

Artur teve um sorriso amargo:

— Tem estado com os nervos, a menina.

833: aquele fastio] a aquelle fastio
841: Carolino] [*Nos capítulos* IX *e* X, *tal como no manuscrito A, é* Videirinha].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Mas a Concha ergueu-se bruscamente, entrou no quarto fechando a porta sobre si — e sentiram-na no corredor gritar pela asturiana.

— Que diabo tem ela? perguntou o Melchior, sorvendo placidamente o seu café.

Artur teve uma tentação de desabar as suas suspeitas: mas, vaidoso, não querendo dar a Melchior o «gostinho» de ver justificadas as suas desconfianças — encolheu os ombros, disse:

— Eu sei lá! Mulheres!

Melchior deu-lhe de lado um olhar apiedado e desdenhoso, e pareceu sorver com delícia a última gota da chávena.

Mas a Concha voltou, com os olhos muito brilhantes, um pouco vermelhos, toda coberta de pó-de-arroz. Trazia uma excitação artificial, histérica: declarou que se achava disposta a tudo! Quis tocar o fado — atirou com tédio a guitarra: deu um pulo para os joelhos de Melchior, ergueu-se, valsou só pela saleta — e foi necessário que Melchior lhe arrancasse a garrafa de *cognac*, porque a queria beber dum trago. E não falava a Artur, não o olhava, — perguntou mesmo a Melchior se queria ir só com ela, dar um passeio a Belém — mas só com ela, *los dos, como dos novios!*

Melchior ria, todo banhado de gozo.

— Vá, disse com bonomia, vá, faça as pazes com seu marido!

Ela encolheu os ombros, com um desprezo soberano, — estendeu-lhe os braços para uma valsa. E trauteando, volteavam pela sala, pulando, tropeçando nas cadeiras, abalando o soalho, com grandes risadas, um grande arranque de troça: mesmo desapareceram um momento, no quarto às escuras, — e Artur, furioso, ouviu a Conchinha rir, com risinhos cálidos de cócegas. Não se erguera da mesa, e fumava, com um desespero lúgubre, lágrimas na garganta.

Quando ela voltou à sala, compondo o cabelo, seguida de Melchior, que torcia com gozo os bigodes — o Manuel levantava a mesa.

— *Va decir, al Snr. Manrique, abajo, que lo esperamos* — disse ela. *Listo!*

O Manuel voltou daí a momentos dizendo — que o Manolo «diz que não pode vir. Estava no quarto da Mercedes em grande pândega».

Toda a animação da Concha caiu como, depois duma rajada, uma bandeira ao comprido do mastro. Deu duas voltas pela saleta, foi para o quarto às escuras. Foram encontrá-la, daí a pouco, enroscada em cima da cama, dobrada sobre si, numa imobilidade hostil. Respondeu bruscamente que tinha dores de cabeça, febre. Para a distrair, Melchior quis tocar o fado:

880: *Va decir*] [*Por* Va a decirle].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

ela gritou-lhe que se calasse! E como Artur, julgando-a doente, a interrogava, com um carinho que implorava reconciliação — ela enfureceu-se: nem podia uma pobre de Cristo estar doente sem ser martirizada! Irra! E como Artur insistia, e o Melchior, em redor do leito, pulou para o chão, e com uma força nervosa, empurrou-os para a saleta, furiosa, às punhadas, — bateu-lhes com a porta nas costas.

— É deixá-la, é deixá-la, disse Artur. Está doida!

Fizera-se pálido — e receava um escândalo.

— Mas que diabo tem ela? — disse o Melchior: e com as mãos no bolso, passeava cabisbaixo, descendo a reflexões que lhe **marcavam** o rosto duma sombra carregada.

Ouviram então a Concha berrar de novo, no corredor, pela asturiana — e apenas a moça subiu, — fecharam-se no quarto, dando à chave uma volta colérica.

— Que pouca vergonha, fez o Melchior. Aqui há marosca. — Estava de pé diante de Artur, fuzilavam-lhe os olhos.

Artur não respondia: erguia-se, passeava cabisbaixo; acendia cigarros que arremessava, ia encostar-se à vidraça, olhar a noite escura — e sentia no fundo de toda a cólera dela, o Manolo. Decerto, impedindo-a de sair, contrariara um *rendez-vous*: o Manolo, despeitado, para lhe fazer ferro, puserase a passar, de patusca, a *soirée* com a Mercedes — e ciumenta a Concha delirava! É o que era! Mas recordava então todas aquelas semanas de amor, o fogo dos seus beijos, os seus juramentos balbuciados na voluptuosidade — e mesmo a indiferença que ela mostrara, outras vezes, quando habilmente ele lhe transtornava outros *rendez-vous*. E não podia duvidar do seu amor! A sua vaidade acumulava-lhe provas como um pedreiro diligente que acarreta pedra para um muro — e a certeza do amor dela ia-se erguendo, indestrutível, sólida, maciça. Preferia atribuir aquela «cena» aos nervos, ao tempo, aos humores. De vez em quando, ia escutar à porta do quarto — sentia as vozes das duas mulheres cochichar: por fim, decidiu-se a bater, devagarinho.

A Concha gritou que não queria abrir.

— Oh que desavergonhada! fez o Melchior.

E então censurou, verbosamente, a debilidade de Artur. Se fosse com ele! Oh, se fosse com ele! Tinha-lhe quebrado já uma bengala nas costas! Expôs a teoria que as espanholas — só à pancada. De resto gostavam de levar! Até se apaixonavam. Citou exemplos, anedotas. Um amigo dele, que desde que dera uma coça na Lola — trazia-a como um cordeiro e babada

897: lhe **marcavam** o rosto] lhe o rosto [*Lição conjecturada por lapso do autor*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

por ele. Raparigas desta vida — é à bordoada! Eu é que sei lidar com elas, acrescentava, furioso.

— Chama-a tu, fala-lhe tu! — disse Artur, muito desconsolado.

Melchior reflectiu, torceu os bigodes, aprumou a estatura, e com um olhar a Artur que significava *você verá!*, foi colar a boca à fechadura, e pondo muita sedução na voz:

— Abre lá, ó Conchinha.

A espanhola atirou-lhe de dentro uma injúria medonha.

Melchior recuou, lívido.

— Se fosse coisa minha, bebia-lhe o sangue!

E então, furioso, excitou Artur: era uma covardia, deixar-se tratar assim, por uma bêbeda! Ele pagava-a, não é verdade? Pois então era não lhe aturar caprichos. Olhe que espiga! Você é um maricas, você não tem sangue na veia — arrombe a porta.

Artur, envergonhado da sua fraqueza, ergueu-se, e disse, com decisão:

— Eu, é que tenho medo do escândalo...

— Qual escândalo! Você está no seu quarto. Quem paga é você. Ela se se faz fina — que vá para o olho da rua.

E Artur, já irritado, excitado pelo Melchior, bateu à porta, ordenou, com força:

— Abre a porta, Concha!

— *No quiero! no quiero! no quiero!* — berrou de dentro, com fúria.

— Arromba! exclamou Melchior, com os olhos injectados.

Artur, furioso, atirou um pontapé à porta — que fez lassa a fechadura.

A porta abriu-se — e a Concha apareceu em camisa, e, bruscamente, deu-lhe uma bofetada que o fez cambalear.

Melchior precipitara-se — mas a porta fora rapidamente fechada. E dentro, a Concha gritava; frascos partiam-se contra o chão; cadeiras arremessadas batiam contra a parede — e a voz aflita da asturiana dizia, quase chorando: Então *hija*! Então *hija*! Pelo amor de *Dios*.

Artur, com a cara marcada, os olhos vermelhos como carvões, ficara no meio da sala, petrificado. E Melchior, com medo da polícia, de escândalo, de *aqui-d'el-reis* à janela, calmara subitamente, muito pálido: disse mesmo agarrando o chapéu:

— Meu rico, eu safo-me, que não estou para me meter em alhadas!

Mas, a instâncias de Artur, ficou. E ambos sentados à mesa, com a garrafa de *cognac* no meio, fizeram até alta noite *grogs* frios, fumando, cabisbaixos.

931: ó Conchinha] ó Conchina
937: Você é um] Você um [*Lição conjecturada por lapso do autor*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

— Raios de mulheres! dizia o Melchior de vez em quando.

— Um desgosto assim! murmurava Artur.

E recaíam num silêncio triste.

No entanto a criada — que três ou quatro vezes, pela porta do corredor, fora abaixo, voltara, parecendo levar, trazer recados — veio, quase de madrugada, dizer-lhes, pé ante pé — que a *pobrecita* tinha adormecido.

Como era tarde, Melchior ficou no hotel: e Artur, trémulo, comovido, entrou no quarto. A Concha, encolhida na roupa, ressonava. E Artur, despindo-se devagarinho, escorregou-se entre os lençóis, pondo-lhe um beijo cauteloso no braço nu.

Acordou daí a pouco — já o dia entrava pelas fendas, — ouvindo um ruído no quarto: a Concha, de pé, abria a porta da saleta.

— Que é? disse ele estremunhado.

Ia buscar água, que estava a arder, disse ela.

Artur, prostrado das emoções, dos cansaços da noite, acomodou-se na roupa, adormeceu profundamente.

Quando acordou — deviam ser dez horas — estava só na cama. Pulou pra o chão, abriu a janela ao sol magnífico dum dia adorável. A porta da saleta estava aberta — e viu logo o *chambre* dela caído no soalho, as chinelas, uma cartoneira de chapéu aberta! Que era?, onde fora?

Ao puxão da campainha — a asturiana veio, correndo: e imediatamente, começou, com grandes gestos, a dizer que não sabia nada, não tinha visto a senhora! Que não se queria meter em questões!...

Artur, aterrado, passou um jaquetão, correu ao quarto de Melchior. Ao ouvir, estremunhado, «que a Concha saíra», sentou-se dum pulo na cama.

— Chama o Manuel!

O criado veio: fumava o seu cigarro, com a cabeça baixa, o olhito malicioso, coçando o cabelo por trás da orelha.

— Onde está a senhora? gritou o Melchior.

O Manuel olhou para um, para outro, e com as mãos na cinta, a barriga pra diante, o cigarro na boca, o olho meio fechado ao fumo:

— Então *ustês* não sabem?

— O quê, homem?

O Manuel tirou o cigarro, e torceu-se devagar, numa risada interior, muda.

— Acaba, carrasco! berrou o Melchior com uma punhada no enxergão.

— Pirou-se! fez o outro com uma voz muito aguda, de gozo!

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

— Com o Manolo — exclamou sufocado o Melchior, de joelhos na cama, os olhos esgazeados.

— Pois já *usted* vê — disse o criado, como achando perfeitamente lógico.

Melchior voltou-se para Artur, que se fizera muito branco, e com uma visagem de desprezo e furor, atirando-lhe as palavras como um escarro:

— Sua besta! Sua besta!

— Mas então, balbuciava Artur, mas então?...

O Manuel chegou-se para a cama, e com a sua voz arrastada:

— Pois o Manolo e a Conchita, já estavam colados há muito. Desde que ele começou a vir aos jantarinhos de cá de riba! Iam-se ver a casa da Paca!... Depois *usted* põe-se a fazer dificuldades. Eh! Já *usted* vê! O Manolo pelo beiço, a pequena com a paixão... Já *usted* vê!

Artur, vergado pelas pernas, deixara-se cair numa cadeira à cabeceira da cama. Adorava-a agora, aquela mulher!

— O Manolo já mandou buscar os baús! Pois era de ver! *Usted* põe-se a fazer dificuldades... Já *usted* vê.

Artur, tomado dum fluxo de saudade, escondeu a cabeça entre os braços sobre o travesseiro do leito...

— Palerma, rosnou-lhe o Melchior, que estava apopléctico de raiva.

— Coma-lhe e beba-lhe *usted*, disse filosoficamente o Manuel. Atire-lhe *usted* bons bifes pra dentro! Já *usted* vê! Mulheres! Coma-lhe e beba-lhe *usted*!

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IX

Para se consolarem, nesse dia, tinham ido jantar ao Hotel Central: mas estavam taciturnos: Artur mal comia, e mesmo achou um espectáculo grosseiro, e indigno da sua melancolia — o deleite muito expansivo com que Melchior devorou, repetiu — o *jambon d'York aux épinards*. E todavia Melchior, todo o dia estivera lúgubre: no «Século» dera de vez em quando suspiros estrondosos, que divertiam o Esteves; apesar de esforços de parturiente, não pôde produzir uma só local — e, de facto, o *jambon d'York* era sua primeira consolação, nesse dia. E limpando os beiços, disse ao ouvido de Artur:

— Parece-me que merecemos uma garrafinha de *bourgogne*.

Artur consentiu, com um gesto indiferente. Parecia-lhe que uma névoa imponderável, parda e funerária, cobria as coisas e as fisionomias: e numa grande lassidão do cérebro, via constantemente, diante, formas fragmentadas da Concha, ou de objectos pertencentes à Concha, ou de sítios, situações, que atravessara com ela: era um trabalho de reminiscência saudosa, em que procurava reviver as alegrias que perdera: tinha nos membros a moleza duma noite mal dormida, — e uma sensação de vexame: e vinham-lhe de repente, como faíscas, ódios sanguinários ao Manolo.

Os seus vagos suspiros reprimidos tinham já feito voltar um alemão de *pince-nez* e barbas doutorais, que ao seu lado descascava uma banana com método.

Como a noite estava de luar, foram, depois do café, ao comprido do Aterro.

— E amanhã é Domingo Gordo! disse com um furor sombrio o Melchior.

— Domingo Gordo, murmurou Artur com tristeza. Outros Entrudos, antigos, em Coimbra, passaram-lhe na memória, tão alegres, com as tardes da Sofia, cheia de batinas de onde saem de repente os esguichos duma gran-

13: via constantemente] via constamente
15: de reminiscência] de remeniscência

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

de seringa de latão! E os guinchos divertidos, e as lutas de ovos, e as quadrilhas à noite, no Teatro de D. Luiz, e os *grogs*!, e as felicidades! Esperava tanto divertir-se, aquele Entrudo, com a Concha...

— Uma partida assim! murmurou.

E imediatamente o Melchior enfureceu-se. E de quem era a culpa? Pra que tinha metido o espanhol de portas adentro?

— Quem podia adivinhar?

— Quem podia adivinhar — exclamou o Melchior com tanta ira, que Artur recuou temendo uma violência — Bastava ter olhos! Pra que estava o desavergonhado do andaluz, sempre no quarto? Mas você, com a sua boa fé de Oliveira de Azeméis! É necessário conhecer Lisboa! É necessário ter olho! — E, puxando a pele da face, esgazeava a órbita, junto à cara de Artur, dum modo medonho. Rompeu então em impropérios contra a Concha. Era uma bêbeda! Tinha vivido com mais nojentos. Cada palavra que dizia, era uma mentira vil. Pregava daqueles calotes a toda a gente. Era baixa de natureza — fazia-se passar pela filha dum negociante. Não estava mau, negociante: o pai era um trapeiro de Madrid, e ela fora, desde os doze anos, das que andam pela *Puerta del Sol* a chamar os soldados, para os vãos dos portões! E tinha dado uma doença asquerosa ao Conde de Vila-Rica, pobre velho!

Artur revoltou-se. Era mentira!

Melchior escandalizou-se, fez revelações, citou nomes, datas, sítios: e como um homem que vê sobrenadar sujidades nas águas dum enxurro, Artur viu passarem na verbosidade do localista todas as infâmias da Concha. Parecia-lhe incrível!

— Porque me não disse você?

— Eu não sou acusa-cristos.

E então injuriou o Manolo: se o tivesse ali, fazia-o em pedacinhos! E como o *bourgogne* lhe exaltara a loquacidade, atirando o chapéu pra a nuca, estendeu o seu ódio do espanhol a toda a Espanha, cobriu de vitupérios essa nação ilustre — que era um covil de pulhas! Bastava só olhar-lhes pra as finanças, os caloteiros! E a administração? Uma ladroeira! E o exército? Uma covardia indecente! E ainda se falava em União Ibérica! Que viessem para ele!

Calou-se um momento, — e brandindo a bengala para o céu:

— Se eu tornar a acreditar em mulheres!

42: Tinha vivido] Tinha vivi [*Palavra incompleta por mudança de linha*].
45: os doze] os 12 doze
49: Melchior escandalizou-se] Melchior escandilazou-se
63: — Se eu tornar a] — Se eu me eu tornar a

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Artur ficou petrificado. Que lhe tinha ela prometido, ou jurado, então? E viu de repente, na cólera do Melchior, não o interesse do amigo, mas o despeito do amante. O quê, também ele! Aquela suspeita foi-lhe dolorosa. E andando, em silêncio, olhava pelo canto do olho o seu perfil espesso, a sua figura grossa, o seu andar pesado – e ela dera-se, traíra-se, a um grotesco daqueles? Era de mais! Ao menos, a paixão pelo Manolo tinha a sua justificação: era bonito, era valente, era romanesco, era divertido! Mas este, o Melchior – pelintra, caloteiro, covarde, debochado, imbecil, bêbado? Pouh. Todos os defeitos do Melchior lhe apareciam agora disformes, monstruosos. Envergonhou-se da sua amizade – e do seu amor. Que amante, que amigo! Veio-lhe, como um desejo de outro meio mais limpo, mais elevado, mais digno. – E à esquina da calçada do Alecrim, despediu-se dele, secamente.

Ia decidido a esquecer a Concha. E pisando, com um pé nervoso, a rua do Arsenal, ia construindo o plano duma nova existência: arrancaria da sua ideia, como se tira da pele uma pústula, a lembrança daquela prostituta de instintos vis, infectada de vírus – que lhe preferia o Melchior, a porca! Recomeçaria a trabalhar: no fim, o seu destino era fazer obras de arte, não viver agachado nas saias enxovalhadas duma *muchacha* de bordel! Depois dos *Amores de Poeta*, escreveria outro drama, comédias em verso! Forçaria a celebridade, – como se viola uma mulher! E seria um grande homem – quando ela, abandonada do emigrado, roída de doenças, erraria, esfomeada, pelo lodo do beco do Monete! E ele teria outros amores, dignos do seu alto coração, e da sua posição nas Letras! Renovaria as relações com a Baronesa, que desleixara, idiota, por aquela meretriz de dois mil réis. Oh! – E, quando entrou no seu quarto, todo o seu futuro lhe aparecia tão reluzente de felicidade, – que pensava –: foi providencial que o estafermo se pirasse! Ainda bem! Respiro! Ouff!

Mas o aspecto do *robe-de-chambre* dela, a sua camisinha de dormir, dobrada aos pés da cama, todo o cheiro de mulher de que o ar estava impregnado – deu-lhe uma comoção tão brusca, que os seus nervos distenderam-se, uma saudade amoleceu-lhe a alma; e atirando-se de bruços sobre a cama, rompeu a chorar! Ah, mas não havia de ficar sem uma vingança! Pensou em lhe escrever uma carta cheia de todas as infâmias que Melchior revelara, ameaçando-a de lhe escarrar na cara se ela ousasse, encontrando-o, erguer os olhos para ele. Mas onde dirigiria a carta? Estaria ainda

65: na cólera do] na cólera do cólera do
81: seu destino] seu desno [*Falta de sílaba por mudança de folha*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

em Lisboa? Imaginou afligi-la de ciúmes, tomando outra espanhola, a Angelita, que ela odiava, e enchendo-a de vestidos e de jóias... Mas o dinheiro? Em cinco semanas, tinha gasto quinhentos mil réis! E com quem! Com aquela criatura vil — E este desperdício aumentou o seu ódio: acabrunhou-a de injúrias: rasgou em pedaços a sua fotografia; decidiu-se não lhe mandar os baús — ou remetendo, tendo inutilizado à tesourada os vestidos que lhe dera, e esmagado com um martelo as jóias que — ela lhe extorquira, porque lhas extorquira, a ladra!

Quis adormecer: não podia: a ideia de que ela, àquela hora, delirava, doida, nos braços do Manolo, — de que nos intervalos de lubricidade, com os corpos lassos, muito unidos, caçoavam dele, riam, chamavam-lhe o — asno do português, dava-lhe um ódio cortado dum pungente ciúme carnal — que o fazia torcer-se sobre o enxergão, dar punhadas no travesseiro. Como Melchior, odiou a Espanha. Oh, se houvesse uma guerra! Com que júbilo de vingança iria pelo país, lançando proclamações, armando aldeias, arremessando contra a fronteira massas esmagadoras de patriotas! E decidiu-se a escrever folhetins sobre a Espanha «pondo-a mais rasa que a lama!». — Foi sob estas impressões que toda a noite sonhou com invasões, e batalhas: via-se à frente de Portugal armado em massa, passando o Caia, invadindo a Espanha, à Átila, e com a fúria irreprimível de elemento, vindo abater-se sobre Madrid aterrada: aí sentia-se semideus, era Aquiles; estava nu, tinha um elmo pelágico — e arrastava três vezes em torno das muralhas, que lhe pareciam as de Tróia, entre um pranto de viúvas subindo para a mudez do céu, — o corpo branco e exangue do Manolo. Depois era em Lisboa, nas celebrações da Vitória: e aí era o Cide, tinha uma armadura refulgente de emblemas, estava num palanque que panos leves de seda cobriam — ao lado do Rei, de D. Luiz de Bragança, que tinha sobre a cabeça, enterrada até aos olhos, uma enorme coroa de Imperador da Península: e amarrada a um pelourinho, nua, torcia-se a Concha, — a quem verdugos experientes, com músculos de atletas, iam arrancando a pele às chibatadas: e defronte, a perder de vista, viam-se uma negrura de formas humanas; e eram as raças de Espanha cativas, com os pulsos arroxeados, cangas nos pescoços, — que sargentos de caçadores, torcendo o buço e meneando a chibata, iam levando para os descampados — onde deviam, plebe vil, estrumar os campos do azeite, e enxofrar as terras do vinho.

105: tendo inutilizado] tendo inulitazado
121: elmo pelágico] elmo plágico
127: e amarrada] e a amarrada
133: plebe vil] peble vil

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Quando acordou, – ao ruído da porta que abriu, – a voz do Manuel dizia-lhe:

– É a Conchita que quer os baús. Está lá em baixo o galego...

– Que não vai nada! Que não sai nada daqui – exclamou Artur, com uma violência que ainda participava do seu sonho de invasão.

Aconchegou-se nos lençóis, quis readormecer. Não pôde: faltava-lhe aquele corpo lindo, tão conhecido, que ele enlaçava logo ao acordar, ainda lânguido de sono. Saltou da cama – e penteava-se quando o Manuel, entreabrindo a porta subtilmente, adiantou o seu rosto alvar banhado de satisfação:

– O Manolo manda dizer que se os baús não vão, vem cá um polícia, ou vem ele com um chicote.

Artur voltou-se como uma fera – mas o Manuel acudiu:

– *Usted* fica mal! *Usted* dê as roupinhas! Olhe que *usted* tem transtorno.

A sua cara era-lhe tão antipática – que, para a não ver, por lassidão, por nojo, para acabar com a Concha, com o Manolo, com a canalha, vagamente assustado dum escândalo, gritou, furioso:

– Leve tudo, leve com os diabos, deixe-me!

– *Usted* está com o ferrito – disse, muito jovialmente, o Manuel.

Era-lhe tão odioso – que resolveu sair do Hotel: e como se sentia vexado diante da Mercedes, da criada, dos dois espanhóis tenebrosos, – foi nessa manhã almoçar à Áurea. Quando viu na rua as lojas fechadas, lembrou-se que era Domingo Gordo. Como o passaria?

Demorou o almoço, leu todos os jornais, a «Ilustração Francesa», e às duas horas, tomava o seu café – quando na mesa ao pé se veio sentar o Videirinha, a quem o criado, decerto habituado, serviu logo um *cognac* com um sifão.

O Videirinha cumprimentou Artur, com afabilidade – e decerto «para entabular cavaco», disse com bonomia:

– Domingozinho Gordo!...

– É verdade, Domingo Gordo... respondeu Artur.

Videirinha imediatamente se veio sentar ao pé dele, e com uma voz de pêsamos, baixo:

– Lá soube o desgosto! Sinto muito! A minha Mercedinhas também sentiu muito.

150: a sua cara era-lhe] a sua era-lhe [*Lição conjecturada por lapso do autor*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Artur ficou furioso, com a compaixão do Videirinha: respondeu, impaciente:

— Que tolice! Desgosto? Ora essa! Alívio! Eu estava farto dela.

Videirinha, não acreditando, bebeu discretamente um gole de *cognac*. E fazendo estalar a língua, erguendo muito as sobrancelhas:

— São grandes golpes, são grandes golpes. A Mercedinhas até tem estado doente...

Artur, que recordava o entusiasmo da Mercedes por Manolo, teve uma piedade desdenhosa «pela imbecilidade do calvo». Disse, com um sorriso:

— Parece boa rapariga.

Videirinha teve um momento o olhar afogado num êxtase imbecil, — e com uma voz muito doce:

— Não há melhor, não há melhor!

— E é bonita — disse Artur, que o gozava, achando-o «tipo».

O Videirinha teve um vago encolher de ombros, muito lânguido, como se exprimisse — *nem falemos nisso!*

Olhou um momento Artur, — e puxando duma carteira de marroquim, tirou, pôs sobre a mesa, um pequeno nastro enxovalhado, de cinco ou seis polegadas, que parecia uma medida. Esticou-o com os dedos, delicadamente, sobre a mesa, olhou-o com uma concupiscência beata, e disse ternamente:

— O pezinho! A medida do pezinho!...

— Muito pequenino, disse polidamente Artur.

— Não há melhor. — Contemplou-o ainda. Quando não estou com ela, ponho diante de mim a medida do pezinho, e estou horas a olhá-lo, a regalar-me por dentro. — Suspirou. Não há melhor.

Guardou, com devoção, o nastro — e inclinando-se para Artur:

— Eu ponho em si esta confiança, porque sei que é cá da confraria — amante da bela espanhola!

Esteve um momento a olhar, vagamente no ar, com paixão, e recostando-se, com as pálpebras cerradas: — Tem-me dado muita consolação!

E confiou então a Artur que lhe andava a aprender o francês.

— Agora vou-lhe eu dar a liçãozinha: anda no verbo *rendre*. Tem uma memória! Depois vejo-lhe o pezinho, estou ali a fartar-me de lho ver! Depois corto-lhe as uninhas, — corto-lhe as uninhas ao domingo. — Depois ela lê o

185-86: como se exprimisse] como exprimisse [*Lição conjecturada por lapso do autor*].
188: nastro enxovalhado] nastro enxovalho
189: delicadamente] delicamente
204*a*: uninhas] [*Mantém-se a grafia do ms., repetida logo a seguir, como provável representação da pronúncia da personagem*].
204*b*: uninhas] [*Idem*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

jornal, gosta muito de ler o jornal – e eu coço-lhe na cabecinha. Depois, se há alguma coisa a fazer na máquina de costura... Eu coso bem à máquina... Até ela me diz *oh pú-pú*... – Chama-me *pú-pú*, tem gracinha, não? Diz-me ela: *oh pú-pú*... Que ia eu a dizer?... Esta cabeça! Ah! Diz-me ela: *oh pú-pú, até dá gosto ver-te costurar*... Coitadinha, faz-me muita justiça... Depois fazemos uma sonecazinha... – Revira os olhos, – e com uma voz grave, tocando no joelho de Artur: – Meu caro senhor, digo-lhe isto porque sei que aprecia a bela espanhola. – São grandes gozos!

E como eram três horas, para a não fazer esperar, pagou o seu *cognac*, pôs com cuidado o seu chapéu branco, ergueu-se, repuxou as calças para a barriguinha saliente, – e vindo debruçar-se sobre a mesa, quase ao ouvido de Artur:

– Vamos hoje ao Casino, mascarados... A minha Mercedinhas vai muito bem, vai de *pajem*. E eu também vou bem... vou de *húngaro*. Chut. Guarde o segredo, hein?

E abalou, com o seu passinho miúdo.

Artur espreguiçou-se, folheou ainda a « Ilustração », – e pensando – pobre idiota! – saiu, foi andando até à rua Nova do Carmo. A rua estava cheia de gente que se movia, devagar, numa madracice de pasmaceira: pelas janelas, algumas com as vidraças tiradas, senhoras apareciam, fugiam, figuras debruçavam-se com um ar excitado: cartuchos de farinha estalavam, com uma poeirada branca; revoadas de feijões estalavam sobre os chapéus: sujeitos enfarinhados tinham gestos furiosos, outros seguiam com um desdém secado; aqui, além, umas máscaras maltrapilhas apareciam, com pressa, como indo num recado de negócio, ou exibindo-se, com esgares lunáticos, fazendo destoar subitamente guinchos idiotas: patrulhas rondavam: e uma atmosfera baixa, parda, pesava lugubremente, penetrando os corpos, dando às expressões um tédio mole.

Artur, receando uma cartolada no chapéu, ou esguicho na cara – insultos mais irritantes a quem tem a alma magoada – retrocedeu, rapidamente, para o Hotel. Ao passar no corredor sombrio, um vulto destacou dum vão, e esmagou-lhe, placidamente, um *ovo de cheiro* no pescoço: deu um grito, à frialdade do líquido, e voltando-se furioso, viu a face do Videirinha, banhada de júbilo:

– Foi a Mercedinhas que mandou, foi ela que mandou. Diz que é para o distrair... Tem gracinha, não? Tem-me enfarinhado todo, a Mercedinhas...

– É divertir-se, é divertir-se, disse Artur subindo para o quarto.

234: tem a] tem a a [*Ditografia por mudança de linha*].
237: do líquido] do liquindo

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Sentou-se com um livro à janela, e ora lendo, ora olhando a rua, viu cair o crepúsculo — menos triste que o seu coração. Na sombra do quarto, a coberta branca do leito alvejava vagamente — e ele via-a ali, como tantas vezes a vira, dormindo, as suas longas pestanas descidas sobre a face pálida, um dentinho húmido entre os lábios docemente entreabertos, e os dois brancos globos dos seus seios, aparecendo entre as rendas da camisinha. E aquela visão era tão nítida que, com um longo soluço de saudade, ergueu-se, arremessou-se sobre o leito, abraçando ao acaso a coberta.

Foi jantar nessa noite, à pressa, num restaurante da Baixa. E cheio de ódio contra o ruído dos trens, rolando para os teatros, contra os grupos festivos, exaltados do vinho de Entrudo, contra os pares de máscaras, de luvas brancas, — veio encerrar-se no seu quarto: desejaria um claustro de convento, ou um rochedo em que bate um luar junto a um mar gemente — um sítio distante que fosse, pela tristeza, uma decoração condigna da sua alma triste.

Fez versos, então, e com a imaginação afinada pela saudade, produziu com facilidade, escrevendo até tarde, — enquanto gritos de bêbados se repercutiam pela rua, e perpetuamente rolavam os trens, de teatro pra teatro.

Terminava alta noite a última estrofe — em que dizia que a sua vida, penetrada até às profundidades pelo amor de Concha, não teria outros amores senão — como tendas duma noite que se levantam ao alvorecer: àquela hora, no teatro de D. Maria, a Concha e o Manolo, de dominó, apaixonadamente enlaçados, giravam com furor na valsa, aos compassos da *Filha de Madame Angot*!

Ficou, ao outro dia, na cama até muito tarde — e à noite, depois de ter jantado, decidiu, para « matar o tempo », ir a S. Carlos: mesmo tinha uma vaga esperança de encontrar lá a baronesa.

Chegava à esquina do Rossio, quando viu a figura magrinha do Damião, de *paletot* alvadio, guarda-chuva no braço, que vinha conversando com o Nazareno. Que felicidade! Era, na sua mágoa, como uma consolação, uma força, uma direcção que lhe chegava: correu para ele, com os braços estendidos.

— Oh Damião!

254: rochedo em que] rochedo que [*Lição conjecturada por lapso do autor*].
269: quando viu a] quando a [*Idem*].
270: guarda-chuva no] guarda-chuva do

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Damião recuou, fitou-o, disse simplesmente:

— Eu não falo a canalhas!...

Deu um passo para o lado, travou do braço do Nazareno, e seguiu.

Artur ficou como cataléptico: queria correr, os pés pegavam-se-lhe, queria falar, a língua estava perra: e sentia como ferver-lhe o cérebro, e um calor, onde havia um zumbido, escaldar-lhe as orelhas: as luzes do Rossio faiscavam-lhe em *zig-zags*, e a gente, com um rumor abafado, parecia-lhe mover-se no ar. Dois dominós apressados empurraram-no: despertou. Os beiços começaram a tremer-lhe, as lágrimas marejavam-lhe os olhos. A palavra de Damião — *canalha!* — atravessou-lhe todo o cérebro, o rosto, os ouvidos, com o estampido, o impulso, duma bofetada. — Veio-lhe uma fúria, um desejo sanguinolento de vingança: vinha-lhe agora à língua a palavra vibrante que devera ter atirado a Damião; sentia agora nas mãos a força da bofetada que lhe devia ter dado na face... Mas aquele ímpeto, ardeu um instante, extinguiu-se como um rastilho de pólvora — e abatido de frustração, foi seguindo ao comprido das casas, para o Terreiro do Paço, inconscientemente, com passos moles que oscilavam.

Sentia um espanto, como um terror revoltado do Destino. Porque merecia tudo o que lhe sucedia? Que tinha feito? Era bom, era amante, era inteligente, era honrado — e a cada passo que dava na vida, surgia-lhe uma indiferença, um escárnio, uma humilhação, uma traição, uma desfeita! — Teve a consciência da sua fraqueza moral, da sua debilidade efeminada — revoltou-se contra si. Tinham-lhe chamado canalha, e ficara, aparvalhado, numa tremura! Teve ódio à estrutura anémica do seu corpo, à debilidade romanesca da sua alma: sentiu-se um fraco, um maricas, um trémulo, um piegas... De que servia, na vida? — Mais valia morrer, desaparecer, como uma bola de sabão que quebra, num cuspo de espuma. Para que viveria? Não tinha dinheiro, nem posição, nem uma amizade, nem um amor! Que lhe restava? — Ir enterrar-se em Oliveira de Azeméis, pertencer ao Vasco, pisar num almofariz grãos de linhaça, perpetuamente? Não! Então?... E a morte aparecia-lhe, como a doçura dum repouso, e a atracção dum refúgio. Deus fazia-lhe a vida amarga, para o desgostar dela, obrigá-lo a sair, dar lugar a outro mais forte — como numa hospedaria se desgosta o hóspede pobre, para que ele dê o lugar ao hóspede rico. Ele que compreendia tão bem o amor, não tinha uma mulher que lhe desse um olhar compassivo;

281: rumor abafado,] rumor abado,
284: o cérebro,] o cerbro
298: à debilidade] a a debilidade
306: fazia-lhe a vida amarga,] fazia-lhe amarga, [*Lição conjecturada por lapso do autor*].
308: ele dê o lugar] ele o lugar [*Idem*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

ele que sentia em si ideias, imagens, estilo, não tinha um diabo que dissesse uma palavra do seu livro, lhe desse uma migalha daquela celebridade de que tinha fome! Aproximava-se cheio de simpatia, de calor, ávido de ser útil, — recebia um empurrão! Fora direito à Sociedade, com tanta admiração por ela — e recebera, por acolhimento, alguns olhares secados, e ombros soberbamente voltados; fora à República, vibrante de entusiasmo — e tinham-no expulsado como um **traidor**, atirando-lhe assobios! A Concha, que ele adorava — safava-se-lhe! O Damião que admirava — insultava-o! De que lhe servia viver — caminhando envolvido na má-sorte, como numa atmosfera iniludível?

Um ar fresco e húmido envolveu-o: estava junto à muralha do Terreiro do Paço. O rio agitado, na maré crescente, batilhava tristemente na escuridão contra as escadas do Cais das Colunas: entre os botes amarrados, a água tinha tenebrosidades frias: vultos de navios faziam, na noite escura, redobramentos de sombras: e aqui, além, num mastro, tremeluzia um fanal mortiço. — Era só subir ao parapeito, saltar, estava livre! Seria a agonia dum momento, uma sufocação estrebuchada, goles de água engolidos, — e a paz! E então pareceu-lhe que estava morto já, que o encontravam, inchado, verde, todo coberto de lodo: reconhecê-lo-iam, e o mistério dramático da sua morte encheria os jornais, dar-lhe-ia uma celebridade: os *Esmaltes* seriam lidos, procurar-se-ia neles o segredo da sua resolução, como num documento de amargura; folhetins compará-lo-iam a Chatterton, a Gérard de Nerval; a Concha choraria, a baronesa amaria a sua memória! — E aquela glória, em volta do seu cadáver, tentava-o estranhamente: porque não? porque não? Certos reflexos mais negros da água chamavam-no, com intenções de pupilas humanas; reteve-o o horror do frio, o sentir a roupa molhada colar-lhe ao corpo, — e uma vaga inércia, como a preguiça de tomar — uma resolução tão forte: e ao mesmo tempo sentia-se enternecido, com uma saudade romanesca da sua própria existência extinta... Mas olhava a água, de pé, com a cabeça toda em febre.

Uma voz fina, muito lisboeta, disse ao pé:

— O senhor viu tirarem-me o chapéu?

Era um sujeitinho barrigudo, nédio, de repas grisalhas, — que repetiu:

— Viu tirarem-me o chapéu?

— Eu? Não — disse Artur impaciente.

316: como um **traidor**,] como um, [*Lição conjecturada por lapso do autor*].
329: dar-lhe-ia uma] dar-lhe um [*Idem*].
335: sentir a roupa] [*O autor entrelinhou* ter *para substituir* sentir, *mas acabou por não tomar uma decisão*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

— Homem, esta! Tinha-me encostado ali... Jantei em casa do Gonçalves, do Gonçalves da rua dos Retroseiros, há-de conhecer, o Gonçalves, o da Câmara... Jantei com ele, vim depois ao meu higiénico, sento-me ali um bocado, vem-me uma quebreira, talvez da pinguita do porto, o Gonçalves tem bom porto, tem bons vinhos; o sogro é negociante de vinhos... De repente sinto um friozinho na calva, tinham-me tirado o chapéu. O senhor não viu?

— Não vi — disse Artur, afastando-se, furioso daquele importuno.

Mas o sujeito pôs-se a andar ao lado dele: e com gestos curtinhos, a voz muito cantada:

— Homem, esta! Eu não é pelo chapéu, diabos levem o chapéu! É pelo ferro! — E que há-de dizer a minha senhora? Oh menino, donde vens tu sem chapéu? Ora, essa! Se as lojas estivessem abertas! Que eu não é lá pelos três mil réis. É porque não estão abertas! Senão ia ao Roxo, está claro que ia ao Roxo. O Roxo conhece-me bem... Mas que ferro! Um chapéu novo! Então não viram! Ir pra casa sem chapéu! Sempre vai uma ladroeira pela Baixa. Se fosse o lenço!, bem me importava o lenço! Mas o chapéu! É o ferro! O senhor não viu?

— Oh senhor, já lhe disse que não! — E Artur apressava-se, indignado daquela interrupção burlesca — à sua trágica meditação.

Mas o sujeito, ia-lhe ao lado, querendo acertar o passo pelo dele, loquaz, excitado: tinham entrado na rua da Prata: e o sujeito dizia:

— E depois eu sou muito conhecido na Baixa, ir por aí fora sem chapéu! E o que há-de dizer a minha senhora? Que ela é uma santa!, somos casados há vinte anos, e nunca me deu senão gostos! É dos Pereiras, é dos Pereiras de St.º Amaro! Mas enfim, ir pra casa sem chapéu! Começa logo a Joaquina — e então a Joaquina!, que é a criada, boa criada, trabalhadeira... Começa logo: — Olhe o senhor que vem sem chapéu! Pudera, se mo tiraram. Que eu é pelo ferro!...

Artur parou bruscamente, e com uma patada no chão:

— O senhor deixa-me ou não me deixa?, berrou.

O sujeito nédio, sumiu-se por uma esquina.

Artur entrou no quarto, — e num desabafo de ira, arremessou o chapéu contra a parede, atirou uma cadeira ao chão com um pontapé — e estirou-se sobre a cama, vestido, prostrado, embrutecido, com a garganta tomada de lágrimas, desejando uma doença que o matasse, um terremoto; — e adormeceu, pensando, mais consolado, que seria ridículo ter-se suicidado, porque se poderia atribuir a sua morte ao desgosto de ter sido abandonado por uma espanhola de bordel.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Acordou ao ruído de argoladas na porta. A vela, sobre a mesa, extinguia-se no castiçal; devia ser tarde: o Manuel, ou fora ao Casino, ou dormia, bêbado. Outra argolada atroou o pátio. Era talvez a Concha arrependida — ou o Damião com uma explicação! Saltou da cama, correu à varanda.

— Quem é?

— *Yo* — disse uma voz espanhola, de mulher. Ainda estremunhado, pareceu-lhe a voz da Concha! E trémulo, agarrou o castiçal, desceu correndo; não sabia se a expulsaria, se a arrebataria para o quarto, devorando-a de beijos: ao abrir os ferrolhos, as palpitações do coração sufocavam-no. A porta rolou — e achou-se defronte dum Aquiles com um capacete, túnica enxovalhada, manto escarlate flutuante, gládio ao lado, luvas brancas — que lhe gritou, com voz de máscara, ganindo:

— Eh, seu Arturzinho! Eh, pandegazinha.

Artur recuara — e o Aquiles, tirando uma máscara de bigodes retorcidos — mostrou a face luzidia e jovial do Videirinha. E atrás um pajem, com o gorro equilibrado sobre um penteado complicado, perna roliça, quadris enormes, gralhava:

— *Muchas gracias! Manol, el tio, eso! El a estado usted muy bueno? Buenas noches, gracias!*

O castiçal tremia nas mãos de Artur, pálido de desconsolação. E o Videirinha, deixando passar adiante o pajem de quadris roliços:

— Vimos do Trindade — disse ao ouvido de Artur — A Mercedinhas, fez furor com a perninha. Olhe-lhe agora a perninha.

E os olhinhos do Videirinha dilatavam-se, numa luxúria parva, — para o pajem, sobre as escadas, derreado, içando-se pelo corrimão, mostrando a cinta fina, as enormes redondezas posteriores, uma coxa bojuda, e os altos tacões das botinas de cetim verde!

O Manuel acordou-o na manhã seguinte com uma carta, de Oliveira de Azeméis. Não conhecia a letra, e abriu-a com um vago susto — pensando que era o Carneiro que fugira com os seus últimos quinhentos mil réis!

Era do Albuquerquezinho — e dizia:

« Sr. Arturzinho:

A Sabininha está mal, muito mal. Diz o doutor que está para dias, e a pobrezinha, a sua teima é ver o Arturzinho. Conta os dias e as horas, e só pede a

390: — *Yo*] — *Io*
392: se a arrebataria] se arrebataria [*Lição conjecturada por lapso do autor*].
409: pajem, sobre] pagem, que sobre

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Deus que a não mate sem que o menino volte. Pode imaginar o que isto nos aflige e contamos que venha quanto antes para os fins competentes.

Seu amigo, bem infeliz

Albuquerque.»

A tia Sabina a morrer! Santo Deus! Era o único coração que o amava – que se ia também!

Saltou da cama – gritou pela conta do Hotel. Pagou-a – restavam-lhe três libras: era o bastante para a jornada – e fazia à pressa, muito comovido, a sua mala, quando Melchior apareceu.

– Vou-me embora, minha tia está muito mal!

O Melchior ficou desapontado.

– Ora! E eu que o vinha buscar para irmos ao baile do D. Maria.

Artur mostrou-lhe a carta do Albuquerquezinho.

– Veja você! Vou esta noite...

Mas que diabo, não corria pressa, – exclamou o Melchior. Não era um perigo urgente: podia muito bem partir na manhã seguinte... Era ridículo ir na terça-feira de Entrudo. Quanto mais ele – que nunca vira o Entrudo em Lisboa!... Passava a noite no baile – metia-se no comboio de manhã. – E vendo que Artur continuava a arrumar a roupa à pressa:

– Eu, sabe você porque queria que fôssemos a D. Maria? Porque temos lá a Concha esta noite. Vi agora o desavergonhado do Manolo a falar com o bilheteiro. Estava a arranjar camarote, o pulha. Eu queria que lá fôssemos, e passear-lhe diante da cara, e rir, e falar às mulheres, e mostrar uma indiferença... Que ela estoira de raiva...

Artur torcia, o buço, olhando o baú: vinha-lhe um desejo furioso de rever a Concha, insultá-la pelo desprezo, valsar com outra espanhola, mostrar – que nem amuava, nem se afligia, nem chorava: mas que folgava, como um boi solto! Disse, com uma voz ambígua:

– Ele com efeito tanto faz ir esta noite, como amanhã...

– Está claro, exclamou o Melchior.

Artur viu de repente, longe, lá em baixo, a face da tia Sabina, com a palidez de agonia, voltando-se ansiosamente para a porta por onde ele devia aparecer...

– Fazemos um jantarinho *chic*, carregamo-nos, e viva a folia.

Por um resto de senso moral, Artur tentou resistir:

– O diabo é o dinheiro!

– Que dinheiro? Para jantar, teatro, uns *grogs* – ponha uma libra. O que tem você? Três? Restam-lhe duas... É de sobra para a jornada...

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Mas Artur necessitava uma razão mais forte, de ordem moral: foi o Melchior que lha forneceu, dizendo:

— E até talvez fizesse mal à pobre senhora, você aparecer-lhe assim de repente...

Era verdade, era isso! Podia-lhe fazer mal. Mandaria primeiro um telegrama a dizer que ia... Boa ideia, a do Melchior!

E foram, nessa tarde — depois de terem visto, no alto do Chiado, o enfarinhamento pândego, de pessoas «da primeira sociedade» — foram jantar, dizendo «que a ida de Artur podia matar a pobre velha».

Não encontraram a Concha em D. Maria: — Mas Artur, que bebera abundantemente, «para se pôr à altura», segundo a frase do Melchior, tinha agora um desejo fogoso de a ver. Foram à Trindade, a S. Carlos: sondavam os camarotes com binóculo: viram a Paca, a Lola, a Carmen, penteados que denunciavam andaluzas: não a viram a ela!

— Que o diabo a carregue! disse o Melchior com ira. Está no choco com o canalha do federalista. Vamos ver as cancanistas ao Casino — e a Concha que vá à...

E atravessando para o Casino, praguejava alto de indignação.

As janelas do baile flamejavam: um grupo de gente pobre, estacionava à porta, com olhares duma inveja triste para as janelas alumiadas e sonoras, para as máscaras apressadas: os dominós de paninho mostravam à extremidade das mangas mãos grossas de ofício, e por baixo, uma extremidade de calça pelintra com uma bota cambada: e sons de instrumentos de metal sobressaíam em cima, vagamente, no *brouhaha* contínuo e no rumor do soalho batido.

No bengaleiro encontraram Carvalhosa com o jovial deputado Abreu, de fala algaravia, que depositavam as suas *badines*.

— Vem-se à Saturnal! — disse pretensiosamente o Carvalhosa.

— Às cancanistas, exclamou o Melchior, já excitado do ruído do baile, em cima.

— Perneemos! Perneemos! ganiu aflautadamente, e dum modo espremido, o ilustre Abreu, da maioria, que parecia avinhado.

Subiram. O salão estava cheio, abafado, dum calor morno, que parecia feito de exalações de suor: a luz crua dos lustres do gás feria as cores claras, duras, das paredes, da decoração, ressaltava, fazendo flutuar uma radiação

472-73: — e a Concha] — e a a Concha
478-79: extremidade de calça] extremidade calça [*Lição conjecturada por lapso do autor*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

quase espessa: no estrado, o regente agitava furiosamente a batuta, impelindo as vagas estridentes duma instrumentação grosseira — e uma multidão de *paletots*, de chapéus altos, de dorsos curvados de curiosidade sôfrega, fazia concentração em volta do *can-can*. Artur, excitado, penetrou, e esganiçando o pescoço, em bicos de pés, pôde ver as francesas: eram quatro, e destacavam pelos seus cabelos loiros, ou cor de manteiga: uma baixinha e roliça, vestida de marinheiro, com o chapéu de oleado para a nuca, o pescoço papudo à mostra, os quadris enormes apertados, a estalar numa calça branca, saracoteava-se, com movimentos que lhe faziam saltar, na camisa azul, os seus cinco odres mal cheios: outra, leve, esguia, endemoninhada, vestida à húngara, pulava com grandes gestos de magricela, batendo furiosamente o soalho com os altos tacões das suas botas orladas de peles: a que estava mascarada de vivandeira, parecia pesada, velha, meneava-se por dever, gravemente: — e a mais admirada era a bacante, uma grande loira, de formas soberbas, que punha nos olhos em redor, um vago brilho de concupiscência burguesa. Trabalhavam em fila, numa quadrilha, com quatro gangarolas, — um *pierrot*, que parecia desengonçado; um *chicard*, que fazia flutuar as abas enormes da sua casaca grotesca, apanhando-as com gestos torpes, lançando-as para o seu enorme nariz de papelão, com dois montes de crepe loiro sob as ventas; o terceiro era um homenzinho roliço, com um capacete de bombeiro donde subia um longo penacho escarlate; e o outro, amador português, tinha um dominó de paninho, e sem fôlego, debatendo-se como doido, com o capuz caído, mostrava uma guedelha suja toda empastada de suor. Em redor gozava-se: havia nos rostos uma dilatação lúbrica e hílare: *bravos* partiam às pernadas mais arremessadas; as cabeças apertavam-se, na admiração babosa do *chic* estrangeiro: velhotes, de lábio pendente, arregalavam olhares, que lambiam as formas das pernas, dos peitos, as cores dos cabelos: trocistas avinhados excitavam-nas com — *Eh!, eh! Viva!, larga!* E a bacante, sobretudo, entusiasmava: como o tirso a embaraçava, tinha-o posto nos braços dum sujeito gordo, de luneta de oiro, que o conservava, imóvel, com respeito e orgulho — e, com as mãos livres, a criatura delirou: adiantava-se com as mãos na cinta, o peito pra diante, o que lhe punha os seios em relevo, com um gingar frenético dos quadris, e balançando-se atirava a perna até ao penacho do bombeiro — que sacudia os braços como um boneco epiléptico, dando *ehs!* agudos! Só a igualava o *chicard*: adiantava-se de esguelha, atirando para fora os quadris, num arqueado canalha, agitando os cotovelos furiosamente, com movimentos torpes da barriga, recebia no

509-10: lançando-as para] lançando para [*Lição conjecturada por lapso do autor*].
520-21: tinha-o posto] tinha posto [*Idem*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

queixo o sapato do marinheiro, redondo como uma pata, e como ferido, atirava as mãos pra o chão, dava uma cabriola: mas repulava sobre os pés — e então, numa sussurração de deleite em redor, os quatro pares, enlaçando-se, redominhavam num galope desesperado.

Mas o bombo bateu os compassos finais — e o *can-can* terminou, entre uma vozearia, palmas: a sala ficou, até aos cantos, cheia duma multidão que se mexia devagar, como uma massa mal decomposta. As francesas arquejantes, eram seguidas de grupos sôfregos, apaixonados; em redor da bacante, para a tocar, a palpar, a ver de perto, havia empurrões, pragas; um sujeito, não se contendo, agarrou-lhe as tranças: a criatura, furiosa, deu-lhe uma bofetada; houve alarido: e um polícia sonolento, descolando-se da ombreira da porta, adiantou-se, rolando os bugalhos dos seus olhos prateados e imbecis.

Artur errava por entre a gente: havia uma poeirada, suspensa no ar: um cheiro de suor errava, com um cheiro de paninho tingido: dominós entreabertos deixavam ver calças ignóbeis; toda a prostituição barata mostrava as formas, duma gordura balofa, ou duma magreza esfomeada; havia *vivandeiras*, *noites* com véus de crepe, *pajens*, outros cobertos de vestuários confusos, duma pelintrice triste: nos ombros decotados viam-se mordeduras de pulgas: os braços tinham os cotovelos coçados, calejados da posição habitual debruçada na varanda; falava-se com uma excitação ansiosa, estonteada, bestial; bêbados provocavam; e nos pares unidos, sentiam-se as paixões mórbidas de bordel.

Quase sufocado, Artur veio atirar-se para o sofá, no patamar: a multidão passava, repassava, com um arrastado pesado de solas: gente, abafada, abanava-se, vozes de máscaras ganiam; e na sala de jogos, por vezes, o pião chinês em movimento punha o seu grande zumbido surdo.

— Isto está brilhante! veio dizer-lhe o Melchior, com os olhos excitados. Vamos nós mascarar-nos, ó menino?

Estava todo orgulhoso de ter passeado pelo braço a bacante: prometera-lhe uma local; falava de ceias, uma «grande orgia»; e pedindo meia libra a Artur para fazer face aos *grogs*, desapareceu.

O Carvalhosa passou, com as mãos enterradas nos bolsos; parou diante de Artur:

— Então, o poeta do ideal, aqui neste covil de luxúria?

Artur sorriu, lisonjeado.

531: então, numa] então, uma
531-32: enlaçando-se, redominhavam] enlaçandam-se, redominhavam

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

— Perneemos, perneemos! ganiu o Abreu da maioria, que seguia atrás, devagar, aprumando-se com esforço, satisfeito de si, e que parecia não poder extrair outra palavra do cérebro embrutecido.

Artur sentiu, então, um desejo de movimento, de alegria, de troça. Desceu ao café, «aquecer-se com um *grog*».

As mesas do botequim estavam cheias, numa algazarra: dominós desmascarados absorviam *cabazes*, *grogs*: as vozes agudas dos criados retiniam; bengalas furiosas nos mármores das mesas reclamavam álcool: sem pudor, pares amancebados da noite, beijocavam-se, palpavam-se: Artur não pôde obter o seu *grog* — mas o cheiro de fêmea, os tons dos ombros nus, o vapor quente dos *grogs*, com fio de limão, — excitou-o, deu-lhe uma vibração de lubricidade. E ia procurar o Melchior, para se mascararem, quando o viu aparecer com a bacante pelo braço, rubro de vaidade, o peito alteado.

Então, como o Melchior conhecia o criado, o Bento, obtiveram, a um canto duma mesa, três *cognacs*. O localista apresentou Artur como «um grande poeta». Estavam cercados duma fumaraça de cigarros, dum ar morno: sentada num mocho, com as pernas magníficas estendidas, a sua pele de tigre caindo sobre a linha dos rins, numa atitude orgulhosa, escutando vagamente Melchior que, num francês medonho, lhe fazia declarações. Artur admirava-a, cheio de desejo: os seus olhos eram dum pardo escuro, grandes, duros; os lábios eram tão vermelhos que pareciam sanguinolentos: e havia nos seus membros fortes, nervosos, alguma coisa de ondulado e vibrante que lembrava o movimento dum tigre: e bebendo o seu *grog*, erguia muito o copo, voltando a cabeça para trás, o que punha em relevo a linha da garganta muito branca, duma brancura de loira, e as formas rijas e soberbas do seio. Ela olhara-o duas vezes: passara-lhe negligentemente os dedos pela face: e aquele contacto dera-lhe, da nuca aos calcanhares, uma vibração de concupiscência: o seu vestuário pagão excitava-o: vinham vagas ideias de mitologias clássicas: pensava em Baco, levado num carro atrelado de tigres: e nos mistérios de bosques sagrados, onde bacantes, por um céu de tempestade, se apossam dum poeta de membros de efebo, e o deixam exausto, sob carícias devoradoras, no irritante solo de tamborins, sob os bosques de cedros. Não se atrevia a falar-lhe — e fumava, comendo-a com os olhos acesos. Em redor, a algaravia aturdia: havia copos quebrados; uma altercação pôs a uma mesa um delírio de berros; dois indivíduos engalfinhados rolaram no chão: uma mulher ganiu: dois municipais intervieram com uma brutalidade pretensiosa.

582: orgulhosa,] orgulhosa, de [*Por mudança de página, o autor não escreveu a palavra regida pela preposição* de].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Mas o Melchior insistia com a bacante para dançarem uma *polka*: falava-lhe com os olhos arregalados, roçando-se por ela, todo tonto do cheiro das suas formas fortes. Ela enfastiou-se, e, repelindo o *grog*:

— *Assez, mon bonhomme, assez!*

Levantou-se, agarrou o braço de Artur, e com uma pirueta arrastou-o.

— *Il m'embête, ce gros-là!*

E deixaram o Melchior, furioso, vasculhando as algibeiras, a procurar troco para o Bento, rosnando obscenidades.

Mas a bacante levara Artur, para o salão de entrada — onde espelhos alternavam com arbustos, numa decoração pelintra: quis saber o nome dele: riu muito:

— *Arthur! J'ai trouvé un Arthur ! C'est mon Arthur!*

E passeava ao comprido do salão, junto dos espelhos, para onde lançava a cada momento um olhar, com os movimentos lentos, ondulados, que lembravam sempre a Artur, o passear dum tigre: e vinha-lhe uma sensação estranha, que o entristecia, lhe fazia perder o sentimento real da vida, do lugar em que estava — vendo passar, no fundo azulado dos espelhos, o seu *paletot* escuro junto àquele corpo de bacante clássica.

Mas ela declarou-se arrepiada: encolhia-se no seu *maillot*: quis beber outro *grog*, chamou-lhe *Arthur, son chéri*. Cheio de vaidade, ele não duvidou que lhe inspirara um capricho. A bacante bebeu o *grog* dum trago, sem uma visagem: no seu olhar flutuava um embaciado de bebedeira; e o seu queixo grosso ajuntava à sua expressão uma intenção bestial. Quando Artur pagou o *grog* — ela tomou todo o troco, e atirou-o negligentemente ao criado, que se curvou em dois, dizendo:

— Obrigado à madama.

A bacante então quis ir falar à outra francesa de *marinheiro* — que a uma mesa, entre homens, cantarolava « *Quand les canards s'en vont à l'eau* », com uma voz nasal e canalha — que extasiava caixeiros inflamados. E Artur, aproveitou um instante para correr, alugar um dominó: voltou entusiasmado, no largo vestido de paninho, que lhe comunicava, pelo seu cheiro de carnaval, uma petulância de máscara: vendo o Carvalhosa, agarrou-se a ele, fê-lo rodar, gritando-lhe ao ouvido, com uivos:

— Eh, ilustre orador.

O deputado, repeliu-o com tédio:

— Eh, bruto!

608: vasculhando as] basculhando as
633: uma petulância] uma pelutancia

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Artur, um pouco bêbado, ia injuriá-lo, enumerar-lhe as tolices dos seus discursos – vingar-se de todas as amarguras que ele lhe causara – quando viu a bacante passar com um sujeito de jaquetão, que tinha uma bengala de castão homicida.

Seguiu-os pela escada, desesperado, com um ciúme bruto. O de jaquetão passava o braço pela cinta da bacante, e com a sua mão grossa e escura ia-lhe coçando os rins, falando-lhe sobre o pescoço. Artur tinha um desejo agudo de o insultar, arrebatar-lhe a bacante: receava o bengalão, facadas de fadistas, os municipais. E muito contrariado, torcia o forro das algibeiras sem uma decisão, andando em volta dela – quando um polícia, aproximando-se do de jaquetão, fez-lhe observações sobre a bengala: o homem desculpou-se, desceu rapidamente ao bengaleiro. Mas já a bacante, abrindo os braços molemente, gritava com uma voz avinhada:

– *J'ai perdu mon Arthur!*

Ele precipitou-se – e como a orquestra rompera a *polka*, lançaram-se na sala, enlaçados. Era a primeira vez que Artur dançava. A bacante, bêbeda, indiferente ao compasso, pulava ao acaso, com grandes pernadas, arrastando-o, levantando-o quase do chão, colando-o contra si, soprando alto, com o olhar doido. Artur agarrava-se a ela, todo excitado de desejo: a sala parecia-lhe oscilar vagamente: as cabeças dos pares, – guedelhas, capuzes de dominós, capacetes, chapéus de camponesas, – agitando-se num ritmo pulante, entonteavam-no.

– Basta, basta, dizia.

Ela não escutava, muito lançada: a pele de tigre despregou-se-lhe dos ombros; atirou-a a um sujeito que, boquiaberto, a admirava: e livre, com o seu grande corpo, todo em relevo, ia, em reviravoltas furiosas, pateando o soalho sonoro. Artur julgava tê-la toda nua nos braços – e à bestialidade do desejo, misturando-se ao estonteamento das voltas – sentia-se desmaiar, e parecia-lhe, um pouco enjoado do *grog*, que era sobre o seu estômago que o tambor ressoava.

Pararam, arquejantes: a bacante quis beber: e desceram as escadas, de rajada, acotovelando gente grave.

Encontraram o Melchior abancado com uma vivandeira magrinha, que parecia prudente e metódica: e os dois amigos, depois de se terem a um canto, consultado sobre os fundos, decidiram uma ceia, num gabinete.

A toalha estava já toda manchada de vinho –: uma espinha de linguado arrastava. E a bacante, toda em suor, a grande massa dos cabelos descomposta, atirou-se para o sofá de estofo esgaçado, e torcendo os braços, reclamava Artur. Ele atirou-se de joelhos, disse-lhe frases líricas; queria levá-la já,

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

oferecia-lhe, em espanhol, o lugar, a posição da Concha. Ela ria do seu francês, mas jurava-lhe que o *adorava*.

— *Je t'adore!* — e ficava com a boca aberta, prolongando as sílabas, num idiotismo bêbado.

Examinou-o então, quis saber se era sólido: apalpou-lhe os braços, as barrigas das pernas: depois expôs as suas belezas, disse que fora modelo, — e agarrando Artur pelo pescoço, rolou-se com ele pelo *divan*. A vivandeira, com os beiços franzidos, parecia escandalizada. Além disso, o Melchior parecia esquecê-la; roçava-se pela bacante, com os olhos acesos, furtava-lhe beijos no pescoço. A vivandeira, por fim, enfadou-se:

— O que os senhores quiserem menos indecências.

E como o Bento entrava com bifes de cebolada, abancaram. A ceia foi longa. — A bacante, que misturava *cognac* no *champagne*, tinha uma loquacidade doida: cantou cançonetas obscenas, declarou-se republicana, deblaterou contra a religião. De resto, disse, em Paris tinha carruagens e os seus amantes eram príncipes: Artur sentiu uma enfatuação imensa. Mas o que ela queria agora, declarou, era a orgia, o vício, o crime! E ria, beijava Artur, esguedelhava Melchior, — dizia finezas à vivandeira, que a olhava sem compreender, fascinada da *verve*, chocada da troça.

Mas sem razão a bacante enfureceu-se: os seus olhos tinham uma violência escura: amaldiçoou sua mãe; gabou-se de ter em Marselha esfaqueado um amante; agarrou uma faca, ameaçou Artur.

Melchior, pálido, começava a assustar-se.

— Tolices não valem, tolices não valem.

E a vivandeira, apanhando rapidamente o seu *kepi*, o barrilinho e as luvas, dizia:

— Eu em alhadas não me quero achar, sou uma rapariga sossegada. Os senhores podem tirar informações...

Mas a bacante, subitamente calma, começou a comer, com uma gula afectada, risadas sem motivo, metendo os dedos no molho, limpando-os aos cabelos de Artur. E Melchior, tranquilo, recomeçou a gozar.

— Hein, meu amigo, bela pândega, e queria você ir pra Oliveira de Azeméis...

Artur sentiu uma pancada no coração: reviu, de repente, a casa, lá longe, o quarto da tia Sabina, e a face agonizante sobre o travesseiro de folhos engomados: uma campainha tocava na rua, vozes entoavam o «Bendito»: era o padre Joaquim com os sacramentos, seguido de vizinhos de opas escarlates; e no quarto, cheio do terror da morte e dos aparatos de agonia, corriam as lágrimas de Ricardina, cruzavam lugubremente as ora-

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

ções de Joana. Para expulsar esta alucinação, bebeu dum trago um copo de *cognac*: — e quando saíram do gabinete, cambaleava, e com uma voz entaramelada jurava à bacante que havia de casar com ela.

Mas, ao chegarem ao salão de baile, a quadrilha final começara: e o *can-can* electrizante de *Orphée aux Enfers* fez-lhe reviver a excitação. O baile tinha um aspecto de troça bêbeda: gente desmascarada tinha expressões de fadiga imbecil, outros agitavam-se, bruscos, de mau-humor violento: só alguns, roucos de gritar, absurdos, iam balbuciando pilhérias. Artur, diante da bacante, debatia-se furiosamente: o álcool dava-lhe a raiva dos movimentos convulsivos; punha uma cólera no bater dos pés, um frenesi no agitar dos braços; o capuz do dominó caíra-lhe; o botão do colarinho saltara: e com a face lívida, manchada, suada, torcia-se numa demência, soltando uns ganidos. Mas ao som estridente do *can-can*, o galope começou: era uma confusão amarfanhada de corpos engalfinhados, arremessando-se, desengonçadamente, com pulos arquejantes, patadas desesperadas no soalho: uma poeirada sufocava: o regente, com o colete repuxado, o que lhe fazia aparecer a camisa na cinta e a orla das ceroulas, agitava a batuta, impelindo os agudos. A espaços, nos ritmos mais pausados, toda aquela grossa multidão, se balançava, tomando fôlego, com uma vasta aspiração arquejante, — mas então os compassos electrizantes partiam: o regente desengonçava-se: faces inchadas sopravam os clarinetes: — e os agudos das flautas, e os vivos das rabecas partiam, impelindo o galope, como chicotadas sonoras atiradas aos rins da canalha. E arremessavam-se: caudas descosiam-se: as tranças postiças caíam sobre as costas, penduradas por um gancho: vozes agudas gritavam na exaltação impetuosa; e turcos, Aquiles, dominós, pastorinhos, fadistas, prostitutas, bêbados cambaleantes, iam num tropel de troça esbandalhado, com um desengonçamento demente, num turbilhão circular, — enquanto o ponteiro negro já marcava, gravemente, a primeira hora triste de quarta-feira de cinzas.

A última sensação clara de Artur, é que entrava numa tipóia, com uma mulher, — e, doido do álcool, abraçado a ela, num frenesi, procurava mordê-la: ela repelia-o, socava-o: ele arremessava-se, — e lutavam, esguedelhando-se, enquanto a tipóia rolava a grande trote, nas ruas já claras, onde as leiteiras iam tocando as suas vacas.

Quando acordou, ao meio-dia, achou-se deitado num cubículo escuro, de cheiro infecto: o seu olhar estremunhado, vagamente inconsciente, fitava-se numa cortina escarlate, que a luz duma saleta, fora, trespassava: estava

718: entaramelada] entramelada
738: arremessavam-se] arremação-se
751-52: fitava-se numa] fitavão-se numa

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

em mangas de camisa, com os botins calçados: ao seu lado, uma mulher estirada, ressonava alto. Esteve um momento como entorpecido, sem memória, – ouvindo, fora, alguém mexer em louça, chinelas arrastarem-se. Então o baile, o *can-can*, a bacante, – reviu tudo, nitidamente, como na véspera, à luz crua do gás: sentia um mau gosto na boca, uma dor na nuca: e tinha a certeza, sem a ver, que a criatura a seu lado não era a bacante, e que devia ser medonha, com um hálito pestífero, batida e suja. Como viera ali, àquele catre, de que sentia um enxergão de palha mole? E quase tinha medo de saber, de ver: achou-se bem naquela escuridão, com todo o corpo derreado, uma sonolência vaga errando-lhe no cérebro, nas pálpebras. E então, imóvel, com os olhos cerrados, – como se nas trevas bestiais em que o seu espírito estava ainda afogado, uma aurora espiritual se levantasse devagar, começou a pensar, a *ver* diante de si, toda uma paisagem do Mondego por uma tarde de Verão: os salgueirais, espessos, onde a sombra está enleada, e adormecida, os pássaros chalram alegremente: nas colinas, duma doçura suave de linhas, casas branquejam: sob o céu dum azul claro, murmuroso, o rio corre, com um vagar saudoso, numa toalha límpida onde pedaços de areia reluzem: alguma coisa de doce, discreto, terno, erra no ar subtil: e, devagar, o bote, onde negrejam batinas, vem bater debaixo dos chorões, contra a entrada melancólica da Quinta das Lágrimas: e então ali via-se passeando com amigos, na doçura pacífica da tarde clara, falando de poetas, recitando versos, ou calado, perdido nalgum cismar que é poético e nobre. Depois via, um pedaço da estrada de Oliveira de Azeméis a Ovar, onde, no fundo de terras baixas, um regato corre, entre altas ervas, todo escuro da sombra que derramam árvores debruçadas: uma frescura eleva-se, da água, da erva verde: e sentava-se ali, com um livro, cheio do enternecimento que lhe davam aquela florescência fresca e as águas humildes: patas de insectos riscavam a superfície do ribeiro quase parado: os musgos cobriam as pedras do seu aveludado tenro; e florezinhas azuis, roxas, tímidas, pequeninas, a que não sabia o nome, davam um vago aroma agreste, – às vezes, madressilvas agitadas dum movimento de ar, faziam errar o seu perfume adocicado: um silêncio doce, só com algum gotejar de fio de água, dava um abrigo terno a uma alma delicada – e a sua, dilatava-se ali, enchendo-se da serenidade das coisas, cobrindo-se de transparências, e exalando, como um aroma próprio, uma simpatia ascendente...

De repente a mulher, ao seu lado, saltou para o chão, e com passadas moles que faziam ranger o soalho, foi beber água ao jarro: espreguiçou-se, ainda equilibrando-se mal no chão, e correu a cortina escarlate: uma luz larga entrou – bateu nos olhos de Artur – e ficaram pasmados um para o outro, sem se conhecer, tristes.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Artur, sem uma palavra, saltara para o chão, e enfiava o *paletot*, que estava atirado pra os pés da cama: a mulher apertava atabalhoadamente uma saia, com tonturas ainda, que a faziam, momentos, encostar a mão à parede, soprar forte.

Artur tinha agora uma curiosidade, em que havia uma repugnância, de saber se tinha beijado aqueles beiços ainda roxos do vinho da véspera, e tocado aquele corpo mole, caído, gasto, que exalava um cheiro mau: não se atreveu a perguntar-lhe: não disseram uma palavra; a mulher vestia-se à pressa, – e Artur, remexendo nos bolsos, atirou prà mesa, a pagar a hospitalidade, os seus últimos dez tostões. Era tudo que tinha. Depois procurou o chapéu: mas não aparecia: a mulher então, disse, com uma voz rouca, como se lhe faltasse a campainha da laringe:

– O senhor deixou-o talvez no baile, no alugador de fatos.

Mas como ela mesma se mascarara de homem – pôde dar a Artur o chapéu que usara, – um chapéu desabado, imundo, com o fedor no forro, sem fita, e todo pisado de solas de botas.

Quando entrou no Espanhol, ouviu vozes baixas no patamar, ao pé da janela do saguão. Era o Manuel, que parecia de mau humor, e que falava a duas mulheres vestidas de preto. Mas, vendo Artur:

– Olhe, – disse logo à mais idosa – fale com este senhor, este é um amigo. Este lhe dirá.

A mulher ergueu para Artur um rosto pálido, macerado, que fora bonito, e onde se sentia a passagem constante de lágrimas e vigílias cansadas de trabalho.

– É a mulher do Videirinha, disse o Manuel, encolhendo os ombros.

A mulher pôs de leve a mão no braço de Artur, como para o reter, para o implorar – e com uma voz triste:

– Se V. S.ª conhece, podia-lhe ir dizer... Há três dias que não aparece em casa. Vive aqui com uma mulher... Eu não tenho um bocado de pão, nada que empenhar! Mato-me a trabalhar... Soluços sufocaram-na um momento... E vendo Artur olhar a outra, mais nova, com uma face doce e triste: – É a minha filha. Tenho mais dois pequenos, e uma menina de três anos, que está doente... Nem para um caldo tenho... Não me dá um real do que ganha no emprego! Eu não quero importunar... Queria só que ele me

809: se lhe faltasse] se faltasse [*Lição conjecturada por lapso do autor*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

desse alguma coisa, pouco que fosse, eu poupava-o... Só para ter um bocado de pão, em casa...

Artur, rebuscava maquinalmente nas algibeiras. Ela tocou-lhe outra vez no braço, com dignidade:

— Não, não pedimos esmola... Queria só que V. S.ª lhe falasse, lhe dissesse que estou aqui... Dez tostões que fossem... — As lágrimas correram ao comprido do seu nariz amarelo e afilado.

O Manuel, então, interveio:

— Já lhe disse a *usted*, o Videirinha está a dormir! Não gosta que o vão incomodar... Já *usted* vê.

— Mas sou sua mulher, é sua filha — disse ela, toda trémula de indignação, de vergonha.

— Já *usted* vê... Se o Videirinha não gosta.

A rapariga, então, puxou pelo chale da mãe: e com a voz comprimida, toda desfalecida de vexame:

— Deixe lá, minha mãe, vamos...

A ideia daquela criatura bonita e honesta com fome, deu a Artur um fluxo de indignação.

— Espere um instante, disse.

Galgou as escadas, foi bater, com força, à porta da Mercedes.

— Que é? perguntou a voz do Videirinha.

E imediatamente, dando a volta à chave, apareceu, estremunhado, a face inchada, gordinho, em camisa, mostrando o peito cabeludo e grisalho, medonho.

— É sua mulher, sua filha — disse Artur, que odiou aquela figura roliça e imbecil.

O Videirinha fez um grande gesto:

— Fale baixo, amiguinho! A Mercedinhas está a dormir! Veio mais cansadinha! Que querem elas, que querem elas? Nem pode uma pessoa gozar a vidinha em sossego!...

— Querem um pedaço de pão — disse Artur, que sentia desejos de o esbofetear.

O Videirinha coçou a calva: parecia furioso: deu uma punhada colérica na coxa: e em bicos de pés entrou no quarto. A janela, cerrada, tinha as frestas desenhadas à luz de fora, da rua: na penumbra, vagas brancuras de saias destacavam, e saía de dentro um cheiro de abafado, de suor, de pó-de-arroz, e de deboche.

O Videirinha, sempre em bicos de pés, voltou então, meteu quatro tostões na mão de Artur — e agarrando-lhe a manga, ao ouvido:

— Veja se as impõe, amiguinho! Que se a Mercedinhas sabe! E ela então, que embirra com cenas! Está a dormir como um anjinho... Viemos

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

do D. Maria às três horas!... Fomos cear ao Mata... E com a pinguinha de *champagne*, ela ficou!... Ai que noite, amiguinho, que noite!

E puxava-lhe pela manga, ávido de contar, gabar-se de concupiscências. Artur desprendeu-se, enojado.

Quando a mulher em baixo recolheu os quatro tostões, teve-os um momento na mão aberta com um sorriso amargo. À face pálida da filha, subiu uma cor de vergonha.

— Eu sinto... balbuciou Artur.

— Deus lho pague, disse ela simplesmente. Chega para um bocado de pão.

O Manuel passava, reflectidamente, a mão pelo queixo:

— Já *usted* vê. O Videirinha tem bom fundo... É babado pela pequena, é o que é...

Sem uma palavra, as duas mulheres cumprimentaram Artur, e muito juntas, como para se esconderem uma com a outra, encolhidas nos seus pobres vestidos negros, desceram sem ruído.

Artur subiu ao quarto, — e empurrou as portadas da janela, como se a presença de outras fachadas, da rua, da cidade, lhe causassem asco. Despiu-se, com nojo, do fato amarfanhado do baile, e da cama da outra, — e daí a pouco, prostrado, dormia.

Quando acordou, o quarto estava escuro — como se fora já tivesse caído o crepúsculo: havia um grande silêncio no hotel, e então ouviu, vindo dos lados do Rossio, um rufar de tambores, compassado, monótono — em que se sentia o crepe que os cobria. Escutou, meio erguido: o som, distante, parecia adiantar-se muito devagar: mas instrumentos de metal, como velados pela distância, ressoavam, em compassos lentos duma marcha fúnebre. E aquilo vinha com uma lentidão aparatosa de funeral. Então, de repente, pensou na tia Sabina, — lá, longe: talvez àquela hora, um enterro pobre saísse da casa, com a cruz alçada adiante, e o caixão curto de velha pequenina, levado pelos irmãos da Misericórdia!... E sem um real para partir!

Os sons fúnebres aproximavam-se. Então saltou da cama, cobriu-se à pressa, correu à janela: uma tarde parda, enevoada, triste, pesava: gente de escuro debruçava-se pelas varandas: e ao longe, no Rossio, negrejava uma multidão: no espaço livre da rua lajeada de pedrinhas miúdas, duas fileiras de tochas, de chama triste na tarde nublada, caminhavam, em préstito: tons roxos de opas sucediam-se: e ao fundo, com um balanço leve, a impulsos ligeiros, uma cruz negra, com um enorme Cristo branco crucificado, adian-

908: caminhavam,] caminhão,

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

tava-se, alto, no ar: distinguiam-se os longos cabelos lúgubres, caindo sob a coroa de espinhos, a toalha alva enrolada à cinta: e sem cessar, com tonalidades lúgubres de tambores, a marcha fúnebre, abafada, ressoava. Era a Procissão de Cinzas.

Então, a troça pandilha do Casino flamejou um momento na sua memória: teve como a sensação funerária, duma grande penitência – espalhada na cidade, ainda quente do deboche do Entrudo, nas fachadas ainda mascarradas de ovos, nas faces ainda amarelas das noitadas, no ar onde devia flutuar ainda a poeirada fina dos cartuchos de pós. Na sua sacada em baixo, a Mercedinhas, também, com uma manta vermelha pela cabeça, ajoelhava-se compungidamente. Então, sentiu o desejo de se entristecer também, de se misturar ao arrependimento da cidade, de receber de perto as emanações expiatórias dos andores e das tochas. Enfiou um *paletot* à pressa, calçou os botins – e quase correndo, foi postar-se à esquina, penetrando nas massas de gente. O pálio roxo passava, entre lâmpadas erguidas altas; debaixo, um grupo, onde reluziam oiros de capas, e branquejavam sobrepelizes, adiantava-se, com pompa, entre um fumo leve de incensos. E os compassos funerários da marcha espalhavam-se, na tarde triste, sobre as cabeças nuas, curvadas, da populaça ajoelhada. Artur, dobrado, penetrado dum vago terror, sentindo passar alguma coisa de Deus, pediu na sua alma, seguindo com os olhos o Cristo crucificado – que a tia Sabina não morresse. E então, a figura dum irmão, que marchava, dum modo austero e solene, ao pé do pálio, com a sua tocha erguida, atraiu-o instintivamente: e como o irmão voltou a face para a gente ajoelhada, Artur, boquiaberto, reconheceu o Videirinha!

Nessa noite foi ao «Século» procurar Melchior. Tinha uma pressa inquieta, quase aflita de deixar Lisboa: a cidade causava-lhe horror: e aspirava a Oliveira de Azeméis, como um homem prostrado de cansaço, e enlameado da jornada – ao recolhimento do seu quarto e ao conforto das suas chinelas. Se Melchior não lhe pudesse dar as dez libras – que lhe devia – ao menos que o ajudasse a arranjar dinheiro num agiota!

Melchior escrevera ao Esteves que não podia vir naquela noite:

– Há-de estar ainda a cozê-la – disse o Esteves, interrompendo o seu eterno assobio.

Artur foi a casa dele: a patroa, uma bela pessoa de quarenta anos, «não vira o Melchiorzinho desde o Sábado Gordo».

928: marcha espalhavam-se,] marcha espalhavão,
933: atraiu-o instintivamente:] atraiu-o instinctavamente:

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

– Ainda cá não pôs os pés – nem pra mudar a camisinha do corpo.

Então Artur, escreveu num café, uma carta ao Meirinho, em que lhe pedia, com circunlóquios afectuosos, o pagamento das dez libras, que lhe emprestara, e foi dá-la ao porteiro do Universal, – que pareceu admirado de o ver:

– Então por onde tem andado?

– Estive fora, disse Artur.

– Pois está mais magrinho! Está mais magrinho!

Ao outro dia, voltou ao «Século».

– Ainda não se dignou aparecer, – disse-lhe logo o Esteves.

Artur sentou-se a esperar por ele, lendo os jornais, ao pé da janela: lembrava-se, vagamente, duma outra manhã, havia meses, em que naquela mesma cadeira, esperara também, enquanto o Melchior fazia rascunhos de locais!... Ele estava então em toda a vibração da esperança: chegava de Oliveira de Azeméis, ia ser célebre, pelos seus poemas, ia encontrar-se com a linda criatura de vestido de xadrez; a vida era-lhe fácil, larga, doce – tinha no seu baú, em bons cartuchos, um conto e quinhentos mil réis: e, lá longe, a amizade da tia Sabina seguia-o, da pobre tia Sabina que agora agonizava – sem que ele tivesse sete mil réis para correr a dar-lhe o último beijo! Como tudo mudara! Até o tempo – que nessa outra manhã era luminoso e vivo, e agora nublado, pardo, lúgubre – menos que o seu coração.

A porta abriu-se – e o Savedra entrou: remexeu negligentemente os jornais, compondo, com as suas mãos calçadas de luvas verdes, os cristais das lunetas, disse um adeuzinho com os dedos a Artur, passou para o seu gabinete. Não mudara, aquele! Tinha sempre a mesma face balofa, satisfeita, o mesmo peitilho de camisa lustroso e importante – e seguia na vida, imperturbável, contente, escrevendo todas as noites as mesmas banalidades, e as mesmas mentiras, naturalmente feliz, como o pintassilgo que chalrava na janela fronteira.

– O Melchior tarda, disse ele. E então, resolveu ir procurar o Meirinho.

Mas não ousava entrar-lhe pelo quarto, a pedir-lhe dez libras. Foi primeiro ver ao Espanhol se havia uma resposta dele à sua carta humilde. Nenhuma. Voltou ao Chiado, muito infeliz. Foi duas vezes quase até à porta do Universal, mas um acanhamento enleava-o; adiava – e, enfim, reflectindo, para se animar, que a tia Sabina contava os instantes, já à beira da morte – decidiu-se a entrar, muito nervoso. Perguntava por ele ao porteiro – quando o viu descer a escada, com o peito alto, a barba correcta, um ar de benevolência, as abas do *paletot* forrado de seda deitadas para trás,

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

badine na mão muito apertada em luvas claras. Apenas viu Artur, parou, numa hesitação curta – mas adiantando-se para ele, sem transição, com a fisionomia grave:

– Sinto que o cavalheiro se tivesse incomodado por uma bagatela. Nunca imaginei que eu lhe inspirasse tão pouca confiança...

Artur acudiu:

– Pelo amor de Deus! Não, é que realmente estou sem vintém. Quero-me ir embora, minha tia está mal...

O Meirinho teve um sorriso incrédulo, amargo:

– Percebo perfeitamente, receou perder a sua conta... Fitou o chão, e com uma voz quase solene: Tenho quarenta e cinco anos, tenho vivido no estrangeiro, tenho visto tudo, sou conhecido – e nunca sofri uma afronta...

– Pelo amor de Deus, Meirinho! Acredite. Eu era só...

Meirinho curvou-se:

– Bem, se não foi com intenção ofensiva, se foi irreflectidamente, destas coisas que se fazem à toa, sem antever as consequências, – perfeitamente. Não falemos mais nisso. Somos amigos, jantámos muito tempo juntos, fomos ambos à sociedade – quero conservar de si boas recordações. Não falemos mais nisso. Então divertiu-se no Carnaval?

– Sim, disse Artur muito vexado, sim, diverti.

Meirinho passou a mão pela barba, e com as pálpebras meio cerradas:

– Tivemos uma deliciosa *soirée costumée* em casa da senhora Marquesa de Folhes. Delicioso!... Eu fui de Henrique IV. Fizeram-me o favor de apreciar, de elogiar. Fazem-me o favor de me estimar...

E ia andando para a porta. Artur, enleado, vermelho, não ousava falar agora em dinheiro.

– Apareça, disse-lhe o Meirinho, acendendo o charuto ao fósforo que lhe oferecera o guarda-portão. Apareça! O Padilhão tem uma imitação nova. Soberba! O «Gato do Telhado»; uma obra-prima!

E desceu a rua, a cabeça alta, o peito cheio, vergastando o ar com a *badine*.

Já não podia partir essa noite, se não encontrasse o Melchior, ia pensando pelo Chiado. Outro dia perdido!

Por um hábito antigo – deteve-se um momento à porta do Baltreschi: estava parado, defronte, um *coupé* com o cocheiro, grave, correcto, de casaca branca: imóvel, junto à portinhola, um trintanário, muito amarelo, acariciava as luvas vermelhas. Uma senhora, ao balcão, comia, limpando com

1006: *soirée costumée*] *soirée costumés*

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

um lenço, nos beiços, migalhas de folhado: era baixa e grossa, parecia grávida: quando voltou para o *coupé*, o caixeiro seguia-a com um embrulho de papel pardo. Uma pobre, então, adiantou-se com a magra mão estendida, uma criança doente embrulhada no seu chale preto: e enquanto a senhora grossa lhe dava dez réis com um gesto de nojo — Artur pôde ver-lhe a feição: era tão trigueira que parecia mulata: e na sua carinha pequena, de feições amarfanhadas, torcidas, os olhinhos, que tinham caspa nas pestanas, pareciam apenas dois buraquinhos negros... Içou-se para o *coupé*, com dificuldade, — e a parelha trotou, subindo o Chiado. O caixeiro, que ficara à porta, cumprimentando, disse então alto pra dentro, para o balcão:

— A *charlotte russe*, às cinco horas, para a senhora baronesa, a S. Bento.

Artur teve um sobressalto.

— Perdão, disse, pondo a mão no braço do caixeiro. Quem é esta senhora?

— É a senhora Baronesa de Paradas, uma que mora a S. Bento.

Ficou petrificado. Oh! E fora àquele bicho que ele mandara o seu livro de versos! Fora para as janelas dela, que ele mandara toda a sua alma, na adoração dos seus olhos! Eram as paredes da sua horrível casa, que lhe tinham feito bater, tão docemente, o coração! Caiu-lhe na alma o vexame da sua existência: achou-se grotesco; — e não podia fugir, livrar-se daquela estúpida cidade, onde tudo o torturava agora, por falta de sete mil réis!

Então, num desespero, voltou ao «Século». Pisava o lajedo das ruas com raiva: tinha vontade de empurrar, maltratar, a gente de ar pacífico e satisfeito! Odiava agora Lisboa dum ódio múltiplo, pueril, absurdo. Chegou esfalfado ao «Século». O Melchior ainda não aparecera.

— Eu, a minha ideia, disse tranquilamente o Esteves, é que o homem está no Limoeiro.

Veio-lhe então uma fadiga enervada, uma indiferença hostil. Veria, sem pestanejar, perecer a humanidade. Voltou ao Hotel, — e jantou só, lugubremente, diante dos dois espanhóis tenebrosos.

À noite, saiu, sem destino. Não tinha dinheiro, nem para tomar um café!...

E então, vendo o teatro de D. Maria iluminado, foi errar um momento, dentro no peristilo: leu os cartazes; bebeu um copo de água, no botequim; e saía com as mãos nos bolsos, cabisbaixo — quando diante dele, passou, rápida, uma senhora, pequenina, com uma saída branca de teatro, uma

1023: o caixeiro seguia-a] o caixeiro seguia
1028: nas pestanas] nas pestanhas
1030: — e a parelha] — e o a parelha

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

grande cauda de seda escura. – Reconheceu-a logo: era ela! era ela! A senhora vestida de xadrez. Atrás, com a gola do *paletot* erguida, vinha o marido, o de bigode loiro, com o leque, o binóculo, um ramo. Viu-a subir para as frisas, – e então, com a sensação dolorosa duma facada, veio-lhe a ideia de que não tinha dinheiro para um bilhete! Rangeu os dentes de raiva. Mas talvez Melchior estivesse no « Século ». Galgou a rua, arquejando. Não estava, nem o Esteves, nem o Savedra, ninguém a quem pudesse arrancar cinco tostões! Desceu, como uma pedra que rola, ao Espanhol, a pedir ao Videirinha. O Manuel, assobiando, levantava a mesa.

– O Videirinha saiu agora mesmo. Já *usted* vê!

Mas a dona do Hotel poderia bem emprestar duas placas – a quem gastara ali centos de mil réis! Perguntou por ela.

– A Senhora? A Senhora está para o Campo Grande, com a cunhada.

Então, desesperado, Artur, perdeu o pudor: e chegando-se ao Manuel, pondo-lhe a mão no ombro:

– Oh Manuel, tu tens aí quinze tostões?

O Manuel abriu os braços, desolado.

– Nem um chavo. Tinha dois mil reizinhos, e dei-os agora mesmo ao Videirinha para ir à batota. Já *usted* vê. Senão era à ordem. Já *usted* vê.

Que maldição! Veio-lhe uma ideia: ir ao Férin, ao livreiro, onde o conheciam, ver se se tinham vendido alguns exemplares dos *Esmaltes e Jóias*: chegou lá, quando as portas se iam fechar; e com face abrasada de vergonha, interrogou baixo, à parte, o caixeiro.

A sua voz ansiosa revelava tanto a necessidade, que o caixeiro deu-se a um grande trabalho, procurando nos livros, desejando encontrar algum assentamento: e foi com pesar que o bom rapaz lhe disse:

– Não, não se tem vendido nenhum... Também tem sido dias de festa.

Voltou ao « Século », pela quarta vez, já envergonhado. Na redacção deserta, o gás ardia, silenciosamente. Então, suado, sem respiração, com os pés doridos das caminhadas, voltou a D. Maria: talvez estivesse alguém conhecido num camarote, ou encontrasse o Meirinho, o Padilhão, o Carvalhosa, alguém. Pediria dinheiro mesmo ao Roma! – porque agora que a não podia ver, afigurava-se-lhe, o quê!, tinha a certeza, que se ela o visse, o reconhecesse, o seu destino todo mudaria! O amor dela tornar-se-ia a sua força, o seu fim, a sua direcção: voltaria a Lisboa com os seus quinhentos mil réis, refugiar-se-ia numa trapeira, gastando-os avaramente, tostão a tostão, – e trabalharia, faria um grande livro, *furaria*! E a sua consolação única, naquela existência pobre e laboriosa, seria alguma carta recebida, um olhar

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

de longe no Chiado, ou uma entrevista rápida com um beijo fugitivo — como outrora Rafael e Elvira! Oh, devia vê-la, com todos os diabos!

Um acto começara — quando ele foi humildemente pedir ao porteiro das cadeiras, se lhe dava licença de entrar um momento para ver « um camarote ». O homem, grave no seu *bonnet* de galão, abriu o batente verde — e viu-a logo, numa frisa defronte, com o seu perfil pálido e doce, que o vestido escuro fazia mais tocante: todo o antigo amor se precipitou na sua alma, agitando todas as sensibilidades passadas — como uma rajada que, entrando numa sala, agita papéis, bambinelas, e as franjas da roupa de mesa, e dá a tudo uma vibração viva. Tinha um medalhão sobre o peito! Uma madeixa fofa, leve, caía-lhe sobre a testa dum polido de marfim. E os seus olhos grandes, doces, negros, fitavam — sobre o palco. Eram aqueles olhos que ele queria que se voltassem para ele: puxava-os, atraía-os, magnetizava-os: mas não se moviam, pregados numa horrível criatura, de vestido de seda amarela, que no palco torcia os braços, com esgares da boca. — Então sondou a plateia, com um olhar que adquirira uma sensibilidade extrema, procurando, ansiosamente, uma face amiga, conhecida. Ninguém: nos rostos, vagamente pasmados, não reconheceu senão — o velhote que em casa da D. Joana Coutinho lamentava a religião das massas.

— Viu? disse o porteiro, baixo.

— Um momento — suplicou Artur.

E olhou-a, ainda, com toda a alma nos olhos! Oh, por piedade, que se voltasse um momento! Era a paixão, o sacrifício, o amor, a fé, — tudo o que há de doce, e elevado — que ali estava, a um canto, por trás do braço do rabecão, a implorar, uma coisa bem simples — que voltasse devagar os olhos para ali. Mas não os voltou. O monstro de vestido amarelo dava brados medonhos. E ela admirava-o, — o seu corpete arfava — enquanto o marido, ao lado, catava, um a um, os pêlos do bigode.

— Então viu? disse o porteiro impaciente.

— Obrigado, vi.

Saiu, alquebrado, envelhecido. Entrou devagar no Hotel, subiu ao seu quarto. E então de repente, lembrou-lhe que podia ter levado algum fato, a uma casa de penhores!... Mas era tarde, sentia-se prostrado, enervado, com um tédio de tudo, e um desejo de dormir muito tempo, indefinidamente, numa imobilidade de morte! Atirou-se para a cama, — e chorou baixo, com a cabeça enterrada no travesseiro.

1121: uma coisa bem] uma bem cousa bem
1129: uma casa de] uma de [*Lição conjecturada por lapso do autor ao mudar de página*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Ao outro dia, enfim, encontrou o Melchior no «Século», com o ar compenetrado duma felicidade secreta, torcendo com satisfação os enormes bigodes.

— Onde esteve você, homem? gritou-lhe Artur.

— No choco — disse Melchior. E não se quis explicar.

Quando Artur lhe contou as suas aflições — e que queria partir, por força, nessa noite — o Melchior mordeu os beiços, e coçando a cabeça:

— Homem, eu não tenho agora as dez libras.

— Não falemos nisso, Melchior. O que quero era alguém que me vá pôr no prego, fato, as pistolas do Meirinho...

— Pronto, pronto! exclamou o Melchior, agarrando o chapéu. Se é isso. Pronto. Vamos ao Chiado procurar o *Rei Bamba*!

Mas não o encontraram: um rapazola coxo disse-lhes que devia estar no Baldanza: no Baldanza, o Gregório jurou, pela honra de sua mãe, sempre exagerado, que o *Rei* fora ao largo de Camões, num recado. Ao largo de Camões, um cocheiro afirmou tê-lo visto subir, — e até por sinal, bem torto! — para a rua de S. Roque. Apanharam-no ao pé de S. Pedro de Alcântara, inteiramente bêbado, mas grave, misterioso, de falas sepulcrais, escutando com um ar profundo. Prometeu ir ao Espanhol daí a meia hora buscar a trouxazinha. Foi muito pontual — e vinha mais bêbado. Levou o *robe-de-chambre* de veludo, a casaca, o binóculo, as pistolas, — tudo metido num saco de roupa suja. Melchior e Artur foram esperá-lo para a porta da Áurea. Quando voltou, passados três quartos de hora, já não podia falar: mas equilibrava-se com dignidade, e depositou, misteriosamente, na mão meia aberta de Artur, um embrulho com onze mil réis. Recebeu a «espórtula» — e saiu devagar, acabrunhado.

Então, quando sentiu o dinheiro na algibeira, Artur teve subitamente uma vaga saudade enternecida, de Lisboa, da vida que deixava. A cidade, coberta dum bom sol, com os seus cartazes nas esquinas, as lojas dos livreiros abertas, as carruagens rolando, parecia-lhe ser o único lugar possível para uma existência inteligente: se não vira a senhora de vestido de xadrez na véspera, poderia vê-la outras vezes! Nunca o Melchior lhe parecera tão afectuoso, e achava de repente nas fisionomias que passavam, um vago tom inesperado de simpatia. E comovido:

— Ao menos pela última vez, jantamos juntos, Melchior.

O localista, então, pareceu, pela primeira vez, considerar, — que Artur partia. Enterneceu-se. Que ferro! Quando eles começavam a entender-se, a travar amizade, a estimarem-se!... — Foi ele mesmo ajudar-lhe a fazer as malas,

1142: pistolas do] pistolas no

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

a embrulhar as botas em jornais. Em baixo, no quarto da Mercedes, que tinha a janela aberta, tocava-se guitarra. O Melchior deu um olhar às paredes, aos móveis, e lembrando decerto a Concha:

— Ah, quartinho, quartinho!

Artur, que acamava com cuidado a sua sobrecasaca azul, suspirou: reunindo agora os objectos dispersos pelo quarto, recebia de cada um uma recordação brusca, duma felicidade: um programa do Price, lembrou-lhe a primeira noite em que lá foi, para se encontrar com a Concha, que viera em companhia da Paca: ainda então não viviam juntos, e amavam-se! Um colarinho da Concha, trouxe-lhe quase lágrimas aos olhos: guardou-o devotamente, a um canto do baú. E depois eram cartas da Imprensa, o bilhete de visita de D. Joana Coutinho, velhos pares de luvas *gris-perle*!...

O jantar, no Cruz, foi triste. Que diferença do primeiro jantar, no Universal! E então, vieram-lhe outras recordações, daquele Inverno: — a pândega ao Dafundo, as noites de S. Carlos, nas torrinhas, com a Concha... Artur sentia a garganta presa. E Melchior, lúgubre, teve de repetir o paio com ervilhas, porque, disse, — era um petisco que lhe fazia bem à alma.

— Mas você volta, Artur?

— Se o drama for, venho aos ensaios!

Como, se o drama for? Isso ficava por conta dele! — E o Melchior batia compenetradamente no peito. — É que não largava o empresário! Em quinze dias tinha ele uma resposta em Oliveira de Azeméis!

— E de resto, se sua tia morrer, e lhe deixa a cheta, têmo-lo cá outra vez.

Artur não hesitou em dizer — que então, estabelecia-se em Lisboa. E, pensava na pobreza da tia Sabina, pobre, doce criatura, que o que tinha era coração!

— Lisboa, amigo, disse o Melchior, resumindo, é o consolinho das almas! — E escorropichou o copo de termo.

Vieram ao largo de Camões tomar uma tipóia, para os levar a Santa Apolónia. O cocheiro era ainda o *Teso*.

— Pra o Dafundo, meu amo, exclamou logo.

— Não, pra o Espanhol, disse Artur, satisfeito de ver que o *Teso* o reconhecera — e aquilo aumentou a sua saudade de Lisboa.

O Chiado, muito claro, estava na sua hora viva. E Artur, direito no assento, ia devorando com os olhos — os lugares que amava, — a Casa Havanesa, a janela do seu quarto lá em cima no Universal — que ferro ir-se! — e o Baltreschi, com os *lunchs* às duas horas, e o Godefroy onde compra-

1208: o Godefroy] o Godefroid

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

va frasquinhos de feno pra a Concha! Ah! O cartaz de S. Carlos, fez-lhe morder o beiço de comoção: revia o lustre, o largo palco, os coros; outras carruagens passavam, com librés, indo para lá! E ele partia!...

— É verdade, disse de repente o Melchior, que fez você com a francesa?

— Não sei, homem, achei-me ao outro dia, só, com um diabo duma criatura que nunca tinha visto. E você?

Então Melchior estendeu os pés no assento de diante da caleche, e encolheu-se, com gozo, sem responder.

— Diga lá, que fez você?

Melchior soprava, imóvel, o seu charuto, numa ruminação túmida de gozo.

— Diga lá, que diabo!

— Regalei a carninha! soltou por fim.

Mas tinham chegado ao Espanhol. Artur subiu ao quarto: — e enquanto o Manuel descia o baú, ficou um momento imóvel olhando, as paredes, o leito onde dormira tantas semanas com a Concha, a varanda onde ela se encostava, o espelho onde o Pancho remexia as suas tranças negras.

— Acabou-se!, disse por fim, descendo.

Quis então dizer *adeus* ao Videirinha: mas o Manuel disse-lhe que o Videirinha fora à batotinha. Artur então ia deixar-lhe um bilhete de visita — mas lembrando as duas mulheres de negro, no patamar de escada — meteu, rapidamente, os bilhetes no bolso.

— Quer *usted* que eu lhe diga alguma coisa?, disse o Manuel.

Artur respondeu:

— Dê-lhe dois pontapés no abdómen!

O Manuel vergou-se, mastigando uma risadinha. Estava todavia sentido pela partida de Artur — e quando ele ia a entrar para a carruagem, não se conteve, tomou-lhe a mão, e sacudindo-lha:

— Já *usted* vê. E quando *usted* voltar, cá tem a bela amizade!

Artur deu um olhar às janelas do seu quarto em cima — e o *Teso* bateu.

Quando chegaram a Santa Apolónia, teve apenas tempo de comprar o bilhete para a bagagem — correr para a plataforma. Faltavam dois minutos, no relógio transparente.

Então Artur, depois de acomodar a sua maleta, — estendeu os braços a Melchior.

— Adeus, meu velho.

Melchior apertou-o, comovido, beijou-o na face. A tanta simpatia, os olhos de Artur arrasaram-se de lágrimas. E sacudiam-se desesperadamente as mãos, com palavras trémulas.

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

— Pra a vida e prà morte.

— Obrigado, obrigado.

Um homem de *bonnet* de galão passou.

— O comboio vai partir, meus senhores.

Artur, cheio de lágrimas, precipitou-se para a carruagem.

— E vá-me ao empresário, Melchior.

— Amanhã! Logo pela manhã.

Mas o comboio não partia: gente chegava correndo: carretas de bagagem rolavam: soldados equipados de mochilas, procuravam, embrutecidos, uma terceira classe: um eclesiástico parecia doido, vagueando ansiosamente, com uma chapeleira de cartão azul: e sem descontinuar a máquina soprava adiante.

Melchior, com a mão apoiada à portinhola, mascava o charuto. Não falavam — com uma vaga impaciência de se separarem, enfim. Artur pensava, vagamente, na sua partida de Oliveira de Azeméis, nos adeuses do Rabecaz: e parecia-lhe já vê-lo, na Corcovada, debruçado sobre o bilhar, de perna no ar, dando carambolas catitas.

A máquina silvou.

Apertaram-se ardentemente as mãos, ainda.

— Adeus!

— Adeus!

— Não esqueça o empresário!

— Amanhã.

— E escreva.

— E você!

O trem rolou devagar. E então Artur, debruçando-se ansiosamente fora da portinhola:

— Oh diabo! Oh Melchior, você trouxe o embrulho?

— O embrulho? Ah, o embrulho! — remexeu na algibeira, e correndo ao comprido do comboio, cuja velocidade aquecia, estendeu o embrulho a Artur, que o arrebatou sofregamente. — Eram dois pares de luvas pretas, e um *plastron* negro, que comprara nessa tarde, e que levava para Oliveira — para usar coisas *chics*, coisas de Lisboa — no luto da tia Sabina.

1249: Pra a vida e prà morte] Pra a vida e pra morte
1251: *bonnet*] *bonet*

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

X

Daí a três dias, à noitinha, Artur saía de casa para ir pela primeira vez à Corcovada.

A tia Sabina tinha-se enterrado na véspera da sua chegada. Os três dias de nojo tinham passado: e como nessa noite os soluços da tia Ricardina prostrada às escuras no oratório, e os *ais* da Joana pelos cantos, lhe tinham feito parecer a casa mais lúgubre — decidira, por distracção, ir um bocado ao bilhar.

O primeiro que o viu quando ele empurrou a porta envidraçada, foi o João Vicente, que se ergueu com os braços no ar, berrando:

— Viva o janota!

O Rabecaz correu do bilhar, e arremessando o taco, ergueu-o ao alto, num abraço frenético: pessoas que não conhecia ergueram-se, vieram-lhe apertar a mão — e Artur, radiante, reconheceu que a vila inteira o considerava um *grande homem*!

A mesa a que ele se sentou ficou logo cercada dum grupo ávido de o escutar, de o ver, de lhe examinar o fato: havia em redor três filas de mochos: e velhos pacíficos, de chale-manta ao ombro, punham, de longe, a mão sobre a orelha, para lhe escutar as opiniões. Teve de descrever a sua chegada, a redacção do «Século», o Universal, S. Carlos, as Câmaras, as *soirées* da sociedade. Um queria saber o que se dizia do Ministério; outro parecia devorado de curiosidade sobre os bailes de máscaras; outro, baixando a voz, pedia, e já que estavam ali só homens, alguns detalhes sobre *pequenas*. Artur prodigalizou informações, opiniões, anedotas. Alguns que tinham visitado a capital, escutavam-no com o vago sorriso de entendedores, opinando com a cabeça, rosnando:

— Tal qual! É isso mesmo! Era o mesmo no meu tempo... Bem se vê que o amigo conhece Lisboa.

5: pelos cantos,] pelo canto,

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Foi para Artur uma hora cheia, triunfante, muito gozada. Soltava a cada momento os nomes de homens ilustres que entrevira; e dizia «o meu amigo Roma», «uma vez estava eu com o Carvalhosa...», «então o Conde de Vila-Rica, disse-me...».

E nas fisionomias em redor espalhava-se uma admiração respeitosa. Obrigaram mesmo dois jogadores obstinados de bilhar a interromper a partida, porque o som das carambolas, a voz do marcador, fazia interrupções irreverenciosas. Artur estava já, por fim, um pouco rouco de falar. O Rabecaz, solícito, disse com autoridade:

— Está bom, deixem-no agora, deixem-no agora. Não o macem mais.

E ergueu-se, desarranjou-se a fila de mochos, arrastou Artur, apossando-se dele, — e declarando alto «que tinha coisas particulares a dizer-lhe», levou-o para o cubículo das ceias. Mas então, um sujeito levou um momento Artur a um canto, e pediu-lhe um empenho para um ministro; outro agarrou-o pela manga, e decerto deslumbrado pelas narrações, quis saber o que era necessário desembolsar para gozar um mês a capital. Rabecaz zangou-se. Que diabo, que deixassem o rapaz, tinha coisas importantes que lhe dizer. E ia-o enfim levando para o cubículo — quando o senhor Cardoso, que era considerado janota, o levou para uma mesa afastada, e aí, delicadamente, pediu-lhe se era possível ele mandar-lhe vir de Lisboa uma «boquilha como essa». E mostrava, com veneração, a boquilha por onde Artur fumava um charuto de tostão — que em nome dos amigos lhe oferecera o João Vicente.

Enfim, o Rabecaz obteve-o para si só — e fechando a porta do cubículo:

— Irra, maçadores!

E ali, a sós, conversaram intimamente até às duas horas da noite.

Artur gozou então, alguns dias, a celebridade. Tinha começado com a publicação da notícia no «Século»: a Corcovada foi obrigada a assinar o «Século» porque os frequentadores, considerando-o como a crónica oficial de Artur, queriam seguir nele as suas glórias. O Vasco dependurara a sua fotografia na botica. O Carneiro dizia agora alto, por toda a parte — «que a Assembleia se honraria muito, em o ter no seu seio.» A Assembleia, mesmo, vira-se já obrigada a comprar seis exemplares dos *Esmaltes e Jóias* — porque apenas um era posto na sala de leitura, era logo roubado por um dos sócios. Atribuía-se isto, a que todas as senhoras queriam ler o volume. Esses roubos consecutivos tinham mesmo dado lugar, na Assembleia, a controvérsias escandalosas.

43: necessário desembolsar] necessário desembolçar
57: considerando-o como] considerando como [*Lição conjecturada por lapso do autor*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Na missa, na Praça — era muito observado. Reparou-se mesmo nas olhadelas, que não cessava de lhe dardejar, em todos os lugares públicos, a gorda esposa do Dr. Azevedo. O administrador do concelho, no dia em que o encontrou, foi o primeiro a tirar-lhe o chapéu.

Mas a sua hora triunfante era na Corcovada. Tinha um lugar reservado que se chamava a *mesa do Artur*. Era o juiz, o árbitro, o decididor de todas as questões de eleições, de literatura, de *toilette*, de interesses locais, de política estrangeira, e de casamentos. Mas o que o deleitava era perorar, narrar os lados íntimos da vida de Lisboa — *soirées* aristocráticas, ceias artísticas; punha nas descrições mais imaginação poética, do que usara para compor os *Esmaltes e Jóias* e os *Amores de Poeta*. Gostava de deslumbrar aqueles burgueses, fazendo-lhes ver a vida literária mais brilhante, para parecer ele mesmo mais interessante: afirmava que os literatos em Lisboa eram tudo: davam a lei, iam ao Paço, governavam *tilburys* e esposavam condessas. E não era difícil aos que o escutavam acreditá-lo, vendo os ministérios povoados de antigos poetas líricos.

Uma noite um velho que nunca saíra de Oliveira, tendo sido sempre de constituição delicada, e hábitos caseiros — perguntou-lhe se era certo o que se contava, que os literatos tinham ceias — em que havia danças de mulheres nuas ao som de charangas.

Em redor diziam: «Ora seu Albino! Que ideia.»

Mas Artur interpôs-se, com autoridade:

— Não, — não direi mulheres nuas — mas lá que são magníficas orgias, isso sim! Há orgias deliciosas!...

O Rabecaz exclamou, batendo-lhe no ombro:

— Nós é que o sabemos!

Artur sorriu com complacência.

O Rabecaz tomava naquelas conversações uma parte eminente: o seu prazer, era fazer-lhe perguntas sobre gente de Lisboa que só eles dois deviam conhecer — o que, perante os outros, os isolava numa importância elegante e superior.

— O Melchior ainda mora aos Cardais, a Jesus? Com quem vive a Lolita? Quem vai agora ao Paula? O João Gordo ainda se embebeda? E o velhote, como se chama ele?, ah, o Conde de Pisães, ainda está sempre em casa da pequena?...

Artur respondia — mesmo quando ignorava.

67: olhadelas] olhadelhas
73: que o deleitava] que deleitava [*Lição conjecturada por lapso do autor*].
80: não era difícil aos] não era aos [*Idem*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

E o Rabecaz, recostava-se, como afogado de saudade:

— Ah, Lisboa! Lisboa!

— Grande terra, murmurava-se em redor, com respeito.

E Artur retorcia o bigodito, com satisfação. Mas, em contraste com aquela alegria da Corcovada, que melancolia em casa! A pior hora era a do jantar: a tia Ricardina, apenas via o lugar de Sabininha vazio, começava a choramingar: e então, voltava a história da sua doença, dos remédios que tomara, das cautelas do Dr. Azevedo, o que ela dissera, o que falava do Arturzinho — até ao último dia, em que já moribunda ainda repetia: «que ingrato, que ingrato!».

E na saudade de Ricardina havia uma vaga irritação — como escandalizada de que Sabina morresse, deixando-a só, sem ninguém para conversar, e para lhe fazer companhia no quarto. À noite, o Albuquerquezinho ainda vinha, com o «Comércio do Porto» no chapéu, fazer as suas paciências: mas tinha um ar tão arrenegado e impertinente — que apenas o sentia na escada, Artur escapava-se, ia ao quarto dar uma penteadela no cabelo, e já em bicos de pés descia a escada, enfiava para a Corcovada.

Se tivesse foi querido (e foi esta a opinião do Rabecaz), o Artur podia ter aproveitado aquela popularidade, para tomar uma posição na vila: mas contentou-se em perorar no botequim, prodigalizar anedotas, e dentro em pouco, viu — a curiosidade que despertava diminuir, e os pequenos interesses da localidade retomarem nas conversações, nas preocupações, a sua importância grave. Na Corcovada, já estavam acostumados ao «grande homem». Já não era centro de grupos. O bilhar retomara a sua feição pacata, caturra: as facécias do João Vicente, um momento pouco atendidas, recomeçaram a ser saboreadas, com gozo. E mesmo a Corcovada, muito fina, não renovou a assinatura do «Século». E agora a única satisfação de Artur era, como outrora, cear com o Rabecaz: tinha-lhe contado, com os detalhes mais íntimos, os seus amores com a Concha. O Rabecaz interessava-se, com concupiscência, naquele romance: inha pedido uma descrição do corpo da Concha — e ouvira-a, com um ar de profunda reflexão, de conhecedor, a testa franzida, o olhar fixo:

— Bom tornozelo, hein?

— Lindo...

108: voltava a] voltava a a [*Ditografia por mudança de folha*].

112: Ricardina] Ricardinha

114-15: o Albuquerquezinho ainda vinha,] [*Nas primeiras versões do romance (ms. A, ms. B), Albuquerquezinho era um amigo das tias de Artur e visitava-as todas as noites, lendo-lhes o jornal; apenas no imp. EB passa a ser hóspede da casa. Recorde-se que o presente manuscrito, B, é anterior ao imp. E*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

– Sim? hein? – E escarrava grosso. – E a barriguinha da perna?

– Adorável.

O Rabecaz, tinha um aceno de assentimento:

– Sim, todas as espanholas têm. A pele fina, não?

– Um cetim!

– Sim! – Dava outro escarro grosso: e ia percorrendo assim o corpo de Concha.

As narinas dilatavam-se-lhe de sensualidade àquelas revelações. Gozava a Concha, nas descrições de Artur – e, quando tinha aquelas confidências, não se podia separar dele, acompanhava-o até casa, roçando-se por ele – como se lhe sentisse nos cabelos, no fato, o cheiro de espanhola.

Mas lentamente – como um verniz muito usado perde o brilho – aquelas conversações embaciaram, perderam a frescura nova. Artur, começou a enfastiar-se na Corcovada, onde já não tinha nada que contar, ninguém para deslumbrar: a casa, lúgubre, lutuosa, desolava-o: e as saudades de Lisboa voltaram, muito amargas. Tudo lá lhe parecia agora bom – até as aflições de dinheiro que sofrera. As amarguras, quando perdera a Concha, ao menos tinham uma alta feição sentimental, romântica: lá, vivia, ainda que contrariado: aqui, bom Deus, bocejava. A cidade, a distância, aparecia-lhe mais nobre, mais bela: atribuía agora as contrariedades que sofrera aos seus próprios defeitos: se não fosse tão tímido, de abatimento tão fácil – poderia chegar a ser íntimo de D. Joana Coutinho, e retomar o seu lugar no *Club* Democrático. Devia ter perseverado, insistido, conservado a vontade erecta, – e teria *furado*! E vinham-lhe agora desejos de agarrar os seus quinhentos mil réis e voltar a Lisboa, viver com economia, nalguma casa de hóspedes, retirado, num quinto andar. Mas esperava, para se decidir, a resposta do empresário, e do Melchior – a quem escrevia longas cartas cheias de estilo, pintando-lhe romanticamente a sua tristeza, e fazendo a caricatura literária dos frequentadores da Corcovada.

E no entanto, para ocupar o seu espírito vazio, procurou tornar a interessar-se, a amar a senhora vestida de xadrez: mas, apesar dos esforços que fez para evocar o antigo sentimento, sentiu que todo o amor por ela se tinha desvanecido: passava dias sem se lembrar dela: depois, de repente, pensava – que *era necessário* amá-la, tê-la sempre presente no coração, e com efeito, conseguira forçar a memória a ocupar-se dela toda uma manhã: depois distraíra-se, e a sua imagem, como um gás que se destapa, evaporava-se insensivelmente.

158: ter perseverado] ter perverado

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Então quis fazer versos. Mas como em Lisboa o barulho das ruas ao princípio espantara a inspiração discreta – era agora o adormecimento silencioso da vila que parecia afastá-la. Recaiu então num tédio passivo, morno, cheio de horas vazias, e de passeios ao acaso, em que desmantelava as maxilas em bocejos...

Por esse tempo, o Vasco – que expulsara o praticante a que sua esposa achava «lindo, lindo!», veio procurar Artur: começou por lhe dizer que era talvez ousado oferecer um simples lugar de praticante a um homem tão conhecido nas letras; mas ele não vinha ali, como chefe do estabelecimento, vinha como amigo, não era um praticante que queria, era um colaborador: oferecia-lhe oito mil réis por mês – e mais tarde poderiam entender-se para a cessão total da farmácia.

Artur não reconhecia o Vasco, o Vasco de génio áspero. Via-o benévolo – e se a fisionomia tinha o antigo ar hostil, as suas palavras transbordavam de afeição. Confessou a Artur – que ele era o único praticante honrado, o único que lhe não dera sustos pela honra do seu nome. E terminou dizendo:

– Isto não é urgente. – Pode dar a sua resposta por toda essa semana.

– Eu pensarei – disse Artur polidamente, para lhe não dar uma recusa, muito seca. Mas sentia-se vagamente lisonjeado daquela afabilidade do seu antigo patrão, que outrora o assustava, só de fungar com o nariz no ar. Fungava ainda – mas mostrava-se quase suplicante. Repetiu:

– Eu pensarei.

– Pois pense, disse o Vasco com o ar profundo.

Daí a dias, enfim, recebeu a desejada carta do Melchior: abriu sofregamente o sobrescrito, e leu estas linhas:

> «Caro amigo Artur:
>
> Há muito que lhe queria escrever, mas você que conhece Lisboa, sabe que umas coisas trazem as outras, e com afazeres, prazeres, etc., não tem a gente um bocadinho disponível...»

Que diferença com a sua vida agora! Ele tinha todo o dia vazio, inútil, ocioso... Também, quando vivia em Lisboa, as horas lhe passavam, como os *wagons* sucessivos dum comboio expresso!

> «Saberá, antes de tudo, que estive com a Concha. Encontrei-a, e à cavalgadura do Manolo, no Price: estavam mesmo ao pé de mim, e não pude deixar de lhes falar. A Concha muito bonita e muito *chic*.»

174-75: adormecimento silencioso] adormecimento silêncio
178-79: esposa achava] esposa acha

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

O peito de Artur levantou-se, num vago suspiro.

« O Manolo teve a ousadia de me convidar para ir com eles ao Mata, mas como a Concha insistiu, fui obrigado a aceitar. Devo dizer, porque a verdade é a verdade — que o Manolo foi muito amável. No fim é um bom rapaz, e valente: convidou-me para ir jantar com eles ao Pelicano, onde vivem como marido e mulher... »

Artur indignou-se contra o Melchior: parecia-lhe um traidor, desertando para aqueles que o tinham injuriado. Que pulha!

« Estive ontem à noite na Áurea com o Videirinha. Tomámos ambos um chocolate, e falámos muito de você... »

Coitados, bons rapazes, pensou Artur, com uma saudade.

« Outra novidade é que os seus amigos republicanos vão fundar um jornal — "O Futuro". O Damião é redactor, e o Matias. Eu dei a notícia no "Século", dizendo mesmo que — desejava grandes felicidades ao novo colega, porque, enfim, é bom ser delicado. »

Aquela prosperidade do partido que o repelira, fez sentir mais a Artur a infelicidade da sua separação.

« Deixei para o fim as notícias más. Depois de ter ido três ou quatro vezes a casa do empresário, sem o encontrar, pude falar-lhe esta manhã, no teatro. Disse muita coisa, e terminou por declarar que não podia levar os *Amores de Poeta*. Diz que é irrepresentável. Diz que é muito bom para ser lido, mas que não faz efeito em cena. Eu ainda quis argumentar — mas o homem — provou-me que para o levar à cena era necessário refazê-lo desde a primeira linha até à última — isto é, que era melhor deitar o manuscrito ao lume e fazer outro. Tive de baixar a cabeça...

E você, quando vem? Lisboa brilhante, belo tempo, companhia francesa que chegou, o delírio. Se a velhota deixar cheta, é fazer a mala e cair-nos aqui, para recomeçar a bela *folia*.

Amigo do C.
Melchior »

Artur ficou com a carta na mão, sentado à janela do quarto. O dia estava adorável, e um bom sol quente dava um brilho vigoroso à folhagem das árvores, que tinha o verde da Primavera: a torre da igreja, muito aguçada, branquejava sobre o azul: e dum pombal próximo, pombas tomavam o voo, espalhavam-se pelos quintais. Maquinalmente, Artur seguia-as, interessava-se um momento pelos lugares onde elas pousavam os seus pés cor-de-rosa: um muro branco com trepadeiras; uma latada onde uma vinha ia reverdejar; a pedra dum tanque onde a água tinha espelhados e sombras. Havia um vago rumor, lento, dormente, feito do lento remexer das folha-

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

gens, de água a correr duma torneira, do pipiar vago de pássaros: um aroma de alfazema subia por instantes nos movimentos do ar: e tudo era sereno, doce, calmo, como **para** pacificar uma existência agitada.

E então, como serenado por aquela paz natural, sem cólera contra esta última desilusão que o esmagava, considerou o seu destino: voltar para Lisboa, sem recursos permanentes, sem amizades úteis, apenas com os seus pobres quinhentos mil, que se evaporariam num Verão, – era impossível! Não havia que sofismar – era impossível. Que lhe restava, então? Sujeitar-se, ficar ali, na vila: ao menos tinha um leito, um jantar seguro: se aceitasse a proposta do Vasco – teria oito mil réis por mês, e os fundos depositados no Carneiro seriam uma reserva; a tia Ricardina estava velha, afectada, à beira da morte: herdaria dela alguns contos de réis, cinco ou seis que fossem: poderia, então, com um apoio mais sólido, recomeçar a vida, voltar a Lisboa. Até lá teria os seus livros, aquela tranquilidade de vila bonita – e seria um tempo de repouso em que o seu espírito se amadurecia, e se calmariam as dores de tanta desilusão. Considerou-se então, sentimentalmente, um convalescente da vida; saíra daquele Inverno em Lisboa, como um vencido duma batalha, com feridas por toda a parte: – no seu amor, traído; na sua ambição, iludido. Precisava descanso, a santa influência dum lugar recolhido. Oliveira servia-lhe, ali ficaria!

Releu então a carta do Melchior. «Lisboa está brilhante». E viu então, na letra daquela frase simples, tudo o que amara, lá longe – as largas ruas, a gente apressada, o rodar dos trens, os peristilos alumiados dos teatros, os cafés flamejantes, os amores patrícios, e as ligações ardentes, cheias da poesia da sensualidade!... Para ele, estava tudo acabado. Tomou a carta do Melchior e rasgou-a em pedacinhos, arremessou-a para o quintal: os papelinhos, brancos, foram esvoaçando, torneando, caíam sobre as folhas, sobre a gaiola de vime dos coelhos, sobre os ramos espinhosos do limoeiro – e Artur seguia-**os** como se fossem fragmentos do seu passado extinto, rolando ao abismo. Acabou-se!

Escovou cuidadosamente o seu chapéu, dirigiu-se à farmácia do Vasco. O boticário, como outrora, ruminava o «Almanaque de Lembranças». Ergueu-se com satisfação – e para honrar a entrada de Artur, tirou ligeiramente o seu *bonnet*: Artur não ficaria mais surpreendido se visse um rei cumprimentá-lo, tirando a coroa. Para falarem mais à vontade, foram para

249: como **para** pacificar] como pacificar [*Lição conjecturada por lapso do autor*].
262: tanta desilusão] tanta desilução
274-75: seguia-**os** como] seguia como [*Lição conjecturada por lapso do autor*].
280: *bonnet*] bonet

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

dentro, para o laboratório. — Quando, daí a um quarto de hora, Artur, pálido, saiu, fechando sobre si a porta envidraçada da farmácia, suspirou, disse consigo:

— *Consummatum est!*

Nessa tarde, com a serenidade melancólica de quem tomou uma resolução dolorosa, foi passear ao acaso para fora da vila. E ia resumindo a sua existência, procurando explicá-la: donde vinha que só recebera no mundo desilusões? Da falta de simpatia, pensou. Quem o tinha estimado, amado, desde que seu pai morrera, e que ele entrara na vida? Ninguém! Em Coimbra, não tinha amigos: para os seus companheiros, com quem comia, a quem admirava, era o Arturzinho, o *caloiro*. Tinha passado na geração académica desconhecido, ruminando as suas exaltações, encolhido na sua batina, sem ruído. Um dia, o *caloiro* foi para a terra, acabou-se! Depois, em Oliveira, — quem encontrara? O Teodósio era o bruto, para quem a amizade era acompanhá-lo de madrugada, entre os restolhos de Santo Estêvão, à caça das perdizes! O Rabecaz, que sabia ele de afeições, de ligações de espírito, aquele embrutecido, retirado, pela pobreza, dos bordéis e das batotas, — vivendo então o copo de aguardente e uma carambola catita? E em Lisboa? O Meirinho, caloteara-o; o Melchior, explorara-lhe jantar e tipóias; o Nazareno, chamara-lhe *vilão*, o Damião *canalha*; o Manolo, roubara-lhe a rapariga; e querer ser estimado pelo Videirinha, era como ser perfumado por um esgoto. Nunca recebera o amparo da Amizade, nem sentira o calor fortificante da Simpatia ambiente, sem o qual o homem vai pela vida, como por uma floresta escura, tropeçando contra troncos que o magoam, atirando-se a silvados que o ferem — sem encontrar a estrada real, onde está a luz, a paz. Ninguém! Ninguém!

Não, enganava-se: alguém o amava, uma pobre velha, simples, de coração amante, que ela mesma na vida só tivera lágrimas — e que estava, agora, sob uma lousa, naquele cemitério, de que ele via, ao fundo do atalho por onde ia caminhando, os ciprestes agudos. E apressou então o passo, para ir ver a sepultura da tia Sabina.

A grade do cemitério estava aberta. Ao lado da entrada, sob o chorão, estava um carrito de saibro, uma pá, e em redor, na terra pisada, passari-

285: *Consummatum est!*] *Consumattum est!*

305-06: o magoam, atirando-se a] o magoam, ião atirar-se [*A conjectura parece-me necessária para adequação ao contexto*].

310-11: por onde ia] por ia [*Lição conjecturada por lapso do autor*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

nhos saltitavam. Por todo o terreno, ciprestes negros aguçavam-se na sua imobilidade triste, chorões dobravam-se com as longas ramagens corredias e pálidas: e pela erva verde, misturada de florescências, lápidas branquejavam — ou viam-se cruzes negras, inclinadas na terra mole: aqui, além, passava um piar rápido de pardal que esvoaça: e no céu côncavo, empalidecia a tarde tépida de Primavera.

Foi andando por uma ruazita, ladeada de alfazemas crescidas: e então pareceu-lhe que ouvia uma voz cantarolar: escutou:

Nascem goivos, a-a-ah
Nascem rosas nas sepulturas
Morte eterna! Morte eterna!
E vida que pouco duras, a-a-ah!

Era a cantiga singular, que já ouvira muitas vezes cantar ao coveiro, que transcrevera na cena do cemitério nos *Amores de Poeta*, e de que tanto tinham gostado no jantar do Universal. Adiantou-se. Ao pé duma moita de rosinhas bravas, o tio Jacinto, em mangas de camisa, o dorso curvado, mostrando o remendo pardo das calças, cavando devagar, abria uma cova: o torrão negro acumulava-se a um lado; e a enxada cortava mão-cheias de erva, que ficavam caídas, com os raminhos misturados ao torrão, caídos, mortos também.

O tio Jacinto ia cantarolando baixo:

Nascem goivos, a-a-ah
Nascem rosas nas sepulturas...

A toada entristecia Artur, — mas a sua mesma melancolia, lhe dava uma vaga satisfação romântica: e instintivamente pensava, comparava-se a Hamlet, errando no cemitério de Elzenem, argumentando com os coveiros, erguendo do pó, nas suas mãos de príncipe triste, a caveira de Yorick.

Nascem goivos, a-a-ah
Nascem rosas nas sepulturas...

— Boas tardes, tio Jacinto.

O homem voltou-se:

— Olha, é o seu Arturzinho. Então cá pela vila outra vez?

— Vim há dias. Pra quem, essa cova?

E a sua voz, fazendo esta pergunta no ar triste e calado do cemitério, aproximava-o mais, na sua **melancolia**, do poético Hamlet.

349: na sua melancolia, do] na sua, do [*Lição conjecturada por lapso do autor; aceito ed. 1925*]

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

O tio Jacinto coçou a cabeça, embaraçado:

— Olhe, a dizer a verdade a V. S.ª, nem lhe posso dizer... Foi o Caipira — o Joaquim, o sacristão — que veio aí dizer... É para uma rapariga que vivia lá para o pé da estrada do Covo... Morreu héctica.

— Ah!

O tio Jacinto recomeçou a cavar:

Nascem goivos a-a-ah
Nascem rosas nas sepulturas...

E interrompendo-se:

— V. S.ª não quer ir ver a sepultura da tiazinha?

— Onde é?

O tio Jacinto pousou a enxada, sacudiu as mãos, e pôs-se a caminhar, rente ao muro — onde roseiras cresciam contra a cal muito branca. Mas parou, indignado: um pé de roseira estava quebrado: e no muro caiado havia raspões, como de solas que se firmassem ao escalar...

— Pois quer V. S.ª ver, que tornaram a saltar de noite?...

— Quem?

O tio Jacinto contemplava, triste, o pé de roseira, quebrado, rosnando:

— Corja! — Quem! Vão lá saber quem! Há-de ser a mesma cambada que me vinha roubar as batatas! Se eu pilho um...

— Então vocemecê plantava batatas no cemitério, homem?

— Então, porque não, senhor? Mas lá o senhor Alves, o da Câmara, começou a implicar. Diz que até era pecado. Pecado é tirar a um pobre o bocadinho do seu negócio. Ricas batatas, também lhe digo. Isto não há terra de semeadura como isto: — E com um gesto largo indicava as sepulturas, o cemitério... É tudo o que V. S.ª lhe plante. Está abarrotadinha de estrume! Não há nada como o cadáver pra estrumar... Por aqui, ó senhor Arturzinho. A tiazinha está pra este lado.

Era uma pedra lisa, cercada duma grade de pau: ao pé havia um cipreste, e a erva crescia, alta. Artur ficou de pé, encostado à grade: e quase se desesperava de não sentir, nem emoção nem saudade: esforçava-se por se comover, pensando que ali debaixo, na sua mortalha azul, estava a doce velhinha: mas o seu coração conservava-se tão sereno — como se debaixo

353: morreu héctica] morreu ethica
367: roseira, quebrado] roseira, quebrando
383: coração conservava-se] coração conserva-se

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

daquela pedra estivesse outra pedra – e não o corpo da criatura doce que o amara. Julgou-se seco, endurecido – e forçava a sensibilidade, procurando recordar as lágrimas dela ao separarem-se, o cuidado pela sua roupa, a afeição do seu olhar, batendo sobre o seu coração para arrancar dele a emoção, como uma pederneira quando se necessita uma faísca. Mas o seu coração, como um mau sílex, ficou inalterável, todo ocupado na função orgânica, sem obedecer à imaginação que o excitava à saudade. Enfim, disse:

– Deviam-se pôr aqui uns pés de roseira para fazer isto mais bonito. E ela que gostava de flores, a tia Sabina!

Mas o coveiro não o escutava: erguendo-se sobre os sapatos, olhava através dos ciprestes para a cova – onde deixara a enxada. E batendo fortemente com as mãos grossas, como para afugentar pássaros importunos:

– Eh lá, Eh lá, sua corja.

Artur voltou-se: ao pé da cova, uma rapariguita magrinha, loira como uma espiga de milho, divertia-se a fazer rolar torrões para a cova: e a outra, que saltara para dentro, cavava com as mãos, procurava bichos, e de repente, desaparecendo no buraco negro, deitava-se decerto, fazia de *morta*, e as suas risadinhas, finas e claras, vinham, misturadas ao chalrar dos pássaros.

– Eh, sua corja, – gritou o tio Vicente. Eu já lá vou, espera! Não tenhas pressa de te estirar na cova, que o teu dia virá: e mais cedo do que tu quererás, desavergonhada. Deixa a enxada, rapariga! Ah, velhaca! – E ele mesmo, então, afastou-se, ameaçando-as, rosnando:

– Raça de mulherinhas.

Artur então, foi andando, por entre outras sepulturas: viera, com a intenção de ter um momento grave, de contemplação, de recordação, sobre a lousa da tia Sabina – e o seu espírito resistira à tristeza: distraía-se, sorriu ao jazigo do Carneiro, um monumento estimado, muito admirado, com o Anjo da Melancolia chorando sobre uma coluna truncada: leu, aqui, além, epitáfios laudatórios; e mesmo, negligentemente, embrulhou um cigarro. Quis pensar na Morte, na Eternidade, penetrar-se duma melancolia mística, misturar-se, ele, para quem a existência que ia recomeçar era uma meia-morte, àqueles mortos a desfazer-se sob as raízes das florzinhas agrestes. Mas o seu espírito resistia a perder-se na penumbra lúgubre da ideia de aniquilação, e de fim. Era sem dúvida a influência daquele cemitério, que

384: não o corpo] não corpo [*Lição conjecturada por lapso do autor*].
386: ao separarem-se,] ao separem-se,
394: através dos] através de de dos
415 desfazer-se sob] desfazer-se sobre

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

como disse o tio Jacinto, era uma terra de semeadura: uma fecundação palpitava no solo bem adubado: ervas vivazes faziam, ao rés-do-chão, uma espessura; o tio Jacinto continuava a apanhá-las, a levar braçados para os coelhos; toda a sorte de florzinhas azuis, roxas, amarelas, miúdas e prolixas, apertavam-se nas fendas das lajes mal juntas: no muro, onde a cal, sob a humidade, se despegava, torciam-se eras dum verde escuro, — e clavelinas pendiam em florescências. Havia um cheiro forte de ervagens — e nas árvores, pássaros chilravam desesperadamente. Artur bateu as mãos para os fazer calar.

O tio Vicente cavava, apressando-se: recomeçara a sua cantiga — e a sua voz, na limpidez pura da tarde, chegava a Artur, pitoresca, com o som surdo das enxadadas.

Nascem goivos, a-a-ah
Nascem rosas nas sepulturas...

E então, ele mesmo trauteou, baixo, a melodia: lembrava-se agora da noite em que a cantarolara lendo o drama, no Universal: e revia a toalha branca, cheia de brancura de louças brilhando ao gás; e o Carvalhosa, grave, bamboleando a perna, com a garganta muito atabafada; e sorria lembrando o Padilhão, furioso porque via nas declamações do protagonista injúrias aos fidalgos das suas relações; então, recordou a *soirée* da D. Joana Coutinho, o Padilhão zurrando, e os *ruges* de saias, das sedas, das rodas de D. Joana Coutinho, com as maçãs do rosto salientes e vermelhas, o seu nariz grande, os olhos reluzindo sob as arcadas proeminentes: via a grossa baronesa sentada sobre a sua *claque*, o estafermo — e então, lembrou-lhe a senhora de vestido cor de palha, que lhe falara de Rochefort, a quem ele respondera « grande apepinador ». — Àquela recordação, as faces ainda se lhe abrasaram de escarlate — batendo com o pé no chão do cemitério, com um *ah* de raiva e de vergonha. — Fora daí, dessa noite, que começaram os seus desgostos: e via-se, diante do Matias, pálido, muito abotoado na sua sobrecasaca, expulsando-o do Partido Republicano, com um grande gesto à Fouquier-Tinville, enquanto chegava, por baforadas, da cervejaria próxima, os vagos acordes de harpa e de rebeca. Conhecera então a Concha — naquele dia em que vira, no Dafundo, o rapaz pálido, nu da cinta pra cima, muito branco de pele, erguendo o braço donde escorria todo um sangue negro!

420: continuava a apanhá-las] continuava apanhal-as [*Lição conjecturada por lapso do autor*].
421: toda a sorte] toda sorte [*Idem*].
422: apertavam-se nas] apertavão nas [*Idem*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Depois era o Espanhol, as ceias, os bons almocinhos quando a Concha, com o casebeque de flanela pelos ombros, partia os seus ovos quentes arrebitando o dedo mínimo... Tinha-se aproximado insensivelmente da tia Sabina, e olhando a pedra branca, o seu pensamento estava lá longe, no quarto do Espanhol, revendo, à noite, a Concha fazer, diante do toucador, o seu perrucho, antes de se deitar: na mesinha de cabeceira, a luz erguia a sua chama direita: ela corria a meter-se entre os lençóis, com um arrepio de frio, e logo as mãos dele – aquelas mãos que agora se apoiavam às grades da sepultura, que iam daí por diante, de novo, pisar linhaça num almofariz – as suas mãos, trémulas, iam logo acariciar os globos brancos dos seus seios...

Uma aragem correu nas folhas do chorão ao pé – e então veio-lhe um horror daquelas visões lascivas evocadas sobre a sepultura da tia Sabina. Pareceu-lhe aquilo uma profanação, uma ofensa à morta: quis acalmá-la, fazer-se perdoar: e por uma superstição, julgando que nada seria mais grato à tia Sabina, ajoelhou junto às grades – mas não podia orar, acudiam-lhe fragmentos de antigas rezas do catecismo, inexpressivas como toadilhas, e não sabia como havia de falar a Deus – porque não acreditava que a alma se separasse do corpo para uma vida transcendente: tudo o que fora *ela* estava ali, sob a lousa e as ervas duras: a terra cobria, iniludivelmente, o seu corpo, a sua inteligência, a palavra, a consciência, a parte de essência divina que havia nela: nada escapara para regiões transcendentes: ali jazia o corpo, com ele a alma – e de ambos se alimentam as ervas altas.

O coveiro então chegou-se, dizendo:

– Vamos a fechar a grade, senhor Arturzinho.

Mas vendo-o ajoelhado, calou-se, e silenciosamente, então, começou, em redor da sepultura, a colher a erva: tinha já um braçado: e agachado, ia-a escolhendo, a dum verde mais claro, mais chegada à lápida, a mais tenra.

Artur ergueu-se, e instintivamente fez o sinal da cruz.

– *Ámen*, disse o coveiro. Atirou a enxada ao ombro, e Artur foi-o seguindo.

– Aqui não é como em Lisboa, disse então o tio Jacinto. Lá é que são mausoléus, lá é que faz gosto...

– Ah, sim – fez Artur, distraído.

– Isso é que me convinha, disse o tio Jacinto. Eu ter lá o meu arranjinho, para cuidar dos jazigos, arear as ruas, trazer as flores em dia! Ah, lá em Lisboa!, sim. Mas aqui!

456: do toucador,] do tocador,
471: iniludivelmente,] ineludivelmente

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Também o tio Jacinto tinha ambições da Capital!

Ao pé da grade, debaixo do chorão, as duas pequenas esperavam: uma metera-se no carro de saibro, com as pernitas pendentes, e a outra, a magrita e loira, ia puxando, aos gritos da pequena que a excitava, como a um jumento ronceiro. Então o tio Jacinto enfureceu-se: em as deixando sós, era logo malefício! Eram as sobrinhitas. A mais pequena era Maria, e a outra Rita.

— Vá, sua desalmada, ergue a saia, leva direita a sua braçada de erva. E atirou, para a saíta que a pequena apanhava, a erva que colhera ao pé da sepultura de Sabina.

— É da tenra, disse ele, é da que já cresceu depois que a senhora se enterrou...

Artur, instintivamente, olhou o molho de erva, que a pequena com muito cuidado, apertava na dobra da saia, contra o ventrezinho. Já havia naquela erva, pensou, — porque sempre, de Coimbra, conservara ideias panteístas — havia já alguma **coisa** da doce velha.

— Para que é a erva, tio Jacinto?

— A erva? Ah, que é muito tenra. Escolho-a de propósito. Saiba V. S.ª que é para os coelhos — respondeu o tio Jacinto, fechando a grade de ferro do cemitério.

504: conservara ideias] conserva ideias
505: alguma coisa da] alguma da [*Lição conjecturada por lapso do autor*].

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Notas biobibliográficas

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Eça de Queirós (1845-1900)

1845 25 de Novembro: nasce na Póvoa de Varzim.

1866 Forma-se em Direito e instala-se em Lisboa; inicia a colaboração na «*Gazeta de Portugal*».

1867 Janeiro-Julho: director de «O Distrito de Évora». Em Lisboa, faz parte do Cenáculo.

1870 Julho-Setembro: publicação de *O Mistério da Estrada de Sintra* (em colaboração com Ramalho Ortigão, «Diário de Notícias»).

1871 Maio: início da publicação de *As Farpas* (em colaboração com Ramalho Ortigão). 12 de Junho: participa nas *Conferências do Casino* com «A Nova Literatura ou O Realismo como Nova Expressão de Arte».

1875 Publicação de *O Crime do Padre Amaro* (Lisboa, «Revista Ocidental»).

1876 Primeira edição em livro de *O Crime do Padre Amaro.*

1877 5 de Outubro: propõe ao editor Mathieu Lugan a publicação das *Cenas da Vida Real* ou *Crónicas da Vida Sentimental* (3 de Novembro). Escreve «O Baptizado de Artur», início gorado de *A Capital!*

1878 13 de Julho: Eça informa o editor de que espera enviar-lhe dentro de poucos dias o original de *A Capital!* (que seria a 1.ª versão do romance); 28 de Junho: apresenta uma lista de 12 obras para as *Cenas Portuguesas,* encabeçada por *A Capital* e encerrada por os *Os Maias.* Impressão de 80 páginas de *A Capital!.* 4 de Agosto: Eça confessa recear que *A Capital!* provoque escândalo; 12 de Outubro: resolve adiar a revisão de *A Capital!* para se dedicar à revisão de *O Crime do Padre Amaro,* com vista a nova edição; 28 de Novembro: declara não estar satisfeito com um romance que entretanto escrevera, cujo título (*A Tragédia da Rua das Flores*) não revela, e considera *A Capital!* um romance mau; 23 de Dezembro: pede o envio das folhas impressas de *A Capital!* e de *O Crime do Padre Amaro.* Escreve *O Conde de Abranhos.* Início da colaboração na «Gazeta de Notícias» (Rio de Janeiro). Publicação de *O Primo Bazilio* (1.ª e 2.ª eds.).

1879 20 de Outubro: recusa a publicação dos capítulos impressos de *A Capital!,* que considera uma mistificação.

1880 início: Ernesto Chardron anuncia a próxima publicação em volume de *A Capital!*; 7 de Fevereiro: Eça promete acabar *A Capital!* para Abril. Publicação de *O Mandarim.*

1881 16 de Janeiro: Eça justifica o atraso de *A Capital!* com o trabalho sobre *Os Maias*; 20 de Fevereiro: confessa ter perdido o fio de *A Capital!*; 28 de Março, 30-31 de

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Maio, 2 de Junho: publicação de um extracto de *A Capital!* no jornal «A Folha Nova».

1883 16 de Março: propõe ao editor um entendimento como condição para publicação de *A Capital!*; 11 de Outubro: publicação de um fragmento deste romance no «Diário da Manhã».

1884 7 de Julho: classifica *A Capital!* como «uma massa informe de prosa, um grosso bloco de greda, de onde levaria muito tempo a extrair uma obra viva», sendo esta a sua última referência ao romance. Publicação de *O Mistério da Estrada de Sintra* (2.ª ed.).

1887 Publicação de *A Relíquia.*

1888 Publicação de *Os Maias*; início da publicação da «Revista de Portugal», de que é director. Agosto-Setembro: publicação de *A Correspondência de Fradique Mendes* («Gazeta de Notícias» e «O Repórter»).

1889 Setembro-Dezembro: publicação de *Cartas de Fradique Mendes* («Revista de Portugal»).

1890 Publicação de *Uma Campanha Alegre* (1.º vol.), contendo a sua colaboração em *As Farpas.*

1891 Publicação de *Uma Campanha Alegre* (2.º vol.).

1897 Novembro: início da publicação de *A Ilustre Casa de Ramires* («Revista Moderna»).

1900 16 de Agosto: morre em Neuilly. 1 de Setembro: publicação de um excerto de *A Capital!* na revista «Brasil-Portugal». Publicação em livro de *A Correspondência de Fradique Mendes* e *A Ilustre Casa de Ramires.*

1901 Publicação de *A Cidade e as Serras.*

1902 Publicação de *Contos* (ed. de Luís de Magalhães).

1903 Publicação de *Prosas Bárbaras* (ed. de Luís de Magalhães).

1905 Publicação de *Cartas de Inglaterra* e *Ecos de Paris* (ed. de Luís de Magalhães).

1907 Publicação de *Cartas Familiares e Bilhetes de Paris* (ed. de Luís de Magalhães).

1909 Publicação de *Notas Contemporâneas* (ed. de Luís de Magalhães).

1912 Publicação de *Últimas páginas* (ed. de Luís de Magalhães).

1925 Publicação de *Correspondência, Alves & C.ª, O Conde de Abranhos* e *A Capital* (ed. de José Maria de Eça de Queirós, filho).

1926 Publicação de *O Egipto. Notas de Viagem* (ed. de José Maria de Eça de Queirós, filho).

1929 Publicação de *Cartas Inéditas de Fradique Mendes e Mais Páginas Esquecidas* (ed. de José Maria de Eça de Queirós, filho).

1940 Publicação de *Cartas de Londres* (ed. de Lopes de Oliveira e Câmara Reis).

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

1944 Publicação de *Crónicas de Londres* (ed. de José Maria de Eça de Queirós, neto) e *Cartas de Lisboa* (ed. de Lopes de Oliveira e Câmara Reis).

1966 Publicação de *Folhas Soltas* (ed. de D. Maria de Eça de Queirós).

1970 Publicação de *A Capital* (ed. rev. por Helena Cidade Moura).

1980 Publicação de *A Tragédia da Rua das Flores* (eds. divergentes).

1983 Publicação de *Correspondência* (2 vols., ed. de Guilherme de Castilho).

1988 Publicação de *Contos* (ed. rev. por Luiz Fagundes Duarte).

1992 Publicação de *A Capital!* (ed. crítica por Luiz Fagundes Duarte), volume inaugural da Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós (coord. de Carlos Reis).

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Luiz Fagundes Duarte (Serreta, Angra do Heroísmo, 1954) é Licenciado em Filologia Românica (1981), Mestre em Linguística Portuguesa Histórica (1986) e Doutor em Linguística Portuguesa (1990), sendo actualmente Professor da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (Estudos Portugueses). Desde 1981 trabalha fundamentalmente em Crítica Textual (investigação e ensino), tendo-se ocupado do estudo e edição de textos portugueses produzidos entre os séculos XIII e XX; integra as equipas que se dedicam à edição crítica das obras de Eça de Queirós e de Fernando Pessoa.

Bibliografia principal. Edição: *Vida de Santa Pelágia* (1984), *Documentos em Português da Chancelaria de D. Afonso III* (Dissertação de Mestrado, 1986), *Naceo e Amperidónia, Novela Sentimental do Século XVI*, de autor anónimo (1986), *Contos* de Eça de Queirós (1988), e *A Capital!* de Eça de Queirós (edição diplomática e crítica, 1989). Em preparação: *Caderno de Caligraphia* de Vitorino Nemésio; *Poemas de Ricardo Reis* de Fernando Pessoa, *Alves & C.ª*, de Eça de Queirós, e *O Conde de Abranhos*, de Eça de Queirós.

Ensaio: «A génese do texto queirosiano: uma vista de olhos sobre a correcção estilística de autor em *A Tragédia da Rua das Flores*» (1985), *A génese de um romance. Incursão na escrita queirosiana* (Dissertação de Doutoramento, 1989), *A Fábrica dos Textos. Ensaios de Crítica Textual à volta de Eça de Queirós* (1992), *Acerca d'Eça e doutros. Ensaios de Crítica Textual* (1992).

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

© 1992 Luiz Fagundes Duarte e Imprensa Nacional - Casa da Moeda

Este volume da Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós
foi fotocomposto e impresso nas oficinas gráficas
da Imprensa Nacional - Casa da Moeda
numa tiragem de 2000 exemplares

Capa de Rêgo + Associados
a partir de « Vibração II », painel de azulejos
da autoria de Eduardo Nery
Colecção do Museu Nacional do Azulejo
Concepção tipográfica de Vasco Medeiros Rosa

Junho 1992
Código 292134000
Edição 21110686

ISBN *972-27-0501-6*
Depósito legal *53587/92*

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRENSA NACIONAL
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

O romance que agora se publica
(e que, não por acaso, inicia a série de volumes desta Edição Crítica)
constitui decerto o caso mais complexo
— mas também, por isso mesmo, um dos mais fascinantes —
dos que a escrita queirosiana nos deixou. (. . .)

Resultado da longa atenção votada às questões suscitadas pelos materiais d'*A Capital!*
(que serão ainda objecto de uma edição diplomática)
é o texto agora apresentado,
texto substancialmente diferente do que até agora circulava.
O que assim fica manifesto, sem margem para dúvidas,
é a legitimidade e a premência cultural
de que se reveste a Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós,
tarefa decerto árdua e demorada,
mas absolutamente necessária
para se restituir à fidelidade possível
a produção de um grande escritor da nossa Cultura.

Carlos Reis, da *Nota prefacial*

1002921340004